

COLEÇÃO NEGRA



Jonathan Kellerman

Autor de Duplo homicídio

O Livro do Assassino

Best seller na lista do *New York Times*



JONATHAN KELLERMAN

1949

O Livro do Assassino

Título original americano

THE MURDER BOOK

2002

Tradução

HAROLDO NETTO

Record, 2007

Jonathan Kellerman
O Livro do Assassino
Título original
The murder book
Editora Record

Gênero: policial
Jonathan Kellerman
O Livro do Assassino
TRADUÇÃO DE
Haroldo Netto

Capa de Glenda Rubinstein sobre ilustração de Ricardo Cunha Lima
EDITORA RECORD

RIO DE JANEIRO · SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Kellerman, Jonathan, 1949— K38L

O livro do assassino / Jonathan Kellerman; tradução Haroldo Netto. — Rio de Janeiro:

Record, 2007.

Tradução de: The murder book

ISBN 978-85-01-07715-8 . Ficção policial americana. I. Haroldo Netto. II. Título.-1159

CDD — 813 CDU-821.111(73)-3

Título original americano: THE MURDER BOOK

Copyright © 2002 by Jonathan Kellerman

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-07715-8

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ-20922-970

EDITORA AFILIADA

Sinopse

O psicólogo Alex Delaware recebe um álbum cheio de fotos assustadoras de cenas de crime. As imagens nada significam para ele, mas uma delas chama a atenção do amigo detetive Milo Sturgis: uma das fotos é de uma jovem — um dos casos sem solução do início de sua carreira.

O remetente anônimo estaria tentando atingir Milo por meio de Alex? Os dois investigam a ligação entre as fotos. As pistas vão levá-los ao coração do poder de Los Angeles, onde ficarão cara a cara com pessoas que farão de tudo para guardar os segredos do passado e manter enterradas suas vítimas.

Orelhas

Delaware recebe um misterioso envelope. Sem o nome do remetente, seu conteúdo é um enorme fichário, cuja capa de couro estampa em dourado a inscrição o LIVRO DO ASSASSINO.

Os dedos de Alex correm nervosos pelas páginas. Tal qual um catálogo macabro, dezenas de fotos passam sob seus olhos, com as mais brutais cenas de crime: um homem degolado, cuja cabeça repousa ao lado do corpo enrolada em um pano; uma menina de 17 anos, violentada e estrangulada. As imagens aterroradoras se sucedem. Páginas e mais páginas de uma arte cruel. Quarenta e três mortos no total.

Intrigado por ser o destinatário do livro, Alex telefona para o velho amigo Milo Sturgis, da Divisão de Homicídios de Los Angeles. Ao passar os olhos pelo álbum, Milo se detém em uma das fotos: o corpo de uma jovem deixado à beira de uma rodovia. Trata-se de um crime sexual: a vítima foi estrangulada, retalhada e queimada. O detetive imediatamente se recorda. Vinte anos antes, quando não passava de um simples novato, aquele havia sido seu primeiro caso. Um crime que não conseguiu resolver — e que ainda o assombra.

Agora, já veterano e dono de uma respeitável carreira, parece que alguém decidiu trazer à tona fantasmas do passado. Quando Milo e Alex resolvem descobrir o que de fato aconteceu com aquele caso, chegam ao centro nervoso do poder e da riqueza de Los Angeles. E, ao remover as camadas de terríveis segredos, descobrem que o assassinato esquecido de uma garota tem implicações além de uma trágica perda.

Jonathan Kellerman é um dos autores mais populares de literatura policial dos EUA, com mais de vinte obras lançadas. A maioria dos seus livros alcançou a lista dos mais vendidos do New York Times.

Para Faye

Capítulo 1

No dia em que recebi o Livro do Assassino minha cabeça ainda estava em Paris. Vinho tinto, árvores nuas, rio cinza, cidade do amor. Tudo o que acontecera lá. Agora, isto.

Robin e eu chegamos ao aeroporto Charles de Gaulle em uma sombria segunda-feira de inverno, em pleno janeiro. A viagem tinha sido minha ideia de fazer-lhe uma surpresa, que-concretizei em uma noite de euforia, reservando as passagens em um voo da Air France e um quarto num hotelzinho nos limites do 8º arrondissement, fazendo uma mala para dois e cobrindo velozmente os duzentos quilômetros que me separavam de San Diego. Por fim, apareci de surpresa pouco antes da meia-noite no quarto de Robin no Del Coronado, com uma dúzia de rosas cor de coral e um sorriso de voião.

Ela abriu a porta usando uma camiseta branca, um sarongue vermelho de cintura baixa, os cabelos ruivos soltos, os olhos cor de chocolate cansados e sem pintura.

Nós nos abraçamos, ela recuou e olhou para a mala que eu levava. Quando lhe mostrei as passagens da Air France, virou-se para esconder as lágrimas. Do outro lado da sua janela o mar negro da noite quebrava na praia, mas aquilo não eram férias à beira-mar. Robin deixara L.A. porque eu mentira para ela e me colocara em situação de perigo. Ouvindo-a chorar agora, questionei-me se o dano não teria sido irreparável. Perguntei-lhe o que estava errado. Como se eu não tivesse nada a ver com aquilo. Ela disse: — Eu só estou... surpresa.

Pedimos sanduíches ao serviço de quarto, ela fechou as cortinas e fizemos amor.

— Paris — disse Robin, enfiando um roupão do hotel. — Não posso acreditar que você tenha feito tudo isso. — Sentou-se, escovou o cabelo e ficou de pé. Aproximou-se da cama, parou ao meu lado, tocou em mim. Deixou o roupão escorregar do seu corpo, fechou os olhos e abaixou um seio até minha boca. Quando atingiu o orgasmo pela segunda vez, rolou para o lado e ficou em silêncio.

Brinquei com seu cabelo, e quando ela caiu no sono, os cantos de sua boca se ergueram. Sorriso de Mona Lisa. Em mais dois dias, estaríamos entrando em filas tão automaticamente quanto quaisquer outros turistas, esforçando-nos por conseguir vislumbrar a coisa real.

Ela fugira para San Diego porque uma colega de colégio morava lá — uma cirurgiã-dentista casada três vezes chamada Debra Dyer, cujo atual interesse amoroso era um banqueiro da Cidade do México. ("Tantos dentes brancos, Alex!") Francisco sugerira um dia de liquidações em Tijuana, seguido por uma estada sem previsão de volta em uma casa de praia alugada em Cabo San Lucas. Robin, sentindo-se sobrando, suplicara para não ir e me telefonara, perguntando se eu me juntaria a ela.

Robin mostrou-se nervosa e pediu desculpas por me ter abandonado. Mas eu não via as coisas desse modo. Eu a considerava a parte ofendida.

Meti-me em uma situação difícil por causa de mau planejamento. O sangue correrá e alguém tinha morrido. Racionalizando, a coisa toda não tinha sido tão ruim: vidas inocentes estiveram em jogo, os mocinhos tinham ganhado, eu terminara inteiro. Mas quando Robin se fora em sua picape, enfrentei a verdade: Meus infortúnios tinham pouco a ver com nobres intenções e, sim, muito mais a ver com falhas de personalidade. Muito tempo atrás, eu resolvera estudar psicologia clínica, a mais sedentária das profissões, dizendo a mim mesmo que curar feridas emocionais era como eu queria passar o resto de minha vida. Mas fazia anos que eu não conduzia

mais qualquer terapia a longo prazo Não porque, como uma vez eu me permitira acreditar, houvesse esgotado minha compaixão. Eu não tinha problemas com a compaixão. Minha outra vida me fazia engolir à força grandes quantidades de sofrimento extremo.

A verdade era simples: em algum momento eu me sentira atraído pela humanidade e pelo desafio de curar pela palavra, mas sentar no meu consultório, dividindo hora após hora por unidades de 45 minutos, absorvendo os problemas das outras pessoas, me entediara.

De certo modo, me tornar um terapeuta tinha sido uma estranha escolha. Eu fora um menino rebelde — dormia mal, era irrequieto, hiperativo, bastante resistente à dor, inclinado a aceitar riscos e ferimentos. Aquietei-me um pouco quando descobri os livros, mas achei que a sala de aula era uma prisão e acelerei os estudos o mais que pude para me livrar da escola. Terminei o ensino médio com 16 anos, comprei um carro velho com o dinheiro que ganhei nas férias de verão, ignorei as lágrimas de minha mãe e o carrancudo voto de desconfiança de meu pai e abandonei as planuras do Missouri. Aparentemente para cursar a faculdade, mas, na verdade, por causa da ameaça e da promessa que significava a Califórnia. Mudando de pele como uma cobra. Precisando de algo novo.

A novidade sempre foi minha droga. Eu almejava a insônia e o perigo, interrompidos por longos períodos de solidão, quebracabeças complicados, a introdução de ideias trazidas pelas más companhias e a deliciosa repulsa que sentia ao me deparar com as coisas nauseantes que se escondiam sob as rochas psíquicas. O coração disparado me fazia feliz. A rápida descarga de adrenalina batendo no meu peito fazia com que me sentisse vivo. Quando a vida tinha o seu ritmo reduzido por muito tempo, eu me sentia oco.

Eu podia ter lidado com isso saltando de aviões ou escalando montanhas. Ou pior. Só que, anos atrás, conheci um detetive de homicídios e isso mudou tudo.

Robin havia tolerado isso por muito tempo. Agora não aguentava mais e, em breve, eu teria de tomar uma decisão qualquer. Ela me amava. Sei que me amava. Talvez por isso tenha facilitado para mim.

Capítulo 2

Em Paris, nada como os clichês.

Você deixa seu hotel, sai debaixo da chuva fininha de inverno, caminha sem destino até achar um café perto do Jardim das Tulherias, onde pede baguetes caríssimas e café francês forte e vai para o Louvre, onde mesmo na baixa estação as filas são de desanimar. Assim, você atravessa o Sena na Pont Royal, ignorando o estrondo dos motores, estuda a água turva lá embaixo, tenta o Museu d'Orsay e sacrifica os pés por algumas horas, sugando os frutos dos gênios. Depois entra pelo emaranhado de ruazinhas da Rive Gaúche, onde adere à multidão toda de preto, e ri intimamente do som imaginado de uma trilha sonora executada por um acordeão que sobrepujasse o barulho característico dos motores das motonetas e dos lamurientos Renaults.

A tarde apenas começava, perto de uma loja em St. Germain, quando aconteceu.

Robin e eu tínhamos parado em uma loja de roupas masculinas estreita e escura, com a vitrine cheia de gravatas agressivas e manequins de postura relaxada com olhos de batedores de carteira. A chuva vinha caindo em rajadas o dia inteiro. O guarda-chuva que Pegáramos no hotel não era generoso o suficiente para abrigar a nós dois e terminamos mais do que meio molhados.

Robin não parecia se importar. As gotas de água enfeitavam seus cachos como contas 10 11 e seu rosto estava avermelhado. Mostrara-se quieta desde que pegáramos o avião em L.A., dormindo a maior parte do voo, recusando-se a jantar. Hoje de manhã acordamos tarde e mal nos falamos Durante a caminhada parecia distraída... olhos fixos em nada em particular, segurando minha mão para largar logo depois e então segurar de novo e apertar com força, como se lutasse para disfarçar alguma falta. Atribuí aquilo à diferença de fuso horário.

A caminhada na avenida St. Germain nos fez passar por uma escola particular onde belos adolescentes, chilreando como passarinhos, derramavam-se na calçada. Depois paramos diante de uma livraria onde pensei em folhear uns livros até que Robin me puxou para a loja de roupas, dizendo: — Eles têm boas sedas aqui, Alex. Você podia usar algo novo. A loja vendia roupas de homem, mas cheirava como um salão de manicure. A atendente era uma coisinha muito magra com o cabelo repicado tingido de cor de casca de berinjela e a ansiedade de uma recém-contratada. Robin passou algum tempo mexendo em tudo, até que encontrou uma camisa muito azul e uma gravata extravagante vermelha com toques dourados, obteve minha aprovação e pediu à garota para embrulhar. Cabelo de Berinjela correu até uma sala nos fundos e voltou com uma mulher corpulenta, de seus 60 anos, vestindo um cardigã, que avaliou meu tamanho, pegou a camisa e voltou momentos depois com um ferro fumegante em uma das mãos e a camisa na outra, recém-passada e pendurada em um cabide, protegida por um saco plástico transparente.

— Isso é que é serviço — comentei quando voltamos para a rua.

— Fome? — Não, ainda não.

— Você não tocou no café-da-manhã. Sacudiu os ombros.

A mulher corpulenta havia nos seguido e se detivera na porta da loja. Olhou para o céu, com ar de dúvida. Checou o relógio. Segundos mais tarde ouviu-se uma trovoadá.

Disparando um sorriso satisfeito na nossa direção, ela entrou.

A chuva caiu com mais força, mais fria. Tentei puxar Robin para debaixo do guarda-chuva, mas ela resistiu, permaneceu a descoberto e ainda levantou o rosto para pegar a chuva com toda a sua força. Um homem que corria para se abrigar virou-se, espantado.

Tentei puxá-la de novo. Ela continuou a resistir, lambendo a água dos lábios. Sorria vagamente, como se achasse graça de uma piada da qual apenas ela tinha conhecimento.

Por um momento pensei que fosse me contar. Em vez disso, apontou para uma brasserie duas portas à frente e correu para lá.

— Bonnie Raitt — repeti.

Estávamos sentados em uma mesa minúscula num canto da úmida brasserie. O chão era de cerâmica branca imunda e as paredes, de espelhos enfumaçados e madeira pintada de marrom. Um garçom clinicamente deprimido trouxe nossas saladas e o vinho como se o trabalho fosse uma árdua penitência. A chuva lavava a janela da frente e transformava a cidade em gelatina.

— Bonnie — disse ela. — Jackson Brown, Bruce Hornsby, Shawn Colvin, talvez outros.

— Um tour de três meses.

— Pelo menos — disse ela, evitando meu olhar. — Se for internacional, poderá demorar mais.

— A fome do mundo — falei. — Uma boa causa.

— Fome e bem-estar das crianças — disse ela.

— Nada mais nobre.

Ela se virou para mim. Tinha os olhos secos e desafiadores.

— Então — falei —, você agora é gerente de equipamentos. Nada mais de fabricar guitarras? — Haverá trabalho de luthier envolvido. Vou supervisionar e reparar todo o equipamento.

Frase afirmativa. Vou supervisionar e não devo supervisionar. Eleição de voto único, nada de experiências.

— Quando exatamente recebeu essa oferta? — Há duas semanas — respondeu ela.

— Entendo.

— Sei que devia ter dito alguma coisa. Não foi... isso caiu no meu colo. Lembra-se de quando estive nos Gold-Tone Studios e eles precisaram daquelas guitarras clássicas para o vídeo retro de Elvis? A 12 13 pessoa que vai gerenciar a excursão por acaso estava na cabine ao lado, às voltas com uma mixagem, e terminou conversando.

— Sujeito sociável.

— Mulher sociável. Ela havia levado seu cachorro, uma fêmea de buldogue inglês. Spike brincou com ela e nós começamos a conversar.

— Magnetismo animal — falei. — A excursão vai tolerar a presença de Spike ou vou ter que ficar com ele? — Eu gostaria de levá-lo comigo.

— Tenho certeza de que isso o alegrará toda vida. Quando você viaja? — Em uma semana.

— Uma semana. — Meus olhos doeram. — Muita arrumação pela frente. Ela levantou o garfo e espetou folhas mortas de alface.

— Posso cancelar...

— Não — falei.

— Eu não teria sequer pensado em aceitar, Alex, não pelo dinheiro...

— Bom dinheiro? Ela disse a quantia.

— Muito bom dinheiro.

— Escute o que estou falando, Alex. Dinheiro não tem importância. Se você vai me odiar, pode ser cancelado.

— Não odeio você e não quero que seja cancelado. Talvez tenha aceitado a proposta porque fiz com que você se sentisse infeliz, mas agora que se comprometeu, está vendo os aspectos positivos.

Eu ansiava por uma discussão, mas ela não respondeu. O restaurante estava se enchendo de parisienses encharcados procurando se abrigar do temporal.

— Duas semanas atrás — falei — eu andava por aí com Milo por conta do assassinato de Lauren Teague. Escondendo de você o que eu estava fazendo. Fui idiota de pensar que esta viagem a Paris pudesse fazer diferença.

Ela empurrou o prato de salada. O salão tinha ficado mais quente e menor, cheio de gente em torno das mesinhas, outras pessoas em se acotovelando junto à porta. O garçom começou a se aproximar e Robin o repeliu com um olhar furioso.

— Eu me senti tão sozinha — disse ela. — Por algum tempo.

Você ficava fora o tempo todo. Arriscando-se em situações perigosas. Eu não mencionei a excursão, porque sabia que você não podia... não devia ser distraído.

Ela passou o punho na borda da mesa.

— Acho que sempre senti que o que você faz é importante enquanto o que eu faço é... apenas um ofício. Comecei a falar, mas ela sacudiu a cabeça e prosseguiu: — Mas desta última vez, Alex. Conhecer aquela mulher, seduzi-la. Planejar um maldito encontro a fim de... suas intenções eram boas, mas assim mesmo você a estava seduzindo. Usando a si próprio como...

— Como uma prostituta? — falei. De repente pensei em Lauren Teague. Uma garota que eu conhecera havia muito tempo, do meu trabalho calmo. Ela vendera seu corpo, terminara com um tiro na cabeça e largada num beco...

— Eu ia dizer como "isca". A despeito de tudo que tivemos juntos... este relacionamento supostamente esclarecido, com você tratando de seus negócios... Alex, basicamente você construiu uma outra vida da qual sou excluída. Da qual guero ser excluída. Ela pegou o copo de vinho, tomou um gole e fez uma careta.

— Má safra? — Ótima safra. Sinto muito, amor, acho que no fim tudo se resume a uma questão de oportunidade. Receber a proposta justamente quando eu me sentia tão deprimida.

— Ela pegou minha mão e apertou com força. — Você me ama, mas me deixou, Alex. Fez com que eu percebesse há quanto tempo estava sozinha. Nós dois, na verdade. A diferença é que você gosta, seu barato é a solidão e o perigo. Assim, quando Trish e eu começamos a conversar e ela me disse que tinha ouvido falar de mim e do meu trabalho, de repente, quando eu soube que tinha uma reputação e uma pessoa me oferecia um bom dinheiro e a chance de fazer algo por minha conta, disse que sim. Saiu assim, sem pensar. Depois, no caminho de volta para casa, entrei em pânico e disse: O que foi que você fez! E disse a mim mesma que eu teria que voltar atrás e me perguntei 14 como seria possível fazer isso sem parecer uma idiota. Mas aí, quando cheguei em casa, não tinha ninguém, e, de repente, eu não quis mais voltar atrás. Fui para o meu gabinete de trabalho e chorei. Ainda podia ter mudado de ideia. E provavelmente mudaria. Mas aí você arranhou um encontro com aquela vagabunda e... me pareceu absolutamente certo. Ainda parece.

Ela olhou pela janela por onde a chuva escorria.

— Que cidade linda. Nunca mais quero vê-la de novo.

O tempo permaneceu cinzento e úmido e nós ficamos no nosso quarto. Ficar juntos era agonizante: lágrimas contidas, silêncios nervosos, bate—papo polido demais, ouvindo a chuva a torturar as janelas da água-furtada. Quando Robin sugeriu que retornássemos mais cedo para L.A., falei que tentaria trocar a passagem dela, mas que eu permaneceria mais um pouco. Isso a magoou, mas por outro lado também a deixou aliviada, e, no dia seguinte, quando o táxi apareceu para levá-la ao aeroporto, carreguei as malas, segurei seu cotovelo quando entrou no táxi e paguei adiantado ao motorista.

— Quanto tempo vai ficar? — perguntou ela.

— Não sei — meus dentes doeram.

— Estará de volta antes que eu viaje? — Claro.

— Por favor, Alex, esteja.

— Eu estarei.

Aí então: o beijo, o sorriso, as mãos trêmulas escondidas.

Quando o táxi se afastou, concentrei minha atenção na parte de trás da sua cabeça, procurando um tremor, um curvar de ombros, qualquer sinal de conflito, arrependimento, pesar. Impossível dizer.

Tudo se movia depressa demais.

— Robin será parte de algo importante. — Ei — exclamei.

Robin desceu pelas escadas da frente com Spike preso na guia. Usava uma camiseta cor-de-rosa, uma calça jeans desbotada, tênis e grandes argolas nas orelhas e começou a orientar os auxiliares a colocarem suas valises e caixas de ferramentas na van. Spike parecia apático. Como a maioria dos cães, seu barômetro emocional é finamente ajustado, e nos últimos dias ele se mostrara incomumente submisso. Aproximei-me e me abaixei para afagar sua cabeça nodosa de buldogue francês, depois beijei Robin, recitei "Divirta-se", virei as costas e me arrastei para a casa. Ela ficou lá parada, ao lado de Sheridan. Acenou.

De pé junto à porta, fingi não ver, mas depois decidi acenar também. Sheridan se sentou ao volante da van e todo mundo se acomodou atrás dele. Foram embora, rugindo o motor.

Finalmente.

Agora, a parte mais difícil.

Capítulo 3

A ruptura veio num domingo. Um cara jovem que me deu vontade de socar, com seu rabo-de-cavalo e rosto sorridente, chegou com uma van enorme e dois auxiliares barrigudos usando camisetas pretas onde se lia Kill Famine Tours. Rabo de Cavalo trouxe biscoito de cães para Spike, me cumprimentou com um tapa de mão aberta. Spike comeu da mão dele. Como o filho-da-mãe tivera a ideia de trazer biscoito para o cachorro? — Oi, eu sou o Sheridan — disse ele. — O coordenador do tour. Ele usava uma camisa branca, calça jeans azul, botas marrons, tinha um corpo estreito e um rosto limpo e liso, cheio de otimismo.

— Pensei que a coordenação fosse a cargo de Trish.

— Trish é a supervisora-geral da excursão. Minha chefe — ele deu uma olhada na casa. —

Deve ser legal morar aqui.

— Hum-hum.

— Quer dizer então que você é psicólogo.

— Hum-hum.

— Quando me graduei na faculdade, especializei-me em psicologia. Estudei psicoacústica na UC Davis. Já fui engenheiro de som. Que bom para você. — Hum.

Comecei determinado a manter minha dignidade. Decisão esta que durou cerca de uma hora. Durante os três dias seguintes desliguei o telefone. Não fiz contato com meu trabalho, não abri as cortinas, não fiz a barba nem recolhi a correspondência. Li o jornal porque a cobertura das notícias é fortemente inclinada a destacar a desesperança. Mas as desgraças das outras pessoas não conseguiram me animar, e as palavras dançavam diante de meus olhos como se fossem estrangeiras ou hieróglifos.

O pouco que comi, não tinha sabor. Não sou um bebedor problemático, mas o Chivas tornou-se um amigo. A desidratação cobrou seu preço; meu cabelo ficou ressequido, meus olhos ardiavam e minhas juntas enrijeceram. A casa, sempre demasiado grande, expandiu-se até assumir proporções monstruosas. O ar ficou espesso.

Na quarta-feira desci até o lago e alimentei as carpas; afinal, por que elas deveriam sofrer? Isto me lançou em um frenesi de serviços domésticos, lavando e limpando e varrendo e arrumando. Na quinta-feira 17 finalmente fui ouvir minhas mensagens. Robin tinha telefonado todos os dias e deixara números de telefones em Santa Bárbara Oakland. Na terça-feira sua voz

soara ansiosa; na quarta, confusa, borrecida e falando depressa: o ônibus sairia para Portland. Tudo estava bem, Spike estava bem, ela estava trabalhando muito, o pessoal era ótimo, amo você espero que esteja calmo.

Telefonou duas vezes na quinta-feira, perguntou-se em voz alta se eu não teria saído em viagem. Deixou o número de um celular. Telefonei. Ouvi: Sua ligação não pôde ser completada.

Pouco depois da uma da tarde, vesti um short e uma camiseta de ginástica, calcei o tênis e fui correr na Beverly Glen na contramão do trânsito, trocando quando me sentia relaxado o bastante. Terminei correndo com mais vigor e rapidez e mais forçadamente que nos últimos anos.

Quando cheguei em casa, meu peito ardia e eu mal conseguia respirar. A caixa de correio na trilha que ia dar na porta da frente estava entupida de papéis, e o carteiro deixara diversos pacotes no chão. Recolhi tudo, despejei a pilha em cima da mesa de jantar, pensei em tomar mais uísque, mas tomei meio litro de água, retomei à correspondência, que fui separando com indiferença.

Contas, folhetos promocionais, propostas de corretores de imóveis, umas poucas coisas válidas, montes de outras de valor dúbio. Os pacotes eram um livro de psicologia que eu encomendara fazia tempo, uma amostra grátis de uma pasta de dentes que garantia curar minhas gengivas e alimentar meu sorriso, e um pacote retangular de vinte por trinta centímetros embrulhado em papel azul grosso com meu nome — Dr. A. DELAWARE — e endereço datilografados em uma etiqueta branca.

Nenhuma informação sobre o remetente. Carimbo postal do centro da cidade, nada de selos, só o valor impresso da tarifa. O papel azul, tão grosso que parecia pano, tinha sido bem ajustado e fechado firmemente com fita adesiva transparente. Ao cortar as dobras, outro papel de embrulho se revelou — um papel parafinado cor-de-rosa, que arranquei.

Dentro havia um fichário de três argolas. Azul, de couro granulado marroquim, manuseado, descorado e lustroso em alguns 18 pontos. Letras douradas autocolantes tinham sido postas precisamente no centro da primeira capa: O LIVRO DO ASSASSINO Folheei e depareime com um frontispício preto sem nada escrito. A página seguinte também era de papel preto, revestida por um invólucro rígido de plástico.

Mas não estava em branco. Montada em cantoneiras pretas, havia uma foto: copiada em sépia, desbotada e com as margens cor de café-com— leite muito claro.

A foto tinha sido tirada de uma distância média e era de um corpo de homem deitado sobre uma mesa de metal. Armários de portas de vidro ao fundo.

Ambos os pés tinham sido decepados na altura dos tornozelos e colocados sob os cotos irregulares das tíbias, como um quebracabeça parcialmente resolvido. Não havia braço esquerdo. O direito era uma massa de carne lacerada. O mesmo para o torso acima dos mamilos. A cabeça fora embrulhada em pano. Uma legenda datilografada na margem inferior dizia: Zona Leste de L.A., próximo Alameda Boulevard. Empurrado para debaixo de um trem pela companheira.

A página oposta apresentava uma fotografia similar: dois corpos de bocas abertas — homens — estendidos sobre um chão de tábuas, de modo a formar um ângulo de quarenta graus. Manchas se espalhavam por debaixo dos cadáveres, manchas marrom-escuras devido ao tempo. Ambas as vítimas usavam calças folgadas com bainhas generosas, camisas xadrez, botinas de

trabalho atadas com cordões. Buracos enormes revelavam-se nas solas dos pés do homem da esquerda. Um copinho de bebida aparecia caído de lado perto do cotovelo do segundo, o líquido claro se acumulando junto da borda.

Hollywood, Vermont Avenue. Ambos baleados por um "amigo" em discussão por dinheiro.

Virei a página para uma foto que parecia ser menos antiga — imagens em preto-e-branco em papel brilhante, close de um casal em um carro. A posição da mulher ocultava seu rosto: em cima do peito do homem e coberto por uma massa de cachos louros platinados. Vestido de bolinhas, mangas curtas, braços lisos. A cabeça do seu companheiro ficara apoiada na parte de cima do encosto do banco voltada para a luz interna. Um jorro de sangue escuro escorria da boca dele, separando-se ao atingir a lapela, indo terminar na gravata.

Gravata, por sinal, muito fina, escura, com um desenho de dados. Isto e a largura da lapela diziam anos 1950. Silver Lake, perto do reservatório, adúlteros, ele atirou nela e depois se matou com a arma na boca.

Página 4: lívida, nua, estirada por cima das cobertas em desordem de uma cama de dobrar. O colchão fino tomava a maior parte do chão até o armário vagabundo. Roupas de baixo amarrotadas no chão. Um rosto jovem enrijecido pelo rigor mortis, manchas brancas nas canelas, os pêlos negros da genitália evidenciados pelas pernas abertas, a meia-calça puxada até o meio da perna. Não foi surpresa quando li a legenda.

Wilshire, Kenmore St., estupro seguido de homicídio. Garota mexicana de 17 anos, estrangulada pelo namorado.

Página 5: Central, Pico perto da Grand, senhora 89 anos, atravessando a rua, bolsa roubada resulta em homicídio devido a ferimento na cabeça. Página 6: Southwest, Slauson Avenue. Negro espancado até a morte por causa de jogo de dados.

A primeira foto colorida aparecia na página 10: sangue vermelho em cima de linóleo cor de areia, o cinza-esverdeado que marca a fuga da alma. Um homem gordo, de meia-idade, estirado em meio a pilhas de cigarros, doces e balas, a camisa azul-celeste manchada de púrpura. Junto à mão esquerda havia um bastão de beisebol serrado com uma tira de couro passada no cabo.

Wilshire, Washington Boulevard, perto de La Brea, dono de loja de bebidas assassinado em assalto. Tentou reagir. Folheei mais depressa.

Venice, Ozone Avenue, pintora atacada pelo cão do vizinho. Três anos de discussão.

...Roubo de banco, Jefferson com Figueiroa. Caixa resistiu, alvejado seis vezes.

...Roubo a mão armada na rua, Broadway com Quinta Avenida. Uma bala na cabeça.

Suspeito permaneceu no local, descoberto ainda revistando os bolsos da vítima.

...Echo Park, mulher esfaqueada pelo marido. Sopa ruim.

Páginas e mais páginas da mesma arte cruel e prosa indiferente. Por que aquilo tinha sido enviado para mim? O que me trouxe à mente um velho cartum: Por que não? Folheei até o fim do álbum, sem me concentrar nas imagens, limitando-me a procurar alguma mensagem pessoal. Encontrando apenas a carne inerte de estranhos.

Quarenta e três mortos, ao todo.

No final, uma página negra com outra legenda centralizada escrita com letras douradas autoadesivas: FIM

Capítulo 4

Eu não falava com meu melhor amigo havia algum tempo, o que estava ótimo para mim. Depois de dar meu depoimento à promotoria sobre o assassinato de Lauren Teague, completei minha cota do sistema de justiça criminal e fiquei feliz em permanecer de fora até a ocasião do julgamento. Um réu rico e um esquadrão de impostores bem pagos sinalizavam que isso iria acontecer dentro de alguns anos, e não meses.

Milo permanecera preso aos detalhes, de modo que eu tinha uma boa desculpa para guardar distância: o cara estava ocupado, que tivesse seu espaço.

O motivo real era que eu não sentia vontade de falar com ele nem com ninguém. Durante anos eu discorrera sobre os benefícios da auto— expressão, mas meu tônico desde a infância havia sido o isolamento. O padrão fora estabelecido cedo por todas aquelas noites de medo agachado no porão, mãos tapando os ouvidos, cantarolando "Yankee Doodle" para não escutar as explosões de raiva paternas vindas de cima.

Quando as coisas ficavam difíceis, eu me encolhia como um molusco dentro de uma bolsa cinzenta de confinamento solitário. Agora eu tinha 43 mortes em cima da mesa da minha sala. E a morte era a matéria-prima de Milo.

Liguei para a sala de detetives da zona oeste de L.A.

— Sturgis.

— Delaware.

— Alex. O que é que há?

— Acho que você devia ver um negócio que recebi. Um álbum cheio do que parecem ser fotos de cenas de crimes.

— Fotos ou cópias? — Fotos.

— Quantas? — Quarenta e três.

— Você contou mesmo. Quarenta e três do mesmo caso?

— Quarenta e três casos diferentes. Parece que foram arrumados em ordem cronológica.

— Você recebeu? Como?

— Cortesia do serviço postal dos EUA, primeira classe, postado no centro da cidade.

— Nenhuma ideia de quem possa tê-lo agraciado com isso.

— Devo ter algum admirador secreto.

— Fotos de cenas de crime — disse ele.

— Ou alguém tira umas férias horrorosas e decide organizar um álbum de fotos. — O sinal de que havia alguém na linha à espera piscou. Geralmente ignoro a intrusão, mas talvez fosse Robin, de Portland. — Espere um segundo. Clique.

— Olá, senhor — disse uma animada voz feminina. — É o senhor quem paga as contas de telefone da casa? — Não, sou um brinquedo sexual — falei, e voltei para a ligação com Milo. Nada. Só o tom de disar. Talvez ele tivesse recebido um telefonema urgente. Disquei o número do telefone de sua mesa, fui atendido pela recepcionista, mas não me dei o trabalho de deixar recado.

A campainha da porta tocou vinte minutos depois. Eu não trocara de roupa depois de voltar

da corrida, não tinha feito café nem inspecionado a geladeira — os primeiros lugares para onde se dirige 23 Ver fotos de mortes violentas faria com que a maioria das pessoas perdesse o apetite, mas ele já realiza seu trabalho há tanto tempo que leva essas coisas para um novo nível. Abriu a porta e disse: — Veio depressa.

— Estava na hora do almoço, afinal.

Ele passou por mim dirigindo-se para onde estava o álbum encadernado em couro azul, bem visível, mas não fez um gesto no sentido de apanhá-lo, permanecendo com os polegares enfiados nos passadores do cinto, a barriga pronunciada subindo e descendo em ritmo acelerado pela prensa com que viera.

Os olhos verdes desviaram-se do livro para mim.

— Tá doente ou alguma coisa? Sacudi a cabeça.

— Que é isso então, um novo look? — O dedo de salsicha apontou para meu rosto com a barba por fazer.

— Descansando a pele — expliquei. Ele farejou, avaliou a sala.

— Não tem ninguém querendo abocanhar a baihna das minhas calças. El Poocho saiu com Robin?

— Não.

— Ela está? A picape está aí fora.

— Você devia ser detetive — falei. — Lamentavelmente, falsas pistas abundam. Ela não está — aponte para o livro. — Dá uma olhada nisso enquanto faço uma excursão à despensa. Se conseguir encontrar alguma coisa que não esteja petrificada, preparo um sanduíche para você...

— Não, obrigado.

— Algo para beber?

— Nada. — Ele não cedeu.

— Qual é o problema? — perguntei.

— Como me expressar delicadamente? — perguntou. — OK: você está com uma aparência ruim pra cacete, a casa cheira como um asilo de velhos, a picape está aí fora, mas Robin não está, e quando falei no nome dela você desviou os olhos para o chão como um suspeito. O que diabos está acontecendo, Alex?

— Minha aparência está ruim pra cacete?

— Para usar um eufemismo.

— Ah, sim — falei. — Então é melhor cancelar o ensaio fotográfico com In Styk E por falar em fotografias... — Segurei o Livro do Assassino para ele.

— Mudando de assunto — disse ele, olhando para mim com os olhos semicerrados do alto do seu metro e noventa de altura. Como se diz isso na linguagem dos psicólogos?

— Mudando de assunto.

Milo sacudiu a cabeça, manteve a expressão amena e cruzou os braços no peito. A não ser pela tensão evidente em torno dos olhos e da boca, parecia em paz. O rosto pálido marcado de acne parecia um pouco mais fino que o usual, a barriga de cerveja a anos-luz de ter reduzido seu perímetro, mas definitivamente menos volumosa.

Fazendo dieta? Abstêmio, novamente? Milo vestia-se com uma harmonia incomum de cores: blazer azul-marinho barato, mas limpo, calça de algodão caqui, camisa branca puída apenas um pouco no colarinho, gravata azul-marinho, botinas bege de sola de borracha que

rangiam cada vez que ele mudava o peso do corpo de uma perna para outra. Continuou a me estudar. Cabelo recém-cortado também. No estilo de sempre — aparado nas laterais e na nuca, em cima comprido e revoltado, múltiplos rodadoinhos no topo. Um topete preto caía sobre a testa marcada pelos sinais de antigas espinhas. O cabelo das têmporas até a parte de baixo das costeletas exageradamente longas fora descolorido até ficar branco como a neve. O contraste com o preto de cima era indecoroso — Senhor Cangambá, por causa da pelagem preta com duas listras brancas, era como se autodenominava.

— Bem vestido e recém-barbeado — falei. — Algo a ver com uma vida nova? Devo tentar não alimentá-lo? De um jeito ou de outro, pegue o maldito livro.

— Robin...

— Mais tarde — estendi a mão com o álbum azul na direção dele. Milo manteve os braços cruzados.

— Ponha-o de novo em cima da mesa.

Ele pegou um par de luvas cirúrgicas, envolveu as mãos no plástico da capa azul de couro, abriu o livro, leu o frontispício e passou para a primeira foto — murmurou. — A tonalidade e as roupas. Provavelmente a coleção apavorante de alguém tirada do sótão.

— Fotos do Departamento?

— Provavelmente.

— Uma coleção caseira surrupiada da sala de evidências?

— Os casos são arquivados, alguém sente coceira nos dedos. Quem vai notar se uma foto por arquivo é retirada?

— Um policial?

— Um policial ou um espírito maligno civil. Muita gente tem acesso, Alex. Tem quem goste de trabalhar lá porque desenterra sangue.

— O Livro do Assassino — falei. — O mesmo título de um arquivo oficial de um caso.

— Mesma cor também. Quem quer que tenha mandado isto conhece os procedimentos.

— Por falar em procedimentos... por que mandar para mim? Milo não respondeu.

— Nem tudo é antigo — falei. — Continue.

Milo estudou mais diversas fotos, voltou para a primeira, retornou para o ponto onde parara. Recomeçou sua inspeção, ganhando velocidade e passando por cima do horror, justo como eu tinha feito. Depois parou. Concentrou-se em uma foto já bem para o fim do livro. As grossas juntas dos seus dedos incharam as luvas quando ele pegou o álbum.

— Quando foi exatamente que você recebeu isto?

— Correio de hoje.

Ele pegou o papel de embrulho, examinou os endereços e verificou o carimbo do correio. Voltou a se concentrar no álbum.

— O que é? — perguntei.

Milo colocou o livro em cima da mesa, aberto na página que o detivera. Descansando as palmas das mãos em cada lado do álbum, ficou ali sentado, quieto. Rangeu os dentes. Riu. Assustador o som de sua risada.

Fotografia 40.

Um corpo em uma vala, água barrenta acumulada por toda parte. Sangue cor de ferrugem sobre terra clara. Ao lado direito da moldura ervas secas encrespadas. Setas feitas com tinta

branca indicavam o objeto da foto, mas nem precisava.

Era uma mulher jovem, adolescente talvez. Muito magra — barriga côncava, caixa torácica com todas as costelas evidentes. Ombros frágeis, pernas e braços finos e estreitos. Ferimentos de corte e perfurações se entrelaçavam no seu abdome e pescoço. Curiosos pontos negros, também. Ambos os seios tinham desaparecido, substituídos por discos arroxeados no formato de diamantes. Seu rosto anguloso fora retratado de perfil, virado para a direita. Acima da testa, onde deveria estar o cabelo, flutuava uma nuvem rubi.

Marcas roxas de ataduras envolviam pulsos e tornozelos. Mais pontos negros salpicavam ambas as pernas — marcas de pontos em forma de anéis com auréolas rosadas — inflamação.

Queimaduras de cigarro.

As pernas brancas compridas tinham sido arrumadas em uma paródia de boas-vindas sexuais. Eu pulara aquele retrato.

Central, Beaudry Avenue, corpo jogado na rampa de acesso da rodovia 101. Crime sexual, vítima escalpelada, estrangulada, retalhada e queimada. *NR*.

— *NR* — estranhei. — Não Resolvido?

Milo respondeu com outra pergunta: — Não havia nada mais além do livro e do papel de embrulho? Nenhum bilhete? — Nada. Só isso.

Ele inspecionou o papel azul de novo, fez o mesmo no papel parafinado cor-de-rosa e retornou à garota brutalizada. Permaneceu imóvel ali por longo tempo até que, finalmente, libertou uma das mãos e esfregou o rosto, como se o estivesse lavando sem água. Velho hábito que indica seu nervosismo. Às vezes isso me ajuda a descobrir seu estado de espírito, às vezes mal noto.

Ele repetiu o gesto. Comprimiu a ponte do nariz. Esfregou de novo. Torceu a boca e ficou me olhando mais um pouco. Nossa — disse.

Momentos mais tarde: — É, seria o meu palpite. Não Resolvido.

— *NR*...

— Nenhuma outra foto tinha essas duas letras.

Sem resposta.

— Querendo dizer que supostamente temos que examinar este caso? — perguntei.

Sem resposta.

— Quem era ela? — indaguei.

Os lábios de Milo ficaram mais soltos, ele me encarou e mostrou alguns dentes. Não foi um sorriso, nem chegou perto. Talvez fosse a expressão de um urso ao localizar uma refeição grátis.

Ele pegou o livro azul. O livro vibrou. Mãos trêmulas. Nunca tinha visto aquilo acontecer antes. Milo emitiu outra gargalhada terrível e recolocou o álbum azul em cima da mesa.

Endireitou os cantos. Levantou-se e foi para a sala de estar. Defronte da lareira, ergueu um atizador e bateu bem devagar no granito da lareira propriamente dita.

Aproveitei para examinar mais de perto o corpo mutilado da garota. A cabeça dele sacudiu violentamente.

— Para que você quer encher sua cabeça com isso?

— E a sua cabeça?

— A minha já está poluída.

— A minha também.

- Quem era ela, Milo? Ele recolocou o atizador no lugar. Andou de um lado para outro.
- Quem era ela?
- Alguém que se transformou em nada.

Capítulo 5

As primeiras sete mortes não foram tão ruins quanto ele imaginara. Nada mal, comparado com o que vira no Vietnã.

O departamento lhe destinara a Divisão Central, não longe geográfica ou culturalmente — de Rampart, onde trabalhara um ano de uniforme, seguido por oito meses com Newton Bunco.

Conseguiu dar um jeito de fugir da designação inicial de trabalhar com Newton: Costumes. Só mesmo rindo. Ra-ra-ra. O som de uma voz rindo. Ele tinha 27 anos de idade e já combatia a batalha da barriga, recém-chegado à Delegacia de Homicídios e sem certeza se teria estômago para aquilo. Ou para qualquer tipo de trabalho policial. Mas àquela altura, depois do Sudeste da Ásia, o que mais havia? Recém-formado, ainda Detetive I, conseguiu guardar seu segredo, embora soubesse que tinha havido comentários. Ninguém o confrontara diretamente, mas ele tinha ouvidos.

Algo diferente nele — parece que acha que é melhor que os outros. Bebe, mas não fala. Não é de bate-papo.

Foi à despedida de solteiro de Hank Swangle, mas quando trouxeram as garotas e começou a suruba, onde diabos ele andava? Boquete de graça e ele some.

Não anda atrás de mulher e ponto final.

Esquisito.

Seus resultados nos testes, suas taxas de solução de casos e a persistência o levaram para a Central de Homicídios, onde lhe deram como parceiro um Detetive II de 48 anos de idade chamado Pierce Schwinn, que aparentava 60 anos e tinha ares de filósofo. A maior parte do tempo a dupla trabalhava de noite, porque Schwinn preferia o escuro: luzes muito claras causavam-lhe enxaqueca e ele se queixava de insônia crônica. Nenhum grande mistério ali, o cara afinal engolia descongestionantes como se fossem balas por causa de um nariz perpetuamente entupido e tomava uma dúzia de xícaras de café por turno.

Schwinn adorava rodar de carro e passava muito pouco tempo sentado à mesa, o que foi uma agradável mudança da rotina terrivelmente sedentária que Milo experimentara com Bunco. Em compensação, Schwinn não tinha o menor interesse pelo trabalho burocrático, deixando toda a papelada por conta do parceiro mais novo.

Milo, que passava horas e mais horas trabalhando de secretário, chegou à conclusão de que o melhor a fazer era manter a boca fechada e prestar atenção. Schwinn tinha bastante experiência, rodara muito e devia ter algo a oferecer. No carro, Schwinn alternava períodos de melancolia com outros de loquacidade. Quando falava, seu tom era sempre exagerado, o tom de quem fazia um sermão — todo o tempo provando alguma coisa. O cara sempre o fazia se lembrar de um de seus professores na Universidade de Indiana, Herbert Milrad, herdeiro rico, especialista em Byron. Elocução prejudicada pela contração exagerada dos músculos do queixo, pelo físico obeso em forma de pera, pelas alterações de comportamento violentas. Milrad tinha entendido Milo na metade do primeiro semestre e tentara tirar vantagem. Milo, ainda longe de estar seguro a respeito da sua sexualidade, declinara delicadamente. Por outro lado, considerava Milrad fisicamente repugnante.

Não foi uma bela cena, a Grande Rejeição, e Milo sabia que Milrad ia atormentá-lo. Com isso, liquidou a ideia de uma futura vida acadêmica, qualquer hipótese de se dedicar à conquista

de um doutorado. Terminou a maldita tese de mestrado maltratando as 30 31 palavras do pobre Walt Whitman e escapou pela tangente. Entediado até as lágrimas pela bobagem que passava por ser análise literária, deixou a Universidade de Indiana, perdeu o crédito financeiro a que ainda tinha direito e arranhou um emprego como encarregado no Refúgio Nacional da Vida Selvagem de Muscatatuck, esperando pela chamada do Serviço Militar. Cinco semanas mais tarde, a carta chegou.

No final do ano passou a ser um padoleiro vadeando por arrozais, sustentando carinhosamente cabeças de meninos e assistindo à partida de almas que nem bem haviam se formado direito, aparando vísceras nas mãos em concha — os intestinos eram o grande desafio, do jeito como escorregavam pelos dedos como salsicha crua. Sangue escuro que turbilhonava ao atingir a água lamacenta.

Conseguiu retornar vivo para casa, achou insuportáveis a vida civil, seus pais e irmãos, saiu numa viagem por terra, passou um bocado de tempo em São Francisco, onde aprendeu umas coisinhas sobre sua sexualidade. Achou SF claustrofóbica e excessivamente cônica de seu estilo moderno, comprou um Fiat velho e desceu a costa da Califórnia até L.A., onde permaneceu porque a poluição e a feiura eram tranquilizadoras. Ficou por lá algum tempo, apelando para empregos temporários, até que decidiu que o trabalho na polícia talvez fosse interessante, e por que diabos não? E, assim, ali estava ele, três anos depois. Sete horas da manhã, ele e Schwinn sentados no carro descaracterizado no estacionamento de um Taco Tio na rua Temple, comendo burritos em molho de pimenta verde. Schwinn, em um dos seus surtos de quietude, olhos nervosos enquanto se empanturrava sem nenhum prazer aparente.

Quando o rádio estalou e entrou no ar com sua chiadeira, Milo falou com a despachante, anotou os detalhes e disse: — Acho que é melhor irmos andando.

— Vamos comer primeiro — retrucou Schwinn. — Ninguém vai voltar à vida. Homicídio número oito.

Os primeiros sete não tinham sido nada de mais, casos grosseiros e vulgares. Nada de esforços dedutivos com eles, tampouco.

Como em quase todos os casos da zona central, as vítimas eram todas pretas ou mexicanas e o mesmo se aplicava aos ofensores. Quando ele e Pierce Schwinn apareciam, os únicos outros rostos brancos na cena do crime seriam de policiais de uniforme ou técnicos forenses.

Casos de pretos/mulatos eram tragédias que nunca chegavam às páginas dos jornais, acusações que em sua maioria eram apresentadas e tinham uma solução negociada entre a promotoria e a defesa, ou, se o bandido ganhava um defensor público realmente burro, terminava passando uma longa temporada no xadrez do condado, culminando em um rápido julgamento e a condenação ao máximo de tempo possível.

Os primeiros dois chamados tinham sido tiroteios rotineiros de bar, beberões criminosos tão embriagados que ainda estavam por perto quando os uniformes chegaram — literalmente empunhando as pistolas fumegantes, sem opor a menor resistência.

Milo observou o modo como Schwinn lidava com aqueles idiotas, dentro do que era a sua rotina. Primeiro ele resmungava o texto incompreensível determinado pela lei Miranda para o sujeito, que nada entendia. Depois pressionava para obter uma confissão ali mesmo, na cena do crime. Assegurando-se de que Milo tivesse em mãos caneta e bloco e que registrasse tudo.

— Bom garoto — dizia depois para o suspeito, como se o idiota tivesse passado em um teste.

Por cima do ombro, a pergunta para Milo: — Como vai sua datilografia? De volta à delegacia, Milo golpeava as teclas e Schwinn desaparecia.

Casos Três, Quatro e Cinco tinham sido domésticos. Perigosos pela tristeza consequente, mas dispostos de modo organizado para os detetives. Três maridos de baixos instintos, dois tireotesis, um esfaqueamento. Conversar com a família e os vizinhos, descobrir onde os bandidos estavam se “escondendo” — geralmente a uma distância facilmente coberta a pé —, pedir reforços, prendê-los, Schwinn resmungar a fala imposta pela lei Miranda...

O assassinato de número Seis ocorreu em um assalto à mão armada de dois homens a uma das inúmeras pequenas joalherias de preços baixos existentes na Broadway — correntes de prata baratas e cacos de diamantes sujos vendidos em engastes de dez quilates de má qualidade. O roubo fora premeditado, mas o 187, código policial para homicídio, foi uma casualidade que teve lugar quando a arma de um dos débeis mentais dos assaltantes disparou acidentalmente, a bala entrando direto na testa do filho de 18 anos do balconista. O rapaz, grande e bonito, chamado Kyle Rodriguez, astro do futebol americano na escola El Monte High, por acaso estava visitando Papai, levando a boa notícia de ter ganhado uma bolsa de atletismo para estudar na Universidade do Arizona. Schwinn também pareceu entediado com este, mas fez o seu show de sempre. Disse a Milo para investigar antigos empregados, apostando dez contra um que, se sacudisse esta árvore, o criminoso cairia. Deixou Milo na delegacia, foi direto para uma consulta com o médico, deu parte de doente e faltou o resto da semana. Milo andou a pé três dias seguidos, concentrou-se em um faxineiro despedido um mês antes por suspeita de furto. Descobriu o tipo em um hotel de quartos individuais na Central, morando com o cunhado que fora seu parceiro no crime. Os dois bandidos foram encarcerados e Pierce Schwinn apareceu todo rosado e saudável, dizendo: — É, não havia outra possibilidade... você terminou o relatório? Este último crime não saiu da cabeça de Milo por algum tempo: o corpo musculoso cor de bronze de Kyle Rodriguez tombado por cima das joias. A imagem o manteve acordado por mais que umas poucas noites. Nada de filosófico ou teológico, só inquietude geral. Ele vira muitos rapazes jovens e saudáveis morrerem muito mais dolorosamente que Kyle, e há muito tempo desistira de descobrir o sentido das coisas.

Gastou sua insônia a bordo do velho Fiat. Para cima e para baixo do Sunset, da Western a La Cienega, e de volta mais uma vez. Finalmente tomando o rumo sul pelo Boulevard Santa Mônica. Como se não tivesse sido sua intenção o tempo todo. Um jogo consigo próprio, como uma pessoa fazendo dieta que rodeasse um pedaço de bolo.

Nunca fora homem de muita força de vontade. Por três noites consecutivas cruzou Boystown. De banho tomaj barbeado e perfumado, vestindo uma camiseta branca, calça jeans com um vinco militar e tênis brancos.

Querendo ser mais bonito e mais magro, mas imaginando que não seria tão ruim se semicerrasse os olhos e mantivesse a barriga encolhida e controlasse os nervos, esfregando o rosto. Na primeira noite, uma radiopatrulha do xerife se intrometeu no trânsito em Fairfax e permaneceu dois carros atrás do seu Fiat, acionando os alarmes da paranoia. Obedeceu a todas as leis do trânsito, dirigiu de volta ao seu sórdido apartamentinho em Alexandria, bebeu cerveja até quase estourar, assistiu a uma televisão péssima e satisfez-se com a imaginação. Na segunda noite, não teve xerife, mas simplesmente lhe faltou a energia e ele dirigiu até a praia e voltou, quase caindo de sono em cima do volante.

Na noite três, ele se viu sentado num banco em um bar perto de Larabee, suando demais e sabendo que estava ainda mais tenso do que parecia porque o pescoço doía como o diabo e os dentes batiam como se fossem se desintegrar. Finalmente, pouco antes das quatro horas da madrugada, antes que a luz voltasse a ser cruel para com a sua pele, pegou um cara, um jovem preto, mais ou menos da mesma idade que ele. Bem vestido, bem falante, universitário cursando a UCLA. Quase igual a Milo, no sentido da honestidade sexual.

Os dois estavam nervosos e apreensivos no apartamento mínimo e sórdido do rapaz em Selma, sul de Hollywood. Ele era aluno da UCLA, mas vivia ao lado dos drogados e hippies ao leste de Vine porque não podia se dar ao luxo de pagar pelo Westside. Bate-papo polido, e depois... tudo acabado em segundos. Ambos sabendo que não haveria repetição. O cara dizendo a Milo que seu nome era Steve Jackson, mas quando foi ao banheiro, Milo localizou uma agenda com as letras WES em relevo e viu uma etiqueta com o endereço colada na capa interna. Wesley E. Smith e o endereço de Selma. Intimidade.

Triste, o caso Kyle Rodriguez, mas ele se recuperou quando o Caso Sete aconteceu. Crime na rua, a boa e velha avenida Central, mais uma vez briga a facadas, litros de sangue derramados por toda a calçada. Mas apenas um morto, um mexicano dos seus trinta anos trajando roupas de trabalho, com o cabelo cortado em casa e os sapatos baratos do imigrante ilegal recém-chegado. Duas dúzias de testemunhas em uma cantina próxima que não falavam inglês e alegavam cegueira. Não acarretou sequer trabalho de detetive. Foi resolvido por cortesia dos homens de azul — uma radiopatrulha localizou o criminoso cambaleando, a sangrar profusamente de suas próprias feridas. Os uniformes algemaram o sujeito enquanto ele uivava em sua agonia, chamaram Schwinn e Milo e depois telefonaram para a enfermaria de presos do hospital do Condado. Na hora em que os detetives chegaram, o idiota estava sendo colocado em cima de uma maca, tinha perdido muito sangue e se encontrava em situação arriscada. Terminou sobrevivendo, mas perdeu a maior parte do seu cólon, foi ouvido ali mesmo deitado, declarou-se culpado sentado em uma cadeira de rodas e foi mandado de volta para a enfermaria destinada a prisioneiros até que alguém soubesse o que fazer com ele. Agora o Número Oito. Schwinn continuou mastigando o burrito.

Finalmente, ele limpou a boca.

— Beaudry, na parte de cima da rodovia, hem? Quer dirigir? saltando e passando para o lugar do carona antes que Milo pudesse responder.

— Como queira. — Milo só respondeu para ouvir o som da própria voz.

Mesmo distante do volante, Schwinn cumpriu seu nervoso ritual preparatório: empurrar o banco ruidosamente para trás e depois o recolocar na posição original. Verificar o nó da gravata no retrovisor, examinar os cantos da boca sem lábios. Assegurar-se da inexistência de qualquer resíduo do remédio.

Quarenta e oito anos, mas cabelo totalmente branco e escasso, rareando a ponto de deixar visível a pele no topo. Um metro e setenta e oito de altura, e Milo não imaginava que tivesse mais de 70 quilos, a maior parte cartilagem. Tinha uma mandíbula protuberante, aquela boca que parecia recortada em papel, sulcos profundos marcavam-lhe o rosto ossudo e viam-se pesadas bolsas sob seus olhos inteligentes e desconfiados. O conjunto gritava tempestade de feira. Schwinn nascera em Tulsa e rotulara-se de Ultra-Okie — o supercaipira de Oklahoma — para Milo, minutos depois de terem se conhecido.

Aí então ele fizera uma parada e fitara o jovem detetive olho no olho. Esperando que Milo dissesse algo a respeito de seu próprio patrimônio cultural.

Que tal Black Irish Indiana Fag? — Como no livro de Steinbeck — disse Milo.

— Isso — concordou Schwinn, desapontado. — Vinhas da ira. Já leu? — Claro.

— Eu não li — com tom desafiador. — Por que diabos deveria? Tudo que tem lá aprendi com as histórias do meu pai. A boca de Schwinn compôs uma desculpa sofrível para um sorriso.

— Odeio livros. Odeio televisão e a idiotice do rádio também. Pausa, como se tivesse lançado um desafio. Milo ficou quieto. Schwinn franziu a testa.

— Odeio esportes também... de que adianta aquilo tudo? — É, pode ficar excessivo.

— Você tem o tamanho. Fez esporte na escola? — Futebol americano no curso médio — respondeu Milo.

— Não era bom o suficiente para a faculdade? — Nem de longe. — Lê muito? — Um pouco — respondeu Milo. Por que aquilo pareceu tanto uma confissão? — Eu também. — Schwinn

levantou as palmas das mãos juntas e fixou o olhar acusador em Milo. Não dando escolha a este — Você odeia livros, mas lê.

— Revistas — disse Schwinn, triunfante. — As revistas vão direto ao ponto. Veja a Reader's Digest, por exemplo, corta toda a baboseira e condensa o texto de um modo que não fica sobrando nada quando você termina. A outra de que eu gosto é a Smithsonian.

Essa foi uma surpresa.

— Smithsonian — repetiu Milo.

— Nunca ouviu falar? — perguntou Schwinn, como que se deleitando com um segredo. — O museu, em Washington, publica uma revista. Minha mulher fez a assinatura e eu já estava pronto para chutar seu traseiro, mais papel atravancando a casa. Mas é bem legal. A revista trata de todo tipo de assunto. Sinto-me instruído quando termino de ler, entende?

— Claro.

— Agora você — disse Schwinn. — Dizem que é instruído. — Fazendo parecer que o acusava de um crime. — Você fez mestrado, certo? Milo assentiu. — Onde? — Universidade de Indiana. Mas nem sempre escolaridade significa educação.

— Mas às vezes significa. O que foi que você estudou na Indiana U? — Inglês.

Schwinn deu uma risada.

— Deus me ama, me mandou um parceiro que sabe soletrar. De qualquer modo, no que me diz respeito, me dê revistas e queime todos os livros. Gosto de ciência. Às vezes, quando estou no necrotério, dou uma olhada nos livros médicos... medicina forense, psicologia anormal, até mesmo antropologia, porque estão aprendendo a fazer coisas com os ossos — ele sacudiu o dedo ossudo. — Deixe que eu lhe diga uma coisa, garoto: um dia a ciência vai ser praticamente tudo no nosso ramo. Um dia, para realizar nosso trabalho, o cara vai ter que ser um cientista... aparecer na cena do crime, levantar os dados, carregar um pequeno microscópio, descobrir a composição bioquímica de cada maldito escroto com que a vítima andou nos últimos dez anos.

— Transferência de evidências? — perguntou Milo. — Acha que vai chegar a ser assim tão perfeita? — Claro, claro — respondeu Schwinn, impaciente. — Por ora é em sua maior parte tolice inútil, mas espere e verá.

Eles andaram rodando em torno da Central no seu primeiro dia parceiros. Sem rumo, na opinião de Milo. Tinha esperado que eSchwinn lhe apontasse marginais conhecidos, lugares

quentes, qualquer coisa mas o cara parecia indiferente ao local onde se encontravam, só queria falar. Mais tarde Milo descobriria que Schwinn tinha muito a oferecer.

Sólida lógica profissional e conselhos básicos ("Carregue sua própria câmera, luvas e pós para o levantamento de impressões digitais. Cuide de suas coisas, não dependa de ninguém.") Mas agora, no primeiro dia deles, vagar de carro de um lado para o outro — tudo — parecia fora de propósito.

— Transferência — disse Schwinn. — Por ora só podemos transferir a tipagem sanguínea. Que bobagem. Grande coisa, um milhão desses escrotos são do tipo O, a maior parte dos demais é tipo A, então, qual é a vantagem? Isso e cabelo, às vezes pegam cabelo e colocam dentro de saquinhos plásticos, mas o que quer que eles possam fazer com isso, sempre é possível conseguir um advogado de coração sensível que prove que fios de cabelo não querem dizer porra nenhuma. Não, estou falando de ciência séria, algo nuclear, tipo assim como atribuem a idade dos fósseis. Medição da quantidade de carbono radioativo. Um dia, seremos antropólogos. Pena que você não tenha mestrado em antropologia... sabe digitar direito? Poucos quilômetros mais tarde Milo estudava o bairro por conta própria, analisando rostos e lugares, quando Schwinn proclamou: — A língua inglesa não lhe fará o menor bem, garoto, porque a nossa freguesia no habla mucho inglés. Nem os mexicanos, e tampouco os negros... a menos que você queira chamar aquele jargão que eles falam de inglês. Milo manteve a boca fechada.

— Que se foda o inglês — disse Schwinn. — Que o inglês se foda no rabo com um vibrador de ácido clorídrico. A onda do futuro é a ciência.

Não tinham dito muita coisa a respeito do chamado na Beaudry. Sexo feminino, caucasiana, descoberta por um catador de lixo remexendo nos arbustos que encimavam a rampa de acesso da estrada. Chovera na noite anterior e o local onde o corpo fora colocado era barro bem sólido e reteve mais de dois centímetros de água nos sulcos. A despeito da bela área macia em torno, nada de marcas de pneus ou pegadas. O catador de lixo era um negro velho chamado Elmer Jacqueline, alto, magro, curvado, com tremores parkinsonianos nas mãos, tremores esses que se ajustavam com a agitação dele ao recontar a história para quem quer que a quisesse ouvir.

— Ela estava bem ali na minha frente, Jesus Cristo...

Ninguém mais ouvia. Os uniformes, o pessoal da cena do crime e o assistente do legista estavam ocupados tratando de cumprir seus deveres. Muitas outras pessoas conservavam-se por perto batendo papo. Viaturas com as luzes falseando bloqueavam a Beaudry até a Temple, enquanto um patrulheiro de aparência entediada desviava quem se destinava à via expressa.

Um número não muito grande de carros: nove da noite. Passara a hora do rush. O rigor mortis se instalara e desaparecera, já tendo se iniciado a putrefação. O legista estimou em meio a um dia o tempo de morte, mas não havia como saber por quanto tempo o corpo tinha ficado ali ou a que temperatura fora mantido. A lógica dizia que o assassino o trouxera de carro na véspera, depois de escurecer, o largara na rampa, pegara a 101 e saíra depressa, feliz da vida.

Nenhum motorista que passara por ali o vira, pois, quando você está com pressa, por que vai se deter para estudar o lixo largado na rampa de acesso? Você nunca chega a conhecer uma cidade a menos que caminhe por ela. Motivo pelo qual tão pouca gente conhece L.A., pensou Milo. Depois de morar ali por dois anos, ainda se sentia um estranho.

Elmer Jacqueline andava o tempo todo, porque não tinha carro. Cobria a área desde o

cortiço onde dormia em Hollywood Leste até a fronteira ocidental do centro da cidade, fuçando tudo quanto era lixo em busca de latas, garrafas e objetos descartados que ele tentava vender em brechós em troca de tíquetes para a cozinha pública.

Uma vez encontrara um relógio funcionando — ouro, pensou, mas era folheado, embora de qualquer maneira tenha lhe rendido dez dólares numa loja de penhores em South Vermont.

Ele vira o corpo imediatamente — como seria possível não vê-lo tão de perto, tão pálido sob o luar, o cheiro de podre, o modo como as pernas da pobre garota tinham sido dobradas e abertas — e seu estômago se revirara imediatamente e em pouco tempo o jantar de salsicha com feijão estava saindo pelo lado errado.

Jacquette teve o bom senso de correr uns bons cinco metros para longe do corpo antes de vomitar. Quando os uniformes chegaram, ele apontou para o vômito, pedindo desculpas. Não queria aborrecer ninguém. Tinha 68 anos, havia 15 saíra da cadeia, não ia aborrecer a polícia, de jeito nenhum. Sim senhor, não senhor.

Eles o mantiveram nas proximidades, esperando pela chegada dos detetives. Agora os homens de terno finalmente estavam ali, e Jacquette ficou de pé junto a um dos carros da polícia. Alguém apontou para ele e os detetives se aproximaram, entrando na área em que a iluminação que os tiras tinham posto por toda parte era muito desagradável.

Dois ternos. Um tipo magrinho, de cabelo branco e cara de trabalhador braçal, metido em um terno antiquado cinzento de tecido sintético lustroso e um garoto corpulento, pálido, cuja jaqueta verde, calças marrons e horrenda gravata bordô fizeram Elmer se perguntar se os tiras atualmente compravam suas roupas em brechós.

Eles pararam no corpo primeiro. O velho deu uma olhada, torceu o nariz e assumiu uma expressão aborrecida na fisionomia. Como se tivesse sido importunado enquanto fazia algo muito importante.

O garoto gordo era outra coisa. Mal olhou para o corpo antes de desviar a cabeça com um gesto brusco. Pele ruim, este. Ficou branco como uma folha de papel e começou a esfregar o rosto com uma das mãos, incansavelmente.

Do jeito como aquele seu corpo grande e pesado ficou tenso, ele estava prestes a perder o almoço.

Elmer se perguntou há quanto tempo o garoto estaria naquele emprego, se ele realmente ia vomitar. Neste caso, seria esperto o bastante para evitar o corpo, como Elmer fizera? Porque aquele garoto não parecia ser veterano.

Capítulo 6

Aquilo era pior do que a Ásia.

Independente do grau de brutalidade, a guerra era impessoal, peças humanas se deslocando pelo tabuleiro, você disparava em sombras, choças bombardeadas que você fingia estarem vazias, vivendo cada dia na esperança de não ser o peão derrubado. Reduza alguém a O Inimigo e você pode explodir-lhe as pernas, retalhar sua barriga ou incendiar-lhe os filhos com uma bomba de napalm sem saber seu nome. Por pior que a guerra fosse, sempre havia a chance de fazer alguma coisa legal no futuro — olha só o caso da Alemanha e o resto da Europa. Para seu pai, graduado de Omaha Beach, aproximar-se dos boches era uma abominação. Ele torcia a boca cada vez que via o "veado de um hippie em um daqueles carros do Hitler que parecem besouros". Milo, contudo, conhecia história o suficiente para compreender que a paz era tão inevitável quanto a guerra e que, por mais improvável que parecesse, um dia os americanos talvez fossem passar as férias em Hanói.

As feridas de guerra tinham uma chance de cicatrizar porque não eram pessoais. Não que a lembrança de vísceras escorregando pelas suas mãos fosse desaparecer, mas talvez, um dia qualquer no futuro...

Mas aquilo... Aquilo não era outra coisa senão pessoal. Redução da forma humana a carne, humores orgânicos e refugio. Criação da antipessoa. Ele respirou fundo, abotoou o paletó e conseguiu dar outra olhada no cadáver. Que idade ela poderia ter, 17, 18? As mãos, praticante as únicas partes do corpo que não estavam cobertas de sangue, suaves, claras, sem manchas. Dedos compridos, afilados, unhas pintadas de rosa. Pelo que ele podia dizer — e era difícil dizer alguma coisa por causa do estrago —, era dona de feições delicadas, talvez tivesse sido bonita.

Sem sangue nas mãos. Sem ferimentos de quem se defende...

A garota estava congelada no tempo, uma pilha de destroços. Abortada — como um reluzente relógio de pulso pisoteado, o cristal partido.

Manipulada depois da morte também. O assassino abriu suas pernas, apontando os pés em um ângulo ligeiramente para fora. Deixando-a assim exposta, horrível escultura.

Exagero, declarou o assistente do legista, como se fosse preciso ser médico para dizer isso.

Schwinn dissera a Milo para contar os ferimentos, mas não era uma tarefa assim tão simples. Os cortes eram simples e diretos, fáceis de serem contados, mas devia considerar as queimaduras causadas pelas ataduras em torno dos pulsos e tornozelos como ferimentos? E o que dizer do sulco de fúria vermelho e profundo em volta do pescoço? Schwinn saíra para pegar sua Instamatic sempre um animado fotógrafo amador — e Milo não queria perguntar a ele — detestava evidenciar suas incertezas, recruta que era.

Milo decidiu incluir as ataduras em uma coluna separada e continuou a fazer a tabela. Reviu sua contagem de ferimentos a faca. Tanto os desferidos antes da morte quanto os depois, o legista estava conjecturando. Uma, duas, três, quatro... ele confirmou 56 e começou a contar as queimaduras de cigarro. A inflamação em torno dos círculos chamuscados dizia que as queimaduras haviam sido infligidas antes da morte.

Muito pouco sangue na cena do crime. Ela fora morta em outro lugar e deixada ali.

Mas havia muito sangue seco no topo da cabeça, formando uma touca escura que atraía as moscas. O toque final: ela fora escarpada. Isso deveria ser contado como um ferimento gigantesco ou precisava espiar por baixo da sangueira para ver quantas vezes o assassino retalhara a pele? Uma nuvem de insetos noturnos circulava acima do corpo. Milo os afastou e registrou "remoção do couro cabeludo" como item separado. Ao desenhar o corpo e encimá-lo com o sangue, seu desenho de péssima qualidade fez o sangue parecer uma touca, tão inadequadamente ofensiva. Franziu a testa, fechou o bloco, recuou. Estudou o corpo de uma nova perspectiva. Ainda teve que lutar contra outra ânsia de vômito.

O velho negro que a encontrara tinha vomitado as tripas. Desde que vira a garota, Milo lutara para não fazer o mesmo. Enrijecendo as vísceras, tentando descobrir um mantra que fizesse o truque. Você não é virgem, já viu pior.

Pensando no pior: buracos do tamanho de melões no tórax, corações estourados — aquele garoto, aquele índio de Novo México — Bradky Dois Lobos — que pisara em uma mina e perdera tudo abaixo do umbigo, mas ainda falava enquanto Milo fingia fazer algo por ele. Fitando Milo com os suaves olhos castanhos — olhos cheios de vida, Deus meu —, falando calmamente, numa maldita conversa quando não tinha sobrado nada e tudo vazava. Aquilo foi pior, certo? Tendo que responder à metade superior de Bradley Dois Lobos, tagarelando a respeito da linda namorada de Bradky em Galisteo, a respeito dos sonhos de Bradley — uma vez que voltasse para os Estados Unidos, ia se casar com Tina, arranjar um emprego com o pai dela levantando cercas de adobe, ter uma porção de filhos. Com coisa alguma abaixo do umbigo — Milo sorriu para Bradley, Bradley sorriu de volta e morreu.

Muito pior. E, mesmo assim, naquela ocasião Milo conseguira conservar sua naturalidade e sustentar a conversa. Limpando tudo depois, colocando a metade de Bradley em um saco plástico que ficou grande demais. Preenchendo a etiqueta de morte de Bradley para o médico assinar. Durante as semanas que se seguiram, Milo fumara um bocado de maconha, cheirara um pouco de heroína, tivera uma folga em Bangcoç, onde experimentara um pouco de ópio. Chegara inclusive a arriscar uma tentativa com uma prostituta esquelética em Bangcoç. Nada de entusiasmar, mas resumindo em uma frase: ele conseguira. Você pode lidar com isto, idiota.

Respire pausadamente, não dê motivo para Schwinn passar sermão...

Schwinn estava de volta, clicando sem parar a sua Instamatic. O fotógrafo da polícia de Los Angeles reconheceu a caixinha preta de plástico acariciou sua Nikon, deu um sorriso malicioso. Schwinn não tomou conhecimento do seu desprezo, em seu mundinho, agachando-se em todos os lados do corpo.

Aproximando-se mais do que Milo arriscara, sem sequer se dar ao trabalho de enxotar os insetos que enxameavam no seu cabelo branco.

— Então, o que é que você acha, garoto?

— Sobre...? — perguntou Milo.

Clique clique clique.

— O bandido. O que o seu instinto está lhe dizendo sobre ele?

— Maníaco.

— Você acha? — disse Schwinn, quase distraidamente. — Desses malucos que babam e uivam? — Ele se afastou de Milo e ajoelhou-se bem ao lado do crânio esfolado. Perto o bastante para beijar a carne mutilada. Sorriu. — Olha isto... só osso e uns poucos vasos sanguíneos,

cortados no fundo... umas poucas lágrimas, coisas serradas... lâmina verdadeiramente afiada — Clique clique.

— Um maníaco... um desses guerreiros apaches que uivam para a lua? Você mulher malvada, mim escapelador? Milo teve de lutar contra outra ânsia.

Schwinn pôs-se de pé, pendurou a câmera no pescoço, ajustou a gravata. Sua cara de caipira de Oklahôma moldada à machadinha tinha uma expressão satisfeita. Fria como gelo. Com que frequência ele tinha visto aquilo? Com que frequência aquele tipo de coisa aparecia no trabalho da Divisão de Homicídios? Os primeiros sete — até mesmo Kyle Rodriguez — tinham sido toleráveis, comparados com aquilo... Schwinn apontou as pernas escoradas da garota.

— Está vendo o modo como ele dispôs as pernas dela? Ele está falando conosco, garoto. Falando por intermédio dela, pondo palavras em sua boca. O que ele quer que ela diga, garoto? Milo sacudiu a cabeça. Schwinn suspirou. 45 — Ele quer que ela diga: "Me foda." Para o mundo inteiro. "Anda, mundo de merda, e vem me foder, quem quer que deseje fazer alguma coisa comigo pode, porque não tenho poder." Ele a está usando como uma... uma boneca... sabe como os garotos andam por aí manipulando marionetes, fazendo com que elas digam coisas que eles têm medo de dizer com a própria boca? Este sujeito é assim, só que ele gosta de bonecas tamanho grande.

— Ele tem medo? — indagou Milo, duvidosamente.

— O que você acha, porra? Estamos falando de um covarde, incapaz de falar com as mulheres, incapaz de trepar do jeito normal. O que não quer dizer que seja do tipo molengão. Pode ser até bastante macho. Com certeza é atrevido, perdendo tempo para fazer isso aí. — Outro olhar para as pernas. — Colocando-a na pose desejada ao ar livre, arriscando-se a ser visto. Quer dizer, pense no seguinte: você se divertiu com o corpo, precisa se livrar dele, carrega-o por aí em seu carro, quer jogá-lo em algum lugar, para onde iria? — Algum ponto bem remoto.

— Claro, isso porque para você seria apenas se livrar do corpo, você não é um assassino arrogante. Não é o caso do nosso rapaz. Por um lado, ele é esperto. Agindo à margem da via expressa, uma vez que termine, pode voltar e tomar a estrada, ninguém chama a atenção na 101. Ele age depois do escurecer, assegura-se de que ninguém esteja olhando, encosta o carro, arruma o corpo e depois sai zunindo. E um plano decente. Pode dar certo, especialmente assim tão tarde, a hora do rush já passou.

Mas perder tempo parando, só para brincar de boneca, ainda é um risco. Então, o caso não era só se livrar do corpo. Tem a ver com exibicionismo... comeu seu bolo duas vezes. Não é burro nem louco.

— Jogando um jogo — disse Milo, porque achou que isso soaria agradável. Pensou em xadrez, mas era realmente incapaz de conciliar aquilo com qualquer jogo.

— "Olhe só para mim" — disse Schwinn. — É o que ele está nos dizendo. "Olha só o que sou capaz de fazer." Não basta que ele tenha aplicado excesso de força e fodido com ela... aposto cem contra um como encontraremos sêmen na sua xoxota, no seu rabo. O que ele quer agora é compartilhá-la com o mundo. Eu a controlo, todo mundo pule a bordo.

— Suruba — disse Milo, a voz rouca, a memória voltando rapidamente à festa de Hank Swangle na Divisão Newton. A piranha da divisão, uma bancária loura e corpulenta, empertigada e íntegra durante o dia, uma outra vida inteiramente diferente no que dizia respeito aos policiais. Macia como um travesseiro, embriagada e de olhar vidrado quando mãos colegiais empurraram

Milo para dentro do quarto com ela. Estendendo as mãos para ele, batom manchado, dizendo: "O próximo." Como em uma fila para pegar senha na padaria. Ele resmungou uma desculpa qualquer, saiu correndo... Por que diabos pensava naquilo agora? E a náusea voltou — suas mãos crispadas latejavam.

Schwinn o encarou fixamente.

Milo obrigou-se a soltar os dedos e manteve a voz controlada.

— Então ele é mais racional que um maniaco. Mas estamos falando de alguém mentalmente anormal, não é mesmo? Uma pessoa normal não faria isso. — Ouvindo a estupidez de cada palavra à medida que elas eram pronunciadas. Schwinn sorriu de novo.

— Normal. Seja o que for que essa palavra queira dizer.

Ele deu as costas para Milo, afastou-se sem uma palavra, balançando a máquina fotográfica. Ficou sozinho perto da van do legista, deixando Milo com seus desenhos ruins e suas marcas compulsivas da contagem do número de ferimentos. Seja lá o que for que essa palavra queira dizer.

Um sorriso de conhecedor. Boatos sobre a sexualidade de Milo vindos dos tempos de Rampart, onde trabalhara de uniforme, e da Divisão Newton para a Central? Seria este o motivo do cara ser tão hostil? Milo começou a torcer a mãos de novo. Tinha começado a pensar em si próprio como talvez se adaptando, sabendo manejar o Primeiro 187, se encaixando nos crimes de morte. Talvez pudesse ficar na Homicídios, o assassinato vindo a ser algo com que finalmente poderia conviver.

Agora amaldiçoou o mundo e se aproximou da garota, mais perto ainda que Schwinn. Absorvendo tudo o que via, o cheiro, cada ferimento — bebendo todo aquele horror, dizendo a si próprio, cala a boca idiota, quem diabos é você para se queixar, olhe para ela. Mas a raiva se intensificou, invadiu seu corpo, e de repente ele se sentiu inflexível, cruel, vingativo, analítico.

Tomado por uma torrente de desejo. Tentando fazer sentido daquilo. Precisando.

Sentiu o cheiro de podre da garota. De repente, teve ímpeto de entrar no inferno dela. Eram quase 11 horas quando ele e Schwinn voltaram ao carro sem emblemas.

— Você dirige de novo — disse Schwinn. Nenhum sinal de hostilidade, nenhum duplo sentido mais possível, e Milo começou a pensar que fora paranoico na questão do comentário sobre normalidade. Só Schwinn abrindo e fechando a boca, porque o cara era assim mesmo. Ligou o motor.

— Para onde? — Qualquer lugar. Ou melhor, siga pela via expressa por duas saídas, manobre e volte para o centro da cidade. Preciso pensar.

Milo obedeceu. Desceu a rampa, como o assassino tinha feito. Schwinn espreguiçou-se e bocejou, pegou o frasco de xarope e tomou um longo gole vermelho. Em seguida inclinou o corpo e desligou o rádio, fechou os olhos, brincou com os cantos dos lábios. Ia ser um daqueles percursos silenciosos.

O silêncio perdurou até que Milo estava de volta às ruas da cidade, subindo a Temple, passando pelo Music Center e os lotes que o cercavam. Um monte de espaços vazios enquanto os ricos planejavam outros santuários para a cultura. Papo de renovação urbana — como se alguém fosse se incomodar com essa desculpa esfarrapada para a cidade, e não se tratasse de um conjunto de prédios do governo onde os burocratas trabalhavam no turno do dia e mal podiam esperar para dar o fora e tudo ficava frio e escuro à noite.

— E agora? — disse Schwinn. — Quanto à garota. O que é que você pensa?

— Descobrir a identidade dela? — Não deve ser muito difícil, com aquelas unhas bem-feitas, dentes bonitos. Se estava na rua, sua queda foi recente. Alguém há de sentir falta dela.

— Devemos começar com Pessoas Desaparecidas? — indagou Milo.

— Você vai começar com Pessoas Desaparecidas. Amanhã de manhã, porque de noite não tem muita gente lá; é preciso sorte para fazer aqueles caras se mexerem a esta hora.

— Mas se ela foi declarada desaparecida, obter a informação hoje nos daria uma boa vantagem inicial.

— Vantagem sobre o quê? Isto não é corrida, garoto. Se o nosso bandido estiver fora da cidade, terá desaparecido há muito tempo. Caso contrário, umas poucas horas não farão a menor diferença.

— Ainda assim, os pais dela devem estar preocupados.

— Ótimo, amigo. Banque o assistente social. Vou para casa. Sem raiva. Só aquela complacência de quem sabe tudo.

— Quer que eu volte para a delegacia? — indagou Milo.

— Sim, sim. Não, esquece. Pare aí... agora, garoto, isso isso isso, do lado daquele banco do ônibus.

O banco ficava a uns poucos metros de distância. No lado norte da Temple. Milo estava na pista do lado esquerdo e teve que fazer uma curva fechada. Encostou no meio-fio e olhou em torno para ver o que tinha feito Schwinn mudar de ideia.

Quadra escura, vazia, ninguém à vista — não, havia alguém. Um vulto emergindo das sombras. Caminhando rumo a oeste. Caminhando depressa.

— Uma fonte? — disse Milo, quando o vulto tomou forma. Forma feminina. Schwinn endireitou o nó da gravata.

— Não saia daqui e mantenha o motor ligado.

Ele saltou do carro, rapidamente, e chegou à calçada a tempo de encontrar a mulher. A chegada dela foi anunciada pelo barulho dos saltos agulha na calçada.

Uma mulher alta — negra, Milo viu, quando entrou na zona iluminada pelo poste. Alta e de seios generosos. Teria uns 40 anos, talvez. Vestia uma minissaia de couro azul e uma camiseta azul — 48 celeste, sem mangas e amarrada no pescoço. Em cima da cabeça, ondas coloridas por henna davam a impressão de somar uns cinco quilos. Schwinn, de pé diante dela, parecia ainda mais magro que o usual. Pernas ligeiramente separadas. Sorrindo.

A mulher respondeu com outro sorriso. Ofereceu ambas as faces a Schwinn. Um daqueles cumprimentos de filme italiano.

Poucos momentos de conversa, baixo demais para Milo perceber do que se tratava, e depois ambos entraram no banco de trás do carro.

— Esta é a Tonya — disse Schwinn. — É uma boa amiga do departamento. Tonya, conheça meu parceiro, novo em folha, Milo. Ele tem mestrado.

— Oh — fez Tonya. — Você é qualificado, querido? — Prazer em conhecê-la, senhora. Tonya riu.

— Comece a dirigir — disse Schwinn.

— Mestrado — disse Tonya, quando o carro saiu. Na Fifth Street Schwinn disse: — Vire à esquerda. Entre na viela atrás daqueles edifícios.

- Grau de masturbador? — indagou Tonya.
- Por falar nisso — disse Schwinn. — Minha cara querida.
- Oh, eu adoro quando o senhor fala desse jeito, Sr. S. Milo reduziu a velocidade. Schwinn:
- Não faça isso, dirija normalmente... vire de novo e entre à direita... vá para leste. Alameda, onde ficam as fábricas.
- Revolução industrial — disse Tonya, e Milo ouviu mais alguma coisa: o farfalhar do pano, o barulho característico de um zíper que se abria. Arriscou uma olhada no retrovisor, viu a cabeça de Schwinn encostada nas costas do banco. Olhos fechados. Sorriso pacífico. Cinco quilos de hena balançando. Um momento mais tarde.
- Oh, sim, Senhorita T, senti sua falta, sabia disso?
- É mesmo, baby? Ah, você diz isso da boca para fora.
- Não, não é verdade.
- É mesmo, baby?
- Pode apostar. Senti falta de mim também?
- Sabe que sim, Sr. S.
- Todos os dias, Senhorita T?
- Todos os dias, Sr. S. Vamos lá, baby, mexa-se um pouco, ajude com isso.
- Fico feliz em ajudar — disse Schwinn. — Proteger e servir. Milo forçou os olhos a se concentrarem na frente. Nenhum som no carro, exceto o de respiração ofegante.
- Sim, sim — estava dizendo Schwinn agora, a voz fraca. Milo pensou: É isso o que é preciso para liquidar a presunção do panaca.
- Oh, sim, assim, minha cara... querida. Oh, sim, você é... uma...especialista. Uma...cientista, sim, sim.

Capítulo 7

- Schwinn disse a Milo para deixar Tonya na Eight perto da Witmer, depois da quadra onde ficava a Ranch Depot Steak House.
- Compre um belo de um bife para você, querida — disse ele passando umas notas para ela. — Coma uma daquelas batatas assadas gigantescas.
- Sr. S. — veio o protesto. — Não posso entrar lá vestida deste jeito; eles não vão me atender.
- Com isso aqui eles vão. — Outro maço de notas pressionado na palma da mão dela. — Mostre isso ao Calvin, na frente, diga que fui eu que mandei você... se tiver algum problema, me avise.
- Tem certeza? — Você sabe que tenho.
- A porta de trás se abriu, e Tonya saltou. O cheiro de sexo persistiu dentro do carro. O ar da noite entrou, frio, com o amargo do combustível fóssil.
- Muito obrigada, Sr. S. — Ela estendeu a mão. Schwinn prendeu-a na sua.
- Uma coisa mais, querida. Tem notícia de alguns caras durões operando na área Temple-Beaudry?
- Durões como?
- Cordas, facas, queimaduras de cigarro.

— Ooh — fez a piranha, com dor aparecendo na voz. — Não, Sr. S. sempre tem bandidos por aí, mas nunca ouvi falar de nada do gênero.

Beijinhos no rosto. Tonya seguiu na direção do restaurante, e Schwinn voltou para o banco da frente.

— De volta à delegacia, garoto.

Fechando os olhos. Satisfeito. Na Olive Street, ele disse: — Aí está uma negra muito inteligente, garoto. Se tivesse tido a mesma oportunidade de uma mulher branca e livre, teria ido longe. Mas que negócio é esse?

— Como assim?

— O modo como tratamos os negros. Faz sentido para você?

— Não — respondeu Milo. Pensando: Que diabo esse lunático está querendo? Depois: Por que Schwinn não oferecera a piranha a ele? Porque Schwinn e Tonya tinham algo de especial? Ou porque ele sabia?

— O que parece — sugeriu Schwinn — é que no modo como tratamos os negros às vezes a inteligência não conta.

Milo largou-o no estacionamento da Divisão Central e observou-o entrar no seu Ford Fairlane e sair na direção de Simi Valley, para a esposa que gostava de livros.

Sozinho, por fim.

Pela primeira vez desde o chamado na Beaudry, ele respirava normalmente.

Entrou na delegacia, subiu a escada e dirigiu-se apressadamente para a mesa de metal toda arranhada que tinham posto num canto da sala da Divisão de Homicídios para ele. As três horas seguintes foram gastas telefonando para o setor de Pessoas Desaparecidas em todas as delegacias, e como não obteve resultados, estendeu a busca a várias representações do xerife e departamentos de cidades próximas. Cada escritório mantinha seus próprios arquivos, ninguém coordenava, cada pasta tinha que ser consultada manualmente e o pessoal designado para trabalhar com Pessoas Desaparecidas relutava em ampliar sua atividade, mesmo sendo um caso de 187. Por mais que ele enfatizasse, realçasse a importância de descobrir o criminoso, o aspecto revoltante do crime, encontrava resistência. Até que por fim topou com algo que forçou tanto a cooperação quanto as imprecações na outra ponta: a probabilidade de cobertura pela imprensa. Tiras recebiam a imprensa sensacionalista. Às três horas da manhã ele conseguira reunir sete nomes de garotas brancas na mesma faixa etária. E então, o que fazia agora? Meter a mão na buzina e acordar os pais preocupados? Desculpe, Sra. Jones, mas a sua filha Amy já apareceu? Porque ainda temos o nome dela aqui como desaparecida e gostaríamos de saber se um saco cheio de vísceras e tecidos diversos esfriando na gaveta de um legista por acaso não seria ela.

O único modo de fazer aquilo era estabelecer um contato telefônico preliminar seguido por entrevistas face a face. Amanhã, numa hora decente. A menos que Schwinn tivesse outras ideias. Algo para corrigir-lo.

Transcreveu todos os dados do seu bloco nas folhas de relatório, preencheu os formulários devidos, desenhou de novo o croqui do corpo da garota, fez um sumário dos telefonemas dados para as seções de Pessoas Desaparecidas, criou uma pequena e bem arrumada pilha de papéis com o seu trabalho. Levantou-se e atravessou a sala até uma série de arquivos de aço, abriu uma das gavetas de cima e apanhou uma das diversas pastas-arquivo azuis de folhas soltas, empilhadas desordenadamente. Eram recicladas: quando os casos eram fechados, as páginas

eram removidas e grampeadas, colocadas em uma pasta de papel manilha e enviadas para a sala de provas de Parker Center.

Aquela pasta que ele pegara já vira melhores dias: puida nas bordas, com uma mancha castanha na capa vagamente evocativa de um rosa murcho — o lanche gorduroso de algum detetive. Milo afixou uma etiqueta na capa. Não escreveu nada. Nada para escrever.

Deixou-se ficar ali sentado, pensando na garota mutilada. Gostaria de saber qual era seu nome e não foi capaz de substituir Maria Ninguém.

Amanhã, primeira coisa, ia verificar cada uma daquelas sete desaparecidas. Talvez desse sorte e terminasse com um nome. Um título para um Livro do Assassino novo em folha.

Pesadelos o mantiveram acordado o resto da noite, e ele estava de volta à sua mesa às 6h45, o único detetive na sala, o que era ótimo. Nem se importou de preparar o café.

Às 7h20 estava telefonando para as famílias. A desaparecida número 1 era Sarah Jane Causlett, sexo feminino, branca, 18 anos, 1,68m, 55kg, vista pela última vez em Hollywood, comprando jantar no Oki-burger da esquina de Hollywood com Selma. Ring, ring ring.

— Sra. Causlett? Bom-dia, espero não estar incomodando por ligar tão cedo...

Lá pelas 9 horas tinha terminado. Três das sete garotas haviam voltado para casa, duas não tinham desaparecido, eram apenas vítimas de dramas de divórcio que fugiram para ficar com pai ou mãe que não tinham ficado com a sua guarda. Assim sendo, sobram dois casais atormentados, os Estes, de Mar Vista, e os Jacobs, de Mid-City.

Muita ansiedade, Milo reteve os fatos e preparou-se para o encontro pessoal.

As 9h30 alguns detetives tinham chegado, mas Schwinn não. Milo rabiscou um bilhete que pôs na mesa dele e saiu.

A uma da tarde estava de volta ao ponto onde começara. Uma foto recente de Misty Estes mostrava que ela era substancialmente obesa e que tinha o cabelo cacheado muito curto. A Divisão de pessoas Desaparecidas de West L.A. errara ao registrar seus dados: — 55 kg em vez de 85. Opa, desculpe. Milo deixou a mãe chorosa e o pai hipertenso de pé na porta do seu bangalô comprado graças a uma hipoteca prevista na lei dos veteranos de guerra.

Jessica Jacobs era aproximadamente do tamanho certo, mas definitivamente não era a garota da Beaudry: tinha olhos azuis extremamente claros e os da vítima eram castanho-escuros. Outra confusão urocática: ninguém havia se dado ao trabalho de registrar a cor dos olhos nos arquivos da Divisão de Pessoas Desaparecidas de Wilshire. 55 Ele deixou a casa dos Jacobs suado e cansado, encontrou um telefone público perto de uma loja de bebidas na Third com a Wilton conseguiu ligar para Schwinn e fez um relatório da falta de progresso — Bom-dia, garoto — disse Schwinn. — Arraste-se para cá, talvez haja algo.

— O quê?

— Volte.

Quando chegou à sala da Divisão de Homicídios, metade das mesas estava cheia, e Schwinn se balançava sobre duas pernas de sua cadeira, vestindo um terno azul-marinho de bela aparência, uma reluzente camisa branca, gravata dourada com prendedor no formato de um pequeno punho. Inclina-se precariamente para trás enquanto comia ruidosamente um burrito do tamanho de uma criança recém-nascida.

— Bem-vindo ao lar, filho pródigo.

— É.

— Você está péssimo.

— Obrigado.

— De nada. — Schwinn deu um de seus sorrisos tortos. — Quer dizer então que você aprendeu alguma coisa sobre nosso excelente sistema de arquivos. Nada pior que tiras, garoto. Detestam escrever e sempre fazem uma tremenda confusão. Estamos falando de gente praticamente analfabeta.

Milo gostaria de saber qual seria realmente o grau de estudo de Schwinn. Este tópico nunca fora falado. O tempo todo em que trabalhavam juntos, Schwinn soltara muito poucas informações de ordem pessoal.

— Erros de escrituração são a porra da regra, garoto. Os arquivos de Pessoas Desaparecidas são os piores, porque o pessoal que trabalha com isso sabe que na maior parte das vezes o garoto volta para casa e ninguém se dá o trabalho de avisar.

— Registre o desaparecimento e esqueça — disse Milo, esperando que a concordância calasse Schwinn.

— Registre e foda-se. Era por isso que eu não estava com pressa de examinar o arquivo de PD.

— Você sabe o que faz — disse Milo. O olhar de Schwinn endureceu.

— Então, o que é tão interessante? — perguntou Milo.

— Talvez seja interessante — corrigiu Schwinn. — Uma de minhas fontes soube de alguns boatos. Festa no Westside dois dias antes do assassinato. Noite de sexta, Stone Canyon, parte alta, Bel Air.

— Garotos ricos.

— Garotos podres de ricos, provavelmente usando a casa de Mamãe e Papai. Minha fonte diz que havia garotos de toda parte, se drogando, fazendo barulho. A fonte também sabe de um cara: tem uma filha, ela saiu com as amigas, passou algum tempo na festa e nunca voltou para casa. Talvez seja interessante.

Schwinn sorriu e mordeu um naco do burrito. Milo imaginara que o sujeito fosse desses que simulam doença para fugir de suas obrigações e acaba que o filho-da-mãe tinha feito hora extra, fazendo um ato solo, e produzindo. Os dois eram parceiros só no papel. Ele perguntou: — O pai não registrou em Pessoas Desaparecidas?

Schwinn deu de ombros.

— O pai é um pouco... marginal.

— Baixo nível?

— Marginal — repetiu Schwinn. Irritado, como se Milo fosse mau aluno, entendendo tudo errado. — E também ela já tinha feito isso antes... sair para uma festa e não voltar para casa por uns dias.

— Se a garota já fez isso antes, por que agora seria diferente?

— Talvez não seja. Mas os dados da garota se ajustam: 16 anos, em torno de 1,70m. Muito magra, cabelo escuro, olhos castanhos, corpinho bonito.

Foi perceptível um tom de apreciação na voz de Schwinn. Milo imaginou-o com sua fonte — um homem promíscuo, descrevendo lascivamente a garota desaparecida. Piranhas, gigolôs, perversos, Schwinn provavelmente tinha toda uma coleção de pessoas de vida condenável com quem podia contar para obter informações. E Milo tinha mestrado...

— Ela é considerada bonita — prosseguiu Schwinn. — Não é virgem, uma garota desvairada. E também, pelo menos uma vez antes, se meteu em encrenca. Pegando carona no Sunset, foi apanhada por um tipo escroto que a estuprou, amarrou e largou numa viela no centro da cidade. Um bêbado a encontrou, sorte dela que o cara era só um vagabundo e não um perverso querendo uns segundos de prazer. Nunca registrou o ocorrido oficialmente, só contou para uma amiga e a história circulou pela rua.

— Dezesesseis anos de idade, amarrada e estuprada e não registrou? — Como eu disse, não era nenhuma virgem. — O queixo esculpido à machadinha de Schwinn pulsou e seu olhar oblíquo visou o teto. Milo viu que escondia alguma coisa.

— A fonte é confiável?

— Geralmente.

— Quem? O sacudir de cabeça de Schwinn foi impaciente.

— Vamos nos concentrar no principal: temos uma garota cujas características se ajustam às da nossa vítima.

— Dezesesseis anos — disse Milo, aborrecido. Schwinn deu de ombros.

— Pelo que li... artigos de psicologia... o ser humano escolhe seu caminho muito cedo. — Ele se inclinou para trás e deu outra mordida imensa no burrito, limpou o molho verde da boca com as costas da mão e depois lambeu. — Você acha que é verdade, garoto? Acha que ela talvez não tenha registrado o acontecido porque gostou? Milo disfarçou a raiva com um encolher de ombros.

— E agora? Falar com o pai dela? Schwinn endireitou a cadeira, limpou o queixo, desta vez com um guardanapo de papel, levantou-se abruptamente e saiu, deixando que Milo o seguisse. Parceiros.

Do lado de fora, perto do carro descaracterizado, Schwinn virou-se para ele, sorrindo.

— Então me diga, como foi que você dormiu esta noite?

Schwinn recitou o endereço em Edgemont, e Milo deu a partida no carro. Hollywood, garoto. Uma verdadeira garota de Hollywood.

No trajeto de vinte minutos, ele deu um pouco mais de detalhes para Milo: o nome da garota era Janie Ingalls. Cursava o penúltimo ano da Hollywood High, morava com o pai no terceiro andar elevador de um bairro bastante decaído, logo ao norte do Boulevard Santa Mônica. Bowie Ingalls era um bêbado, que podia ou não estar em casa. A sociedade estava indo para o inferno; até mesmo os brancos estavam vivendo como porcos.

O edifício era uma deselegante coisa cor-de-rosa com janelas de tamanho menor que o normal. Milo diria que o prédio tinha 12 unidades. Quatro apartamentos por andar, provavelmente divididos por um estreito corredor central.

Estacionou, mas Schwinn não fez qualquer gesto no sentido de saltar, e os dois ficaram ali sentados, o motor em marcha lenta.

— Desligue — disse Schwinn.

Milo girou a chave e ouviu os sons da rua. O tráfego distante do Boulevard Santa Mônica, uns poucos trinados de passarinhos, uma pessoa invisível acionando um cortador de grama. A rua era mal conservada, com lixo por toda parte. Perguntou: — Além de ser bêbado, em que sentido o pai é um marginal?

— Um desses caras que andam por aí — respondeu Schwinn. Bowie Ingalls faz um pouco disso, um pouco daquilo. Dizem os boatos que coleta jogo para um bookmaker negro do centro da

cidade... que tal essa para a carreira de um branco? Poucos anos atrás trabalhava como mensageiro nos estúdios da Paramount e dizia que estava na indústria do cinema. Joga nos cavalos, tem um prontuário de tática, a maior parte bebedeiras e desordens, multas de trânsito não-pagas. Dois anos atrás foi em cana por ter recebido propriedade roubada, mas nunca chegou a ser acusado. Peixe pequeno, em tudo que faz. Detalhes. Schwinn encontrara tempo para estudar o prontuário de Bowie Ingalls.

— Um cara desses, e criando uma filha — disse Milo.

— É, é um mundo cruel, não é mesmo? A mãe de Janie era stripper e viciada, fugiu com um músico hippie quando a garota era bebê, "Correu de overdose em Prisco.

— Parece que você descobriu muita coisa.

— E o que você pensa? — A voz de Schwinn ficou cruel e o olhar voltou a endurecer.

Imaginando que Milo fora sarcástico? O próprio Milo não sabia ao certo se não tentara ser sarcástico.

— Tenho muito que aprender — disse ele. — Perdendo meu tempo com esses palhaços que trabalham com Pessoas Desaparecidas. Enquanto isso, você levantava esse monte de dados...

— Não puxe o meu saco, meu filho — disse Schwinn, e de repente o rosto cortado à machadinha estava a centímetros do de Milo que podia sentir o cheiro da Aqua Velva e da salsa verde. — Eu não fiz porra nenhuma, e não sei porra nenhuma. E você fez muito menos que porra nenhuma.

— Ei, desculpe se...

— Fodam-se suas desculpas, meu chapa. Você pensa que isto é um jogo? Tipo conseguir um grau de mestre, puxar o saco do professor e obter sua nota de puxa-saco? Pensa que se trata apenas disso? Falando muito mais depressa que o normal. O que diabos detonara aquilo? Milo se manteve em silêncio, Schwinn riu amargamente, afastou-se e sentou-se tão pesadamente que o corpo pesado de Milo balançou.

— Deixa eu lhe dizer uma coisa, garoto, essa outra merda que nós temos escavado desde que eu deixei você sair comigo... negros e mexicanos eliminando uns aos outros e esperando para que nós os peguemos... e se não pegarmos ninguém liga a mínima... você pensa que é só disso que se trata o universo do 187? O rosto de Milo estava quente do queixo ao couro cabeludo. Ele manteve a boca fechada.

— Isto... — disse Schwinn, puxando um envelope azul-claro do bolso de dentro do paletó e removendo um maço de fotos coloridas. Logomarca do laboratório de revelação em 24 horas. As fotos da Instamatic que ele tirara na Beaudry.

Ele as arrumou em forma de leque, abertas, como cartas de cartomante, em cima do colo magro. Close-ups da cabeça escalpelada e sangrenta da garota morta. Retratos íntimos do rosto sem vida, das pernas estendidas...

Isto — disse ele — é o motivo pelo qual somos pagos. As outras coisas os burocratas podem resolver. Os primeiros sete assassinatos tinham feito com que Milo se visse como um burocrata com um crachá de policial. Mas não se atreveu concordar. A concordância parecia injuriar o filho da...

— Você pensou que ia arranjar um bocado de diversão quando quis ser o Grande Herói Mau da Homicídios — disse Schwinn. Certo? — Falando ainda mais depressa, mas conseguindo destacar cada palavra. — Ou talvez você tenha tomado conhecimento daquele papo furado sobre

Homicídios ser para intelectuais, e aí, com seu mestrado, pensou, Ei, é comigo! Agora me diga uma coisa — ele bateu com a mão numa foto — isto lhe parece interessante? — mais batidas na foto. — Acha que isso pode ser resolvido usando o cérebro? Sacudindo a cabeça e dando a impressão de que tinha provado alguma coisa podre, Schwinn prendeu uma unha na ponta da foto e deu um piparote.

Punk plink Milo disse: — Olha, eu só...

— Você tem ideia de com que frequência casos como este são resolvidos? Aqueles palhaços na Academia provavelmente lhe disseram que a Homicídios tem uma taxa de setenta, oitenta por cento de casos resolvidos, certo? Mentira.

Ele se virou e cuspiu estrepitosamente pela janela. Voltou-se para Milo novamente.

— Com isto — p link plink — você terá muita sorte se conseguir resolver quatro em dez casos. Ou seja, a maior parte do tempo você perde e o cara acaba fazendo de novo e é como se dissesse foda-se para você justo como disse para ela.

Schwinn soltou a unha e começou a bater no instantâneo com a ponta gorda do indicador atingindo repetidamente a genitália da garota morta. Milo deu-se conta de que estava contendo a respiração, que a vinha contendo desde que Schwinn dera início ao longo discurso, sua pele continuava saturada de calor, e ele esfregou o rosto com uma das mãos. Schwinn sorriu.

— Eu estou irritando você. Ou talvez o esteja amedrontando. Você faz isso... com a mão... quando está puto da vida ou apavorado.

— Qual é a questão, Pierce?

— A questão é que você disse que eu aprendi muita coisa, e eu não aprendi porra nenhuma.

— Eu só estava...

— Não estava só coisa nenhuma — disse Schwinn. Não há lugar para só, não há lugar para mentira. Não preciso que a chefia me mande algum... grau de mestrado não confiável...

— Foda-se isso — disse Milo, liberando o ar dos pulmões e a raiva. — Eu tenho...

— Você tem me observado, me examinado, do minuto em que começou...

— Na esperança de aprender alguma coisa.

— Para quê? — indagou Schwinn. — Para que você possa ligar os pontos pretos e depois passe a desfrutar um trabalhinho de esquentar o rabo com a chefia. Garoto, eu sei do que você está a fim...

Milo sentiu ímpetos de usar a força. Movendo-se mais para perto de Schwinn, agigantando-se ao lado do magricela, o dedo indicador apontando como uma pistola.

— Você não sabe porra...

Schwinn não cedeu.

— Sei que panacas com mestrado não aguentam isto. — Tap tap.

— Sei que não quero desperdiçar meu tempo atuando em um caso em que preciso descobrir a autoria com um intelectual puxa-saco que só quer galgar a escada. Já que você é ambicioso, arranje um emprego de puxa-saco como Daryl Gates fez, dirigindo o carro do chefe Parker; um dia aquele palhaço provavelmente terminará como chefe — taptaptap. — Isto aqui não ajuda a construir uma carreira, muchacho. E uma história típica de detetive. Entende? Isto gosta de roer suas vísceras e depois bota você para fora em bolinhas.

— Você está errado — disse Milo. — A meu respeito.

— Estou? — Sorriso conhecedor.

Ah, pensou Milo. Aqui vem. O centro do problema. Mas Schwinn limitou-se a ficar ali sentado, sorrindo, batendo na foto.

Longo silêncio. Depois, de repente, como se alguém tivesse puxado o fio da eletricidade, o cara desabou pesadamente, parecendo derrotado.

— Você não faz ideia de contra quem está lutando. — Ele pôs as fotos no envelope novamente.

Milo, pensando: Se você odeia o emprego, aposente-se, panaca. Pegue sua pensão dois anos antes e passe o resto de sua vida plantando tomates em algum obscuro estacionamento de trailers.

Longos e intensos momentos se passaram.

— Um grande problema para ser resolvido, e nós sentados aqui? — disse Milo.

— Qual é a alternativa, Sherlock? — perguntou Schwinn, indicando com o polegar o edifício cor-de-rosa. — Vamos lá dentro, falamos com esse panaca e talvez sua filha seja essa garota que virou merda, talvez não. De um jeito, teremos rastejado um centímetro em uma caminhada de cem quilômetros; de outro, nem sequer teremos começado.

Seja como for, não teremos nada de que nos orgulhar.

Capítulo 8

Tão depressa quanto seu estado de espírito havia mudado, Schwinn pulou fora do carro. O cara era instável, não havia dúvidas a este respeito, pensou Milo seguindo-o.

A porta da frente estava destrancada. Doze caixas de correio à direita. O layout era precisamente como Milo visualizara. Ferrei você, sabidão.

A caixa 11 tinha uma etiqueta com o nome Ingalls escrito com esferográfica vermelha borrada. Subiram a escada, e quando chegaram ao terceiro andar Schwinn estava sem fôlego. Apertando o nó da gravata, ele bateu, e a porta foi aberta poucos segundos depois. O homem que atendeu tinha os olhos congestionados e era só pele e osso.

Tudo nele eram ossos pontudos, membros que pareciam gravetos, pele amarelada e frouxa, mas com um melão na barriga. Usava uma camiseta sem mangas amarela suja e shorts azuis. Não tinha ancas nem traseiro, e o short fazia um saco debaixo do inchaço de sua pança. Nenhum grama de carne extra em qualquer parte do seu corpo, exceto na barriga. Mas o que carregava ali era grotesco e, Milo pensou, Grávido.

— Bowie Ingalls? — perguntou Schwinn. Dois segundos de retardo, depois um balançar de cabeça tímido, quase imperceptível. O suor de cerveja porejava no corpo do cara e o cheiro de azedo flutuava no corredor.

Schwinn não tinha citado dados numéricos de Ingalls — na verdade, não dissera coisa alguma como preparação. Para Milo, parecia estar nos seus quarenta anos, com o cabelo preto, ondulado e grosso passando dos ombros — muito comprido e chamativo para um cara da idade dele — e cinco dias de barba grisalha por fazer, o que em nada contribuía para mascarar as feições fracas. Onde os olhos não estavam vermelhos eram amarelados, como que indicando icterícia, e desfocados. As íris eram de um castanho bem escuro, exatamente como as da garota.

Ingalls estudou as identidades deles. Seu ritmo era como o de um relógio com a engrenagem danificada. Ele hesitou, sorriu e disse: — O que é que há?

— As palavras saíram mastigadas e envoltas por uma nuvem de lúpulo e malte que se

misturou com os demais odores que já saturavam as paredes da casa: bolor e querosene, a incongruente bênção da comida saborosa feita em casa.

— Podemos entrar? — perguntou Schwinn.

Ingalls abriu a porta pela metade. Atrás dele havia uma mobília cor de lama, montes de roupas amarratadas e em desordem, embalagens de papelão para comida chinesa, latas de Bud vazias.

Muitas latas vazias, algumas esmagadas, outras intactas. Mesmo com uma contagem rápida, o número de latas representava mais que um dia de sério consumo.

Uma bebedeira de vários dias. A menos que o cara tivesse companhia. Mesmo com companhia, uma dedicada maratona cervejeira.

A filha do cara desaparece há quatro dias, ele não participa, pelo contrário, se esconde, mamando cerveja. Milo levantou a pior hipótese: Papai é o responsável.

Começou a examinar o rosto amarelado de Ingalls a procura de traços de ansiedade, culpa, arranhões, que talvez explicassem a demora... Mas só viu confusão. Ingalls parado ali na frente deles, aturdido pelo álcool.

— Senhor — disse Schwinn, usando a palavra como um insulto, do modo como só os tiras são capazes —, podemos entrar?

— Ah... sim, claro... para quê?

— Por causa de sua filha.

Os olhos de Ingalls fitaram o chão. Sem ansiedade. Resignação Tipo, lá vamos nós de novo. Preparando-se para um sermão sobre criação de filhos.

— Que foi, ela matou aula de novo? Agora chamam a polícia por causa disso? Schwinn sorriu e entrou no apartamento. Ingalls deu um passo de lado, quase tropeçando. Quando os três estavam do outro lado da porta, Schwinn fechou-a. Ele e Milo começaram um instintivo exame visual.

Paredes de um branco sujo, castanho virando preto nas rachaduras e nos cantos. O espaço todo seria talvez um quadrado de quatro metros e meio, uma área combinada de sala de estar, sala de jantar e cozinha, as bancadas da cozinha entupidas com mais caixas de comida para viagem, pratos de papel usados, latas de sopa vazias.

Duas janelas vagabundas eram fechadas por persianas de plástico amarelas. Um sofá pardo escabroso e uma cadeira de plástico vermelho, ambos com um monte de roupa suja amontoada e papel amassado. Perto da cadeira, uma pilha de discos equilibrados precariamente.

Em cima, Freak Out, do Mothers of Invention, um LP de 15 anos atrás. Perto havia um toca-discos meio coberto por um roupão de banho verde.

Uma visão completa da sala da frente revelou ainda mais latas de cerveja.

— Em que escola Jane estuda, senhor? — perguntou Schwinn.

— Hollywood High. Em que tipo de confusão ela se meteu agora? — Bowie Ingalls coçou o covado e se esticou. Tentando demonstrar alguma indignação paterna.

— Quando a viu pela última vez, senhor?

— Humm... ela estava... ela dormiu na casa de uma amiga.

— Quando, senhor? — insistiu Schwinn, ainda examinando o aposento. Frio, estritamente profissional. Ninguém que o visse funcionando como detetive imaginária seu discurso lunático de cinco minutos antes. Milo ficou de lado, esforçando-se para ficar calmo. Seu cérebro queria

trabalhar, mas o corpo continuava a sentir a raiva plantada pelo rompante de Schwinn; o coração ainda disparado, o rosto quente. A despeito da importância da tarefa que tinha diante de si, continuou se entretendo com imagens de Schwinn se ferrando caindo na própria cilada, o filho-da-mãe metido a santo — preso in flagrante com Tonya ou alguma outra "fonte". O que trouxe um sorriso ao cérebro de Milo. Aí levantou uma questão: se Schwinn não confiava nele, por que tinha se arriscado com Tonya na frente dele? Talvez fosse apenas maluco... ele se livrou de tudo isso e retornou ao rosto de Bowie Ingalls. Ainda ausência de medo, só um embotamento de enlouquecer.

— Hmm... sexta de noite — disse Ingalls, como que adivinhando.

Havia um único lugar para sentar naquela pocilga. Uma clareira do tamanho de um homem no meio do lixo depositado no sofá. O lugar onde Ingalls cochilava. Convidativo.

— Não, obrigado — disse Schwinn, que tinha agora seu bloco na mão. Milo esperou um pouco para apanhar o seu. Não queria fazer parte de um possível número de teatro de vaudeville chamado Ikeand-Mike. — Quer dizer então que Janie dormiu na casa de uma amiga na noite de sexta.

— É. Na sexta-feira.

— Quatro dias atrás — Schwinn pegou sua esferográfica Parker de ouro e fez uma anotação.

— É. Ela faz isso o tempo todo.

— Dormir com uma amiga?

— Ela tem 16 anos — disse Ingalls, lamuriando-se.

— Qual é o nome da amiga? A da noite de sexta-feira?

A língua de Ingalls rolou pela sua bochecha esquerda.

— Linda... não... Melinda.

— Sobrenome?

Olhar vazio.

— Você não sabe o sobrenome de Melinda?

— Não gosto dessa piranha — disse Ingalls. — Má influência. Não gosto dela aqui.

— Melinda é má influência para Janie?

— É. Você sabe.

— Coloca Janie em dificuldades — sugeriu Schwinn.

— Você sabe — repetiu Ingalls. — Crianças. Fazendo coisas. Milo perguntou-se o que poderia ofender um escroto como Ingalls Schwinn: — Coisas. — É.

— Tais como?

— Você sabe — insistiu Ingalls. — Matar aula, andar por aí.

— Maconha?

— Não sei de nada.

— Hmm... quer dizer então que Melinda exerce má influência sobre Janie, mas você deixa Janie dormir na casa de Melinda.

— Deixar — repetiu Ingalls, tossindo. — Você tem filhos?

— Não fui abençoado.

— Imagino que seja por isso que me faz essa pergunta. Hoje em dia não tem nada de se deixar as crianças isso ou aquilo. Elas fazem o que diabo for que desejem. Não consigo nem fazer com que ela me diga onde vai. Ou que fique na escola. Tentei deixá-la pessoalmente lá,

mas ela entrou, esperou que eu fosse embora e saiu. Foi por isso que imaginei que vocês estavam aqui por causa de algo que tivesse a ver com a escola. Mas de que se trata, afinal? Ela está encrencada?

— Você teve problemas com Janie antes?

— Não — respondeu Ingalls. — Não chegou a ser problema de verdade. Como falei, só a escola e os sumiços. Desaparece por uns dias. Mas sempre volta. Deixe que eu lhe diga uma coisa, cara, não se consegue controlá-los. Depois que os hippies chegaram e tomaram conta da cidade, esquece. A mãe dela era uma hippie, no tempo dos hippies. Hippie viciada e suja. Fugiu de casa, me deixou com a Janie.

— Janie usa drogas?

— Não por aqui. Sabe que é melhor não usar. — Ele piscou diversas vezes, fez uma careta, tentou clarear a mente e não conseguiu. — O que é que há? O que ela andou fazendo?

Ignorando a pergunta, Schwinn continuou escrevendo.

— Hollywood High... em que série ela está?

— Segundo ano.

— Segundo ano.

Outro balançar de cabeça com reação retardada de Ingalls. Quantas daquelas latas de cerveja ele teria consumido?

— Segundo ano. — Desta vez Schwinn escreveu. — Quando é o aniversário dela?

— Humm... março — disse Ingalls. — Março... dez de março.

— Ela fez 16 anos no último dia 10 de março.

— Sim.

Dezesseis anos e meio no segundo ano, pensou Milo. Um ano atrasada. Inteligência fronteiriça? Algum tipo de problema de aprendizagem? Algum outro fator que a tivesse empurrado para a vitimização? Se fosse aquela...

Milo deu uma olhada para Schwinn, mas o parceiro ainda estava escrevendo, e ele resolveu arriscar uma pergunta por conta própria.

— A escola é difícil para Janie, não é mesmo? As sobranceiras de Schwinn ergueram-se por um segundo, mas ele continuou tomando notas.

— Ela odeia — disse Ingalls. — Mal consegue ler. É por isso que odeia... — Os olhos injetados de sangue se encheram de medo. — O que está acontecendo? O que foi que ela fez?

Focado em Milo agora. Olhando para Milo na expectativa de uma resposta, mas aquele era um improviso que Milo não ia arriscar, e Ingalls deslocou a atenção para Schwinn.

— Vamos lá, cara, o que está acontecendo? O que ela fez?

— Talvez nada — disse Schwinn, pegando o envelope azul. — Pode ser que algo tenha sido feito a ela.

Ele arrumou as fotos de novo em forma de leque, esticou o braço e ofereceu a Ingalls a visão do conjunto.

— Hem? — disse Ingalls, sem se mover. Depois: — Não.

Calmamente. Sem inflexão. Milo pensou: OK, não era ela, pista falsa, melhor para ele, pior para nós. Não tinham conseguido nada. Schwinn tinha razão. O filho-da-mãe pomposo ia tripudiar, o resto do turno seria insuportável.

Mas Schwinn continuou a segurar as fotos com firmeza, e Bowie continuou a olhar

fixamente para elas.

— Não — repetiu Ingalls. Ele quis pegar os retratos, mas não foi uma tentativa séria, só um gesto patético. Schwinn ficou firme, e Ingalls recuou para fugir do horror, comprimindo com as mãos os lados da cabeça. Batendo o pé com força suficiente para fazer o chão tremer.

De repente, ele segurou a barriga de melão e dobrou-se como se atacado de câimbras. Bateu o pé de novo e uivou: — Não!

Continuou uivando. Schwinn deixou que ele extravasasse por algum tempo, depois encaminhou-o para a clareira no sofá e disse para Milo: — Arranje um fortificante para ele.

Milo encontrou uma Bud fechada, abriu-a e levou-a à boca de Ingalls, mas ele sacudiu a cabeça.

— Não, não, não! Tire essa merda de perto de mim.

O cara vivia em meio a uma névoa alcoólica, mas não queria se medicar ao atingir o fundo do poço. Milo supôs que aquilo se destinava a passar por dignidade.

Ele e Schwinn ficaram ali parados pelo que parecia ser uma eternidade. Schwinn sereno — acostumado. Gostando? Finalmente Ingalls levantou os olhos.

— Onde? — perguntou. — Quem?

Schwinn deu-lhe os detalhes básicos, falando baixo. Ingalls gemeu o tempo todo.

— Janie, Janie...

— O que você pode dizer que nos ajude? — perguntou Schwinn.

— Nada. O que eu poderia dizer...? — Ingalls estremeceu. Tremeu. Cruzou os braços esqueléticos no peito. — Que... quem faria... oh, Deus... Janie...

— Diga-nos alguma coisa — pressionou Schwinn. — Qualquer coisa. Ajude-nos.

— O que... Eu não sei... Ela não... desde que fez 14 anos basicamente foi embora, usando esta casa como uma pensão gratuita, mas sempre ausente, mandando que eu não enchesse o saco, cuidando da minha vida. Metade do tempo ela não está aqui, entende o que digo?

— Dormindo na casa de amigas — disse Schwinn. — Melinda, outras amigas.

— Não importa... Oh, meu Deus, não posso acreditar.

Os olhos de Ingalls encheram-se de lágrimas, e Schwinn acudiu com um lenço branco como a neve. Monogramas PS em linha dourada num canto. O cara primeiro fazia um discurso desesperado e pessimista e depois oferecia seu próprio lenço engomado a um bêbado, em benefício do trabalho.

— Ajude-me — sussurrou ele para Ingalls. — Por Janie.

— Eu... Eu não sei... ela... eu... não nos falávamos. Não desde... ela era minha garotinha, mas depois não quis mais ser, mandando que eu largasse do pé dela o tempo todo. Não estou dizendo que eu fosse grande coisa como pai, mas ainda assim, sem minha presença, Janie teria... ela fez 13 anos e de repente não gostava mais de nada. Começou a sair o tempo todo, cagava solenemente para a escola. Janie nunca ia e ninguém da escola jamais me avisou, nem uma vez.

— Você entrou em contato com a escola? Ingalls sacudiu a cabeça.

— De que adiantava? Falar com gente que não liga a mínima. Se eu telefonasse, eles provavelmente mandariam a polícia, e eu ia ser preso por alguma coisa, negligência, sei lá o quê. Eu era ocupado, cara. Trabalhando. Eu trabalhava para os estúdios da Paramount.

— Ah, é? — indagou Schwinn.

— É. Departamento de publicidade. Transferência de informações.

— Janie era interessada em cinema? — Nada. Qualquer coisa em que eu estivesse dentro ela estaria fora.

— Esta amiga, Melinda. Se Janie nunca lhe disse onde ia, como é que você sabe que ela estava na casa de Melinda na noite de sexta? — Porque eu a vi com Melinda.

— A que horas? — Por volta das seis. Eu estava dormindo, e Janie irrompeu porta adentro para pegar umas roupas. Acordei, quando estava sentando, ela estava saindo pela porta, e olhei por ali. — Ele indicou a janela quebrada com um gesto brusco do polegar. — Vi Janie se afastando a pé.

— Em que direção?

— Aquela — dobrando o dedo na direção norte. Do Sunset, talvez, do Hollywood Boulevard, se as garotas continuassem sem parar.

— Havia mais alguém com elas?

— Não, só as duas.

— A pé, caminhando, e não de carro — reiterou Schwinn.

— Janie não tinha carteira de motorista. Eu tenho um carro, que raramente anda. De modo algum eu ia... de qualquer maneira, ela não ligava. Andava por aí na base da carona. Falei com ela... eu pegava carona, no tempo em que se podia, mas agora, com toda a... você acha que foi isso que aconteceu? Ela pegou uma carona e algum... oh, meu Deus...

Sem ter ciência do estupro no centro da cidade? Nesse caso, o cara estava sendo honesto a respeito de uma coisa: perdera Janie havia muito tempo.

— Algum o quê? — quis saber Schwinn.

— Algum... você sabe — gemeu Ingalls. — Foi apanhada por... algum estranho.

As fotos voltaram para dentro do envelope, mas Schwinn conservou o envelope bem visível. Ele o pegou e balançou-o a centímetros do rosto de Ingalls.

— Eu diria, senhor, que apenas um estranho poderia fazer uma coisa dessas. A menos que o senhor tenha outra ideia.

— Eu? Não — afirmou Ingalls. — Ela era como a mãe. Não falava. Me dá aquela cerveja.

Uma vez esvaziada a lata, Schwinn sacudiu o envelope de novo.

— Voltemos à sexta-feira. Janie veio em casa apanhar roupas. O que ela estava vestindo?

Ingalls pensou.

— Calça jeans e uma camiseta... camiseta vermelha... e aqueles sapatos pretos malucos com uns saltos... plataforma, é o nome. Estava carregando suas roupas de festa.

— Roupas de festa.

— Quando acordei e a vi saindo pela porta, pude ver parte do que tinha na sacola.

— Que tipo de sacola?

— Uma sacola de compras. Branca. Provavelmente da Zody's, que é lá que ela faz compras. Sempre enfiou suas coisas em sacolas de compras.

— O que foi que viu na sacola?

— Uma camiseta sem mangas vermelha do tamanho de um Band-aid. Sempre disse a ela que aquilo era uma merda de uma roupa de piranha, que devia jogar aquilo fora, costumava ameaçá-la de jogar fora eu mesmo.

— Mas não jogou.

— Não. De que teria adiantado?

— Camiseta vermelha — disse Schwinn. — Que mais?

— Foi tudo que vi. Provavelmente uma saia, uma dessas microminis, que é só o que ela compra. Os sapatos já estavam calçados.

— Pretos com grandes saltos.

— Preto reluzente — disse Ingalls. — Verniz. Uns saltos malucos... vivo dizendo a ela que vai cair e quebrar o pescoço.

— Traje de festa — disse Schwinn, escrevendo.

Roupa de festa preta e vermelha, pensou Milo, lembrando-se de algo dos seus tempos de escola, as rodinhas de rapazes pontificando, repetindo em coro: vermelho e preto nas sextas-feiras significava que a garota toparia tudo, até o fim. E ele, rindo junto, fingindo que se importava... Bowie Ingalls disse: — Exceto pelos jeans e pelas camisetas, é só o que ela compra. Troços para festa.

— Por falar nisso — disse Schwinn —, vamos dar uma olhada no armário dela.

O resto do apartamento era composto de dois quartos do tamanho de celas, separados por um banheiro sem janelas que fedia a flatulência. Schwinn e Milo deram uma espiada no quarto de dormir de Ingalls quando passaram. Um colchão maior que o comum tomava quase todo o chão. As cobertas sujas estavam meio puxadas e se amontoavam no carpete barato. Uma minitelevisão ameaçava cair de cima de uma cômoda de madeira compensada. Mais Bud vazias. O quarto de Janie era menor ainda, mal comportando um colchão de solteiro e uma mesinha-de-cabeceira da mesma madeira sintética. Recortes de revistas de adolescente tinham sido colados nas paredes, dispostos de qualquer maneira. Um coala de pelúcia, parecendo enlameado, estava caído em cima da mesinha, perto de um maço mole de Kents e de uma caixa meio vazia de pastilhas Luden para tosse. O quarto era tão atravancado que o colchão impedia que a porta do armário abrisse por completo, e Schwinn teve que contorná-la para dar uma olhada no seu interior. Ele recuou, saiu e disse a Milo: — Você abre.

O tamanho de Milo fez com que a tarefa fosse excruciante, mas ele obedeceu.

A Zody's era um galpão que vendia coisas baratas. Mesmo com seus preços baixos, Janie Ingalls não conseguira reunir algo que chegasse a ser um guarda-roupa. No chão poeirento havia um par de tênis tamanho 38, perto das sandálias tipo plataforma Thom McAnn e botas de plástico branco com solas de plástico transparente. Duas calças jeans tamanho P estavam displicentemente penduradas no armário, uma de brim desbotado com buracos que poderiam ser causados pelo uso ou de propósito, a outra de retalhos de brim, ambas fabricadas em Taiwan. Quatro camisetas com nervuras, pequenas, com mangas cortadas em ângulos de quarenta e cinco graus, uma blusa de algodão floral com buracos de traça no bolso da frente, três camisetas sem manga não muito maiores que o lenço que Schwinn oferecera a Ingalls — azul-pavão, preto-e-branco perolado. Um suéter vermelho com a palavra Hollywood bordada em gordas letras douradas, uma jaqueta curta de plástico preto fingindo ser couro, enrugado como a pele do rosto de uma velhinha.

Na gaveta de cima havia calcinhas tipo biquíni, sutiãs, meias-calças e mais poeira. Tudo fedendo a cigarro. Só uns poucos bolsos para revistar. A não ser por lanugem, areia e um envoltório de pastilhas de hortelã, Milo nada encontrou. Uma existência em branco não muito diferente do seu próprio apartamento, que ele não se dera o trabalho de mobiliar desde sua chegada a L.A., já que nunca estivera muito seguro de que ficaria. Revistou o resto do quarto. Os

pôsteres de revistas eram a coisa mais próxima de artigos pessoais. Nada de diário, agenda ou fotos A amigos— Se Janie algum dia chamara aquele lixo de lar, mudara de ideia algum tempo atrás. Milo perguntou-se se ela não teria outro lugar de refúgio — uma guarida, um esconderijo, algum lugar onde guardasse seus troços.

Olhou debaixo da cama, encontrou sujeira. Quando conseguiu se desembaraçar, o pescoço o matava de dor e os ombros latejavam. Schwinn e Milo voltaram para a frente da casa e Milo aproveitou para checar o banheiro, comprimindo as narinas para bloquear o fedor.

Examinou o armário de remédios.

Somente do tipo que é vendido sem receita — analgésicos, laxativos, remédios para diarreia, antiácidos — um monte de antiácidos. Alguma coisa devorando as tripas de Bowie? Culpa ou apenas álcool? Milo descobriu que ansiava por uma bebida.

Quando se juntou aos outros dois, Ingalls tinha arriado no sofá, parecendo desorientado e dizendo: — O que é que eu faço agora? Schwinn manteve-se longe do cara, desinteressado. Ingalls não tinha mais utilidade para ele.

— Haverá alguns procedimentos... identificação, preenchimento de formulários. A identificação pode esperar até depois da autópsia. Pode ser que tenhamos mais perguntas para você.

Ingalls levantou os olhos.

— Sobre o quê?

Schwinn entregou a ele seu cartão.

— Se lembrar de alguma coisa, dê um telefonema.

— Já contei tudo.

Milo: — Havia algum outro lugar onde Janie pudesse dormir?

— Tipo o quê?

— Tipo um albergue, por exemplo. Algum lugar onde garotos vão.

— Não sei aonde vão os garotos. Não sei aonde minha própria filha vai, como ia saber aonde vão os outros?

— OK, obrigado. Sinto muito pela sua perda, senhor Ingalls.

Schwinn indicou a porta para Milo, mas quando chegaram lá, ele se virou para Ingalls: — Uma coisa mais. Como é a aparência de Melinda?

Pergunta básica, pensou Milo, mas ele não tinha pensado em formulá-la. Schwinn tinha, mas ele orquestrava, cronometrava tudo. O cara podia ser maluco, mas estava quilômetros à frente dele.

— Baixinha, peitões... grandes... meio gorda. Cabelo louro, muito comprido, liso.

— Voluptuosa — sugeriu Schwinn, saboreando a palavra.

— Seja o que for.

— É da idade de Janie?

— Talvez um pouco mais velha.

— Segundo ano, também?

— Não sei.

— Má influência — disse Schwinn.

— Com certeza.

— Você tem um retrato da Janie? Alguma coisa que a gente possa mostrar por aí?

— Eu tinha que ter um, não é? — disse Bowie, como se estivesse respondendo a um exame oral. Pondo-se de pé, ele foi tropeçando até o quarto e voltou momentos depois com uma foto 15 x 20.

Uma criança morena com cerca de 10 anos de idade usando um vestido sem manga e olhando fixamente para um Mickey Mouse de um metro e meio de altura. Mickey dando aquele sorriso idiota, a menina nem um pouco impressionada — na verdade, apavorada. Não havia como ligar aquela criança ao horror acontecido na Beaudry.

— Disney lândia — explicou Ingalls.

— Você levou Jane lá? — perguntou Milo, tentando imaginar a viagem.

— Nada disso, ela foi com a escola. Teve um desconto para o grupo.

Schwinn devolveu a foto a Ingalls.

— Eu estava pensando em algo mais recente.

— Devo ter alguma coisa — disse Ingalls —, mas duvido que eu possa encontrar. Se eu descobrir, telefono.

— Eu notei — disse Milo — que não havia um diário no quarto de Jane.

— É você que está dizendo.

— Você nunca viu um diário ou uma agenda... um álbum de fotografias?

Ingalls sacudiu a cabeça.

— Eu me mantinha afastado dos troços da Janie. Mas ela não tinha nada disso. Janie não gostava de escrever. Escrever era difícil para ela. Sua mãe era assim também: na verdade, nunca aprendeu a ler. Tentei ensinar à Janie. A escola não fez merda nenhuma.

Papai Bebum sentado ao lado de Janie, ensinando. Difícil de imaginar.

Schwinn franziu a testa — tinha perdido a paciência com a linha de interrogatório de Milo e girou a maçaneta com força. — Boa tarde, senhor Ingalls.

Quando a porta se fechou, Ingalls gritou: — Ela era a minha menina.

— Que idiota — disse Schwinn no caminho para Hollywood High.

— Pais idiotas, filha idiota. Genética. Era nisso que você queria chegar com aquelas perguntas sobre escola?

— Eu estava pensando que problemas de aprendizagem poderiam ter feito dela uma vítima mais fácil — disse Milo.

— Qualquer um pode ser uma vítima — rosnou Schwinn.

A escola era uma construção feia que com suas paredes pardas enchia uma quadra do lado norte do Sunset Boulevard, logo a oeste de Highland. Tão impessoal quanto um aeroporto, e Milo sentiu a maldição da futilidade no momento em que seus pés pisaram no campus. Ele e Schwinn passaram pelo que parecia ser milhares de garotos — cada um deles chateado, baratinado, mal-humorado. Sorrisos e risadas eram aberrações e qualquer olhar dirigido aos detetives era hostil. Pediram informações a um professor, tiveram a mesma recepção gélida, e não foi muito melhor no gabinete do diretor. Enquanto Schwinn falava com a secretária, Milo estudava as garotas que circulavam no corredor quente e úmido. Roupas justas ou mínimas e Maquiagem de piranha parecia ser a moda, todos aqueles corpos recém-desenvolvidos prometendo algo que eles talvez não fossem capazes de fornecer, e perguntou-se quantas Janies em potencial haveria ali. O diretor fora a uma reunião no centro da cidade, e a secretária os encaminhou ao vice-diretor de operações, que, por sua vez, os mandou mais para o fim da linha, para o gabinete de orientação.

A orientadora com quem falaram era uma bonita jovem chamada Ellen Sato, pequenina, eurásiana, de cabelos longos, lisos e alourados nas pontas. A notícia da morte de Janie fez com que fechasse a cara, e Schwinn aproveitou para pressioná-la com perguntas.

Inútil. Nunca ouvira falar de Janie e finalmente admitiu que estava naquele emprego havia menos de um mês. Schwinn continuou pressionando, e ela, depois de desaparecer por algum tempo, retornou com más notícias: não havia registro do nome Ingalls referente a sessões de orientação ou ações disciplinares. A garota era uma gazeteira habitual, mas não tinha entrado no sistema. Bowie Ingalls tinha razão numa coisa: ninguém se importava.

A pobre garota nunca tivera um porto seguro, pensou Milo, lembrando sua breve experiência com a vadiagem: no tempo em que sua família ainda morava em Gary e o pai trabalhava com aço, ganhando bom dinheiro, sentindo-se como um chefe de família. Milo tinha nove anos e vinha sendo perseguido por sonhos terríveis desde o verão — visões de homens. Numa segunda-feira sombria, saltou do ônibus da escola e, em vez de entrar para as aulas, continuou andando sem destino, colocando um pé na frente do outro. Terminou em um parque, onde se sentou num banco como um velho cansado. O dia inteiro. Uma amiga de sua mãe o viu e o denunciou. Mamãe ficara perplexa; Papai, sempre um homem de ação, soube exatamente o que fazer. A correia entrou em ação. Levou dez lambadas do cinto suado de um operário siderúrgico. Milo não se sentou confortavelmente por muito tempo.

Mais um motivo para odiar o velho. Ainda assim, nunca repetira a transgressão e terminou se formando com boas notas. A despeito dos sonhos. E de tudo que se seguiu.

Certamente seu pai o teria matado se soubesse o que estava realmente acontecendo. Assim ele fez planos aos nove anos de idade: Você precisa se afastar dessa gente. Agora ele pensava: Talvez fosse um felizardo.

— OK — estava dizendo Schwinn a Ellen Sato —, vocês aqui não sabem muita coisa a respeito dela... A jovem estava à beira das lágrimas.

— Sinto muito, senhor. Como falei, eu só... que foi que aconteceu a ela?

— Alguém a matou — disse Schwinn. — Estamos procurando uma amiga dela. Deve estudar aqui também. Melinda, 16 ou 17 anos. Cabelo louro comprido. Voluptuosa. — Ele colocou as mãos em concha na frente do peito mirrado.

A pele de marfim de Sato ficou rosa.

— Melinda é um nome comum...

— Que tal uma olhada na lista de alunos?

— A lista... — as mãos graciosas de Sato se agitaram. — Eu poderia arranjar um anuário para o senhor.

— Você não tem lista de alunos?

— Eu... eu sei que temos listas das classes, mas estão no gabinete do vice-diretor Sullivan e é preciso preencher alguns formulários. Está bem, vou procurar. Nesse meio tempo, sei onde estão os anuários. Ali — disse ela, apontando para um armário.

— Ótimo — disse Schwinn, sem a menor paciência.

— Pobre Janie — disse Sato. — Quem faria uma coisa dessas?

— Uma pessoa má, senhora. Alguém vem à sua cabeça?

— Oh, céus, não... eu não estava... deixa eu ir apanhar aquela lista.

Os dois detetives sentaram em um banco na sala de espera do gabinete de orientação,

folheando os anuários, sem tomar conhecimento dos olhares de zombaria dos alunos que iam e vinham. Copiando os nomes de todas as Melindas de pele branca, independente do ano que cursassem, porque não sabiam o quão preciso Bowie Ingalls era essas questões de idade. Sem se limitar às louras, tampouco, porque pintar o cabelo era uma necessidade básica entre adolescentes.

Milo disse: — Que tal mexicanas de pele clara?

— Nada disso. Se ela fosse cucaracha, Ingalls teria mencionado.

— Por quê?

— Porque ele não gosta dela. Teria adorado acrescentar outro ponto negativo à sua descrição.

Milo voltou a verificar jovens rostos brancos. Produto final: 18 possibilidades. Schwinn avaliou a lista e fez uma careta.

— Nomes, e não números. Ainda precisamos da porra de uma lista de chamada para rastrear-la.

Tinha falado baixo, mas o tom de sua voz era inconfundível, e a recepcionista, a poucos metros, levantou os olhos e fechou a cara.

— Oi — disse Schwinn, levantando a voz e sorrindo furiosamente. Ela se acovardou e voltou à máquina de escrever.

Milo examinou a foto de Janie Ingalls no primeiro ano. Nenhuma lista de atividades extracurriculares. Cabelo escuro imenso arranjado com abandono sobre um belo rosto ovalado tornado fantasmagórico por camadas de maquiagem e uma vampiresca sombra nos olhos. A imagem diante dele nem era a da Janie de 10 anos brincando com Mickey, nem do cadáver largado na rampa da rodovia. Tantas identidades para uma menina de 16 anos de idade. Pediu à recepcionista para fazer uma fotocópia, e ela concordou, de má vontade. Primeiro examinando o retrato.

— Conheceu-a, senhora? — perguntou Milo, tentando ser o mais amável que podia.

— Não. Aqui está. Não saiu muito boa. Nossa máquina precisa ser ajustada.

Ellen Sato retornou, maquiagem recém-refeita, olhar indeciso, forçando um sorriso.

— Como vamos? Schwinn levantou-se rapidamente, concentrado no rosto dela, intimidando-a com sua expressão corporal, sorrindo aquele mesmo sorriso hostil.

— Oh, muito bem, senhora. — Ele brandiu a lista de dezoito nomes. — Que tal agora nos apresentar essas lindas moças?

Reunir as Melindas exigiu mais quarenta minutos. Doze das 18 garotas estavam presentes e entraram na sala parecendo supremamente entediadas. Apenas duas tinham uma vaga noção da existência de Janie Ingalls. Nenhuma admitiu ser amiga íntima dela ou conhecer alguém que fosse, nenhuma deu a impressão de estar escondendo algo.

Não muita curiosidade, tampouco, a respeito da razão pela qual tinham sido chamadas para falar com os tiras. Como se a presença da polícia fosse usual na Hollywood High. Ou elas simplesmente não se importavam.

Uma coisa era clara: Janie não deixara marca no campus. A garota que se mostrou mais acessível terminou na fila de Milo. Não chegava a ser propriamente loura, a nem um pouco voluptuosa Melinda Kantor.

— Ah, sim, ela. Maconheira, certo?

— É mesmo?

A garota deu de ombros. Tinha um rosto bonito, comprido, um tanto equino. Unhas de cinco centímetros, esmalte cintilante verde-água, sem sutiã.

Milo: — Ela anda por aí com outras maconheiras?

— Ahã, ela não é do tipo social... faz mais o gênero solitário.

— Uma maconheira solitária.

— Isso aí.

— O que significa...

A garota lançou-lhe um olhar que dizia você-é-o-maior-doscaretas.

— Ela fugiu ou algo assim?

— Algo assim.

— Bem — disse Melinda Kantor —, talvez ela esteja no Boulevard.

— Hollywood Boulevard?

O sorriso irônico resultante dizia, Outra pergunta burra, e Milo soube que a estava perdendo.

— O boulevard aonde os maconheiros solitários vão.

Melinda Kantor agora olhou para Milo como se ele tivesse sofrido morte cerebral. Eu só estava fazendo uma sugestão. O que foi que ela fez?

— Talvez nada.

— Sim, certo — disse a garota. — Estranho.

— O quê?

— Geralmente eles mandam policiais da Narcóticos jovens e bonitos.

Ellen Sato apresentou os endereços e telefones das seis Melindas ausentes, e Milo e Schwinn passaram o resto do dia fazendo visitas. As quatro primeiras garotas moravam em casas pequenas, mas arrumadas, no limite de Hollywood com o distrito de Los Feliz e estavam doentes. Melinda Adams, Greenberg e Jordan estavam de cama com gripe, enquanto Melinda Hohlmeister tinha sofrido um ataque de asma. Todas as quatro mães se encontravam presentes, todas ficaram assustadas, mas permitiram acesso aos detetives. A geração anterior ainda respeitava — ou temia — a autoridade.

Melinda Adams era miúda e tinha cabelos platinados, era uma caloura de 14 anos que parecia e se comportava como se tivesse 11. Melinda Jordan era uma morena magricela de 15 anos com um nariz pingando assustadoramente e uma acne violenta. Greenberg, loura e de cabelos compridos, tinha de certa forma o busto avantajado. Tanto ela quanto a mãe tinham um sotaque forte, quase incompreensível — imigrantes recentes de Israel. Havia livros de ciências e matemática espalhados em sua cama. Quando os detetives entraram, ela iluminava um texto com um marcador amarelo. Não tinha ideia de quem Janie Ingalls era. Melinda Hohlmeister era uma garota tímida, rechonchuda, meio gagá, cabelos cor de milho, curtos e cacheados, uma sequência de médias dez e um chiado audível. Nenhuma reação ao nome de Janie da parte de qualquer uma delas.

Ninguém atendeu na grande casa contemporânea de Melinda Van Epps, no alto das colinas. A vizinha do lado que colhia flores no jardim informou que a família estava na Europa, onde passaria duas semanas. O pai era um executivo da Standard Oil, os Van Epps tiravam todos os cinco filhos da escola todas as vezes que viajavam, providenciavam tutores, gente adorável.

Não houve resposta, também, na casa miserável de Melinda Waters, em North Gower.

Schwinn bateu com força porque havia uma fita adesiva em cima da campainha com a palavra "Quebrada".

— O.K., deixe um bilhete — ele disse a Milo. — Provavelmente é mentira.

Justo quando Milo estava enfiando um bilhete com o seu cartão na caixa da correspondência, a porta foi aberta.

A mulher que apareceu diante deles podia ter sido irmã espiritual de Bowie Ingalls. Mais de quarenta anos, magra, mas flácida, usando um vestido caseiro marrom desbotado.

Tinha a pele cor de mostarda, cabelo oxigenado preso atrás de qualquer maneira. Olhos azuis confusos, sem pintura, lábios rachados. Aquele olhar furtivo.

— Senhora Waters? — perguntou Milo.

— Meu nome é Eileen. — Voz de cigarro. — O que é?

Schwinn mostrou a identidade.

— Gostaríamos de falar com Melinda.

A cabeça de Eileen Waters se retraiu como se ele a tivesse esbofeteado.

— Sobre o quê?

— A amiga dela, Janie Ingalls.

— Oh. Ela — disse Waters. — O que foi que ela fez?

— Alguém a matou — disse Schwinn. — Um trabalho sujo, por sinal. Onde está Melinda?

Os lábios rachados de Eileen Waters se abriram, revelando dentes irregulares, cobertos de uma crosta amarela. Ela contara com sua atitude desconfiada como substituta para a dignidade esperada e uma mãe, e agora, perdendo ambos, desabou de encontro à ombreira da porta. — Oh, meu Deus.

— Onde está Melinda? — insistiu Schwinn.

Waters sacudiu a cabeça e abaixou-se.

— Oh, Deus, oh, Deus.

Schwinn segurou-lhe o braço. Sua voz permaneceu firme.

— Onde está Melinda?

Mais sacudidelas de cabeça, e quando Eileen Waters falou de novo, sua voz era de outra mulher: tímida, censurada. Diminuída. Ela começou a chorar. Finalmente parou.

— Melinda não veio para casa. Eu não a vejo desde sexta-feira.

Capítulo 9

A casa dos Waters era um passo acima do pardieiro de Bowie Ingalls, mobiliada com peças antigas e desgraciosas provavelmente de segunda mão, herdadas de alguma fazenda do Meio-Oeste. Paninhos ornamentais nos braços das poltronas diziam que um dia alguém tinha se importado com aquilo. Cinzeiros por toda parte, cheios de cinza e pontas de cigarro, o ar repleto de fuligem. Nada de latas de cervejas vazias, mas Milo notou uma garrafa de Dewars, com um quarto de bebida, em cima de uma bancada na cozinha ao lado de um pote de geleia com qualquer coisa púrpura. Todas as cortinas estavam cerradas, lançando a casa em uma noite perpétua. O sol pode ser intolerável quando o corpo sobrevive à base de álcool.

Ou Schwinn desenvolvera uma antipatia instantânea por Eileen Waters, ou seu mau humor se intensificara ou ainda ele tinha um motivo genuíno para ser duro. Fez com que ela se sentasse em um sofá e começou a disparar perguntas.

Ela nada fez para se defender, a não ser fumar um Parliament após outro, e não dificultou as confissões.

Melinda era rebelde, há muito tempo que vinha sendo rebelde, resistira a todas as tentativas de Eileen de discipliná-la. Sim, ela usava drogas — maconha, com certeza.

Encontrara tocos de baseado nos seus bolsos, não tinha certeza acerca de nada mais pesado, mas não negava a possibilidade.

— O que tem a dizer sobre Janie Ingalls? — perguntou Schwinn.

— Você está brincando? Provavelmente foi ela quem apresentou Melinda às drogas.

— Por quê?

— Aquela garota estava chapada o tempo todo.

— Qual é a idade de Melinda?

— Dezesete.

— Que ano na escola?

— Segunda série do segundo grau. Sei que Janie está na primeira série, mas só porque Melinda é mais velha não quer dizer que seja ela a instigadora. Janie sabia das coisas da rua. Tenho certeza de que foi ela quem levou Melinda a fumar maconha... Deus, onde ela poderia estar?

Milo lembrou a busca feita no quarto de Janie: nenhuma evidência de droga, nem mesmo papel de enrolar baseados ou um cachimbo.

— Melinda e Janie compunham um par perfeito — dizia Waters. — Nenhuma das duas ligava a mínima para a escola, matavam aula o tempo todo.

— E o que a senhora fazia a respeito?

A mulher riu.

— Certo. — Depois o medo voltou. — Melinda voltará, ela sempre volta.

— Em que sentido Janie sabia das coisas da rua? — quis saber Schwinn.

— Sabe como é — disse Waters. — Dá para dizer. Tipo ela já ter um bocado de experiência.

— Sexualmente?

— Presumo que sim. Melinda era basicamente uma boa garota.

— Janie passava muito tempo aqui?

— Não. A maior parte do tempo ela pegava Melinda e as duas saíam.

— Foi este o caso na última sexta-feira?

— Sei lá.

— Como assim?

— Saí para fazer compras. Cheguei em casa e Melinda tinha saído, posso dizer que ela esteve aqui porque deixou roupa de baixo no chão e comida na cozinha.

— Comida para um?

Waters pensou.

— Uma embalagem de picolé e uma Pepsi... acho.

— Quer dizer então que a última vez que a senhora viu Melinda foi na manhã de sexta-feira, mas não pode dizer se Janie veio pegá-la.

Waters assentiu.

— Ela falou que ia à escola, mas acho que não era verdade. Tinha uma bolsa cheia de roupas, e quando perguntei o que era tudo aquilo, respondeu que ia a uma festa de noite e que podia não voltar para casa. Discutimos, mas o que eu podia fazer? Queria saber onde era a festa, mas tudo que ela me disse é que era grã-fina, no Westside.

— Onde, no Westside?

— Acabei de falar, ela não quis dizer. — O rosto da mulher contraiu-se. — Festa grã-fina, gente rica. Repetiu isso um monte de vezes. Falou que eu não tinha com que me preocupar.

Ela olhou para Schwinn e depois para Milo em busca de aprovação e obteve duas caras de pedra.

— Festa grã-fina no Westside — disse Schwinn. — Ou seja, Beverly Hills... ou Bel Air.

— Acho... Perguntei a ela como ia conseguir chegar lá, e ela disse que ia dar um jeito. Falei para não pegar carona, e ela me disse que não ia pegar.

— Você não gosta que ela pegue carona.

— E o senhor gostaria? Ficar ali de pé numa calçada do Sunset, de dedo polegar virado para cima, qualquer tipo de pervertido... ela se interrompeu. Parou, ficou rígida. — Onde foi... onde vocês encontraram Janie?

— Perto do centro da cidade.

Waters relaxou.

Aí está, a direção totalmente oposta. Melinda não estava com ela. Melinda foi para o Westside.

Os olhos quase fechados de Schwinn viraram de maneira imperceptível na direção de Milo. Bowie Ingalls vira Melinda pegar Janie na sexta-feira, observara as duas garotas caminhando para o norte na direção de Thumb Alley. Mas não havia razão para tratar desse assunto agora.

— Melinda voltará — disse Waters. — Às vezes ela faz isso. Fica fora. Mas sempre volta.

— Às vezes — repetiu Schwinn. — Tipo uma vez por semana?

— Não, nada disso. De vez em quando.

— E quanto tempo ela fica fora?

— Uma noite — disse Waters, curvando-se e tentando se acalmar com uma tragada de vinte segundos no cigarro. Sua mão tremia. Confrontava-se com o fato de que aquela era a maior ausência de Melinda. De repente ela se animou.

— Uma vez ela ficou fora dois dias. Tinha ido ver o pai. Ele é da Marinha, morava em Oxnard.

— Onde ele mora agora?

— Turquia. Na base naval. Viajou dois meses atrás.

— Como Melinda chegou a Oxnard?

Eileen Waters mordeu o lábio.

— Carona. Não vou contar a ele. Mesmo que pudesse falar com ele na Turquia, ia começar com as acusações... ele e aquela puta.

— Segunda esposa? — perguntou Schwinn.

— Puta. A puta dele — cuspiu Waters. — Melinda a odiava. Melinda voltará para casa.

Continuar o interrogatório seria inútil. A mulher não sabia nada a respeito da festa grã-fina no Westside, insistia em dizer que o fato do crime ter ocorrido no centro da cidade era prova inofismável de que Melinda não estivera com Janie. Extraíram dela uma foto de Melinda. Diferentemente de Bowie Ingalls, Waters mantinha um álbum de retratos da filha, e embora os anos da adolescência de Melinda tivessem recebido tratamento sumário, os detetives tinham uma página de instantâneos de onde escolher.

Bowie Ingalls não fora justo com Melinda Waters. Não havia nada de rechonchudo no corpo da garota, que era lindamente curvilíneo, com seios altos e redondos e uma cintura minúscula. Cabelo louro liso caindo sobre o traseiro. Lábios que pediam beijos formavam um sorriso de partir corações.

— Parece a Marilyn, não parece? — disse a mãe. — Talvez um dia venha a ser uma artista de cinema.

Na volta para a delegacia, Milo perguntou: — Quanto tempo até o corpo dela aparecer? — Quem vai saber? — respondeu Schwinn, estudando o retrato de Melinda. — Está parecendo que talvez Janie fosse o antepasto e esta aqui, o prato principal. Olha só essas tetas. Dariam a ele algo com que brincar por algum tempo. Ele guardou a foto no bolso.

Milo imaginou uma câmara de tortura. A outra nua, acorrentada...

— O que fazemos então para encontrá-la? — Nada — respondeu Schwinn. — Se já estiver morta, teremos de esperar que o corpo apareça. Se ele ainda estiver com ela, não vai nos contar.

— E a tal festa no Westside? — O que é que tem? — Podemos nos comunicar com West L.A., os xerifes, a polícia de Beverly Hills. Às vezes as festas saem do controle e a polícia é chamada pelos vizinhos.

— E daí? A gente aparece na porta de um ricaço idiota, bate e pergunta: "Desculpe, vocês estão retalhando esta menina?" Ele fungou, tossiu, pegou seu frasco de xarope e tomou um gole.

— Merda. Aquele cafofo da Waters era poeirento. Mãe americana típica, outra desculpa fajuta para um adulto. Quem sabe se houve mesmo uma festa.

— E por que não teria havido? — Porque os filhos mentem para os pais. — Schwinn virou-se para Milo. — Por que todas essas perguntas, porra? Você está pensando em estudar direito?

Milo fechou a boca, e o resto do percurso foi a festa alegre de sempre. A uma quadra da delegacia, Schwinn disse: — Se você quiser dar uma olhada nos chamados por perturbação da paz em Westside, esteja à vontade, mas eu acho que Blondie mentiu para Mamãe porque uma festa grã-fina em um bairro rico como o Westside era exatamente o tipo de coisa que acalmaria a velha. Cem contra um como Blondie e Janie foram pegar carona na Strip, arranjar um pouco de

maconha, pagando talvez com uns boquetes ou o que for. Entraram no carro errado e terminaram no centro da cidade. Janie era burra demais para aprender com a experiência... ou, como eu disse, talvez gostasse de ser amarrada. Era uma viciada. As duas provavelmente eram.

— Sua fonte mencionou uma festa no Westside.

— A fala das ruas é como melancia, você tem que separar as sementes. O principal é que Janie foi encontrada no centro. E tudo indica que Melinda também está por lá, se um escroto a pegou e acabou com ela. Por tudo que sabemos, ele a manteve na mala do carro enquanto deixava Janie na Beaudry. Se voltou a pegar a estrada, pode estar em Nevada a esta altura.

Ele sacudiu a cabeça.

— Garotas burras. Pensaram que tinham o mundo em suas doces mãozinhas, e o mundo de repente deu um pulo e mordeu as duas.

De volta à delegacia, Schwinn recolheu suas coisas da mesa e saiu sem dizer uma palavra a Milo. Não se deu ao trabalho de registrar sua saída. Ninguém notou. Nenhum detetive dava muita atenção a ele. Ponto.

Um pária, constatou Milo. Será que me puseram para fazer dupla com ele por coincidência? Deixando tudo isso de lado, jogou "fone-pôquer" até bem depois de escurecer atrás de chamados para atender festas barulhentas. Não deixou de fora firmas de segurança particulares: a Bel Air Patrol e outras que cobriam os bairros de Beverlywood, Cheviot Hills, Pacific Palisades. Estas foram as piores para lidar — ninguém queria falar sem autorização do supervisor, e Milo teve que deixar o nome e o número de matrícula, esperando por telefonemas de volta que provavelmente não ocorreriam.

Ele prosseguiu, lançando sua rede em Santa Mônica e além, chegando a incluir a margem sul, porque Melinda Waters uma vez fora de carona até Oxnard para ver o pai.

E a garotada acorria à praia em bandos — ele mesmo passara muitas noites insone, subindo descendo a rodovia litorânea, vendo as fogueiras que iluminavam ondas, as vagas silhuetas dos casais. Perguntando-se como seria ter alguém.

Quatro horas de trabalho resultaram em dois ínfimos acertos. Ou passaram a dormir muito ou ninguém mais se queixava de barulho.

Dois grandes zeros: a festa de cinquenta anos de um cirurgião de olhos no Roxbury Drive em Beverly Hills evocara uma queixa à meia-noite de um vizinho excêntrico.

— Garotada? Não, acho que não — respondeu com uma risada o despachante da delegacia de Beverly Hills. — Estamos falando de black-tie, essas coisas de categoria.

A orquestra de Lester Lanin tocando swing e ainda assim alguém implicou. Sempre tem um desmancha-prazeres, certo? O segundo chamado foi em Santa Mônica: um bar mitzvah na Fifth Street ao norte de Montana fora encerrado logo depois das duas horas da manhã, quando uns turbulentos garotos de 13 anos começaram a soltar bombinhas.

Milo desligou o telefone e espreguiçou-se. As orelhas ardiavam e o pescoço parecia gelo seco. A voz de Schwinn era um mantra detestável em sua cabeça quando saiu, pouco antes da uma hora da madrugada. Eu falei, panaca. Eu falei, panaca.

Dirigiu até um bar — um bar hetero na Eight Street, perto do Ambassador Hotel. Passara por ele diversas vezes, um lugar decadente no térreo de um velho prédio revestido de tijolinhos que vira melhores dias. A escassa freguesia bebendo àquela hora também já tinha ultrapassado e muito a flor da idade, e sua entrada fez a média etária cair algumas décadas. Mel Tormé, em fita

continua, uns camarões assustadores espetados em palitos e tigelas cheias de biscoitinhos diversos decoravam o bar. Milo tomou umas cervejas entremeadas com umas doses de uísque, manteve a cabeça baixa e saiu Para o norte, Boulevard Santa Mônica, cruzando Boystown por algum tempo, mas nem sequer teve de lutar com a tentação. Naquela noite os garotos de programa tinham um ar predatório, e ele percebeu que não queria estar com ninguém, nem consigo próprio. 91 Quando chegou ao apartamento, imagens do tormento de Melinda Water voltaram a perseguir-lo, e ele desceu uma garrafa de Jim Beam do guarda-louça. Exausto, mas ligado.

Tirar a roupa foi um sofrimento, e a visão do seu patético corpo alvo fez com que fechasse os olhos.

Deitou-se na cama, desejando que a escuridão fosse mais completa. Querendo que uma válvula do seu cérebro sumisse com as imagens. A canção de dormir do álcool finalmente o acalmou e tudo sumiu.

Na manhã seguinte, ele pegou o carro e foi até uma banca de jornal. Pegou o Times e o Herald-Examiner. Nenhum repórter havia telefonado para ele ou Schwinn por causa do assassinato de Janie Ingalls, mas uma coisa feia daquelas tinha que ser coberta. Não foi, nem uma linha.

Não fazia sentido. Os repórteres ouviam a frequência da polícia.

Dirigiu-se rapidamente para a delegacia e verificou sua caixa e a de Schwinn para ver se havia perguntas de jornalistas. Encontrou apenas uma folhinha de mensagem telefônica com o seu nome em cima. Policial Del Monte da Bel Air Patrol, sem recado. Discou o número e falou com algumas vozes entediadas até finalmente chegar a Del Monte.

— Ah, sim, foi você quem telefonou perguntando sobre festas. — O cara tinha voz clara e usava frases curtas, e Milo viu que estava falando com um ex-militar. Voz de meia-idade. Coreia, não Vietnã.

— Isso mesmo. Obrigado por telefonar. O que você tem aí?

— Duas na sexta-feira, em ambos os casos garotos bancando idiotas. O primeiro foi uma festa de 15 anos em Stradella, todas as meninas iam ficar para dormir, e alguns delinquentes tentaram penetrar. Não eram moradores do local. Garotos negros e mexicanos. Os pais nos chamaram, e nós os expulsamos.

— De onde eram os penetras?

— Disseram ser de Beverly Hills. — Del Monte riu. — Certo.

— Eles deram problema?

— Não diretamente. Eles fizeram de conta que estavam deixando Bel Air... nós os seguimos até o Sunset, lá eles pararam e ficaram olhando. Os idiotas atravessaram perto da UCLA, tentaram voltar poucos minutos depois e seguir para outra festa. — Del Monte riu de novo. — Não deram sorte. Nosso pessoal já estava lá por causa da queixa de um vizinho. Foram ejetados antes mesmo de saltarem do carro.

— Onde era a segunda festa?

— Esta era animada, barulhenta. Na parte de cima do Stone Canyon Drive, bem acima do hotel.

A fonte local de Schwinn tinha mencionado.

— De quem era a casa?

— Casa vazia — respondeu Del Monte. — A família comprou uma maior, mas não vendeu a

primeira e os pais tiraram férias, deixaram os filhos para trás, e, surpresa, eles decidiram usar a casa vazia para diversões e brincadeiras, convidando a cidade toda. Devia haver uns duzentos, trezentos garotos espalhados por lá... Porsches e outras boas máquinas, além de uma boa dose de estrangeiros. Na hora em que chegamos, era um escândalo. A propriedade é bem grande, uns dois acres, não há vizinhos realmente próximos, mas dessa vez eles estavam fartos.

— Dessa vez? — indagou Milo. — Não foi a primeira vez?

Silêncio.

— Já tivemos outros chamados. Tentamos entrar em contato com os pais, mas não demos sorte; estão sempre fora da cidade.

— Crianças mal-educadas.

Del Monte riu.

— Você não ouviu isso da minha boca. De qualquer modo, por que a curiosidade?

— Levantando o paradeiro de uma vítima de 187.

Silêncio.

— Homicídio? Não, de jeito nenhum. Eram só garotos numa festa com música alta demais.

— Tenho certeza que você deve estar certo — disse Milo. — Mas ouvi boatos de que a minha vítima pode ter ido a uma festa no Westside, de modo que tenho de perguntar. Qual o nome da família proprietária da casa?

Silêncio mais longo.

— Escuta — disse Del Monte — Essa gente... você me prejudica, eu posso terminar estacionando carros. Pode acreditar em mim, ninguém viu nada pior que garotos bebendo e trepando. Uns poucos baseados, grande coisa, certo? De qualquer forma, nós acabamos com a festa.

— Só estou seguindo a minha rotina — disse Milo. — Seu nome não vai aparecer. Mas se não verificar, sou eu que termino estacionando carros.

— Boatos? — disse Del Monte. — Houve montes de festas na noite de sexta-feira.

— Investigamos qualquer festa de que tomemos conhecimento. É por isso que a sua não sobressai.

— OK... o nome da família é Cossack — Del Monte pronunciou o nome enfaticamente, como se significasse alguma coisa.

— Cossack — repetiu Milo, mantendo o tom de voz indefinido.

— Cossack como em prédios de escritórios, shopping centers... Garvey Cossack Grande construtor no centro, faz parte do grupo que quis trazer outro time de futebol para L.A.

— Sim, claro — mentiu Milo. Seu interesse em esportes tinha atingido o apogeu com o beisebol da liga infantil Pop Warner. Cossack na Stone Canyon. Qual é o endereço?

Del Monte suspirou e leu os números.

— Quantos garotos na família?

— Três: dois garotos e uma garota. Não vi a menina lá, mas ela podia estar presente.

— Você conhece os garotos pessoalmente?

— Não, só de vista.

— Quer dizer então que os meninos deram uma festa. Nomes?

— O mais velho é Garvey Júnior e o mais moço Bob, mas é chamado de Bobo.

— Idade?

— Júnior provavelmente tem 21, 22. Bobo deve ser um ano mais moço.

Mais que garotos, pensou Milo.

— Eles não nos deram problema — disse Del Monte. — Não passam de dois sujeitos que gostam de se divertir.

— E a menina?

— Ela eu não vi.

Milo achou que tinha percebido algo de novo na voz de Del Monte.

— Nome?

— Caroline.

— Idade?

— Mais jovem... talvez uns 17. Não foi realmente nada de mais, todo mundo dispersou.

Minha mensagem dizia que você era da Central. Onde o corpo foi encontrado? Milo respondeu.

— Ai está — disse Del Monte. — Vinte e quatro quilômetros de Bel Air. Você está perdendo seu tempo.

— Provavelmente. Trezentos garotos numa festa simplesmente cederam quando vocês apareceram? — Nós temos experiência com esse tipo de coisa.

— Qual é a técnica? — interessou-se Milo.

— Usar a sensibilidade. Não tratá-los como se fossem vagabundos de Watts ou East L.A. porque esses garotos estão acostumados a um certo estilo.

— Que é...?

— Serem tratados como se fossem importantes. Se não funcionar, a gente ameaça chamar os pais.

— E se isso não funcionar?

— Geralmente resolve. Tenho que ir, foi legal conversar com você.

— Agradeço o tempo que me dedicou, Del Monte. Escuta, se eu aparecer por aí e mostrar uma foto, haveria uma chance de que você conseguisse reconhecer o rosto?

— Rosto de quem?

— Da vítima.

— De jeito nenhum. Como falei, era um enxame. Depois de algum tempo eles começam a ficar iguais.

— Os garotos ricos?

— Todos.

Eram quase 10 horas da manhã e Schwinn ainda não tinha Parecido. Imaginando que seria melhor mostrar o quanto antes a foto de Janie a Del Monte e seus companheiros de patrulha, Milo botou o paletó e saiu.

Del Monte fora decente o bastante para telefonar e ver o que ele queria. Nenhuma boa ação passa impune.

Foram precisos quase quarenta minutos para chegar a Bel Air. O escritório da patrulha ficava em um bangalô branco de telhado vermelho situado atrás do portão oeste.

Montes de detalhes arquitetônicos tanto dentro quanto fora — Milo ficaria feliz se pudesse morar ali. Ouvira falar que os portões e a segurança particular tinham sido instalados por Howard Hughes quando ele morou em Bel Air porque o bilionário não confiava na polícia de L.A.

Os ricos tomando conta dos ricos. Como na festa da Stone Canyon: vizinhos aborrecidos,

mas tudo foi conservado em privado, nenhuma reclamação chegara ao conhecimento da delegacia de West L. A.

Del Monte estava sentado à mesa da frente, e quando Milo entrou, seu rosto escuro e redondo ficou carrancudo. Milo desculpou-se e exibiu o instantâneo da cena do crime que havia tirado da pilha que Schwinn deixara na mesa. A menos horrível de toda a coleção — uma visão de perfil do rosto de Janie, com apenas uma leve sugestão do sulco vermelho em torno do pescoço. A reação de Del Monte foi uma olhada rápida. Dois outros guardas que tomavam café estudaram a foto mais cuidadosamente e depois sacudiram a cabeça. Milo gostaria de lhes mostrar a foto de Melinda Waters, mas Schwinn a levava consigo.

Quando saiu dali, foi até a casa da festa na Stone Canyon Drive. Imensa, construída com tijolos vermelhos, três andares, seis colunas em estilo colonial. Portas duplas pretas, persianas pretas, as janelas adjacentes separadas por barras verticais de pedra, múltiplos frontões. Vinte, 25 cômodos, imaginou Milo.

A família Cossack se mudara para algo mais generoso.

O vasto gramado seco e a pintura descascando em algumas venezianas diziam que o esquema de manutenção relaxara depois que a casa ficara vazia. Cercas vivas destruídas e pedaços de papel calhados pelo caminho de tijolos eram a única evidência de que festança fora longe demais. Milo estacionou, saltou e pegou um dos fragmentos de papel na esperança de encontrar algo escrito, mas era um papel suave, absorvente e em branco — toalha de papel própria para limpeza pesada. O portão para o terreno dos fundos estava aferrolhado e não era devassável. Deu uma espiada por cima, viu uma piscina oval, uma horta, uma boa extensão de um pátio de tijolos, gaias azuis ciscando. Atrás de uma das cercas vivas, o brilho do vidro — latas e garrafas.

O vizinho mais próximo era ao sul, bem separado da mansão colonial pelos extensos gramados de ambas as casas. Um rancho muito menor, de um só andar, muitíssimo bem cuidado, embelezado por canteiros de flores e tendo na frente juníperos anões cortados ao estilo japonês. O limite norte da propriedade Cossack era marcado por um muro de pedra de mais de três metros de altura que subia por uns bons trezentos metros a Stone Canyon. Provavelmente alguma propriedade de muitos acres, talvez uma enorme mansão construída tão longe da rua que não era visível.

Milo cruzou o gramado ressecado e a entrada de veículos vazia do casarão colonial para bater na porta da frente do rancho. Porta de teca, com uma reluzente aldrava de metal na forma de um cisne. Para a direita, um pequeno santuário xintoísta de cimento dominando um fio de água rumorejante.

Uma mulher muito alta, nos seus sessenta anos, atendeu. Espadaúda e majestosa com as bochechas vermelhas e túrgidas, usava o cabelo grisalho preso atrás num coque tão apertado que devia doer e envolvera o corpo impressionante em um quimono creme pintado a mão com garças e borboletas. Na mão cheia de pintas e manchas de senilidade, tinha uma escova com cabo de marfim com a cerda mergulhada em tinta preta. Mesmo calçando sapatilhas de cetim, era quase da mesma altura que Milo. De salto, seria uma gigante.

— Sim... sim? — Olhos atentos, timbre deliberadamente grave.

Lá veio o crachá: — Detetive Sturgis, Senhora....

— Schwartzman. O que traz um detetive a Bel Air?

— Bem, senhora, na sexta-feira passada seus vizinhos deram uma festa.
— Uma festa — repetiu ela, como se a descrição fosse um absurdo. Ela indicou com a escova a mansão colonial vazia. — Mais como porcos se cevando no cocho. O nome não poderia ser mais adequado. Cossacks.

— Nome adequado?

— Bárbaros — disse a senhora Schwartzman. — Uma corja.

— A senhora teve problemas com eles antes.

— Eles moraram aí por menos de dois anos e abandonaram a casa. Parece que esse é o padrão deles. Mudar, degradar, sair.

— Para uma casa maior.

— Mas é claro. Maior é melhor, não é mesmo? São vulgares. Não é de espantar, tendo em vista o que o pai faz.

— O que ele faz?

— Ele destrói arquitetura de época e substitui por coisas grotescas. Caixas empilhadas que fingem ser edifícios de escritórios, aquelas monstruosidades comerciais em que se entra de automóvel, filas de lojas dando para plataformas de desembarque disfarçadas de calçadas. E ela... desesperadamente louca, a ansiedade suada de uma arrivista. Ambos o tempo todo fora de casa. Nenhuma supervisão para aqueles moleques.

— Senhora Schwart...

— Se você quer se dar o trabalho de ser preciso, é doutora Schwartzman.

— Desculpe, doutora.

— Sou endocrinologista... aposentada. Meu marido é o professor Arnold Schwartzman, o cirurgião ortopedista. Moramos aqui há 28 anos, tivemos vizinhos maravilhosos durante 26... os Cantwell. Ele trabalhava com metais, ela era a pessoa mais adorável. Os dois faleceram com meses de intervalo.

O testamento foi validado, e eles a compraram.

— Quem mora do outro lado? — perguntou Milo, indicando o outro lado do muro de pedra.

— Oficialmente, Gerhard Loetz. Milo dirigiu-lhe um olhar intrigado. Industrial alemão. — Como se todo mundo devesse conhecer.

— O barão Loetz tem casas no mundo todo. Palácios, segundo o que me contaram.

Raramente está aqui. O que é ótimo para mim, mantém o bairro quieto. A propriedade do barão Loetz se estende até as montanhas, os veados descem para pastar a grama lá. Todos nós temos todo tipo de vida selvagem aqui no canyon. E adoramos. Tudo era perfeito até que eles vieram para cá. Por que você está fazendo todas essas perguntas?

— Uma garota desapareceu — explicou Milo. — Consta que ela compareceu a uma festa na noite de sexta-feira. A Dra. Schwartzman sacudiu a cabeça.

— Bem, eu não saberia dizer o que aconteceu aí. Nunca olhei de perto esses vagabundos, nunca quis. Jamais deixei a casa. Com medo, se lhe interessa saber. Eu estava sozinha, o professor Schwartzman se encontrava em Chicago, dando uma palestra. Geralmente isso não me incomoda, nós temos um alarme, tínhamos um Akita. A mão que segurava a escova ficou tensa. Os nós dos dedos, do tamanho de nós masculinos, estufaram. — Mas a noite de sexta-feira foi alarmante. Um número tão grande deles, correndo para dentro e para fora, gritando como demônios. Como sempre, chamei a patrulha e fiz com que permanecessem até que o último

bárbaro saiu. Mesmo assim, fiquei nervosa. E se eles voltassem? — Mas não voltaram. — Não.

— Quer dizer então que a senhora nunca chegou perto o suficiente para ver nenhum dos garotos.

— Exatamente.

Milo considerou a hipótese de lhe mostrar a foto de Janie morta— Decidiu que não mostraria. Talvez a história não tivesse saído nos jornais por causa da interferência de algum figurão. A hostilidade da Dra. Schwartzman para com os Cossack podia muito bem Wcentivar outros boatos. Trabalhando sozinho como estava, não queria estragar tudo.

— A patrulha — disse ele. — Não a polícia.

— É o que fazemos aqui em Bel Air, detetive. Pagamos a patrulha, e eles nos atendem. O seu departamento, por outro lado... parece 98 99 que há uma crença entre os policiais que os problemas dos... afortunados são triviais. Aprendi isso da maneira mais difícil, quando Sumi, meu cachorrinho, foi morto.

— Quando foi isso? — Verão passado. Alguém o envenenou. Encontrei-o ali. — Ela apontou para o jardim da frente. — Abriram o portão e lhe deram carne misturada com veneno de rato. Dessa vez eu chamei o seu departamento, e eles finalmente mandaram alguém. Um detetive. Supostamente.

— Lembra do nome dele? A Dra. Schwartzman sacudiu violentamente a cabeça.

— Por que deveria? Ele mal me cumprimentou, claramente não me levou a sério. Nem se deu o trabalho de ir lá, limitou-se a comunicar ao Controle de Animais, e eles ofereceram-se apenas para jogar o corpo de Sumi fora, muito obrigada por nada.

— Eles? — indagou Milo.

A escova de Schwartzman apontou para a casa da festa.

— A senhora suspeita de que um dos Cossack envenenou Sumi? — Não suspeito, eu sei. Mas não posso provar. A filha. Ela é louca. Definitivamente. Caminha por aí falando sozinha, uma expressão bizarra nos olhos, toda encolhida.

Usa as mesmas roupas interminavelmente. Leva para casa rapazes negros... claramente algo que não é direito. Sumi a detestava. Cachorros têm um faro especial para a loucura. A qualquer hora que a garota louca passasse, ele voava, tomado por um ataque de raiva, se jogando contra o portão; e eu pouco podia fazer para acalmá-lo.

E permita que eu lhe diga, detetive, a única ocasião em que ele reagia desse modo era contra a intrusão de estranhos. Protetores, os Akitas são, é tudo o que os distingue. Mas doces e inteligentes... ele amava os Cantwell, chegou inclusive a se acostumar com os jardineiros e o carteiro. Mas nunca com a garota. Ele sabia quando alguém estava errado. Simplesmente a desprezava. Tenho certeza de que ela o envenenou. O dia em que encontrei seu pobre corpo, eu a vi. Ela me observava de uma janela do segundo andar. Aquele par de olhos loucos. Olhando fixamente para mim. Fixei também o olhar nela e acenei. Pode acreditar que na mesma hora a cortina retomou seu lugar. Ela sabia eu Sabia. Mas logo depois ela saiu e passou por mim... bem do meu lado, me encarando. E assustadora, aquela garota. Espero que aquela festa tenha sido a última vez em que eles serão vistos aqui.

— Ela estava na festa?

A Dra. Schwartzman cruzou os braços.

— Você ouviu o que eu falei, meu jovem? Não cheguei perto o suficiente para verificar.

— Desculpe — disse Milo. — Quantos anos ela tem?

— Dezesete ou 18.

— Mais jovem que os irmãos.

— Aqueles dois — disse a Schwartzman. — Tão arrogantes.

— Já teve algum problema com os irmãos além das festas?

— O tempo todo. A atitude deles.

— Atitude?

— Acham que têm direito a tudo — explicou Schwartzman. Presunçosos. Só de pensar neles fico furiosa, e a raiva é ruim para minha saúde, de modo que vou retomar meus exercícios de caligrafia. Tenha um bom dia.

Antes que Milo pudesse enunciar uma única sílaba, a porta bateu e ele ficou olhando para a superfície de madeira. Não pensar em empurrá-la; Frau Doktor Schwajtzman provavelmente poderia vencê-lo em uma queda de braço. Retornou ao carro e ficou sentado, avaliando se ela teria dito alguma coisa que valesse a pena.

Os irmãos Cossack tinham uma má atitude. Como qualquer outro garoto rico em L.A.

A irmã, por outro lado, podia ser tudo, menos típica. Se é que se podia acreditar na Schwartzman. E se a suspeita da Schwartzman no tocante ao seu cachorro estivesse certa, a loucura da irmã Cossack era preocupante.

Dezesete anos era uma idade que colocava Caroline Cossack na mesma faixa de Janie Ingalls e Melinda Waters. Uma garota rica com um lado selvagem e acesso aos brinquedos certos podia muito bem ter atraído duas meninas de rua.

Levando rapazes pretos para casa. Racismo à parte, isso significava rebeldia. Alguém disposta a assumir riscos. Maconha, uma dupla de garotas de festa arriscando-se em Hollywood em território desconhecido... Ainda assim, não havia nada além de boatos, e ele não tinha como levar aquilo avante.

Ele contemplou a casa da festa vazia, absorveu o silêncio de Bel Air, sua graça desgastada, um estilo de vida que jamais alcançaria. Sentindo— se fora de seu elemento, um recruta ignorante em cada centímetro do seu corpo. E agora tinha que fazer um relatório para Schwinn.

Isto é uma história típica de detetives. Gosta de roer suas vísceras e depois bota você para fora em bolinhas...

A voz acusatória do filho-da-mãe esgueirou-se para dentro de sua cabeça e lá acampou, detestável, mas autoritária.

Enquanto Milo gastava seus pneus, Schwinn aparecera com a única pista útil até agora no caso Ingalls: aquela que os levava diretamente ao pai de Janie.

Uma fonte que ele não identificaria. Sem sequer se dar o trabalho de ser reservado, acusando Milo de espionar para os chefes.

Porque ele sabia que estava sob suspeita? Talvez fosse esta a razão pela qual os outros detetives pareciam marginalizar o cara. O que quer que estivesse acontecendo, Milo tinha sido empurrado diretamente no meio daquilo... Era preciso empurrar tudo aquilo para o lado e se concentrar no trabalho. Só que o trabalho — não chegando a parte alguma — fazia com que se sentisse inadequado.

Pobre Janie. E Melinda Waters — qual era a chance de ela estar viva? Qual seria sua aparência quando finalmente a encontrassem? Era quase meio-dia e sentia-se incapaz de se

lembrar da última vez em que se alimentara. Mas não podia encontrar um motivo para comer. Não tinha apetite para nada.

Capítulo 10

Quando retornou à delegacia, perguntou-se se Schwinn já teria voltado, esperando que não. Antes que subisse a escada, o sargento da recepção disse: — Tem gente esperando por você.

— Quem?

— Vá ver você mesmo. Entrevista Cinco.

Alguma coisa na voz do cara fez soar um alarme na intuição de Milo.

— Entrevista Cinco?

— Hã-hã. — O sargento manteve a cabeça baixa, ocupado com a papelada.

Uma sala de interrogatório. Alguém sendo questionado. Um suspeito pela morte de Ingalls preso tão cedo? Schwinn teria puxado outra carta da manga? — Eu não os faria esperar — disse o sargento, escrevendo alguma coisa e ainda evitando contato visual. Milo deu uma espiada por cima do balcão e viu uma revista de Palavras cruzadas.

— Eles.

Nenhum comentário.

Milo apressou-se no corredor brilhantemente iluminado onde Vam as salas de entrevista e bateu na Cinco. Uma voz, que não era de Schwinn, disse: — Entre.

Ele abriu a porta e deu de cara com dois homens altos nos seus trinta anos. Ambos tinham ombros largos e boa aparência, exibiam ternos cinza— grafite bem cortados, camisas brancas engomadas e gravatas azuis de seda.

Os gêmeos Bobbsey, o melhor estilo empresarial dos tempos modernos — exceto que um deles era branco — na verdade mais para o cor de rosa, tipo sueco, com o cabelo cor de pipoca cortado à escovinha — e o outro preto como a noite.

Juntos os dois cobriam a largura da sala minúscula que cheirava a mofo, uma linha ofensiva de dois homens. O preto tinha aberto a porta. Tinha a cabeça redonda e lisa, encimada por uma espécie de solidéu de felpa de ébano e pele brilhante, sem cabelo e azulada. Os olhos claros e severos eram de um sargento instrutor durão.

A boca sem sorriso era uma fissura em um poço de alcatrão.

Rosado ficou parado na parte de trás da saleta, mas foi o primeiro a falar.

— Detetive Sturgis. Sente-se. — Voz de clarineta, inflexão nortista: Wisconsin ou Minnesota.

Ele apontou para a única cadeira da sala, uma cadeira de dobrar que ficava do lado mais próximo da mesa de interrogatório, de frente para o espelho que só refletia de um lado. Todos os suspeitos sabiam que eram observados através daquele espelho, a única dúvida era por quem.

Milo agora se perguntava a mesma coisa.

— Detetive — disse o preto. Oferecendo a ele a cadeira dos suspeitos.

Em cima da mesa havia um gravador Satchell-Carlson de rolo, grande e feio, do mesmo cinza-escuro do terno dos gêmeos. Todas as cores eram coordenadas. Como em algum experimento de psicologia, e adivinhe só quem era o porquinho-da-india...

— O que está acontecendo? — indagou Milo, permanecendo à porta.

— Entre e nós lhe contaremos — disse Rosado.

— Que tal uma apresentação adequada? — perguntou Milo. — Tipo dizendo quem são vocês e de que se trata tudo isso? — surpreendendo a si próprio com sua agressividade.

Os ternos não se surpreenderam. Ambos pareceram satisfeitos, como se Milo tivesse

correspondido à sua expectativa.

— Por favor, entre — disse Preto, pondo algum aço no "por favor". Ele se adiantou, parou a alguns centímetros do nariz de Milo, e Milo captou uma onda de perfume de uma água de barba cara, algo com um toque cítrico. O cara era mais alto que Milo — um metro e noventa e três ou noventa e cinco — e Rosado parecia tão grande quanto. O tamanho sempre foi uma das vantagens que Milo imaginava que Deus tinha lhe dado; na maior parte das vezes, ele o usava para evitar confrontos. Mas somando aqueles caras com a wagneriana Dra. Schwartzman, o dia fora péssimo para explorar a questão de massa corporal.

— Detetive — disse Preto.

Seu rosto era estranhamente inanimado — uma máscara de guerra africana. E aqueles olhos. O cara tinha presença. Estava acostumado a ser o responsável. O que era curioso. Desde os tumultos de Watts, tinha havido algum progresso racial no departamento, mas, em sua maior parte, era apenas da boca para fora. Pretos e mexicanos eram desprezados pelo comando, marginalizados em patrulhas sem futuro nos segmentos onde a criminalidade era maior, em Newton, Southwest e Central, com escassa chance de progresso. Mas aquele sujeito — seu terno parecia de moço, as costuras nas lapelas eram feitas a mão —, que tipo de impostos ele pagava e quem diabos ele era? Ele se afastou quando Milo entrou, balançando a cabeça em sinal de aprovação.

— Em termos de apresentação, eu sou o detetive Broussard e ele é o detetive Poulsehn.

— Assuntos Internos — esclareceu Poulsehn. Broussard sorriu.

— Já em termos da razão pela qual queremos você aqui, seria melhor que se sentasse. Milo acomodou-se na cadeira de dobrar.

Poulsehn permaneceu no canto mais distante da sala, mas o cômodo apertado o colocou perto de Milo o bastante para que este contasse os poros do seu nariz. Se tivesse algum. Como a de Broussard, sua pele brilhava como um pôster divulgando as virtudes da vida saudável.

Broussard posicionou-se à direita de Milo, num ângulo tal que Milo tinha que esticar o pescoço para ver o movimento dos seus lábios.

— Gosta da Divisão Central, detetive? — Gosto. — Milo decidiu não se esticar para ver os olhos de Broussard e conservar a atenção em Poulsehn, mas permanecendo inerte e em silêncio.

— Gosta do trabalho com homicídios? — Sim, senhor.

— De que especificamente você gosta no trabalho com homicídios? — Resolver problemas — respondeu Milo. — Reparar os erros.

— Reparar os erros — disse Broussard, como que impressionado pela originalidade da resposta. — Quer dizer então que os homicídios podem ser reparados.

— Não no sentido restrito. — Aquilo começava a parecer aqueles seminários idiotas da faculdade. O professor Milrad despejando sua frustração em cima dos desventurados estudantes.

Poulsehn examinou as unhas. Broussard perguntou: — Você está dizendo que gosta de tentar conseguir justiça? — Exatamente...

— Justiça — disse Poulsehn — é o ponto essencial de todo o trabalho da polícia.

— É verdade — concordou Broussard. — Às vezes, contudo, a justiça se perde na confusão.

Ele eliminou o ponto de interrogação nas últimas palavras. Milo não mordeu a isca, e Broussard prosseguiu: — Uma pena quando isso acontece, não é mesmo, detetive Sturgis?

Poulsehn se aproximou mais um pouco. Os dois homens dos Assuntos Internos fixaram os olhos

em Milo. Ele disse: — Não estou percebendo a razão...

— Você esteve no Vietnã — interrompeu Broussard.

— Estive...

— Você foi padioleiro, viu muita ação.

— Sim.

— E antes disso você fez mestrado.

— Sim.

— Universidade de Indiana. Literatura americana.

— Correto. Há alguma coisa...

— Seu parceiro, o detetive Schwinn, não fez faculdade — disse Broussard. — Na verdade, nunca chegou a terminar o ensino médio. Foi isentado quando isto era aceitável.

Você sabia disso? — Não...

— Tampouco o detetive Schwinn serviu a qualquer ramo das Forças Armadas. Jovem demais para a Coreia, velho demais para o Vietnã. Você considerou que isso fosse um problema? — Um problema? — Em termos de sociabilidade. De desenvolver uma afinidade com o detetive Schwinn.

— Não, eu... — Milo fechou a boca.

— Você...? — indagou Broussard.

— Nada.

— Você estava prestes a dizer qualquer coisa, detetive.

— Na verdade, não.

— Ah, sim, estava — disse Broussard, subitamente animado.

Milo esticou o pescoço, involuntariamente. Viu os lábios roxos dele arqueados, recurvados para cima nos cantos.

— Eu...

— Vamos recapitular, detetive, para refrescar sua memória, perguntei a você se a falta de uma educação superior e de ter prestado serviço militar do detetive Schwinn tinham representado um Problema em termos de afinidade, e você disse: "Não, eu..." Ficou bem evidente que mudou de ideia a respeito de dizer o que ia dizer.

— Não há problema entre mim e o detetive Schwinn. Era o que eu ia dizer. Nós nos damos bem.

— Mesmo? — disse Poulsehn. — Sim.

— Quer dizer então que o detetive Schwinn concorda com o seu ponto de vista — afirmou Broussard.

— Acerca de quê?

— Justiça.

— Eu... vocês teriam que perguntar a ele.

— Você nunca discutiu assuntos importantes com o detetive Schwinn?

— Não, para falar a verdade, nós nos concentramos em nossos casos...

— Você está querendo nos dizer que o detetive Schwinn nunca verbalizou os sentimentos que nutre pelo trabalho para você? Sobre reparar o malfeito? Obter justiça? A atitude dele em relação ao trabalho policial?

— Bem — disse Milo —, não posso realmente identificar com precisão...

Poulsenn adiantou-se e pressionou o botão de "gravar" no Satchell-Carlson. Continuou em frente e terminou a centímetros do lado esquerdo de Milo. Agora ambos os homens de Assuntos Internos o flanqueavam. Oprimindo-o. Broussard: — Você tem conhecimento de qualquer comportamento impróprio da parte do detetive Schwinn?

— Não.

— Avalie bem suas palavras antes de falar, detetive Sturgis. Isto é um inquérito oficial do departamento.

— Referente ao comportamento do detetive Schwinn ou ao meu?

— Há razão para que investiguemos o seu comportamento, detetive Sturgis?

— Não, mas eu não sabia da existência de uma razão para investigar o comportamento do detetive Schwinn.

— Não sabia? — disse Poulsenn. Para Broussard: — A posição dele parece ser de não ter ciência.

Broussard estalou a língua. Desligou o gravador e pegou alguma coisa no bolso do paletó. Um maço de papéis que ele sacudiu. Milo, esforçando-se ao máximo, conseguiu ver a folha de cima o layout familiar da fotocópia de uma ficha policial.

Mulher, olhos inexpressivos, pele escura. Mexicana ou preta de pele clara. Números pendurados sobre o peito.

Broussard puxou a folha e segurou-a diante dos olhos de Milo. Daria Washington, DOB 5-14-54, HT.5.06 WT.134. Instintivamente os olhos de Milo desviaram-se para onde estava escrita a violação do código penal: 653.2. Perambulando com a finalidade de prostituição...

— Já esteve alguma vez com essa mulher? — indagou Broussard.

— Nunca.

— Nem na companhia do detetive Schwinn ou de alguma outra pessoa?

— Nunca.

— Não teria sido na companhia de alguma outra pessoa — disse Poulsenn, jovialmente.

Nada aconteceu por um minuto inteiro. Os homens de Assuntos Internos deixaram o último trecho do diálogo penetrar na pele. Para que Milo soubesse que tinham conhecimento de que ele era o menos provável dos homens naquela sala a se envolver com uma piranha? Ou estava sendo paranoico? Aquilo dizia respeito a Schwinn e não a ele. Certo? Ele disse: — Nunca a vi em parte alguma.

Broussard colocou a folha de Daria Washington no último lugar da pilha e exibiu a seguinte. LaTauma Hodkins. P.C. 653.2

— E esta mulher?

— Nunca a vi.

Desta vez Broussard não forçou; limitou-se a passar para a folha seguinte. O jogo continuou por algum tempo, uma coleção de prostitutas entediadas/chapadas/de olhos tristes, todas pretas. Donna Lee Bumpers, Royanne Chambers, Quitha Martha Masterson, DeShawna Devine Smith.

Broussard manuseou o maço de 653.2 como um profissional de Las Vegas. Poulsenn sorriu e observou. Milo manteve-se aparentemente calmo, mas por dentro estava fervendo. Sabia exatamente para onde aquilo estava indo. Ela era a oitava carta do baralho. Cabelo diferente da extravagância vermelha da noite anterior — uma nuvem loura em formato de cogumelo que a fazia parecer ridícula. Mas o rosto era o mesmo.

As acrobacias de Schwinn no banco de trás.

Tonya Marie Stumpf. O sobrenome teutônico parecia incongruente, de onde viria? A foto tirada na delegacia dançou na frente dele por longo tempo... e Milo percebeu que não tinha respondido à pergunta de Broussard: — E esta mulher?

Broussard disse: — Detetive Sturgis?

Milo sentiu um nó na garganta, seu rosto ardeu e ele teve dificuldade para respirar. Como uma daquelas reações anafiláticas que ele vira tanto no seu tempo de padoleiro.

Caras perfeitamente saudáveis que tinham sobrevivido aos tiros da batalha para tombarem por terem comido amendoins. Sentiu-se como se tivesse sido obrigado a comer um alimento tóxico...

— Detetive Sturgis — repetiu Broussard, nada de amigável em sua voz.

— Sim, senhor?

— Esta mulher. Já a viu antes?

Eles vinham vigiando o carro descaracterizado com Schwinn e ele. — por quanto tempo? Teriam espionado também a cena do crime da Beaudry? O tempo todo em que ele e Schwinn andaram juntos? A paranoia de Schwinn tinha sido então justificada. E mesmo assim, ele pegara Tonya Stumpf e a obrigara a atendê-lo no banco de trás, o idiota, descontrolado, filho da...

— Detetive Sturgis — exigiu Broussard. — Precisamos de uma resposta.

Um zumbido vindo da mesa distraiu Milo. Os carretéis do gravador, girando vagarosamente. Quando a máquina fora religada? Milo teve uma suadeira em todo o corpo. Relembrou o discurso de Schwinn diante do prédio de Bowie Ingalls, a súbita e perversa desconfiança, convencido de que Milo era uma planta, e agora...

— Detetive — disse Broussard. — Responda a pergunta. Agora.

— Sim — disse Milo.

— Sim, o quê?

— Eu a vi.

— Sim, você viu, filho — disse Broussard, abaixando-se e exalando perfume cítrico e sucesso.

O sacana era apenas uns poucos anos mais velho que Milo, mas não havia dúvida sobre quem detinha o poder. — Você definitivamente a viu.

Eles o mantiveram ali por mais uma hora e meia, gravando seu depoimento e depois o reproduzindo vezes sem conta. Explicando que queriam se assegurar de que tudo tinha sido gravado precisamente, mas Milo sabia qual era a verdadeira razão: vontade de que ele ouvisse o medo e a atitude evasiva existentes em sua própria voz, a fim de instilar ódio por si mesmo e amaciá-lo para o que quer que tivessem em mente para ele.

Milo agarrou-se aos detalhes básicos da carona de Tonya — coisa que eles já sabiam — e resistiu à pressão para dar mais detalhes. A sala ficou quente e rançosa de medo quando mudaram o assunto de Tonya para o comportamento de Schwinn em geral. Atacaram-no como mosquitos, querendo saber dos pontos de vista políticos de Schwinn, atitudes raciais, suas opiniões sobre a atividade policial. Incitando, instigando, seduzindo, ameaçando Milo sutil e não tão sutilmente, até que ele se sentiu tão vivo quanto um pedaço de carne no açougue.

Voltaram a tratar dos detalhes sexuais. Ele manteve sua negativa de haver testemunhado quaisquer encontros sexuais entre Schwinn lonya ou qualquer outra. O que era tecnicamente

correto, porque mantivera os olhos na rua à sua frente e não tivera vontade de sPreitar o boquete pelo retrovisor.

Quando perguntaram sobre a conversa entre Schwinn e Tonya, e recorreu a um papo-furado sobre não ter ouvido porque eles só falado aos cochichos.

— Cochichos? — estranhou Broussard. — Você não achou isso interessante? O detetive Schwinn cochichando com uma prostituta conhecida no banco de trás de um veículo de propriedade do Departamento?

— Imaginei que fosse assunto de trabalho. Ela era uma informante e Schwinn a estava pressionando atrás de informações.

Esperando pela pergunta óbvia: "Informações sobre o quê?"

Mas ela nunca foi feita.

Nenhuma indagação a respeito da morte de Janie Ingalls ou de qualquer outro caso em que ele e Schwinn tivessem trabalhado.

— Você pensou que ela fosse uma informante — disse Poulsehn.

— Foi o que o detetive Schwinn disse.

— Então, por que os cochichos? Você supostamente era parceiro do detetive Schwinn. Por que haveria ele de guardar segredos de você?

Porque ele sabia que isto iria acontecer, panaca. Milo deu de ombros.

— Talvez não houvesse nada para contar.

— Nada para contar?

— Nem todo informante tem algo a oferecer — disse Milo.

Broussard desconsiderou o comentário.

— Quanto tempo Schwinn e Tonya ficaram no banco de trás do carro enquanto você dirigia?

— Não muito tempo... talvez uns poucos minutos.

— Especifique.

Sabendo que o carro provavelmente tinha sido observado, Milo manteve-se perto da verdade.

— Dez, talvez 15 minutos.

— Depois do que Tonya Stumpf foi deixada.

— Correto.

— Onde?

— Oitava, perto de Witmer.

— Depois que ela saltou, para onde foi?

Ele deu o nome do restaurante, Ranch Depot Steak House, mas não mencionou o fato do jantar de Tonya ter sido patrocinado por Schwinn.

— Dinheiro trocou de mãos? Sem saber quanto eles tinham visto, Milo arriscou uma mentira

111 Longo silêncio.

— Durante todo o tempo você dirigiu — disse Broussard finalmente.

— Correto.

— Quando o detetive Schwinn pediu que você parasse para Tonya Stumpf, você não se preocupou nem um pouco em estar sendo cúmplice de prostituição?

— Eu nunca vi nenhuma evidência de prosti...

A mão de Broussard cortou o ar.

— A boca de Tonya Stumpf fez contato com o pênis do detetive Schwinn?

— Não que eu...

— Se estava dirigindo e nunca olhou para trás, como pode ter tanta certeza?

— Você me perguntou se vi algo. Não vi.

— Perguntei se ocorreu contato oral-genital.

— Não que eu visse.

— Quer dizer então que a boca de Tonya Stumpf pode ter feito contato com o pênis do detetive Schwinn sem que você visse?

— Tudo o que posso dizer é o que vi.

— O pênis do detetive Schwinn fez contato com a vagina de Tonya Stumpf ou com o ânus de Tonya Stumpf?

— Nunca vi isso. — O filho da mãe estava enfatizando ânus por causa...?

— Tonya Stumpf engajou-se em intimidade física de algum tipo com o detetive Schwinn?

— Nunca vi isso — repetiu Milo, perguntando-se se eles teriam usado uma espécie de luneta de visão noturna, tinham tudo em filme e se ele não estaria sendo torrado numa chapa quente.

— Boca no pênis — disse Poulseenn. — Sim ou não.

— Não.

— Pênis na ou dentro da vagina?

— Não.

— Pênis no ou dentro do ânus?

Mesma ênfase. Definitivamente não era uma coincidência.

— Não — disse Milo. — E eu acho que seria melhor eu falar com um representante da Liga Protetora.

— Acha mesmo?

— Sim, isto é, obviamente...

— Pode falar, detetive Sturgis. Se pensa que realmente precisa de representação. Mas por que haveria de pensar isso?

Milo não respondeu.

— Tem alguma coisa com que se preocupar, detetive? — perguntou Broussard.

— Não tinha, até a hora em que vocês me arrastaram para cá...

— Não o arrastamos, nós o convidamos.

— Oh — disse Milo. — Falha minha.

Broussard pôs a mão no gravador, como que ameaçando tocá-lo de novo. Curvou-se tão perto que Milo pôde contar o número de pontos na sua lapela. Sem poros. Nem um único maldito poro, o filho da mãe era talhado em ébano.

— Detetive Sturgis, você não está insinuando estar sendo vítima de coerção, está?

— Não.

— Fale-nos sobre seu relacionamento com o detetive Schwinn.

Milo falou: — Somos parceiros, não amigos. O tempo que passamos juntos é gasto com trabalho. Resolvemos sete homicídios em três meses... cem por cento de todos os casos sob nossa responsabilidade. Recentemente pegamos um oitavo, uma séria histórica de mistério que requer...

— Detetive — disse Broussard. Mais alto. Cortando aquela possibilidade de conversa. — Alguma vez testemunhou o detetive Schwinn recebendo dinheiro de alguém durante as horas de trabalho? Nenhuma vontade de falar sobre Janie Ingalls.

Apanhado naquele ritual de caça cabeças, que não iria — não poderia — ser interrompido até que se esgotasse. Ou algo mais: um ativo desinteresse em Janie Ingalls?

— Não — disse Milo.

— Não com Tonya Stumpf?

— Não.

— Ou alguma outra? — vociferou Broussard.

— Não — respondeu Milo. — Nunca, nem uma vez.

Broussard abaixou o rosto e dirigiu o olhar fixamente para os olhos de Milo. Milo sentiu seu hálito, morno, cheirando a hortelã, agora subitamente azedo, como se a bile tivesse subido no esôfago — Quer dizer então que as funções fisiológicas do corpo do cara funcionavam, apesar de tudo. — Nem uma vez — repetiu ele.

Deixaram que ele se fosse tão abruptamente quanto o tinham levado, sem palavras de despedida, os dois homens dos Assuntos Internos virando-lhe as costas. Milo saiu direto da delegacia, sem subir para ver sua mesa ou se dar ao trabalho de verificar as mensagens.

Na manhã seguinte um expediente do departamento apareceu na sua caixa postal de casa. Envelope branco comum, sem selo ou marca de Correio, entregue pessoalmente.

Transferência imediata para o posto de West L.A., um jargão burocrático a respeito de alocação de mão-de-obra. Um adendo datilografado dizendo que um armário já tinha sido designado para ele e o número. O conteúdo da sua mesa e seus pertences pessoais haviam sido removidos da Central. Os casos principais tinham sido transferidos para outros detetives.

Milo telefonou para a Central, tentou descobrir quem tinha ficado com o assassinato de Janie Ingalls, esbarrou em uma porção de evasivas e finalmente descobriu que o caso tinha ido para a Divisão de Homicídios Metropolitana. Os famosos rapazes de Parker Center. Chutado para cima.

O pessoal da Metropolitana adorava publicidade, e Milo achou que desta vez Janie iria parar nos jornais. Nada.

Telefonou para a Divisão Metropolitana, deixou meia dúzia de recados, querendo dar as informações que não tivera tempo para inserir no Livro do Assassino. A festa na casa dos Cossack, o desaparecimento de Melinda Waters, as suspeitas da Dra. Schwartzman a respeito de Caroline Cossack. Ninguém retornou seus telefonemas. Em West L.A., seu novo tenente era grosso e hostil, e a designação de Milo para ser parceiro de alguém foi retardada — mais algaravia do departamento. Uma pilha imensa de casos antigos e alguns poucos casos novos — casos idiotas, por sorte — aterrissou na sua mesa. Ele rodava sozinho, andava de um lado para o outro como um robô, desorientado pelo novo ambiente. West L.A. tinha as mais baixas estatísticas criminais da cidade, e Milo percebeu que sentia falta do ritmo das ruas sangrentas.

Não se esforçou para fazer amigos, evitou socializar depois do trabalho. Não que recebesse convites. Os detetives de Westside eram ainda mais frios que seus colegas da Central, e ele gostaria de saber até que ponto isso se devia a ter sido parceiro de Schwinn ou mesmo por ter sido considerado delator. Ou os rumores o teriam seguido até ali? Tira bicha. Tira bicha e delator? Já estava ali havia algumas semanas quando um tira chamado Wes Baker tentou socializar —

dizendo a Milo ter sabido que ele tinha feito mestrado, e que já era tempo que alguém com cérebro entrasse para a polícia. Baker imaginava-se como um intelectual, jogava xadrez, vivia em um apartamento cheio de livros e usava palavras grandes quando pequenas teriam bastado. Milo o via como um palhaço pretensioso, mas permitiu que Baker o levasse em encontros duplos com sua namorada e as aeromotas colegas dela. Até que uma noite Baker passou de carro e o viu de pé numa esquina da West Holly wood, esperando que o sinal abrisse.

Os únicos homens andando a pé por ali eram homens em busca de outros homens, e o olhar silencioso de Baker disse tudo a Milo. Pouco tempo depois alguém arrombou o armário de Milo e deixou uma pilha de pornografia gay sadomasoquista.

Uma semana após isso, Delano Hardy — o único detetive negro da delegacia — foi designado para ser seu parceiro. As primeiras semanas em que saíram de carro foram de boca fechada, pior do que com Schwinn, uma tensão quase insuportável. Del era religioso, batista e caíra em desgraça com a chefia por criticar as políticas raciais do departamento. Não era, contudo, homem que cultivasse a inconformidade sexual. A notícia do caso do material pornô corraera o departamento, e olhares glaciais pareciam seguir Milo por toda parte.

Aí então as coisas amainaram. Del mostrou-se psicologicamente flexível—um cara metucioso, certinho com bons instintos e obcecado por cumprir com sua obrigação.

Os dois começaram a trabalhar em equipe, resolveram caso após caso e forjaram um vínculo baseado no sucesso e em evitar certos tópicos. Em menos de seis meses os dois estavam no esquema, prendendo os bandidos com facilidade. Nenhum deles era convidado para os churrascos da delegacia nem para matar tempo no bar. Ou para as surubas dos tiras.

Quando o dia de trabalho terminava, Del retornava para a casa onde morava em um conjunto residencial no Leimert Parke para sua esposa séria e irritadiça, que ainda não sabia da existência de Milo. E Milo voltava para seu apartamento de solteiro. Não fosse pelo caso Ingalls, ele tinha uma média quase perfeita de solução de crimes.

Mas quanto ao caso Ingalls...

Nunca mais viu Pierce Schwinn, só ouviu um boato de que o cara tinha se aposentado precocemente. Poucos meses depois telefonou para o Departamento Pessoal do Parker Center, mentiu e conseguiu saber que Schwinn saíra sem registro de ação disciplinar.

Assim, talvez aquilo tudo nada tivesse a ver com Schwinn, afinal, e tudo com Janie Ingalls. Encorajado, telefonou para a Divisão Metropolitana de novo tentando pescar uma novidade sobre o caso. Mais uma vez, não houve resposta. Tentou o Arquivo, na esperança de que talvez alguém tivesse fechado o caso. Foi informado de que o caso não estava listado como fechado. Também nada de notícias de Melinda Waters.

Em uma manhã quente de julho, ele acordou sonhando com o cadáver de Janie. Pegou o carro e foi até Holly wood, passando pelo lugar onde Bowie Ingalls havia morado, em Edgemont. O prédio cor-de-rosa não havia mais, tinha sido demolido, o terreno estava sendo preparado para um estacionamento subterrâneo, os primeiros sinais da construção já apareciam. O esqueleto de um edifício de apartamentos muito maior.

Foi em seguida até Gower e seguiu dois quilômetros para o norte. A casinha miserável de Eileen Waters ainda estava de pé, mas ela fora embora, e dois homens esbeltos e efeminados — negociantes de antiguidades — moravam ali agora. Em questão de momentos ambos estavam flertando escandalosamente com Milo, o que o assustou. Ele caprichara no jeitão de tira macho e

ainda assim eles perceberam...

Os dois meninos alugavam a casa, que já estava vazia quando se mudaram. Não tinham a menor ideia de para onde a antiga moradora se mudara.

— Vou lhe dizer uma coisa — falou um dos rapazes. — Ela fumava muito. O lugar recendia.

— Nojento — concordou seu amigo. — Limpamos tudo, tinha coisas neo-Biedermeier, você não seria capaz de reconhecer — sorrindo conspiratoriamente. — Agora nos conte. O que foi que ela fez?

Capítulo 11

Milo terminou a história e entrou na minha cozinha. Linha reta para a geladeira, finalmente.

Vi que ele abria o compartimento do freezer, onde se encontrava a garrafa de Stolichnaya. A vodca tinha sido um presente dele para mim e Robin, embora eu raramente tomasse outra coisa que não Scotch ou cerveja e Robin só bebesse vinho. Robin...

Vi-o encher meio copo e esguichar um pouco de suco de toranja para dar cor. Bebeu tudo, serviu outra dose e voltou para a mesa da sala.

— É isso aí — disse ele. Falei: — Um detetive negro chamado Broussard. Como em...

— Sim.

— Ah.

Bebendo de um gole a segunda vodca, ele retornou à cozinha, Preparou um terceiro copo, mais álcool, sem suco. Pensei em dizer alguma coisa — às vezes ele quer que eu desempenhe esse papel.

Lembrei-me da quantidade de Chivas que eu engolira desde a partida de Robin e contive minha língua.

Quando voltou, sentou-se pesadamente, envolveu o copo com duas mãos grandes e o girou, criando um miniturbilhão de vodca.

— John G. Broussard — falei.

— O próprio.

— O modo como ele e o outro cara pressionaram você. Parece kafkiano.

Ele sorriu.

— Hoje acordei metamorfoseado em uma barata? É, o bom e velho John G. tinha talento para essas coisas, graças aos velhos tempos. Serviram bem ao rapaz, não é mesmo? John Gerald Broussard era chefe de polícia de L.A. há pouco mais de dois anos. Escolhido a dedo pelo prefeito que deixava o cargo, naquilo que muitos diziam ter sido uma manobra óbvia visando neutralizar as críticas aos problemas raciais do LAPD. Broussard tinha porte militar e uma personalidade incrivelmente dominadora.

A Câmara de Vereadores não confiava nele, e a maior parte de seus oficiais — mesmo os negros — o desprezava por causa do seu passado de caçador de cabeças. O franco desdém por qualquer um que questionasse suas decisões, seu evidente desinteresse pelos detalhes de policiamento de rua e sua obsessão por disciplina interdepartamental ajudavam a compor o quadro. Broussard parecia deleitar-se com a falta de popularidade. Na cerimônia de posse, envergando, como de hábito, o uniforme de gala, o peito cheio de passadeiras coloridas, o novo chefe estipulou sua prioridade número um: tolerância zero para quaisquer infrações de seus

policiais. No dia seguinte, dissolveu um amplamente estimado sistema de postos avançados de ligação comunidade-polícia em bairros com alta taxa de crimes, alegando que nada faziam no sentido de reduzir o número de violações à lei e que a excessiva confraternização com os cidadãos "desprofissionalizava" o departamento.

— O imaculado John Broussard — falei. — Talvez tenha ajudado a enterrar o caso de Janie Ingalls. Alguma ideia do motivo? Ele não respondeu, bebeu mais um pouco, deu outra olhada no Livro do Assassino.

— Parece que isso na realidade foi enviado a você — falei.

Ainda sem resposta. Deixei passar alguns momentos.

— O caso Ingalls chegou a apresentar alguma novidade?

Ele sacudiu a cabeça.

— Melinda Waters apareceu?

— Se ela tivesse aparecido, eu não saberia — respondeu Milo. Depois que fui transferido para West L.A., não acompanhei mais o caso.

— Pelo que sei, ela se casou, teve filhos, está morando em uma casinha bonita com uma televisão de tela grande. Falando rápido demais, alto demais. Eu conhecia uma confissão quando a ouvia.

Ele passou um dedo pelo colarinho. A testa estava lustrosa e as rugas de estresse em torno da boca e dos olhos tinham se aprofundado. Ele terminou a terceira vodca, levantou-se e dirigiu o corpanzil de volta para a cozinha.

— Sedento — falei.

Ele parou e se virou. Olhar penetrante.

— Olha quem está falando. Seus olhos. Vai querer me dizer que não tem bebido? — Esta manhã — falei.

— Congratulações. Cadê a Robin? — perguntou. — O que diabos está havendo com vocês dois?

— Bem — disse eu —, meu correio tem andado interessante.

— Sim, sim. Onde está ela, Alex?

As palavras encheram minha cabeça, mas ficaram bloqueadas em algum lugar na minha garganta. Minha respiração ficou curta. Olhamos fixamente um para o outro.

Ele riu primeiro.

— Eu mostro o meu se você mostrar o seu?

Contei a ele o básico.

— Então foi uma oportunidade para ela — disse Milo. — Ela vai tirar isso da cabeça e voltar.

— Talvez.

— Aconteceu antes, Alex. Obrigado por me lembrar, amigo.

— Desta vez eu não posso me impedir de pensar que é mais sério, ela escondeu a proposta de mim por duas semanas.

— Você estava ocupado — disse ele.

— Não acho que seja isso. O modo como me olhava em Paris. O modo como partiu. A falha geológica pode ter se deslocado demais.

— Deixa disso, que tal um pouco de otimismo? Você está sempre me pregando sermões sobre otimismo.

— Eu não prego. Eu sugiro.

— Então eu sugiro que você faça a barba, tire a remela dos olhos, vista uma roupa limpa, pare de ignorar os telefonemas dela e tente fazer o que tiver de ser feito, pelo amor de Deus. Vocês dois parecem...

— Parecem o quê?

— Eu ia dizer um casal com muitos anos de casado.

— Mas não somos — falei. — Não somos casados... Todos esses anos juntos e nenhum de nós tomou a iniciativa de legalizar a união. O que significa isto? — Vocês não precisavam da certidão de casamento. Acredite em mim, sei tudo a esse respeito. Ele e Rick estavam juntos havia mais tempo que Robin e eu.

— Você teria legalizado, se pudesse? — Provavelmente — disse ele. — Talvez. Mas qual é a grande questão entre vocês dois? — É complicado. E eu não estive evitando Robin. Continuamos sentindo a falta um do outro.

— Esforce-se mais.

— Ela está na estrada, Melo.

— Esforce-se mais, de qualquer modo, merda! — O que é que há com você? — perguntei.

— Desilusão aguda. Além de toda a desilusão crônica causada pelo meu trabalho. — Ele bateu com a mão no meu ombro. — Preciso que algumas coisas em minha vida sejam constantes, meu chapa. Quero que Robin e você se acertem para a minha paz de espírito, OK? Seria pedir muito? Sim, sim, sei que é egoísta, mas é assim que é.

O que se pode responder a uma coisa dessas? Fiquei ali sentado, quieto, e ele secou a testa. Mas continuou a suar. Parecia completamente infeliz. Senti-me, o que era uma loucura, culpado.

— Nós vamos nos acertar — ouvi minha voz dizer. — Agora me fale: por que passou mal quando viu a foto de Janie Ingalls?

— Baixa taxa de açúcar no sangue — respondeu ele. — Não tive tempo de tomar café da manhã.

— Ah, sim. O que explica a vodca.

Ele deu de ombros.

— Pensei que estivesse louco, mas talvez porque achasse que deveria ter insistido mais no caso.

— Talvez "NS" signifique que alguém pense que deva fazê-lo agora. Alguma outra foto no livro significa algo para você? — Nenhuma.

Olhei para as luvas que ele acabara de descartar.

— Vai procurar digitais?

— Talvez — disse ele. Depois fez uma careta.

— O quê?

— Fantasmas de fracassos passados.

Milo serviu um quarto copo. Quase que somente suco, talvez uma gota de vodca.

— Algum palpite sobre quem mandou? — perguntei.

— Tudo indica que você tem um.

— Seu ex-parceiro, Schwinn. Ele gostava de fotografia. E tinha acesso aos velhos arquivos da polícia.

— Por que diabos ele ia querer entrar em contato comigo agora? Schwinn não me

suportava. Não ligava a mínima para o caso Ingalls ou qualquer outro.

— Talvez o tempo o tenha amolecido. Ele trabalhou vinte anos na Homicídios antes da sua chegada. Estou querendo dizer que e esteve na função durante a maior parte do período coberto. Por estas fotos. As que precederam sua época, ele furtou. Para quem já tinha violado as regras, levar umas poucas fotos de cenas de crime não era grande coisa. O livro podia fazer parte de uma coleção que ele reunira no decorrer dos anos. Chamou-o de livros dos Assassinatos e colocou-o numa capa azul só para ficar mais bonito.

— Mas por que mandá-lo para mim por meio de você? Por que agora? Qual a razão?

— A foto de Janie poderia ter sido tirada pelo próprio Schwinn?

Calçando um novo par de luvas, ele folheou o livro até de Jane Ingalls.

— Não, esta foi processada profissionalmente, melhor do que o que ele teria obtido com aquela Instamatic.

— Talvez ele tenha mandado reprocessar o filme. Ou se ele ain da é um aficionado, montou um laboratório em casa. — disse ele. — Pro inferno com todas essas hipóteses cara não confiava em mim quando trabalhávamos juntos iria entrar em contato comigo? se ele descobriu algo vinte anos depois que finalmente está Pronto para compartilhar? Assim como a fonte que o orientou para Bowie Ingalls e a tal festa. A esta altura, ele está perto dos setenta anos, pode estar doente ou moribundo. Ou apenas introspectivo. A idade faz isso. Sabe que ele não está em posição de fazer alguma coisa pelo caso, mas acha que talvez você esteja.

Milo pensou no que ouviu. Novamente sem luvas, parou, olhou fixo para a geladeira, mas não se mexeu. — Podemos inventar teorias o dia inteiro, mas o livro pode ter sido mandado por qualquer pessoa.

— Mesmo? — falei. — A morte de Janie nunca saiu na mídia, de modo que só pode ter sido alguém com informação privilegiada. E a crença de Schwinn na ciência vir a ser uma importantíssima ferramenta investigativa pode ter um papel fundamental nisso tudo. Aquele dia chegou, certo? Exame de DNA, todas as coisas boas dos últimos tempos. Se as amostras de sangue e sêmen foram guardadas...

— Não sei sequer se havia sêmen em Janie, Alex. Schwinn achava que havia sido um crime sexual, mas nenhum de nós dois chegou a ver o resultado da autópsia. Uma vez que eles nos isolaram, nunca vi um pedaço de papel oficial. — Um punho enorme bateu na mesa, e o Livro do Assassino deu um pulo. — Isto é uma coisa absolutamente sem sentido.

Mantive a boca fechada.

Ele começou a andar de um lado para o outro na sala.

— Filho da mãe... tenho a maior vontade de vê-lo cara a cara. Se foi ele... por que mandou o livro para você? — Cobrindo os rastros — sugeri. — Schwinn sabia que trabalhamos juntos— outra indicação de um interesse em questões policiais.

— Ou só de alguém que lê jornal, Alex. Nossos nomes andaram emparelhados no caso Teague.

— E você saiu consagrado, grande feito. Schwinn pode não ter gostado de você, respeitado ou confiado, mas talvez tenha seguido sua carreira e mudado de opinião.

— Me dá um tempo! — Ele pegou o copo. Um fio de vodca tinha se depositado no fundo, uma fita congelada de álcool. — Com tantas hipóteses, parece que minha cabeça vai arrebentar. Às vezes eu me pergunto exatamente o que será que forma a base de nossa amizade.

— Isto é fácil — falei. — Uma patologia comum.

— Que patologia?

— Incapacidade mútua de relaxar. Schwinn, ou quem quer que tenha mandado o Livro do Assassino, sabe disso.

— Ele que se dane. Não vou morder essa isca.

— A decisão é sua.

— Absolutamente correto.

— Ah.

— Odeio quando você faz isso.

— Faz o quê?

— Diz "Ah", como um maldito dentista.

— Ah.

Ele recuou o braço e mandou um soco de mentira com a mão fechada na direção do meu queixo.

— Pow! Mergulhei um polegar no álbum azul.

— Então, o que você quer que eu faça com ele, jogue fora?

— Não faça nada. — Ele se levantou. — Estou me sentindo um tanto... tenho que tirar uma soneca. O quarto de hóspedes está arrumado?

— Como sempre. Bons sonhos.

— Muito obrigado, Norman Bates. — Ele saiu tropeçando na direção dos fundos da casa e ficou fora talvez por uns dez minutos antes de retornar sem gravata, camisa para fora das calças. Dando a impressão de que tinha sofrido uma noite inteira de pesadelos em apenas seiscentos segundos.

— O que eu vou fazer — disse ele —, tudo o que eu vou fazer, é uma tentativa básica para encontrar Schwinn. Como dar um telefonema. Se eu o encontrar e ele disser que mandou o livro, ele e eu teremos uma conversinha, pode acreditar em mim. Se não foi ele, esqueçemos tudo.

— Parece um plano.

— O quê? Não gosta?

— Está ótimo para mim.

— Beleza. Porque é isso aí.

— Maravilha.

Calçando as luvas de novo, ele pegou o Livro do Assassino, seguiu para a porta da frente e disse: — Sayonara. Foi quase divertido. Ao pôr o pé do lado de fora, falou: — Fique em casa para atender ao telefonema da Robin. Lide com o problema, Alex.

— Claro.

— Não gosto quando você fica amável.

— Então vá se ferrar. Ele sorriu.

— Ah.

Fiquei ali sentado por longo tempo, meio deprimido. Perguntando-me se Robin ia telefonar de Eugene. Imaginando que se ela não telefonasse em duas horas, eu iria para algum lugar, qualquer lugar.

Caí no sono ali na mesa da sala de jantar. O telefone me acordou duas horas mais tarde.

— Alex.

- Oi.
- Finalmente peguei você — disse ela. — Tentei tantas vezes.
- Estive fora. Desculpe.
- Fora da cidade?
- Só umas comprinhas. E você. Como vai?
- Ótima. Excelente, o tour. Temos conseguido ótima publicidade. Tudo vendido.
- E o Oregon?
- Verde, bonito. Tenho visto quase que apenas palcos sonoros.
- Como vai o Spike?
- Está bem. Se adaptando. Sente falta de você.
- Sinto falta dele também.
- Alex?
- Hã?
- O que está... você está bem?
- Claro... me diga você, sexo, drogas e rock and roll não são o que prometiam?
- Não é assim — disse ela.
- Que parte? Sexo ou drogas?

Silêncio.

— Estou trabalhando realmente duro — disse ela. — Todo mundo está. A logística é fantástica, não deixa faltar nada.

- Empolgante.
 - E satisfatório.
 - Espero que sim — falei.
- Silêncio maior.

- Sinto — disse ela — que você está muito distante de mim. E, por favor, não seja literal.
- O contrário de metafórico?
- Você está com raiva.
- Não estou, eu amo você.
- Eu realmente sinto sua falta, Alex.
- Nada a impede de vir para casa a qualquer instante — falei.
- Não é tão simples.
- Por que não? O que houve, isso aí se transformou em um tour "heavy metal, com correntes e grilhões?

- Por favor, não seja assim, Alex.
- Assim como?

— Sarcástico, dissimulado. Sei que está furioso comigo, e provavelmente esta é a verdadeira razão pela qual não me telefonou e volta imediatamente, mas...

— Você sai e eu sou o bandido? Sim, a verdadeira razão pela qual sentimos falta um do outro é que eu não estava em forma para falar com ninguém. Não era raiva, eu só... fiquei vazio. Depois tentei ligar, mas você, como disse, estava ocupada. Eu não estou com raiva, eu... faça o que você precisa fazer.

- Você quer que eu desista?
- Não, você nunca me perdoaria por isso.

- Eu quero ficar.
 - Então fique.
 - Oh, Alex...
 - Tentarei ser o Sr. Animado — prometi.
 - Não, eu não quero isso.
 - Mesmo porque provavelmente eu não conseguiria. Nunca fui muito bom para representar... acho que não me daria bem com seus novos amiguinhos.
 - Alex, por favor... oh, droga... Espere um pouco! Estão me chamando, uma crise qualquer... droga, não quero desligar desse jeito.
 - Faça o que tiver de fazer — falei.
 - Telefone mais tarde. Eu o amo, Alex.
 - Amo você também.
- Clique.

Bom trabalho, Delaware. Foi para isto que o mandamos para a escola de terapeutas? Fechei os olhos, lutei para esvaziar meu cérebro e depois o enchi com retratos mentais. Finalmente encontrei a imagem que queria.

O corpo brutalizado de Janie Ingalls.

Uma garota morta, concedendo-me uma graça momentânea, enquanto eu me deixava perder na sua imaginada agonia.

Capítulo 12

Uma coisa a respeito de privação sensorial: tende a revigorar suas percepções. E um plano — qualquer plano — abre a porta para a auto— importância.

Quando saí de casa, as árvores estavam mais verdes sob a luz benevolente do sol que me beijou como uma amante e me fez lembrar do motivo pelo qual as pessoas continuavam se mudando para a Califórnia. Recolhi a correspondência do dia — lixo, lixo, lixo —, depois caminhei até o jardim de trás e parei junto ao lago. As carpas teciam um desenho dourado sinuoso, hiperativo, clamando às bordas de pedra, atraídas à superfície pelas minhas passadas. Dez peixes muito famintos. Eu os fiz felizes. Depois peguei o carro e fui para a escola.

Usei meu cartão da faculdade de medicina localizada no outro lado da cidade para conseguir uma vaga no estacionamento do campus norte, caminhei até a Biblioteca de Pesquisa, com seus bancos de dados próprios, depois me liguei na Internet e abri meu caminho usando uns dez mecanismos de busca. Janie ou Jane Ingalls resultou no aparecimento da árvore genealógica da família Ingalls-Dudenhoffer, de Hannibal, Missouri. A tataravó, Jane Martha Ingalls, faria anos na próxima semana. Bowie Ingalls conectou-me com um fã-club de David Bowie em Manchester, Inglaterra, e ao site de um professor de história da Universidade de Oklahoma chamado Jim Bowie.

Pipocaram diversas correspondências ao nome Melinda Waters, mas nenhuma delas parecia remotamente importante. Uma física com esse nome trabalhava no Lawrence Livermore Laboratory, uma adolescente de 19 anos chamada Melinda Sue Waters vendia fotos de si própria sem roupa em uma cidadezinha no Arkansas e Melinda Waters, advogada ("Especializada, em Falências e Despejos!") apregoava seus serviços em um boletim legal tipo

quadro de avisos de Santa Fé, Novo México. Nada de histórias de crime ou da morte de nenhuma das garotas. Talvez a amiga de Janie tivesse realmente retornado à superfície e se esgueirado de volta para seu papel na sociedade sem que notassem.

Tentei o nome da mãe dela — Eileen — sem resultado.

Próxima busca: Tonya Marie Stumpf. Nada também sobre a companheira de banco de trás de Pierce Schwinn. Nenhuma surpresa — eu não esperara mesmo que uma prostituta velha tivesse sua própria página na Web.

Nenhum dado a respeito de Pierce Schwinn tampouco. Seu sobrenome trouxe diversos itens de bicicleta Schwinn e uma pequena notícia que atraiu minha atenção por ser relativamente local: era uma nota sobre uma exposição de cavalos que ocorrera no ano anterior e na qual uma das vencedoras tinha sido uma mulher chamada Marge Schwinn, que criava cavalos árabes em um lugar chamado Oak View. Procurei a cidade. Pouco mais de cem quilômetros ao norte de L.A., perto de Ojai.

Exatamente o tipo de fuga semirrural que podia atrair um ex-tira. Escrevi o nome dela.

Conectar-me nas atividades da família Cossack manteve-me ocupado por longo tempo, com dezenas de artigos no L.A. Times e no Daily News que datavam da década de 1960.

O pai dos rapazes, Garvey Cossack Sênior, recebera a atenção intermitente da imprensa por ter demolido diversas edificações e ter levantado shopping centers, trabalhando para obter modificações no zoneamento urbano, misturando-se com políticos em eventos destinados a levantamento de fundos. A firma dele contribuíra para as caridades da United Way, mas não encontrei sinal de doações para a Pouce Benevolent Society ou ligações com John G. Broussard ou o LAPD.

Uma foto tirada 25 anos atrás para uma coluna social mostrava Cossack Sênior como um homenzinho baixo, careca e rotundo, com imensos óculos de aros escuros, uma boquinha dispéptica e uma certa predileção por bolsos quadrados de tamanho exagerado. Use, sua esposa, era mais alta meia cabeça que ele, com o cabelo longo demais para um rosto de meia-idade, faces cavadas, mãos tensas e olhos sonados. A não ser pela vez em que esteve envolvida com a organização do Baile das Debutantes do Country Club de Wilshire para fins de caridade, ela sempre permanecera fora das luzes da ribalta. Verifiquei a lista das jovens que foram apresentadas à sociedade nesse baile. Nenhuma menção a Caroline Cossack, a garota que nunca mudava de roupa e que podia ter envenenado o cachorro da vizinha. Garvey Jr. e Bob Cossack começaram a chegar às páginas dos jornais quando tinham vinte e tantos anos — pouco tempo depois do assassinato de Janie Ingalls. Sênior desmaiara no sétimo buraco do campo de golfe do Wilshire Country Club, e as rédeas da firma Cossack Development passaram para os filhos. Eles diversificaram quase que imediatamente, dando seguimento aos projetos imobiliários, mas também bancando um monte de filmes independentes estrangeiros, nenhum dos quais fez dinheiro.

Fotos publicadas na seção Calendário mostravam os irmãos comparando a premiêres, tomando sol em Cannes, arriscando-se no "arque da Cidade para o Sundance Festival, saindo com estrelinhas e fotógrafos de moda, herdeiros viciados, gente famosa por ser famosa. O sortimento usual de parasitas de Hollywood. Garvey Cossack Jr. parecia amar a câmera — seu rosto era semPre o mais próximo da lente. Mas ele se iludia, considerando-se fotogênico. O rosto do qual ele se gabava era curto e gordo, suíno, encimado por um cabelo castanho-claro ondulado que já

ia escassa e ancorado por um pescoço mole que escorava a esfera do crânio como uma braçadeira adiposa. O irmão mais moço Bob (alinhado de "Bobo" porque quando criança adorava o lutador Bob Brazil) também tinha as feições grosseiras, mas mais finas que as do irmão, com o cabelo escuro e comprido penteado para trás a partir de uma testa baixa e quadrada e de um bigode à la Frank Zappa que diminuía seu queixo. Os dois irmãos favoreciam conjuntos de ternos pretos e camiseta, que davam a impressão de costumeiras. Nada vestia Garvey direito e Bobo parecia ter furtado suas roupas numa loja. Fisionomias destinadas ao quarto dos fundos, não aos spotlights.

As aventuras dos irmãos Cossack na tela grande pareceram durar três anos, depois eles engrenaram outra marcha e passaram a fazer barulho em prol de trazer um time de futebol para o Coliseu. Ressuscitando um dos sonhos não concretizados do pai. Reunindo um consórcio de agentes financeiros, os irmãos submetem uma proposta à Câmara dos Vereadores da cidade que terminou sendo denunciada pelos membros mais populistas como um esquema para atrair financiamento dos contribuintes para o seu plano que só visava lucro.

A aventura esportiva fracassou da mesma forma que os filmes, e por um bom par de anos os irmãos Cossack hibernaram. Depois Garvey Cossack reapareceu com planos para uma comunidade custeada federalmente visando um projeto destinado a renovar o desenvolvimento no Vale de San Fernando, enquanto Bobo chamou a atenção por tentar demolir um boliche em Hollywood, que os locais queriam preservar como um ponto de referência, a fim de construir um gigantesco shopping consistindo em lojas e restaurantes localizados lado a lado em um prédio comprido e com uma área de estacionamento diretamente localizada na frente das lojas.

O obituário da mãe deles datava de três anos antes. Ilze Cossack morrera "...após uma longa batalha contra a doença de Alzheimer, serviços religiosos privados, em lugar de flores, doações para..." Ainda nenhuma menção à irmã Carolina.

Comecei a examinar a Web e os arquivos dos periódicos em busca de relatos de homicídios sexuais que tiveram lugar no período de cinco anos da morte de Janie Ingalls e não encontrei nada drasticamente similar. Interessante, porque os sádicos não se aposentam voluntariamente, de modo que o assassino de Janie estava morto ou preso. Nesse caso, Milo conseguiria vir a obter as respostas que queria? Desci até a Sala de Relações Públicas, apossei-me de todos os números antigos do FBI Law Enforcement Journal que pude encontrar, juntamente com pilhas de revistas de medicina legal e periódicos criminais. Por causa da selvageria do que fora feito com Janie, o padrão dos ferimentos — em particular a retirada do escalpo — devia ter se repetido.

Mas se havia se repetido, eu não consegui encontrar a evidência. A revista do FBI trazia desde matérias sobre o VICAP (Programa de Apreensão de Criminosos Violentos) e detalhados estudos de crimes até afáveis artigos de testemunhos de policiais destinados a relações públicas, e o único caso relatando a remoção da pele que envolvia o crânio aparecia em um comunicado por rádio de um crime no Brasil: um médico nascido na Alemanha tinha matado diversas prostitutas e guardado seus escalpos como troféus. O homem estava com pouco menos de trinta anos — e mal andava na época do caso Ingalls. Todo mundo começa sendo um lindo bebê.

Talvez o assassino de Janie tivesse continuado a insistir em seus interesses terríveis sem deixar corpos para trás.

Mas não fazia sentido. Ele exibira o cadáver de Janie vinte anos antes e o mais provável era ter-se tornado mais, e não menos, atrevido.

Quando cheguei em casa minha secretária eletrônica registrava zero telefonemas. Liguei para a casa de Milo e Rick Silverman atendeu, com voz de sono. Ele é cirurgião de uma emergência. Seja qual for a hora em que eu telefone, ele me dá a impressão de estar acordando.

— Alex. Como vai? — O jeito dele era casual. Então Milo não tinha falado sobre Robin.

— Ótimo, e você?

— Eu trabalho, eles me pagam. Não me queixo.

— Você é o único médico que não se queixa.

Ele riu.

— Na verdade, eu reclamo bastante, mas chega um momento em que você não aguenta mais a si próprio. Fico repetindo para mim mesmo o tempo todo que é uma sorte eu ser assalariado porque aí não tenho que lidar com os planos de saúde diretamente. Talvez um dia Milo pague todas as contas.

— Isso vai ser no ano em que ele for para Paris, a fim de assistir aos grandes desfiles das principais coleções.

Ele riu de novo, mas eu fiquei pensando: Paris? De onde diabos veio isso, professor Freud!

— Quer dizer então que você está ocupado — falei.

— Acabo de sair de um divertido festival que durou 18 horas. Colisão de vários carros.

Papai e Mamãe tendo uma discussão à-toa no banco da frente, dois garotos no banco de trás, três e cinco anos, sem cadeirinha própria, sem cintos de segurança. Papai e Mamãe sobreviveram. Pode ser inclusive que ela volte a andar... chega disso, senão vou ter que pagar a você pela consulta. O grandalhão não está. Apareceu voando para o jantar e saiu.

— Ele disse aonde estava indo?

— Não. Mandamos buscar comida chinesa e eu cochilei no frango moo goo. Quando acordei, ele tinha me posto na cama e deixado um bilhete dizendo que estaria atarefado por algum tempo. Na verdade, parecia um tanto tenso. Alguma coisa que eu deva saber? Vocês dois começaram algo novo?

— Não — respondi. — Tudo velho.

Tentei ler, assistir à televisão, meditar — meditar foi uma piada, eu só era capaz de me concentrar no que não prestava. Lá pelas dez da noite eu já estava prestes a arrancar a pintura das paredes com as unhas e só queria saber quando Robin ligaria de novo. Ring-ring.

Meu "alô" foi ofegante.

— Que foi, peguei você no meio de uma série de exercícios? — quis saber Milo.

— Estou no meio de nada. O que é que há?

— Não consigo localizar Schwinn, mas pode ser que tenha localizado sua velha senhora.

— Primeiro nome Marge? Mecca Ranch, em Oak View?

Sua exalação foi um silvo prolongado. — Ora, ora, ora, alguém tem trabalhado que nem uma abelha operária.

— Mais como um zangão. Como você a encontrou?

— Trabalho de detetive exemplar — disse ele. — Consegui pôr as mãos na documentação de aposentadoria de Schwinn... uma coisa indevida, de modo que isto fica entre nós.

— Os cheques da pensão dele iam para o rancho?

— Durante os primeiros 15 anos após a saída dele, depois foram para um endereço em Simi Valley. Depois ele mudou para um endereço numa caixa postal em Oxnard por dois anos e aí

então para o rancho. Ele não aparece nos arquivos do Departamento de Veículos Motorizados, mas o endereço é de Marge Schwinn. Acabo de ligar para ela, fui atendido por uma secretária eletrônica, deixei recado.

— Não tem o nome dele lá? — insisti. — Acha que está morto?

— Ou não dirige mais.

— Um ex-tira que não dirige?

— É — disse ele. — Verdade.

— Vida suburbana em Simi seguida por um interlúdio de dois anos de caixa postal antes do rancho. Isso pode significar divórcio, solidão de solteiro e um novo casamento.

— Ou viuvez. A primeira mulher se chamava Dorothy e deixou de ser sua beneficiária quando ele se mudou para Oxnard. Dois anos mais tarde, surgiu Marge. — Ele fez uma pausa. — Dorothy... acho que ele mencionou esse nome. Está ficando difícil distinguir o que realmente me lembro do que não passa de pensamento desejoso. De qualquer forma, por ora é isso aí.

Contei para ele o tempo que passara na biblioteca, o que eu aprendera sobre os Cossack

— Filhos ricos permanecem ricos — disse ele. — Grande surpresa.

— Também procurei Melinda Waters. Não aparece nos arquivos do estado e tampouco a mãe, Eileen. Isso pode não significar muito no caso dela e/ou a mãe terem se casado e mudado de nome. Queria nome do pai marinheiro de Melinda, mas nunca tive conhecimento. O cara havia embarcado para a Turquia, muita sorte rastreando isso. Mas localizei Bowie Ingalls, e ele está definitivamente morto. Há 19 anos morto.

— Um ano depois de Janie — falei. — O que foi que aconteceu?

— Acidente nas montanhas. Ingalls se chocou com uma árvore e foi projetado através do para-brisa. Quantidade de álcool no sangue quatro vezes o limite legal permitido, uma dúzia de Ouds vazias no carro.

— Onde nas montanhas?

— Bel Air. Perto do reservatório.

— Por quê?

— Não é muito longe da casa da festa.

— Pode ser então que ele estivesse cultivando reminiscências. Os fatos continuam dizendo motorista embriagado. O ângulo Cossack não passa de mera suposição. Por tudo que sei, Janie e Melinda foram a uma outra festa. Ou então Schwinn estava certo e não havia um link com o Westside, as garotas foram apanhadas por um psicopata que as esartejou perto do local em que as largou. Estou cansado, Alex. Tenho que ir para casa.

— Qual é o plano com Marge Schwinn?

— Ela recebeu meu recado.

— E se não responder?

— Eu tento de novo.

— Se Schwinn estiver morto, talvez Marge tenha enviado o Livro do Assassino — falei. — Pode tê-lo encontrado nas coisas dele, juntamente com uma referência a você e a mim.

— Tudo é possível, meu amigo.

— Se você for encontrá-la, se incomoda que eu vá junto?

— Quem disse que vou visitá-la?

Não respondi.

— O que, você não tem nada melhor para fazer? — disse ele.

— Absolutamente nada.

Ele deixou escapar uma expressão de dúvida.

— Robin telefonou — falei. — Nós conversamos.

— Ótimo — disse ele, acrescentando um ponto de interrogação ao comentário.

Recuei para terreno seguro.

— A propósito, você teve tempo para comparar as digitais do Livro do Assassino com o que há nos bancos de dados?

— Só um conjunto que posso ver.

— Meu.

— Bem — disse ele —, não sou nenhum ás, mas tenho as suas digitais e aquelas espirais parecem familiares.

— Então, seja quem for que tenha mandado o livro, limpou-o antes — falei. — Interessante. Sob qualquer ponto de vista. Ele sabia exatamente o que eu queria dizer: um tira cuidadoso ou um assassino minucioso e provocador.

— Seja o que for — disse ele. — Boa-noite.

— Doces sonhos para você.

— Oh, claro. Aqui vêm as fadas dos bombons.

Capítulo 13

Eu não esperava ter notícias dele tão cedo, mas na manhã seguinte, às 11h, Milo apareceu na minha porta, usando uma jaqueta naval por cima de uma camisa xadrez e jeans baggy. Por baixo da jaqueta, o volume da arma estufava a linha da cintura, mas, a não ser por isso, ele parecia um cara em um dia de folga. Eu ainda estava de robe. Nenhum telefonema, até aquela hora, de Robin.

— Pronto para um pouco de ar puro? — perguntou ele. — Estrume de cavalo? Todos os itens acima?

— A segunda senhora Schwinn retornou seu telefonema.

— Não é bem assim, mas eu pensei: com os diabos, Ojai é lindo nesta época do ano.

Um reflexivo "Ah" subiu até minha garganta e parou.

— Vou me vestir.

— E bom.

Ele disse: "O Seville é ótimo em trajetos longos", e eu agradeci. No momento em que liguei o motor, ele jogou a cabeça para trás, fechou os olhos, cobriu-os com um lenço e deixou a boca abrir. Durante a hora seguinte cochilou no banco do carona, abrindo periodicamente os olhos para dar uma espiada pela janela e avaliar o mundo com desconfiança e encantamento, do modo como só as crianças e os policiais são capazes.

Eu também não me sentia com vontade de conversar e preferi companhia da música. Um gravador antigo de Oscar Alemán e tempos de Buenos Aires, os lamentos jazzísticos de Alemán em sua guitarra National niquelada e luminosa como um diamante. A rota para Oak View era norte pela 405 na direção de Ventura, depois sair na Rodovia 33. Mais 16 quilômetros em duas pistas que cortavam as montanhas cinza-rosadas, mas que raramente se elevavam acima do nível do mar, nos levaram a Ojai. O ar carregava a umidade do mar e o céu era branco de algodão acima do horizonte, e depois exibia estratos cor de ardósia onde o sol deveria estar. A luz sufocada destacava os verdes e transformava o mundo em uma explosão nuclear cor de esmeralda.

Fazia alguns anos que eu estivera ali, perseguindo um psicopata determinado a se vingar e conheci um homem impressionante chamado Wilbert Harrison. Não tinha ideia se Harrison ainda morava em Ojai. Psiquiatra e filósofo, ele optara por uma visão contemplativa da vida e, tendo em vista a violência que eu lhe apresentara, podia vê-lo indo-se embora dali.

Os primeiros quilômetros da 33 eram afrontados por campos de escória e perfuratrizes de petróleo. Filas de bobinas metálicas que coroavam a mistura de canos e torres de uma usina elétrica como gigantes fusilli. Logo depois o terreno passava a ser coberto por mata e heterogênea à moda de Ojai: lindas cabaninhas enfeitadas por meticulosas paredes de pedra e sombreadas por carvalhos e pinheiros, lojinhas graciosas vendendo velas e fragrâncias feitas em casa. Clínicas de massagem, institutos de ioga, escolas que ensinam você a desenhar, pintar, esculpir, encontrar a paz interior, se pelo Menos você permitir que entrem na sua consciência. Misturado com tudo isso havia o outro lado da vida de cidade pequena: trailers enferrujados atrás de cercas de arame farpado, galpões de iscas e apetrechos de pesca, caminhões sobre cavaletes.

Fazendolas empoeiradas com um ou dois cavalos magros com o focinho na terra, cartazes toscos anunciando carne seca e chili feito em casa, estrebarias de aluguel, modestos santuários para o Deus convencional. E em toda parte, os falcões, imensos, relaxados, confiantes, circulando em arcos predatórios e preguiçosos. O rancho Mecca ficava do lado oeste da 33, anunciado por letras de ferro pregadas em uma tábua de pinho, o cartaz margeado por cactus e uma planta selvagem. Uma curva à esquerda e subimos uma estrada escassamente pavimentada uns quinhentos metros entre colinas baixas e gentis que encimavam dois acres de um platô cor de pedra. À direita havia um cercado feito com postes de ferro e vigas de madeira, mais que suficiente para os cinco cavalos alazões que lá estavam a pastar. Lustrosos, bem-nutridos corcéis. Eles não nos deram atenção. Diretamente atrás da área delimitada havia diversos trailers desengatados de transporte de cavalos e padoques.

Mais para o fim da estrada, as aves-do-paraiso tinham sido plantadas mais perto umas das outras e eram mais bem tratadas, e os botões laranja e azul orientavam o olho para uma casinha cor de salmão com telhado plano e vigamento de madeira verde-azulado. Estacionados na frente da casa viam-se um Jeep Wagoneer marrom de dez anos e uma picape Dodge da mesma cor e ano. Uma sombra transitória passou por cima do cercado — um falcão orbitando tão baixo que pude ver a curva cirúrgica do seu bico.

Desliguei o motor, saltei, enchi o nariz com o perfume pungente do pinheiro e aquele curioso cheiro penetrante de bosta equina seca, que lembrava um xarope de bordo meio podre. Silêncio mortal. Eu podia ver Pierce Schwinn pensando que aquilo era o céu. Mas se ele fosse, como Milo e tantas outras pessoas, encantado com o barulho e o mal, por quanto tempo teria durado essa predileção? Milo bateu com força a porta do passageiro, como que a oferecer um aviso oportuno. Mas ninguém saiu para nos cumprimentar e nenhum rosto apareceu nas janelas sem cortinas.

Caminhamos até a porta da frente. Milo acionou a campainha por quinze segundos — o carrilhão tocou uma melodia que não fui capaz de identificar, mas que me trouxe lembranças dos elevadores da loja de departamentos no Missouri.

Agora, barulho vindo do cercado: um cavalo relinchando. Nenhuma reação humana ainda. O falcão voou para longe.

Examinei os animais. Musculosas criaturas de mogno, dois garanhões, três éguas, crinas lustrosas e penteadas. Por cima do cercado havia um semicírculo de ferro onde fora soldada, em letras vagamente mouras, a palavra Mecca. Um triângulo de azul fora aberto no céu de algodão. Os sopés das elevações que cercavam o rancho eram cobertos de verde, uma fronteira delicada, afetuosa. Era difícil imaginar o Livro do Assassino saindo de um lugar tão quieto. Milo tocou de novo e uma voz feminina exclamou: — Um minuto! — Momentos depois a porta se abriu. A mulher que apareceu era pequena e de ombros fortes, com qualquer coisa entre cinquenta e sessenta anos. Usava uma camisa xadrez azul-real e amarela enfiada na calça jeans apertada que destacava uma barriga lisa, cintura fina e quadris de menino. Botas de trabalho enrugadas, mas limpas, apareciam debaixo dos jeans. O cabelo branco que retivera um pouco de sua origem loura estava preso num rabo-de-cavalo curto — nada mais que uma torção para cima dos cachos livres. Suas feições eram fortes de uma maneira que a tornara atraente com a idade, mas que faziam supor que fora feia quando jovem. Aos olhos matizados de verde com castanho, faltava muito para serem chamados de cor de avelã. Sobrancelhas depiladas em feitiço de finas

vírgulas, mas sem pintura. A pele era uma prova viva de todo o mal que o sol pode fazer: enrugada, rachada, vincada, áspera a ponto de lembrar madeira. Algumas manchas escuras aterroradoras dançavam sob seus olhos e coroavam-lhe o queixo. Quando sorria, seus dentes eram pérolas de um branco leitoso como uma virgem saudável.

— Senhora Schwinn? — perguntou Milo, metendo a mão no bolso para pegar o crachá. Antes que ele o tirasse do bolso, a mulher disse: — Eu sou Marge, e sei quem você é, detetive. Recebi suas mensagens. — Nenhuma desculpa por não ter retornado as ligações. Uma vez que o sorriso desvaneceu-se, não que estivesse ocultando alguma emoção, eu me perguntei se aquilo contribuiria para cavalos tranquilos. — Conheço o olhar de tira — explicou ela.

— E que olhar é esse, senhora?

— Medo misturado com raiva. Sempre esperando pelo pior. Às vezes Pierce e eu estávamos cavalgando e havia um som, uma correria no mato, e ele fazia esse olhar. Então... você foi o último parceiro dele. Ele falava sobre você. — Ela me olhou de relance. O verbo no passado pesou. Mordeu o lábio.

— Pierce está morto. Morreu no ano passado.

— Sinto muito.

— Eu também. Sinto terrivelmente a falta dele.

— Quando foi...

— Ele caiu de um cavalo sete meses atrás. Um dos meus mais mansos, Akhbar. Pierce não era nenhum caubói; pelo contrário, nunca tinha montado até me conhecer. Foi por isso que destinei Akhbar a ele como montaria regular, e os dois se deram bem. Mas alguma coisa deve ter assustado Akhbar. Encontrei-o caído perto de Lake Casitas, deitado de lado, com duas pernas quebradas. Pierce estava a poucos metros de distância, a cabeça partida em cima de uma rocha, sem pulso. Akhbar teve que ser sacrificado.

— Sinto muito, senhora.

— Sim. Estou lidando bem com isso. E a sensação de falta que abala. Um dia a pessoa está aqui e no outro dia... — Marge Schwinn estalou os dedos, avaliou Milo de alto a baixo. — Basicamente você corresponde à expectativa, tendo em vista a passagem do tempo. Você não está aqui para me dizer algo ruim a respeito de Pierce, está?

— Não, senhora, por que eu estaria?

— Chame-me de Marge. Pierce adorava ser detetive, mas tinha sentimentos amargos a respeito do departamento. Dizem que queriam pegá-lo havia anos porque ele era um individualista. Recebo a pensão dele, não quero me aborrecer, não quero ter que contratar um advogado. Foi por isso que não retornei seu recado. Não sabia ao certo do que você estava a fim. Sua expressão dizia que ela ainda não sabia.

— Não tem absolutamente nada a ver com a pensão de Pierce garantiu Milo — e também não vim aqui como um representante do departamento. Só estou trabalhando em um caso.

— Um caso em que você trabalhou com Pierce?

— Um caso em que eu deveria ter trabalhado com Pierce, até que ele se aposentou.

— Aposentou-se — disse Marge. — É um modo de colocar o que se passou... ora, é legal. Pierce gostaria disso, de ver você querendo a opinião dele após tantos anos. Ele dizia que você era inteligente. Entre, o café ainda está quente. Fale-me do seu tempo com Pierce. Conte-me coisas boas.

A casa era espartana e tinha o teto baixo, com as paredes se alternando entre painéis de pinho rústico e tecido fino de fibras vegetais cor de areia, uma série de aposentos compactos, obscuros, mobiliados com peças de mobiliário severas, bastante usadas, típicas de proprietários rurais da década de 1950 pelas quais qualquer estrelinha de vinte e poucos anos pagaria alegremente um preço muito superior ao normal no mais recente brechó na avenida La Brea.

A sala de estar abria para uma cozinha nos fundos, e nós nos sentamos diante de uma mesinha clara, ovalada, sobre a qual Marge Schwinn encheu as canecas com café recendendo a chicória. Estampas ocidentais podiam ser vistas penduradas na parede de tecido, juntamente com retratos equestres. Uma vitrine de troféus num canto era cheia de ouro e seda. No canto oposto havia uma velha televisão console Magnavox com seus comandos redondos de baquelite e uma tela abaulada e esverdeada. Em cima do aparelho havia um porta-retrato — um homem e uma mulher, longe demais para poder definir os detalhes. A janela da cozinha emoldurava uma visão panorâmica das montanhas, mas o resto da casa era orientado na direção do cercado. Os cavalos não tinham se movido muito.

Marge terminou de servir o café e sentou-se em uma cadeira de costas retas que se conformava à sua postura perfeita. Corpo jovem, rosto velho. O dorso de suas mãos era uma sarda só, interrompida por pontos de pele sem mancha, calos e veias grossas.

— Pierce admirava muito você — disse ela a Milo.

Milo conseguiu se livrar do ar de surpresa quase que imediatamente, mas ela percebeu e riu.

— Sim, eu sei. Ele me disse que deu a você todos os tipos de aborrecimento. Os últimos anos que passou na Força foram um tempo difícil na vida de Pierce, detetive Sturgis. — Ela abaixou os olhos por um momento antes de prosseguir. — Você sabia que no tempo em que trabalhou ao lado de Pierce ele era viciado em drogas? Milo piscou. Cruzou as pernas.

— Eu me lembro que ele costumava tomar remédios contra gripe... descongestionantes.

— Exatamente — disse Marge. — Mas não para sinusite, e sim para um barato. Os descongestionantes eram o que ele fazia abertamente por fora, o seu negócio eram as anfetaminas... estimulantes. Começou para ficar acordado no trabalho, para conseguir voltar a Simi Valley sem dormir no volante. Era lá que ele morava com a primeira mulher. Ficou seriamente viciado. Você conheceu Dorothy? Milo sacudiu a cabeça.

— Bela mulher, de acordo com Pierce. Morreu, também. Teve um ataque cardíaco logo depois que Pierce se aposentou. Fumava sem parar, além de ser obesa. Foi assim que Pierce meteu a mão pela primeira vez em estimulantes... Dorothy tinha montes de receitas para pílulas de dieta, e ele começou a usar. Foi dominado pelo vício, como sempre acontece. Ele me disse que ficou realmente desagradável, desconfiado, com ataques de mau humor, com insônia. Descontava nos parceiros, especialmente em você. Ele se arrependia disso, dizia que você era um garoto inteligente. Achava que você ia longe... Ela se interrompeu. Milo puxou o zíper de sua jaqueta.

— Pierce falava muito a respeito do trabalho, senhora? — Não falava sobre casos específicos, se é isso que você quer saber. Apenas sobre como o departamento era podre. Acho que o trabalho o envenenou tanto quanto a droga.

Quando o conheci, tinha atingido o fundo do poço. Foi logo depois da morte de Dorothy e ele não pagava mais o aluguel da casa de Simi... que eles nunca tinham comprado, só alugado.

Pierce passou a morar em um hotel imundo em Oxnard, ganhando salário mínimo para varrer a Radall's, uma loja especializada em roupas de caubói. Foi quando o vi pela primeira vez. Eu estava apresentando um show com meus cavalos em Ventura, fui à RandalPs para ver um par de botas e esbarrei com Pierce quando saiu com o lixo. Ele bateu em mim pelas costas, e nós terminamos às gargalhadas. Gostei do riso dele, E também me deixou curiosa. Um cara da idade dele, fazendo aquele trabalho, geralmente é um jovem mexicano. Na vez seguinte em que fui lá, conversamos mais um pouco. Havia algo nele... forte, não desperdiçava palavras. Sou do tipo que gosta de conversar, como podem ver. Deve ser por ter vivido sozinha a maior parte de minha vida, falando com cavalos. Falando sozinha para não ficar maluca. Esta terra aqui era do meu avô. Eu a herdei dos meus pais. Era a mais jovem, fiquei em casa para tomar conta de Papai e Mamãe, nunca me afastei muito. Os cavalos fingem que me ouvem. Foi o que gostei em Pierce... ele era um bom ouvinte. Em pouco tempo comecei a inventar razões para ir a Oxnard. — Ela sorriu. — Comprei um monte de botas e calças jeans. E ele nunca mais esbarrou em mim. Ela se adiantou para pegar seu café.

— Nós nos conhecíamos há um ano quando finalmente concordamos em nos casar. O que fizemos porque éramos antiquados e de modo algum viveríamos juntos sem um documento.

Mas acima de tudo o que tínhamos era amizade. Ele era meu melhor amigo. Milo assentiu.

— Quando Pierce largou os estimulantes? — Ele já estava largando quando o conheci. Foi por isso que se mudou para aquele pulgueiro. Punindo a si próprio. Ele tinha uma poupança e sua pensão, mas vivia como se fosse um mendigo. Porque era assim que se via. Quando começamos a sair, já estava completamente limpo. Convencido de que a droga lhe fizera mal. "Cérebro de queijo suíço", costumava dizer. Dizia que se algum dia tirassem uma chapa de raios-X da sua cabeça, iam encontrar buracos grandes o bastante para enfiar um dedo.

O problema, acima de tudo, era com seu equilíbrio e sua memória... tinha que escrever tudo para não esquecer. Falei que era só a idade, mas ele não se convenceu.

Quando me disse que queria aprender a montar, fiquei preocupada. Ele já não era jovem, não tinha experiência e não tinha bom equilíbrio. Mas Pierce conseguiu ficar em cima da sela até que... Os cavalos o amavam, tinha uma influência calmante sobre eles. Talvez Por causa de tudo aquilo que passara a fim de ficar limpo. Talvez tivesse terminado em um nível mais alto do que se não tivesse sofrido. 145 Você provavelmente vai achar difícil acreditar, detetive Sturj mas durante seu tempo comigo, Pierce foi um homem abençoadamente sereno.

Ela se levantou, pegou a foto em cima da televisão e passou para nós. Um instantâneo de Schwinn e dela, encostados nos postes do cercado. Eu tinha apenas a descrição concisa de Milo para preencher minha expectativa e esperava ver um tira velho, grisalho. O homem na foto tinha cabelo longo e branco que passava dos ombros e uma barba branca como a neve que quase chegava ao umbigo. Vestia uma jaqueta de couro cor de manteiga, camisa de brim, calças jeans, pulseira e brinco de turquesa.

Caçador antigo ou hippie geriátrico, mãos dadas com uma mulher castigada pelo sol que mal chegava ao seu ombro.

— Ele era meu avô Flower Power — disse Marge. — Diferente de quando você o conheceu, hem?

— Um pouco — disse Milo.

Ela deixou a foto no colo.

— Então, que tipo de conselho você esperava conseguir dele neste seu caso?
— Eu só queria saber se tinha lembranças do seu tempo na polícia.
— Algo antigo em que você está trabalhando de novo? Quem foi assassinado?
— Uma garota chamada Janie Ingalls. Pierce mencionou alguma vez esse nome?
— Não. Como disse antes, ele não falava sobre seu trabalho.
— Pierce deixou papéis?
— Que tipo de papéis?
— Qualquer coisa que tivesse a ver com seu trabalho... recortes de jornal, fotos, lembranças da polícia...

— Não — respondeu Marge. — Quando ele saiu de sua casa em Simi, livrou-se de tudo. Não tinha sequer um carro. Quando saíamos, eu tinha de ir pegá-lo.

— Na época em que o conheci — disse Milo — era entusiasta de fotografias. Algum dia chegou a voltar à velha mania?

— Na verdade, voltou sim. Ele gostava de passear a pé pelas montanhas e fotografar a natureza, comprou uma máquina barata. Quando vi o quanto ele gostava de fotografia, comprei para ele uma Nikon no dia em que fez 68 anos. Suas fotos eram bonitas. Querem vê-las? Ela nos levou para o único quarto de dormir da casa, um espaço meticulosamente arrumado, forrado de pinho, com uma cama de casal coberta com uma colcha de batike flanqueada por duas mesinhas que não combinavam. Fotos emolduradas cobriam as paredes. Colinas, vales, árvores, arroios secos e correntes, auroras, poentes, o beijo da neve do inverno. Cores nítidas, boa composição. Mas nada mais alto na escala evolutiva que vegetais, nem sequer uma ave no céu.

— Muito bom — disse Milo. — Pierce tinha sua própria câmara escura?

— Nós convertemos um lavabo. Ele não era talentoso?

— Era sim, senhora. Quando conheci Pierce, ele gostava de ler sobre ciência.

— É mesmo? Bem, nunca vi. A maior parte do tempo era meditativo. Podia ficar sentado na sala contemplando a vista por horas a fio. Exceto pelas ocasiões em que lhe voltava o espírito de policial ou que tinha pesadelos, ele estava em paz. Noventa e nove por cento do tempo estava em paz.

— No tocante a esse um por cento — falei —, ele alguma vez contou o que o aborrecia?

— Não, senhor.

— Durante o último mês antes do acidente, como era o estado de espírito dele?

— Excelente — respondeu ela. Seu rosto sombreou-se. — Oh, não, não vá pensar naquilo. Foi um acidente. Pierce não era um cavaleiro forte e tinha 68 anos de idade. Eu não devia ter deixado que ele fosse cavalgar por tanto tempo sozinho, mesmo no Akhbar.

— Tanto tempo? — estranhou Milo.

— Ele tinha passado a metade do dia fora. Geralmente seus passeios eram só de uma hora, mais ou menos. Pierce levou a Nikon e disse que queria aproveitar o sol da tarde.

— Tirando retratos.

— Nunca chegou a fazê-lo. O rolo dentro da câmara estava em branco. Deve ter caído logo no princípio e ficou lá deitado durante algum tempo. Eu deveria ter ido procurá-lo mais cedo. O médico assegurou-me de que aquele tipo de ferimento na cabeça o levou imediatamente. Pelo menos não sofreu.

— Bateu com a cabeça numa pedra — disse Milo. Ela sacudiu a cabeça.

— Não quero mais falar sobre isso.

— Desculpe, senhora. — Milo aproximou-se mais das fotos na parede. — Estas são realmente boas, senhora. Pierce guardava seus slides ou provas?

Marge contornou a cama para se acercar da mesinha da esquerda. Em cima havia um relógio de mulher e um copo vazio. Puxando a gaveta, ela retirou dois álbuns e colocou em cima da cama.

Ambos eram forrados de azul. Um belo couro marroquim, tamanho e estilo que não reconheci.

Sem etiquetas. Marge abriu um e começou a virar a páginas. As fotos eram protegidas por envelopes de plástico rígido, mantidos no lugar por cantoneiras adesivas pretas.

Gramma verde, rocha cinzenta, terra marrom, céu azul. Páginas da fantasia de Pierce Schwinn de um mundo inanimado.

Milo e eu fizemos os ruídos de admiração. O segundo álbum continha mais da mesma coisa. Ele correu um dedo pela sua lombada.

— Belo couro.

— Fui eu que comprei para ele.

— Onde? — quis saber Milo. — Eu adoraria ter um desses.

— O'Neill & Chapin, lá embaixo, perto do Celestial Cafê. Eles atendem a pintores, vendem artigos de qualidade. Estes aqui eram fabricados na Inglaterra, mas saíram de linha. Comprei os três últimos.

— Onde está o terceiro?

— Pierce nunca chegou a montá-lo. Sabe de uma coisa, por que não o dou a você? Não tenho utilidade para ele e só de pensar nas coisas inacabadas de Pierce tenho vontade de chorar. E Pierce teria gostado. Ele gostava muito de você.

— Sinceramente, senhora...

— Não, eu insisto — disse Marge. Atravessando o quarto e entrando no closet, ela emergiu um momento depois de mãos vazias.

— Eu era capaz de jurar que o vi aqui, mas já tem algum tempo. Talvez tenha sido em algum outro lugar. Pode ser que Pierce tenha levado para a câmara escura, vamos verificar.

O banheiro convertido ficava no fim do corredor, dois por dois, sem janela, cheiro acre dos produtos químicos, armário estreito de madeira perto da pia. Marge puxou gavetas, revelou caixas de papel fotográfico, frascos diversos, mas nenhum álbum de couro azul. Tampouco slides ou provas.

— Parece que Pierce montou tudo que tinha — sugeri.

— Acho que sim — concordou ela. — Mas aquele terceiro livro... tão caro... é uma pena ser desperdiçado... tem que estar por aqui, em algum lugar. Eu lhe digo uma coisa, se ele aparecer, eu mando para você. Qual é seu endereço?

Milo passou-lhe um cartão.

— Homicídios — leu ela em voz alta. — A palavra salta aos olhos. Nunca pensei muito na vida de Pierce antes de mim. Não queria imaginá-lo passando tanto tempo com os mortos... sem ofensa.

— Não é um trabalho para todo mundo, senhora.

— Pierce... por fora ele era forte, mas por dentro era sensível. Tinha necessidade de beleza.

— Parece que encontrou — disse Milo. — Parece que encontrou a verdadeira felicidade. Os olhos de Marge se encheram de lágrimas.

— Você é gentil por dizer isso. Bem, foi bom conhecer vocês. Uma dupla de bons ouvintes.

— Ela sorriu. — Deve ser coisa de policial.

Nós a seguimos até a porta da frente, onde Milo perguntou: — Algum dia Pierce recebeu visitas?

— Nem um único visitante, detetive. Nós dois raramente saíamos, exceto para comprar mantimentos, em Oxnard ou Ventura, para o mês. De vez em quando íamos a Santa Bárbara para um cinema ou assistir a uma peça no teatro de Ojai, mas nunca socializávamos. Para falar a verdade, éramos, tanto eu quanto ele, completamente antissociais.

De noite nós nos sentávamos e contemplávamos o céu. Era mais que o suficiente para nós. Nós três caminhamos até o Seville. Marge olhou para os cavalos e disse: — Esperem um pouco, rapazes, a época das exposições está chegando. Milo agradeceu: — Muito obrigado pelo seu tempo, senhora Schwinn.

— Senhora Schwinn — repetiu Marge. — Nunca pensei que um dia eu viria a ser Senhora Alguém, mas na verdade gosto do som dessas palavras. Acho que vou poder ser Senhora Schwinn pelo resto da minha vida, não é? Quando entramos, ela se abaixou junto à porta do carona.

— Você teria gostado do Pierce que conheci, detetive. Ele não julgava ninguém.

Tocando rapidamente a mão de Milo, ela fez meia-volta e saiu correndo para o cercado.

Capítulo 14

Outra vez na rodovia 33, eu disse: — Então agora nós sabemos de onde veio o livro.

Milo disse: — O cara fura a orelha para usar um brinco e se transforma no Sr. Serenidade.

— É a Califórnia.

— "Ele não julgava." Você sabe o que ela quis dizer com isso, não sabe? Schwinn decidiu que o fato de eu ser gay era aceitável. Nossa, sinto-me tão aprovado.

— Quando vocês trabalhavam juntos, ele era homofóbico?

— Nada às claras, só uma aversão geral. Mas que homem da geração dele gostava de bichas? Eu sempre estava alerta com ele. Com todo mundo.

— Tempos engraçados.

— Ah, sim, cômicos. Sempre achei que ele não confiava em mim. Finalmente ele assumiu e disse que não confiava mesmo, mas que não ia explicar a razão. Sabendo o que sei agora, talvez fosse paranoia provocada pelo uso de estimulantes, mas acho que não.

— Acha que o departamento sabia do vício dele?

— Não falaram nisso quando me interrogaram, limitaram-se à questão das putas.

— O que acho interessante é que o liberaram com a pensão integral em vez de o acusarem — falei. — Talvez a divulgação de um caso em que o policial era viciado em drogas e gostava de putas pudesse ter destacado casos similares. Ou pode ter sido por causa de uma ligação com o caso Ingalls.

Diversos quilômetros se passaram antes que ele falasse de novo.

— Viciado em estimulantes. O filho-da-mãe era um insone supernervoso, magro como

uma gilete, engolia café e xarope de tosse como um vampiro suga sangue. Acrescente-se paranoia e as súbitas mudanças de estado de espírito, e temos aí um viciado mais que completo. Eu devia ter visto.

— Você estava concentrado no seu trabalho, e não nos maus hábitos dele. De qualquer modo, vê-se agora que fossem quais fossem os sentimentos pessoais que tinha em relação a você, o homem respeitava o seu talento. Este é o motivo pelo qual fez alguém lhe enviar o livro.

— Alguém — resmungou ele. — Ele morreu sete meses atrás, e o livro chega agora. Acha que esse alguém pode ser a boa e velha Marge?

— Ela deu a impressão de estar sendo sincera conosco, mas quem sabe? Viveu sozinha a maior parte da vida, pode ter aguçado seu instinto de sobrevivência.

— Se foi ela, com que estamos lidando? A última vontade de Schwinn tal como foi transmitida à sua mulherzinha junto com a pensão? Isso não explica por que você foi o intermediário.

— Mesma razão — respondi. — Schwinn cobrindo seus rastros até o fim. Ele pode ter furado a orelha, mas continuou com o instinto de sobrevivência de um tira.

— Paranoico até o fim.

— A paranoia pode ser útil — falei. — Schwinn tinha construído uma nova vida, finalmente tinha algo a perder. Ele pensou um pouco naquilo.

— OK, deixemos de lado quem mandou a droga do livro e passemos à grande questão: Por quê? Schwinn guardou algo a respeito de Janie por vinte anos e de repente começou a se sentir culpado? — Durante mais de vinte anos ele teve outras coisas em sua cabeça. Amargura em relação ao departamento, viuvez, problema sério com drogas. Foi ao fundo do poço, como Marge disse. Ficou velho, abandonou o vício e arranjou um bando de distrações novas: casou de novo, facilitando o acesso a uma nova vida. Aprendeu a se sentar em silêncio, a contemplar as estrelas. Finalmente teve tempo para olhar para dentro. Tive uma paciente uma vez, uma filha obediente e zelosa que cuidava da mãe, enferma em estado terminal. Uma semana antes de morrer, a mãe chamou a filha e confessou ter matado o pai dela com uma faca de açougueiro enquanto ele dormia. Minha paciente tinha nove anos na época do crime e desde então ela e o resto da família conviveram com o mito de um bicho-papão... um esfaqueador noturno. Eis que depois de uma vida de medo ela descobre, de repente, a verdade da boca de uma assassina de 84 anos.

— O que, Schwinn sabia que ia morrer? O cara caiu do cavalo.

— Só estou dizendo que idade e introspecção podem ser uma combinação interessante.

Talvez Schwinn tivesse começado a refletir sobre negócios não-terminados. Decidiu se comunicar com você a respeito de Janie, mas fez questão de apostar com segurança. Por isso me usou como conduto. Se eu não passasse o livro para você, ainda assim teria cumprido sua obrigação moral. Se eu te desse o livro e você chegasse nele, saberia lidar com isso. E se o ameaçasse de alguma maneira, ele sempre poderia negar.

— Ele monta a droga de um livro de recortes cheio de crimes só para me lembrar de Janie?

— O livro provavelmente começou como um hobby distorcido... exorcizando seus demônios. Não é coincidência que não aparecessem pessoas em suas últimas fotos. Em matéria de gente, ele vira o que há de pior. Seguimos em silêncio.

— Ele parece ter sido um homem complicado — falei.

— O sujeito era um tarado, Alex. Subtraí fotos de crimes de morte da sala de evidências e

as catalogou para seu prazer pessoal. Pelo que sei, ele extraía prazer sexual do livro e quando ficou velho e isso não era mais possível, decidiu compartilhar. — Ele franziu a testa. — Não penso que Marge soubesse a respeito do Livro do Assassino. Ele não ia querer que ela o visse como um tarado. Isso quer dizer que alguma outra pessoa o enviou para você, Alex. Marge quis nos fazer crer que os dois tinham construído um pequeno casulo doméstico, mas penso que ela estava totalmente errada.

— Outra mulher — falei.

— Por que não? Alguém que ele visitava quando queria sair do nirvana do alto da colina.

Era um sujeito que rolava no banco de trás do carro com uma prostituta quando estava de serviço. Não tenho muita fé em transformações.

— Se havia outra mulher — falei —, devia morar bem longe de Ojai. É uma cidadezinha pequena, é difícil ser discreto. O que explicaria a marca do correio de L.A.

— Filho da mãe — praguejou Milo, baixinho. — Jamais gostei do cara, e agora ele puxa minha corrente lá de baixo da sepultura. Digamos que ele tenha tido uma espécie de epifania moral sobre Janie. O que é que o livro comunica? Em que ponto eu tenho de pegar o caso? Que se dane tudo isso, não tenho de jogar este jogo.

Não falamos mais até que entramos na via expressa. Em Camarillo, mudei o Seville para a pista da esquerda e acelerei até 120. Milo resmungou: — Pé na tábua... o filho da mãe começa a se sentir virtuoso, e eu tenho que pular que nem uma pulga amestrada.

— Você não tem que fazer nada.

— Absolutamente certo. Sou filho de Tio Sam, as asas da águia me protegem, tenho direito à vida, à liberdade e à procura da infelicidade. Atravessamos a linha do condado de L.A. no meio da tarde, paramos em um café em Tarzana para comer uns burgers, pegamos o Ventura Boulevard, viramos à direita na banca de jornal da Van Nuys, continuamos para Valley Vista e daí para Beverly Glen. No caminho, fiz Milo ligar para o meu serviço de recados no seu celular. Robin não tinha telefonado.

Quando chegamos à minha casa, Milo ainda não estava a fim de falar, mas eu disse: — Caroline Cossack não sai da minha cabeça.

— Por quê? Uma garota envenenar um cachorro é mais que uma brincadeira de mau gosto. Seus irmãos aparecem em todos os jornais, ela não merece uma só palavra da mídia impressa. Sua mãe organizou um baile de debutantes, mas Caroline não foi listada como uma das meninas. Não foi sequer incluída no funeral da mãe. Se você não tivesse me contado a história do envenenamento, eu nem saberia da existência dela. É como se a família tivesse se livrado dela. Talvez por bom motivo.

— A vizinha... aquela velhota excêntrica que é médica... Schwartzman... pode ter sido exageradamente inventiva. Ela não queria saber dos Cossack

— Mas suas suspeitas mais sérias eram de Caroline. Ele não fez um gesto no sentido de sair do carro.

— Uma garota usar veneno faz sentido — falei. — O envenenamento não requer confronto físico, de modo que um desproporcionado número de envenenadores é de mulheres.

Não preciso lhe dizer que os assassinos psicopatas costumam começar com animais, mas geralmente são do sexo masculino, sedentos de sangue. Uma garota tão jovem agir de modo tão violento é um sinal muito sério de alerta. Eu gostaria de saber se Caroline ficou confinada todos

esses anos. Talvez por causa de algo muito pior que matar um cachorro.

— Ou morreu.

— Encontre a certidão de óbito.

Ele pressionou os olhos com as juntas dos dedos e voltou-se para a minha casa.

— Veneno é furtivo. O que fizeram com Janie foi ostensivo... o modo como largaram o corpo num espaço aberto. Não tem como uma garota fazer uma coisa dessas.

— Não estou dizendo que Caroline matou Janie sozinha, mas ela pode ter participado... pode ter servido de isca para a pessoa que fez a mutilação. Muitos assassinos usaram jovens mulheres como isca: Paul Bernardo, Charlie Manson, Gerald Gallegos, Christopher "ding. Caroline teria sido a isca perfeita para Janie e Melinda... Uma garota da idade delas, aparentemente inofensiva. E rica. Caroline pode ter ficado de lado e observado enquanto outra pessoa se encarregava do assassinato ou também pode ter participado do jeito como as garotas do Manson participaram. Pode ter sido uma coisa grupal, como no caso Manson, em que a cena da festa degringolou. As mulheres são gregárias... até mesmo as assassinas. O grupo reduz suas inibições.

— Açúcar e pimenta — disse ele. — E a família descobriu, apertou os parafusos do departamento para abafar o caso, trancou a Louca Caroline em algum lugar... o demônio do sótão.

— Família com muito dinheiro pode prover um sótão realmente bacana.



Milo me acompanhou e, enquanto fui direto ver a correspondência, ele foi para o telefone checar o que havia nos arquivos do Condado e do Seguro Social. Não havia certidão de óbito de Caroline Cossack e tampouco ela recebera um número do seguro social ou carteira de motorista.

Melinda Waters recebera um cartão aos 15 anos de idade, mas jamais tinha dirigido na Califórnia, trabalhado ou contribuído para o seguro social. O que fazia sentido se tivesse morrido jovem. Mas também não existia uma certidão de óbito com o seu nome.

— Desapareceu — falei. — Melinda provavelmente morreu na mesma noite de Janie, e Caroline ou está muito bem escondida, ou morreu também, e a família abafou o caso.

— Escondida como dentro de um hospital? — Ou apenas vigiada atentamente. Rica daquele jeito, devia ter um fundo fiduciário, podia estar morando em uma villa no Mediterrâneo com supervisão 24 horas por dia.

Ele começou a andar de um lado para o outro.

— Pequena Senhorita Desaparecida... mas em algum ponto, quando ela era menina, teve

que ter uma identidade. Seria interessante definir quando exatamente a perdeu.

— Registros escolares — falei. — Morar em Bel Air teria significado Palisades ou University High se os Cossack preferissem escola pública. Beverly, se eles fossem rápidos com os formulários de residência. Do lado privado, haveria a Harvard-Westlake, que naquele tempo era Westlake School para Meninas, ou Marlborough, Buckley, John Thomas Dye, Crossroads. Ele abriu o bloco e fez suas anotações.

— Ou — acrescentei — uma escola para crianças problemáticas.

— Algum nome em particular na sua lembrança?

— Eu trabalhava como psicólogo naquele tempo, posso me lembrar de três muito caras.

Uma era em West L.A., as outras em Santa Monica e no Vale... Hollywood Norte.

— Nomes? Recitei os nomes, e ele voltou para o telefone. Santa Mônica Prep tinha acabado, mas a Achievement House, em Cheviot Hills, e a Valley Educational Academy, em North Hollywood, ainda estavam em operação. Ele conseguiu falar com ambas, mas desligou com a cara fechada.

— Ninguém informa nada. Privacidade e tudo mais.

— As escolas não desfrutavam os privilégios da privacidade — falei.

— Você já lidou profissionalmente com alguma dessas escolas?

— Visitei a Achievement House uma vez — respondi. — Os pais de um menino que eu tratava o ameaçavam com ela. "Se você não se comportar, vamos mandá-lo para a Achievement House." Isso parecia assustá-lo muito, de modo que resolvi dar um pulo lá para ver do que se tratava. Falei com uma assistente social, tive direito ao tour de cinco minutos. Um edifício de apartamentos convertido, perto de Motor e Palms. O que ficou gravado na minha mente foi o quanto era pequena... talvez uns 25, 30 garotos internos, ou seja, devia ser uma fortuna. Pelo que pude ver, não era nenhuma cova de serpentes. Mais tarde, conversei com meu paciente e descobri o que o preocupava era ser estigmatizado. Que o vissem como "sujeito esquisito-biruta-perdedor."

— A Achievement House tinha má reputação?

— Na cabeça dele, qualquer lugar especial tinha má reputação.

— Ele foi mandado para lá?

— Não, fugiu. Não foi mais visto por anos.

— Oh — disse Milo.

Sorri. — Você não quis dizer "Ah"?

Milo deu uma risada. Serviu-se de suco de toranja, abriu o freezer, olhou fixamente para a garrafa de vodca, mas mudou de ideia.

— Fugiu. Sua versão de pontas soltas.

— Pontas soltas, pendências não resolvidas, faziam parte de minha vida naquele tempo — falei. — O preço de um trabalho interessante. Como vim a saber depois, o garoto deste caso se saiu bem.

— Ele permaneceu em contato?

— Ligou depois que seu segundo filho nasceu. Ostensivamente para perguntar como lidar com ciúme de irmãos. Terminou pedindo desculpas por ter sido um adolescente grosseiro. Eu disse que ele não tinha motivo para se desculpar. Porque eu finalmente soubera da verdade pela mãe dele. Seu irmão mais velho o molestara desde que ele tinha cinco anos.

Milo fechou a cara.

— Valores familiares.

Ele andou mais um pouco, terminou seu suco, lavou o copo e voltou para o telefone. Entrou em contato com Palisades e University e Beverly Hills High Schools e, em seguida, com as instituições privadas. Exibindo todo seu charme, afirmou estar conduzindo uma pesquisa dos alunos para o Quem é Quem. Não havia uma Caroline Cossack nos arquivos de nenhuma delas.

— Pequena Senhorita Desaparecida. — Ele tinha falado em lavar as mãos no caso Ingalls. Mas vi seu rosto congestionado e a tensão do caçador dobrando seus ombros.

— Eu não lhe contei — disse ele —, mas ontem fui ao Parker Center e procurei a pasta do caso da Janie. Desapareceu. Nada no arquivo metropolitano nem no gabinete do legista. Nem sequer uma classificação no arquivo morto ou uma anotação dizendo que tinha sido removida para outro lugar. Para começar, não há absolutamente nenhum documento em parte alguma que diga que o caso foi aberto. Posso falar porque fui eu que abri o caso. Schwinn costumava empurrar toda a burocracia para cima de mim.

Ele preenchia os formulários que tinha de preencher, transcrevia minhas anotações de rua, criava o Livro do Assassino.

— Sem registro no legista, basta de ciência — comentei. — Quando foi a última vez em que você viu a pasta de Janie?

— Na manhã que antecedeu meu interrogatório feito pelo Broussard e o tal sueco. Depois que eles acabaram comigo, fiquei tão abalado que nem voltei para minha mesa, fui embora direto. No dia seguinte, a notícia da transferência estava na minha caixa e minha mesa tinha sido esvaziada.

Ele inclinou a cadeira para trás, esticou as pernas e, de repente, deu a impressão de estar mais relaxado.

— Sabe de uma coisa, meu amigo, venho trabalhando demais. Talvez isso seja o que posso aprender do velho Sr. Serenidade. Paste e sinta o cheiro do estrume.

Um sorriso, abrupto e largo, deu um ar de inquietude à sua boca. Ele girou a cabeça diversas vezes, como se quisesse se livrar de câimbras no pescoço. Afastou mechas negras de cabelo do rosto. Ficou de pé num pulo.

— Até mais. Obrigado pelo seu tempo.

— Para onde vai?

— Uma vida de lazer e meditação. Tenho muitos dias de férias estocados. Parece uma boa ocasião para aproveitar.

Capítulo 15

Lazer era a última coisa de que eu precisava. Assim que a porta se fechou, peguei o telefone.

Larry Daschoff e eu tínhamos nos conhecidos nos tempos de faculdade. Depois de nossas respectivas residências, assumi uma cadeira na faculdade de medicina do outro lado da cidade e trabalhei nas enfermarias de câncer do Western Pediatric Medical Center, enquanto ele foi direto para a clínica privada. Permaneci solteiro e ele casou com sua namoradina de ginásio, teve seis filhos, alcançou um bom padrão de vida, converteu-se em um gordo de meiaidade, viu a mulher voltar para a faculdade de direito e passou a jogar golfe. Agora era um jovem avô, vivia de rendas e passava os invernos em Palm Desert.

Ele estava justamente lá. Fazia algum tempo que não nos falávamos, e eu perguntei por sua esposa e filhos. — Todos estão ótimos.

— Especialmente o Último Neto.

— Bem, já que você perguntou, sim, Samuel Jason Daschon é claramente o mensageiro do Segundo Advento. Outro salvador judeu. O carinha acaba de fazer dois anos e evoluiu da brandura e da luz para um atrevimento apropriado à idade. Deixe eu lhe dizer uma coisa, Alex, não há vingança mais doce do que ver os seus filhos terem que lidar com as mesmas merdas que faziam com você.

— Aposto que sim — concordei, duvidando de algum dia vir a ter a mesma experiência.

— Então — disse Larry —, como é que você vai?

— Atarefado. Na verdade, estou ligando para você para tratar de um caso.

— Foi o que imaginei.

— É?

— Você sempre foi orientado para o cumprimento de tarefas, Alex.

— Está dizendo que não sou capaz de ser puramente sociável?

— Como se eu pudesse ser exclusivamente magro. Que tipo de caso... terapia ou essa coisa ruim que você faz com o corpo de gendarmes?

— A última opção.

— Ainda se submetendo a isso.

— Ainda.

— Acho que posso entender a motivação. É muitíssimo mais empolgante do que passar os dias respirando a angústia dos outros, e você nunca foi capaz de ficar sentado por muito tempo. Então, o que posso fazer para ajudá-lo?

Descrevi Caroline Cossack, sem mencionar nomes. Pedi-lhe para dar um palpite sobre o lugar em que uma adolescente tão perturbada poderia ter sido educada vinte anos atrás.

— Envenenar o cãozinho com cianureto? Impolido. Como ela pode não ter terminado metida em encrenca?

— Talvez pelas conexões familiares — respondi, enquanto percebia que a prisão seria um excelente motivo para não ter cartão de seguro social, e que nem Milo nem eu tínhamos pensado em verificar os registros das cadeias. Estávamos fora de forma, os dois.

— Uma garota rica, malvada — disse Larry. — Bem, naquele tempo não havia um lugar realmente apropriado para uma delinquente perigosa comum a não ser o sistema de hospitais do

estado... Camarillo. Mas suponho que uma família rica poderia tê-la colocado em um lugar mais confortável.

— Eu estava pensando em Achievement House ou Valley Educational, ou seus similares fora do estado.

— Valley Educational definitivamente não, Alex. Trabalhei lá e eles se mantinham longe de delinquentes, concentrando-se em problemas de aprendizagem. Mesmo naquele tempo já cobravam uma anuidade de quinze mil por ano, tinham uma fila de espera de dois anos, de modo que podiam se dar ao luxo de ser exigentes. A menos que a família escondesse a extensão da patologia da garota, mas esse tipo de tendência violenta seria difícil de suprimir por muito tempo. No que diz respeito à Achievement House, nunca tive experiência direta com eles, mas conheço quem teve. Bem nessa época que você falou, agora que penso nisso... 19, 20 anos atrás. Não era uma situação bonita.

— Para os estudantes?

— Para alguém que conheço. Lembra de quando eu fazia a supervisão do departamento... os estudantes considerando psicologia uma carreira? Um dos meus supervisionandos era uma garota do primeiro ano, precoce, mal havia completado 17 anos. Consegui ir trabalhar como voluntária na Achievement House.

— Que problemas ela teve lá?

— O diretor... deu abertamente em cima dela.

— Assédio sexual?

— Naquele tempo era chamado simplesmente de apalpação. A despeito de sua idade, a garota era uma feminista lúcida bem à frente do seu tempo e queixou-se à diretoria, que prontamente a pôs de lá para fora. Ela falou comigo a respeito de levar o caso a ferro e fogo... ficou realmente traumatizada... e eu me ofereci para ajudá-la se ela quisesse levar o caso adiante. No fim decidi que não. Sabia que seria a palavra dele contra a sua, ele era o respeitado administrador, e ela era apenas uma bela adolescente que usava as saias curtas demais. Apoiei sua decisão. O que poderia ter ganho além de muito aborrecimento?

— Havia alguma indicação de que o diretor estivesse molestando outras estudantes?

— Não que eu tenha sabido.

— Lembra do nome dele?

— Alex, eu realmente não quero que a minha aluna seja arrastada para isso.

— Prometo que não será.

— Larner. Michael Larner.

— Psicólogo ou psiquiatra?

— Do tipo dedicado aos negócios... administrador.

— Você ainda se mantém em contato com a sua supervisionanda?

— Ocasionalmente. Quase sempre para referências cruzadas. Ela permaneceu no bom caminho, graduou-se *summa cum laude*, obteve seu PhD na Penn, conseguiu uma bolsa para pesquisas em Michigan e voltou para cá. Tem uma bela clínica em Westside.

— Há alguma maneira de perguntar a ela se falaria comigo?

Silêncio.

— Você acha que é importante?

— Para ser sincero, Larry, eu não sei. Se falar com ela vai deixar você numa posição

difícil, esquece.

— Deixe que eu pense nisso. Depois falo com você.

— Seria ótimo.

— Ótimo? — indagou ele.

— Seria ótimo.

— Ótimo?

— Extremamente útil.

— Sabe de uma coisa — disse ele —, exatamente neste momento em que estamos conversando, estou com os pés para cima e o cinto solto e contemplo quilômetros de areia branca e limpa. Acabei de bater um prato de *chili rellenos con mucha cerveza*. Depois soltei um arrotto ultrassônico, sem ninguém por perto para me lançar um olhar de crítica. Para mim, isso é ótimo.

Ele me ligou uma hora mais tarde.

— O nome é Allison Gwynn, e você pode telefonar para ela. Definitivamente não quer qualquer envolvimento com questões policiais.

— Sem problema.

— E então — disse ele. — Como vai o resto? — Tudo ótimo.

— Deveríamos nos reunir para jantar. Com as mulheres. Na próxima vez que eu for à cidade.

— Excelente ideia. Liga pra mim, Larry. Obrigado.

— Tudo está realmente bem?

— Claro. Por que pergunta?

— Não sei... Você me pareceu um tanto... hesitante. Mas talvez seja porque não nos falamos há algum tempo.

Telefonei para a doutora Allison Gwynn em Santa Mônica. A secretária eletrônica começou a atender, mas quando mencionei meu nome, uma voz suave de mulher interrompeu.

— Aqui é a Allison. Engraçado, o Larry telefonar de repente e perguntar se eu falaria com você. Andei lendo alguns artigos sobre controle de dor e alguns eram seus. Eu colaboro com o asilo St. Agnes.

— Aqueles artigos são história arcaica.

— Na verdade, não — retrucou ela. — As pessoas e as dores que sentem não mudam tanto, e a maior parte do que você escreveu continua sendo verdade. De qualquer modo, Larry me disse que você quer informações sobre a Achievement House. Faz muito tempo... quase vinte anos... desde que tive algo a ver com aquele lugar.

— E exatamente esse período que me interessa.

— O que você precisa saber? Dei a ela a mesma descrição anônima de Caroline Cossack.

— Entendo. Larry me assegura que você será discreto.

— Sem sombra de dúvida.

— Isso é essencial, Sr. Delaware. Olhe, não posso falar agora, porque tenho um paciente em dois minutos e depois vou atender um grupo no asilo. Esta noite vou dar aula, mas antes tenho que jantar... lá pelas cinco horas. Se quiser dar uma passada, tudo bem. Geralmente vou ao Café Maurice, na Broadway perto da Sixth porque é perto do St. Agnes.

— Estarei lá. E lhe agradeço muito.

— Sem problema. Assim espero.

Consegui fazer a tarde passar saindo para correr, muito depressa e por tempo demasiado. Subi a escada da frente me arrastando, ofegante e desidratado, e chequei a secretária eletrônica. Duas desistências, uma mensagem gravada de propaganda. Apertei asterisco e rastreei os dois telefonemas que não tinham deixado gravação. Um era de uma mulher da zona leste de L.A. que só falava espanhol e que discara um número totalmente diferente. O outro era de uma butique na avenida Montana querendo saber se Robin Castagna estaria interessada em novos padrões de seda da Índia.

— Acho que eu deveria ter deixado um recado — disse a garota de voz nasalada do outro lado —, mas a dona gosta que façamos contatos pessoais. Então, o senhor acha que Robin poderia estar interessada? De acordo com nossos registros, ela fez uma porção de compras de artigos finos no ano passado.

— Quando falar com ela, eu pergunto.

— Oh, está certo... você podia dar um pulo aqui, sabe? Que tal um presente? Se ela não gostar, nós lhe daremos crédito total na loja para a troca. Mulheres amam ser surpreendidas.

— É mesmo?

— Oh, claro. Totalmente.

— Vou me lembrar disso.

— Faz bem. As mulheres adoram quando os homens as surpreendem.

— Como com uma viagem a Paris.

— Paris? — ela riu. — Você pode me surpreender com isso... não vá contar a Robin, OK?

Às quatro da tarde saí pela porta da cozinha para o pátio dos fundos, atravessei o jardim até o estúdio de Robin, abri a porta e fiquei andando de um lado para o outro no aposento fresco e com o teto em arco, sentindo o cheiro de serragem, verniz e Chanel N°5 e ouvindo o barulho dos meus passos. Robin tinha varrido o chão, guardado as ferramentas e deixado tudo no lugar.

O sol da tarde entrava pelas janelas. Um belo espaço em perfeita ordem. Parecia uma cripta.

Voltei para casa e dei uma olhada no jornal da manhã. O mundo não mudara muito. Por que então eu me sentia tão diferente? Às quatro e meia tomei banho e me vesti para sair: blazer azul, calça Jeans limpa, camisa branca e mocassins de camurça clara. Às cinco e dez estava entrando no Café Maurice. O restaurante era compacto e escuro, seu bar tinha detalhes em cobre e meia dúzia de mesas cobertas com toalhas brancas. Nas paredes, painéis em relevo de nogueira; no teto, ornamentos metálicos. Música inofensiva em baixo volume competia com a conversa sussurrada entre três garçons de avental branco e idade suficiente para serem meu pai. Não pude deixar de me lembrar do bistrô na Rive Gaúche onde Robin me contara seus planos.

Abotoei o paletó e esperei que meus olhos se acostumassem com a escuridão. O único cliente era uma mulher de cabelos escuros sentada a uma mesa central com os olhos fixos numa taça de borgonha. Usava um casaco de tweed cor de uísque sobre uma blusa de seda creme, saia longa cor de aveia com uma fenda lateral e botas de couro com saltos consideráveis. Uma bolsa grande de couro descansava na cadeira ao seu lado. Levantou a cabeça quando me aproximei e arriscou um sorriso.

— Dra. Gwynn? Alex Delaware.

— Allison. — Ela colocou a bolsa no chão e estendeu a mão delicada e branca.

Cumprimentamo-nos, e eu me sentei.

Allison era uma beleza saída dos quadros de John Singer Sargent. Rosto de marfim, suaves mas vigorosos ossos malares destacados com a maquiagem, boca forte e larga em tom de coral. Os imensos olhos azuis meticulosamente pintados sob as sobrancelhas arqueadas me estudaram. Cálido exame, nada invasor; seus pacientes deviam gostar.

O cabelo negro caía até a metade das costas. Tinha em um dos pulsos um bracelete de brilhantes e no outro um relógio de ouro. Pérolas barrocas enfeitavam cada orelha e um cordão de ouro com um camafeu descansava sobre seu colo.

A mão voltou para a taça de vinho. Unhas bem-feitas, longas o suficiente para evitar frivolidades. Eu sabia que ela tinha 36 ou 37 anos, mas, a despeito das roupas bem-cortadas, das joias e da pintura, parecia dez anos mais moça.

— Muito obrigado pelo seu tempo — agradecei.

— Eu não sabia se você era uma pessoa pontual — disse ela — e por isso fiz meu pedido. Só tenho uma hora até a aula. — A mesma voz delicada do telefone. Ela acenou, e um dos garçons anciãos destacou-se do grupo que confabulava, trouxe um cardápio e ficou aguardando.

— O que recomenda? — perguntei.

— O entrecôte é magnífico. Gosto dele malpassado e sangrento, mas eles têm uma seleção de coisas mais virtuosas se o seu caso não for carne vermelha.

O garçom bateu o pé.

— O que vai beber, senhor? Temos uma boa carta de cervejas especiais de fabricação restrita.

Eu esperara um sotaque francês, mas o que ouvi foi puro sotaque californiano — surfista velho —, e surpreendi-me a imaginar um futuro em que as avós se chamariam Amber, Heather, Tawny ou Misty.

— Grolsch — pedi. — Para comer, fico com o entrecôte, ao ponto. Ele saiu, e Allison

Gwynn ajeitou o cabelo já ajeitado e girou o cálice de vinho. Evitou meus olhos.

— Que tipo de trabalho você faz no St. Agnes? — perguntei.

— Você conhece o lugar?

— Por ouvir falar.

— Faço trabalho voluntário. Basicamente ajudando o corpo clínico. Você ainda trabalha em oncologia?

— Não, já há algum tempo que não.

Ela assentiu.

— Pode ser muito difícil.

— Mais um gole de vinho.

— Onde você ensina?

— Na Universidade, curso de extensão. Este trimestre estou dando Teoria da Personalidade e Relações Humanas.

— Tudo isso é uma clínica. Parece ser uma programação muito intensa.

— Sou viciada em trabalho — disse ela, subitamente animada. Hiperatividade canalizada para um modo socialmente apropriado. Minha cerveja chegou. Nós dois bebemos. Eu já estava prestes a tratar do assunto que me levava ali, quando ela disse: — A garota que você descreveu. Ela seria Caroline Cossack?

Arriei minha caneca.

— Você conheceu Caroline?

— Então era mesmo ela.

— Como soube?

— Pela descrição.

— Ela se destacou?

— Ah, sim.

— O que você pode me dizer a respeito dela?

— Não muito, infelizmente. Ela se destacou por causa do modo como a rotularam. Havia uma etiqueta rosa na sua ficha, a única que cheguei a ver. E eu tinha visto praticamente todas as fichas, eu fazia pequenos trabalhos naquele verão, pegando e entregando documentos. Usavam um código de cores para alertar o corpo clínico de que se tratava de uma criança com problema médico. Amarelo para diabetes, azul para asma, esse tipo de coisa. A cor da etiqueta de controle de Caroline Cossack era rosa, e quando perguntei a alguém o significado, soube que era um alerta comportamental. Alto risco. Somando isso ao fato de você ter dito que podia ser um caso de polícia, deduzi que se tratava dela.

— Quer dizer então que Caroline representava alto risco de violência.

— Alguém assim pensava, naquele tempo.

— Com que, especificamente, eles se preocupavam?

— Não sei. Ela nunca fez nada de errado durante o mês em que estive lá.

— Mas era a única com a etiqueta rosa.

— Sim, era. Não havia muitas crianças. Talvez umas trinta. Naquela época, a Achievement House era exatamente o que é hoje: um repositório de crianças ricas que não conseguem realizar as expectativas dos pais. Gazeteiras, drogadas, desobedientes, filhas do sonho. Pensei: basta tirar fora o sonho que você tem Janie e Melinda.

— Mas — continuou ela — eram basicamente crianças inofensivas. A não ser pelo óbvio uso de drogas e álcool, não havia nada de seriamente anti— social no que vi.

— Crianças inofensivas presas — falei.

— Nada assim tão draconiano — disse ela. — Mais cenoura que chicote. Babá de luxo.

Trancavam as portas de noite, mas você não se sentia dentro de uma prisão.

— O que mais pode me dizer a respeito de Caroline?

— Não parecia assustadora, de jeito nenhum. Lembro dela como quieta e passiva. Foi por isso que o alerta de perigo comportamental me surpreendeu.

Ela umedeceu os lábios e empurrou o cálice de vinho para um lado.

— Isto é o que realmente posso lhe contar. Eu era voluntária, recém-saída do ensino médio, não fazia perguntas. — Seu rosto inclinou-se para a esquerda. Os olhos azuis enormes não piscaram. Minha passagem por aquele lugar... não foi a coisa mais engraçada da minha vida. Larry lhe contou da experiência que tive lá com Lerner.

Fiz que sim.

— Se a mesma coisa ocorresse hoje, pode apostar como a minha reação seria muito mais contundente. Provavelmente daria um jeito de falar com Gloria Allred, aquela advogada que tinha um programa de rádio, fecharia aquilo lá e daria o fora com uma indenização no bolso. Mas não me culpo pelo modo como lidei com o problema. Quer dizer então... que você tem trabalhado com a polícia?

- Já há alguns anos.
- Acha difícil?
- Difícil em que sentido?
- Todas aquelas personalidades autoritárias, para começar.
- Geralmente eu trabalho só com um detetive. Que é um bom amigo.
- Ah, sim. Quer dizer então que você acha seu trabalho satisfatório.
- Pode ser.
- Em que aspecto?
- Tentar explicar o inexplicável.

Uma de suas mãos cobriu a outra. Joias por toda parte, mas sem anéis nos dedos. Por que notei isso?

Falei: — Se você não se incomoda, tenho algumas perguntas mais sobre Caroline.

Ela sorriu.

— Vá em frente.

— Você teve contato pessoal com ela?

— Nada direto, mas me autorizaram a participar de alguns grupos de terapia, e ela estava lá. Era uma sessão de finalidades gerais, conversa informal. A líder tentou motivá-la, mas Caroline nunca falava, limitava-se a olhar fixamente para o assoalho e fingia não ouvir. Eu podia dizer, contudo, que tomava conhecimento do que era dito. Quando se aborrecia, seus músculos faciais se contorciam.

— O que a aborrecia?

— Qualquer sondagem pessoal.

— Como era fisicamente?

— Todo esse interesse vinte anos depois? Você não pode me contar o que ela fez?

— Ela pode não ter feito nada — respondi. — Desculpe por ser evasivo, mas tudo é muito preliminar ainda. E não oficial também. Grande parte do meu trabalho é arqueologia aleatória.

As duas mãos de Allison cobriram seu copo de vinho.

— Nenhum detalhe sangrento? Que pena — ela riu, mostrando os dentes perfeitos. — Bem, de qualquer forma não tenho certeza se realmente quero saber. OK, Caroline fisicamente... isso tudo é da perspectiva de meus olhos de 17 anos de idade. Ela era baixa, quieta... um tanto rechonchuda... desleixada. Cabelo escorrido... castanho cor de rato, que usava até aqui. — Ela levou uma das mãos até o ombro.

— Dava a impressão de estar sempre precisando ser lavado. Tinha acne. O que mais? A postura era de derrotada, como se carregasse algo muito pesado nos ombros. Os garotos podiam se vestir do jeito que quisessem, mas Caroline sempre usava os mesmos vestidos sem forma... vestidos de andar em casa para velhas. Não sei onde os encontrava.

— O quadro é de depressão.

— Definitivamente.

— Ela andava com as outras crianças?

— Não, era solitária. Lenta, ensimesmada. Acho que hoje eu olharia para ela e pensaria em esquizoide.

— Mas era vista como potencialmente agressiva.

— É verdade.

— Como passava o tempo?

— Em sua maior parte ficava sentada sozinha no quarto, arrastava-se para comer, voltava sozinha. Quando eu passava por ela no corredor, eu sorria e dizia oi. Mas me mantinha afastada por causa da etiqueta rosa. Em duas oportunidades acho que retribuiu com um gesto de cabeça, mas a maior parte do tempo seguia arrastando pés, sempre de olhos baixos.

— Era medicada?

— Nunca li sua ficha. Agora que penso nisso, vejo que é possível.

— A líder do grupo que tentou fazer com que ela participasse. Lembra do nome?

— Jody Lavery. Era uma assistente social clínica... foi muito legal comigo quando tive o problema com Lerner. Anos depois esbarrei nela em uma convenção e acabamos por ficar amigas, trocamos algumas indicações mútuas. Mas esqueça a ideia de falar com ela. Morreu há dois anos. E nunca conversamos sobre Caroline. Ela era mais uma não entidade que uma entidade. Se não fosse a tal etiqueta rosa, eu provavelmente não teria prestado a menor atenção a ela. Na verdade, o único...

— Senhor, madame — disse o garçom. Nossos pratos foram colocados no lugar.

— Excelente — disse eu, após comer o primeiro pedaço do bife.

— Que bom que você gostou. — Ela espetou uma batata frita.

— Você estava prestes a dizer alguma coisa.

— É mesmo?

— Você estava falando sobre Caroline passar despercebida. Depois disse, "na verdade, o único..."

— Ah, sim. Eu ia dizer que a única pessoa com quem a vi falando foi um dos homens da manutenção. Willie qualquer coisa... um cara negro... Willie Burns. Lembro do nome por causa do Robert Burns e eu costumava pensar que não havia nada de escocês nele.

— Ele dava atenção especial a Caroline?

— Suponho que se possa dizer isso. Uma ou duas vezes esbarrei nele batendo papo com Caroline no corredor, e eles se afastaram rapidamente, com Willie voltando a trabalhar. E em uma ocasião o vi saindo do quarto de Caroline, carregando um esfregão e uma vassoura. Quando me viu, disse que ela tinha vomitado e ele foi limpar. Explicou-se sem que eu perguntasse nada. Um tipo meio suspeito. Qualquer que fosse a situação, Burns não durou muito lá. Uma semana estava lá, na outra já se fora, e Caroline voltou a sua solidão.

— Uma semana — falei.

— Pareceu um período curto.

— Você se lembra em que mês foi?

— Só pode ter sido agosto. Eu só estive lá no mês de agosto.

Janie Ingalls fora assassinada em princípios de junho.

— Que idade tinha esse Willy Burns?

— Não era muito mais velho que Caroline... uns 20, talvez 21. Achei aquilo legal, alguém dando atenção a ela. Sabe alguma coisa a respeito dele?

Sacudi a cabeça.

— Você não leu o boletim médico dela, mas algum dia soube o motivo pelo qual Caroline foi mandada para a Achievement House?

— Presumi que fosse pela mesma razão de todas as outras crianças: ser incapaz de saltar

barreiras mais altas. Conheço aquele mundo, Alex. Cresci em Beverly Hills, meu pai era assistente do procurador público. Achei que se quisesse alguma coisa simples, jamais voltaria para a Califórnia.

— Larry disse que você se formou na Penn.

— Fui estudar na Penn e adorei. Depois passei dois anos em Ann Arbor, voltei para a Penn e assumi uma cadeira de professora assistente. Se dependesse de mim, eu teria permanecido na Costa Leste. Mas eu me casei com um cara de Wharton, e ele teve uma oferta fantástica de um emprego aqui em L.A. e, de repente, eu estava morando em um apartamento no Wilshire Corridor e estudando para trabalhar na Califórnia.

— Parece que as coisas deram certo — comentei.

Ela espetou um pedaço do bife no garfo e o mergulhou no molho bearnaise. A carne permaneceu suspensa por um momento e de' pois ela descansou o garfo no prato.

— A vida estava correndo lindamente até que, três verões atrás meu pai acordou às quatro da madrugada com dores no peito e minha mãe entrou em pânico. Grant, meu marido, e eu saímos correndo, e nós três levamos papai para o hospital. Enquanto atendiam Papai, Grant desapareceu. Eu estava tão envolvida dando apoio à mamãe e esperando pelo veredicto de Papai que não prestei muita atenção. Finalmente, quando tinham acabado de nos dizer que papai estava bem, que só tivera um refluxo gástrico e que podíamos levá-lo para casa, Grant reapareceu. Pela expressão do seu rosto, vi que havia algo errado. Não falamos até que deixamos Mamãe e Papai na casa deles. Ai então ele me contou que não vinha se sentindo bem havia algum tempo, com sérias dores de estômago. Imaginou que fosse estresse decorrente do trabalho, pensou que a dor fosse passar, tomava antiácidos como quem chupa bala, não tinha querido me alarmar. Mas depois a dor ficara insuportável.

Assim, enquanto estávamos no hospital, ele falara com um médico que conhecia... seu companheiro de golfe na Penn... e fora submetido a exames de raios-X. Encontraram tumores por toda parte. Um câncer no duto da bile que tinha se espalhado. Cinco semanas mais tarde eu era uma viúva de luto, morando de novo com Mamãe e Papai.

— Sinto muito.

Ela empurrou o prato.

— Foi rude de minha parte despejar tudo isso em cima de você. — Outra tentativa de sorriso. — A culpa é sua, por ser tão bom ouvinte.

Sem pensar, estiquei o braço e fiz um carinho em sua mão. Ela apertou meus dedos e recuou para pegar o copo de vinho, que bebeu olhando fixamente para um ponto além de mim.

Tomei um generoso gole de cerveja.

— Quer ouvir uma coisa engraçada? — perguntou ela. — Hoje vou dar uma palestra sobre estresse pós-traumático. Olhe, Alex, foi um prazer conhecê-lo, boa sorte para seja o que for que esteja querendo fazer, mas realmente tenho que ir correndo.

Allison chamou o garçom, e, passando por cima de suas objeções, paguei a conta. Ela pegou um estojo de ouro e um batom da bolsa, ajeitou a pintura e examinou o rosto no espelho. Levantamos, Eu a imaginara alta, mas com saltos 8 não chegava a um metro e setenta. Outra baixinha. Que nem Robin. Saímos juntos do restaurante. O carro dela era um Jaguar XJS preto conversível de dez anos em que ela entrou com agilidade e que acelerou fortemente. Fiquei observando-a se afastar, olhar muito adiante.

Capítulo 16

Dois nomes novos: Michael Larner. Wille Burro.

Talvez ambos fossem irrelevantes, mas dirigi para o sul, e entrei em Cheviot Hills. Localizei a Achievement House em um beco sem saída logo a leste da Motor e sul da Palms, então parei o Seville do outro lado da rua, o motor funcionando silenciosamente. O prédio era uma indefinível caixa de dois andares ao lado de um estacionamento aberto, azul-claro à luz da lua, cercado por uma grade de ferro branca. A fachada frontal não tinha janelas. Portas de vidro bloqueavam a entrada para o que provavelmente era um Pátio interno. Meia dúzia de carros podiam ser vistos no estacionamento sob intensa iluminação, mas o edifício estava escuro e não havia sinalização que eu pudesse ver daquela distância. Sem saber se estava no local certo, saltei, atravessei a rua e dei uma espiada por entre as barras verticais da cerca.

Minúsculos números brancos confirmaram o endereço. As letras brancas, quase invisíveis na escuridão, diziam: Achievement House. Propriedade Particular Tentei enxergar o que havia atrás das portas de vidro, mas o pátio — se é que se tratava mesmo de um pátio — estava às escuras só dava para ver reflexos. A rua nada tinha de silenciosa; o trânsito da Motor a invadia em rajadas e o ruído surdo e prolongado da via expressa mais longe era incessante. Voltei para o carro, fui até a universidade, retornei à biblioteca de pesquisa e pus as mãos ansiosas no meu velho amigo, o índice periódico.

Nada sobre Willie Burns, o que não era surpresa. Quantos faxineiros aparecem no noticiário? Mas o nome de Michael Larner apa recebeu pelo menos doze vezes nas últimas duas décadas.

Duas menções eram do tempo em que Larner foi diretor da Achievement House: cobertura de eventos destinados a levantamento de fundos, sem fotos, sem citações. Nada nos três anos seguintes, até que Larner aparece como porta-voz oficial da Maxwell filmes, ofendendo o caráter de uma atriz processada pela companhia cinematográfica por quebra de contrato. Não houve continuação da matéria, explicando como o caso fora resolvido e, um ano mais tarde, Larner tinha feito outra mudança ocupacional: passara a ser um "produtor independente", firmando um contrato com a mesma atriz de antes para fazer um épico de ciência ficção — um filme do qual eu nunca ouvira falar.

A Indústria. Tendo em vista a agressividade sexual de Larner, era isso ou a política. As quatro citações seguintes chamaram minha atenção por causa da nova afiliação dele: diretor de operações da Cossack Development. Eram itens curtos da seção de negócios do Times. O trabalho de Garner parecia ser fazer lobby junto à Câmara de Vereadores em prol dos negócios imobiliários de Garvey e Bob.

Caroline Cossack fora desviada para a Achievement House logo depois do assassinato de Janie Ingalls. Não correspondia ao tipo de jovem aceito no estabelecimento, mas poucos anos depois o seu diretor estava trabalhando para a família Cossack. Eu ia alegrar a noite de Milo. Cheguei em casa e verifiquei a secretária eletrônica. Ainda nada de Robin. Não condizia com ela.

Aí então eu pensei: Tudo novo, as regras mudaram.

Dei-me conta de que não tinha um itinerário do tour. Eu não pedira, e Robin não oferecera. Não fora culpa de ninguém, nós dois tínhamos nos enrolado, tudo acontecendo tão depressa.

Tínhamos ambos tropeçado no esforço de preparar a separação.

Entreí no meu escritório, liguei o computador, achei o site do Kill Famine Tour. Fotos de divulgação, alegres links para comprar CDs, seqüências de fotos de concertos anteriores. Finalmente, horas, datas e locais dos eventos. Eugene, Seattle, Vancouver, Denver, Albuquerque... tudo sujeito a alterações. Telefonei para a arena de Vancouver. Fui atendido por uma gravação e tive que seguir um labirinto de apertar teclas para descobrir que Nossos escritórios estão fechados... abrem amanhã às 10h da manhã. Sozinho.

Nunca quis excluir Robin da minha vida. Ou quis? Durante todo o tempo em que estivemos juntos isolei-me no meu trabalho — mantive-a a uma distância conveniente.

Alegava questões de segurança mesmo quando não era o caso. Dizia a mim mesmo que era para o bem dela, uma artista, talentosa e sensível, que precisava ser protegida da feiúra. Às vezes Robin descobria o que eu estava fazendo do pior modo.

Na noite em que eu estragara tudo, ela saía para um estúdio de gravação, cheia de confiança. No momento em que ela saiu, fui me encontrar com uma jovem mulher bela, louca e perigosa.

É verdade que eu arruinara tudo em grande estilo, mas minhas intenções não eram nobres? Blablablá.

Duas passagens para Paris; patético. Uma súbita torrente de recordações. Exatamente o que eu me esforçara tanto para esquecer. A outra vez em que nos separamos.

Dez anos atrás, nada a ver com meu mau comportamento. Tinha sido Robin, precisando encontrar seu caminho, forjar sua identidade. Meu Deus, dito desse modo soa como um clichê de psicologia popular, e ela merece coisa melhor. Nós nos amávamos. Por que então não telefonava? Cresça, meu amigo, só se passaram dois dias e você não foi propriamente um sujeito encantador da última vez que ela ligou. Eu teria falhado em algum teste deixando que se fosse com tanta facilidade? Dez anos atrás ela voltara, mas não antes... Não entra nessa.

Mas naquele momento eu só queria saber de punição. Abri a caixa, soltei as fúrias.

Da primeira vez, Robin ficara fora por longo tempo e acabara por encontrar outra mulher. Mas tudo terminara muito antes de Robin voltar.

Quando nos reunimos, Robin parecia um pouco mais frágil, mas, a não ser por isso, tudo parecia bem. Até que um dia ela cedeu e confessou. Encontrara alguém. Um sujeito, apenas um cara, um idiota, ela fora idiota. Realmente idiota, Alex.

Eu a abraçara, confortara. Aí então ela me contou. Gravidez, aborto. Nunca contara ao sujeito — Dennis, eu bloqueei o nome dele, maldito Dennis, a tinha engravidado e ela o deixara, passando sozinha por todo o sofrimento.

Continuei com ela nos braços, disse as coisas certas, que homem mais sensível, a essência da compreensão. Mas uma vizinha irritante dentro da minha cabeça se recusava a deixar passar o óbvio: Todos aqueles anos juntos, tínhamos evitado a questão do casamento e filhos.

Cuidadosamente.

Poucos meses longe de mim, e a semente de outro homem encontrara seu caminho.

Eu realmente a perdoara? Teria ela esta mesma dúvida? O que estaria pensando agora, naquele exato momento? Onde diabos Robin estava? Peguei o telefone, fiquei sem saber para quem ligar, empurrei o maldito aparelho de cima da mesa, para o chão. Foda-se, Sr. Graham Bell. Meu rosto estava quente, meus ossos se contraíam e comecei a andar de um lado para o

outro, do jeito que Milo faz. Não me limitei a um aposento, passei a correr pela casa inteira, incapaz de me livrar da dor. Lar sufocante lar.

Dirigi-me para a porta, abri-a com um empurrão e me joguei dentro da noite.

Subi o vale, rumo norte, direção das montanhas. Da maneira burra, com o tráfego nas minhas costas, sem temer o ronco dos motores que se aproximavam, o foco imobilizado dos faróis.

Motoristas passavam por mim buzinando. Alguém gritou: "Idiota!" O que estava certo.

Passaram-se quilômetros até que eu fosse capaz de evocar o corpo de Janie Ingalls e relaxar.

Ao voltar para casa, encontrei a porta da frente entreaberta e me esquecera de fechá-la —, e folhas que o vento havia soprado na entrada. Ajoelhei-me, catei cada uma delas e voltei para o meu escritório. O telefone continuou no chão. A secretária eletrônica também, e lá permaneceu, desligada. Mas a secretária do quarto de dormir estava piscando.

Uma mensagem.

Ignorei-a, fui para a cozinha e tirei a vodca do freezer. Usei a garrafa para esfriar as mãos e o rosto. Pus no mesmo lugar.

Fiquei assistindo à televisão por horas, ingeri risadas ocas, diálogos torturados, comerciais de remédios de ervas que prometiam potência sexual e miraculosos produtos químicos que atacavam as mais hediondas das manchas.

Pouco depois da meia-noite pressionei o botão PLAY da secretária do quarto.

"Alex?... Acho que você não está... devíamos seguir para o Caiada, mas ficamos detidos em Seattle... apresentando um espetáculo extra... houve algumas modificações no equipamento que precisaram ser feitas antes do concerto, de modo que fiquei presa... acho que você está fora novamente... de qualquer forma, estou no Four Seasons de Seattle. Me deram um bom quarto... está chovendo. Eu espero que esteja bem. Tenho certeza de que está. Tchau, querido"

Tchau, querido.

E não amo você.

Ela sempre disse amo você.

Capítulo 17

À uma hora da manhã telefonei para o Four Seasons em Seattle. A telefonista me disse que já tinha passado da hora em que as ligações eram transferidas para os quartos.

— Ela vai falar comigo.

— O senhor é marido dela? — Namorado.

— Bem... na verdade, parece que o senhor vai ter que deixar um recado. Pelo que sei, ela não se encontra no quarto, mas seu correio de voz está ligado.

Ela transferiu minha ligação. Desliguei, arrastei-me até a cama e caí numa coisa que poderia se chamar de sono se tivesse sido repousante. Às 6h30 já estava sentado, de boca seca e vendo tudo em duplicata.

Às sete telefonei para Milo. A voz dele estava indistinta, como se filtrada através de um fardo de feno.

— Ei, general Delaware — disse ele. — Não é um pouco cedo para o meu relato de campo? Contei o que descobrira a respeito de Caroline Cossack e Michael Lerner.

— Jesus, nem escovei os dentes ainda... OK, deixa eu digerir isso. Você acha que esse tal de Larner fez um favor aos Cossack engavetando Caroline, e eles pagaram... digamos... 15 anos depois? Não é exatamente o que se pode chamar de gratificação imediata.

— Pode ter havido outras recompensas ao longo do caminho. Tanto Larner quanto os Cossack estavam envolvidos na produção de filmes independentes.

— Encontrou alguma ligação entre eles no campo do cinema?

— Não, mas...

— Não faz mal, aceite a ideia do relacionamento de Larner com a família de Caroline. Ela era uma garota biruta, e Larner dirigia um lugar para jovens birutas. Mas isso não diz nada sobre o motivo pelo qual ela foi para lá.

— A advertência quanto ao comportamento dela é bem esclarecedora. Minha fonte diz que Caroline era a única com uma advertência desse tipo. De qualquer modo, faça o que quiser com a informação.

— Claro, obrigado. Você está bem?

Todo mundo vivia me fazendo a mesma maldita pergunta. Forcei um pouco de amabilidade na minha voz.

— Estou bem.

— Você está parecendo eu mesmo quando me levanto.

— Você raramente me ouviu assim tão cedo.

— Deve ser isso. Advertência comportamental, hem? Mas sua fonte não sabia a razão.

— A presunção é algum tipo de comportamento antissocial ou agressivo. Acrescente a isso a morte do Akita da Dra. Schwartzman, e começa a se formar um quadro. Uma criança rica fazendo coisas muito más explicaria a ocultação da verdade.

— O básico perdedor solitário — disse ele. — O que fariamos nós, investigadores de homicídios, sem eles?

— Outra coisa — acrescentei. — Andei pensando que a razão pela qual Caroline nunca teve um cartão de seguro social pode ser por ter tido um comportamento realmente antissocial e terminado...

— Na cadeia. É, pensei nisso logo depois de conversarmos. Burrice minha não ter pensado nisso antes. Mas o fato é que ela não se encontra em nenhuma penitenciária estadual, seja nos 48 estados contíguos, seja no Havaí ou no Alasca. Suponho que seja possível que ela esteja escondida em algum presídio federal, ou talvez você estivesse certo a respeito deles a terem despachado para uma bela vila em Veneza, por fora banhada pelo sol do Mediterrâneo e por dentro com paredes acolchoadas. Sabe de alguém que pague um tour por aquelas bandas para um detetive que merece?

— Preencha um formulário que eu entrego a John G. Broussard.

— Nossa, por que não pensei nisso? Alex, obrigado pelo seu tempo.

— Mas...

— A coisa toda ainda é um beco sem saída, tal como vinte anos atrás. Não tenho arquivos, não tenho anotações a que recorrer, não consigo sequer localizar a mãe de Melinda Waters. Por falar nisso, estive pensando numa coisa: dei a Eileen Waters o meu cartão. Se a filha não voltou para casa, não seria o caso de ela ter me telefonado?

— Talvez ela tenha telefonado e você não tenha recebido o recado. Você estava em West

L.A., então.

— Recebi outros telefonemas — disse ele. — Coisas sem importância. A Central me encaminhou.

— Exatamente.

Silêncio.

— Talvez. De qualquer modo, não vejo onde me apoiar.

— Uma coisa mais — falei. Conte a estória de Willie Burns, na expectativa de que ele perdesse a paciência. Mas não. Ele disse: — Willie Burns. Deve ter agora por volta de... quarenta anos?

— Vinte ou 21 naquele tempo, então, sim, hoje deve ter uns quarenta.

— Conheci um Willie Burns. Tinha uma carinha de bebê — disse ele. — Devia ter... uns 23 naquele tempo. — Sua voz mudara. Ficara mais suave, mais grave. Focada.

— Quem é? — perguntei.

— Talvez ninguém. Deixa que depois telefono para você.

Ele ligou duas horas mais tarde, parecendo tenso e distraído, como se houvesse alguém de pé por perto.

— Onde você está? — perguntei.

— Na minha mesa.

— Pensei que fosse tirar suas férias atrasadas.

— Tenho que pôr a papelada em dia.

— Quem é Willie Burns? — indaguei.

— Vamos bater papo pessoalmente — disse ele. — Você tem tempo? Claro, tem, está vivendo a alegre vida dos solteiros. Encontre-me na frente aqui da delegacia, digamos, em meia hora.

Ele estava perto do meio-fio e pulou dento do Seville antes mesmo que o carro parasse por completo.

— Para onde? — perguntei.

— Qualquer lugar.

Continuei subindo a Butler, fiz uma curva aleatória e atravessei as modestas ruas residenciais que cercam a delegacia de West L.A. Depois de pôr mais de quinhentos metros entre nós e a mesa dele, Milo disse: — Definitivamente há um Deus, e Ele está sacudindo a minha corrente, me fazendo pagar por velhos pecados.

— Que pecados?

— O pior deles: o fracasso.

— Willie Burns é outro caso não resolvido?

— É um velho criminoso e caso antigo. Wilbert Lorenzo Burns, nascido 43 anos e meio atrás, suspeito de homicídio. Prendi-o logo depois de ser transferido. Adivinha? Outra pasta que parece estar faltando. Mas consegui encontrar um de seus antigos agentes de condicional, e ele tinha um papel velho que falava em Achievement House. Willie deu um jeito de conseguir um emprego de verão lá, durou menos de um mês e foi chutado por faltar ao serviço.

— Um suspeito de homicídio trabalhando com adolescentes problemáticos?

— Naquele tempo ele era só viciado e traficante.

— Mesma pergunta.

— Acho que Willie nunca contou a ninguém sobre seu passado.

— Quem ele teria matado?

— O dono de um escritório de fianças chamado Boris Nemerov. A sede do escritório era aqui mesmo em West L.A. Um sujeito grande e durão, mas que às vezes tinha coração mole para vigaristas porque ele próprio ficara algum tempo em um gulag siberiano. Sabe como funciona as cartas de fiança?

— O acusado entra com uma porcentagem da fiança e dá uma garantia. Se não comparecer ao julgamento, o avalista paga ao tribunal e confisca a garantia.

— Basicamente é isso aí. Exceto que o fiador não paga a fiança inicial com seu dinheiro. Ele compra uma apólice de uma companhia de seguros pagando de dois a seis por cento da fiança total. Para cobrir os prêmios e lucrar algum, o fiador cobra honorários do acusado, em geral, dez por cento, sem direito a devolução. Se o acusado do crime fugir, a companhia de seguros paga ao tribunal e tem o direito de confiscar a garantia, que, geralmente, é uma propriedade... Vovó legando ao bem-amado descendente criminoso o chalezinho lindo onde ela morou por duzentos anos. Mas tomar a casa da pobre Vovó demanda tempo e dinheiro, além de gerar notícias desagradáveis na mídia. E o que elas, as companhias de seguro, fariam com uma propriedade que só rende um aluguel insignificante? O melhor é ter o acusado à mão. E por isso contratam caçadores de recompensas, que pegam a parte delas.

— Os benefícios vão passando de classe em classe — falei. — O crime ajuda o PIB.

— Boris Nemerov se saiu bem como fiador. Tratava as pessoas como seres humanos e tinha uma baixa taxa de fugas. Mas às vezes assumia riscos... abrindo mão da garantia, descontando seus dez por cento. Fez isso por Willie Burns porque Burns era seu cliente habitual e nunca o deixara na mão. A última vez que Burns se apresentou a Nemerov não tinha garantia.

— Qual era a acusação?

— Maconha. Como sempre. Foi depois de ele ser despedido da Achievement House e de não ter se apresentado na Condicional. Até então Burns se comportara sem violência, tanto quanto eu saiba. Seu prontuário começou aos 9 anos de idade e, no que dizia respeito ao tempo em que era menor, estava selado. A carreira de criminoso começou no momento em que passou a ser adulto: uma semana depois de fazer 18 anos. Pequenos furtos, drogas, mais drogas. E mais drogas outra vez. Um monte de acordos o pôs de volta nas ruas, até que finalmente teve que ser submetido a julgamento e foi condenado com sursis. A última prisão foi mais séria. Foi apanhado tentando vender heroína a uns viciados no calçadão de Venice. Só que o viciado que escolheu era um policial disfarçado, e a prisão foi feita durante uma dessas ocasiões em que o departamento afirma estar combatendo na "Guerra Contra as Drogas" De uma hora para outra, Burns enfrentou uma sentença que podia chegar a dez anos, e a corte impôs uma fiança de cinquenta mil dólares. Ele correu para Boris Nemerov, como sempre. Nemerov pagou sua fiança e aceitou a promessa de Burns de liquidar os cinco mil. Mas desta vez Burns deu no pé. Nemerov se virou, tentou localizar a família do cara, amigos, e não conseguiu coisa alguma. Zero. O endereço dado por Burns era de um estacionamento em Watts. Nemerov começou a ficar irritado.

— Começou? — interrompi. — Sujeitinho paciente.

— Os invernos gelados nas estepes podem ensinar a pessoa a ter muita paciência. Bem, o fato é que Nemerov acabou por botar caçadores de recompensa no encalço de Burns, mas eles não conseguiram nada. Aí, de repente, ele recebeu um telefonema de Burns. Queria se entregar,

mas tinha medo de que os tais caçadores o alvejassem. Nemerov tentou acalmá-lo, mas Burns estava pirado. Paranoico. Disse que tinha gente atrás dele. Nemerov concordou em pegá-lo pessoalmente. Leste da Robertson, perto da passagem elevada da 10 East. Nemerov saiu tarde da noite no seu enorme Lincoln cor de ouro em que adorava passear sem destino, nunca voltou para casa. A mulher dele ficou maluca, a divisão de Pessoas Desaparecidas deu prioridade ao caso porque Burns era muito conhecido na delegacia. Dois dias mais tarde o Lincoln foi encontrado em uma viela atrás de um apartamento na Guthrie, não muito longe do local do encontro. Naquele tempo, o bairro era um importante território de gangues.

— Ir ao encontro de Burns lá e sozinho não preocupou Nemerov.

— Boris era autoconfiante. Grandalhão, do tipo bem-humorado. Provavelmente achava que já tinha visto o pior e sobrevivera. O Lincoln foi depenado, estripado e coberto com galhos... alguém havia feito uma tentativa malfeita de escondê-lo. Boris estava na mala, amarrado e amordaçado, três buracos de bala na nuca. Execução. Nenhuma boa ação escapa sem punição. Del Hardy e eu investigamos tudo o que podíamos e não chegamos a parte alguma.

— Seria de pensar que um caso desses ganhasse as páginas dos jornais E a pesquisa do nome de Burns não deu em nada.

— Isso eu posso explicar. A família de Nemerov quis discrição, nós atendemos. Não queriam que o erro de julgamento de Boris se tornasse público... seria ruim para o negócio. E eles tinham feito um bom número de favores para terem o que queriam... fianças de filhos de repórteres. E de policiais também. Del e eu recebemos ordem para fazer nosso trabalho, mas discretamente.

— Isso atrapalhou vocês?

— Na verdade, não. Não conseguiríamos encontrar Burns mantendo a imprensa informada. Os Nemerov eram pessoas decentes... primeiro de tudo pelo que tinham passado na Rússia, e agora aquilo. Não queríamos importuná-los, todo mundo se sentia péssimo. De qualquer forma, o negócio quase foi para o buraco. As companhias de seguro não ficaram nem um pouco satisfeitas, queriam cortar todos os laços. A viúva e o filho de Nemerov concordaram em absorver os custos da fiança de Burns, os cinquenta mil dólares, e imploraram uma chance para provar o quanto valiam. Conseguiram segurar a maioria das apólices. Ao cabo de algum tempo, conseguiram levantar a cabeça acima da água. Ainda estão no ramo... virando a primeira esquina depois da delegacia. Atualmente são conhecidos por não cederem um único centímetro.

— E o rastro de Willie Burns esfriou — falei.

— Eu o segui por anos a fio, Alex. Cada vez que eu tinha um período de calma, via se achava o canalha. Eu tinha certeza de que acabaria se apresentando, porque um drogado dificilmente muda de hábitos. Minha aposta era que terminaria encarcerado Ou morto.

— Talvez ele tenha mesmo morrido — falei. — A família Nemerov tinha acesso a caçadores profissionais. Mesmo gente boa pode vir a desenvolver sede de vingança.

— Minha intuição diz que não, mas se foi isso que aconteceu é definitivamente um beco sem saída. Começo a me sentir novamente na escola, tendo em mãos os testes em que fui reprovado.

— Talvez seja apenas um único grande teste — eu disse. — Pode ser que Willie Burns tivesse conhecido Caroline Cossack antes de ela ser mandada para a Achievement House... um dos caras negros com que a Dra. Schwartzman viu Caroline. Burns ter matado Nemerov pode não ter sido

nada de novo para ele, porque já matara antes. Em uma festa em Bel Air.

— O prontuário de Burns não era de um homem violento, Alex.

— Até a hora em que mudou — lembrei. — E se os crimes não violentos fossem os únicos pelos quais ele jamais foi apanhado? Era viciado apenas em heroína?

— Não, era viciado em tudo. Heroína, ácido, pilulas, anfetamina. Desde os dez anos de idade.

— Altos e baixos — falei. — Comportamento imprevisível. Coloque uma pessoa assim em contato com uma jovem desequilibrada como Caroline, ponha os dois juntos em uma festa em que correm drogas e na qual aparecem duas garotas de programa não muito inteligentes, quem sabe o que pode acontecer? A família de Caroline suspeitava... ou sabia... que ela tinha tomado parte em algo ruim e a mandou para a Achievement House. Willie voltou para as ruas, mas descobriu um jeito de visitar Caroline na Achievement House. Uma burrice, mas viciados são impulsivos. E ninguém pegou nada. Ele trabalhou lá durante um mês e foi despedido por faltar ao serviço.

Ele tamborilou com os dedos em cima dos joelhos.

— Burns e Caroline como uma dupla assassina.

— Com ou sem amigos adicionais. A participação de Burns em um homicídio também poderia explicar ele ter escapado de Nemerov. A cidade estava fechando o cerco em torno dos traficantes de droga, e ele sabia que era provável que fosse parar na cadeia, o que o teria impedido de sumir de cena se o assassinato de Janie Ingalls viesse à tona.

— Por que então ele iria telefonar para Nemerov e dizer que queria se entregar?

— Para fazer exatamente o que fez: emboscar Nemerov, roubá-lo, levar seu carro... que foi depenado. Por tudo quanto sabemos, Burns roubou o som e o telefone. E aquela tentativa mal-arranjada de escondê-lo é puro engodo. Da mesma forma, o desaparecimento de Caroline podia ser Willie não querendo se arriscar. Avaliando que ela tinha um alto risco de falar.

— Se Burns ou qualquer outra pessoa sumiu com Caroline, não acha que a família dela teria reagido? Pedido que o departamento resolvesse o caso?

— Talvez não. Caroline tinha sido uma vergonha para eles desde a infância... a irmã esquisita... e se soubessem que ela havia sido cúmplice do assassinato, iriam querer manter o caso abafado. É consistente com a internação dela na Achievement House.

— Com uma etiqueta cor de rosa — disse ele.

— Burns a encontrou, de um jeito ou de outro. Talvez ela o tenha procurado. Por tudo quanto sabemos, ela estava com ele quando emboscou Boris Nemerov. Quando exatamente Nemerov foi executado?

— Dezembro, pouco antes do Natal. Lembro da Sra. Nemerov falando a respeito. Como eles eram russos ortodoxos, celebravam o Natal em janeiro, não havia nada para celebrar.

— Caroline estava na Achievement House em agosto — falei. — Quatro meses depois podia ter saído. Willie talvez tenha facilitado sua saída. Talvez estivessem planejando deixar a cidade desde o início e por isso Burns estivesse tentando vender drogas em Venice.

— Nossa, são tantas as possibilidades — disse ele.

— Ah.

Ele me fez dirigir na direção da delegacia, depois virar na Purdue e estacionar na frente de um velho prédio de tijolinhos logo ao sul do Boulevard Santa Monica.

A entrada da Kuiken Ready Bail Bonds era uma vitrine de vidro anunciada por um anúncio de néon acima da porta e uma folha dourada no vidro. Ao contrário da Achievement House, o lugar clamava por atenção.

Apontei para o sinal que dizia que era proibido estacionar sob ameaça de reboque.

Milo disse: — Eu fico de olho nos nazistas do estacionamento. Se falhar, pago a sua fiança.

O escritório da frente era uma coisa mínima, abafada e fartamente iluminada por luzes fluorescentes, com um balcão alto e as paredes forradas de um negócio cor de mostarda que não tinha ligação biológica com as árvores. Uma porta sem maçaneta fora cortada na parede de trás. À esquerda desta porta, uma gravura de Maxfield Parrish — a majestade da montanha púrpura. Atrás do balcão, um homem de cara redonda com trinta e muitos anos sentado em uma velha cadeira giratória de carvalho comia um sanduíche embrulhado em papel impermeável. À esquerda dele uma máquina de fazer café e um computador. Repolho, lascas de carne e de algo vermelho projetavam-se do sanduíche. A camisa branca de mangas curtas estava limpa, mas quando a porta se fechou atrás de nós, ele secou o queixo com um guardanapo de papel e nos fitou com cautelosos olhos cinzentos. Aí então sorriu.

— Detetive Sturgis — Ele levantou o corpo volumoso da cadeira e um antebraço cor de rosa foi lançado por cima do balcão. Uma âncora tatuada azulava a carne macia.

O cabelo castanho era raspado tão curto que dava para ver o couro cabeludo e o rosto era um empadão que havia sido mordiscado nas beiradas.

— Georgie — cumprimentou Milo. — Como vão as coisas?

— As pessoas são muito ruins, de modo que vai tudo muito bem — disse Georgie. Ele me deu uma olhada. — Ele não parece ser uma oportunidade de negócio para mim.

— Nada de negócio hoje — disse Milo. — Este é o Dr. Delaware, que dá assessoria ao departamento. Doutor, Georgie Nemerov.

— Um médico para os tiras — disse Georgie, espremendo minha mão.

— Especialista em que, doenças sexualmente transmissíveis ou insanidade?

— Bom palpite, Georgie. Ele é psicólogo clínico.

Nemerov deu uma risada.

— Como as pessoas também são malucas, de modo que posso dizer que vai tudo bem para o senhor, doutor. Se soubesse mais um pouco a respeito deste meu negócio, o senhor tentaria me trancafiar também. — Tirando as pálpebras pesadas comprimidas e os olhos cinzentos, semicerrados, o resto do seu rosto suave e gordo permaneceu plácido.

— O que há então, detetive Milo?

— Isso e aquilo, Georgie. Comendo seu espinafre?

— Odeio espinafre — disse Nemerov, batendo na âncora tatuada — Nos meus tempos de garoto, me apaixonei pelos desenhos do marinheiro Popeye. Uma noite, quando não passava de um rapazinho rebelde, eu e uns amigos fomos até o Pike em Long Beach e mandei fazer esta merda. Minha mãe quase me esfolou vivo.

— Como vai ela? — indagou Milo.

— Tão bem quanto se pode esperar. No mês que vem faz 73 anos.

— Dê minhas lembranças a ela.

— Sem dúvida, Milo. Ela sempre gostou de você. Então... por que está aqui? — O sorriso de Nemerov era quase angélico.

— Fui examinar umas velhas pastas, e o caso do seu pai surgiu.

— Ah, é? Surgiu como?

— O nome de Willie Burns apareceu relacionado com outro 187.

— É mesmo? — Nemerov mudou o peso do corpo para a outra perna. Seu sorriso morreu. —

Bem, isso não me surpreende. O sujeito era um canalha. Você está me dizendo que ele foi localizado?

— Não. O outro caso também é antigo e arquivado. Na verdade, antecede o caso do seu pai.

— E não veio à tona enquanto vocês procuravam aquele assassino filho da puta?

— Não, Georgie. Burns não é oficialmente suspeito do outro. Seu nome simplesmente apareceu, é só.

— Entendo — disse Georgie. — Na verdade, não entendo. — Ele fechou o punho e os músculos do seu antebraço se avolumaram. Quer dizer então que as coisas aí na esquina estão calmas a ponto de permitir que vocês resolvam caçar fantasmas?

— Desculpe por trazer de volta essa porcaria, Georgie.

— Seja como for, Milo, todos nós temos nossos empregos. Naquele tempo eu era garoto, primeiro ano da faculdade, Cal State e, ia estudar direito. Mas vim parar aqui — as mãos gorduchas se estenderam.

— Eu só queria me certificar de que vocês nunca tiveram notícias de Burns.

Os olhos de Nemerov se transformaram em fendas cor de cinza.

— Você acha que eu não ia lhe contar se fosse o caso?

— Tenho certeza de que sim, mas...

— Seguimos a lei, Milo. Nosso ganha-pão depende disso. Obedecer à lei.

— Sei que é assim que você age, Georgie. Desculpe.

Georgie pegou seu sanduíche.

— E então, quem mais Burns matou?

Milo sacudiu a cabeça.

— Cedo demais para difundir. Quando vocês estavam procurando por ele, não descobriram nenhum associado?

— Não — respondeu Nemerov. — O cara era um maldito solitário. Um dependente de drogas, vagabundo e desprezível. Hoje em dia, esses panacas da Assistência Jurídica o chamariam de pobre coitado, cidadão sem-teto e tentariam fazer com que eu e você pagássemos o aluguel dele. — Sua boca retorceu-se. — Um vagabundo. Meu pai sempre o tratou com respeito e olha só como o filho da puta retribuiu.

— Fede — disse Milo.

— Fede muito. Mesmo depois de tanto tempo.

As fendas cinzentas em que tinham se transformado os olhos de Nemerov fixaram-se em mim.

— Meu pai podia ler a mente de uma pessoa como um livro, doutor. Melhor que um analista.

Fiz que sim, pensando: Boris Nemerov se enganara com Willie Burns do pior modo possível.

Georgie descansou um braço gordo no balcão e me obsequiou com um bafo quente de alho, picles e mostarda.

— Ele podia ler as pessoas sim — repetiu Nemerov —, mas era bom demais, coração mole. Minha mãe se torturou por não tê-lo impedido de ir se encontrar com o filho da puta naquela noite. Eu disse que ela não podia ter feito nada. Quando papai metia uma ideia na cabeça, você não podia detê-lo. Foi isso que o manteve vivo sob os comunistas. Coração de ouro, cabeça de pedra. Burns, o filho da puta, era um solitário e mentiroso, mas sempre se apresentara ao tribunal até antes do dia marcado. Por que então meu pai não veria o que havia de melhor nele?

— Certamente — disse Milo.

— Ah... — fez Nemerov.

A porta do painel de trás foi aberta e 350 quilos de humanidade apareceram e encheram o escritório. Dois homens, ambos praticamente com um metro e oitenta de altura por um metro e oitenta de largura, usando camisas pretas de gola rulê, calças também pretas tipo cargo, revólveres pretos em coldres de náilon também pretos. O maior deles — uma diferença mínima — era samoano, com o cabelo comprido amarrado num coque como aqueles usados pelos lutadores de sumô e um conjunto bigode-cavanhaque insubstancial de tão fino. O cabelo ruivo do seu companheiro era raspado à escovinha, e ele tinha uma cara de bebê, de traços finos.

Georgie Nemerov disse: — Ei.

Os dois monstros nos estudaram.

— Ei — disse Sumô.

Ruivo grunhiu.

— Rapazes, este é o detetive Milo Sturgis, um velho amigo aí da delegacia. Foi ele quem investigou o canalha filho da puta que matou meu pai. E esse é um psicólogo que o departamento usa porque todos nós sabemos que os tiras são malucos, certo?

Assentimentos vagarosos da parte dos monstros. Georgie continuou.

— Esses são os meus dois caçadores principais, Milo. Este é Stevie, mas nós o chamamos de Yokuzuna, porque lutou no Japão. E o baixinho é Red Yaakov, da Terra Santa. Então, rapazes, o que há de novo?

— Temos uma coisa para você — disse Stevie. — Lá fora, na van.

— O 459?

Stevie, o samoano, sorriu.

— O 459 e adivinha o que mais? Um bônus. Estávamos saindo e deixando para trás o berço do 459... o idiota estava na caminhinha, como se não acreditasse que alguém pudesse aparecer a sua procura e em dois segundos tínhamos posto os braceletes nele e o estávamos levando para o carro, quando a persiana da casa ao lado se mexeu, e vimos que era outro cara nos olhando. Então Yaakov disse: "Espere um minuto, não é aquele 460 que estamos procurando desde a convenção do partido democrata?"

Yaakov, com sotaque carregado: — Aquele idiota do García arrombou as janelas e roubou todos aqueles estéreos.

— Raul García? — perguntou Georgie, abrindo um sorriso. — Não brinca.

— Ele mesmo — garantiu Stevie. — Aí fomos lá e pegamos o cara também. Os dois estão aí fora nos fundos, se contorcendo na van. Acontece que eles jogam dados... espírito de bons vizinhos, esse tipo de coisa. Chegaram inclusive a nos pedir que afrouxássemos os braceletes para que pudessem jogar na van. Georgie cumprimentou os dois gigantes batendo com a palma da mão nas suas mãos erguidas.

— Dois por um, beleza. OK, me deixem processar a papelada, depois vocês podem levar os dois gênios para a cadeia. Estou orgulhoso de vocês, rapazes. Voltem às cinco para pegar seu cheques.

Stevie e Yaakov cumprimentaram e saíram pelo mesmo caminho que tinham entrado.

— Graças a Deus que os criminosos são retardados — disse Georgie, voltando para sua cadeira e retomando o sanduíche. Milo: — Obrigado pelo seu tempo.

O sanduíche descreveu um arco na direção da boca de Nemerov e parou a centímetros do destino.

— Você vai mesmo procurar o Burns de novo?

— Devo procurar? — contrapôs Milo. — Imagino que se ele fosse passível de ser encontrado, seus homens já o teriam trazido há muito tempo.

— É isso aí — disse Georgie.

Formaram-se nós na linha da mandíbula de Milo quando ele se adiantou para ficar mais perto do balcão. — Você acha que ele está morto, Georgie?

Os olhos de Nemerov desviaram-se para a esquerda. — Seria bom, mas por que eu haveria de achar que ele está...

— Porque você nunca o encontrou.

— Pode ser, Milo. Porque somos muito bons no que fazemos. Talvez não fôssemos no princípio, quando aconteceu. Como falei, eu ainda era um garoto, um estudante, o que eu sabia? E Mamãe estava enlouquecida, você se lembra como as companhias de seguro nos trataram... um dia estávamos às voltas com o funeral, no dia seguinte lutávamos para escapar da bancarrota. Assim, pode ser que Burns não tenha sido procurado como devia. Mais tarde, contudo, mandei gente minha atrás dele e ainda o mantemos em nossa lista... olha, vou mostrar a você.

Ele se levantou, empurrou com força a porta apainelada, ficou ausente uns momentos e voltou com um pedaço de papel que largou em cima do balcão.

A folha de Procurado de Wilbert Lorenzo Burns. Retratos de frente e de perfil tirados na delegacia, a usual fileira de números. Pele meio escura, rosto de traços suaves e juvenis, que poderia ser agradável não fossem os olhos de drogado. O cabelo comprido de Burns projetava-se em tufos lanosos, como se tivessem sido puxados.

Suas medidas davam para ele 1,87m, 80 quilos, cicatrizes de faca em ambos os antebraços e na nuca, sem tatuagens. Procurado pelos artigos 1 1375, 836.6 e 187 do Código Penal. Posse com intenção de vender, fuga após detenção preventiva ou prisão, homicídio.

— Penso nele de vez em quando — disse Georgie entre duas mordidas no sanduíche. — Provavelmente está morto. Era um drogado... qual é, afinal, a expectativa de vida dessa gente? Mas se você souber de qualquer coisa diferente, me liga.

Capítulo 18

Quando saímos do escritório de fianças, a radiopatrulha estava parando atrás do Seville. Milo disse: — Vamos embora! — e corremos para o carro.

O policial já tinha saltado pronto para multar o carro, mas decolei dali antes que ele pudesse anotar a placa.

— Por pouco — disse Milo.

— Pensei que você tivesse influência — falei.

— Influência é coisa efêmera.

Dobrei a esquina e voltei para a delegacia.

Milo: — E então, o que é que você acha?

— De quê?

— Do jeito de Georgie.

— Não conheço o cara.

— Mesmo assim.

— Ele pareceu ficar nervoso quando você falou em Burns.

— Tem razão. Normalmente Georgie é controlado, nunca diz um palavrão. Desta vez ele deitou e rolou.

— Talvez a lembrança da morte do pai tenha mexido com ele.

— Talvez.

— Sua dúvida é se ele terá liquidado Burns. Dificilmente você viria a saber.

— Pensei que seu trabalho fosse fazer com que as pessoas se sentissem melhor.

— Purificação pelo insight — retruquei, encostando perto do estacionamento destinado ao pessoal que trabalhava em Westside e deixando o Seville em ponto morto. Milo permaneceu onde se encontrava, as pernas compridas dobradas, os joelhos levantados, as mãos espalmadas no banco.

— Dane-se o Schwinn — disse ele, finalmente.

— Isso seria fácil, se fosse realmente a respeito do Schwinn.

Ele me lançou um olhar furioso.

— Mais purificação?

— Para que servem os amigos?

Poucos minutos mais tarde: — Por que o Livro do Assassino? Se ele realmente queria ajudar, tudo o que tinha a fazer era me ligar e me passar os fatos.

— Talvez haja mais no livro do que a foto de Janie.

— Por exemplo...?

— Não sei, mas vale a pena dar uma segunda olhada.

Ele não respondeu. Não fez qualquer esforço de deixar o carro.

— E então... — falei.

— Então... eu estava pensando em dar uma chegada na Achievement House, talvez ver quais são as últimas tendências em educação especial.

— Você ainda está no caso.

— Não sei o que sou.

Peguei a Pico na direção leste para a Motor, passei velozmente por Rancho Parke e entrei em Cheviot Hills. À luz do dia, a Achievement House não parecia nem um pouco impressionante. O revestimento do prédio que eu vira na noite anterior era azul-bebê. O estacionamento agora estava ocupado por mais alguns carros, e alguns adolescentes, uns dez, talvez, conversavam em grupos. Quando estacionamos Junto ao meio-fio, mal notaram nossa chegada. Os garotos faziam parte de um bando variado que ia de góticos de lábios pintados de preto a crianças alegres e de vozes estridentes que poderiam ter sido figurantes de Ozzie and Harriet, o show da televisão favorito das décadas 1950 e 1960 com seu retrato bem-humorado e ligeiramente irrealista da

vida da família americana depois da Segunda Guerra Mundial. Milo apertou a campainha e abriram o portão pelo dispositivo eletrônico sem perguntas. A cena se repetiu com a porta do prédio O saguão cheirava a esses produtos destinados a perfumar ambientes e a salgadinhos de milho. A mesa da recepção à direita e urna porta de escritório com a placa ADMINISTRAÇÃO eram separadas por um corredor que dava numa sala de espera suavemente iluminada onde ninguém esperava. Gravuras florais coloridas nas paredes creme, carpete cor de ameixa no chão, revistas cuidadosamente arrumadas nas mesas de teca, poltronas branco-gelo. Painéis de vidro na porta dupla do fundo proporcionavam uma visão de mais corredor e grupos de adolescentes barulhentos e irrequietos.

A recepcionista, que era uma jovem indiana que vestia um sári cor de pêssego, ficou surpresa, mas não se deixou perturbar com o crachá de Milo.

— E do que se trata? — perguntou ela, jovialmente.

— Uma investigação — respondeu Milo, com evidente bom humor. Durante o percurso ele estivera tenso e silencioso, mas tudo desaparecera agora. Ele tinha penteado o cabelo e ajeitado a gravata e voltara a ser um homem com um objetivo diante de si.

— Uma investigação? — repetiu a jovem.

— Uma olhada em alguns registros de estudantes, senhora.

— Vou levar o senhor à Sra. Baldassar. Ela é nossa diretora.

Ela se levantou, saiu e voltou.

— Por aqui — indicou-nos a porta do outro lado do hall. Entramos na saleta da frente, onde uma secretária abriu a porta para um espaço meticulosamente arrumado no qual uma mulher de seus quarenta anos, cabelo louro-acinzentado, sentada a uma escrivaninha, apagava um cigarro no cinzeiro. Milo mostrou o crachá e a loura disse: — Marlene Baldassar. — Magra, bronzeada e extremamente sardenta, tinha o rosto encovado, olhos castanho-dourados e queixo pontudo. O vestido azul-marinho tinha enfeites em branco e caía folgado em sua compleição ossuda. Usava uma aliança de casada e um relógio de mergulhador preto de plástico exageradamente grande. Os óculos de aro de tartaruga estavam pendurados numa corrente. O cinzeiro grande de vidro em cima de sua mesa estava cheio pela metade de pontas de cigarro manchadas de batom. Ao redor do cinzeiro podia-se ler Mirage Hotel, Las Vegas. O resto da mesa era tomado por livros, papéis, porta-retratos.

E uma gaita reluzente prateada. Ela me viu olhando para o instrumento, pegou-o com dois dedos, tocou duas vezes e pôs de novo no lugar, sorrindo.

— Para aliviar a tensão. Estou tentando deixar de fumar. No que evidentemente não tenho me saído muito bem.

— Velhos hábitos — falei.

— Muito velhos. E, sim, tentei o adesivo. Todos eles. Meu DNA provavelmente é saturado de nicotina. — Ela correu um dedo ao longo da borda da gaita. — Então, de que se trata a investigação policial? Algum dos nossos ex-alunos se meteu em confusão?

— Não parece surpreendida com essa possibilidade — disse Milo.

— Trabalho com jovens há vinte anos. Muito pouca coisa me surpreende.

— Vinte anos aqui?

— Três aqui, 17 com o condado... Tribunal de Menores, centros de saúde mental da comunidade, programas de prevenção de violência das gangues.

— Mudança bem-vinda? — perguntei.

— Em sua maior parte — disse ela. — Mas o trabalho para o condado pode até ser divertido. Muita futilidade, mas quando você esbarra numa gema perdida numa pilha de lixo, é empolgante. Já o trabalho aqui é extremamente previsível. Em sua grande maioria os garotos são decentes. Estragados, mas decentes. Nós nos especializamos em sérios problemas de aprendizagem... fracasso escolar crônico, dislexia severa, crianças que simplesmente não são capazes de entender o que estudam. Nosso objetivo específico é tentar levá-las a um ponto tal que quando tomarem posse de seus fundos fiduciários, sejam capazes de ler o contrato todo, inclusive as letrinhas pequenas. Assim, se a sua investigação é a respeito de alguma das minhas incumbências atuais, eu ficaria surpresa.

Nós nos afastamos de elementos antissociais de alto risco, a Manutenção é muito dispendiosa.

— A garotada fica confinada aqui 24 horas por dia? — perguntou

— Pelo amor de Deus, não. Isto aqui não é prisão. Eles vão para casa nos fins de semana, ganham passes. Então, o que precisa de saber e sobre quem?

— Na verdade — disse Milo —, isso é mais uma aventura histórica. Alguém que esteve aqui vinte anos atrás.

Marlene Baldassar recostou-se e brincou com os óculos.

— Lamento, mas não sou livre para falar sobre ex-alunos. Uma situação de emergência que surgisse com um aluno atual seria diferente... alguém aqui e agora que representasse um perigo para si próprio e/ou para os outros. Por imposição legal eu teria que tratar com o senhor deste assunto.

— As escolas não têm direito à lei da confidencialidade, senhora.

— Mas os psicoterapeutas têm, detetive, e muitos dos nossos arquivos contêm registros psicoterapêuticos. Eu adoraria ajudar, mas...

— E o que me diz dos arquivos de recursos humanos? Estamos investigando também uma pessoa que trabalhou aqui. Neste caso, não haveria proteção de qualquer tipo.

Baldassar mexeu nos óculos.

— Suponho que seja verdade, mas...vinte anos depois? Não sei se temos arquivos tão antigos.

— Um modo de descobrir, senhora.

— Qual o nome da pessoa?

— Wilbert Lorenzo Burns.

Nenhum sinal de reconhecimento no rosto sardento. Baldassar pegou o telefone, fez umas perguntas e disse: — Esperem aqui — e retornou momentos depois com um pedaço de papel rosa.

— Burns, Wilbert L. — disse ela, passando o papel para Milo. — É tudo o que temos, um aviso prévio do senhor Burns. Ele durou três semanas. De 3 a 24 de agosto. Foi mandado embora por faltar ao serviço. Veja com seus próprios olhos.

Milo leu o papel e o devolveu.

— O que foi que o senhor Burns fez?

— Tem um mandado de fugitivo pesando sobre ele. Basicamente era vendedor e usuário de narcóticos. Alarmante saber que quando trabalhou aqui estava em sursis por causa de uma condenação por drogas. E prestes a enfrentar julgamento por vender heroína.

Baldassar franziu a testa.

— Maravilha. Bem, isso não teria acontecido hoje em dia.

— Vocês examinam seus empregados cuidadosamente?

— Um traficante de drogas não passaria por mim.

— Acho que o antigo diretor não era tão exigente — disse Milo. — Você o conhece...

Michael Larner?

— O único que conheço é meu predecessor imediato, a Dra. Evelyn Luria. Bela mulher. Aposentou-se e se mudou para a Itália... deve ter, no mínimo, oitenta anos. Disseram-me que veio para cá a fim de fortalecer os serviços clínicos. E eu fui trazida para organizar as coisas.

— Os garotos aqui têm problemas de drogas?

— Detetive, por favor — disse Baldassar. — São adolescentes com baixa autoestima e muito dinheiro. Não precisa ter um PhD para chegar a essa conclusão. Mas acredite em mim, não permito que qualquer espécie de bandido passe pelos nossos portões. Agora, quanto ao que aconteceu vinte anos atrás...

Ela pegou a gaita, em seguida largou.

— Se isso é tudo...

— Na verdade — disse Milo —, a investigação não é só a respeito de Willie Burns. É sobre uma aluna de quem ele era amigo. Uma garota chamada Caroline Cossack.

Baldassar fitou-o fixamente. Depois bufou — suponho que tenha sido uma risada, mas não parecia nem um pouco feliz.

— Vamos lá para fora — disse. — Quero fumar, mas não quero envenenar mais ninguém.

Ela nos levou pela porta de vidro, passou por dez quartos, alguns dos quais tinham sido deixados abertos. Passamos por camas desfeitas, pilhas de bichos de pelúcia, pôsteres com astros do rock e do cinema, enormes aparelhos de som portáteis, guitarras, livros empilhados sobre pequenas escrivaninhas de madeira. Uns poucos adolescentes estavam estirados nas camas ouvindo música em fones de ouvido, um rapaz fazia flexões de braço, uma garota lia uma revista — testa franzida, lábios movendo-se laboriosamente. Continuamos a seguir Marlene Baldassar por debaixo de uma escada nos fundos, onde ela empurrou uma porta que indica SAÍDA pela qual chegamos a uma viela atrás do prédio.

Encostados a uma parede, dois depósitos de lixo. Por perto, uma garota de seios avantajados projetava os quadris de encontro a um rapaz alto cabeça raspada, as calças tão abaixadas que caíam amarfanhadas em torno dos tênis desamarrados. Ele parecia um espantalho prestes a desabar.

Baldassar disse: — Ei, vocês.

Rostos inexpressivos, o casal saiu trotando devagar e desapareceu na esquina.

— Interrompemos algo — brincou Baldassar. — Quase me sinto culpada.

Os fios de eletricidade passavam uns três metros acima da parede, e eu podia ouvir seu zumbido. Um pombo passou voando acima de nossas cabeças. Baldassar acendeu o cigarro, inalou sequiosamente, fumou mais de um centímetro.

— Há alguma possibilidade de que possamos conversar confidencialmente? — perguntou ela.

— Eu gostaria de lhe prometer isso — respondeu Milo —, mas se você tiver conhecimento de algum crime...

— Não, não é nada disso. E não cheguei a conhecer a menina Cossack, embora saiba que foi residente aqui. Mas em termos da família dela... digamos que não seja nada popular por aqui.

— Por que, senhora?

Baldassar fumou e sacudiu a cabeça.

— Suponho que se você escavar por aí o suficiente, acabará por descobrir, de qualquer maneira.

— Onde devo escavar?

— O que, devo fazer o serviço por você?

— Aceito tudo que me derem — disse Milo.

Ela sorriu.

— Arquivos do condado. Vou lhe contar o que sei, mas não posso ter qualquer ligação com essas informações, fechado?

— OK.

— Estou confiando em você, detetive.

— Muito obrigado, senhora.

— E nada mais de senhoras, por favor. Estou começando a rir como se estivesse em algum episódio antigo de *Dragnet*.

— É justo, senhorita...

Baldassar interrompeu-o com um gesto da mão com o cigarro.

— Para fazer uma história comprida agradavelmente curta, alguns anos atrás, 17 ou 18, a Achievement House passou por severos problemas financeiros devido a maus investimentos. O conselho era integrado por uns velhos chatos de horizontes restritos, conservadores com suas fortunas pessoais, mas que resolveram ser aventureiros com os recursos do estabelecimento. Lembra daquela bobagem de querer lucrar com ações de alto risco de companhias em situação financeira instável? O conselho contratou um administrador, que trocou os blue chips da Achievement House por uma grande quantidade de papéis que terminaram não valendo absolutamente nada. Naquele tempo, as taxas de juros eram sedutoras, e o dinheiro que entrava permitia que a escola tivesse lucros tão altos que o conselho começou a pensar que daria para viver de mensalidades. Só que tudo desabou. E, para piorar, o tal administrador fizera uma segunda hipoteca para comprar mais papéis. Quando tudo bateu no ventilador, a Achievement House viu-se no buraco e diante da perspectiva da execução da hipoteca.

— Os velhos ricos e chatos deixariam que acontecesse?

— Essa gente integrava o conselho a fim de se sentir nobre. Todos queriam ver os nomes estampados nas páginas sociais durante a estação de espetáculos de gala. Para agravar o problema, houve uma série de coisas desagradáveis com o diretor... o seu Sr. Lerner. Sei de tudo isso graças a Evelyn Luria. Ela me instruiu antes de seguir Para a Europa, mas não quis me dar os detalhes. Mas deu a entender, contudo, que havia sido algo de natureza sexual. Uma coisa que teria atraído para os membros do conselho o pior tipo de publicidade.

— Quer dizer então que a escola corria o risco de fechar.

— Meu Deus, espero que isso não se espalhe, após todos esses anos. Eu estava querendo este emprego como um meio de relaxar.

— Nada será rastreado até a senhora. Agora me diga por Q os Cossack não eram populares.

— Porque vieram em socorro da escola, cavaleiros de armas reluzentes e cavalos brancos,

e depois mudaram completamente de rumo.

— O pai de Caroline?

— Pai e irmãos. Os três eram empresários do ramo de imóveis entraram aqui, renegociaram com o banco para conseguir uma taxa muito melhor para a hipoteca e depois transferiram a escritura da Achievement House para o nome deles. Durante algum tempo fizeram os pagamentos, sem objeções. Mais ou menos dois anos depois anunciaram que iam desapropriar a escola porque o terreno era por demais valioso para sustentar aqui uma entidade sem finalidades lucrativas. Tinham planos para construir em todo o quarteirão e já vinham comprando lotes com esta finalidade.

Ela jogou o cigarro fora e o apagou com a ponta do sapato.

— A Achievement House ainda está aqui — disse Milo. — O que foi que aconteceu?

— Ameaças, acusações, advogados. O conselho e os Cossack finalmente chegaram a um acordo, mas isso significou recorrer a alguém de grandes recursos, a fim de pagar a saída dos Cossack. Pelo que me contaram, a afronta foi agravada pelo fato de a estada de Caroline Cossack aqui ter sido um favor à família. Ela não se qualificava.

— Por que não?

— Ela era um caso psiquiátrico... severos problemas de comportamento, incapacidade de aprender.

— Cuidado assistencial?

— Sim, as regras foram violadas por causa dela. Para depois a família fazer aquilo.

— Vocês têm registros da Caroline? — perguntou Milo.

Baldassar hesitou. — Me deixe verificar... esperem aqui fora, por favor.

Ela voltou ao prédio. Eu disse a Milo: — Fico me perguntando se Michael Lerner tinha algo a ver com os Cossack tentando despejar a escola. Depois que o conselho o despediu, ele não devia gostar muito do estabelecimento.

Milo chutou um dos depósitos de lixo. Outro pombo saiu voando. E mais três.

— Ratos voadores — resmungou ele. O chute mal fora audível, mas as vibrações deviam ter alcançado as aves, que se espalharam. Marlene Baldassar retornou, outro cigarro entre os dedos, um cartão com etiqueta rosa na outra.

— A única coisa que encontrei foi isto aqui, com as datas de sua permanência.

Milo pegou o cartão.

— Admitida em 9 de agosto, liberada em 22 de dezembro. Mas não diz para onde foi.

— Não, não diz — confirmou Baldassar.

— Vocês não têm um arquivo com a documentação mais antiga?

— Temos, sim. Devia estar aqui. — Ela examinou o rosto de Milo. — Você devia estar chocado.

— Como você, já ultrapassei em muito a fase de ficar espantado. E vou lhe pedir um favor em troca: mantenha esta nossa visita em segredo.

— Nenhum problema — garantiu Baldassar. Ela deu uma tragada funda e soprou um anel de fumaça. — Aqui estava eu pensando que ia ter um dia ocioso e acaba que foi uma jornada dura de déjà vu. Cavalheiros, vocês trouxeram de volta lembranças dos tempos em que trabalhei no condado.

— Como assim? — perguntei.

— Problemas que não podem ser resolvidos com fonoaudiologia e o cartão de crédito.

Capítulo 19

— Interessante linha do tempo — falei, enquanto nos dirigíamos para o carro no estacionamento, agora sob os olhares atentos das crianças. — Janie Ingalls é assassinada no início de junho. Dois meses mais tarde, Caroline Cossack dá entrada na Achievement House e Willie aparece e trabalha lá por três semanas. Willie é despedido, depois é preso vendendo droga, consigo que Boris Nemerov pague a fiança. Quando Nemerov foi emboscado?

— Vinte e três de dezembro.

— Um dia depois que Caroline deixa a Achievement House... voluntariamente ou não. Pode ser que Willie tenha levado sua amiga para fora e depois tenha cuidado dela. Ou talvez a família Cossack tenha encontrado para ambos um lugar bom e seguro para que se escondessem. Uma coisa mais: Georgie Nemerov pode ter ficado nervoso quando você levantou o assunto Burns não porque os homens dele liquidaram o assassino de seu pai, mas sim porque não o fizeram. Foram pagos para não fazer nada.

— Ele aceitou dinheiro para deixar os assassinos do pai em paz? Ahã, não o Georgie.

— Ele e a mãe passavam por severas dificuldades financeiras. Talvez fosse preciso mais do que trabalhar vinte horas por dia e fazer negociações qualificadas para tocar o negócio — sugeri.

— Não — disse ele. — Não consigo ver uma coisa dessas como possível. Georgie sempre foi um cara correto.

— Você saberia — falei.

— É, sou uma fonte de conhecimento. Vamos até a minha casa dar mais uma olhada no maldito livro.

Ricke Milo viviam em uma casa pequena e bem conservada m West Hollywood, em uma ruazinha quieta onde a sombra dos olmos era reforçada pela assustadora massa azul do prédio do Pacific Design Center. O Porsche branco de Rick não estava, e a casa tinha as persianas fechadas. Poucos anos antes L.A. sofrera uma seca, e Rick mandara arrancar o gramado e o substituir por cascalho miúdo e plantas do deserto com as folhas cinzentas. L.A. tinha agora bastante água, mas o jardim seco continuava lá, com flores minúsculas pontuando a vegetação descorada.

— Os cactos estão florescendo — comentei.

Milo: — Ótimo. Especialmente quando chego em casa no escuro e rasgo minhas calças.

— Nada como ver o lado alegre das coisas.

— E a essência da minha filosofia — disse ele. — Ou o copo está meio vazio ou quebrado.

Ele destrancou a porta da frente, desarmou o alarme, pegou a correspondência que caíra pela fenda e jogou em cima da mesa, tudo sem perder o passo. A cozinha sempre o atrai, inclusive na sua própria casa, mas desta vez ele passou direto por ela e entrou no alpendre que era seu escritório: um puxado reduzido e sombrio, espremido entre a lavadora-secadora e o freezer e cheirando a detergente. Ele o mobiliara com uma horrível mesa de metal pintada de amarelo como um ônibus escolar, uma cadeira de dobrar e um abajur de Bali, feito em madeira no formato da cara de um tubarão. O livro azul estava dentro de um saco de plástico Ziploc de tamanho avantajado na prateleira de cima de uma estante em miniatura presa na parede em

cima da mesa. Ele calçou luvas, tirou o livro do saco, folheou até a foto de Janie Ingalls e a estudou.

— Alguma intuição repentina?

— Vejamos o que vem depois.

Apenas três páginas depois da Janie. Um trio de fotos de cenas de crime, todas das vítimas, rapazes. Um jovem negro, dois hispânicos, todos esparramados na calçada manchada de sangue. As linhas brancas sobre os cadáveres e a periferia escura definiam a morte no turno. Um revólver reluzente jazia perto da mão direita da última vítima.

A primeira foto tinha a etiqueta "Execução de gangue, Brooks St. Venice. Um morto, dois feridos." Depois: "Execução de gangue, Commonwealth e Fifth, Rampart." Finalmente: "Execução de gangue, Central Ave".

— Três do mesmo tipo — falei. — Interessante.

— Por quê?

— Até este ponto havia variedade.

Milo disse: — Coisa de gangues... sem novidade. Talvez Schwinn tenha ficado sem fotos interessantes... se essas foram tiradas depois de Janie, quando ele já estava fora do departamento, pode ser que tenha encontrado dificuldade para tirar fotos de cenas de crime. Deus sabe como conseguiu essas. — Fechou o livro. — Você vê a possibilidade de alguma guerra de gangues ter ligação com Janie? Eu com certeza não vejo.

— Se importa de eu dar outra olhada?

— Dê tantas olhadas quanto quiser. — Ele pegou outro par de luvas em uma gaveta. Calceias e quando virei na primeira foto, ele contornou a lavadora-secadora e foi para a cozinha. Ouvi a porta da geladeira abrir.

— Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

Passos pesados. Um armário abriu-se. Vidro tocando azulejo.

— Vou checar a correspondência.

Demorei-me estudando as fotos. Pensava em Schwinn, viciado em estimulantes e renunciando a bens mundanos, mas se agarrando àquelas fotos indebitamente obtidas. Aderindo a uma vida de serenidade, mas montando secretamente aquela monstruosidade num belo álbum de couro. Fui virando as páginas — que agora eram familiares — e quando as imagens começaram a perder o foco, obriguei-me a parar com as especulações e tentei concentrar-me em cada morte brutal. A primeira rodada passou em branco, mas na segunda alguma coisa fez com que eu parasse. As duas fotos que precediam a de Janie.

A segunda página para trás era um instantâneo colorido de meia distância de um homem preto magro, alto e de pernas longas, cuja pele começara a desbotar para o cinza post-mortem. Seu corpo comprido jazia sobre um piso de terra marrom e um braço estava dobrado protetoramente sobre o rosto. Boca arquejante, meio aberta, olhos sem vida, membros estendidos.

Nada de sangue. Nenhum ferimento visível. OD de drogas possível bem-sucedido.

A página seguinte confrontava com a de Janie. Eu a tinha evitado porque era uma das imagens mais repelentes do livro.

A câmera focalizara uma pilha de carne mutilada, impossível de ser reconhecida como

humana.

Pernas sem pelos e uma seção pélvica côncava, duramente golpeada, sugeriam uma mulher. A legenda eliminava a necessidade de dedução. Doente mental sexo feminino, caída ou jogada em frente de um cavalo-mecânico que puxava dois reboques.

Voltei ao negro magrinho, e depois ao início do Livro do Assassino e revisei. Aí então fui atrás de Milo.

Ele estava na sala estudando sua conta de gás, copinho de uma dose com qualquer coisa âmbar na mão enorme.

— Terminou?

Falei: — Venha olhar isso aqui.

Ele engoliu de uma vez o resto da bebida, continuou segurando o copo e me seguiu.

Mostrei-lhe as fotos que precediam a de Janie.

Ele disse: — Qual é o seu ponto?

— Dois pontos — falei. — Antes de mais nada, conteúdo: imediatamente antes de Janie estão um negro viciado em drogas e uma branca com problemas mentais. Parece familiar? Segundo, contexto: essas duas divergem estilisticamente de todas as demais fotos do livro. Quarenta e uma delas, inclusive a de Janie, listam a localização da divisão policial onde o crime teve lugar. Estas são as únicas que contrariam a regra. Se Schwinn afanou as fotos dos arquivos da polícia, teve acesso aos dados. No entanto, ele deixou as informações sobre os locais de fora. Você está disposto a considerar um pouco de interpretação psicológica?

— Schwinn sendo simbólico? Essas duas representam Willie Burns e Caroline Cossack?

— Falta informação sobre elas porque representam duas vítimas que faltam: Willie Burns e Caroline Cossack. Schwinn não localizou nem um nem outro porque o paradeiro de Burns e Cossack continua desconhecido. Em seguida ele colocou a foto de Janie e escreveu NR, de Não Resolvido. Logo depois de Janie, ele pôs três vítimas de execução por gangues, grupados. Não penso que isto seja uma coincidência, tampouco. Ele sabia como você os veria, "coisa de gangues, sem novidades". Exatamente como você disse. Ele está delineando um processo aqui: um negro desaparecido e uma branca mentalmente enferma estão ligados a Janie, cujo assassinato nunca foi resolvido. Pelo contrário: ela foi abandonada, e isso não tem novidade. Ele está descrevendo o encobrimento da verdade.

Ele mordeu o lábio inferior.

— Subterfúgios... muito sutis.

— Você disse que Schwinn era do tipo tortuoso — falei. — Desconfiado, beirando o paranoico. O LAPD o exonerou, mas ele continuou a pensar como um tira, apelando para truques até o fim, com a finalidade de cobrir sua retaguarda. Decidiu se comunicar com você, mas armou um esquema que só você poderia compreender. Desse modo, se o livro se perdesse ou se algum dia fosse rastreado até ele, poderia negar. Deu-se ao trabalho inclusive de não deixar impressões digitais. Só você provavelmente seria capaz de se lembrar do hobby de fotografia que ele tinha e fazer a ligação. Talvez tenha planejado enviar o livro para você, mas mudou de ideia e escolheu outra pessoa como intermediário, uma outra camada de segurança.

Ele estudou o negro morto. Passou para o pesadelo da atingida pelo caminhão e depois Janie. Repetiu o processo. — Representantes de Willie e Caroline... muito estranho.

Apontei para o cadáver do homem.

— Quantos anos acha que ele tem?

Ele concentrou-se no rosto acinzentado.

— Quarenta e qualquer coisa.

— Se Willie Burns estivesse vivo hoje, teria quarenta e três. Isso significa que Schwinn viu o homem morto como um representante de Willie no aqui e agora. Ambas as fotografias estão desbotadas, provavelmente têm décadas. Mas Schwinn orientou-as para o presente. O que significa que ele terminou o livro recentemente; queria que você se concentrasse no presente.

Ele rolou o copinho vazio entre as palmas das mãos.

— O filho da mãe era um bom detetive. Se o departamento se livrou dele porque alguém estava preocupado com o que ele sabia a respeito de Janie, isso significa que não foi motivo de preocupação.

— Você era novato...

— Eu era o burrão que eles imaginavam que só obedeceria ordens. E adivinha?— Ele deu uma risada.

— E provável que as suspeitas que Schwinn tinha a seu respeito tenham se confirmado quando ele descobriu que fora forçado a sair e você não. Talvez até tenha imaginado que você desempenhou um papel na sua saída. Foi por isso que por tantos anos ele não lhe contou o que sabia a respeito de Janie.

— E depois mudou de ideia.

— Veio a admirar você. Contou a Marge.

— Sr. Serenidade — disse ele. — E aí ele recruta a namorada ou algum velho tira aposentado para servir de intermediário. Por que, quem quer que tenha sido, esperou sete meses depois de Schwinn morrer?

Eu não tinha resposta para isso. Milo tentou andar de um lado Para o outro, mas o espaço restrito da área da lavanderia limitou sua tentativa a um exercício de dois passos.

Milo disse: — E aí o cara cai do cavalo.

— Um cavalo tão manso que Marge se sentia tranquila com Schwinn cavalgando sozinho pelas montanhas. Mas Akhbar se espantou, de algum modo. Marge disse, "por alguma coisa". Talvez tenha sido por "alguém".

Ele me lançou um olhar penetrante, voltou à cozinha, lavou o copo, voltou e olhou furiosamente para o livro.

— Nada diz que a morte de Schwinn não foi um acidente.

— Absolutamente nada.

Ele pressionou as paredes com as mãos como se quisesse derrubá-la.

— Filhos da puta — disse.

— Quem?

— Todo mundo.

Sentamos na sala de estar, pensando em silêncio. Nenhum de nós teve qualquer ideia. Se ele se sentia tão extenuado quanto eu, precisava de um descanso.

O telefone tocou. Ele pegou o receptor.

— É ele... o quê? Quem... sim... uma semana. Sim... eu avisei... isso mesmo. Como? É, eu acabei de lhe dizer isto, alguma coisa mais? Está certo. Ei, escuta, por que você não me dá seu nome e número e eu...

Desligaram do outro lado. Ele continuou segurando o telefone com o braço estendido e começou a morder o lábio superior.

— Quem era? — perguntei.

— Um sujeito se dizendo do Recursos Humanos do centro da cidade queria verificar se eu realmente estava tirando uns dias de férias e quanto tempo planejava ficar fora. Eu disse que tinha preenchido os formulários.

— Se dizendo do RH?

— Nunca ouvi falar que o departamento desse telefonemas assim, e ele desligou quando perguntei o nome. Ademais, ele não parecia ser funcionário.

— Como assim?

— Ele me deu a impressão de estar preocupado.

Capítulo 20

Ele enfiou o Livro do Assassino de volta no saco plástico e disse: — Isto vai para o cofre.

— Não sabia que você tinha um cofre — falei.

— Para guardar todos os meus Cartier e Tiffany. Espere aqui.

Ele desapareceu e eu fiquei ali, humilhado mais uma vez pela verdade que havia aprendido milhares de pacientes atrás: todo mundo tem seus segredos, No fundo, todos nós somos sozinhos. Isso me fez pensar em Robin. Onde estaria? Fazendo o quê? Com quem?

Milo retornou, sem gravata.

— Com fome?

— Na verdade, não.

— Ótimo, vamos comer.

Milo trancou a casa e voltamos para o carro. Falei: — Aquele telefonema do RH. Talvez os procedimentos tenham ficado um pouco mais severos com John Broussard no comando. A disciplina da tropa não é o ponto forte dele?

— É. Que tal o Hot Dog Heaven?

Dirigi até San Vicente, logo ao norte de Beverly, e estacionei junto ao meio-fio. O Dog Heaven fora construído em torno de um gigantesco cachorro-quente, mais um depoimento em favor do pensamento literal de L.A. A loja de lanches tornou-se um ponto de referência quando o parque de diversões que ocupara a esquina de La Cienega e Beverly por décadas foi substituído pela agressão de néon e concreto conhecida como Beverly Center. Uma pena que Philip K. Dick tivesse morrido aos 53, atormentado por dúvidas. Alguns poucos anos a mais e teria visto o Blade Runner ganhar vida. Ou talvez soubesse o que estava por vir.

Naquele tempo, o parque era um local favorito para visitas de fim de semana de pais divorciados e seus filhos. Hot Dog Heaven progredira vendendo salsichas com pão a homens solitários que fumavam e se concentravam em torno das pistas do parque assistindo sua prole a rodar e rodar. Para onde os pais desgarrados vão agora? Não aos shoppings. A última coisa que as crianças querem no shopping é a proximidade dos pais.

Milo pediu dois cachorros tamanho jumbo com queijo e chili e uma dose extra de cebolas e eu, um de linguiça. Completamos a conta com duas Cocas grandes e sentamos para comer ouvindo o ruído do tráfego. Era tarde para o almoço e cedo para o jantar, e apenas duas outras mesas estavam ocupadas, uma velha lendo jornal e um jovem alto de cabelos longos, em traje hospitalar azul provavelmente um médico do Cedars-Sinai.

Milo devorou o primeiro sanduíche sem respirar. Depois de pinçar cada migalha de queijo do papel impermeável com os dedos, engoliu a Coca e passou a trabalhar no segundo. Terminou este também, levantou-se de um salto e comprou um terceiro. O meu estava ótimo, mas era tudo o que eu podia comer para fingir a fome que não sentia.

Ele estava contando o troco quando um Jeep Cherokee cor de bronze estacionou na frente do meu Seville e um homem saltou e passou por mim a caminho do balcão. Terno preto, camisa pérola, gravata cor de fuligem. Sorrindo. Foi o que me fez reparar nele. Um sorriso grande, largo, cheio de dentes, como se tivesse acabado de receber notícias maravilhosas. Observei-o dirigir-se rapidamente para o balcão e dar uma parada bem atrás de Milo, onde esperou, balançando-se nos calcanhares. Os mocassins de camurça preta tinham o reforço de saltos de

cinco centímetros. Sem eles o sorridente teria facilmente um metro e oitenta. Permaneceu perto de Milo, sempre em movimento. Milo não pareceu notar. Alguma coisa me fez desistir da língua e ficar de olho nos dois.

Senhor Sorriso teria mais ou menos trinta anos, o cabelo escuro era penteado para trás, com ajuda de gel, e passava por cima do colarinho, encaracolado. Mandíbula grande, nariz proeminente, pele dourada pelo sol. O terno bem cortado — italiano ou similar, assim como os mocassins, parecia novo em folha. A camisa cinzenta tinha o acabamento acetinado da seda, a gravata era de tricô, pontos volumosos. Vestido para uma audição como mestre-de-cerimônias de um programa de jogos? Ele chegou ainda mais perto de Milo. Disse algo. Milo virou-se e respondeu. Senhor Sorriso aquiesceu, balançando a cabeça.

Milo pegou sua comida e voltou para a mesa.

— Tipo amistoso? — falei.

— Quem?

— O cara que estava atrás de você. Está sorrindo desde que saltou do carro.

— E daí?

— O que há para fazer com que sorria?

Milo permitiu que os cantos da sua boca se levantassem um pouco. Mas deixou que os olhos se voltassem para o balcão, onde o homem sorridente agora conversava com a atendente.

— Alguma outra coisa além dessa o incomoda a respeito dele?

— Ele ficou perto de você o bastante para sentir o cheiro de sua colônia.

— Se eu usasse — disse ele, mas continuou a acompanhar a movimentação junto ao balcão.

Finalmente sentou de novo e enfiou os dentes no terceiro chili dog. — Nada como comida saudável. — Ele deu uma olhada no meu sanduíche comido pela metade.

— Por que a anorexia? — perguntou.

— Só de curiosidade, o que foi que ele disse lá em cima?

— Puxa vida... — Ele sacudiu a cabeça.

— Quería saber o que era bom, OK? Eu disse que gostava de qualquer coisa que tivesse chili. Papo-furado.

Sorri.

— Ou flerte.

— Eu?

— Ele.

— Ah, sim, sempre aparecem estranhos que se impressionam comigo. O velho encanto fatal e tudo mais.

Mas ele arriscou outra olhada no balcão, onde o Senhor Sorriso continuava tagarelando com a garota enquanto pagava seu cachorro. Simples, sem chili. Sentou-se à mesa mais próxima da nossa, desdobrou um guardanapo no colo, sacudiu o cabelo, dirigiu um sorriso radiante a Milo e disse: — Fiquei com medo do chili.

— A perda é sua.

Senhor Sorriso deu uma risada. Ajeitou a lapela. Deu uma mordida. Uma mordiscada tão delicada que não alterou a forma do cachorro-quente. Murmurei: — Charme fatal.

Milo disse: — Chega — e limpou o rosto.

Senhor Sorriso continuou com seu sistema de mordiscar o cachorro sem muito progresso.

Limpou o queixo. Exibiu seu trabalho dental. Fez diversas tentativas de atrair a atenção de Milo. Milo mudou de posição, olhos voltados para baixo. Senhor Sorriso disse: — Esses realmente valem a pena.

Milo cutucou meu braço.

— Vamos embora.

Nós nos levantamos.

Senhor Sorriso disse: — Tenha um bom dia.

Ele se levantou quando chegamos ao carro e veio trotando, sanduíche em uma das mãos, a outra mão acenando.

— Que diabo — exclamou Milo, com a mão a meio caminho do coldre.

Por sua vez, Senhor Sorriso enfiou a mão no bolso interno do paletó e, na mesma hora, Milo interpôs-se entre ele e eu. Uma imensa barreira de carne; a tensão parecia aumentar o seu tamanho. Ai ele relaxou. Senhor Sorriso continuava gesticulando, mas tinha algo na mão que era pequeno e branco. Um cartão.

— Desculpe por ser tão atrevido, mas... aqui está o número do meu telefone. Ligue para mim, se quiser.

— E por que eu ligaria?

Os lábios de Senhor Sorriso recuaram e seu sorriso transformou-se em algo faminto e inquieto.

— Porque nunca se sabe.

Ele balançou o cartão. Milo permaneceu parado.

— Oh, tudo bem — disse Senhor Sorriso e colocou o cartão em cima do capô do Seville. Seu novo rosto era sério, astuto, decidido. Ele fez meia-volta e se afastou, trotando como na vinda, jogou o cachorro-quente praticamente inteiro no lixo, entrou no Jeep e acelerou, enquanto Milo apressava-se em copiar o número de sua placa.

Pegou o cartão em cima do capô, leu e passou para mim.

Papel pergaminho gelo, com um toque vagamente gorduroso, letras em relevo. *Paris M. Bartlett Facilitador de Saúde*. Na parte inferior, um número de telefone celular.

— Porque nunca se sabe — disse Milo. — Facilitador de saúde. Pareço doente?

— A não ser pelas manchinhas na camisa, você parece em perfeitas condições.

— Facilitador de saúde — disse Milo, repetindo as palavras do cartão.

— Soa como qualquer coisa da indústria da Aids. — Ele pegou seu celular e digitou o número de Paris Bartlett que aparecia no cartão. Franziu a testa. — O número não se encontra mais em serviço. Que diabo...

— Hora de verificar a placa no departamento de veículos motorizados.

— Pesquisas lá são ilegais quando estou de férias. Usar de recursos departamentais por razões pessoais é um NÃO de todo tamanho.

— John G. desaprovava fortemente.

— Fortemente. — Ele ligou para a Seção de Emplacamento, recitou o número da placa do Jeep, esperou um pouco e escreveu qualquer coisa. — A placa pertence a um Jeep com dois anos de fabricação, de modo que isto é verdadeiro. Registrado em nome de Playa del Sol Corporation. O endereço é aqui mesmo em West Hollywood. Conheço. Estacionamento do mercado chamado Healthy Foods, em Santa Monica. Tem um ponto de caixas postais por lá. Sei porque eu

alugava uma.

— Quando?

— Muito tempo atrás.

Um cofre. Uma caixa postal. Todas as coisas novas que eu estava descobrindo sobre o meu amigo.

— Telefone desligado, endereço disfarçado — falei. — Playa del Sol pode não passar de uma caixa de papelão no apartamento de alguém, mas soa realmente como uma empresa imobiliária.

— Como a dos Cossack — comentou ele, examinando o cartão.

— Isto agora é o telefonema a respeito de minhas férias. Logo depois de falarmos com Marlene Baldassar. Talvez não se possa confiar nela. Ou talvez ele não tivesse coberto bem o seu rastro.

— Pode ter sido apenas uma tentativa de cantada. — Mas eu sabia que estava errado. Paris Bartlett saltara do carro com clara intenção. Milo enfiou o cartão no bolso.

— Alex, eu cresci em uma família grande, ninguém ligava muito para mim e jamais consegui desenvolver o gosto de ser foco de muitas atenções. Preciso de algum tempo sozinho.

Levei-o de volta para sua casa, ele se lançou para fora do Seville, resmungou qualquer coisa que pode ter sido "obrigado", bateu a porta e galopou na direção da porta da frente.

Cheguei diante de minha porta 35 minutos mais tarde e disse a mim mesmo que seria capaz de passar direto pelo telefone. Mas a luzinha vermelha piscando o número 1 na secretária eletrônica me bloqueou e pressionei o botão para ouvir o recado. Voz de Robin: "Parece que não achei você de novo, Alex. Houve outra mudança na programação, estamos acrescentando alguns dias a Vancouver, talvez ocorra o mesmo em Denver. Está uma loucura isto aqui, não paro um segundo." Pausa de dois segundos e depois, alguns decibéis mais baixo: "Amo você."

Complemento obrigatório? Ao contrário de Pierce Schwinn, eu não precisava de drogas para bombear a paranoia no meu sangue.

Telefonei para o Four Seasons de Seattle e pedi o quarto da Senhorita Castagna. Desta vez me deram o correio de voz para que eu deixasse meu recado.

Mas um homem atendeu. Jovem, uma dessas vozes que riem. Familiar.

Sheridan. O cara do rabo-de-cavalo, animado, e do biscoito de cachorro para o Spike.

— Robin? Oh, olá. Sim, claro. Segundos mais tarde: — Aqui é Robin.

— E aqui é Alex.

— Oh... Oi, finalmente.

— Finalmente?

— Finalmente conseguimos nos falar. Está tudo bem aí?

— Beleza. Estou interrompendo alguma coisa?

— O que... Oh, Sheridan? Não, estávamos apenas encerrando uma reunião. Um monte de gente.

— Ocupadíssima.

— Tenho tempo agora. E então, como vai você? Ocupado, também?

Aquilo estava mais para conversa fiada que para qualquer outra coisa, e me deprimiu.

— Tocando o barco. Como vai Spike?

— Sensacional. Há um bando de cachorros na excursão, de modo que há um belo espaço no

canil. Spike está ficando muito sociável. Tem uma cadela pastor de quarenta quilos que parece ser sua preferida.

— O canil dispõe de uma escada para ele alcançá-la?

Robin riu, mas pareceu cansada. — E então...

Interrompi-a. — E você, está conseguindo reservar um tempinho para as atividades sociais?

— Estou trabalhando, Alex. Estamos virando 12, 13 horas por dia.

— Deve ser duro. Sinto sua falta.

— Sinto sua falta também. Nós dois sabíamos que ia ser difícil.

— Ambos estávamos certos.

— Querido... espera um pouco, Alex... alguém acaba de enfiar a cabeça pela porta. — Sua voz ficou abafada e distante: mão em cima do bocal do telefone. "Verei o que posso fazer, me dê um pouco de tempo, OK? Quando é a passagem do som? Tão cedo? OK, certo." De volta para mim: — Como pode ver, não tenho tido muita solidão.

— Pois eu tenho.

— Fico com inveja.

— É mesmo?

— É. Nós dois gostamos de desfrutar nossa solidão, certo?

— Você pode ter a sua de volta a qualquer instante.

— Não posso exatamente abandonar todo mundo.

— Não. Como disse Richard Nixon, seria errado.

— Quer dizer... se fosse fácil... e se realmente tornasse você feliz, eu sairia.

— Arruinaria sua reputação.

— Certamente não a ajudaria.

— Você se comprometeu — falei. — Não se preocupe. Por que diabos Sheridan está tão feliz?

— Alex, quando tenho um momento para respirar, penso em você. Planejo então todas as coisas que vou lhe dizer, mas quando finalmente conversamos... a coisa não sai do jeito que planejei.

— A ausência torna o coração mal-humorado?

— Não o meu coração.

— Então acho que sou eu — falei. — Acho que não me dou bem com essa coisa de separação. Nunca consegui me acostumar.

— Acostumar? — disse ela. — Seus pais?

Meus pais eram a última coisa em que eu tinha pensado. Fui invadido por uma onda de velhas lembranças: o definhar das duas pessoas que me tinham trazido ao mundo, vigílias ao pé da cama, os funerais.

— Alex?

— Não, eu só estava falando de um modo geral.

— Você parece irritado — disse ela. — Não tive intenção de...

— Você não fez nada.

— O que você quis dizer com aquilo de não conseguir se acostumar com separações?

— Bobagens sem propósito — respondi.

— Você está querendo dizer que mesmo quando estamos juntos se sente abandonado? Que

negligencio você? Porque eu...

— Não — interrompi. — Você sempre esteve do meu lado. Exceto da outra vez em que saiu de casa. Exceto por encontrar outro homem.

— Sinceramente, Rob, foram bobagens sem propósito. Ponha na conta da falta que sinto de você.

— Alex, se é tão ruim para você, eu volto para casa.

— Não — retruquei. — Já sou bem grandinho. Não seria bom para você. Para nenhum de nós. E eu tenho coisas para fazer, um trabalhinho por fora, do tipo que você detesta.

— É verdade — concordou ela. — Mas basta dizer a palavra.

— A palavra é eu amo você.

— São três palavras.

— Cricri.

Risos. Finalmente. Consegui dizer mais alguns gracejos, e ela fez o mesmo. Quando desligamos, ela parecia OK, e achei que eu tinha representado bem.

Milo alegara precisar de "algum tempo sozinho", mas imaginei que ele estivesse contornando as proibições da burocracia do LAPD.

Se o telefonema do RH e/ou o encontro com o sorridente Paris Bartlett tivesse algo a ver com o fato de ele remexer o caso Ingalls, isso significava que ele... que nós dois estávamos sendo seguidos e vigiados. Não achava que fosse o caso de considerar Marlene Baldassar uma possível informante, por isso refiz a trilha que poderíamos ter deixado. Minhas atividades sozinho haviam consistido em telefonar para Larry Daschoff, jantar com Allison Gwynn e usar o computador da Biblioteca de Pesquisa.

Juntos, eu e Milo tínhamos entrevistado Marge Schwinn, Baldassar e Georgie Nemerov. Qualquer uma das mulheres podia ter relatado a conversa, mas nenhuma das duas se mostrara hostil, e eu não podia imaginar que motivo teriam para agir desse modo.

Nemerov, por outro lado, ficara nervoso ao falar sobre a morte do pai e a fuga de Willie Burns. O negócio das fianças lhe dava fortes vínculos com o departamento.

Se John G. Broussard fizera parte de uma armação, o departamento ficaria preocupado.

Uma terceira possibilidade era que o trabalho solo de Milo investigando Janie Ingalls tivesse atraído atenção. Tanto quanto eu soubesse, tinha se limitado a dar telefonemas e desenterrar velhos arquivos. Mas ele trabalhava na delegacia de West L.A. e andara bisbilhotando o Parker Center, onde ficava a chefia do departamento.

Milo pensava ter sido discreto, mas podia ter provocado a curiosidade de funcionários burocráticos, de outros policiais ou de qualquer pessoa que o tivesse visto bisbilhotando. John G. Broussard emitira uma diretriz clara no sentido de tornar mais rígida a disciplina entre os policiais comuns. O novo chefe de polícia também havia declarado guerra ao código azul de silêncio. Talvez policiais delatando policiais fosse o novo espírito do Departamento de Polícia de Los Angeles.

Quanto mais eu pensava naquilo, mas fazia sentido: Milo era um profissional, mas tomara como certa sua impunidade. Ele fora denunciado.

Aquilo me fez pensar sobre sua vulnerabilidade constante. Vinte anos no departamento com uma das mais altas taxas de solução de casos de homicídio, mas ainda não bastava, jamais seria o suficiente.

Por duas décadas ele funcionara como um gay dentro de uma organização paramilitar, que jamais se veria livre de um preconceito visceral e que ainda não reconhecia a existência de policiais homossexuais. Eu sabia — todo mundo sabia — que dezenas de policiais gays patrulhavam as ruas, mas nem um só deles saíra do armário. Milo tampouco, em sentido estrito, só que depois de tantos anos de tormento ele não se escondia mais.

O pessoal da área de estatística do departamento ficava feliz de registrar os números relativos à solução dos seus casos, mas o comando continuava a retardar sua progressão e a fazer tentativas periódicas de se livrar dele. Milo colecionara segredos ao longo da sua carreira e finalmente conseguira atingir uma relativa segurança e antiguidade. Por duas vezes não aceitara a oferta para fazer o exame para tenente, porque sabia que a real intenção do departamento era pô-lo num desvio para pilotar alguma escrivania em que fosse possível fazer de conta que ele não existia, e iria se entediar a ponto de requerer aposentadoria. Em vez disso, preferira permanecer como detetive, posição na qual o mais longe que poderia chegar era Detetive III.

Talvez Pierce Schwinn tivesse seguido esse caminho e tivesse vindo a respeitar Milo por se manter na dele. E oferecera a Milo um presente perverso.

Normalmente, nada esquentava tanto o sangue de Milo quanto casos antigos não resolvidos. Mas este era parte de seu próprio passado e talvez ele tivesse ficado descuidado e se transformado em caça.

Pensei em como Paris Bartlett tinha se concentrado em Milo, me ignorando. O que significava que eu tinha espaço para me mover.

A ocasião era perfeita, a lógica excelente: para que servem os amigos?

Capítulo 21

Sozinho, em sua barata escrivaninha amarela cor de urina e a lavadora de roupas funcionando a fim de fornecer o barulho de fundo, Milo sentiu-se melhor.

Livre de Alex, sentia-se melhor.

Porque a mente de Alex podia ser uma coisa assustadora — como um papel pega-moscas cerebral; os troços pousavam nela, mas não saíam. Era capaz de ficar sentado em silêncio por longos períodos quando você pensava que ele estava ouvindo — ouvindo atentamente, do modo como ensinam na faculdade de psicologia — para depois soltar uma rajada de associações, hipóteses e trivialidades aparentemente não-relacionadas, que acabavam demonstrando ser certas.

Castelos de cartas, que, com frequência, resistiam ao vento. Milo, que recebia as incessantes rajadas, sentia-se como um instável parceiro de treinamento de um boxeador.

Não que Alex forçasse a barra. Ele só ficava supondo. Sugerindo outra tática própria dos analistas. Precisava fazer força para ignorar aquilo. Milo jamais conhecera alguém mais inteligente ou mais decente que Alex, mas andar do lado dele podia ser muito cansativo. Quantas noites de sono perdera porque uma das sugestões do amigo tinha prendido uma farpa no seu cérebro?

Só que, a despeito de seus instintos de cão de caça, Alex era civil e estava fora do seu elemento. E ele não conseguira amadurecer em um aspecto: nunca desenvolvera um sentido adequado de ameaça. No princípio, Milo atribuíra isso ao descuido próprio de um amator super-entusiasmado. Não fora preciso muito tempo para descobrir a verdade: Alex adorava o perigo.

Robin compreendera isso e se apavorara. Em todos aqueles anos, confessara seus receios a Milo. E quando os três estavam juntos e Alex e Milo caíam nesse tipo errado de conversa, o rosto dela se alterava. Milo entendia rapidamente e mudava de assunto. Estranho é que Alex, não obstante toda a sua perspicácia, às vezes não tomava conhecimento.

Claro que ele percebia como Robin se sentia, ainda que não se esforçasse para mudar. E Robin tolerava. O amor é cego, surdo e mudo... Talvez ela tivesse assumido intimamente o compromisso de continuar ao lado de Alex e fosse esperta o bastante para saber que era absolutamente impossível mudar alguém.

Mas agora ela saíra naquele tour. E levara o cão. Por alguma razão isso parecia errado — o maldito cachorro. Alex afirmava estar bem, mas no primeiro dia em que Milo estivera em sua casa, sua aparência era realmente péssima, e mesmo agora ele parecia diferente... distraído. Alguma coisa tinha terminado. Ou talvez não.

Ele se intrometiera um pouco ante à resistência de Alex. Bancando o analista com o analista. Como é que se pode ter uma verdadeira amizade quando a terapia se desenvolve somente em uma direção? Mas não tivera sorte. Alex falava-abertura, comunicação, blablablá, mas no seu jeito articulado, empático e irritantemente civilizado, o cara era um pé no saco, inamovível.

Agora que pensava nisso, Alex já fora um dia dissuadido? Milo não conseguiu se lembrar de uma única vez.

Alex fazia exatamente o que Alex queria fazer. E Robin... Milo ofereceu suas mais lisonjeiras palavras de reconforto. E supunha ter feito um trabalho decente mantendo-a longe do caminho do mal. Mas havia limites. Todo mundo ficava sozinho. Ele se levantou, serviu-se de vodca com suco de toranja cor-de-rosa, racionalizando que a vitamina C se contrapunha à oxidação, mas perguntando-se se seu fígado não pareceria o da foto da revista médica que Rick lhe mostrara no mês anterior.

Erosão do tecido hepático e substituição por glóbulos de gordura devido à cirrose avançada. Rick não insistia, mas Milo sabia que ele não ficava feliz com uma garrafa de Stolichnaya no freezer. Mudar canais — de volta para Alex. Os problemas das outras pessoas eram sempre muito mais atraentes.

Ele caminhou cerca de meio quilômetro até a loja Budget Renta-Car, na La Cienega, e alugou um Taurus azul. Seguindo na direção leste pelo Boulevard Santa Monica, atravessou Beverly Hills e depois West Hollywood. Não havia muito tráfego depois de passar pela Doheny, mas na fronteira com West Hollywood, o bulevar fora reduzido a uma pista em ambas as direções, e os poucos carros que se podiam ver se arrastavam.

West Hollywood, a cidade que nunca parava de se enfeitar, vinha escavando suas ruas havia anos, levando comerciantes à falência e realizando pouca coisa que Milo pudesse ver, exceto por um longo trecho de montes de terra e valas. No ano anterior, fora inaugurado o quartel do Corpo de Bombeiros de West Hollywood. Uma dessas fantasias arquitetônicas — torres, passagens diretas, objetos ornamentais sem valor e janelas de feitiço esquisito. Bonito, exceto pelas portas, que eram estreitas demais para permitir a passagem dos caminhões, e pelos postes, que não permitiam que os bombeiros descessem escorregando neles. Neste ano, West Hollywood passara a ser cidade-irmã de Havana. Milo duvidava que Fidel aprovasse a vida noturna de Boystown.

Entre as poucas atividades que as obras não tinham conseguido matar estavam os mercados que ficavam abertos a noite toda e os bares gay. Um cara tinha que comer e também tinha que se 225 divertir. Milo e Rick ficavam em casa a maior parte das noites — quanto tempo fazia que ele não caçava? E agora, aqui estava.

Percebeu que estava sorrindo, mas era como se fosse a alegria de uma outra pessoa.

O que, afinal, havia para fazê-lo sentir-se feliz? Pierce Schwinn e/ou um aliado o manipulara de modo a reaquecer o caso Ingalls; ele não conseguira nada e ainda dera um jeito de estragar tudo em grande estilo. Atraindo atenção.

Playa del Sol. Aquele bosta cheio de dentes chamado Paris Bartlett. A primeira coisa que fizera após abandonar Alex fora verificar os arquivos da cidade em busca do alvará emitido no nome de Playa del Sol. Depois procurou o nome Bartlett em todos os bancos de dados que pôde se lembrar. Como se pudesse ser um nome de verdade.

Correndo um risco gigantesco, porque o que dissera a Alex era verdade: estando de férias, era como se fosse um civil, proibido de usar os recursos do departamento.

Levantara uma parede de segurança usando o número da identidade de outros policiais para fazer os pedidos. Meia dúzia de policiais a quem era indiferente, integrantes de diferentes divisões. Sua versão de falsa identidade; vinha colecionando dados havia anos, guardando pedaços soltos de papel no cofre que tinha em casa, porque não podia adivinhar quando o poriam contra a parede. Mas se alguém se esforçasse, os telefonemas poderiam ser rastreados até ele.

Garoto esperto, mas a busca fora inútil: não havia ninguém chamado Paris Bartlett.

O que ele talvez soubesse desde o primeiro instante. Além do nome soar como falso, Bartlett, todo cabelos, dentes e ansiedade, tinha algo peculiar aos atores, o que, em L.A., não significava necessariamente um cartão do Sindicato de Atores e um portfólio cheio de retratos. O Departamento de Polícia gostava também de caras bons em simulações. Usava-os em trabalhos clandestinos, o que, nos dias de hoje, significa basicamente Narcóticos, às vezes Costumes, quando vinha ordem para passar mais uma ou 226 duas semanas perturbando as piranhas como atividade de relações públicas.

Antigamente o trabalho confidencial significava outro jogo de cartas marcadas da Delegacia de Costumes, uma produção de fim de semana planejada com regularidade: operações noturnas nas sextas e sábados montadas com entusiasmo militar. Demarcando os alvos, delineando o inimigo e avançando para o ataque. Prender os homossexuais.

Não se tratava de uma agressão evidente, como antes das paradas do orgulho gay na Christopher Street, quando os bares GLS sofriam invasões rotineiras e aconteciam grandes pancadarias. Quase tudo aquilo terminou no início da década de 1970, mas Milo pegara o restinho do fervor dos ataques a homossexuais do departamento: o LAPD mascarava as incursões de ações contra drogas, como se os clubes heteros não fossem abastecidos pelo mesmo estimulante. Durante seu primeiro mês em West L.A. fora designado para uma ação contra um clube privado na Sepúlveda, perto de Venice. Uma casa noturna de reputação duvidosa, localizada em um ponto fora de mão num celeiro em que funcionara uma oficina de pintura de automóveis, onde cerca de cem homens abastados, acreditando-se seguros, iam conversar, dançar, fumar maconha e engolir comprimidos de quaalude, assim como aproveitar as baias dos banheiros. O Departamento de Polícia de Los Angeles tinha uma noção diferente de segurança. O modo como o supervisor — um detetive De II chamado Reisan que Milo tinha certeza de "estar no armário" formulou o plano, faria qualquer um pensar que se tratava de uma operação contra alguma aldeia vietcongue. Olhares desconfiados, jargão militar, diagramas triangulares rabiscados no quadro, dá um tempo! Milo permaneceu sentado durante a orientação, lutando para não sucumbir a um ataque de suor no corpo todo. Reisan falando sobre esmagar os resistentes, dizendo que não deviam ser tímidos no uso dos cassetetes. Advertindo depois seus homens, com um olhar malicioso, para que não beijassem ninguém, porque não se sabia onde aqueles lábios tinham andado. Olhando diretamente para Milo na hora em que soltara a piada. Milo rindo junto com os outros 227 se perguntando: Por que diabos ele está fazendo isso? Lutando para se cOnvencer de que tinha imaginado toda a cena.

No dia da incursão deu parte de doente dizendo que estava gripado e ficou de cama por três dias. Perfeitamente saudável, mas esforçou-se ao máximo para piorar seu estado, não dormindo nem comendo, limitando-se a beber gim, vodka, uísque de centeio, brandy de pêssego e o que mais encontrasse na despensa. Imaginando que se o departamento viesse vê-lo, pareceria estar às portas da morte.

Veterano da guerra do Vietnã, agora detetive de verdade, mas ainda pensando como estudante gazeteiro.

No decorrer dos três dias, perdeu quatro quilos, e quando ficou de pé suas pernas tremiam, os rins doíam e ele não saberia dizer ao certo se aquele amarelado em seus olhos era de verdade ou devido apenas à má iluminação — a casa era uma cabana escura e suja, as poucas janelas

abriam para túneis de ventilação e, por mais lâmpadas que usasse, a iluminação jamais ultrapassava o nível encontrado em uma tumba.

A primeira vez em três dias que experimentou comida — uma lata de chili Hearty Man amornada — o que não vomitou saiu pelo outro lado. Fedia como um curral de cabras, o cabelo ficou quebradiço e as unhas amoleceram. Uma semana inteira mais tarde, seus ouvidos zumbiam, as costas doíam e ele bebia galões de água para o caso de ter danificado algum órgão. No dia em que voltou à delegacia, encontrou um memorando de transferência, de Costumes para Roubo de Autos, assinado por Reisan dentro da sua caixa. O que lhe pareceu excelente. Quarenta e oito horas depois alguém enfiou um pedaço de papel pela porta do seu armário. Como vai seu cu, veado? Entrou no estacionamento da Healthy Foods, permaneceu no Taurus, examinou toda a área procurando algo de extraordinário. Durante o trajeto de sua casa até a estação e depois da loja da Budget até o mercado, mantivera-se alerta em relação a quem o estivesse seguindo. Não percebera nada, mas aquilo não era um filme, e a verdade era que em uma cidade construída na dependência do motor de combustão, nunca se podia ter certeza.

Observou as pessoas que entravam no mercado, finalmente convencido que não fora seguido e atravessou para a fileira de lojinhas, cabanas remodeladas, na verdade, que ficavam na frente da Healthy Foods. Chaveiro, lavagem a seco, sapateiro e a agência do correio terceirizada, West Hollywood Easy Mail Center. Mostrou a identidade para o paquistanês atrás do balcão — acumule mais violações, Sturgis — e indagou a respeito da caixa postal listada no registro do Jeep. O homem ficou emburrado, mas folheou o Kolodex circular e sacudiu a cabeça.

— Nada de Playa del Sol. — Atrás dele havia uma parede de caixas de metal. Um cartaz anunciava FedEx, UPS, carimbos, embrulhos para presente na hora. Milo não conseguiu ver fitas ou papel de embrulho com a carinha amarela sorridente.

— Quando eles pararam de alugar? — perguntou.

— Tem que ter sido pelo menos um ano atrás.

— Como é que você sabe?

— Porque o atual locatário já aluga a caixa postal há 13 meses.

Locatário. Milo imaginou algum leprechaun morando na caixa postal. Fogãozinho, geladeira, cama escondida na parede, televisão a cabo do tamanho da unha do polegar berrando The Pot of Gola Network

— Quem é o atual locatário? — perguntou.

— Sabe que eu não posso lhe dizer, senhor.

— Que droga — exclamou Milo, puxando uma nota de vinte dólares. Que se acumulem as violações da lei...

O paquistanês olhou fixamente para a nota que Milo depositou em cima do balcão e fechou a mão por cima do rosto emaciado de Andrew Jackson. Em seguida deu as costas para Milo e começou a remexer em uma das caixas vazias. Milo aproveitou para pegar o Rolodex e ler o cartão. Endereço na Cynthia Street. A poucas quadras de distância.

— Conhece essa gente? — perguntou Milo.

— Velhos — disse o paquistanês, ainda de costas. — Ela vem toda semana, mas nunca recebe nada.

— Nada?

— De vez em quando, anúncios.

— Então por que precisam de uma caixa postal?

O paquistanês virou para ele e sorriu.

— Todo mundo precisa de uma. Diga a todos os seus amigos.

Ele esticou a mão para pegar o Rolodex, mas Milo o impediu consultando de Bi a Ba. Nada de Bartlett. Depois foi até P. Nada de Playa del Sol.

— Pare, por favor — disse o paquistanês. — E se alguém entrar aqui?

Milo soltou o Rolodex e ele o colocou debaixo do balcão.

— Há quanto tempo você trabalha aqui?

— Oh — disse ele, como se a pergunta tivesse sido muito profunda. — Dez meses.

— Então você nunca tratou com ninguém da Playa del Sol.

— É verdade.

— Quem trabalhou aqui antes de você?

— Meu primo.

— Onde ele está?

— Caxemira.

Milo fulminou-o com um olhar.

— É verdade — disse o homem. — Ele já estava farto disso aqui.

— West Hollywood?

— Estados Unidos. A moral.

Nenhuma curiosidade a respeito do motivo pelo qual Milo queria saber sobre Playa dei Sol.

Tendo em vista a linha de trabalho do cara, Milo supôs que ele aprendera a não ser curioso.

Milo agradeceu, e o balconista esfregou o polegar no indicador.

— Você podia demonstrar seu agradecimento de outra forma.

— Tudo bem — disse Milo, fazendo uma reverência profunda. Muitíssimo obrigado. Ao sair, ouviu o homem resmungar qualquer coisa num idioma que não compreendeu. Dali ele seguiu para o apartamento do senhor e da senhora Irv Block na Cynthia Street, fingiu ser um recenseador e desfrutou um afável conversa de cinco minutos com a possivelmente centenária Selma Block, uma mulher que lembrava um duende de cabelos cor de champanhe e cafetã azul, tão encurvada e pequenina que poderia perfeitamente caber em uma das caixas postais. Atrás dela, Sr Block manteve-se sentado em um sofá verde e dourado, uma aparição muda, estática, de olhar vago e antiguidade similar à da mulher e cujo único sinal de viabilidade fisiológica era o ocasional e alarmante pigarro.

Cinco minutos ensinaram a Milo mais sobre os Block do que desejara aprender. Ambos tinham trabalhado na Indústria — Selma como costureira de figurinos para diversos estúdios importantes, Irwin como contador para a MGM. Os três filhos moravam no Leste. Um era ortodontista, o do meio "entrara no mundo das finanças e tornara-se um Republicano e a nossa filha corta e costura vestidos".

— Este é o seu único endereço, senhora? — perguntou Milo, fingindo estar escrevendo tudo, mas na verdade fazendo arabescos. Não havia chance da senhora B. ver a falcatrua. O topo da cabeça dela ficava bem abaixo do bloco.

— Oh, não, querido. Nós mantemos uma caixa postal perto do Healthy Foods.

— Por que, senhora?

— Porque gostamos de comer alimentos saudáveis.

— Por que a caixa postal, senhora?

As minúsculas unhas afiadas de Selma Block agarraram a manga de Milo, e ele se sentiu como se um gato estivesse usando seu braço como poste.

— Política, meu querido. Correspondência política.

— Oh — fez Milo.

— A que partido você pertence, meu filho?

— Sou independente.

— Bem, meu caro, eu gosto do Partido Verde... um tanto subversivo, você sabe. — A garra foi mais fundo.

— Vocês mantêm a caixa para a correspondência do Partido Verde?

— Oh, sim. Você é jovem demais, mas nós nos lembramos de como eram as coisas.

— Como eram as coisas quando?

— Nos velhos tempos. Aqueles deputados fascistas das atividades Antiamericanas. Aquele nefasto do McCarthy.

Recusando o convite para ficar para um chá com biscoitos, conseguiu se livrar da Sra. Block e saiu dirigindo sem destino, tentando imaginar qual seria seu próximo passo.

Playa del Sol. Alex tinha razão, era um nome que lembrava atividades imobiliárias, de modo que talvez houvesse a mão dos Cossack naquilo — ajudados pelo LAPD. Uma armação. De novo.

Antes ele havia procurado o endereço da firma Cossack Development e descoberto que ficava no Boulevard Wilshire, em Mid-City, mas não tinha decorado os números — esses dias se foram — e por isso ligara para Informações e viu que ficava entre Fairfax e La Brea.

O céu estava escuro e o trânsito começava a melhorar, o que permitiu que cobrisse o trajeto em menos de um quarto de hora.

Os irmãos Cossack tinham montado seu quartel-general em um complexo de granito cor-de-rosa de três andares dominado por um zigurate que ocupava todo um quarteirão imediatamente a leste do Museu de Arte do condado. Anos atrás, ali tinha sido uma região extremamente desvalorizada — a orla daquilo que foi patética e erroneamente designada como Miracle Mile. Na década de 1940, a construção da Miracle Mile tinha sido um histórico primeiro lugar: um correr de lojas com o apelo de uma rua comum, mas com entrada pelos estacionamentos da parte de trás — mais um sintoma da paixão pelo Automóvel que marcou a Los Angeles do pós-guerra. Vinte anos mais tarde, a revoada para o oeste deixara a área central da cidade um amontoado de edifícios praticamente sem conservação, onde funcionavam negócios que só podiam pagar aluguéis. Agora, o ciclo atual: renovação urbana. O Museu de Arte, que oferecia concertos gratuitos em seu pátio, tinha gerado muitos outros museus — bonecas, arte folclórica e, o maior de todos, do Automóvel. Grandes e reluzentes estruturas de escritórios tinham se seguido. Se os Cossack tinham chegado cedo e eram os donos da terra sob aquela coisa de granito cor-de-rosa, tinham se saído muito bem.

Estacionou em uma rua lateral, galgou os amplos e brilhantes degraus, passando por um imenso tanque raso e escuro, onde no fundo da água parada havia muitas moedas, e entrou no saguão. O balcão do guarda ficava à direita, mas não havia guarda. Metade das luzes estava apagada e o vasto espaço ecoava. O complexo era dividido em alas leste e oeste. Os escritórios,

em sua maioria, eram ocupados por empresas financeiras e ligados ao mundo dos espetáculos. As indústrias Cossack ocupavam o terceiro andar da ala leste.

Tomou o elevador e saltou em um espaço com as paredes e o carpete brancos. Uma grande litogravura abstrata o saudou — manchas brancas e amarelas amorfas, talvez um ovo mole visto por algum gênio. Mais para a esquerda, portas duplas brancas. Trancadas. Nenhum som do outro lado. A porta do elevador fechou-se atrás dele. Virando-se, ele acionou o botão e aguardou o seu retorno.

De volta a Wilshire, continuou a estudar o prédio. Havia muitas luzes acesas, inclusive diversas no terceiro andar. Algumas semanas antes, o Estado alertara o povo para futuras faltas de energia, instando para que todos economizassem. Ou os Cossack não se importavam, ou havia alguém trabalhando até tarde.

Milo contornou a esquina, voltou ao Taurus, deu marcha a ré e estacionou onde tinha uma visão clara do estacionamento subterrâneo do prédio. Reprimindo aquela velha sensação de tantas vigilâncias: horas desperdiçadas, futilidade. Sabia que as horas gastas com a campana eram como as fendas para inserir moedas nas máquinas de Las Vegas. De vez em quando uma proporcionava o grande prêmio poderia haver motivo melhor para a pessoa ficar viciada? Vinte e três minutos mais tarde a porta de metal do estacionamento deslizou e apareceu um Subaru em péssimas condições. A direção, uma jovem negra, falando ao telefone. Seis minutos depois foi a vez de um BMW mais novo. Um jovem branco de cabelo espetado, também tagarelando ao telefone celular, distraído, quase bateu em um caminhão de entrega. Os dois motoristas trocaram insultos e gestos obscenos.

Milo esperou mais meia hora e já estava prestes a ir embora quando o portão abriu mais uma vez e saiu um Lincoln Town Car. Placas personalizadas: Vidros muito mais escuros que o autorizado pela lei — inclusive o para-brisa —, mas, a não ser por isso, distinto e discreto.

O Lincoln parou num sinal vermelho na Wilshire e depois virou para oeste. O trânsito estava pesado o suficiente para Milo ficar em segurança a dois carros de distância, mas fluído o bastante para permitir uma perseguição tranquila e fácil. Perfeito. Pelo que pudesse valer.

Seguiu o Lincoln cinzento quinhentos metros a oeste do Boulevard San Vicente, depois rumo norte para Melrose e a oeste de novo para Robertson, onde o Town Car entrou no estacionamento de um restaurante situado na esquina sudoeste.

Porta de aço escovado. Placa do mesmo material, em cima da porta, com a gravação: Sangre de Leon.

Restaurante novo. A última vez em que Milo perdera seu tempo para olhar, a esquina era ocupada por uma espelunca que servia uma fusão de comida indonésia e irlandesa.

Antes, ali fora uma espécie de bistrô vietnamita dirigido por um célebre chef da Bavária e financiado por estrelas do cinema. Milo imaginava que os frequentadores jamais tinham servido às Forças Armadas.

Ainda antes do vietnamita, ele se lembrava de pelo menos seis outras tentativas no mesmo número de anos, os novos proprietários remodelando tudo, grandes inaugurações, coleções de artigos laudatórios publicados em Buzz e L. A. Magazine, só para fechar alguns meses depois. Esquina azarada. O mesmo para o ponto do outro lado da rua — uma coisa sem forma de um andar, revestida de bambu, onde fora um restaurante de frutos do mar chamado Bacia do Pacífico e que agora estava fechado, uma pesada corrente bloqueando as entradas de carro.

Sangre de Leon. Sangue de Leão. Apetitoso. Milo não apostaria que fosse durar mais que um surto de indigestão.

Milo encontrou um canto escuro na Robertson, estacionou na diagonal do restaurante e apagou os faróis. O resto da decoração era uma parede sem janelas de estuque cinzento e ramos de uma graminea alta e com farpas que mais parecia capim seco. Um exército de manobristas de jaqueta rosa — composto integralmente de mulheres bonitas — zanzavam na entrada do estacionamento. Muito pequeno, por sinal. Os sete Mercedes estacionados não deixavam lugar para mais nada.

O motorista do Town Car — um tipo grande e corpulento quase tão grande quanto os caçadores de recompensa de Georgie Nemerov — saltou e abriu a porta traseira. Um sujeito de peito saltado e rosto gordo, nos seus quarenta anos, cabelo encaracolado e rarefeito, saltou em primeiro lugar. Seu rosto parecia ter sido usado como fôrma de waffle. Milo reconheceu imediatamente Garvey Cossack. Ganhara alguns quilos depois da sua mais recente foto de jornal, mas, tirando isso, não mudara muito.

Depois saltou um sujeito mais alto, de aparência suave, cabeça redonda escanhoada e bigode tipo Frank Zappa que caía até o queixo. — Bobo, o irmão mais moço, menos o penteado para trás.

Um idiota de meia-idade levantando a bandeira da juventude rebelde? O crânio raspado como um distintivo orgulhoso de rebelião? Fosse como fosse, o sujeito gostava de um espelho.

Garvey Cossack usava um paletó esporte escuro com ombreiras por cima de uma camisa de gola rulê preta e calças pretas. Calçava tênis de corrida brancos — agora um toque de elegância.

Bobo vestia uma jaqueta de couro preto pequena demais, jeans pretos excessivamente apertados, botas pretas bem altas. Óculos escuros de lentes pretas também. Chamem os paramédicos, temos aqui uma emergência — overdose de pose. Um terceiro homem saltou do Lincoln, e o motorista grandão deixou que ele fechasse a própria porta.

Número Três estava vestido do modo como os homens de negócios costumam se vestir em L.A. Terno escuro, camisa branca, gravata discreta, sapatos normais. Mais baixo que os irmãos Cossack, tinha ombros estreitos e inclinava o corpo de modo subserviente. Rosto enrugado, embora não parecesse. Óculos ovais minúsculos e o cabelo louro que caía por cima do colarinho contrariavam a imagem de empresário nascida do resto. A parte de cima da sua cabeça estava praticamente careca.

Minióculos recuou enquanto os Cossack entravam no restaurante, Garvey numa ginga característica de quem tem os pés chatos, Bobo com a cabeça no ritmo de uma melodia que só ele escutava. O motorista voltou para o carro e começou a dar marcha a ré, enquanto Óculos passou pelos sorrisos ansiosos das damas de jaqueta rosa. O Town Car virou para o sul na Robertson, andou um quarteirão, encostou no meio-fio e ficou escuro.

Óculos permaneceu no estacionamento por uns segundos, olhando em torno — para nada em particular. Ficou de frente para o Taurus, mas Milo não percebeu qualquer sinal de que o cara tivesse visto algo que chamasse sua atenção. Não, ele estava apenas cheio de energia nervosa aleatória — mãos flexionando, pescoço rodando, boca virada para baixo, as lentes minúsculas do óculos dardejando e captando a luz da rua, um par de ovos refletores.

O cara fazia com que Milo pensasse em um contador desonesto prestes a enfrentar uma

auditoria. Finalmente ele passou a mão sob o colarinho, rodou os ombros e seguiu em busca dos prazeres da hemoglobina leonina.

Nenhum outro cliente se materializou durante os 37 minutos em que Milo ficou ali sentado. Quando uma das manobristas que tinha ficado todo esse tempo sem gorjetas olhou para o relógio e saiu para a calçada, onde acendeu um cigarro, ele saiu do Taurus atravessou rapidamente a rua.

A garota era maravilhosa, uma coisinha ruiva com olhos tão azuis que a cor deles parecia atravessar a noite. Vinte anos, talvez. Ela notou a aproximação de Milo e continuou fumando. O papel do cigarro era preto e a ponta, dourada. Seria um Sherman? Ainda fabricavam cigarros Sherman? Ela levantou os olhos quando ele estava a um metro de distância e sorriu através da nuvem de nicotina que redemoinhava no ar da noite quente. Sorrindo, porque Milo tornou visível sua propina. Duas notas de vinte dobradas entre os dedos indicador e médio, justificadas por uma história de jornalista freelance.

Quarenta pratas era o dobro do que ele pagara ao paquistanês do correio, mas a manobrista — a etiqueta de identificação dela dizia Val — era muitíssimo mais bonita.

E, como viu depois, bem mais fácil de lidar.

Dez minutos mais tarde ele estava de novo no Taurus, passando pelo Town Car. O motorista dormia de boca aberta. Um latino de cabeça raspada. A ruiva fornecera a identidade do homem dos minióculos.

— Oh, é o Brad. Ele trabalha com o Sr. Cossack e seu irmão.

— Sr. Cossack?

— Sr. Garvey Cossack e seu irmão. — Olhos Azuis lançou um olhar para o restaurante. — Ele é coproprietário daqui, juntamente com... — Seguiu-se uma lista de celebridades.

Milo fingiu ficar impressionado.

— Deve ser um lugar animadíssimo.

— Era quando abriu.

— Não é mais, certo?

— Sabe como é. — Ela rolou os olhos para cima.

— Que tal a comida?

A manobrista lindinha sorriu, deu uma tragada e sacudiu a cabeça.

— Como é que eu vou saber? É tipo cem dólares um prato. Talvez quando eu ganhar minha primeira participação importante. Sua risada foi sarcástica. Ela acrescentou: — Talvez quando os porcos voarem. — Tão jovem, tão cínica.

— Hollywood — disse Milo.

— É — Val olhou para trás de novo. Todas as outras garotas estavam à toa e umas poucas fumavam. Provavelmente preocupadas em manter o peso. Todas poderiam ser modelos.

Ela abaixou a voz até virar um murmúrio. — Para dizer a verdade, ouvi falar que a comida não presta.

— O nome não pode ajudar. Sangue de Leão.

— Eca. Não é horrível?

— Que tipo de comida?

— Etíope, acho eu. Ou de algum lugar da África. Talvez também latina, não sei... Cubana, quem sabe? Às vezes eles contratam uma banda e daqui de fora parece música cubana. — Val

balançou os quadris e estalou os dedos. — Ouvi dizer que vai acabar.

— A música cubana?

— Não, seu bobo. O restaurante.

— Hora para arranjar um novo emprego? — perguntou Milo.

— Sem problema, sempre há bar mitzvahs. — Apagando o cigarro, ela disse: — Você por acaso não trabalha para a Variety, trabalha? Ou o Holly wood Repórter!

— A maior parte do tempo faço serviço telegráfico.

— Alguém interessado no restaurante?

Milo deu de ombros. — Eu ando por aí. Você tem que escavar se quiser encontrar petróleo.

Ela olhou para o Taurus e seu sorriso seguinte estava cheio de compaixão. Outro perdedor de L.A.

— Bem, se você algum dia escrever para a Variety, lembre-se deste nome: Chataqua Dale.

Milo repetiu o nome.

— Bonito. Mas Val também é.

Uma nuvem de dúvida toldou seus olhos azuis.

— Acha mesmo? Porque eu tenho pensado que Chataqua talvez seja, você sabe, um tanto exagerado.

— Não — reafirmou Milo. — É ótimo.

— Obrigada. — Ela tocou no braço dele, deixou o cigarro cair no pavimento, espremeu com o pé e apareceu um brilho sonhador em seus olhos. Febre da audição.

— Bem, tenho que ir.

— Obrigado pelo seu tempo — disse Milo, enfiando a mão no bolso e passando-lhe outra nota de vinte.

— Você é tão bonzinho... — disse ela.

— Nem sempre.

— Oh, aposto como é... deixe que eu lhe pergunte uma coisa: Você conhece gente, não conhece? Conhece algum agente decente? Porque o meu é um panaca.

— Só conheço agentes de destruição — disse ele.

Por algum tempo a perplexidade emprestou complexidade ao seu rosto jovem e belo.

Depois seus instintos dramáticos reagiram ainda sem compreender, mas reconhecendo a deixa, sorriu e tocou de novo no braço dele.

— Certo. Vejo você por aí.

— Até mais — disse Milo. — A propósito, o que Brad faz?

— Anda por aí com eles.

— Um acompanhante.

— Você pegou a coisa... todos precisam de um acompanhante.

— Esses caras de Holly wood? — Caras ricos e corpulentos.

— Sabe o sobrenome de Brad?

— Larner. Brad Larner. Um idiota.

— Como assim?

— Um panaca — disse Val. — Não tem amigos, nunca sorri, nunca dá gorjetas.

Milo percorreu dois quarteirões até o Boulevard Santa Monica, virou à direita e circulou de volta para a Melrose, desta vez aproximando-se da esquina pelo leste e estacionando logo acima

da casa chinesa com as persianas fechadas. O resto do bulevar fora tomado por galerias de arte, todas fechadas, e a rua estava escura e quieta. Saltou, passou por cima da pesada corrente do chinês e atravessou um terreno onde começava a nascer capim nas rachaduras do cimento e havia montes de fezes de cachorro. Encontrou um bom ponto de observação atrás de um dos pilares do portão do restaurante fechado e aguardou, tendo diante dos olhos os aspectos menos agradáveis do restaurante chinês — a pintura de trás descascando, o bambu em pedaços. Outro sonho que fracassara; ele gostava disso.

Sem lugar para sentar, ele continuou de pé, bem escondido, observando nada acontecer no Sangre de Leon por longo tempo. Seus joelhos e as costas começaram a doer, e fazer alongamentos e se agachar pareciam piorar as coisas. No último Natal, Rick comprara uma esteira ergométrica para o quarto de hóspedes e a usava religiosamente todos os dias às cinco da manhã. No mês anterior sugerira que Milo fizesse uma tentativa de se exercitar regularmente. Milo não discutira, mas tampouco seguira a sugestão. Não era bom de manhã, e geralmente fingia estar dormindo quando Rick saía para o trabalho na Sala de Emergência. Deu uma olhada no seu Timex. Os Cossacke Brad "o panaca" Larner já estavam lá dentro havia uma hora e nenhum outro cliente se materializara.

Larner era, sem dúvida, o filho do diretor da Achievement House. O filho do molestador. Mais outro vínculo entre as famílias. Papai internando Caroline, a Irmã Maluca, na Achievement House, comprando empregos para ele próprio e Júnior.

Ligações e dinheiro. O que havia de novo nisso? Os presidentes eram selecionados do mesmo maldito modo. Se qualquer uma dessas coisas fornecia um gancho para chegar a Janie Ingalls, ele não era capaz de ver. Mas sabia — instintivamente — que tinha importância. Da mesma forma que sabia que a aposentadoria forçada de Pierce Schwinn e a sua própria transferência para West L. A. tinham resultado de algo mais do que os namoros de Schwinn com prostitutas da rua.

Uma armação ocorrida vinte anos atrás, John G. Broussard fazendo o trabalho sujo.

Schwinn escondera o que quer que fosse do seu conhecimento durante duas décadas, colara as fotos em um álbum e finalmente decidira romper o silêncio.

Por que agora? Talvez porque Broussard tivesse chegado ao topo e Schwinn quisesse que sua vingança fosse um prato de gourmet. Usando Milo para fazer o trabalho sujo...

Logo em seguida cai de um cavalo dócil... Faróis vindos do lado norte da Robertson o tiraram de sua meditação. Dois conjuntos de faróis, um par de veículos se aproximando da interseção com a Melrose. O sinal ficou amarelo. O primeiro carro passou legalmente e o segundo, no vermelho. Ambos pararam na frente do Sangre de Leon.

Veículo Número Um era um discreto Mercedes preto cupê surpresa, surpresa —, cuja placa ele copiou rapidamente. O motorista saltou, outro homem de terno, movendo-se tão depressa que as moças de rosa não tiveram tempo de se aproximar de sua porta. Ele passou uma nota para a que estava mais perto, de qualquer modo, e deixou que Milo pudesse dar uma boa olhada nele.

Era mais velho. Qualquer coisa entre sessenta e muito e setenta e pouco, com o que lhe restava de cabelos penteados de modo a disfarçar a calvície incipiente, trajando um terno bege simples, camisa branca e gravata escura. Altura mediana, peso médio, bem barbeado, a pele sobrando do osso na papada e no pescoço. Rosto inexpressivo.

Milo perguntou-se se não seria Lerner, pai. Ou apenas um cara que viera jantar.

Neste caso, não seria um jantar solo, porque os ocupantes do segundo carro tropeçaram uns nos outros para se porem ao lado dele.

O Veículo Dois também era preto, mas nenhum feito da engenharia germânica. Um sedã Crown Victoria anacronicamente grande e gordo. Os únicos lugares onde Milo vira recentemente essas coisas eram órgãos do governo, mas este não parecia ter placas oficiais.

Tampouco as tinham montes de veículos descaracterizados e, por um segundo, ele pensou: direção do departamento? Experimentando uma onda de ansiedade: documentar o encontro de tiras influentes com os Cossack. Por que diabos não se lembrara de trazer uma maldita câmera? Mas no momento em que o primeiro sujeito que saltou do Crown Victoria mostrou seu rosto, foi uma história inteiramente diferente.

Rosto comprido, moreno, sob um penteado pompadour negro. O vereador Eduardo "Ed, o Germe" Bacilla, representante oficial de um distrito que abrangia um bom pedaço do centro da cidade. Homem de muitos maus hábitos e sem o hábito de trabalhar, Bacilla comparecia, talvez, a uma de cada cinco sessões da Câmara e, havia uns dois anos, fora apanhado em Boyle Heights tentando comprar cocaína na mão de um policial da Divisão de Narcóticos disfarçado. Negociações rápidas e desesperadas com o gabinete do Promotor resultaram na sentença draconiana de um pedido público de desculpas e dois meses trabalhando nas equipes que removiam os grafites das paredes, juntamente com alguns dos membros de gangues de rua que ele beneficiara com o programa de reabilitação sustentado pelo dinheiro da cidade. Como não houve condenação por crime, o vereador não perdeu seu mandato, e um pedido de cassação feito por um reformador esquerdista não deu em nada. E agora aqui estava o velho Germe. Puxando o saco de Terno Bege.

Tal como o Passageiro Dois do Crown Victoria: outro robusto cidadão.

Este sujeito tinha passado o braço pelo ombro de Terno Bege e ria a respeito de alguma coisa. Não havia expressão no rosto de diretor-executivo de Terno Bege.

Quando ao tipo gaiato, era mais velho, mais ou menos da idade de Terno Bege, cabelos brancos nas têmporas e um bigodão branco que escondia seu lábio superior. Alto e de ombros estreitos, tinha um corpo em forma de pera que o terno bem-cortado não era capaz de melhorar e o olhar glacial de um porco do mato encurralado.

Vereador James "Diamond Jim" Horne. O homem suspeito de "por foras", subornos e ex-mulheres silenciadas pela força do dinheiro nos bons e velhos tempos em que a violência doméstica ainda era conhecida como espancamento da mulher.

Milo sabia, graças às fofocas que corriam no LAPD, que Horne era um espancador de mulher de longa data, com predileção para desintegrar a criatura sem deixar marcas.

Como Germe Bacilla, sempre tinha conseguido escapar sem ser preso ou condenado. Havia mais de trinta anos era vereador por um distrito contíguo ao de Bacilla, uma faixa centro-norte cheia de casas baratas e apartamentos construídos abaixo das especificações legais. O eleitorado de Horne, que fora solidamente branco e da classe trabalhadora, agora passara a ser 70% hispânico e pobre, e o vereador vira sua maioria de votos vir abaixo. De 90% para 70%. Uma série de oponentes com o sobrenome terminando em "ez" não conseguira derrubar Horne. O velho filho da mãe corrupto conseguiu tapar os buracos das ruas e muito mais.

Germe e Diamond Jim, andando de braço dado com Terno Bege dirigindo-se para a porta

de aço do Sangre de Leon.

Milo voltou para o Taurus e, usando a identidade de um detetive de Costumes da Divisão do Pacífico que ele desprezava, conseguiu o registro das placas do Mercedes.

Meio que esperou outro esbarrar no escudo de proteção de uma pessoa jurídica, mas descobriu que o dono do Mercedes de quatro anos atrás era uma pessoa de verdade. W.W. Obey. O quarteirão trezentos da Muirfield Road em Hancock. Walter Obey. O homem da fortuna de um bilhão de dólares.

Em teoria, Walt Obey estava no mesmo ramo dos Cossack, concreto, vergalhões, madeira e paredes de gesso. Só que Obey ocupava uma galáxia totalmente diferente. Cinquenta anos atrás, a Obey Construções começara edificando casas para os pracinhas que voltavam da guerra. A companhia provavelmente era responsável por 10% da área paralela às vias expressas e se espalhava pelo vale que os índios chumash antigamente chamavam de Vale da Fumaça.

Walt Obey e Barbara, sua mulher, integravam a diretoria de todos os museus, hospitais e organizações cívicas que significavam algo na coisa corrosiva, incerta e irônica conhecida como sociedade de Los Angeles. Walt Obey também era um modelo de retidão — Sr. Correto em um negócio que tinha poucos santos.

O cara tinha no mínimo oitenta anos, mas parecia bem menos. Bons genes? Boa vida? Aqui estava ele agora, jantando com Germe e Diamond Jim. Os Cossack e Brad Larner estavam lá dentro havia uma hora. Nada de espantar, o restaurante era deles. Ainda assim, permanecia a pergunta: mesa para três ou para seis? Conseguiu o telefone do Sangre de Leon com o Auxílio a Listas e ligou para o restaurante. Cinco toques depois uma voz entediada de homem, sotaque da Europa Central, atendeu: — Sim?

— Aqui é do escritório do Sr. Walter Obey. Tenho uma mensagem para o Sr. Obey. Ele está jantando com os Cossack. Acredito que estejam em uma sala privada.

— Estão sim. Vou levar o telefone para ele. — A ansiedade por servir acabara com o tédio do cara do telefone.

Milo desligou.

Ele foi para casa tentando montar o quebra-cabeça. Os Cossack, Walt Obey e dois vereadores comendo uma gororoba juntos. Brad Larner junto com o garoto de recados ou substituto do pai? Alex desencavara qualquer coisa a respeito de os Cossack tentarem trazer um time de futebol para L.A., talvez reativando o Coliseu. O esquema não dera certo, como quase todos que os Cossack tentavam — filmes, demolição de marcos históricos. Podia se considerar que os irmãos eram perdedores, mas ainda assim tinham cacife bastante para trazer Walt Obey de Hancock Park para West Hollywood.

Os Cossack com seu Town Car com motorista e placas personalizadas alardeavam dinheiro novo. Enquanto Obey, o homem que tinha dinheiro de verdade, viera ele próprio dirigindo um carro de quatro anos, anônimo. O bilionário era tão discreto que podia passar por um contador medíocre.

O que teria unido plebeus e nobres? Algo bem grande. O Coliseu ficava no distrito de Germe Bacilla e ao lado era o domínio de Diamond Jim Horne. Seria um daqueles negócios complicados que sempre conseguem esquivar-se das leis de zoneamento urbano e do que mais estiver no caminho? Contribuintes pagando as indulgências dos caras ricos? Alguma coisa que podia correr perigo pela reabertura de um caso de assassinato ocorrido vinte anos antes e a

revelação do papel dos Cossack na ocultação de sua irmã maluca e do drogado assassino Willie Burns? Por que Georgie Nemerov tinha ficado tão impaciente? A única ligação possível entre Nemerov e o resto era o departamento.

E agora o departamento estava verificando o seu tempo de férias e talvez mandando aquele panaca do Bartlett assustá-lo. Facilitador de saúde. Querendo dizer o quê? Para que ele tivesse cuidado a fim de não ficar doente? De repente, ele teve muita vontade de fazer uma outra pessoa ficar fatalmente enferma.

Quando chegou em casa, viu o Porsche branco estacionado perto da garagem, a luzinha vermelha piscava no painel, a tranca extraforte fixada na coluna da direção. Rick amava o carro e era tão cuidadoso com ele quanto com tudo mais.

Encontrou Rick sentado à mesa da cozinha, ainda vestindo a roupa do trabalho na enfermaria de emergência, jantando a comida chinesa da noite anterior aquecida. Ao ver Milo, ele sorriu, acenou fracamente, os dois trocaram um rápido abraço e Rick disse: — Trabalhando até tarde.

— A mesma coisa de sempre. Como foi seu dia?

— O usual.

— Heroico?

— Difícilmente. — Rick apontou para a cadeira vazia do outro lado da mesa. Os últimos cabelos escuros em sua densa cabeleira cacheada tinham desbotado no verão passado e seu bigode se transformara em uma escova de dentes prateada. A despeito de ser médico e saber que não era muito aconselhável, ele gostava de se bronzear no quintal e sua pele ainda ostentava a cor do verão. Parecia cansado. Milo sentou-se à sua frente e começou a beliscar o frango.

— Tem mais na geladeira — disse Rick.

— Não, eu só quero o seu.

Rick sorriu. — Cansado.

— Barra-pesada no seu turno? — indagou Milo.

— Nada de especial. Dois ataques cardíacos, dois alarmes falsos, perna quebrada por ter caído de uma patinete, um câncer do cólon com uma séria hemorragia abdominal que nos deixou ocupados por longo tempo, uma mulher com uma maldita agulha espetada no olho, dois acidentes de automóvel, um tiro acidental... perdemos este.

— A rotina de sempre.

— Exatamente — Rick afastou o prato de comida. — Houve uma coisa. O baleado foi o último caso. Não pude fazer nada pelo pobre sujeito, chegou com pulso zero, o monitor não saiu da linha horizontal uma única vez. Parece que ele estava limpando sua 9mm, olhou para a boca do cano para se assegurar de que estava tudo limpo e bum! Os policiais que levaram o corpo disseram ter encontrado óleo de limpeza, pedaços de pano e uma daquelas escovas de limpar cano em cima da mesa ao lado dele. A bala entrou aqui — Rick tocou no centro do bigode, debaixo do nariz.

— Um acidente? — perguntou Milo. — Não terá sido suicídio? Ou outra coisa?

— Os policiais chamaram de acidente, pode ser que soubessem algo técnico. O corpo irá para o legista.

— Policiais do xerife?

— Não como vocês. Aconteceu perto da Venice com Highland. Mas não é isso que eu

quero contar. O corpo tinha acabado de ir para o necrotério, voltei para pegar o boletim e os policiais que tinham levado o corpo estavam no cubículo perto da porta e eu os ouvi conversando. Tratavam de suas pensões, licença para tratamento de saúde, benefícios oferecidos pelo departamento. Depois um deles falou algo sobre um detetive da divisão de West L. A. que apresentou resultado positivo para um exame de HIV e pediu aposentadoria. O outro disse, "acho que o que vai volta." Ai os dois riram. Mas não foi uma risada alegre. E sim perversa.

Rick pegou um pauzinho e o balançou entre dois dedos. Fitou Milo nos olhos. Tocou na sua mão.

— Nunca ouvi falar nada a esse respeito.

— Foi o que achei. Caso contrário, você teria me contado. — E retirou a mão, levantou-se e foi buscar uma cerveja.

Rick permaneceu sentado, brincando com o pauzinho. Fazendo com que girasse habilmente. Com a graça dos cirurgiões.

— É mentira — desabafou. — Já ouvi.

— Só pensei que fosse algo que você quisesse saber.

— Highland e Venice. Que diabo sabe a Divisão de Wilshire a respeito de West L.A.? Que diabo os azuis sabem a respeito dos Detetives?

— Provavelmente nada... Grandalhão, há alguma coisa que eu deva saber? Alguma situação difícil em que você se meteu? — Milo não gostou do tom defensivo que percebeu em sua voz. Pensando na maldita fábrica de rumores do departamento. Depois: Facilitador de Saúde. Nunca se sabe...

— OK — disse Rick, começando a se levantar.

— Espere — exclamou Milo, contornando a mesa. Parou atrás de Rick e passou as mãos sobre seus ombros. E lhe contou o resto.

Capítulo 22

Sentei-me diante do computador, digitei Paris Bartlett em diversos mecanismos de busca e não consegui absolutamente nada.

A seguir, tentei "Playa del Sol" e sua tradução: Praia do Sol, e apareceram centenas de links de balneários em todo o mundo. Costa del Sol. Costa del Amor. Playa Negra. Playa Blanca. Playa Azul. Sun City. Sunrise Beach. Pacotes de excursão. Tempo compartilhado, areia branca, água azul, apenas adultos. Traga os filhos. Até mesmo um sujeito que devotara um site à velha canção "Quando Calienta El Sol". As alegrias da era da informação...

Fiquei preso naquilo por horas, até que por volta de meia-noite senti os olhos entortando e interrompi a pesquisa para um sanduíche, uma cerveja e um banho antes de voltar para o computador. As duas da manhã estava lutando contra o sono e quase deixei passar o artigo em um número de The Resort Journal publicado três anos atrás que apareceu quando fiz mais uma tentativa com Playa del Sol. Desta vez utilizei um serviço pago — um banco de dados orientado para negócios que não tinha usado desde o outono, quando Pensei em vender uns títulos municipais.

O que consegui foi um artigo intitulado "Procurando a Boa Vida em Praias Distantes: Americanos Procurando Pechinchas no Exterior Frequentemente Descobrem que Saíram

Perdendo". O artigo escrevia diversos negócios imobiliários que não tinham dado certo, entre eles um projeto em Baja denominado Playa del Sol: luxuosos apartamentos vendidos para aposentados americanos atraídos pelo luxo ao estilo dos Estados Unidos a preços do México. Duzentas unidades das planejadas quatrocentos e cinquenta tinham sido construídas e compradas. A primeira onda de aposentados ainda não tinha se mudado quando o governo mexicano invocou uma cláusula escrita em letras minúsculas em um regulamento obscuro, confiscou a terra e vendeu para um consórcio saudita que transformou os apartamentos em hotel. A Playa del Sol Company, Ltd., incorporada nas Ilhas Cayman, dissolveu-se, e sua subsidiária americana, Playa Enterprises, declarou falência. Os aposentados perderam seu dinheiro.

Nenhum comentário da parte do presidente da Playa Enterprises, Michael Larner.

Relembrando as referências da obscura revista de negócios que tinham aparecido na minha primeira pesquisa de Larner — revistas inexistentes na Biblioteca de Pesquisas —, procurei alguma coisa mais que houvesse a respeito do antigo diretor da Achievement House e dei com diversos outros negócios que ele formara nos últimos cinco anos.

A especialidade de Larner era a formação de consórcios de imóveis — conseguir gente rica para comprar projetos incompletos que não tinham dado certo. Edifícios de apartamentos com muitos andares em Atlanta, country clubs extintos no Colorado e Novo México, uma cabana de esqui em Vermont, um campo de golfe no Arizona. Uma vez que o negócio fosse assinado, Larner recolhia sua parte e ia embora.

Todos os artigos subsequentes tinham o tom de entusiasmo de anúncios pagos. Nenhum mencionava a debacle mexicana, a Playa Enterprises ou a Playa del Sol Company, Ltd. A face corporativa de Larner agora era o Grupo ML. Nenhuma menção tampouco aos irmãos Cossack. Ou a qualquer dos capitalistas que se associavam a Larner, embora fosse possível considerar a presença de Wall Street e da indústria do entretenimento. O único outro nome que integrava os quadros da ML era Bradley, o filho de Larner, vice-presidente executivo. Usando "Grupo ML" como frase-chave, apelei para todas as ferramentas de busca e obtive exatamente os mesmos artigos e mais um publicado dois anos antes em uma revista intitulada Southwest Leisure Builder.

Em posição central no meio do texto havia uma foto colorida: os Larner, pai e filho, posando em um dia de sol brilhante em Phoenix, vestindo camisas polo do mesmo tom de azul, calças brancas de lona, sorrisos brancos.

Michael Larner parecia ter uns 65 anos. Rosto quadrado e vermelho, usava óculos tipo ray-ban de moldura de aço transformados em espelhos pelo sol do Arizona. O sorriso dele era satisfeito e anunciado pelos dentes. Tinha nariz de bebedor, barriga protuberante com aparência de ser dura e cabelo branco meticulosamente penteado. Um agente de elenco o teria escolhido para o papel de Executivo Venal. Bradley Larner era mais magro, mais baixo e mais pálido que o pai — uma versão ligeiramente diferente dele. Trinta e muitos ou quarenta e poucos anos, ele também usava óculos, mas a armação que escolhera era de ouro, estreita e com lentes ovais tão pequenas que mal cobriam suas íris. Seu cabelo era daquele louro liso destinado a embranquecer logo e passava dos ombros. Havia menos entusiasmo em sua expressão. Um sorriso quase invisível, embora, a crer pelo artigo, os Larner estivessem na crista da onda dos negócios imobiliários. Bradley Larner mais parecia um garoto forçado a sentar para mais uma detestável sessão de fotos de família.

Outra foto na página seguinte mostrava Michael Larner de terno creme, camisa azul e

gravata rosa posando ao lado de um Rolls Royce Silver Spirit. A direita do pai, Brad Lerner aparecia em uma Harley Davidson dourada, usando couro negro. A legenda: Gerações diferentes, mas a mesma queda para a perfeição.

O link Playa del Sol significava que "Paris Bartlett" provavelmente era um enviado dos Lerner para Milo. Alertando-o para que desistisse de seguir a trilha de Caroline Cossack Porque a ligação entre os Lerner e os Cossack era muito antiga. E as famílias tinham algo mais em comum: grandes negócios que frequentemente davam errado. Mas todos conseguiam sempre permanecer no topo e manter a boa vida.

Tinham a mesma queda para a perfeição.

No caso dos Cossack, a fortuna herdada podia prover um belo cobertor de segurança. Michael, por outro lado, pulava de uma empreitada para outra, deixando escândalo ou bancarrota em sua esteira, mas sempre conseguindo passar para uma posição mais elevada.

Aquele sorriso, de dentes tão brancos e reluzentes quanto o Rolls Royce. Um homem disposto a fazer o que quer que fosse preciso? Ou os amigos em primeiro lugar? Ou ambos? Na época em que Lerner mudou as regras do jogo e internou Caroline Cossack na Achievement House, os irmãos Cossack mal tinham saído da adolescência, mas já trabalhavam no ramo dos imóveis. Lerner podia ter negociado inicialmente com o pai deles, mas o relacionamento durou muito além do seu passamento e deixou Lerner trabalhando para homens 25 anos mais moços que ele. Ai então pensei o seguinte: Bradley Lerner era mais ou menos da mesma idade dos irmãos Cossack. Haveria alguma ligação aí? Algo além dos negócios? Ao procurar os dados de Caroline Cossack, Milo não conseguira ir muito longe com as escolas locais de ensino médio. Porque todo mundo tinha medo de ser processado e assistia aos seriados da televisão que os deixavam convictos de que os policiais sem mandados eram impotentes.

Talvez também porque os problemas emocionais significavam que ela não tivera uma história escolar. Podia ser que rastrear seus irmãos fosse mais fácil.

Na manhã seguinte eu estava de volta à biblioteca folheando o Quem é Quem. Nem Bob Cossack nem Bradley eram listados, mas Garvey Cossack tinha merecido uma biografia: um único parágrafo de elogios, a maior parte dos quais eu já lera na Web. Escondida no meio de toda a fanfarronada corporativa estava história escolar de Garvey. Ele fizera dois anos na Cal State Northridge, mas não chegara a se graduar. Talvez fosse por isso que tinha se dado ao trabalho de relacionar a escola em que fizera o curso médio. E o fato de ter sido tesoureiro do corpo discente no último ano.

University High.

Verifiquei com a encarregada dos livros de referência e descobri que a biblioteca mantinha três décadas de anuários ali naquela seção.

Encontrar o volume certo não foi difícil. Avaliei a idade de Garvey e achei na segunda tentativa.

Sua foto de formatura revelava um garoto de 18 anos com sinais de acne no rosto, cabelos longos e ondulados, usando um suéter de gola rulê de cor clara. Espremido entre o topo do colarinho do suéter e o queixo gordo, via-se um colar das conchas havaianas conhecidas como puka. O sorriso era malicioso. Listadas sob a foto estavam suas atividades: membro do Clube dos Negócios, integrante do "corpo administrativo" do time de futebol e de uma coisa chamada King's Men. Mas não dizia que ele fora tesoureiro. De acordo com a página -do Conselho

Estudantil, a tesoureira era uma garota chamada Sarah Buckley. Ao folhear os três anuários anteriores, constatei que Garvey Cossack jamais exercera qualquer função em conselhos estudantis. Mentira sem importância para um milionário de meia-idade, o que fazia tudo mais interessante.

Localizei a foto de Robert "Bobo" na classe anterior. Ele tirara o retrato usando uma camisa preta de colarinho alto e uma corrente do tamanho de uma gargantilha.

Rosto equino, cabelo mais escuro e ainda mais longos que o do irmão. Bobo tinha uma expressão emburrada e olhos semicerrados. Sonolento ou chapado — possivelmente tentando representar o papel. Sua tentativa de deixar crescer uma barba e um bigode resultara em uma névoa escura em torno do queixo e fiapos acima do lábio superior. Debaxo de sua foto a única observação dizia respeito à sua afiliação ao King's Men. Fazia parte da mesma classe um Bradley Larner muito magro usando óculos ray-ban, camisa convencional, cabelo clareado de surfista que obscurecia metade do seu rosto.

A parte que era visível era tão desanimada quanto a foto de Bobo Cossack. Outro integrante do King's Men.

Procurei no anuário uma menção ao clube, encontrei uma lista das organizações de serviço existentes na escola, mas sem detalhes. Finalmente, em um empolgado relato do jogo que marcou a festa de reencontro dos ex-alunos, localizei uma referência às "farras, altas brincadeiras (e outras coisas boas) perpetradas pelos King's Men".

A foto ilustrativa mostrava um grupo de seis garotos na praia, usando roupas de banho e gorros listrados, fazendo palhaçadas, caretas fingindo— se de vesgos, poses de idiotas, dedos abertos em V atrás da cabeça dos outros. As latas de cerveja nas mãos de todos tinham sido escurecidas desajeitadamente. Em um caso, a logomarca da Miller ainda era visível. A legenda: Viva o Surf! Mas os King's Men desejam intensamente outro entretenimento líquido. Festejando em Zuma: G. Cossack, L. Chapman, R. Cossack, V. Coury, V. Larner, N. Hansen.

Os irmãos Cossack tinham sido grandes festeiros na época do colégio, e a farra em Bel Air alguns anos depois foi apenas a continuação do que faziam antes. E o vínculo entre eles e os Larner tinha sido forjado nas areias de Zuma, não na sala dos diretores.

Isso me fez pensar se a ideia de internar Caroline, a irmã problemática, teria sido dos rapazes e não do pai. "Ei, Papai, o pai de Brad trabalha num lugar para birutas, talvez possa nos ajudar." Procurei nos anuários uma menção a Caroline Cossack ou uma foto sua. Nada.

Dei uma volta de carro pelas belas ruas residenciais de Westwood, pensando em Pierce Schwinn e no que ele realmente tinha desejado de Milo. Teria o antigo detetive finalmente decidido confessar segredos guardados durante duas décadas, como eu sugerira, ou teria se dedicado a novas investigações já tarde na vida e descoberto novas pistas? De qualquer modo, Schwinn não fora tão sereno como sua segunda mulher acreditava. Ou fiel: ele encontrara alguém em quem confiara a ponto de enviar a essa pessoa o Livro do Assassino.

Como eu tinha dito a Milo, Ojai era uma cidade pequena, e era difícil que Schwinn pudesse ter, com regularidade, encontros amorosos lá sem que Marge descobrisse.

Mas antes de ter se casado com Marge, ele residira em um hotel vagabundo em Oxnard. Marge não dissera o nome, mas nos dera o local em que ele trabalhara para ganhar um salário mínimo e contara que Schwinn não tinha carro. Recolher o lixo da RandalFs Western Wear. Tinha que ser a uma distância de lá que pudesse ser coberta a pé.

A loja ainda existia no Oxnard Boulevard.

Eu fora pela rota turística porque era o caminho mais rápido e eu não tinha estômago para a via expressa: do Sunset Boulevard para PCH, a rodovia da Costa do Pacífico, aí rumo ao norte sempre pela costa, passando pela linha L. A. — Ventura e a Deer Creek Road e os locais de camping do Sycamore Creek — 25 quilômetros de terras do governo que beijavam o oceano e separavam de Oxnard a última praia particular de Malibu. A água era azul-safira; o céu, de propaganda de turismo e os corpos que adornavam a areia eram bronzeados e perfeitos. Na Las Posas Road, evitei a parte leste da bifurcação que desce pelos gloriosos tabuleiros de terreno cultivado e galga as alturas de Camarillo e continuei na Route 1.

Logo a beleza da paisagem cedeu lugar a uma região seca e baixa, e 75 minutos depois de ter saído de casa estava desfrutando a vista da parte central de Oxnard.

Oxnard é um lugar engraçado. Sua praia ostenta uma marina, hotéis de luxo, excursões de pesca e barcos que fazem a ligação com Ilhas do Canal. Mas foi construída com base na agricultura e nos imigrantes que, com suas vidas terríveis, punham comida nas mesas do país. A taxa de criminalidade é alta e o ar fede a estrume e pesticidas. Uma vez que se passe do desvio da marina, o Oxnard Boulevard é uma artéria de baixa categoria cheia de estacionamentos para trailers, depósitos de peças automotivas, brechós, casas de taco, bares tocando músicas mexicanas em alto volume e um número bem maior de placas e sinais em espanhol do que em inglês.

Randalls Western Wear era um celeiro vermelho na parte central da rua, apertado entre a Bernardo Batteries e um bar sem janelas chamado El Guapo. Muitos lugares nos fundos; só duas picapes e um velho Chrysler 300 no estacionamento.

No lado de dentro, cheiro de couro, serragem e suor, pilhas que iam até o teto de denim e flanela, chapéus Stetson empilhados como panquecas. Botas de caubói e cintos em liquidação, um canto dedicado a sacos de ferragem, umas poucas selas e rédeas em outro canto. Ouvia-se a voz melodiosa de barítono de Travis Tritt nos alto-falantes fanhosos, tentando convencer alguma mulher de suas boas intenções.

Os negócios iam devagar. Nenhum cliente, só dois vendedores, ambos homens brancos nos seus trinta anos. Um usava um suéter cinza e o outro, uma camiseta preta da Harley Davidson. Ambos fumavam atrás do balcão e não demonstraram interesse na minha chegada.

Dei uma volta pela loja, encontrei um cinto de couro trabalhado de que gostei, levei ao balcão e paguei. Harley-D fechou a conta, sem me encarar ou puxar conversa.

Quando devolveu meu cartão de crédito, deixei minha carteira aberta e mostrei meu distintivo de consultor da polícia de Los Angeles. Tem o distintivo do departamento como logomarca, mas é inútil para muita gente e, se examinado meticulosamente, informa que não sou policial. Mas poucas pessoas iam além de ver o distintivo, e Harley não foi exceção.

— Polícia? — perguntou, quando fechei a carteira. Usava um corte de cabelo péssimo, tinha um bigode que parecia um guidom de bicicleta com as pontas indo até o queixo e a voz meio abafada de quem sofria de sinusite. Braços magros e cabelo viscoso, uma porção de tatuagens desbotadas.

— Pensei que você talvez pudesse me ajudar com uma coisa — falei.

— Com quê?

Suéter levantou os olhos. Era alguns anos mais novo que Harley, tinha um corte militar no

cabelo louro, um queixo quadrado saliente e rosto vermelho. Corpulento, olhos tranquilos. Meu palpite é que havia sido militar.

— Umás perguntas sobre um cara que trabalhou aqui alguns anos atrás. Pierce Schwinn.

— Ele? — espantou-se Harley. — Ele não aparece aqui há... uns dois anos? — Olhou para Suéter.

— E isso aí — concordou o outro. Harley olhou para o cinto.

— Você comprou isso aí só para ser amável ou algo assim?

— Comprei porque achei bonito — falei. — Mas não tenho problema em ser amável. O que vocês se lembram a respeito de Schwinn?

Harley franziu a testa.

— Quando trabalhou aqui era um vagabundo. O que ele fez agora?

— Você o viu depois que ele saiu daqui?

— Acho que uma vez — respondeu ele. — Ou talvez nenhuma. Se entrou aqui, foi com a mulher... está certo? — Outra consulta com Suéter.

— Provavelmente.

— Por quê? — perguntou Harley. — O que foi que ele fez?

— Nada. Só uma investigação de rotina. — No mesmo momento em que falei, me senti ridículo, para não falar criminoso. Mas se Milo podia se arriscar a violar a lei, eu também podia. — Quer dizer então que a última vez que o Sr. Schwinn trabalhou aqui foi dois anos atrás?

— É isso — O sorriso de Harley foi zombeteiro. — Se é que se pode chamar aquilo de trabalho.

— E não era?

— Cara — disse Harley, inclinando-se sobre o balcão —, deixe que eu lhe diga uma coisa: foi um presente. De nossa mãe para ele. Ela é a dona da loja. Ele vivia no Happy Night, no fim do quarteirão. Mamãe sentia pena dele, deixava que fizesse a limpeza para ganhar uns trocados.

— The Happy Night Motel? — perguntei.

— Logo ali adiante.

— Então foi uma coisa de compaixão — falei. — Da parte de sua mãe.

— Ela tem bom coração — disse Harley. — Não é, Roger?

Suéter assentiu, fumou e aumentou o volume do Travis Tritt. A voz do cantor era melancólica e melodiosa; eu tinha me convencido.

— Schwinn tinha amigos? — perguntei.

— Não.

— E o que me diz de Marge, a mulher que se casou com ele?

— Ela vem comprar ração quando acaba a compra do mês — disse Harley. — Sim, casou-se com ele, mas isso faz dela a esposa, e não amiga dele.

E quando foi que você se matriculou na faculdade de direito, cara?

— Marge o conheceu aqui.

— Acho que sim. — As sobrancelhas de Harley se uniram. Também não vejo a Marge há algum tempo.

— Ela provavelmente está fazendo as compras pela Internet, como todo mundo. Vamos ter que enfrentar isso.

— É — disse Harley, indiferente. — Mas então, cara, me diz por que está fazendo perguntas

sobre ele? Alguma coisa que ele fez?

— Não — respondi. — Ele morreu. Caiu do cavalo uns meses atrás.

— Bem, ela nunca falou nisso. Marge nunca falou nisso.

— Quando foi a última vez em que a viu?

Harley olhou para Roger.

— Quando foi a última vez em que você a viu? — Ele repetiu a pergunta. Roger encolheu os ombros.

— Uns quatro, cinco meses atrás.

— Quase todo mundo faz compras no atacado dos fornecedores — disse Harley. — E pela Internet. Temos que nos conectar.

— Quer dizer então que Marge esteve aqui depois da morte de Schwinn, mas nunca mencionou seu falecimento.

— Provavelmente... eu não poderia jurar, cara. Escuta, não liga meu nome a nada disso, sim?

Roger encolheu de novo os ombros.

— Marge não fala muito, ponto final.

Travis Tritt demitiu-se e Pam Tillis assumiu com "The Queen of Denial".

Harley: — Isso tem a ver com drogas ou algo assim?

— Por que pergunta?

Harley impacientou-se. Seu irmão disse: — O que Vance quer dizer é que o Happy Night... todo mundo sabe. As pessoas entram e saem. Quer nos fazer um favor? Bote eles para fora daqui. Esta quadra antigamente era um lugar legal.

Deixei meu carro no estacionamento da Randall e fui a pé para o motel. Era uma construção com 12 unidades em forma de C erguida em torno de um pátio central e aberto para a rua. O pátio era pavimentado com cacos de tijolo e não parecia ter sido destinado a estacionamento, mas quatro carros compactos sujos e uma picape igualmente imunda transformada em trailer ocupavam o espaço. O escritório ficava do lado direito — um cubículo que cheirava a suor de academia de ginástica guarnecido por um jovem skinhead hispânico, usando uma camisa de caubói azul-água com enfeites vermelho-sangue. Lantejoulas na curva dos ombros, também, mas manchas de gordura nas axilas e pingos de ketchup na frente reduziam o encanto do traje. Pendente sobre a dobra da camisa havia um pesado crucifixo de ferro preso numa corrente de aço inoxidável.

Minha entrada fez soar uma sineta sobre a porta e o atendente me lançou um olhar e depois desviou os olhos para debaixo do balcão. Ação reflexa. Provavelmente checando a indispensável pistola. Ou apenas me fazendo saber que estava armado. Um cartaz na Parede atrás dele dizia SOMENTE À VISTA. A mesma mensagem em espanhol, logo abaixo.

Ele não se moveu, mas seus olhos circularam e a pálpebra esquerda tremeu. Não podia ter mais que 22 ou 23 anos, provavelmente era capaz de aguentar as descargas de adrenalina e os piques na pressão arterial por mais alguns anos. Mostrei o crachá a ele, que sacudiu a cabeça. Em cima do balcão havia uma fotonovela — fotos em preto-e-branco de personagens falando por meio de legendas — formatada como história em quadrinhos. De cabeça para baixo consegui ler as palavras "sexualismo" e "con pasión".

— Não sei de nada — foi logo dizendo. Forte sotaque.

— Não perguntei nada.
— Não sei de nada.
— Sorte sua. A ignorância é uma bênção.
Ele me dirigiu um olhar embotado.
— Pierce Schwinn — falei. — Ele morava aqui.
Sem resposta. Repeti o nome.
— Não sei de nada.
— Um velho, americano, cabelo branco, barba branca?
Nada.

— Trabalhava no Randall's.
Olhar de incompreensão.
— Randall's Western Wear... logo ali.
— Não sei de nada.
— Qual é o seu nome?
— Não sei. — Luz nos seus olhos castanhos. — Gustavo.
— Gustavo o quê?
— Gustavo Martinez Reyes.
— O senhor fala inglês, senhor Martinez Reyes?
Sacudidela de cabeça.
— Alguém que trabalha aqui fala inglês?
— Não sei de na...

Chega de trabalho de detetive. Mas já que eu viera até aqui, por que não tentar de novo em Ojai — dar uma espiada em um lugar que eu sabia que Marge frequentara.

A loja onde comprara os álbuns azuis — O'Neill & Chapin... depois do Celestial Café... da Inglaterra... não fabricavam mais... comprei os últimos três.

Talvez ela não tivesse comprado. Ou talvez Schwinn também tivesse feito compras para si próprio.

Continuei até a próxima rampa e estava de volta à Rodovia 33 em minutos. O ar era frio e limpo, cada cor no seu nível máximo de intensidade e dava para sentir o perfume das frutas amadurecendo nos pomares.

O'Neill & Chapin integrava uma das simpáticas aglomerações comerciais que haviam brotado ao longo da estrada, em um trecho bem sombreado logo após o centro de Ojai, mas muitos quilômetros antes da entrada para o rancho de Marge Schwinn. A loja ficava em uma casa minúscula revestida de tábuas, dominada por carvalhos. As tábuas eram pintadas de verde-floresta e na frente havia quase dois metros pavimentados por pedras que iam do meio-fio até as portas pintadas de verde-claro. Um letreiro em folhas de ouro na vitrine proclamava: O'Neill & Chapin Fornecedores de Papel Fino e Pigmentos. Est. 1986 Por trás das vitrines, persianas escuras de carvalho. Um cartaz dizia: Em viagem de compras pela Europa. Volto logo.

Verifiquei os vizinhos. À direita uma casa de velas perfumadas, também fechada. Depois Marta, Conselheira Espiritual, e o Instituto Teosófico Humanos. À esquerda um prédio comercial de um andar revestido com seixos de rio: um quiroprático, um tabelião que acumulava as funções com corretagem de seguros e um agente de viagem especializado em excursões ecológicas. Ao seu lado, em um canto mais ensolarado, havia um cubo de adobe com uma placa

de madeira na porta.

Celestial Café. Estrelas douradas dançavam em torno das margens dos cartazes. Luzes cintilavam atrás das cortinas listradas de algodão azul. Eram quase três horas da tarde e eu ainda não alimentara nem meu cérebro nem minha barriga. Em ocasiões como esta até bolinhos orgânicos e chá de ervas serviam.

Mas de acordo com o quadro negro montado acima da cozinha aberta, o café era especializado em comida campestre francesa, crepes, quiches, suflês, sobremesas de chocolate.

Café de verdade, Deus Todo Poderoso.

Uma trilha sonora com algum tipo de música New Age — o tilintar de sinos, flauta e harpa — saía das caixas de som instaladas no teto baixo de vigas de madeira. O mesmo tecido das cortinas cobria a meia dúzia de mesas. Uma mulher com o cabelo grisalho elaboradamente trançado, com uma jaqueta de camurça por cima de um vestido cor de rosa de tecido amassado, estava sentada a uma das mesas, deleitando-se com algo que parecia ser uma ratatouille. Não havia nenhum atendente à vista, só uma mulher de cara redonda e corpulenta, de avental branco e bandana azul cobrindo o cabelo, cortando legumes na cozinha. Ao seu lado um fogão Wolfe de seis bocas, com uma chama acesa debaixo da frigideira de ferro fundido especial para fazer crepe. A mistura de farinha, ovos e leite acabara de ser despejada, e a cozinheira interrompeu o corte dos legumes tempo suficiente para apanhar um pano e pegar o cabo da panela, que inclinou habilmente até formar um disco perfeito. Ela fez o crepe deslizar para um prato e depois o cobriu com creme de espinafre. Um pouco de noz moscada, e o crepe foi enrolado e colocado em cima da bancada. E voltou ao corte de legumes.

A mulher de cabelo grisalho se levantou e pegou o crepe.

— Beleza, Aimée.

A cozinheira balançou a cabeça. Parecia ter uns quarenta anos, seu rosto era achatado e seus olhos eram tristes. Os cabelos que escapavam da bandana eram castanho-claros e grisalhos.

Sorri para ela. Seu rosto não registrou expressão, e ela continuou cortando legumes. Li o quadro-negro.

— Que tal um misto de queijo com café? Ela se virou e saiu da cozinha por uma porta lateral. Fiquei ali parado, ouvindo os sinos, a flauta e a harpa. Atrás de mim, a mulher de tranças grisalhas disse: — Não se preocupe, ela volta. Eu estava me perguntando se teria sido algo que falei.

Ela riu.

— Não, é só timidez. Mas é uma cozinheira e tanto. Aimée voltou com uma rodinha de queijo branco.

— Pode sentar — disse, numa voz muito suave. — Eu trago.

— Muito obrigado. — Tentei outro sorriso, sua boca tremeu, projetada para a frente, por menos de um segundo, e ela começou a limpar a frigideira. A mulher de cabelos grisalhos terminou sua refeição na mesma hora em que Aimée trouxe meu prato, uma caneca de café e os talheres embrulhados em um pesado guardanapo amarelo de linho. Ela retornou aos seus legumes e a outra cliente disse: "Aqui está, querida", e pagou em dinheiro. Não houve troco. Também não havia anúncios de cartão de crédito em qualquer parte do café.

Desdobrei o guardanapo, olhei para o meu prato. Dois crepes. De costas para mim, Aimée disse: — Só precisa pagar um. Tenho muito queijo aí.

— Obrigado. Eles parecem deliciosos. Chop chop chop.

Cortei um pedaço do primeiro crepe, dei uma mordida e o sabor invadiu minha boca. O café era o melhor que eu tomara em anos, e disse isso. Chop chop chop.

Estava atacando o segundo crepe quando a porta da frente se abriu e um homem entrou e dirigiu-se para o balcão.

Baixo, gorducho, cabelos brancos, ele usava um macacão esportivo de poliéster vermelho-purpura, fechado na frente por um zíper e com grandes lapelas moles. Tamancos escarlates e meias brancas calçavam os pés curtos e grossos. Seus dedos eram pequenos também, os polegares pouco mais que pequenas saliências arqueadas. Rosto rubicundo, era brincalhão e pacífico — um elfo em repouso.

Um cordão de couro, à guisa de gravata, era mantido em posição por uma pedra púrpura grande e informe. Na sua mão esquerda faiscava um imenso anel de ouro rosado com um cabochão violeta. Ele parecia estar com sessenta e tantos anos, mas eu sabia que tinha 77 porque eu o conhecia. Sabia também por que ele só usava uma cor: era a único matiz que podia perceber em um mundo que, não fora isso, era todo preto-e-branco. A rara forma de daltonismo era uma de um elenco de anomalias físicas congênicas que ele apresentava. Algumas, como os dedos curtos, eram visíveis. Outras, assegurava ele, não podiam ser vistas.

Dr. Wilbert Harrison, psiquiatra, antropólogo, filósofo, eterno estudante. Um homem doce e decente, e até mesmo um assassino psicopata reconhecera isso, poupando-o quando decidiu atacar violentamente todos os médicos que acreditava que o tivessem atormentado.

Eu não fora poupado e conhecia Bert Harrison anos atrás, enquanto tentava descobrir o que acontecia. Desde então nós nos falávamos ocasionalmente — raramente.

— Bert — falei.

Bert virou-se e sorriu.

— Alex! — Levantando um dedo, cumprimentou Aimée. Sem olhar para ele, ela lhe serviu chá e escolheu uma torta coberta de amêndoas na vitrine debaixo do quadro-negro.

Um frequentador habitual.

— Obrigado, querida — disse ele, sentando-se à minha mesa. Colocou a xícara e o prato à sua frente e apertou minha mão entre as suas.

— Alex, que bom ver você.

— Bom ver você também, Bert.

— O que você tem feito?

— O de sempre. E você?

Os suaves olhos cinzentos cintilaram.

— Embarquei em um novo hobby. Instrumentos étnicos, quanto mais esotéricos, melhor. Descobri o eBay... que maravilha, a economia globalizada em sua forma mais perfeita.

Encontro barganhas, espero a chegada dos pacotes como uma criança na véspera do Natal. Esta semana meu programa é uma curiosidade que só tem uma corda, originária do Camboja. Ainda não aprendi seu nome. O vendedor batizou-a de "troço mágico do Sudeste da Ásia". Até agora o som é horrível... como um gato com indigestão, mas não tenho vizinhos. A casa de Bert Harrison era um chalé púrpura no alto de uma colina que descortinava Ojai, cercado de oliveiras e campos vazios e quase escondido por massas de iúcas.

A velha camionete Chevy ficava na entrada de carros, sempre polida e encerada. Em

todas as vezes que o visitei encontrei a porta da frente destrancada.

— Parece divertido — comentei.

— É muito divertido. — Ele mordeu a torta, engoliu um pedaço, lambeu os lábios, esfregou o queixo. — Delícia! O que você tem feito para se divertir, Alex?

Pensar que resposta daria deve ter feito algo ao meu rosto, porque Harrison colocou a mão em cima da minha e fez uma cara de pai preocupado.

— Tão ruim, filho?

— É tão óbvio assim?

— Oh, sim, Alex. Sem dúvida nenhuma.

Eu lhe falei sobre Robin. Ele pensou algum tempo e disse: — Parece que pequenas coisas foram exageradas.

— Não tão pequenas, Bert. Ela realmente não aguenta mais meu modo arriscado de viver.

— Eu estava me referindo aos seus sentimentos. Sua ansiedade em relação a ela.

— Sei que estou ficando paranoico, mas não posso deixar de me lembrar da última vez em que ela saiu.

— Robin cometeu um erro — disse Bert. — Mas arcou com a pior parte dele, e você podia pensar em desligar-se da dor dela.

— A dor dela? Você pensa que isso ainda a incomoda depois de todos esses anos?

— Se ela ainda pensa naquilo, meu palpite é que se sente muito pior que você.

Ele se encontrara com Robin por duas vezes, e nunca o considerei homem de suposições levianas. Poucos meses depois do incêndio de nossa casa, fomos passear em Santa Barbara para uma mudança de cenário e esbarramos em Bert numa livraria especializada em antiguidades na State Street. Ele folheava tratados científicos do século XVIII. Em latim. ("Meu hobby atual, crianças.") Caíram farelos da torta na frente do seu macacão. — Ela ama você profundamente — disse ele. — Pelo menos amava quando a vi, e duvido que aquela profundidade de sentimento possa ter se desvanecido. — Ele comeu mais um pedaço, pegou umas fatias de amêndoa no prato e passou-as por entre os lábios. — A linguagem corporal... a linguagem da mente, estava tudo lá. Eu me lembro de ter pensado que ali estava a garota para Alex.

— Eu também pensava assim.

— Ame o que você tem. Minha segunda mulher era assim, aceitou-me com todas as minhas irregularidades.

— Você acha que Robin me aceita, não importa o que haja.

— Caso contrário, ela teria ido embora muito tempo atrás.

— Mas fazer com que ela tenha que me acompanhar nesta vida de riscos seria cruel.

Ele apertou minha mão.

— A vida é como um ponto de ônibus, Alex. Traçamos a nossa rota, mas nos demoramos brevemente entre as aventuras. Só você pode definir seu itinerário... e esperar que Deus concorde com ele. E então, o que o traz a Ojai?

— A paisagem.

— Então vamos até a minha casa para que você veja minhas últimas aquisições.

Terminamos de comer e ele insistiu em pagar. A velha camionete estava estacionada em frente, e eu o segui por dentro da cidade e pela Signal Street, onde, na subida, passamos por uma vala de drenagem pavimentada com pedras brutas e atravessada por pontes para pedestres, até a

parte de cima da rua. A porta da frente da casa púrpura estava aberta e era protegida por uma porta de tela bastante enferrujada. Bert galgou os degraus com agilidade e fez com que eu entrasse na sala de estar. O espaço era exatamente como eu me lembrava: pequeno, escuro, soalho de tábuas corridas, entupida de peças antigas de mobiliário, xales, almofadas decorativas, um piano, a janela do recanto da sala que se projetava para fora com fileiras de garrafas empoeiradas. Mas agora não havia lugar para sentar.

Um gigantesco gongo de bronze se acotovelava com o piano. Cada sofá ou poltrona exibia tambores e sinos e liras e cítaras e flautas de Pa e harpas e outros objetos que não fui capaz de identificar. O espaço atrás do banco do piano era tomado por uma geringonça com a forma de um dragão de seis pés encimado por uma peça de madeira migada. Harrison passou uma vareta nas partes mais altas e ouviu-se uma escala percussiva, mas melódica.

— De Bali — disse ele. — Aprendi a tocar "O Velho MacDonald". — Ele suspirou. — Um dia chego a Mozart.

Ele tirou os instrumentos de cima de um sofá arqueado e disse: — Fique à vontade.

Quando me sentei, algo metálico atrás do sofá chamou minha atenção. Uma cadeira de rodas dobrada.

— Estou guardando para um amigo — explicou Bert, enquanto acomodou seu corpinho numa cadeira de espaldar duro. Os dedos da mão direita passaram nas cordas de uma harpa sem força para produzir sons. — A despeito do seu estresse, você está com boa aparência.

— Como você.

— Bate na madeira. — Ele passou de novo os dedos na harpa e desta vez soou uma nota. — Sol sustenido — disse ele, sem interromper o que estava dizendo. — Então você está só de passagem? Na próxima vez, telefone para mim e podemos combinar um almoço. A menos, é claro, que você precise de solidão.

— Não, eu adoro companhia.

— Claro, nós todos precisamos de solidão — disse ele. — A chave é encontrar o equilíbrio exato.

— Você mora sozinho, Bert.

— Tenho amigos.

— Eu também.

— Milo.

— Milo e outros.

— Bem, isso é ótimo... Alex, há alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Não — respondi. — Tipo o quê?

— Qualquer coisa, Alex.

— Se você soubesse resolver casos antigos, seria uma mão na roda.

— Casos antigos — disse ele. — Casos arquivados. Um assassinato.

Assenti com um gesto de cabeça.

— O corpo pode estar frio, mas eu gostaria de saber se a memória chega realmente a esfriar. Está a fim de me contar? Eu não estava. Sim, estava.

Capítulo 23

Descrevi o assassinato de Janie Ingalls sem mencionar nomes, lugares ou o Livro do Assassino. Mas não havia sentido em ocultar o nome de Milo. Bert Harrison conhecera Milo e depusera para ele num caso.

Enquanto falava, ele raramente permitia que seu olhar se desviasse do meu rosto. Quando terminei, comentou: — Essa garota... a que envenenou o cão... parece monstruosa.

— No mínimo, severamente perturbada.

— Primeiro um cão, depois uma pessoa... o padrão é típico... em' bora você só tenha a acusação da vizinha como ponto de partida.

— A advertência sobre o comportamento da garota contida na sua ficha é coerente com o relato da vizinha. O lugar dela não era naquela escola, Bert. A família mexeu os pauzinhos provavelmente para tê-la em um esconderijo seguro durante as investigações do assassinato. Ele cruzou as mãos no colo.

— E nenhuma palavra sobre a outra possível vítima... Presumo que Milo a esteja procurando — falou.

— Nenhum sinal dela, por enquanto. O mais provável é que esteja morta. A garota perturbada parece ter desaparecido por completo. Nenhum rastro burocrático. O que cheira a mais interferência da família. — Uma família protetora — disse ele.

— Em termos de ajudar e incitar o erro.

— Hmm... Alex, se o caso foi tirado das mãos de Milo vinte anos atrás, como ele conseguiu ser designado novamente? — Milo não foi nomeado oficialmente — expliquei. — E sim por alguém que sabia que trabalhávamos juntos e tinha certeza de que eu daria a mensagem a ele.

— Que mensagem, Alex? Pensei sobre o quanto deveria dizer. Falei sobre o Livro do Assassino e sua provável ligação com Pierce Schwinn.

— Pierce? — disse ele. — Então é por isso que você está aqui.

— Você o conheceu?

— Conheci. Também conheço a mulher dele, Marge. Doce mulher.

— Milo e eu estivemos no rancho dela alguns dias atrás. É bem possível que tenha sido Schwinn que organizou o álbum, mas as únicas fotos dele que ela afirma conhecer são as de cenas da natureza.

— Você duvida dela? — perguntou Harrison.

— Ela me pareceu sincera.

— Eu acreditaria nela, Alex.

— Por quê?

— Porque é uma mulher honesta.

— E Schwinn?

— Não tenho nada de ruim a dizer sobre ele, tampouco.

— Você o conhecia bem, Bert?

— Nós nos esbarrávamos de vez em quando. Na cidade, nas compras, no Little Theater.

— Você tem conhecimento de algum outro confidente que ele pudesse ter além de Marge? Alguém em quem pudesse ter confiado? Porque o livro me foi enviado sete meses depois que ele morreu.

— Você tem certeza de que o remetente foi ele?

— As fotos de cenas de crime do LAPD, provavelmente furtadas de velhos arquivos. Schwinn era tarado por fotografia, costumava levar a máquina para as cenas de crime e tirar suas próprias fotos. Além disso, Marge Schwinn disse ter comprado três álbuns azuis idênticos para o Pierce, no O'Neill & Chapin. Mostrou-nos dois deles, mas o terceiro estava desaparecido e ela não tinha ideia de onde poderia estar. Foi o que me trouxe de volta. Queria falar com os donos da loja para saber se venderam outros.

— A proprietária é uma linda mulher chamada Roberta Bernstein, que se encontra na Europa. O'Neill & Chapin são seus dois cachorrinhos terrier. — Ele levou o dedo indicador gordo e pequeno aos lábios. — Parece que a totalidade das evidências aponta para Pierce...

— Mas?

— Nada de restrições, Alex. Você montou uma argumentação sólida.

— Alguma ideia para quem ele possa ter passado o livro?

Ele cruzou as pernas e meteu um dedo sob a bainha da perna da calça púrpura.

— A única pessoa com quem vi Pierce foi Marge. E, como eu disse, duvido que ela esteja envolvida.

— Porque ela é honesta.

— E porque Pierce a protegia, Alex. Não consigo imaginá-lo expondo-a a algo assim.

— Parece que você os conhecia bem — comentei.

Ele sorriu.

— Sou psiquiatra. Tenho o direito de teorizar. Não, não chegamos a fazer amizade, mas esta é uma cidade pequena. Você encontra as mesmas pessoas vezes sem conta. Suponho que estou descrevendo a linguagem corporal de Pierce quando eles estavam juntos.

— Protetor.

— Muito. E Marge parecia aceitar bem. Eu achava interessante. Ela nunca havia morado com ninguém antes. Sua família era antiga na região e ela tomava conta do rancho praticamente sozinha havia anos. As pessoas de certa idade costumam ter seus hábitos arraigados e não aceitam bem as exigências de um relacionamento. Marge, contudo, parecia bem contente com a vida doméstica. Ambos pareciam.

— Você sabia que Pierce tinha sido detetive?

— Marge me contou — respondeu Bert. — Logo depois que Pierce se mudou para o rancho dela. Acredito que tenha sido no saguão do teatro. Durante o intervalo. Ela nos apresentou e começamos a bater papo sobre a notícia de um crime que saíra no jornal... ladrões de banco, tiroteio, fuga dos criminosos. Marge disse qualquer coisa no sentido de "se Pierce ainda estivesse na Força, resolveria o que houve".

— Qual foi a reação dele?

— Se me lembro bem, ele não apresentou reação. Não falou muito.

— Era o jeito normal dele. Reservado.

Milo descrevera Schwinn como verbalmente agressivo, dado a passar sermões. Muita coisa tinha mudado em vinte anos. Eu disse: — Marge nos contou que Schwinn havia se tornado um homem sereno.

— Ela deve saber... Quer dizer então que Pierce foi parceiro de Milo. Que interessante. Parece que o mundo fica cada vez menor.

— O modo como ele morreu — lembrei. — Caindo do cavalo. Algum comentário?

Ele descruzou a perna, deu uma batida leve na bochecha rosada e deixou a mão roçar numa sanfona ornamentada.

— Você suspeita de que tenha acontecido alguma coisa que não um acidente, Alex?

— Porque é assim que minha cabeça funciona.

— Ah — disse ele.

Ouvi mentalmente Milo rindo.

— Mundo pequeno — repetiu ele. — É tudo o que posso lhe dizer... Posso lhe preparar um chá, Alex? Espere, você é guitarrista, não é? Tenho um negócio lá nos fundos que pode lhe interessar. Uma guitarra havaiana Knutsen da virada do século. Talvez você possa me dizer como fazer a afinação.

O quarto de hóspedes estava cheio de instrumentos e estandes antigos de música, e fiquei por ali durante algum tempo observando Bert mexer em tudo sem ter propriamente um objetivo, ouvindo-o falar sobre música, ritmo e cultura. Ele começou a se lembrar do seu tempo no Chile. Pesquisa etnográfica na Indonésia, um verão de musicologia em Salzburg, cuidando de crianças israelenses de um kibutz que tinham sido traumatizadas pelo terrorismo. Nenhuma menção aos seus dias em Santa Barbara — os anos que passara em uma escola para crianças perturbadas, a poucos quilômetros de distância. O tipo de lugar em que alguém como Caroline Cossack podia facilmente ter terminado. Que, por sinal, tinha causado mais problemas do que resolvera.

Bert tinha uma memória seletiva para as coisas positivas. Talvez por isso tivesse parecido relutante em imaginar uma jovem garota evidenciando sua brutalidade.

Ele interrompeu a narrativa e levantou as mãos.

— Sou tão chato... você provavelmente está começando a se perguntar se não estou ficando senil.

— De modo algum, Bert. — Embora eu tivesse pensado que ele parecia perturbado.

— A verdade é que perdi um pouco da minha memória de curto prazo. Mas nada além dos padrões da minha idade.

— Sua memória parece ótima para mim.

— Bondade sua. — Ele fez um gesto indicando a sala. — Tudo isto... todos esses brinquedos, Alex, são uma distração maravilhosa. Um menino precisa de brinquedos. — Dedos gorduchos agarraram com força meu antebraço. — Nós dois sabemos disso, não sabemos?

Fiquei para o chá e finalmente disse que tinha que voltar a L.A.

Quando me acompanhou até o carro, ele disse: — Aquela garota. Tão monstruoso, Alex. Se for verdade.

— Você parece cético.

Ele assentiu.

— Realmente, acho difícil acreditar que uma jovem mulher seja capaz de tanta selvageria.

— Não estou dizendo que ela agiu sozinha, Bert, ou mesmo que tenha iniciado o assassinato.

Mas pode ter atraído as vítimas e permanecido ao fundo ou mesmo participado.

— Alguma teoria a respeito do criminoso principal?

— A garota tinha um namorado, seis anos mais velho, com uma história de crimes, inclusive assassinato.

— Sexual?

— Não, emboscada.

- Entendo — disse ele. — Algum motivo particular para não tê-lo mencionado inicialmente?
- É mais provável que o encobrimento seja relacionado à garota.
- O sujeito não era rico.
- Um jovem negro vendedor de drogas nas ruas.
- Entendo... e o que foi feito desse jovem homicida?
- Desapareceu também.

— Uma garota e um rapaz — disse ele. — Isso muda as coisas. Psicossocialmente.
— Uma equipe de matar — falei. — Uma hipótese é um dos dois ter escolhido as vítimas na festa e tê-las levado para algum lugar a fim de serem estupradas e assassinadas.

— Uma situação Svengali-Trilby — disse ele. — Macho dominante, fêmea submissa... porque é isso o que geralmente é necessário para envolver uma jovem impressionável em comportamento de extrema violência. Quase toda violência sexual parece emanar do cromossomo Y, não é? O que mais você sabe sobre o namorado dela?

— Além do fato de ser viciado e traficante, ele era manipulador o suficiente para conseguir fazer um fiador profissional experiente renunciar ao dinheiro emprestado para sua fiança. E calculista o bastante para emboscar o fiador... este é o homicídio pelo qual é procurado. Ainda procurado. Outro dos casos abertos do Milo.

- Triste coincidência para ele: viciado no sentido estrito do termo? Heroína?
- Heroína era sua primeira escolha, mas ele era eclético.
- Hmm... Suponho que isso explique.
- Explique o quê? — perguntei.

— Quando se trata de sádicos, todo mundo pensa logo em álcool ou maconha, certo? Alguma coisa moderada o suficiente para tirar a inibição, mas não incapacitante a ponto de bloquear a libido. Outras drogas... anfetaminas, cocaína... podem estimular a violência que geralmente é fruto de uma reação paranoica. Mas heroína? — ele sacudiu a cabeça. — Os opiáceos são grandes calmantes. Excetuando a necessidade de roubar a fim de obter heroína, não haveria lugar mais seguro que uma cidade cheia de viciados. Eu certamente nunca ouvi falar de um viciado em heroína que agisse de modo sexual violento.

— Não enquanto alto — falei. — Mas um viciado em heroína precisando de uma dose não seria boa companhia.

— Acho que sim. — Ele coçou uma orelha. — Mesmo assim, Alex a violência não seria impulsiva... nascida da frustração? Um viciado estaria interessado na agulha, não em atrair, estuprar e esquarterar mocinhas. Só se concentrar seria difícil, você não acha? Pelo menos era assim no tempo em que trabalhei com viciados.

- Quando foi isso?
- No tempo em que fui interno trabalhei no hospital federal em Lexington.
- Onde você não esteve, Bert?
- Oh, em montes de lugares... perdoe minha digressão, Alex. O que sei sobre crime? Você é o perito.

Quando entrei no Seville, ele disse: — O que falei a respeito de Robin. Não quis abusar e ensinar você a viver sua vida. Hoje eu abusei, não foi?

- Não considere assim, Bert.
- Ele suspirou.

— Sou um velho, Alex. A maior parte do tempo eu me sinto jovem... às vezes acordo de manhã pronto para ir correndo para o auditório e tomar notas. Aí olho para o espelho... é o ciclo da vida. A pessoa regride. Perde o senso do que é adequado. Desculpe.

Os olhos dele se encheram de lágrimas.

— Não há o que desculpar.

— Bondade sua.

Coloquei a mão sobre seu ombro. Por baixo do poliéster púrpura ele era franzino, pequeno e leve.

— Está tudo bem, Bert?

— Tudo está nos conformes. — Ele se adiantou um pouco e bateu carinhosamente na minha mão. — Foi ótimo ter visto você, filho. Não desista.

— Do caso?

— De qualquer coisa que valha a pena.

Desci a colina e parei para dar uma olhada pelo retrovisor. Ele tinha permanecido de pé diante da casa. Acenou. Um aceno cansado. — Definitivamente perturbado, pensei ao me afastar. E as súbitas mudanças de humor — as lágrimas. Um Bert diferente do homem animado que eu tinha conhecido.

As alusões à senilidade.

Nada além dos padrões da minha idade.

Como se tivesse se submetido a exames. Talvez tivesse. Um homem impressionante...

Ele me chamou de filho diversas vezes. Dei-me conta de que não obstante todas as suas viagens e aventuras, fora a primeira vez que mencionara ter sido casado e que nunca tinha falado em filhos.

Sozinho, em uma casa cheia de brinquedos. Se eu chegasse à sua idade, como viveria?

Cheguei em casa pouco antes de escurecer, com os olhos cansados da claridade ofuscante da estrada e os pulmões estourando da mistura de neblina com fumaça. Minha secretária eletrônica não piscava, mas tinham sido deixadas duas mensagens com meu serviço de recados: alguém querendo me vender um seguro contra terremotos e um pedido para ligar para a doutora Allison Gwynn.

— Alô, doutor Delaware — atendeu uma voz feminina jovem no consultório de Allison —, sou Connie Martino, assistente da doutora Gwynn. Ela está atendendo agora, mas pediu que eu lhe dissesse que quer lhe falar. Seu último paciente termina às oito e o senhor pode dar uma passada no consultório se quiser. Ou me diga a que horas mais lhe convém.

— Oito está bom para mim.

— Ótimo. Eu digo a ela.

As sete e quarenta e cinco saí para Santa Monica. O prédio de Gwynn ficava na Montana Avenue, imediatamente a leste a fileira de butiques da praia da cidade, uma construção de cor clara em estilo moderno das décadas de 1940/50 de esquinas arredondadas e uma iluminação que acentuava os detalhes em amarelo-alaranjado. Um pequeno canteiro de açucenas florescia perto da porta da frente, as flores tornadas brancas pela noite. Dentro havia outros conjuntos de salas: um grupo de três mulheres ginecologistas e obstetras, um cirurgião plástico, um endodontista e, ao fim do corredor, A. GWYNN, PH.D. E ASSOCIADOS.

A sala de espera de Allison estava vazia e cheirava a maquiagem e perfume com um

quase nada de estresse. A decoração era composta de poltronas e um grosso tapete de lã, com tudo pintado em variantes de azul-esverdeado bem claro e bege, como se tivessem tentado trazer a praia para dentro. Pontos de luz halógena produziam uma iluminação difusa em um tom de branco levemente dourado — a praia ao lusco-fusco. As revistas estavam empilhadas cuidadosamente. Junto à porta, três botões vermelhos listavam o nome de Allison e, logo abaixo, o de suas assistentes: C. MARTINO, MA., e E. BRACHT, PH.D. Toquei a campainha, e um momento depois ela abriu a porta.

O cabelo preto estava preso atrás em um rabo de cavalo e ela usava um vestido de crepe azul-marinho que ia até os tornozelos, por cima de botas marrons sem brilho.

O vestido tinha uma gola redonda que passava logo abaixo da clavícula. Maquiagem meticulosamente aplicada. Diamantes acentuavam o pulso, o pescoço e as orelhas, mas a tensão se evidenciava em torno de seus grandes olhos azuis. Na primeira vez em que nos encontramos ela sustentara meu olhar com firmeza. Agora focalizava um ponto qualquer acima do meu ombro esquerdo.

— Desculpe por tê-lo feito vir até aqui — disse ela —, mas não queria falar pelo telefone.

— Não me incomode de estar aqui.

As sobracelhas dela se ergueram.

— Bem, então entre.

A sala de dentro tinha os mesmos tons marítimos e a mesma iluminação delicada. A sala era grande o bastante para terapia de grupo, mas estava arrumada para atendimento individual, com uma escrivaninha no canto, um sofá e um par de poltronas de frente uma para a outra, nas quais nos sentamos. O vestido azul-marinho a cobria toda, mas colava no seu corpo, e quando ela se posicionou, vi músculos e curvas, a linha da coxa, o repuxar dos seus seios. Lembrando da sua história com Michael Larner, reduzi mentalmente a marcha.

— Isto pode não ser nada — disse ela —, mas tendo em vista a seriedade do que você está fazendo, achei melhor lhe contar.

Allan mudou de posição na poltrona e me mostrou outro aspecto de seu corpo. Não sedutoramente; tinha a boca apertada com força.

— Agradeço qualquer ajuda que você possa me dar.

A borda do seu lábio inferior insinuou-se entre os dentes e ela a mordeu. Suas mãos se flexionaram. Ela sacudiu a cabeça. Nenhum de nós dois falou. Dois terapeutas avaliando o silêncio.

— Lembrei de uma coisa depois que nós nos falamos — disse ela. — Foi algo que esqueci ou que talvez nunca tenha chegado a registrar porque na ocasião... Tenho certeza de que não é nada, mas pouco tempo depois que Willie Burns deixou a Achievement House, talvez uma semana mais tarde, Larner mostrava-se furioso com Willie. Exaltado. Sei disso porque me chamou à sua sala e a raiva que sentia era evidente. Na verdade eu nunca tinha pensado naquilo em termos de Willie porque tinha meus próprios problemas... ela mordeu o lábio inferior de novo. — Me deixe recuar um pouco...

Desfazendo o rabo-de-cavalo, ela soltou o cabelo em uma onda negra e prendeu-o de novo. Sentando em cima das próprias pernas cruzadas, ela se abraçou e estudou o carpete.

— Larner vinha me importunando havia algum tempo. Começou logo que dei início ao meu trabalho de voluntária. Nada de ostensivo... olhares, sorrisos, comentários sobre minhas roupas...

como eram bonitas, que garota bela e saudável eu era. Passava por mim no corredor e me dava uma palmadinha na cabeça, roçava nos meus quadris ou fazia uma carícia no meu queixo. Eu sabia o que estava acontecendo, só não percebia o quanto aquilo era errado. — Ela pegou o cabelo e alisou as pontas. — Eu não queria deixar a Achievement House, achava que seria uma boa experiência de verão. E mesmo que eu contasse a alguém, ele não chegava a fazer nada de concreto.

— Insidioso — falei.

— Insidioso, sorrateiro e totalmente repulsivo. Tentei evitá-lo e na maior parte do tempo dei sorte. Mas naquele dia... era uma segunda-feira, eu me lembro porque passara o fim de semana na praia e estava queimada. Willie Burns estivera fora uns sete dias, talvez mais. Eu me lembro de ter perguntado por Willie, porque sem ele os corredores ficavam silenciosos. Quando trabalhava, Willie geralmente cantarolava de boca fechada, baixinho, algo no gênero blues. Sempre parecia chapado, mas tinha uma boa voz. E era amável, geralmente levantava a cabeça, sorria e dizia "oi".

— Amável com todo mundo?

— Com os garotos. Que pareciam gostar dele, embora eu tivesse a sensação de que alguns riam nas suas costas... aquele comportamento de quem sempre estava meio dopado.

A única ocasião em que assumia um ar dissimulado era quando estava com Caroline. Seja como for, ele tinha ido embora, e uma mulher mais velha estava fazendo o trabalho dele... uma velha hispânica que não falava inglês. Perguntei ao pessoal o que tinha acontecido com Willie, mas ninguém parecia saber.

Ela se virou na poltrona e pôs a mão em concha sobre um joelho.

— Naquela segunda-feira, eu trabalhava expedindo tabelas quando Larner me chamou a sua sala. Algo sobre novos procedimentos burocráticos. Aquilo me pareceu estranho... por que o diretor ia querer conversar com uma voluntária que não passava de uma simples estudante a respeito de burocracia? Eu não queria ir, mas não consegui inventar uma desculpa. Se recusasse, seria insubordinação. Quando cheguei lá, a secretária de Larner estava na antessala, o que fez com que eu me sentisse melhor. Mas ela disse que eu entrasse e fechou a porta atrás de mim. Era verão e eu usava um vestido branco sem mangas que realçava o bronzeado de minha pele; sabia que ele ia dizer algo a respeito e comecei a me xingar de estúpida por não ter me coberto mais. Mas Larner nem sequer me olhou. Ele estava de pé, mangas enroladas, um charuto na mão, de costas para mim, ao telefone, ouvindo. Permaneci perto da porta. Ele se balançava nos calcanhares e agarrava o aparelho com força — era um tipo rosado, grande, nojento, e suas mãos eram manchadas como o salame.

Depois ele meio que se virou, mas ainda não deu pela minha presença. A expressão do seu rosto era diferente de todas as outras vezes em que o vira. Até então sempre sorria. Tinha um olhar lascivo. Parecia furioso. Rosto vermelho... era naturalmente rosado, mas desta vez mais parecia uma beterraba. Eu me lembro do contraste com o seu cabelo — ele tinha esse cabelo louro-branco que dá a impressão de ser parafinado. Fiquei ali parada, com as costas de encontro à porta, ele berrou qualquer coisa no telefone e desligou com uma batida. Tudo o que percebi foi o nome de Willie Burns. Depois algo como "É melhor fazermos alguma coisa a esse respeito". — Aí ele desligou. Ela levantou uma das mãos. — É isso. Nunca prestei muita atenção a isso porque não era realmente o foco das minhas lembranças.

— Você tinha seus próprios problemas — falei.

Ela abaixou a cabeça e depois a ergueu muito lentamente. Tinha os olhos fechados, e o rosto perdera a cor.

— Depois de bater com o telefone, ele começou a discar outro número, aí então me viu e me dirigi um olhar surpreso... surpreso e cheio de ódio. Como se eu não devesse estar ali. Mas logo em seguida apareceu aquele seu sorriso. Mas a ira permaneceu no rosto dele também, e a combinação me assustou... predatória. Ele contornou a mesa, veio me cumprimentar, apertou minha mão por tempo excessivo, mandou que eu me sentasse e disse algo mais ou menos no sentido de "Como vai minha voluntária favorita?". Por fim colocou-se às minhas costas e ficou ali parado, sem falar ou se mover. Eu podia sentir o cheiro do seu charuto, a fumaça me envolvendo o tempo todo. Até hoje não posso ver um charuto sem...

Ela se pôs de pé bruscamente, deu dois passos largos até sua mesa e sentou-se, pondo madeira e espaço entre nós.

— Ele começou a falar... baixinho, num ritmo monótono. Eu gostava de trabalhar na Achievement House? Havia encontrado satisfação ali? Já tinha pensado na carreira que pretendia seguir? Talvez o magistério fosse uma boa escolha para mim, já que eu era claramente uma pessoa que gostava do convívio dos outros. Eu praticamente não falava, e na verdade ele não queria respostas. Era um monólogo... sussurrante, hipnótico. Então parou de falar e fiquei mais tensa. Ele disse: "Não fique nervosa, Allison. Nós todos somos seus amigos aqui." Nada aconteceu durante um período que me pareceu eterno. Aí, subitamente senti seu dedo no meu rosto, pressionando, afagando, e ele disse algo a respeito de minha pele... como era limpa e viçosa, como era bom ver uma jovem que cuidava de sua higiene.

Ela pegou o cabelo com uma das mãos e puxou com força. Aí bateu com a palma das mãos no tempo da mesa e me encarou — desafiando-me a desviar os olhos.

— Ele continuou a me acariciar — disse ela. — Era irritante... fazia cócegas... e afastei minha cabeça. Aí ele riu, olhei para cima e vi que não tinha sido o seu dedo no meu rosto. Era a coisa dele... oh veja como falo, que nem uma criança... era o pênis que ele esfregava na minha face, empurrava. De tanto espanto, fiquei boquiaberta, e isso foi a pior coisa que podia me acontecer, porque ele riu de novo, enfiou o pênis e segurou minha nuca com a mão do charuto, a fumaça me envolveu e ele empurrou o pênis com mais força para dentro da minha boca, e eu não podia respirar, não conseguia falar. Mas meus olhos estavam abertos, por alguma razão eu os mantive abertos e vi sua camisa branca e a gravata... uma gravata listrada, azul e preta... e a parte de baixo do seu rosto, toda aquela gordura cor de rosa, sua papada estremecendo, e ele balançando nos calcanhares de novo, mas de um modo diferente, e a fumaça do charuto ardia nos meus olhos e comecei a chorar.

Allison ficou gélida e imóvel. Não se moveu por longo tempo.

— Ele não gozou. Graças a Deus. Consegui me livrar, cheguei à porta, saí correndo, nunca olhei para trás. Fui para casa dirigindo como um zumbi e dei parte de doente.

O que não era mentira, porque eu estava mesmo péssima. Fiquei de cama alguns dias. Vomitava quando minha mãe não estava ouvindo, ficava deitada o tempo todo me sentindo degradada e com muito medo e, pior que tudo, achando que eu era uma idiota. Repassava o acontecido vezes sem conta na minha cabeça, me culpando. Pelo bronzeado, pelo vestido e por não ter me precavido... sei que nunca é culpa da vítima, Deus sabe quantas vezes disse isso a

meus pacientes. Mas...

— Você tinha 17 anos — lembrei.

— Não garanto que tivesse me saído melhor... ou me sentido de outra maneira... se tivesse 27. Não ao nível de consciência de vinte anos atrás. Ela baixou a cabeça, soltou o cabelo de novo, brincou com ele tirou qualquer coisa do canto do olho.

— A pior parte foi como me senti sozinha. Abandonada, sem ninguém ao meu lado. Não podia contar a meus pais, porque me sentia pOr demais humilhada. Conteí a Larry Daschhoff uma versão sinettizada, porque, embora fosse meu mentor naquele verão e um tipo bondoso e solícito, era um homem.

E não podia me livrar da sensação de que a culpa era minha. Assim, continuei dizendo na Achievement House que estava doente, falei para minha mãe que estava resfriada e fiquei hibernando no meu quarto. Obcecada com o que tinha acontecido, sonhava com aquilo, só que nos sonhos era pior. Nos sonhos eu não conseguia fugir e Lerner gozava em minha boca e depois me batia, me estuprava e me forçava a fumar o charuto. Até que por fim percebi que estava desmoronando... me consumindo. Precisava fazer alguma coisa. Assim, descobri o nome do presidente do conselho diretor da escola... um advogado do centro da cidade, Preston qualquer coisa, e depois de passar uma semana agonizando liguei para seu escritório. Consegui falar com ele depois de diversas tentativas e conteí o que tinha acontecido. Só que não conteí realmente o que houve, dei uma abrandada. Reduzi a umas agarradas... a mesma história que conteí para Larry. Larry tinha me falado sobre apalpação.

— Como Preston reagiu? — perguntei.

— Ele ouviu. Não falou absolutamente nada, a princípio. Não fez nenhuma pergunta, o que me intrigou. Tive a impressão de que achou que eu fosse maluca. Finalmente disse que ia me procurar depois. Dois dias mais tarde recebi pelo correio uma carta de demissão. Eu estava sendo dispensada por evidenciar maus hábitos no trabalho e por muitas faltas ao serviço. Nunca mostrei essa carta a meus pais, limitei-me a contar que deixara o emprego porque não era desafiador. Eles não se importaram.

Minha mãe queria que eu fosse nadar no clube, jogar tênis e conhecer rapazes. O que ela não gostou nem um pouco foi que eu só queria ficar metida dentro de casa e não tinha a menor intenção de ser social. Assim, arranjou um cruzeiro da família até o Alasca. Grande transatlântico de luxo passando pelas geleiras... filhotes de lontra mamando em meio a massas flutuantes de gelo. Todo aquele gelo azul não conseguia ser tão frio quanto o meu coração naquele período. Ela se levantou, voltou à poltrona e tentou inutilmente parecer à vontade.

— Jamais conteí a alguém o que realmente aconteceu. Até agora. Só que foi no lugar errado e na hora errada. Usando um estranho. Sinto muito.

— Não tem motivo para se desculpar, Allison.

— Todos esses anos — disse ela. — E ainda me corrói... não ter enfrentado aquele bosta. Quem sabe a quantas outras ele terá feito o mesmo? E isso eu poderia ter evitado.

— Teria sido a palavra dele contra a sua, e era ele quem detinha o poder. Não foi sua culpa naquela época e não é sua culpa agora.

— Você sabe quantas mulheres eu tratei... quantas pacientes ajudei com exatamente este tipo de coisa? Não porque eu as procure. Não porque esteja usando meus pacientes para trabalhar meu próprio lixo. Mas sim por ser tão desgraçadamente comum. Ajudo minhas

pacientes, mas quando se trata do meu problema, eu reprimo. Maluquice, não acha?

— Não — respondi. — É humano. Sempre louvo as virtudes de botar os problemas para fora, mas quando se trata dos meus, geralmente fico sozinho.

— É mesmo?

Assenti.

— E você está passando por algum problema agora, não é?

Encarei-a com firmeza.

— Seus olhos estão tristes — explicou ela.

— Estou passando por um probleminha — falei.

— Bem — disse ela —, acho então que somos espíritos afins, e acho também que deixaremos as coisas neste ponto.

Ela me acompanhou até a porta da sala de espera.

— Como lhe disse da primeira vez, você é um ouvinte excepcionalmente bom.

— Risco profissional.

— Foi útil? Contar que Larner estava furioso por causa de Burns?

— Foi — respondi. — Muito obrigado. Sei que foi uma experiência horrorosa.

Ela sorriu.

— Não, foi só uma experiência. O problema pelo qual você está passando agora... não tem nada a ver com Caroline Cossack ou Willie Burns, tem?

Sacudi a cabeça.

— Desculpe — disse ela. — Nada mais de intromissões. — Ela estendeu a mão para pegar a maçaneta da porta e seu ombro esbarrrou no meu braço.

O contato enviou faíscas elétricas pelo meu braço. De repente eu estava duro como uma rocha, lutando para manter minha respiração normal. Para conservar minhas mãos longe dela.

Allison me encarou. Não havia tensão nos seus imensos olhos azuis, só suavidade, tristeza, talvez desejo.

— Não foi uma provação — afirmou. — Você disse a coisa certa. E aqui vai outra confissão: eu estava ansiosa para vê-lo de novo.

— Eu também — falei.

Sorri e encolhi os ombros, e ela fez o mesmo. Uma imitação graciosa.

— Você também, mas — disse ela. — Tem aquele probleminha, certo?

Balancei a cabeça afirmativamente.

— Bem, talvez em outra galáxia, Alex. Você é uma pessoa muito doce. Boa sorte.

— Boa sorte para você também.

Ela manteve a porta aberta. E sustentou-a aberta enquanto eu andava pelo corredor.

Capítulo 24

Milo acordou cedo na manhã seguinte, com o rosto dos homens do encontro no Sangre de Leon lançando olhares maliciosos dentro da sua cabeça. Pensando: Tantos caminhos a seguir e tão pouco de mim para percorrê-los.

Saiu tropeçando para o chuveiro, fez a barba, escolheu as roupas aleatoriamente, ligou a máquina de café, deu uma espiada no relógio. Sete e treze. Um telefonema de emergência tirara

Rick da cama três horas antes. Milo observara no escuro enquanto Rick enfiava a roupa da sala de emergência que ele mantinha cuidadosamente dobrada numa cadeira do quarto, pegava a chave do Porsche na mesinha-de-cabeceira e saía silenciosamente.

Rick interrompeu-se, voltou até a cama e beijou Milo na testa suavemente. Milo fingiu estar dormindo, porque não tinha vontade de falar, nem sequer de se despedir.

Os dois tinham conversado muito na noite inteira, sentados até tarde à mesa da cozinha. A maior parte do tempo Milo falara e Rick ouvira, mantendo uma calma superficial, mas Milo sabia que o encontro com Paris Bartlett o abalara, bem como o tal boato de HIV. Todos aqueles anos, e o trabalho de Milo nunca interferira na vida deles.

Milo tranquilizara-o, e Rick assentira, queixara-se de estar estafado e caíra no sono assim que sua cabeça encostou no travesseiro. Milo tirou as caixas de comida chinesa e os pratos do jantar e meteu-se na cama ao lado dele, ficando ali deitado por uma hora, mais ou menos, ouvindo a respiração regular de Rick e pensando.

Os Cossack, Walt Obey, Larner Júnior, Germe Bacilla, Diamond Jim Horne.

Mais o ator que não aparecera. Ele via claramente aquele rosto: uma máscara estoica, de ébano.

O sorridente Paris Bartlett, o interrogatório pessoal e o boato do HIV diziam que a mão de John G. Broussard estava naquilo tudo.

Lembrou de Broussard — chegou a sentir de novo o cheiro de sua colônia cítrica na sala de entrevistas, vinte anos atrás. O terno feito à mão, toda aquela confiança, assumindo o controle. Ele e seu companheiro cor-de-rosa, Poulsenn. Milo não tinha ideia do que acontecera à sua carreira, mas olha só como John G. fora longe.

Um branco e um preto compondo uma equipe, e o preto sendo o parceiro dominante.

O preto avançando tão rapidamente, isso nos velhos tempos racistas do LAPD. Tinha que significar que Broussard arpoara as baleias certas. Provavelmente usara o Departamento de Assuntos Internos para construir sua influência.

Senhor Honesto Certo. Acobertara o caso Janie Ingalls e Deus sabe mais o quê. Milo fora parte do esquema, permitira que o pusessem de lado, fingira que podia esquecer o caso.

Perguntava-se agora o que aquilo fizera à sua alma.

Serviu-se de café, mas achou-o com gosto de ácido de bateria, cuspiu e bebeu um copo de água da torneira. A luz que entrava pela janela da cozinha tinha o amarelo-acinzentado de catarro velho.

Sentou-se e continuou pensando em Broussard, um cara da South Central que terminara em Hancock Park. Vizinho de Walt Obey.

Todos os chefes de polícia antes de Broussard tinham morado em suas próprias casas, mas John G. convencera o prefeito a lhe dar Urta mansão vazia na Irving Street, livre de aluguel. A construção de três andares, doada à cidade anos atrás pelos herdeiros de um Magnata do petróleo morto havia muito tempo, tinha mais de mil metros quadrados de estilo Tudor, com grandes gramados, uma piscina 284 e uma quadra de tênis; Milo a conhecia porque fizera segurança ali anos atrás em uma festa para um embaixador de um pequeno país asiático que desde então já mudara de nome.

Destinada originalmente a ser a residência do prefeito, a casa da rua Irving não foi usada por anos seguidos porque o predecessor do prefeito tinha sua própria casa em Brentwood e a do

atual prefeito ainda maior, em Pacific Palisades, também era muito boa.

John G. Broussard, antes de sua promoção, residia numa casinha pequena em Ladera Heights e John G. alegou que precisava morar mais perto do quartel-general.

Ladera Heights ficava a meia hora de carro do centro da cidade, e a mansão da rua Irving ficava a quinze minutos da Sixth Street. O prefeito podia levar meia hora saindo do Westside, mas ninguém viu inconsistência na lógica de John G., e o novo chefe conseguiu ir morar na habitação aristocrática. Situada na rua Irving, a menos de um quilômetro da propriedade de Walt Obey em Muirfield.

Obey era um dos maiores doadores da campanha do prefeito. Tinha apoiado o nome de Broussard para chefe de polícia em detrimento de outros três candidatos.

O prefeito e Obey. Obey e Broussard. Obey e um bando de vagabundos jantando um cardápio de nouvelle-cuisine em um cômodo privado no Sangre de Leon.

Empresa particular, governo particular e o longo braço da lei lado a lado. E Schwinn o jogara diretamente no meio daquilo.

Milo saiu de casa olhando em todas as direções e por cima do ombro, entrou no Taurus alugado e seguiu para o norte. Identificar o panaca que se fizera passar por Paris Bartlett, se o seu palpite a respeito de uma trapaça do departamento estivesse certo. Bastava dar uma chegada na academia da polícia em Elysian Parke e folhear os livros de fotos. Mas isso seria muito ostensivo, e por tudo quanto sabia tinham sido suas incursões secretas ao Parker Center e à sua mesa em West L.A. que tinham instigado o departamento contra ele em primeiro lugar. Além do mais, Bartlett era um personagem menor, só um mensageiro, e realmente importava quem o tinha enviado?

Permaneça saudável...

Talvez devesse retornar a Ojai e bisbilhotar mais um pouco. Mas e mais poderia descobrir? Schwinn era o vínculo com Ojai e ele tinha morrido... Caindo de um maldito cavalo...

Ele encostou no meio-fio, pegou o celular e conseguiu o número do necrotério do condado de Ventura. Fazendo-se passar por investigador de seguros, passou a meia hora seguinte sendo jogado de mesa para mesa, tentando obter os fatos completos relativos à morte de Schwinn.

Finalmente um assistente de legista que sabia de alguma coisa atendeu o telefone. A morte fora registrada exatamente como Marge Schwinn descrevera: grande número de ferimentos na cabeça e costelas fraturadas, compatível com uma queda, sangue copiosamente derramado em uma rocha próxima. Considerado acidental, sem circunstâncias duvidosas. Nenhuma droga ou álcool no organismo de Schwinn. Ou no do cavalo, acrescentou o assistente do legista. Um exame de drogas no cavalo parecia algo bastante metucioso, disse Milo.

— Pedido especial da viúva — informou o cara, um sujeito que pela voz devia ser de meia-idade e que se chamava Olivas. — Ela queria que o cavalo fosse testado e estava disposta a pagar.

— Ela suspeitava de alguma coisa?

— Tudo o que diz aqui é que ela requereu um exame completo de drogas em Akhbar... o nome do cavalo. Mandamos uma veterinária de Santa Barbara fazer o exame e ela nos enviou os resultados. A Sra. Schwinn ficou com a conta.

— Quer dizer então que o cavalo estava limpo — disse Milo.

— Totalmente — disse Olivas. — Mas sofreu muito... duas pernas quebradas e uma torção do pescoço. Quando a viúva chegou lá, o animal estava no chão gemendo. Ela teve que sacrificá-lo.

O que houve, a companhia de seguros achou algum problema?

— Não, só estou checando.

— Foi um acidente, ele era um cara velho — disse Olivas. — Montar a cavalo na idade dele, o que é que estava pensando?

— O presidente Reagan montava aos oitenta anos.

— Ah, sim, mas ele tinha os caras do Serviço Secreto para cuidar dele. É como velhos dirigindo... meu pai tem 89 anos, é cego à noite como um morcego, mas insiste em se meter atrás do volante e ir a L.A. para compras, um autêntico menudo. Esse tipo de coisa e os idiotas que insistem em falar no celular, dá um tempo! Se você visse o que vejo entrar aqui todos os dias, ficaria apavorado.

— Estou apavorado — disse Milo, sopesando o telefone.

— Vale a pena se apavorar.

Milo ansiava por cafeína e colesterol. Seguiu até o Farmer's Market na esquina de Third Street com Fairfax e pediu uma omelete verde de chili e duas pilhas de torradas no DuPars. Bateu os olhos em um sem-teto na cabine ao lado. O sujeito usava três jaquetas e abraçava uma guitarra enorme, caindo aos pedaços e sem cordas. O instrumento fez com que Milo pensasse em Robin, mas a psicose evidente nos olhos do sem-teto o atraía no aqui e agora.

Os dois se encararam em uma espécie de jogo do sério até que o sem-teto finalmente largou alguns dólares em cima da mesa, saiu gingando a resmungar contra demônios invisíveis, e Milo conseguiu aproveitar a omelete.

Mais uma vez, pensou, eu trouxe paz e luz ao mundo.

Mas aí a garçonete sorriu aliviada e fez um gesto de positivo, e Milo percebeu que realmente tinha realizado algo.

Ainda com fome, pediu uma pilha de crepes e comeu tudo com café preto, saiu caminhando pelo mercado, desviando-se dos turistas, na esperança de que a distração talvez colocasse seu cérebro em ordem de novo. Mas não deu certo, e depois de inspecionar umas bancas cheias de frutas que não reconhecia e comprar um saco de cajus grandes, deixou o mercado, seguiu no rumo sul pela Fairfax, virou à esquerda na Sixth, no prédio da velha May Company, agora um anexo do museu de arte, e continuou seguindo para leste.

A residência oficial do chefe de polícia John G. Broussard era lindamente cuidada, com a grama tão verde como a Irlanda e mais canteiros de flores do que Milo se lembrava da tal festa diplomática. Um mastro tinha sido colocado bem no meio do gramado e a bandeira das Listras e Estrelas juntamente com o Urso da Califórnia drapejavam à brisa do meio-dia.

Não havia muros ou cercas nem tampouco policiais uniformizados em patrulha, mas a entrada de carros tinha agora um portão de ferro batido e, por entre as fortes barras, Milo viu um carro preto-e-branco da polícia e atrás dele um Cadillac branco, modelo atual. O Caddy provavelmente era a condução da Sra. Broussard. Ele se lembrava dela como uma mulher arrumada, bonita, com o cabelo tingido com hena e ondulado, com o aspecto resignado de uma mulher de político. Como era mesmo seu nome... Bernadette... Bernardine? Ela e John G. teriam filhos? Milo nunca ouvira falar, e ele então percebeu quão pouco sabia da vida pessoal do chefe. Quão pouco o chefe deixava transparecer de sua vida pessoal.

Sete quadras a oeste e quinhentos metros ao sul era o endereço de Walt Obey, em Muirfield. O retiro do bilionário era no fim da rua, onde Muirfield terminava, no limite sul do

Wilshire Country Club. Nenhuma casa à vista, só um muro de pedra de três metros de altura, interrompido por um portão preto opaco de aço, guarnecido por enormes parafusos. Câmera de TV de circuito fechado em um poste. Podia-se imaginar uma mansão no meio de muitos acres, e Milo deslocou-se rapidamente para o espaço do barão Loetz, vizinho da casa de festas dos Cossack. Obey ficaria na sua varanda, bebericando gim e desfrutando o que Deus lhe dera? Oitenta anos de idade e ainda tendo encontros com vigaristas como os Cossack. Alguém grande negócio à vista? Milo percebeu que estava olhando fixamente para o portão de Obey. A câmera de televisão permanecia imóvel. A propriedade era grande o bastante para um tipo atlético como John G. fazer suas corridas nela. Obey e Broussard na varanda? Fazendo planos. Conduzindo as coisas. De repente Milo sentiu-se muito Pequeno e vulnerável. Abaixou o vidro da janela, ouviu os passarinhos chilreando, um barulho de água corrente atrás do muro de Obey. Aí então a câmera começou a rodar. Um circuito automático ou talvez sua presença ali tivesse chamado atenção. Recuou meia quadra, fez rapidamente uma curva de centro e oitenta graus e deu o fora dali. Poucos minutos depois estava estacionado na McCadden com de Wilshire, o celular esquentando a orelha. Outra trapaça. Departamento de Veículos Motorizados resultou em mais endereços e ele deu uma olhada em todos eles.

Michael Lerner morava em um edifício de muitos andares imediatamente a leste de Westwood, no Wilshire Corridor. Pedra rosa e tijolo parecendo de baixa qualidade, porteiro na frente, chafariz exagerado. A casa do filho Bradley em Santa Monica Canyon revelou ser uma casa pequena de janelas e portas azuis com uma estupenda vista do mar e uma placa de ALUGA-SE na frente. Não havia carros na entrada de automóveis e o jardim parecia um pouco largado, de modo que Brad estava morando em outro lugar.

Garvey Cossack Júnior e o irmão Bob residiam juntos em um endereço em Carolwood em Holmby Hills, perto, geograficamente, da casa de Alex em Beverly Glen, mas um outro mundo sob o ponto de vista financeiro.

Carolwood era uma linda quadra montanhosa, arborizada e sinuosa, sombreada por árvores antigas, um dos trechos mais valorizados de L.A. A maioria das casas era de obras-primas arquitetônicas, encaixadas na paisagem como jardins botânicos, muitas delas cercadas por um exagero de plantas ornamentais e com aquela aparência clássica que só resulta da durabilidade.

A residência dos irmãos Cossack era sumamente vulgar, com um telhado de duas águas de telhas azuis e paredes de pedra calcária, construída no alto de uma elevação sem grama ou árvores a vista. Revestimento de pedras na frente, apenas. As laterais de estuque granulado. Serviço de pedreiro de baixa qualidade. A cerca de metal branco aparentava ser artigo barato e o portão elétrico na frente da propriedade não tinha o benefício da Vegetação, possibilitando a visão completa da casa, banhada pelo sol, os flancos irregulares ofuscantemente brancos aqui e ali.

Um depósito de lixo de tamanho duplo transbordando anunciava uma construção em andamento, mas não havia operários a vista; cortinas cobriam as janelas e um minimuseu de automóveis ocupava o resto da enorme entrada para carros. Royce Corniche cor de ameixa. Humvee preto com as Ferrari vermelha (que outra cor poderia ser?), a coisa parecia com um pênis sobre rodas que Milo já vira, um táxi amarelo Pantera, um par de Dodges Vipers, um branco com uma azul no centro, o outro cinza antracito com uma faixa laranja, Corvette branco conversível. Todos debaixo de um toldo de lona improvisado que se estendia, descaído, por sobre

postes de metal. A um lado, em pleno sol, um Honda de dez anos que tinha que ser o carro da criada.

Casa grande e todos aqueles carros, mas nada de ajardinamento paisagístico. Exatamente o tipo de horror que uma dupla de adolescentes iria preparar se tivesse tropeçado em dinheiro sem fim, e Milo era capaz de apostar que os Cossack tinham muitos milhares de dólares de equipamento estéreo no interior da casa, bem como a sala de cinema mais moderna que já se viu, um pub e uma ou duas salas de jogos. Começava a pensar nos dois como um caso duplo de profundo retardo.

A casa era exatamente o tipo do horror que provocaria queixas dos vizinhos em um bairro grã-fino, o que significava que agora ele tinha algo para procurar.

Milo seguiu para o centro da cidade e, depois de vencer o trânsito, conseguiu chegar ao Arquivo Geral às duas da tarde, onde esquadrinhou o que havia em matéria de queixas na Junta de Zoneamento. Sem dúvida três queixas tinham sido apresentadas contra os Cossack, todas por residentes de Carolwood, irritados com o barulho, a sujeira e outras indignidades causadas pela "construção decorada". Todas recusadas por falta de base.

Em seguida ele passou para o registro de imóveis e pesquisou o que havia sobre os Cossack, Walt Obey, os dois Larner e John G. Broussard.

As propriedades de Obey eram protegidas por um grupo de empresas holding, um sistema de segurança que levaria semanas, senão meses, para vencer. O mesmo para os Larner e os Cossack, embora alguma coisa fosse propriedade privada de cada dupla. No caso de Larner, tratava-se de meia dúzia de apartamentos em um prédio da Marina del Rey que pertenciam a pai e filho. Dezesseis conjuntos de lojas na periferia pobre eram registrados nos nomes dos irmãos Cossack. Os meninos viviam juntos, trabalhavam juntos. Que comovente. Nada registrado no nome da irmã Caroline.

Mudando de rumo por um momento, Milo puxou o registro dos imóveis de Georgie Nemerov. O fiador profissional e sua mãe eram coproprietários de uma residência unifamiliar em Van Nuys, que Milo reconheceu como sendo a casa da família vinte anos atrás, e um apartamento de seis unidades em Granada Hills, também registrado em conjunto com Ivana Nemerov. Fosse o que fosse que Georgie tivesse feito ou deixasse de fazer, construir um império imobiliário não parecia fazer parte da equação.

John G. Broussard e sua mulher — Benardelle — haviam conservado a casa da Ladera Heights, assim como três lotes contíguos na West 156th Street, em Watts. Talvez a casa dos pais do chefe ou de sua mulher, uma herança.

Aqui também nada de império imobiliário. Se John G. estava negociando em troca de alguma coisa, não era terra. A menos que ele estivesse encaixado de algum modo no vasto domínio corporativo de Walt Obey.

As pesquisas relativas a Melinda Waters e sua mãe Eileen não deram em nada, e Milo estava pensando no que mais poderia fazer quando o funcionário aproximou-se e disse que o edifício ia fechar. Ele saiu e subiu e desceu a Temple Street, passando pelo lugar onde Pierce Schwinn localizara Tonya Stumpf andando na calçada. O quarteirão agora era um estacionamento do Music Center, cheio com a carga diária de carros dos funcionários municipais e litigantes, estes por causa do prédio do tribunal mais abaixo na rua. Muita gente, muito movimento, mas Milo sentiu-se por fora, sem ritmo.

Seguiu para casa, vagarosamente, sem se importar com as toxinas da hora do rush, os atrasos das obras e principalmente o modo idiota de dirigir de pelo menos metade dos outros motoristas. Todas as sutilezas urbanas que geralmente elevavam sua pressão arterial e faziam com que se perguntasse por que diabos escolhera viver daquele modo. Estava parado em um sinal vermelho na Highland quando o telefone tocou. A voz de Alex: — Peguei você. Ótimo.

— O que há?

— Talvez nada, mas minha fonte... a mulher que Michael Lamer molestou... me telefonou de novo, e nós nos encontramos ontem à noite. Parece que no dia em que Larner deu em cima dela estava furioso com Willie Burns. Enfurecido, falando com alguém a respeito de Burns. Willie tinha desaparecido da Achievement House havia alguns dias e parece que Larner descobriu quem Burns era e estava furioso com o seu desaparecimento.

— Enfurecido — disse Milo.

— Foi como ela o descreveu. Ela entrou na sala quando Lamer desligava o telefone e disse que ele estava vermelho e agitado. Ai então Larner se recompôs e voltou sua atenção para ela. O que aconteceu então pode ter sido mais que uma coincidência. Molestadores e estupradores frequentemente se excitam pela raiva. De qualquer forma, provavelmente não é importante, mas se ajusta à nossa hipótese de trabalho: a família Cossack contratou Larner para esconder Caroline até que o assassinato de Janie Ingalls esfriasse. Burns fez contato com Caroline, depois sumiu, e a família entrou em pânico. Mas nunca o encontraram, e ele conseguiu inclusive escapar depois da prisão por tráfico de drogas, porque Boris Nemerov pagou a fiança imediatamente. Quatro meses mais tarde ele emboscou Nemerov.

— Interessante — disse Milo. — Bom trabalho. — Em seguida fez um resumo do que vira no Sangre de Leon na noite anterior.

— Dinheiro grande — disse Alex. — A velha história. Uma coisa mais: quando eu estava procurando Melinda Waters na Internet, consegui poucos resultados e os abandonei. Depois me dei conta de que talvez tivesse sido apressado demais em relação a um deles em particular. Uma advogada em Santa Fé, Novo México, especializada em falências e despejos. Eu estava pensando em Melinda como uma vadia drogada, sem ver um caminho que a levasse para uma carreira legal, mas seu comentário a respeito de ela aparecer com família e uma casinha de cerca branca me fez pensar, de modo que resolvi visitar de novo o site e checar sua biografia. Tem 38 anos de idade, que seria exatamente a mesma idade de Melinda. E não terminou os estudos senão aos 31 anos e a faculdade de direito aos 34. Antes disso, trabalhou como paralegal por três anos, mas seu currículo ainda deixa sem explicação os anos entre os 18 e os 28. O que combina com alguém que estivesse passando por mudanças, acertando a vida. E veja só: estudou na Califórnia. Graduou-se na San Francisco State e fez direito em Hastings.

— Hastings é excelente — disse Milo. — Bowie Ingalls descreveu Melinda como uma perdedora.

— Bowie Ingalls não era um juiz que prestasse. E as pessoas mudam. Se eu não acreditasse nisso, teria escolhido outra profissão.

— Falências e despejos... Acho que tudo é possível.

— Talvez ela não seja a nossa garota, mas você não acha que vale a pena dar uma olhada?

— Mais alguma coisa interessante na biografia dela?

— Não. Casada, dois filhos. Será que as casas têm cercas brancas lá em Santa Fé? Não é tão

difícil descobrir. Basta um voo de noventa minutos até Albuquerque, mais uma hora de carro até Santa Fé, e a Southwest Airlines têm voos baratos.

— Telefonar para ela seria mais fácil — disse Milo.

— Se ela está tentando se livrar do passado, pode ser que minta. Há um voo às 7h45.

Reservei duas poltronas.

— Manipulador. Estou com orgulho de você.

— Está fazendo frio lá — disse Alex. — De seis abaixo de zero a quatro acima, um pouco de neve no chão. Agasalhe-se.

Capítulo 25

Às 7h15, Milo e eu estávamos no fim de uma fila comprida no portão da Southwest Airlines. O terminal lembrava o velho centro de imigração na ilha de Ellis em Nova York, a não ser pelos sobretudos — postura de fadiga, olhos preocupados, confusão de idiomas.

— Pensei que tivéssemos nossas poltronas — disse Milo, olhando para a frente da fila.

— Nós temos bilhetes eletrônicos — expliquei. — Aqui na Southwest você espera que indiquem sua poltrona. Eles nos embarcam em grupos e dão a cada passageiro um cartão plástico com o número.

— Ótimo... Vou comer meia dúzia de bagels, um pão de centeio cortado em fatias finas e dois pãezinhos de cebola. O voo estava com a lotação completa e sem lugar para nada, mas agradável, com passageiros experimentados e em sua maior parte tranquilos, e a tripulação com nitida veia cômica. Desembarcamos cedo em uma pista de asfalto salpicada de neve e adiantamos os relógios uma hora. O aeroporto Sunport era discreto e abençoadamente silencioso, decorado em tons de terra, turquesa e falso adobe e com alusões a uma cultura indígena dizimada.

Alugamos um Ford Escort no balcão da Budget, e eu dirigi rumo ao norte pela rodovia 25 na direção de Santa Fé, sentindo o 294 vento bater no carrinho. A neve — limpa, branca e fofa — fora acumulada ao lado da estrada, o asfalto tinha sido bem limpo e o céu era mais azul e maior que eu jamais imaginara. Quando abri a janela para testar o ar, recebi uma lufada de ar puro e gelado.

— Maravilha — falei. Milo grunhiu.

A periferia da cidade, as franquias de fast-food e os cassinos dos índios logo deram lugar a imensas vistas do deserto, delimitado pelas pontas avermelhadas das montanhas Sangre de Cristo e por aquele vasto firmamento que parecia cada vez maior.

— Maravilhoso! — exclamei.

— Ei, olha só — disse Milo. — O limite de velocidade é de cento e vinte quilômetros. Enfia o pé no acelerador.

Quando nos aproximamos de Santa Fé, a estrada ganhou altura e os registros de altitude foram subindo até chegar a 2.134 metros. Eu estava cortando velozmente o mais alto dos desertos, sem cactos ou areia. As montanhas eram verdes onde a neve derreteria, assim como a terra plana, coberta de pinheiros resistentes aos ventos e à seca, árvores antigas, irregulares e baixas — vencedoras darwinianas —, onde ocasionalmente também aparecia a afirmação vertical de alamos com os galhos nus. Milhões de árvores com os topos brancos, nem uma única nuvem no céu. Eu me perguntava se Melinda Waters, advogada, havia acordado naquela manhã pensando que aquele seria um grande dia. O que tínhamos pela frente: um pequeno aborrecimento ou uma intrusão que ela jamais esqueceria? Peguei a saída de Saint Francis para a Cerrillos Road e continuei através da parte sul de Santa Fé, que não parecia muito diferente de qualquer outra cidadezinha, com shopping centers, negociantes de automóveis, postos de gasolina e os demais negócios que abundam em rodovias. O escritório de Melinda Waters era numa rua chamada Paseo de Peralta, e minha leitura do mapa que eu pegara na locadora punha essa rua imediatamente depois de Cerrillo 5. Mas os números não batiam, e segui os sinais para o norte até o City Center e o Plaza e de repente estávamos em um mundo completamente diferente. Ruas

estreitas e tortuosas, algumas delas com pavimentos de pedras forçaram-me a reduzir a marcha enquanto passava por construções em estilo colonial espanhol e acabamento em tons vibrantes de terra-de-siena, pêssego e ouro velho. Poças de água formadas pelo gelo derretido cintilavam como opalas. As árvores luxuriantes que se enfileiravam dos dois lados da rua tinham conseguido se livrar de todos os flocos de neve e através dos seus galhos derramava-se o sorriso azul do céu.

Diferentes tipos de comércio alinhavam-se do lado norte: galerias de arte, estúdios de esculturas e vidros, empórios com artigos de cozinha para gourmets, fornecedores de comidas finas. Cafês e restaurantes jamais corrompidos por logomarcas das grandes corporações prometiam tudo, desde comida típica local até sushi. Utilitários esportivos substituíam os antigos cavalos, e pessoas felizes e ágeis de jeans, camurça e botas, que nunca tinham sentido o cheiro de esterco, apinhavam as calçadas.

Atingimos a praça central, um quadrado arborizado com um coreto no meio e cercado por casas de comércio em construções baixas, e passamos por uma passagem coberta entre dois edifícios, onde uns vinte índios vestindo casacos encapuzados sentavam-se atrás de coleções de joias de prata estendidas sobre cobertores, próximo do Palácio dos Governadores. Do outro lado da praça ficava uma construção cuja estrutura de pedra bruta maciça parecia mais europeia que americana. Mais restaurantes e galerias, dois hotéis de luxo e, de repente, a rua Paseo de Peralta tinha desaparecido.

— Muito bonito — disse Milo —, mas você está andando em círculos.

Na Washington Avenue, à sombra de um templo maçônico do rito escocês pintado de rosa-salmão, vi um casal de cabelos brancos com casacos de pele de carneiro com forros de lã passeando com um cão pastor inglês com pelo suficiente para ter fornecido o forro dos casacos e pedi uma orientação. O homem usava uma capa xadrez e o cabelo da mulher era comprido, trançado e enfeitado com borboletas de prata. Ela usava o tipo de maquiagem destinado a dar a impressão de que a pessoa não está pintada, tinha olhos enrugados e um sorriso fácil. Quando mostrei o endereço a ela d uma risada.

— Você quer a parte norte do Paseo de Peralta... ela faz uma volta quase completa na Plaza. Herb, onde é exatamente esse endereço?

O homem riu também. Pelo menos eu fizera alguém feliz.

— Ali mesmo, meu amigo... no fim do quarteirão.

O escritório de advocacia de Melinda Waters ocupava uma das oito suítes de um prédio cor de areia ao lado de uma taverna italiana. A chaminé do restaurante soltava uma coluna de fumaça de contos de fadas e cheiros de comida que acionaram minhas glândulas salivares. Pensei então sobre o que tinha à minha frente, e meu apetite desapareceu.

Os escritórios davam para uma área de estacionamento descoberta que terminava num talude alto e numa fileira de árvores escuras, como se a propriedade — a própria cidade — terminasse em uma floresta. Estacionamos e saltamos. O ar estava gelado e perfeito.

Cada escritório tinha sua própria entrada. Um poste de madeira com placas penduradas servia de indicador de endereços. Quatro outros advogados, um psicoterapeuta, um especialista em massagem terapêutica, um negociante de livros antigos, uma galeria de gravuras. Quão distante estava Ojai? A porta de Melinda Waters estava destrancada e a ante-sala cheirava a incenso. Grandes poltronas de chenile cor de vinho misturado com ferrugem e almofadas com franjas estavam dispostas em torno de uma velha e desgastada mesa preta chinesa. Em cima da

mesa havia livros de arte, revistas destinadas à adoração do estilo, uma tigela de metal dourado cheia de bolinhas duras e cestas de vime com sortimento variado. Será que serviriam para minorar a dor da falência e do despejo? Bloqueando a porta de trás, uma índia de cara redonda com uns trinta e tantos anos estava sentada atrás de uma mesa de carvalho gasta pelo uso e digitava um laptop cor de ardósia acinzentada. Usava um suéter cor-de-rosa e brincos pendentes grandes — geométricos de ouro, mais para Nova York que para o Novo México. Quando nos aproximamos da mesa dela, levantou os olhos sem demonstrar emoção e continuou digitando.

— Como posso ajudá-los?

— A doutora Waters está?

— Tem hora marcada?

— Não, senhora — respondeu Milo, apresentando seu cartão.

— LA. — disse a recepcionista. — A polícia. Viajaram tanto para vir falar com Mel.

— Sim, senhora.

Os olhos dela examinaram o cartão. — Homicídios. — Sem surpresa. Sem qualquer inflexão. Pegou o telefone.

Melinda Waters tinha quase um metro e setenta, era curvilínea, corpulenta e de seios volumosos e vestia um terninho verde-musgo sob medida, tornado ainda mais verde pela parede marrom de livros de direito atrás dela. Os olhos tinham um tom mais claro de verde e o cabelo era louro-mel curto e penteado para trás, destacando o rosto bem-formado e suavizado pelos lábios cheios e um começo de duplo queixo. Os óculos grandes e redondos de aro de casco de tartaruga eram perfeitamente proporcionais ao nariz reto e fino sobre o qual descansavam. Os lábios brilhavam, as unhas eram impressionantes, e o brilhante do anel que trazia no dedo tinha no mínimo dois quilates.

Ela mal nos olhou, exibindo um ar de competência entediada, mas parecia estar se dedicando à surpresa do momento. No instante em que a vi meu coração deu um pulso.

Era o mesmo rosto do anuário do Hollywood High. Milo também percebeu isso. A expressão dele era agradável, mas tinham se formado carochos do tamanho de cerejas onde sua mandíbula encontrava as costeletas.

Melinda Waters fixou os olhos atentamente no cartão de Milo e acenou para que nos sentássemos nas duas cadeiras de encosto de Junco que ficavam diante de sua mesa.

A sala dela era cor de ferrugem e pequena — minúscula, na verdade, mal proporcionando espaço suficiente para a estante, a mesa e um aparador laqueado de vermelho com uma orquídea branca num vaso azul e branco. As paredes perpendiculares aos livros eram enfeitadas com aquarelas de paisagens — colinas verdes acima dos carvalhos, campos de papoulas. Os sonhos da Califórnia. O resto do espaço era ocupado com fotos da família. Melinda Waters com um homem esbelto, alto e de barba escura com dois garotos de ar travesso, de cerca de seis e oito anos. Esquiando, mergulhando, cavalgando, pescando. Família que se diverte unida...

— Detetives da Divisão de Homicídios. Bem, isto sem dúvida nenhuma é diferente.

Voz suave, pontuada de sarcasmo. Em circunstâncias normais ela provavelmente era a imagem do profissionalismo, mas um tremor na parte final dizia que não estava fingindo que se tratava de um assunto de rotina.

— Diferente de que, senhora? — perguntou Milo.

— Do que pensei que estaria fazendo antes do almoço. Francamente, sinto-me confusa. Não

estou trabalhando em casos de L.A. Minha especialidade são os direitos dos inquilinos e a parte financeira...

— Janie Ingalls — interrompeu Milo, abruptamente.

O suspiro de Melinda Waters demorou-se por longo tempo.

Ela mexeu nervosamente nos papéis e nas canetas, fechou o laptop, ajeitou o cabelo.

Finalmente acionou o botão de intercomunicação do seu telefone e disse: — Não passe meus telefonemas, por favor, Inez.

Rodando a cadeira para trás os poucos centímetros que a separavam da estante de livros de direito, Melinda disse: — Este é um nome de muito tempo atrás. O que foi que aconteceu com ela? — A senhora não sabe? — Bem — disse ela —, o seu cartão diz "homicídios", de modo que posso seguramente presumir? — Muito seguramente.

Melinda Waters removeu os óculos, cerrou as mãos, comprimiu um olho com a junta de um dedo. Os lábios brilhantes tremeram.

— Oh, que droga. Suponho que eu soubesse o tempo todo. Mas— Eu realmente não... droga. Pobre Janie... isso é tão... obscuro.

— Muito — concordou Milo.

Ela se sentou mais apurada, como se recorresse à sua reserva de força. Seus olhos agora eram diferentes — inquiridores, analíticos. — E vocês estão aqui após todo esse tempo...? — Porque o caso continua em aberto, Sra. Waters.

— Aberto ou reaberto? — Oficialmente nunca foi fechado.

— Você não está querendo dizer que a polícia de L.A. vem trabalhando nesse caso há tantos anos, está? — Isso tem importância, senhora? — Não... Suponho que não. Estou divagando... isto é realmente... isto me toma da mais completa surpresa. Por que vocês estão aqui? — Porque a senhora foi uma das últimas pessoas a ver Janie Ingalls viva, mas ninguém jamais tomou seu depoimento. Na verdade, só muito recentemente descobrimos que a senhora não tinha sido também uma vítima.

— Uma vítima? Pensaram que eu... meu Deus! — A senhora foi difícil de localizar. Da mesma forma que a sua mãe.

— Minha mãe morreu dez anos atrás. Câncer do pulmão, lá em Pensilvânia, de onde ela era. Antes teve enfisema. Sofreu muito.

— Sinto muito.

— Eu também senti — disse Waters. Ela pegou uma caneta dourada entre diversas que estavam em um copo esmaltado e equilibrou-a entre os dedos indicadores de ambas as mãos, A sala era uma caixa de joias, tudo arrumado cuidadosamente. — Todo esse tempo vocês realmente pensaram que eu estivesse... que estranho — sorriso fraco.

— Quer dizer então que eu renasci, não é? A caneta caiu retinindo em cima da mesa. Ela pegou-a e colocou de volta no copo.

— A senhora poderia, por favor, nos contar tudo de que se lembra a respeito daquela noite?

— Eu tentei descobrir onde Janie estava. Telefonei para o pai dela... vocês estiveram com ele?

— Morreu também, senhora.

— Como foi que morreu?

— Acidente de carro.

— Dirigindo embriagado?

— Sim.

— Não surpreende — disse Waters. — Que sujeito nefasto, sempre de porre. Ele não me tolerava, e o sentimento era mútuo. Provavelmente porque eu sabia que ele ia me agarrar se tivesse uma chance, e por isso nunca lhe dei a menor oportunidade... sempre fiz questão de me encontrar com Janie do lado de fora do prédio dela.

— Ele avançou na senhora? — quis saber Milo.

— Nunca lhe dei uma chance, mas suas intenções eram óbvias... olhares maliciosos, me despindo mentalmente. Ademais, eu sabia o que ele fizera com Janie.

— Ele abusava sexualmente da filha?

— Só quando estava bêbado — respondeu Waters, irônica. — Ela nunca me contou senão pouco antes de ser... pouco antes que eu a visse pela última vez. Acho que o que a fez falar foi o fato de ter passado por uma experiência ruim mais ou menos um mês antes. Ela estava pegando carona e entrou no carro de um tarado que a levou para um hotel no centro da cidade, amarrou-a e fez o que bem entendeu. Quando Janie me contou isso pela primeira vez, não parecia muito irritada. Meio blasé, na verdade, e a princípio eu nem acreditei porque ela estava sempre inventando coisas. Mas ela levantou as pernas do jeans e o bustiê e me mostrou as marcas da corda onde ele amarrara os tornozelos e os pulsos. O pescoço também. Quando vi aquilo, falei: "Jesus, ele podia ter matado você." Ai ela calou a boca e recusou-se a falar mais sobre aquilo.

— O que foi que ela lhe contou sobre o tal homem?

— Que era jovem e bonito e dirigia um carro maravilhoso... e que por isso mesmo fora com ele. Mas para dizer a verdade, ela provavelmente teria ido com qualquer um. Grande parte do tempo Janie estava em órbita... chapada ou bêbada. E não era uma pessoa cheia de inibições. Melinda removeu os óculos, brincou com as hastes e deu uma olhada nas fotos da família.

— Que advogada eu sou, falando sem me controlar. Antes de prosseguirmos, preciso de sua garantia de que tudo o que eu lhe disser será confidencial. Meu marido é uma figura semipública.

— O que ele faz?

— Jim é assistente do governador. Ligação com o Departamento Rodoviário. Mantive o nome de solteira no meu trabalho, mas qualquer coisa desagradável poderá ser rastreada até a pessoa dele.

— Vou me esforçar ao máximo, senhora.

Waters sacudiu a cabeça.

— Não é o bastante. — Ela se levantou. — Lamento, mas esta reunião está suspensa. Milo cruzou as pernas.

— O único motivo que nos trouxe aqui foi ouvir suas lembranças de Janie Ingalls. Não há qualquer presunção de envolvimento criminoso da sua parte.

— Pode ter certeza absoluta de que não foi mesmo feita qualquer suposição desse tipo — interrompeu Waters, dedo em riste. Isso nem sequer passou pela minha cabeça, pelo amor de Deus. Mas o que aconteceu a Janie vinte anos atrás não é problema meu, e salvaguardar minha privacidade é. Por favor, vão embora.

— Mas a senhora sabe tão bem quanto eu que não posso garantir confidencialidade. Isso depende da autoridade do promotor. Estou sendo sincero e gostaria que a senhora também fosse. Se não fez nada de errado, não tem com que se preocupar. A recusa em cooperar não blindará

seu marido. Se eu quiser complicar sua vida, tudo o que tenho de fazer é falar com meu chefe e ele dará um telefonema e... Ele lhe mostrou as palmas das mãos.

Waters bateu com as mãos nos quadris. Seu olhar era frio e fixo.

— Por que está fazendo isso?

— A fim de descobrir quem matou Janie Ingalls. A senhora está certa a respeito de uma coisa. Foi obsceno. Ela foi torturada, queimada com cigarros, mutilada.

— Não, não, não! Nada de tratamento de choque, me dê um pouco de crédito.

Milo comprimiu as palmas das mãos.

— Isso se tornou desnecessariamente antagônico, senhora Waters.

— Basta que me diga o que sabe e eu farei o máximo para mantê-la de fora. É a melhor proposta que posso fazer. A alternativa significa pouco mais de trabalho para mim e muito mais complicações para a senhora.

— Você não tem jurisdição no Novo México — disse ela. — Tecnicamente, você está ultrapassando seus limites legais.

— Tecnicamente a senhora ainda é uma testemunha material. E da última vez em que pesquisei, o Novo México ainda tinha relações diplomáticas com a Califórnia.

Waters deu outra olhada para os retratos de sua família, sentou se novamente, pôs os óculos e resmungou "merda". Nós três nos sentamos em silêncio por um minuto inteiro antes dela dizer:

— Isto não é justo. Não tenho orgulho do tipo de garota que fui e gostaria de me esquecer disso.

— Todos nós fomos adolescentes — falei.

— Bem, mas fui uma adolescente da pior qualidade. Só fazia merda e era uma drogada, exatamente como Janie. Foi justamente isso o que nos aproximou. Mau comportamento... Jesus, não consigo me lembrar de um único dia em que não ficassemos bêbadas. Além de... outras coisas que me dão enxaqueca quando penso nelas. Mas consegui me livrar daquilo... na verdade, o processo começou no dia em que eu e Janie nos separamos.

— Na festa? — indagou Milo.

Waters ia pegar outra caneta, mudou de ideia e pôs-se a brincar com o puxador de uma gaveta — levantando e deixando cair a peça de metal uma, duas, três vezes.

— Agora tenho meus próprios filhos — disse ela. — Imponho limites, provavelmente sou severa demais porque sei o que há aí fora. Há dez anos não toco em nada mais forte que um chardonnay. Amo o meu marido. Ele é um homem de futuro. Minha firma vai bem... Não sei por que qualquer uma dessas coisas deva ser prejudicada por erros que cometi vinte anos atrás.

— Nem eu tampouco — disse Milo. — Não estou tomando notas, e nada do que for dito aqui irá para algum arquivo. Eu só quero saber o que aconteceu a Janie Ingalls naquela noite de sexta-feira. E tudo que a senhora possa me dizer sobre o homem que a estuprou no centro da cidade.

— Eu disse tudo o que sabia a respeito dele.

— Jovem, bonito e com um carro legal.

— O carro pode ter sido fantasia da Janie.

— Quão jovem?

— Ela não disse.

— Raça?

— Presumo que fosse branco, porque Jane não disse que não era. E ela teria dito. Janie era um pouco racista... saiu ao pai.

— Alguma outra descrição física?

— Não.

— Um carro luxuoso — disse Milo. — Que marca?

— Acho que ela disse um Jaguar, mas não tenho certeza. Com tapetes de pele... me lembro disso porque Janie falou que seu pé afundou no tapete. Mas com Janie, quem pode saber ao certo? Estou tentando lhe dizer: ela estava sempre fantasiando.

— A respeito de quê?

— Na maioria das vezes sobre ficar alta e frequentar festas com astros do rock

— Isso chegou a acontecer?

Ela riu.

— Difícilmente. Janie era uma garota triste, da parte errada de Hollywood.

— Um sujeito jovem com um Jaguar — disse Milo. — O que mais?

— É tudo o que sei — assegurou Walters. — Sinceramente.

— A que hotel ele a levou?

— Ela só disse que era no centro, em uma área cheia de vagabundos e mendigos. Disse também que o cara parecia conhecer o lugar... o funcionário da recepção jogou-lhe uma chave no momento em que ele entrou. Mas não achou que ele morasse ali porque no quarto para onde a levou não parecia que residisse alguém. Não guardava roupas lá e a cama sequer estava coberta. Só um colchão. E corda. Ele pôs a corda numa gaveta da cômoda.

— Ela não tentou escapar quando viu isso?

Waters sacudiu a cabeça.

— Ele lhe deu um baseado no caminho. Um grandão, de alta qualidade, talvez mesclado com haxixe, porque Janie estava realmente flutuando, e era isso o que o haxixe normalmente lhe fazia. Ela me disse que toda a experiência se passou como se estivesse observando uma outra pessoa. Até mesmo quando ele a empurrou para cima da cama e começou a amarrá-la.

— Braços, pernas e pescoço. Era onde havia marcas. O que aconteceu a seguir?

Um clarão de fúria surgiu atrás dos óculos de Waters.

— O que você acha? Ele fez o que tinha que fazer com ela. Usou todos os orifícios.

— Ela disse isso?

— Em termos mais crus. — O cinzento dos seus olhos se aprofundara, como se uma luz interna tivesse sido abafada. — Janie me disse que sabia o que ele estava fazendo, mas que nem sentia.

— E ela se mostrou blasé a respeito do acontecido.

— A princípio. Mais tarde... uns poucos dias mais tarde, tomou um porre de Southern Comfort e começou a falar de novo sobre o que houve. Sem choro. Com raiva. Raiva de si própria. Sabe o que realmente a irritou? Não tanto o que ele fez, que ela não estava nem ali o tempo todo. O que a deixou furiosa foi ele não a ter levado em casa depois. Largou-a em East Hollywood e ela teve que caminhar alguns quilômetros. Isso a enraiveceu. Mesmo assim, culpou-se. Disse algo mais ou menos assim: "Deve ser qualquer coisa que eu tenho que faz com que as pessoas me tratem desse modo. Até mesmo ele". Perguntei a quem se referia e, com uma expressão de fúria no rosto, ela respondeu: "Ele, Bowie." Aquilo me emocionou demais... primeiro o tarado, agora incesto. Perguntei há quanto tempo aquilo vinha acontecendo, mas Janie se calou de novo. Insisti para que me dissesse, e por fim ela mandou que eu me calasse se não

quisesse que contasse a minha mãe que puta eu era.

Ela riu.

— O que era uma ameaça viável. Eu não era nenhum modelo de vida saudável. E mesmo que minha mãe não fosse nenhuma dona de casa perfeita, também não era nenhum Bowie e teria se chateado e me castigado seriamente.

— Bowie não se importava — disse Milo.

— Bowie era um canalha, um sujeito que absolutamente não prestava. Acho que isso explica por que Janie faria qualquer coisa para não ter que ir para casa.

Pensei na nudez do quarto de Janie e perguntei: ela por acaso teria um lugar para dormir ou morar temporariamente ou onde ficasse? Nada de permanente. Ela dormia na minha casa ou de vez em quando invadia aqueles apartamentos abandonados ao norte do 111 Wood Boulevard. Em certas ocasiões, desaparecia por vários dias de uma vez e não queria me dizer onde estivera. Ainda assim, no dia seguinte à festa... depois que Janie e eu tínhamos nos separado, telefonei para Bowie. Eu odiava até mesmo o chão que aquele bandido imoral pisava, mas ainda assim queria saber se Janie estava OK. Era o que eu estava tentando lhe dizer: fiz uma tentativa. Mas ninguém respondeu.

— Quando vocês se separaram?

— Logo depois que chegamos lá. Eu gostava de Janie. Nós duas éramos muito malucas, e isso nos unia. Acho que tive uma sensação ruim a respeito da festa... sobre ela desaparecer sem mais aquela no meio de tanta agitação. Nunca me esqueci realmente de Janie. Anos mais tarde, quando estava na faculdade e aprendi a usar o computador, tentei encontrá-la. Depois, já estudante de direito, tive acesso aos bancos de dados legais e pesquisei em tudo quanto era tipo de arquivo municipal. Califórnia e estados vizinhos. Registro de imóveis, arquivos de pagamentos de impostos, notícias de mortes. Mas ela não estava em parte alguma. Waters pegou o cartão de Milo.

— Homicídios de L.A. Significa que ela foi assassinada em L.A. Por que então não apareceu a notícia de sua morte em lugar nenhum?

— Boa pergunta, senhora.

— Oh — fez Waters, recostando-se. — Isto é mais do que um caso reaberto, não é? Alguma coisa realmente saiu mal.

Milo encolheu os ombros.

— Ótimo. Maravilhoso. Isso vai me envolver e me ferrar, não importa o que eu faça, não é mesmo?

— Vou me esforçar ao máximo para evitar.

— Você parece quase sincero. — Ela esfregou a testa, pegou um frasco de um analgésico em uma gaveta, tirou um comprimido e engoliu em seco. — O que mais quer de mim?

— A festa — respondeu Milo. — Como foi que a senhora e Janie souberam da festa, para começar.

— Papo de rua, a garotada comentando. Havia sempre muita conversa sobre festas, especialmente quando se aproximava o fim da semana. Todo mundo tentava descobrir quais as festas mais animadas. Muitos de nós odiávamos nossas casas e faríamos qualquer coisa para estar fora. Janie e eu éramos uma dupla de peritas nessa coisa de festas. Às vezes terminávamos em raves que aconteciam em prédios abandonados ou ao ar livre... algum canto remoto do

parque Griffith ou da represa Hansen. Estamos falando aqui de um mínimo em termos de divertimento: uma banda desafinada qualquer tocando de graça, belisquetes baratos, um monte de drogas. Principalmente as drogas. Porque na realidade os promotores das festas eram traficantes, e seu principal objetivo era o incremento das vendas. Em outras ocasiões, contudo, as festas eram de verdade, na casa de alguém. Abertas para todo mundo, ou mesmo que não fossem, geralmente não havia problema para penetrar.

Ela sorriu.

— De vez em quando nos botavam para fora, mas uma garota quase sempre conseguia penetrar e se dar bem.

— A festa daquela noite era do tipo que acontecia na casa de alguém — disse Milo.

— O casarão de alguém, uma mansão, e a conversa na rua falava em muitas drogas. Janie e eu pensamos em ir lá dar uma olhada. Para nós, uma viagem a Bel Air era como ir à lua. Janie falava sem parar sobre ir a uma festa com garotos ricos e talvez arranjar um namorado disposto a lhe dar toda a droga que quisesse. Como falei, ela adorava fantasiar. A verdade é que nós éramos duas completas perdedoras, sem carro, sem dinheiro. Assim, fizemos o que fazíamos sempre... pegamos carona. Não tínhamos sequer o endereço, achávamos que, uma vez em Bel Air, descobriríamos. Peguei Janie na casa dela na tarde de sexta-feira e passamos um bocado de tempo no Hollywood Boulevard... jogando joguinhos eletrônicos, roubando cosméticos nas lojas, pedindo um dinheirinho aqui e ali sem conseguir muita coisa. Depois que escureceu, descemos até o Sunset onde ficavam as melhores caronas, mas na primeira esquina que tentamos havia por perto algumas piranhas que ameaçaram cortar nossos rabos e tivemos que nos deslocar para oeste... entre Brea e Fairfax, onde ficam todas as lojas de guitarras. Lembro disso porque enquanto esperávamos uma carona, olhávamos as guitarras nas vitrinas comentando que seria muito legal se organizássemos uma banda de garotas e ficássemos ricas. Mesmo que nenhuma de nós tivesse um pingote de talento. De qualquer modo, finalmente... devemos ter esperado mais de uma hora... conseguimos uma carona.

— Que horas? — quis saber Milo.

— Devia ser nove, dez.

— Quem pegou vocês?

— Um estudante de faculdade... do tipo ce-de-efe. Ele disse que estudava na Caltech, mas que estava indo à U. porque tinha um encontro com uma garota lá e era realmente perto de Bel Air. Ele tinha que nos contar isso porque não tínhamos ideia daquela região... não creio que qualquer uma de nós já tivesse estado a oeste de La Cienega, exceto quando tomávamos o ônibus direto para a praia ou, no meu caso, quando visitava meu pai na base naval de Point Mugu. O tal garoto ce-de-efe era bom sujeito. Tímido, provavelmente nos pegou em um impulso e se arrependeu. Porque começamos imediatamente a perturbá-lo. Mudando o rádio para a nossa estação, pondo a todo volume, provocando... flertando com ele. Perguntando se não queria ir à festa conosco em vez de ter um encontro careta com uma coleguinha de classe. Nós fomos realmente detestáveis. Ele ficou envergonhado, e isso nos enlouqueceu. Estávamos também com esperança de que ele nos levasse até o lugar da festa, porque ainda não tínhamos ideia de onde era. Assim, continuamos a importuná-lo, mas ele disse que não, que gostava de sua namorada. Lembro que Janie mostrou-se realmente rude, dizendo algo do tipo: "Ela provavelmente é mais fria que gelo, posso lhe dar algo que ela não pode." O que foi a coisa errada a dizer. Ele parou o

carro na Stone Canyon com Sunset e mandou que saíssemos. Comecei a sair, mas Jane me segurou e começou a perturbá-lo para nos levar a tal casa, o que o enfureceu ainda mais. Janie era assim, sabia ser extremamente insistente, tinha um verdadeiro talento para dar nos nervos de outras pessoas. O garoto começou a gritar, empurrou Janie, tivemos que saltar, e ela teve um ataque de ira quando ele se afastou.

— Stone Canyon e Sunset. Perto da festa.

— Nós não sabíamos. Éramos ignorantes. E estávamos bêbadas. Lá no bulevar, tínhamos afanado também uma garrafa de Sour Comfort e bebemos quase tudo no caminho. Eu detestava. Para mim tinha gosto de pêssego e xarope para tosse, mas Janie adorava. Era sua bebida favorita. Dizia que era a bebida em que Janis Joplin era ligada, e ela própria era fã de Janis porque achava que sua mãe era parecida com ela nos seus tempos de hippie. Que escolhera o nome de Janie por causa da Janis.

— Outra fantasia — falei.

Ela aquiesceu.

— Janie precisava das fantasias. Sua mãe a abandonou... fugiu com um cara negro quando Janie tinha cinco ou seis anos, e Janie nunca mais a viu. Talvez aí esteja outra razão para que Janie sempre fizesse comentários racistas.

Milo perguntou: — O que vocês duas fizeram depois de saltarem?

— Subimos a Stone Canyon e prontamente nos perdemos. Não havia calçadas e a iluminação era péssima. Não havia ninguém por perto para a gente pedir informações. Todas aquelas mansões incríveis e nenhuma viva alma, nenhum dos barulhos que se ouvem nos bairros de verdade. Assustador. Mas estávamos nos divertindo... era uma aventura. Uma hora vimos a radio-patrolha de Bel Air vindo na nossa direção e nos escondemos atrás de umas árvores. Ela franziu a testa.

— Idiotice completa. Graças a Deus que meus filhos não estão ouvindo isto.

— Como foi que vocês encontraram a festa?

— Andamos em círculos por algum tempo e finalmente terminamos onde começamos, no Sunset. E foi lá que um segundo carro nos pegou. Um Cadillac, entrando na Stone Canyon. O motorista era um cara negro e eu tinha certeza de que Janie não ia querer entrar... com ela, era sempre "crioulo" para cá, "crioulo" para lá. Mas quando o sujeito abaixou o vidro e sorriu para nós aquele sorriso enorme e perguntou se estávamos procurando a festa, Janie foi a primeira a entrar.

— O que a senhora se lembra do motorista?

— Vinte e poucos anos, alto, magro... por alguma razão, quando penso nele, sempre me lembro de Jimmi Hendrix. Não que fosse fisicamente parecido, mas lembrava. Irrequieto, suave, aquele jeito solto e confiante. O rádio do carro estava tocando realmente alto e ele acompanhava o ritmo movendo a cabeça.

— Um Cadillac — disse Milo.

— Novo, mas não extravagante. Um sedã grande e conservador, bem cuidado. Reluzente, cheirando a novo... um perfume doce. Lilás. Como se pertencesse a uma mulher de idade. Lembro que pensei isso, perguntando-me se ele o teria roubado de alguma velha. Porque ele certamente não combinava com o carro, vestido como estava, com um horrível terno de brim recoberto de enfeites de imitação de diamantes e com todas aquelas correntes de ouro.

— Que cor?

— Clara.

Milo abriu sua pasta, retirou o retrato de Willie Burns tirado na polícia e passou-o por cima da mesa. Os olhos de Melinda Waters dilataram-se.

— É ele. Foi ele quem matou Janie?

— Ele é uma pessoa que estamos procurando.

— Ainda está solto por aí?

— Talvez.

— Talvez? Como assim, talvez?

— Já se passaram vinte anos e ele era viciado em heroína.

— Você está querendo dizer que ele tinha uma baixa expectativa de vida — disse ela. — Mas ainda o procura... Por que o assassinato de Janie foi reaberto? Qual é a razão verdadeira?

— Eu fui o detetive original do caso — disse Milo. — Fui transferido. Agora me transferiram de volta.

— Transferido pelo seu departamento ou a seu pedido? — quis saber Waters.

— Isso interessa, senhora?

Ela sorriu.

— É pessoal, não é? Você está tentando resolver seu próprio passado.

Milo também sorriu, e Waters devolveu o retrato.

— Wilbert Burns — disse ela. — Então agora eu tenho um nome.

— Ele nunca se apresentou?

— Intitulou-se nosso novo amigo. Eu sabia que ele era tanto viciado quanto um traficante.

Porque parecia drogado... engolindo as palavras. Dirigindo realmente devagar. A música que ouvia típica de viciado em heroína... jazz lento... um trompete realmente vagaroso. Janie tentou mudar a estação, mas ele pôs a mão em cima da dela e ela não tentou de novo.

— Como soube que ele era traficante?

— Ele nos mostrou sua mercadoria. Carregava uma dessas bolsas de homem que mantinha no banco ao seu lado. Quando entramos, ele a pôs no colo e depois de andar um pouco, abriu o zíper e perguntou: "Que tal uma provinha de um negócio doce, moças?" Dentro da bolsa havia envelopes de pílulas e saquinhos cheios de um troço branco... não poderia dizer se era heroína ou cocaína. Daquele troço eu guardei distância. Para mim era só maconha ou álcool e, de vez em quando, ácido.

— E a Janie?

— Janie não tinha limites.

— Ela provou da mercadoria de Burns?

— Não no carro, provavelmente mais tarde. Porque ela e Burns engataram qualquer coisa desde o início. Nós três fomos no banco da frente, ela do lado de Burns e eu junto da janela. No minuto em que ele começou a dirigir, ela passou à ação... jogou o cabelo no seu rosto, descansou a mão em sua perna, foi subindo.

— Qual foi a reação de Burns?

— Ele amou. Disse "Oh, baby", algo assim. Janie ria, os dois riam de nada em particular.

— A despeito do racismo dela.

— Não pude acreditar. Dei várias cotoveladas nela, querendo saber o que estava

acontecendo, mas ela me ignorou. Burns dirigiu até a festa... ele sabia exatamente onde era, mas tivemos que estacionar na rua por causa do grande número de carros.

— Ele falou alguma coisa sobre a festa? — perguntou Milo.

— Disse que conhecia as pessoas que estavam bancando, eram ricas mas legais e que a festa ia ser o fino do fino. Depois quando entramos, ele disse algo como: "Pode ser que o presidente apareça." Porque a casa tinha colunas altas, como a Casa Branca. Janie achou isso hilário. Eu estava isolada àquela altura, sentindo que Janie ia me pôr de lado.

— O que aconteceu em seguida?

— Nós entramos na casa. Estava vazia e cheirava a mofo. Muito lixo por toda parte, latas de cerveja, garrafas e Deus sabe mais o quê. A garotada corria por toda parte, sem banda, só fitas tocadas em altíssimo volume... um monte de aparelhos estéreos ligados ao mesmo tempo por toda parte, realmente uma cacofonia, mas ninguém parecia se importar. Todo mundo estava de porre, os garotos circulavam parecendo dopados, esbarrando uns nos outros, meninas de joelhos chupando os caras bem no meio da pista de dança, havia casais dançando e bem do lado outros casais transando, levando pontapés, sendo pisoteados. Burns parecia conhecer um monte de gente.

Foi cumprimentado alegremente muitas vezes enquanto atravessávamos a multidão. Ai então apareceu do nada uma garota esquisita, tipo atarracada e agarrou-se nele.

— Esquisita como?

— Baixa, gorda, espinhas. Esquisita... alienada. Mas ele imediatamente atacou de beijinho-beijinho com ela e eu vi que Janie não gostou. — Waters sacudiu a cabeça.

— Ela conhecia o cara havia quinze minutos e já estava com ciúme.

— Janie fez algo a respeito?

— Não, só ficou com cara de aborrecida. Vi logo porque eu a conhecia. Burns não viu... ou não ligou. Passou um braço pela gordinha e outro por Janie e saiu com as duas. Levou sua bolsa pendurada no ombro.

— E a senhora?

— Fiquei para trás. Alguém me passou uma cerveja e mãos começaram a me agarrar. Não delicadamente. Estava escuro, e quem quer que estivesse fazendo aquilo começou a engrossar, querendo arrancar minha roupa. Afastei-me e comecei a perambular pela casa, procurando um lugar quieto para relaxar, mas não havia. Cada centímetro era dedicado à festa. Os caras continuavam a me agarrar, de vez em quando um me puxava para o salão de dança e, em vez de lutar, eu dançava um pouco e depois escapava.

Ai então as luzes apagaram, a casa ficou mais escura ainda e eu mal podia enxergar onde estava pisando. O Southern Comfort no meu organismo tão pouco ajudava. Eu me sentia nauseada, tonta, queria dar o fora de lá procurei Janie mais um pouco, não consegui achá-la e fiquei furiosa com ela por ter me abandonado. Finalmente disse a mim mesma para esquecê-la e quando alguém me puxou de novo para a pista dancei um bocado. E quando me ofereceram uma pílula, engoli. A próxima coisa de que me lembro foi de acordar no chão de um banheiro do andar de cima ouvindo gritos avisando que a polícia ia acabar com a festa, e corri para fora da casa junto com todo mundo... foi como um estouro da boiada. De algum modo terminei na parte de trás da picape de alguém sacudindo o corpo ao longo do Sunset.

— Picape de quem?

— Um bando de caras. Pareciam surfistas. Terminaram na praia, Santa Mônica ou Malibu, não sabia distinguir. A festa ainda continuou mais um pouco, e eu caí no sono na areia. Na manhã seguinte, ao acordar, vi que estava sozinha. Fria, molhada e enjoada. O sol nascia e eu suponho que a paisagem era linda, mas só conseguia pensar em como me sentia péssima. Aí então pensei no meu pai... aquartelado em Mugu. Comecei a chorar e meti na cabeça que tinha que vê-lo. Foram necessárias quatro caronas e quando cheguei à base, o sentinela não quis me deixar entrar. Comecei a chorar de novo. Já fazia muito tempo que eu não via meu pai. Ele se casara de novo e sua nova mulher me detestava. Pelo menos era o que minha mãe sempre me repetia. Fosse qual fosse a verdade, ele deixara de me telefonar. Chorei como uma criança pequena e o sentinela deu um telefonema e me disse que meu pai não estava na base, tinha embarcado para a Turquia três dias antes. Aí então eu desmontei de tanto chorar e acho que o sentinela ficou com pena, porque me deu todo o dinheiro que tinha no bolso... trinta e três dólares e quarenta e nove cents — ela sorriu. — Isso eu me lembro precisamente.

Enfiando a mão por baixo dos óculos, ela tocou com os dedos o canto interno dos olhos.

— Finalmente alguém estava sendo bom comigo. Nunca agradeci, nem sequer soube seu nome. Caminhei de volta para a estrada litorânea, levantei o polegar e peguei uma carona com uns mexicanos que iam colher repolhos em Ventura, e de carona em carona fui subindo a costa. A primeira parada foi em Santa Cruz. Fiquei lá uma temporada porque era bonito, e tinha aquela coisa de retrospectiva hippie acontecendo, muita comida grátis e parques onde dormir.

Com o tempo, segui para São Francisco, Crescent City, Oregon, Seattle e voltei para Sacramento. Os dez anos seguintes foram meio indistintos. Finalmente criei juízo... você não vai querer saber os detalhes maçantes.

— Como eu disse, queremos manter sua privacidade.

Melinda Waters riu.

— Obrigada pela consideração.

Capítulo 26

Milo fez mais algumas perguntas — mais gentilmente e sem resultados —, depois a deixamos sentada à sua mesa, parecendo perplexa. Ao sair do estacionamento, a fumaça da chaminé do restaurante italiano chamou minha atenção.

— Quer almoçar? — perguntei.

— Acho... sim. Por que não?

— Nada de sanduíches. Vamos partir para coisa melhor. Nós merecemos.

— Por quê?

— Porque fizemos algum progresso.

— Você acha? A taverna do outro lado da rua era dividida em quatro saletas caiadas, cada uma aquecida por uma lareira em formado de colmeia e encimada por tetos onde se viam vigas rústicas. Pedimos cerveja, uma entrada mista, espaguete com alcaparras, azeitonas e alho e ossobuco a uma jovem ágil que parecia genuinamente feliz de nos servir.

Quando ela saiu, Milo disse: — Progresso.

— Podemos situar Janie, Willie Burns e Caroline Cossack na noite do assassinato. Você não tem dúvidas de que ela era a garota esquisita, tem?

Ele sacudiu a cabeça.

— A história de Melinda também proporciona um motivo possível: ciúme.

Caroline tinha qualquer coisa com Burns e achou que Janie estava se movimentando em seu território.

— O eterno triângulo levando àquilo.

— O eterno triângulo combinado com droga, psicopatologia, uma festa com baixo nível de inibição e o racismo de Janie. Nenhuma carência de gatilhos. E em mais uma coisa que se ajusta: o assassinato de Janie foi uma morte sádica, o que nos tem feito indagar por que não apareceram outras vítimas, já que sádicos sexuais e frios não desistem. Mas se a morte resultou de uma explosão de momento, uma única vítima faz sentido.

— Janie no local errado, na hora errada.

— A descrição de Janie feita por Melinda faz dela a vítima perfeita: drogada, não muito inteligente, com tendência a fantasiar e irritar as pessoas, uma história de abuso sexual. Jogue os ingredientes no ensopado, acrescente uns "crioulos" indiferentes e quem sabe.

— O que é que você pensa da reação blasé de Janie ao estupro no hotel do centro?

— Não me surpreende — respondi. — As pessoas esperam que as vítimas de estupro reajam do modo como veem na televisão. O que acontece às vezes. Mas a pseudocalma é muito comum. Letargia protetora. Tendo em vista a vitimização de Janie pelo pai, faz sentido perfeito.

— Para ela teria sido mais do mesmo — disse Milo. — Pobre garota.

Ele beliscou a comida e empurrou o prato para longe.

— Há uma discrepância entre a descrição do estupro feita por Janie tal como Melinda se lembra e o que Schwinn me contou. De acordo com Melinda, o esturpador largou Janie a dois quilômetros da casa dela. O informante de Schwinn disse a ele que Janie fora largada em uma viela, onde foi encontrada inconsciente por um bebedor.

— Pode ter sido Janie embelezando o quadro — falei. — Avida por um pouco de dignidade.

— Patético — disse ele.

— Alguma ideia de quem foi o informante de Schwinn?

— Nada. Ele nunca me deu o menor indício. Eu ficava esperando que ele me pusesse por dentro das coisas, me ajudasse a aprender o caminho das pedras, mas nós íamos simplesmente de caso em caso, e quando chegava a hora do trabalho burocrático, ele ia para casa. E eis que agora Schwinn puxa as cordinhas da sepultura... Se Janie inventou a parte sobre voltar para casa a pé, pode ser que o rapaz do Jaguar também seja falso. Ela não queria admitir que ele era um corcunda sarnento e babão num calhambeque, certo? O suposto bebum.

— Pode ser. Mas se ela estivesse sendo sincera, a história do Jaguar é interessante. Um rapaz com um carro de luxo alugando um quarto em um hotel vagabundo não estaria em segurança. A menos que tivesse ligações. Tipo Papai é dono do hotel. E Janie disse a Melinda que o funcionário da recepção parecia conhecer o cara. Talvez fosse interessante saber quem eram os proprietários de hotéis de baixa categoria vinte anos atrás.

— Você está pensando em um manda-chuva do ramo imobiliário. Os Cossack Ou Larner. Ele me falou sobre Playa del Sol e esfregou o rosto.

— Eu me lembro de alguns hotéis lá. Os piores ficavam na Main ou perto, entre Third e Seven. Pulgueiros que só tinham quartos de solteiro, cheios de beberrões. O Exeter, o Columbus... devia haver uma boa meia dúzia, a maioria escorada em subsídios federais... quer dizer que agora tenho que resolver um estupro acontecido há vinte anos sem vítima, assim como um assassinato. Acho que não, Alex.

— São apenas sugestões — falei. — Não é para isso que vocês me pagam?

Ele forçou um sorriso.

— Desculpe. Estou me sentindo cercado. Incapaz de realizar meu trabalho investigativo normal porque isso me coloca na mira.

— Paris Bartlett e o telefonema da divisão de Pessoal.

— E o nível dos envolvidos. Aquele jantar com Obey. Não imagino que estivessem se reunindo para trocar amostras de crochê. Bacilla e Horne vivem de receber suborno e se Walt Obey estava envolvido em algo, pode contar que a cifra em jogo tem montes de zeros, groussard não se encontrava no restaurante, mas sua mão está metida nisso desde o princípio. Ele é vizinho de Obey, e Obey é um de seus maiores colaboradores financeiros. Tudo isso faz de mim uma pilha. E adivinha só: corre um boato no departamento sobre um detetive soropositivo prestes a se aposentar... Permanença saudável, hem?

— Meu Deus — exclamei. — Sutil.

— Sutileza policial. Nós treinamos com cassetetes, não com bisturis. Parece que eu não poderia ter escolhido uma hora pior para remexer nas cimzas, Alex. E o diabo é que não consegui nada... acabou? Vamos voltar para a poluição. Esta cidade é bonita demais.

No trajeto de volta para Albuquerque, Milo esteve taciturno e inalcançável. A comida do almoço fora excelente, mas eu comi mais do que ele, pela primeira vez.

Milo cochilou todo o voo para L.A. Novamente no Seville, ele disse: — Encontrar Melinda foi um progresso em termos de motivo, meios e oportunidade. Mas que diabos vale isso quando não tenho ideia de quem são meus suspeitos? Se eu tivesse que apostar, poria meu dinheiro em Willie Burns, em alguma sepultura anônima. Os caras do dinheiro por trás de Caroline o teriam

visto como uma ameaça, e mesmo que não o tivessem liquidado, havia seu hábito de consumir heroína. Caroline, a louca, pode estar morta ou em qualquer lugar de Bahamas a Belize. Mesmo que eu a encontrasse, o que poderia provar? Convocariam um de seus colegas, e ela ia direto para um quarto luxuosamente acolchoado.

- Parece desanimador — falei.
- Que baita terapeuta você é.
- Terapia da realidade.
- A realidade é a maldição dos sensatos.

Peguei a Sepúlveda até Venice e de lá a Motor Avenue rumo ao sul, passando pela Achievement House.

- Por falar em sutileza — disse ele.
- É um atalho.
- Não há atalhos. A vida é monótona e estúpida... Não pode fazer mal examinar os tais hotéis baratos. É uma coisa que posso fazer sem atrair atenção. Mas não espere nada. E não se meta em encrenca pensando que pode combater as minhas batalhas.
- Encrenca tipo o quê?
- Tipo qualquer coisa.

Robin deixara um recado na minha secretária eletrônica, parecendo apressada e desligada. A excursão tinha se deslocado para Vancouver, e ela estava hospedada no Pacific Lodge Hotel. Telefonei e pedi seu quarto. Uma voz masculina alegre atendeu.

- Sheridan — falei.
- Sim?
- Alex Delaware.
- Oi. Vou chamar a Robin.
- Onde ela está?
- No banheiro.
- Como vai meu cachorro?
- Hmm... Está ótimo.
- A razão pela qual estou perguntando é que você parecia estar numa boa com ele.

Apareceu lá em casa equipado com um biscoito canino. Muito intuitivo.

- Ele... Eu gosto de cachorros.
- É mesmo?
- Bem, é verdade.
- Melhor para você.

Silêncio.

- Deixa eu dizer a Robin que você está no telefone.
- Muito obrigado — falei, mas ele já tinha largado o aparelho, e eu estava me dirigindo ao vazio. Ela entrou na linha poucos momentos depois.

- Alex?
- Oi — falei.
- O que há de errado?
- Com quê?
- Sheridan disse que você parecia mal-humorado.

— Sheridan deve saber — falei. — Sendo um cara sensível e tudo mais.

Silêncio.

— O que houve, Alex?

— Nada.

— Não é nada — disse ela. — Cada vez que ligo você está mais...

— Insensível? Ao contrário de você-sabe-quem?

Silêncio maior.

— Você não pode estar falando sério.

— Sobre o quê?

— Sobre ele. — Ela riu.

— Fico feliz por divertir você.

— Alex, se ao menos você soubesse... não posso acreditar. O que foi que deu em você?

— Tempos difíceis põem para fora o melhor que há em mim.

— Por que razão você iria pensar uma coisa dessas? — Ela riu de novo, e provavelmente foi isso que me fez explodir.

— O cara aparece com um maldito biscoito de cachorro — lembrei. — Vou lhe dizer uma coisa, querida, os homens não prestam. Altruismo desse tipo sempre vem junto com exigências.

— Você está sendo totalmente ridículo.

— Estou? Cada vez que ligo para o seu quarto ele está aí.

— Alex, isto é um absurdo!

— OK, então. Sinto muito. — Mas não havia nada de arrependido no meu tom de voz, e ela percebeu.

— O que foi que deu em você, Alex?

Pensei no que poderia responder. Aí então um nó fechou minha garganta e saiu: — Suponho que eu tenha direito a um pouco de incoerência. Da última vez que você me deixou, não foi tão bom assim.

Silêncio.

— Oh... Alex. — Ela mal conseguiu dizer meu nome. Minha mandíbula trancou. Ela disse: — Não posso fazer isso. E desligou. Permaneci sentado, perversamente satisfeito, com o cérebro morto e a boca cheia de bile. Aí então caiu a ficha, e aquela sensação de fracasso tomou conta de mim: Idiota idiota! Disquei de novo o número dela. Sem resposta. Tentei a telefonista do hotel de novo e fui informado de que a Srta. Castagna tinha saído.

Imaginei-a atravessando o saguão correndo, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Que tempo estaria fazendo em Vancouver? Teria se lembrado do casaco? Sheridan a teria seguido, sempre pronto com suas palavras de consolo?

— Senhor? — a voz da telefonista. — Gostaria do correio de voz da Srta. Castagna?

— Oh, sim claro... Por que não? Ouvi a voz de Robin atendendo a mensagem e esperei o bip. Escolhi as palavras cuidadosamente, mas terminei engasgado e deixando o aparelho cair da minha mão.

Transferi-me para o escritório, cerrei as cortinas e me deixei ficar ali sentado naquela escuridão cinzenta, ouvindo o latejar de minha cabeça. Que bela encrenca você arranjou, Alexander... e o diabo era que Bert Harrison tinha me avisado.

Bert era um sábio, por que eu não o ouvira? O que fazer... mandar flores? Não, isso seria

insultar a inteligência de Robin e piorar as coisas. Duas passagens para Paris...

Foi preciso muito tempo para eu conseguir empurrar meus sentimentos para um lugar qualquer abaixo dos meus tornozelos e me sentir adequadamente anestesiado.

Fixei o olhar na parede, visualizei a mim mesmo como um grão de poeira e esforcei-me ao máximo para desaparecer. Liguei o computador e fui direto para o Google, mecanismo de busca capaz de localizar uma lanchonete em Flintão.

"Walter Obey" rendeu trezentos e tantos resultados, 90% pertencentes ao bilionário, com mais ou menos um quarto de repetições. A maior parte composta de artigos de jornais e revistas de negócios. Divididos mais ou menos por igual entre as atividades filantrópicas i obey e seus negócios financeiros.

Walter e Barbara Obey tinham contribuído para a Filarmônica, Music Center, Paternidade Programada, Preservação das Montanhas de Santa Mônica, Humane Society, abrigos para a juventude sem-teto e uma grande quantidade de fundações que combatiam doenças trágicas. O Sierra Club também, o que achei interessante para um empreiteiro, por ser uma organização destinada à preservação dos recursos naturais.

Não consegui achar nada a respeito de esportes organizados ou qualquer ligação entre Obey e os planos abortados para trazer equipes esportivas para L.A. Em nenhum dos artigos o nome dele era citado juntamente com o dos irmãos Cossack ou os Larner. Obey e a mulher tinham pouca vida social e eram pessoas discretas — para bilionários.

Uma única, se bem que aristocrática, residência no Hancock Park, nenhum criado morando com eles, roupas compradas prontas, nenhum hobby dispendioso. Barbara tinha um Volvo e trabalhava como voluntária na sua igreja. Se era possível acreditar na imprensa, ambos os Obey eram tão saudáveis como o leite. No entanto, um tópico publicado em um número do Wall Street Journal de um ano atrás chamou minha atenção: uma das empresas de Obey, uma firma de capital fechado chamada Advent Builders, investira em um terreno enorme ao sul dos limites da cidade de L.A. — uma área pública, onde a tal firma planejava construir uma comunidade inteira, e completa, com residências etnicamente diversas, casas para famílias de baixa e média renda, escolas públicas, setores comerciais e parques industriais com bom tratamento paisagístico e "completas instalações recreacionais".

Obey levava dez anos para acumular 15 mil acres de lotes contíguos e gastara milhões para livrar a terra do lixo tóxico deixado Por um depósito de energia extinto muito tempo atrás. Diferentemente de outros construtores de impérios imobiliários, ele considerara o impacto ambiental dos seus projetos desde o princípio e estava a fim de coroar sua carreira com algo que fosse culturalmente significativo.

A nova cidade seria batizada de Esperanza. Combinei "Esperanza" com o nome de cada um dos irmãos Cossack e com os Larner e não consegui nada na busca. Acrescentar John G. Broussard comprovou não ser nem um pouco mais útil. Tentei "Advent Properties" e só "Advent". Ainda nada no que dizia respeito aos Cossack e aos Larner, mas uma notinha em uma revista especializada em construções informava que o chefe de polícia de L.A. fora contratado como assessor de segurança do projeto Esperanza.

Broussard, incapacitado pelas leis municipais, trabalhava de graça, mas ações da Advent tinham sido dadas à mulher do chefe e à filha única do casal, Joelle, advogada corporativa em uma firma de elite sediada no centro de L.A.

Broussard não aparecera no tal jantar, mas o palpite de Milo estava certo: a mão do chefe de polícia era visível em tudo.

O gosto amargo do meu mau comportamento com Robin continuou a subir como ânsias de vômito à medida que eu me esforçava ao máximo para me concentrar em Obey, Broussard e nos outros, querendo saber o que aquilo poderia significar.

"Completa instalações recreacionais" podia significar apenas play grounds para crianças, bem como podia incluir também a importação de um time de futebol profissional para o entorno de L.A.

Bilionário com um grande sonho — eu podia ver aquilo como sendo a gloriosa coroação da longa carreira de Obey. E fazia sentido colocar o chefe de polícia no topo do seu mastro.

Mas se as informações divulgadas sobre a conduta virtuosa de Obey e o tamanho de sua fortuna pessoal fossem exatas, por que iria ele perder seu tempo com os Cossack, que se indispunham com os vizinhos e não conseguiam fazer com que nenhum de seus projetos levantasse voo? No caso dos Lerner a associação seria ainda mais arriscada — eles eram vigaristas totais, maculados pelo fiasco Playa del Sol.

A menos que os balanços de Obey não fossem tão resplandecentes como a imprensa acreditava e ele precisasse de reforço financeiro para seu sonho. Até mesmo bilionários podem perder o controle sobre seus ativos e suas dívidas, e Obey passara a última década comprando terra e custeando a remoção das toxinas de suas propriedades sem que uma única pá de terra fosse escavada no projeto Esperanza.

Grandes sonhos frequentemente se traduzem por problemas catastróficos.

Mudei para diversos bancos de dados financeiros e procurei espinhos nos numerosos jardins de Obey. Pelo menos sete corporações diferentes eram listadas sob sua liderança, inclusive a Advent. Mas a única negociada publicamente era uma empresa comercial de leasing chamada BWO Financing. BWO. Provavelmente as iniciais de Barbara e Walt Obey. Confortável. Pelo que eu podia dizer, a firma ia muito bem, com as ações comuns sendo negociadas a 95% do seu valor, as preferências pagando dividendos consistentes e merecendo sólidas cotações da Standard & Poor.

Ainda assim, os melhores analistas de Wall Street eram conhecidos por terem sido apanhados de calças curtas em ternos de luxo, porque, no fundo, dependiam daquilo que as próprias empresas lhes diziam. E porque os interesses delas residiam na venda de ações.

Estaria o império de Obey vacilando e ele procurara os Cossack e os Lerner em busca de apoio? Teriam os Cossack e os Lerner o suficiente para oferecer a Obey? O envolvimento de Bacilla e "Diamond Jim" Horne era intrigante. Se o empreendimento planejado de Obey estava fora dos limites da cidade, de que adiantariam dois vereadores? A menos que os planos tivessem mudado e o foco se voltasse para o centro da cidade. Nada combinava. Aí então me lembrei do cimento que mantinha tudo aglutinado: A ajuda de John G. Broussard no encobrimento do assassinato de Janie Ingalls implicava ele ter ligações com os Cossack e, talvez, com os Lerner. Walt Obey era um dos principais padrinhos do chefe de polícia. Talvez Broussard tivesse aproximado todos eles e obtido para si próprio uma boa quantia pelo serviço prestado, acrescida às ações doadas à sua mulher e filha. Teria o chefe escondido uma substancial quantia do escrutínio público? Com as múltiplas corporações de Obey, esconder dinheiro seria bastante fácil.

Suborno. Retorno financeiro. Apesar de todo o seu poder e status, John G. Broussard

permanecia sendo um servidor civil cujo salário e pensão o classificariam, na melhor das hipóteses, à classe média alta. Negociar com os garotos maiores poderia significar muito mais.

Imaginei o negócio: Walt Obey salvando seu sonho, os Cossack e os Lerner tendo a oportunidade de um grande salto social e econômico com o dinheiro que ganhariam com as fileiras de lojas dos shoppings e os estacionamentos do maior dos monumentos. Para o chefe Broussard e os vereadores, bom e velho dinheiro em espécie.

Muito em jogo.

E agora Milo tinha a oportunidade de explodir tudo em mil pedacinhos.

Capítulo 27

— Teoria interessante — disse Milo. — Eu também andava especulando ao longo das mesmas linhas, só que naquela noite a linguagem corporal de Obey era mais de beneficiário do que de beneficiado.

— Bacilla e Horne são pedintes de qualquer ângulo que você olhe, porque a vida política deles depende dos financiadores. E Obey vem sendo o líder da matilha com os políticos há muito tempo. Mas você nunca teve uma chance de vê-lo interagir com os Cossack.

— Não — admitiu Milo.

Estávamos sentados à mesa da cozinha da casa de Milo. Passei uma hora miserável remoendo um jeito de consertar as coisas com Robin e cheguei a fazer outra tentativa de encontrá-la no hotel. Nada. Quando alcancei Milo, ele estava voltando para casa vindo do Arquivo Geral com uma pasta cheia de fotocópias. Ele vasculhara o imposto Predial e encontrara 14 hotéis baratos operando vinte anos antes no kid Row, a área dos pobres e bêbados, mas nenhum era dos Cossack ou de qualquer outro dos envolvidos naquela história.

— Chega disso.

Examinei a lista que ele espalhou diante de nós. Um nome saltou aos meus olhos. Um trio de hotéis da Central Avenue — Excelsior, Brande Royale e Crossley — de propriedade de Vance Coury e Associados. — Um garoto chamado Coury fazia parte do grupo dos Cossack e de Brad Lerner na escola — falei. — Todos eles pertenciam a um clube chamado King's Men.

— Coury — disse Milo. — Nunca ouvi falar.

Ele foi pegar seu laptop no escritório da lavanderia. Uma busca resultou em três ocorrências de dois homens chamados Vance Coury. Um artigo de um Times de 11 anos atrás descrevia um Vance Coury, 61 anos, de Westwood, como tendo sido acionado pelo advogado da cidade acusado de explorar os inquilinos de seus pardieiros. Coury era descrito como "proprietário de diversos prédios no centro da cidade e no bairro de Westlake que, repetidamente, deixava de corrigir numerosas violações do código de construção e de segurança". Um ano antes, Coury fora condenado por acusações similares e sentenciado, por um juiz criativo, a morar em um dos seus prédios por duas semanas. Ele restaurara uma unidade em dois dias e encarregara-se do gerenciamento da casa sob a proteção de um guarda armado. Mas o quociente de empatia de Coury não melhorara absolutamente nada. Não fizera nada para melhorar as condições de vida de seus inquilinos, e o juiz perdeu a paciência. Um artigo datado de três semanas depois relatou que Coury evitara o julgamento por crime grave desabando na sala do seu advogado e morrendo de derrame. A foto que acompanhava o artigo mostrava um homem muito magro, de cabelo e barba brancos, com o olhar desafiador e assustado de quem luta para se lembrar da sua última mentira. Vance Coury Jr. apareceu em uma edição dominical do Daily News de dois anos atrás como tendo contribuído com a customização da pintura vitoriosa em uma competição de carros envenenados na Califórnia. Coury, 42 anos, era proprietário de uma oficina situada em Van Nuys especializada na "restauração de veículos clássicos e especiais", e sua equipe tinha dado 45 camadas de pintura em um Dodge Roaster 1938 cortado e aumentado, que era conhecido como o Comedor Púrpura de Gente.

— Outra dupla de pai e filho — comentou Milo.

— O pai é dono do hotel, o filho utiliza suas instalações — falei.

— E o filho era amigo dos Cossack. Isso significa que ele pode muito bem ter estado presente naquela festa. O que proporciona um ângulo de visão inteiramente novo. E se foi assim: Janie separou-se de Uelinda e passou a acompanhar Burns e Caroline. Burns deu-lhe um ouço de droga e apresentou-a a alguns de seus amigos riquinhos. De repente Janie vê-se face a face com Vance Coury, o Príncipe Encantado que a amarrou, estuprou e largou numa viela como lixo.

Ela se apavora, há uma altercação, e Coury, talvez com uma ajudinha dos amigos, apaga Janie antes que ela possa armar uma cena. Eles a subjugam e a levam para um lugar isolado, e Coury pensa, bem, por que não tirar partido da situação? Sabemos que ele está nessa de sadismo, e o que poderia ser mais excitante para ele do que a impotência dela? Ele faz lá o que tem que fazer e dessa vez os outros aderem. O negócio fica fora de controle e atinge um ponto sem volta. O que eles precisam agora é se livrar do corpo. Por causa das propriedades do pai, Coury conhece bem o centro da cidade e escolhe um local que ele sabe que é quieto e relativamente deserto tarde da noite: a rampa de acesso na avenida Beaudry. Ele leva um ou dois companheiros, o que explicaria o risco de deixar Janie ao ar livre. Com uma pessoa de vigia e para ajudar com o corpo, o perigo seria minimizado.

Milo olhou fixamente para a relação do pagamento de impostos e colocou o dedo sobre o nome de Coury.

— Garotos sendo garotos. Os irmãos Cossack em pessoa, não apenas Caroline.

— Eles, Coury, Brad Lerner, talvez os outros componentes do King's Men... acho que os nomes eram Chapman e Hansen.

— Um clube da patota da escola.

— Um clube de festas — acrescentei. — Famoso por gostar de bebidas, festas barulhentas e outras diversões. O assassinato de Janie teve lugar alguns anos depois da formatura, mas isso não quer dizer que a diversão tivesse acabado.

— E onde é que Caroline e Burns entram nesse estupro da quadrilha? — Ambos tinham motivo para não gostar de Janie. Assim, é possível que tenham participado. O fato de Caroline ter sido escondida na Achievement House indica seu envolvimento.

Da mesma forma o desaparecimento de Burns. O estupro seguido de morte, realizado por uma gangue de amigos, também se ajusta à inexistência de uma seqüela. E só foi necessária a combinação certa para que as coisas se agravassem: drogas, uma vítima desafiadora e a maior de todas as drogas na adolescência... a aprovação do grupo.

— Adolescência? Todos os homens ali já tinham mais de vinte anos.

— Desenvolvimento atrofiado.

— Engraçado você dizer isso. Quando vi a casa em que os Cossack moram atualmente, foi exatamente o que passou pela minha cabeça. Ele descreveu a mansão feia, os carros, a história das queixas dos vizinhos.

— E também bate com uma outra coisa que você disse — acrescentou Milo. — As mulheres tendem a aderir. Caroline não teria tido o ímpeto ou a força para retalhar Janie, mas, uma vez que Janie estivesse incapacitada, uns cortes e algumas queimaduras teriam sido bastante fáceis.

— Mas o envolvimento de Caroline... e o de Willie Burns... criou um novo nível de risco para os garotos: dois elos fracos em que não se pode confiar para que guardem silêncio. Caroline,

por causa de sua instabilidade mental, e Burns, por ser um viciado com tendência a falar demais. E se Burns se visse em uma situação desesperadora?

Fluxo de caixa fraco e atração incontrolável pela heroína? E se ele tentasse faturar algum chantageando os demais? Para um garoto das ruas como ele, um bando de garotos brancos ricos com um segredo torpe podia constituir um alvo perfeito. O que explicaria a raiva de Michael Lerner com o desaparecimento de Burns. Ele se tornara uma ameaça muito viável para o filho de Lerner e depois sumira. As chantagens de Burns explicariam também o cano que ele dera em Boris Nemerov, mesmo que sempre tivesse sido confiável antes. Tendo em vista tudo isso, seu desvario paranoico sobre gente que o perseguia quando telefonou para Boris Nemerov faz total sentido.

Ele não estava preocupado em ir para a cadeia. Fizera parte de um homicídio brutal e se colocara do lado errado dos demais participantes. Milo abriu seu bloco de notas.

— Chapman e Hansen. Primeiros nomes? — Tudo o que li no anuário foram iniciais e não me lembro quais eram. — Tempo do ginásio — disse ele. — Oh, dias gloriosos.

— Foram os dias de glória de Garvey Cossack. Ele mentiu a respeito de ser tesoureiro da classe.

— Preparando-se para uma carreira nas finanças... OK, vamos dar outra olhada naquele anuário.

Em questão de momentos após nossa chegada tínhamos completado os detalhes que faltavam sobre os outros King's Men.

Aos 18 anos, Vance Coury Jr. era um garoto de boa aparência, moreno, com sobrancelhas grossas e negras, um sorriso quase de escárnio e olhar penetrante. Um certo tipo de garoto o teria considerado "quente".

— Sedutor adolescente — falei. Justo como Janie descrevera. — A despeito do que Melinda disse, nem sempre ela fantasiava. Dez contra um como o pai dele tinha um Jaguar vinte anos atrás.

— Como os Cossack e Brad Lerner, os interesses de Coury extraclasse eram limitados: carros e o King's Men. L. Chapman veio a ser Luke cara de lua, um garoto louro com olhar inexpressivo.

Único interesse: King's Men.

O último garoto, Nicholas Dale Hansen, era uma história diferente. Um jovem bem-apegoado, convencional e com uma expressão extremamente séria.

"Nick" Hansen participara da Câmara Júnior de Comércio, do Clube da Arte e dos Escoteiros. Integrara o quadro de honra por dois semestres.

— O inteligente do grupo — disse Milo. — Não sei se seria inteligente o bastante para não estar ali.

— Ou o cérebro por trás da organização.

Pegamos o Quem é Quem que me ajudara a localizar antes os rapazes. Nenhuma biografia, exceto a de Garvey Cossack Jr.

— Coury é um lanterneiro de segunda de Van Nuy — disse Milo —, de modo que não surpreende a inexistência de sua biografia. o nosso Luke não parece ser a lâmpada mais brilhante do candelabro. Pessoalmente, estou desapontado com Nick Hansen. Talvez tenha ficado só na promessa. Saímos da biblioteca e nos sentamos em um banco de pedra que corria ao longo do

luguinho que ladeava a entrada. Fiquei observando os estudantes entrarem e saírem enquanto Milo se fazia passar por um detetive que trabalhava com roubo de automóveis na divisão Southwest e telefonava para o Departamento de Veículos Motores. Foi preciso um pouco de insistência para fazer o funcionário pesquisar duas décadas atrás, mas quando Milo desligou, havia enchido duas páginas de rabiscos: fabricantes, modelos, proprietários e endereços.

— Vance Coury pai tinha um Jaguar Mark 10, um Lincoln Continental e um Camaro.

— Então Janie estava certa — falei. — O Lincoln provavelmente era da patroa e Vance filho dirigia o Camaro. Quando estava a fim de impressionar as garotas, pegava o carro do papai com o tapete alto. O que as deixaria à vontade antes que ele as levasse para aquele quarto e puxasse a corda.

— Ele agora tem um monte de carros novos: oito veículos registrados, a maioria clássicos, inclusive duas Ferrari.

— Você disse que os Cossack tinham uma Ferrari na frente de casa. Talvez o King's Men nunca tenha morrido, e Coury's esteja com eles.

— O endereço registrado de Coury é em Tarzana, mas pode ser que você tenha razão — disse Milo. — E olha só: eu estava errado sobre Nicholas Dale Hansen não ter correspondido às suas possibilidades. Ele tem uma BMW 700 e mora em Beverly Hills, na North Roxbury. Acho que ele só não queria abrir o jogo.

— Modesto — comentei.

— Ou ele evita as luzes dos refletores porque sabe quais são as consequências possíveis do excesso de atenção.

— E Luke Chapman? — Nada sobre ele. Nunca teve um carro na Califórnia.

— Ou seja, não morou na Califórnia por algum tempo. Pode ser que a família tenha se mudado depois que completou os estudos. Ou é outra operação de desaparecimento, voluntária ou não. Se ele era parádico como seu retrato dá a entender, seria considerado outro elo fraco. — Cortando pontas soltas — disse ele.

— O que me faz pensar em duas outras pontas, supostos acidentes: Bowie Ingalls batendo naquela árvore e Pierce Schwinn batendo naquela pedra.

— Oh, a sua imaginação! — exclamou Milo. — E como foi que os garotos fizeram os pais sumirem com a Caroline?

— Ela havia sido a criança problema durante anos. Se é verdade que envenenou aquele cachorro, os pais provavelmente sentiram que o problema era sério. Se os garotos os procuraram fingindo-se de apavorados, é bem possível que tenham acreditado.

— Os garotos — disse ele. — Um bando de tarados e aquele escoteiro. É ele que me interessa.

— Distintivo de mérito por assassinato — comentei. — Que conceito.

No caminho para o Seville, ele disse: — Alguma coisa que cheira à prova... estou começando a me sentir como um detetive de verdade, que surpresa. A questão é como fazer. Não posso exatamente entrar na sala do conselho da Cossack Development e acusar os irmãos de serem uns assassinos canalhas.

— Nem tampouco confrontar John G. Broussard.

— Um policial da ativa jamais menciona o nome de John G. Broussard em companhia educada. Viu a matéria que saiu no jornal de hoje?

— Não.

— O prefeito aprovou um aumento para ele, mas a autoridade final é da comissão de polícia, e a comissão disse que de jeito nenhum. Nas últimas semanas, o Times publicou alguns outros comentários não-elogiosos sobre o estilo de administração de John G.

— Broussard está na rota de desembarque?

— Tem boa chance de estar — respondeu Milo. — Deve ter aborrecido as pessoas erradas. Quando nos aproximávamos do estacionamento, o celular dele tocou.

— Alô... oi, como você... o quê? Quando! Onde é que você está? OK, fique parado... não, não saia. Estou com Alex na Universidade e estaremos aí em dez minutos.

Milo desligou e começou a trotar.

— Era o Rick. Roubaram o Porsche.

— Onde? — perguntei, emparelhando o passo com o dele.

— No estacionamento dos médicos no Cedars. Você sabe como ele ama aquele carro... parecia abalado, vamos logo.

Violei os limites de velocidade e consegui chegar ao complexo Cedars-Sinai em quinze minutos. Rick esperava na esquina do Beverly Boulevard com a George Burns Avenue, usando um casaco branco comprido por cima da roupa azul de hospital. A não ser pelos dedos de cirurgião que não paravam de se mexer, ele estava imóvel.

Quando parei ao longo do meio-fio, Milo pulou fora do Seville, correu para o lado de Rick e ouviu o que ele tinha a dizer. A um olhar casual, pareciam dois homens de meia-idade que não exibiam nenhuma afeição física óbvia, mas o vínculo que os unia era evidente para mim, e eu me perguntava se alguém mais o enxergaria. Gostaria de saber também outra coisa: o Hot Dog Heaven, onde Paris Bartlett abordara Milo, ficava apenas, a uma quadra dali, e as mesas de piquenique que cercavam o balcão de sanduíches tinham uma visão frontal completa do hospital. Às vezes Milo passava lá para almoçar com Rick ou só para dizer oi. Será que o tinham vigiado e, em caso positivo, por quanto tempo? Em seguida pensei nos dois policiais tagarelando no cubículo da sala de emergência, supostamente sem saber da presença de Rick ao lado. Mas talvez o papo sobre o detetive soropositivo forçado a se aposentar tivesse sido justamente para ele ouvir.

Somando tudo isso e mais o telefonema do Departamento de Pessoal da polícia e um carro roubado, estava armado o quadro da guerra psicológica.

Enquanto Rick e Milo conversavam, sentei no banco do motorista e olhei em torno. Tudo o que vi foi uma torrente de carros e rostos anônimos, na porcentagem usual de L.A. de um pedestre para quinhentos veículos.

Rick parou de falar e arriou um pouco os ombros, Milo deu um tapinha em suas costas e olhou o Seville. Rick entrou atrás e voltou ao seu lugar de carona. Ei, Alex — cumprimentou Rick — Sinto muito pelo carro. Ele fez uma careta.

Um alarme, uma tranca de direção, e ainda assim é roubado. Milo virou-se para trás. Seus olhos estavam frios, os tendões do oco repuxados, a mandíbula projetada para frente como a de cão de briga lutando para entrar na arena.

— Quando foi que aconteceu? — perguntei.

— Vim trabalhar às cinco horas da manhã e não saí senão às duas da tarde, de modo que foi aí pelo meio.

— Ele acha que foi seguido na ida para o trabalho — disse Milo.

— Provavelmente não era nada — disse Rick — Mas tão cedo não se espera que haja muitos carros na rua, e havia um par de faróis atrás de mim quando entrei na San Vicente e fiquei comigo até que entrei na Third.

— E você não tem ideia exatamente de quando isso começou? — perguntou Milo.

Rick suspirou.

— Eu já disse que não. Eu tinha uma cirurgia de retirada do baço de emergência às seis horas. Meu foco estava na preparação para a cirurgia.

A voz de Rick era firme e seus dedos continuavam a se flexionar.

— Realmente acho que não foi nada, Milo. Deve ter sido algum outro sujeito madrugador.

— Quantos outros carros costumam estar aqui quando você vem cobrir o primeiro turno, Rick?

— Geralmente nenhum. Mas às vezes um ou dois. Se o Porsche não tivesse sido roubado... se você não tivesse me perguntado a respeito de ter sido seguido, eu jamais teria pensado nisso.

— Pois é bom que pense — disse Milo. — Nós dois temos que pensar.

— Sobre o quê?

— Nos cuidar. Talvez mesmo uma mudança temporária de endereço.

— Deixa disso!

— Estou falando sério — retrucou Milo.

Silêncio.

Rick disse: — Bem, as prioridades. Preciso alugar um carro. Alex, você poderia fazer a gentileza de me deixar...

— Eu levo você — interrompeu Milo. — Deixa a gente a uma quadra de nossa casa, Alex. —

E para Rick — Você espera enquanto examino a área. Depois pego você e o Taurus e o levo até a Budget. Não, é melhor usarmos outra companhia, só para ter mais segurança. É melhor minimizar os laços que existem entre nós.

— Você não pode estar falando sério — disse Rick.

— Toca, Alex.

— Minimizar laços.

— Desculpe — disse Milo. — Mas neste instante pôr um muro nos separando é a melhor coisa que posso fazer por você.

Capítulo 28

Alex largou Rick e Milo na esquina e foi embora. Milo deixou Rick esperando debaixo de uma paineira e entrou na casa em alerta máximo. O Taurus alugado estava sozinho na entrada de carros, e ele o examinou apressadamente. Nada estranho. Esgueirando-se por trás do Taurus, ele foi em frente, sacou da arma e abriu o ferrolho da porta de trás, sentindo-se tolo. O alarme soou, um sinal positivo. Ele desarmou o sistema e examinou cada aposento como se estivesse caçando um suspeito. Bancando o Robocop em sua própria casa, Jesus.

Que ele pudesse perceber, não havia nada fora do lugar, e as coisas que deixara no armário do quarto de hóspedes estavam empilhadas exatamente como deixara: em cima das tábuas amovíveis do piso que escondiam o cofre.

Ainda assim, o calor da paranoia subia e descia nas suas costas, irritando a pele. Até que

entrou no Taurus e foi pegar Rick

— Tudo bem, suponho.

— É o que parece.

— Milo, o Porsche provavelmente não teve nada a ver com coisa alguma.

— Talvez.

— Você não acha? — Não sei o que acho.

— Bem, tendo em vista isto — disse Rick —, não fiquemos excessivamente dramáticos.

Quando alugar um carro, eu retorno ao trabalho e depois volto para casa.

Milo deu a partida no Taurus, mas não engrenou a marcha. Rick pigarreou, do modo como sempre fazia quando ficava impaciente.

— O que foi que você fez esta manhã no trabalho?

— Por quê?

— Quantas cirurgias você realizou?

— Três.

— Eu fui lá na Sala de Emergência dizer a você que bisturi usar?

— Escute — disse Rick

Mas ficou em silêncio. Milo deu um tapinha no volante.

— Ótimo — disse Rick —, concordo com o seu conhecimento superior do lado podre da vida.

Mas proficiência não quer dizer infalibilidade, Milo. Se alguém queria intimidar você, por que roubar o meu carro? Porque é assim que eles pensam. Milo não respondeu.

— Foi um roubo de carro, pura e simplesmente — disse Rick. Você sempre me disse que se um profissional quisesse o Porsche, ia pegá-lo, não importava o que eu fizesse.

— Há profissionais e há profissionais — disse Milo.

— Como assim?

— O que quero dizer é que não sei o que aconteceu com o Porsche, mas tenho absoluta certeza de que quero você longe das minhas confusões. Assim, por favor, pare de teimar comigo, mesmo que pense que estou sendo melodramático. O que está ruim pode piorar, eu fui um idiota e você foi prejudicado. Que tipo de carro quer alugar?

Rick franziu a testa.

— Qualquer um. — Ele deu um tapinha no painel do Taurus. Um destes está ótimo.

— Qualquer coisa menos um destes — retrucou Milo. — Não quero você dentro de um carro que possa ser confundido com o meu. Que tal um utilitário esportivo? Nesta cidade é como se juntar a um carreiro de formigas.

— Como se eu me incomodasse — disse Rick, cruzando os braços.

— Claro, um utilitário. Talvez eu vá passear.

— Não é má ideia. Passe uma temporada fora da cidade. Rick girou a cabeça bruscamente.

— Você está falando sério. Quer mesmo que eu saia.

— Quero ver você em segurança.

— Esqueça, grandalhão, pode tirar isso da cabeça. Tenho uma semana inteira de plantões mais umas horas extras embutidas. Temos contas a pagar.

— Cai na real — retrucou Milo. — Quando foi a última vez que nos preocupamos com pagar contas?

— Nunca, desde que o Porsche acabou de ser pago. Mas agora eu provavelmente precisarei

de um carro novo, o que significa novas mensalidades. Ademais, a gente andou falando em passar algum tempo na Europa este verão, de modo que é preciso economizar. Milo não respondeu.

— Você estava falando sério sobre a Europa, não estava? — perguntou Rick — Estou organizando todo o meu planejamento de olho em um mês fora.

— Falei sério.

— Talvez devêssemos viajar agora.

Milo sacudiu a cabeça.

— Por que não? — insistiu Rick — Se você estiver certo, por que ficar aqui bancando o alvo?

— O tempo — respondeu Milo. — Se eu me der ao trabalho de reservar dinheiro para a Europa, quero um verão ensolarado.

— Agora você é meteorologista. — Rick segurou o braço de Milo. ~ E se a sua ansiedade não ceder? Vou ter que suportar um exílio longo?

— Não é uma questão de ansiedade. É minha afinada percepção de ameaça.

— Aquele boato idiota sobre o qual os policiais estavam falando. Tenho pensado naquilo.

Pelo que você sabe, há um detetive soroPositivo na sua divisão. Um sujeito escondido no fundo do armário. Ou aqueles cretinos estavam só tagarelando do jeito que os Policiais gostam de fazer. Eu sei, eu vejo como é quando levam 338 suspeitos para o hospital. Ficam o tempo todo tomando café e fofocando enquanto costuramos os pobres coitados.

— Outro detetive gay na delegacia de West L.A.? — disse Milo.

— Sim, é possível.

— Quem disse que ele é gay? E me diga uma coisa, só você pode ser uma celebridade?

— É, sou eu mesmo, uma estrela. Rick é mais que o boato...

— Aquele caso antigo, eu sei. Talvez tenha sido deixado de lado todos esses anos justamente porque ninguém dá a mínima. E se tudo isso tiver sido construído na sua cabeça, Milo? Com a ajuda do Alex.

— O que você está querendo dizer?

— Que você e o Alex têm essa química bizarra. Quando os dois juntam as cabeças, ideias estranhas começam a pipocar.

— Verifiquei que Alex acerta com muito mais frequência do que erra. E o que você me diz do Livro do Assassino, uma brincadeira de estudantes?

Milo permaneceu em silêncio.

— Ótimo — disse Rick — Não vamos mais falar a este respeito. Leve-me a uma locadora.

Milo seguiu pela Melrose para oeste até a Doheny e depois virou para o norte a fim de pegar o Boulevard Santa Mônica. Passou pelas casas noturnas que ele e Rick não frequentavam mais.

— Exatamente onde você está indo? — perguntou Rick

— Beverly Hills. A loja da Hertz no Beverly Hilton.

— Ha-ha! Talvez eu alugue um Rolls.

— Esqueça, temos contas com que nos preocupar.

Rick encarou-o fixamente, Milo fez o mesmo, e os dois caíram na risada. Milo sabia que era um alívio temporário da tensão, mais um curativo do que uma cura. Mas tudo bem.

Milo observou Rick afastar-se dirigindo o Volvo alugado. A funcionária que os atendera no

balcão era uma loura bonita, que dera uma boa olhada em Rick, flertara descaradamente e lhe dera uma melhoria no carro alugado.

Nada acertado sobre onde Rick ficaria e por quanto tempo. Concordeu em deixar correr até de noite. Uma vez sozinho, ele se dirigiu para o centro da cidade, para o Skid Row. Os hotéis de quinta categoria que Vance Coury pai tinha havia vinte anos ficavam todos situados em um trecho de duas quadras da Main Street. A chance de que qualquer empregado daquele tempo permanecesse trabalhando era nenhuma, mas o que tinha a perder? No momento em que passou pelos hotéis, o quase nada de otimismo que tinha desvaneceu-se. Os lugares onde antes se erguiam o Excelsior e o Crossley agora eram estacionamentos, e o Grande Royale passara a ser a Missão da Luz Resplandecente.

Milo retornou ao Arquivo Geral e consultou os registros de imposto predial sobre os três lotes. Os estacionamentos eram cedidos por leasing a uma corporação de Nevada, mas os terrenos eram de propriedade da Concourse Elegance Inc., que, por sua vez, levava à Concourse Auto Restauration, no Boulevard Van Nuys, a loja de Vance Coury.

Júnior herdara os prédios, derrubara-os e os convertera em asfalto capaz de produzir dinheiro sem muito problema.

A Missão da Luz Resplandecente, contudo, era interessante. Era uma organização não-lucrativa dirigida pelos reverendos Fred e Glenda Stephenson — um par que Milo conhecia porque nos seus tempos de guarda uniformizado transportara mendigos para sua sopa dos pobres em São Pedro. Considerava a dupla como dois santos, entregues 24 horas por dia a servir aos pobres. Coury provavelmente doara o terceiro lote como parte de algum acordo de impostos, com a finalidade de ficar com os outros dois terrenos limpos e livres de impostos.

Sentindo-se como o irmão menos esperto de Dom Quixote, passou para os registros de óbitos. Sentiu a respiração quando encontrou sucesso inesperado.

Luke Matthew Chapman encontrara a morte por afogamento em um acidente, duas décadas atrás, aos 22 anos.

Data do falecimento: 14 de dezembro. Seis meses depois do assassinato de Janie Ingalls. Oito dias antes do último dia de Caroline Cossack na Achievement House e nove antes da execução de Boris Nemerov.

Telefonou para o escritório do legista e conseguiu falar com uma das poucas vozes amigáveis à sua disposição: um assistente do necrotério que saíra do armário depois que soubera das dificuldades de Milo. Milo não se sentia bem por ser visto como fonte de inspiração, mas o cara era bem útil de tempos em tempos.

Darren não fez perguntas e foi consultar o arquivo. Milo não teria se surpreendido se mais uma pasta houvesse desaparecido, mas poucos instantes depois ele tinha todos os dados relevantes anotados no bloco.

Luke Chapman estacionara na PCH, a Pacific Coast Highway, e fora tomar um banho noturno na praia de Zuma. Um mergulho ilegal, porque a praia era proibida depois de escurecer, e Chapman tivera que escalar uma cerca alta. O nível de álcool dele era duas vezes o limite legal, o que fez Milo duvidar de sua capacidade de galgar a cerca, mas a teoria do legista era que aquele "rapaz jovem, branco e bem-nutrido" tinha sido apanhado numa correnteza e perdera a coordenação devido à intoxicação alcoólica. A água nos pulmões confirmou o afogamento. O cadáver fora arrastado pelo mar para a ponta de Zuma, onde a areia aberta ao público era

limítrofe com a Praia Larga. Múltiplas contusões e arranhões compatíveis com a força das ondas. Mas nenhum sinal óbvio de crime.

Nenhum sinal óbvio de crime, a menos que você estivesse preparado para interpretar os arranhões nos braços, pernas e costas de Chapman como evidências de ter sido forçado a pular na água. E que soubesse que Zuma tinha sido um dos locais das festas dos King's Men.

Milo relembrou a expressão vazia de Chapman. O burrão do grupo. Participando do assassinato de Janie Ingalls e se deixando ficar imobilizado pelo pavor meses a fio, mostrando-se incapaz de superar o problema. Talvez tivesse tomado um porre e, entre lágrimas, dito a coisa errada a seus camaradas, tornando-se dessa forma um enorme peso morto.

Ganhando assim o grande beijo azul da morte. Por outro lado, acidentes acontecem...

Bowie Ingalls: homem versus árvore. Luke Chapman: homem versus água.

O que restava, fogo? De repente a cabeça de Milo encheu-se de imagens de Caroline Cossack e Wilbur Burns assados vivos. Corpos 341 queimados e impossíveis de serem reconhecidos, a perfeita eliminação do passado.

King's Men. Um bando asqueroso de animais de festa, ricos e imados, limpando sempre os próprios rastros e assegurando para si vinte anos belos e agradáveis.

Mais do que agradáveis: Ferraris e choferes, casa em Holmby, interesses superficiais na indústria do cinema, jantares privados com políticos e corretores poderosos.

Eles se safaram.

Os King's Men teriam dado pulos ante a chance de pisotear o crânio de Humpty Dumpty.

Os irmãos Cossack, Lerner, Coury. E o inteligente: Nicholas Dale Hansen. Qual era a dele? Procurou a cara nos arquivos. Nada. O que significava aquilo, ele estar alugando a casa de North Roxbury? Num canto quieto no porão do prédio, escondido entre pilhas de velhos mapas, Milo certificou-se de que não havia ninguém por perto e assumiu o risco de um telefonema para o Centro de Informações Criminais usando a identidade de um Detetive D-I de West Valley chamado Kom — um punk que ele supervisionara dois anos antes, baixo grau de iniciativa, alto grau de atitude.

Risco desperdiçado: Nicholas Dale Hansen não tinha antecedentes criminais.

A única coisa a fazer era ir para casa e brincar com o laptop. Ou tomar um atalho e pedir a Alex para fazer a pesquisa — seu amigo, inicialmente um inimigo da tecnologia dos computadores e resistente ao próprio conceito da Internet, tomara-se um ás das pesquisas. Começou a caminhada de duas quadras até o local onde deixara o Taurus. Misturando-se à multidão de pedestres normal àquela hora da tarde, ligando o telefone celular como qualquer outro daqueles Cretinos que estavam na rua.

Provavelmente adquirindo câncer no ouvido ou qualquer coisa do gênero, mas era assim mesmo. Fingir-se de normal provocava uma sensação boa.

Alex atendeu no primeiro toque, e Milo achou que ele parecia desconsolado. Esperando um telefonema de Robin? Como estava aquele caso?

Milo perguntou a ele se dava para fazer uma busca sobre Nicholas Hansen, e Alex disse: — Engraçado você pedir isso.

— Oh, sim, eu me esqueci. Estou lidando com Nostradamus.

— Não, só um cara com tempo de sobra — respondeu Alex. Hansen não foi difícil de encontrar, afinal. Adivinha o que ele faz para viver? — Ele parecia um executivo quando ainda

cursava o ensino médio, de modo que talvez esteja metido em alguma jogada financeira dessas que cheiram mal?

— Hansen é um artista. Pintor. E dos bons, se as imagens no site da galeria de Nova York que o agência são precisas.

— Um artista que fez um leasing numa propriedade situada em Beverly Hills e dirige um BMW dos grandes?

— Um artista bem-sucedido — disse Alex. — Seus preços variam de dez a trinta mil dólares por tela.

— E o quê, ele os produz tipo em série?

— Não parece. Telefonei para a galeria fingindo ser um colecionador interessado, e toda a produção dele está vendida. Descrevem seu estilo como dos velhos mestres pós-modernos. Hansen mistura seus próprios pigmentos, faz suas molduras e pincéis e aplica camada após camada de tinta e verniz. É um processo que consome muito tempo, e a proprietária disse que Hansen termina quatro ou cinco quadros por ano. Deu a entender que adoraria ter mais.

— Quatro, cinco por ano vendidos pelo seu preço mais elevado são 150 mil por ano, no máximo — disse Milo. — Um ano de leasing de uma casa pode ser mais.

— Sem falar que as galerias costumam ficar com trinta por cento do valor de venda — disse Alex. — De modo que não, a conta não fecha. — Ele fez uma pausa. — Espero que você não se incomode, mas passei de carro pela casa dele. É bonita... grande e em estilo espanhol e não foi reformada. O BMW estava na entrada para carros. Recentemente polido. Verde-escuro, quase do tom exato do meu Seville. Milo riu.

— Se eu me incomodo? Faria diferença? Não, tudo bem, já que você não bateu na porta e acusou o filho da mãe de assassinato. O que eu adoraria fazer. Porque, adivinha só, a trama azeda.

Milo contou a Alex sobre a morte de Luke Chapman por afogamento.

— Outro acidente — disse Alex. — Normalmente eu diria "ah", mas você tem estado mais irritado que o habitual.

— Diga. Eu aplico novocaína em você antes de começar a perfuração.

Alex soltou a risadinha obrigatória.

— Também dei uma rápida olhada em Hansen. Ou em alguém que está morando no mesmo endereço. Enquanto passava em frente à casa, um homem saiu pela porta da frente e removeu uma lâmina de madeira que estava na mala do BMW. As pinturas de Nicholas Hansen são sobre mogno.

— Um artista — disse Milo — com renda independente. Indo até sua entrada de carro em roupas confortáveis, fazendo o que lhe dá prazer. A vida é justa, não é mesmo? Havia coisas que Milo queria fazer depois de escurecer, e por isso ele se despediu de Alex, disse para que se mantivesse longe de problemas e que telefonaria pela manhã.

— Alguma coisa que eu possa fazer por você, grandalhão?

Milo conteve o impulso de dizer que Alex se mantivesse longe de encrenca.

— Não, agora não.

— OK — disse Alex. Parecia desapontado. Milo teve vontade de lhe perguntar por Robin, mas ficou quieto.

Desligou, pensando em Janie Ingalls e em como algumas vidas eram tão curtas, algo tão

brutal que seria um milagre se Deus se importasse. Arrastou-se por entre outro engarrafamento típico da hora do rush de quem saía do centro, pensando no que fazer com Rick e concluindo que um bom hotel por uns dias era a melhor solução. Rick ficaria profundamente infeliz, mas não gritaria. Rick nunca gritava, só se encolhia psicologicamente e ficava quieto e inalcançável.

Não seria divertido, mas no fim Rick concordaria. Todos aqueles juntos, os dois tinham aprendido a escolher que batalhas lutar. Ele chegou em casa às cinco da tarde. No meio da sua quadra, parou.

Alguma coisa branca estava estacionada na sua entrada de carros. O Porsche.

Milo olhou em torno, não viu carros estranhos no quarteirão, acelerou o Taurus e foi parar atrás do 928 perolado. Pelo que dava para ver, o Porsche estava intacto — sem marcas de passeios tipicamente feitos em carros roubados ou peças desaparecidas. Mais do que intacto — reluzente e limpo, como se tivesse sido lavado recentemente.

Rick o mantinha impecável, mas Milo não era capaz de se lembrar da última vez em que ele o lavara de alto a baixo... no último fim de semana. Na maior parte da semana ele o deixava dentro da garagem, mas nos dois últimos dias o deixara do lado de fora para que estivesse pronto quanto tinha que entrar cedo na Sala de Emergência.

Dois dias sem lavar teriam aparecido facilmente na tinta branca. Alguém tinha se preocupado com todos os detalhes.

Ele deu uma olhada na quadra, pôs a mão sobre a arma, saiu cuidadosamente. Caminhou até o Porsche e tocou na lateral convexa do carro. Polida. Lavada e encerada.

Uma espiada através do vidro da janela acrescentou "recentemente aspirado" ao quadro; dava para ver as marcas do aspirador no carpete. Até mesmo a tranca da direção tinha sido recolocada. Aí então viu algo no banco do motorista.

Um saco de papel pardo.

Milo deu outra olhada em ambos os lados do quarteirão e examinou a parte de baixo do Porsche. Nenhum dispositivo rastreador ou fazendo tique-taque. A abertura da mala revelou um motor intacto. Ele próprio havia trabalhado no carro, aplicando protetor de ferrugem na parte de baixo numa preparação para todas as viagens em lugares frios que nunca tinham se materializado. Milo conhecia bem as entranhas do Porsche. Nada de novo.

Abriu a porta do motorista e examinou o saco mais de perto. A boca estava aberta e o conteúdo era visível. Uma pasta azul de folhas soltas. Não de couro reluzente como presentinho de Alex. Um pano azul básico. O mesmo tipo de pasta que o departamento usava antes de mudar para plástico.

Ele pegou a parte de cima do saco com a ponta dos dedos e o carregou para dentro de casa. Sentou-se na sala, coração disparado, mãos geladas, porque sabia exatamente o que estava ali dentro. Sabia também que, a despeito de sua certeza, ficaria chocado.

Seu maxilar doía, assim como as costas, quando abriu o livro para ver o arquivo do caso Janie Ingalls.

Poucas páginas. As anotações do próprio Milo na frente, seguidas pelas fotos oficiais da morte e, sim, Schwinn levava a foto daquele conjunto. Desenhos do corpo com a indicação de cada ferimento, um sumário da autópsia. Nada de originais, só fotocópias belas e limpas.

Depois, nada mais. Nenhum exame toxicológico ou testes de laboratório, nenhum relatório investigativo pelos policiais da metropolitana que supostamente tinham assumido o caso. Assim

sendo, ou eles nada tinham feito ou as páginas tinham sido retiradas.

Milo folheou até o sumário post-mortem. Nenhuma menção a sêmen. Nenhuma menção a quase nada. Aquela devia ser a sinopse de autópsia mais incompleta que ele já lera.

"Os ferimentos nessa adolescente branca e bem-nutrida foram realizados por uma faca de lâmina única e aguçada..." Muito obrigado. Nenhum sinal do exame toxicológico que ele pedira. Não precisava de confirmação; Melinda Waters afirmara que Janie começara a noite chapadona.

Sem sêmen, sem tipos sanguíneos de fora. Podia esquecer o DNA.

Mas um detalhe no sumário da autópsia chamou sua atenção. Marcas de cordas em torno dos tornozelos, pulsos e pescoço. O mesmo padrão das amarrações no hotel.

Vance Coury reconhecendo Janie e querendo um bis. Desta vez acrescentando seus companheiros à mistura. Releu o arquivo. Nada de revelador. Mas alguém quis se assegurar de que Milo vira aquilo. Ele desanuviou a cabeça com vodca e suco de toranja, verificou a correspondência e foi ver a secretária eletrônica. Uma mensagem de Rick, que facilitara as coisas aceitando um turno extra.

— Não termino senão amanhã de manhã, provavelmente me jogo na cama do médico de plantão, talvez vá dar uma volta de carro depois. Cuide— se... Eu amo você.

— Eu também — murmurou Milo para a casa vazia. Mesmo sozinho, tinha problema em se declarar.

Capítulo 29

Abri a porta para Milo às nove da manhã, fazendo a minha melhor imitação de um ser desperto e humano. Na noite anterior, acordara de duas em duas horas, dominado por pensamentos daquele tipo que consome a alma.

Três telefonemas para Robin não tinham sido atendidos. Seu hotel recusava-se a informar se ela havia fechado a conta e saído segurança dos hóspedes. Próxima parada Denver. Imaginei-a no ônibus, Spike dormindo no seu colo, contemplando a paisagem. Pensando em mim ou o quê?

Milo me entregou a pasta azul. Dei uma folheada no seu conteúdo e fomos para meu escritório.

— Sua datilografia não era nem um pouco melhor naquele tempo — brinquei. — Alguma teoria sobre quem o enviou?

— Uma pessoa com enorme talento para roubo de carros.

— A mesma que me enviou a versão de luxo?

— Pode ser.

— Não está parecendo ser a namorada secreta de Schwinn falei. — Ou talvez eu esteja sendo sexista; suponho que as mulheres sejam capazes de roubar carros também.

— Isso não foi coisa de amator. Polvilhei o volante e as maçanetas. Nada. Nenhuma impressão digital. Nada também no livro, exceto minhas patas. Puseram a tranca de volta. Numa boa, intacta.

— Mesma pergunta — falei. — Um profissional do crime, o departamento ou um policial desonesto?

— Um policial desonesto significaria que Schwinn tinha um amigo naquele tempo ou talvez tivesse feito um novo. Mas nunca o vi com ninguém. Os outros detetives pareciam evitá-lo.

— Alguma ideia do motivo?

— A princípio, pensei que fosse sua personalidade encantadora, mas talvez todo mundo soubesse do seu mau comportamento e visse que sua queda estava próxima. Todo mundo menos eu. Eu era o recruta burrão enrolado na minha paranoia. Naquele tempo eu me perguntava se não me teriam posto para fazer dupla com ele porque eu também era visto como um pária. Hoje em dia tenho certeza.

— Nem tanto pária assim — contrapus. — Eles se livraram de Schwinn e transferiram você para West L.A.

— Ou eu ainda não tinha tempo suficiente no trabalho para acumular informações embaraçosas.

— Ou para desenvolver fontes nas ruas. Como a que deu a dica a Schwinn que o levou direto a Janie. Ele tateou a lombada da pasta forrada de pano.

— Outro tira queimado... talvez. Mas por que me mandar isto uma semana depois da versão de luxo?

— Maior cobertura da retaguarda — sugeri. — Se controlando. Ele não podia ter certeza de que você fora seduzido. Mas quando você começou a investigar, qualificou-se para o capítulo seguinte.

— Mais capítulos para frente?

— Pode ser.

Ele se levantou, circulou o escritório, retornou para junto da mesa, mas permaneceu de pé. Eu deixara as persianas cerradas e um fio de luz correu em diagonal pelo seu torso, uma ferida luminosa.

— Aqui está outra teoria — falei. — O homem dos Assuntos Internos que interrogou você junto com Broussard. O tal de Poulseenn. Alguma ideia do que aconteceu a ele?

— Lester Poulseenn — disse Milo. — Acabo de me lembrar do primeiro nome dele. Não, nunca mais tive notícias. Por quê?

— Porque o alvo verdadeiro do interesse renovado no caso pode ser Broussard. Ele construiu sua carreira em cima de uma reputação impecável e a exposição de uma ação de encobrimento da verdade pode destruí-lo. Lester Poulseenn podia ter uma boa razão para ficar ressentido com Broussard. Veja só: um preto e um branco compõem uma equipe, mas o preto é o encarregado da dupla. Depois o preto ascende ao topo da escada funcional do departamento, e nunca mais se ouve falar no branco. Poulseenn terá sido posto para fora por mau comportamento? Ou ele talvez não fosse bom em guardar segredos. Seja como for, poderíamos estar falando a respeito de um cavalheiro contrariado.

— E Poulseenn teria sabido do ressentimento de Schwinn... sim, seria interessante descobrir o que aconteceu à sua carreira. Não posso exatamente ir entrando pelo Parker Center adentro e enfiar o nariz nos arquivos...

Ele interrompeu-se, testa franzida. Telefonou para o Departamento de Veículos Motores e identificou-se como um tal tenente Horácio Batista. Pouco depois, tinha os dados de três Lester Poulseenn morando na Califórnia, mas todos eram jovens demais para ser o homem que atuara como coadjuvante de John G. Broussard.

— Pode ser que ele tenha se mudado do estado — sugeri. — O que é o mesmo que dizer que ele não seria o nosso homem. Ou então estamos diante de outro desaparecimento.

Milo levantou-se de novo e andou de um lado para o outro. A lâmina de luz refletiu-se. Voltando ao livro, ele tocou na capa azul: — Ei, pessoal, entrem para o clube do Livro do Assassino! Dividimos o trabalho do seguinte modo: Eu tentaria descobrir tudo o que pudesse sobre Lester Poulseenn, examinando os microfilmes de 20, 25 anos de artigos de jornais sobre policiais transgressores da lei, registrando todos os detalhes que pudesse descobrir sobre a solução dos seus casos. Uma aposta praticamente sem chance de êxito, porque o departamento abafava as histórias de corrupção, justo como tinha sido feito com o caso de Pierce Schwinn. A não ser que, como no escândalo Rampart ou no caso dos roubos com arrombamento da Divisão de Hollywood, dez anos atrás, o mau cheiro ficass tão forte que não desse para mascarar.. Milo ficaria de fora cuidando de sua vida, sem me dizer o que onde ou quando.

A busca em meu computador não revelou um Lester Poulseenn que se ajustasse às nossas especificações. Fiz outro telefonema inútil para Vancouver, reconfortei-me com minha autopiedade, peguei o carro e fui para a Universidade.

Levei três horas consultando cinco anos de microfilmes e levantei diversos casos de policiais criminosos. Um par de detetives de West Valley que ofereciam seus serviços como matadores de aluguel. Ambos cumpriam sentenças de prisão perpétua na penitenciária estadual de Pelican Bay. Um guarda de trânsito de Glendale fora preso por fazer sexo com uma babá de

13 anos de idade. Dez anos de cadeia; o cidadão a esta altura estaria livre, mas uma aliança entre Pierce Schwinn e um molestador de crianças parecia improvável. Uma policial de Pasadena dormira com diversos membros menores de uma gangue, e dois policiais uniformizados de Van Nuys tinham sido apanhados arrombando lojas de penhores na sua rota de patrulha. Condenações e prisão para todos. Em todos os casos um vínculo com Schwinn parecia improvável. De qualquer modo copieie todos os nomes, digitei o nome de Lester Poulsehn no índice dos periódicos e senti minhas pupilas se dilatarem quando uma única referência pipocou na tela.

Uma referência com vinte anos de idade.

Poulsehn, L.L. Veterano detetive do LAPD encontrado no Watts assassinado.

O Sacramento Bee. Localizei o carretel com o microfilme, enfiei-o na máquina, girei o botão de comando como um louco até aparecer a história, matéria da Associated Press que os jornais de L.A. não tinham publicado.

No Bee ela havia saído em uma coluna intitulada "No Estado, ensanduichada entre a morte de um rinoceronte preto no zoo de San Diego e um roubo de banco em Berkeley."

A data era 5 de janeiro. Quatorze dias depois de Caroline Cossack ter saído — ou ter sido tirada — da Achievement House. Fiz uma fotocópia instantânea da página e depois li o texto.

(AP) A polícia de Los Angeles está investigando a morte de um dos seus, naquilo que parece ser um homicídio seguido de um incêndio criminoso com a intenção de encobri-lo.

O corpo de Lester Louis Poulsehn, que trabalhou como detetive na unidade de Assuntos Internos e que recentemente foi designado para a Metro Major Crimes Unit, foi encontrado dentro de uma casa em chamas em Watts. Poulsehn, 39 anos, um veterano com 13 anos de LAPD, foi descoberto pelos bombeiros enviados para apagar o incêndio de uma residência particular na West 156. Street. Um porta-voz da polícia disse que Poulsehn foi baleado duas vezes na cabeça no que parece ter sido uma execução.

"Este é um bairro turbulento, onde atuam muitas gangues", disse a fonte, que nem confirmou nem negou informações de que Poulsehn fora a Watts a serviço. A casa, uma residência que estava vaga havia algum tempo, foi descrita como perda total. Continuei rodando o comando, em busca de um seguimento. Nada.

O que era uma loucura; nada mobiliza mais um Departamento de Polícia do que a morte de um de seus homens. No entanto, a cobertura local da morte de Poulsehn tinha sido suprimida e nenhuma declaração oficial fora expedida.

Recentemente transferido. Será que Poulsehn tinha sido encarregado do caso Ingalls? Vinte anos atrás, um par de detetives dos Assuntos Internos tinha interrogado Milo. Um merecera obter sucesso, o outro morrerá sete meses depois.

Um homem branco morto à bala em um bairro negro, exatamente como Boris Nemerov. Bem no estilo execução, exatamente como Boris Nemerov. Um incêndio criminoso para encobrir. Milo tinha divagado em voz alta a respeito do fogo. Fosse como fosse, acertara em cheio. Liguei para ele, não tive resposta em nenhum dos seus números e pensei no que fazer.

Uma bela manhã de temperatura amena. Hora de lavar o carro.

Duas horas mais tarde o Seville estava tão lustroso quanto possível para um carro 1979, e eu acelerava pela Glen na direção do Valley. Uma limpeza simples não tinha me satisfeito. Eu encerara e polira à mão a pintura verde-chesterfield, acrescentara spray nos detalhes, escovara os pneus, as calotas, a cobertura de vinil da capota e o estofamento que combinava com ela,

esfregara aqueles pequenos enfeites que imitam madeira e passara aspirador e xampu nos tapetes. Eu comprara o carro havia 15 anos da proverbial senhora proprietária única (uma professora aposentada que gostava de andar com o pé embaixo e que era de Burbank, não Pasadena) e sempre o tratara a pão de ló. Ainda assim, os mais de cem mil quilômetros que apareciam no seu hodômetro já cobravam seu preço, e um dia eu seria forçado a decidir entre recondicionar o motor ou comprar algo novo. Nenhuma decisão, em qualquer hipótese. Nada mais de mudanças de opinião.

A oficina denominada Concourse Auto Restorers era um dos muitos negócios voltados para carros que se sucediam no Van Nuys Boulevard entre Riverside e Oxnard. Instalação modesta — nada além de uma garagem dupla com telhado de zinco atrás de um terreno. Um letreiro acima da oficina, escrito em letras góticas vermelhas e fosforescentes, anunciava: "PINTURA CUSTOMIZADA, GALVANIZAÇÃO E RESTAURAÇÃO DA CARROCERIA", por cima de uma caricatura de uma priápica Ferrari igualmente vermelha. Parei na rua e abri caminho por entre os carros de motores poderosos, os chamados carros envenenados, e um Mercedes estendido muito branco, com o teto cortado e um grosso impermeável azul lançado no seu interior. Anos atrás o estado aprovava uma legislação restringindo a pintura à pistola ao ar livre, mas o ar acima da Concourse Auto era quimicamente adequado. No meio do caminho, dois homens metidos em camisetas sujas de graxa e calças cortadas transformadas em bermudas inspecionavam as portas de um Stutz Blackhawk pintado na mesma cor de cobre da frigideira de um gourmet. Ambos eram jovens, corpulentos e hispânicos, com as cabeças raspadas e bigodes. Tinham máscaras de pintor penduradas no pescoço. Os braços e nuças dos dois eram decorados com tatuagens feitas em azul-escuro, de cantos quadrados e toscas — artesanato feito na prisão. Mal levantaram os olhos quando passei, mas ambos estavam prestando atenção em mim. Meu cumprimento com um gesto de cabeça evocou olhares de lado.

— Vance Coury? — perguntei.

— Lá dentro — disse o mais pesado da dupla, indicando com o polegar a garagem. Sua voz era aguda, e debaixo de um de seus olhos havia a tatuagem de uma lágrima. Isso supostamente significa que você matou alguém, mas algumas pessoas usam recursos como este para impressionar. Não parecia ser o caso — aquele sujeito tinha uma postura curvada e olhos sem brilho. Vangloriar-se não parecia fazer seu estilo. Segui em frente.

Quando me aproximei da oficina, vi que minha primeira impressão de um terreno pequeno tinha sido errada. O caminho da entrada seguia pela esquerda da construção e ia dar em meio acre de terreno sem pavimentação, onde havia uma pilha alta de pneus e para-lamas, para-choques, faróis quebrados e lixo de um modo geral, tudo cercado por uma tela. Duas cabines de pintura eram presas à parede externa traseira da garagem e uns poucos carros intactos estavam estacionados no chão de terra.

Mas a maior parte do espaço era destinada a despejo.

Retornei para a frente da estrutura. A porta da garagem da esquerda estava fechada e aparafusada, uma porta de ferro corrugado. Na baía aberta do lado direito estava um Corvette Stingray vermelho, branco e azul. Suas janelas eram cor de ametista, o nariz tinha sido encomprado uns trinta centímetros, o spoiler traseiro formava um arco sobre a mala. Marcas de pintura-base eram visíveis no lado do passageiro, e outro latino de cabeça escanhoadá estava agachado junto a uma delas, lixando-a à mão. Um outro rapaz tatuado sentado em uma bancada

no fundo da baía fazia solda elétrica O cenário era formado de paredes nuas, piso de cimento, lâmpadas sem proteção e cheiro intenso de gasolina. Presos com tachas nas vigas das paredes viam-se calendários de autopeças e páginas centrais de mulheres nuas com ênfase em luxuriantes pelos púbicos e ângulos que traduziam um evidente interesse em ginecologia amadora. Dispersadas entre a coleção tinham sido colocadas fotos de pornografia barra-pesada; alguém ali tinha uma inegável preferência por louras magras, agachadas e suplicantes com olhos de maconhadas realizando sexo oral.

O lixador me ignorou quando passei me esgueirando ao lado do Corvette, evitando as centelhas da soldagem, e entrei no setor isolado da garagem. Meio Porsche preto, que devia ter sido usado em corridas, ocupava aquela baía — cortado com tanta perícia ao meio que o número 8 da porta tinha sido dividido em dois e transformado em um 3. Nos fundos do aposento, atrás de uma mesa de metal, estava sentado um homem de ombros largos, fone sob o queixo, dedos ocupados em uma calculadora.

Uns quarenta anos, cabelos prateados longos e lisos puxados para trás e presos atrás das orelhas, sobrancelhas incompatíveis pretas demais, assim como um cavanhaque também escuro. A lâmpada pendente sobre a mesa esverdeava uma pele já meio azeitonada. Os olhos escuros e preocupados tinham bolsas, o pescoço era macio e cheio de rugas e o rosto há muito tempo se rendera à flacidez. Remanescentes do rosto bonito do tempo de escola eram difíceis de encontrar, e eu não queria encará-lo.

Porque Vance Coury tinha os olhos em mim enquanto continuava falando e calculando. Aproximei-me da mesa. Desprendia-se dele um forte bafejo de loção pós-barba de almíscar. Sua camisa era de crepe de seda preta, com as mangas enroladas até os cotovelos e um colarinho alto e duro que quase atingia os lobos das orelhas. Uma corrente de ouro faiscava em torno do seu pescoço. No pulso grosso e hirsuto, havia um Rolex de ouro do tamanho de uma pizza.

Ele me estudou sem reconhecer a minha presença. Permaneceu ao telefone, ouvindo, falando, ouvindo mais um pouco, ajustando aparelho na curva do pescoço. Nunca cessando de pressionar as teclas da calculadora. O tampo da mesa estava coalhado de papéis. Uma garrafa meio vazia de Corona servia de peso de papéis.

Deixei-o e me aproximei do meio-Porsche. O carro não tinha peças internas, era apenas casca. As bordas tinham sido alisadas e pintadas. Produto acabado; ninguém tencionava montar aquilo de novo.

— Ei — disse uma voz áspera atrás de mim. Eu me virei. Coury perguntou: — O que é que você quer? — alerta, mas desinteressado. Deixou uma das mãos sobre a calculadora, a outra, dobrada em concha, apontava para mim, como se ele estivesse pronto para cobrar algo.

— Estou pensando em fazer um trabalho de customização.

— Que tipo de carro?

— Seville. Setenta e nove. É o senhor Coury? Ele me examinou de alto a baixo.

— Quem o indicou?

— Li seu nome em uma revista especializada — respondi. — Pelo que vi, muitos ganhadores de concursos foram trabalhos seus.

— Acontece — disse ele. — Seville 79? Uma caixa. Construído em cima do chassi do Chevy Two Nova.

— Eu sei.

— O que é que você quer fazer?

— Não estou seguro.

Ele forçou um sorriso.

— Não consigo imaginar nenhum concurso em que você pudesse entrar com um Seville... a menos que seja um desses negócios da Aids.

— Aids?

— Estão experimentando exposições agora. A fim de levantar dinheiro para a Aids. Uma bichinha entrou aqui querendo que eu afrescalhasse seu BMW.

— Você aceitou o trabalho?

A mão em concha fez um gesto que definia a pergunta como sendo insignificante.

— Seville 79 — disse ele, oferecendo um diagnóstico. — Vai continuar sendo um caixote, a menos que o tratamento seja radical. E também tem o motor. É uma porcaria.

— Tem me servido bem. Sem problema em 15 anos.

— Alguma ferrugem na parte de baixo?

— Nada. Sou cuidadoso.

— Certo — disse ele.

— Está aqui — falei —, se você quiser dar uma olhada.

Ele deu uma olhada na calculadora. Teclou alguns números enquanto eu estava ali parado.

— Está aqui onde?

— Lá na frente.

Ele conteve uma risada.

— Na frente.

Ele se levantou, um metro e noventa de altura. A parte de cima do seu corpo era maciça, com ombros cheios e uma barriga protuberante, quadris estreitos e as pernas compridas que sustentavam o resto. Calças pretas e justas acentuavam o efeito. Tinha nos pés botas de crocodilo pretas com tiras prateadas em torno das canelas.

Ele contornou a mesa, passou por mim e saiu da garagem. Lá fora, diante do meio-fio, deu uma risada.

— Vou lhe dizer uma coisa, nós o destruímos, eu lhe dou quatrocentos dólares, e damos tudo por terminado.

Eu também ri.

— Como falei, o carro tem sido bom para mim.

— Então o deixe em paz. O que diabos você ia querer fazer com ele?

— Eu estava pensando em transformá-lo em conversível.

— Como seria... serrar o teto dele?

— O único carro em que você pode fazer isso é o Rolls Royce Silver Cloud — falei. — Não há resistência à tensão suficiente em qualquer outro chassi. Eu estava imaginando cortar o teto, reforçar a armação, instalar uma capota automática com forro de mohair, refazer os cromados e aplicar uma pintura customizada. Vocês ainda dão acabamento protetor em laca?

— Ilegal — disse ele. — Olha só, cara, você quer um conversível, vai comprar um desses pequenos Mazdas.

— Quero converter este carro.

Ele me deu as costas.

— Muito complicado para você? — perguntei.

Ele parou. Pôs o lábio inferior entre os dentes e mordeu. As bolsas debaixo dos olhos subiram e obscureceram a metade inferior das íris. Os dois colegas trabalhando no Stutz olharam na nossa direção.

Coury manteve o lábio entre os dentes e rodou o queixo.

— É — disse ele. — É isso aí. Muito complicado.

Ele me deixou ali plantado e voltou para o terreno do seu negócio. Mas nem bem chegou à metade do caminho, parou ao lado do Stutz. Quando me afastei no Seville, ele estava olhando.

Capítulo 30

Milo fixou os olhos na xícara de café, fingiu que o líquido escuro era um pântano e que ele estava afundando.

Se aquele fosse um caso normal, teria obtido reforço. Por mais que odiasse reuniões, choques de personalidades e todas as drogas que acompanham o trabalho em grupo, suspeitos múltiplos exigem isso.

Um exército de suspeitos do assassinato de Janie. Seis, contando com Luke Chapman morto. E as derivações que agora surgiam: Walt Obey, Germe Bacilla e Diamond Jim.

Além disso, a cola que mantinha todos juntos: J.G. Broussard.

Sem falar em outro desconhecido: a teoria de Alex sobre um tira perigoso agindo por conta própria.

Milo passou algum tempo pensando nisso, tentando levantar um nome possível, mas só conseguiu imaginar uma abstração. Algum panaca realizando os desejos post-mortem de Pierce Schwinn e fazendo gracinhas. Alguém atrevido o bastante para roubar o carro de Ricke devolvê-lo minuciosamente limpo e com um presentinho.

Vance Coury trabalhava no ramo de automóveis, seria uma coincidência? Mas Coury certamente não teria posto o Livro dos Assassinos no interior do carro.

Talvez então o uso do carro significasse que alguém estava apontando para Coury de modo que ele visse. Ou estava realmente exagerando na complicação agora? 359 A raiva que o impregnava desde o aparecimento do primeiro Livro do Assassino continuava lhe provocando engulhos.

Coury. Tudo indicava que o filho-da-mãe era um sádico, estuprador e tarado compulsivo. Talvez fosse o dominador do grupo. Se ele e seus ricos amiguinhos fossem encurralados, era muito provável que emboscassem o inimigo, cortassem sua garganta e queimassem o corpo.

Um exército merecia outro, e tudo que ele tinha era Alex. Milo riu silenciosamente. Ou talvez tenha deixado escapar algum ruído, porque a velhinha do segundo reservado levantou os olhos, assustada, e o encarou com aquela expressão nervosa que caracteriza as pessoas quando veem algo esquisito.

Milo sorriu para ela, que se retraiu atrás do jornal. Ele tinha voltado ao DuPars no Farmer's Market, para tentar organizar o raciocínio. Vance Coury não saíra de sua cabeça porque tinha estuprado Janie na primeira vez e talvez houvesse iniciado a cena que desembocara no assassinato da menina. Normalmente ele teria investigado tudo o que fosse possível do cara. Mas aí... tivera uma ideia diferente. Talvez houvesse um meio mais seguro de saber mais.

Largou o dinheiro da despesa em cima da mesa e abandonou o café. O olhar da velha senhora o acompanhou até a porta.

A Missão da Luz Resplandecente era um prédio de cinco andares com as paredes recobertas de tijolinhos amarelo-milho que tinha nas laterais escadas de incêndio cinzentas e enferrujadas. Nada de frisos ou ornamentos, enfeites de gesso ou a menor preocupação com o design. Fez com que Milo se lembrasse daqueles desenhos que as crianças fazem quando lhes pedem para mostrar como acham que é um edifício. Um retângulo grande pontilhado com os quadrados das janelinhas. O edifício inclusive era meio torto. Como hotel, de grande e real, o Grande Royale só tinha o nome.

Velhos de queixos caídos e olhos remelentos, com anos de sofrimento autoinfligido, andavam arrastando os pés na calçada, e todos cumprimentavam Milo com aquela afabilidade exagerada, típica dos canalhas. Sabiam exatamente o que ele era — não havia como Milo ser tomado por qualquer outra coisa. Ao entrar na missão, ele se perguntou se a aura de policial ainda o acompanharia depois que deixasse o departamento. O que talvez viesse a acontecer bem cedo; investir contra o chefe não era uma fórmula para ter longevidade na carreira.

Mesmo sendo um chefe impopular, que em breve poderia estar perdendo a função. Milo tinha procurado nos jornais notícias de Broussard, e naquela manhã encontrara mais uma no Times. Explicações pomposas sobre o aumento rejeitado do chefe por dois membros da comissão de polícia. Desafiando o prefeito que os nomeara, o que significava que a coisa era séria.

O Chefe Broussard representa uma cultura policial entranhada há longo tempo e que contribui para a tensão dentro da comunidade. Blablablá político que significava: "Atualize seu resume, J.G". Broussard fora alçado à função de chefe de polícia em consequência do escândalo Rampart, e a comissão não sugerira uma possibilidade de nova corrupção. O problema dele era sua personalidade. Arrogância ao fazer oposição à comissão. Neste sentido, o chefe ainda pensava como um tira comum: a intromissão civil era o inimigo. Mas a natureza autoritária de Broussard tinha afastado as pessoas indevidas, ultrapassando em muito o ponto em que amigos como o prefeito e Walt Obey poderiam ajudá-lo.

Mas talvez Broussard não se importasse em perder o emprego, porque tinha alguma coisa esperando por baixo dos panos.

Por exemplo, converter sua posição não remunerada de consultor de segurança do projeto Esperanza de Obey em uma bela e gorda função corporativa que lhe garantisse status e dinheiro a longo prazo e mantivesse sua mulher em Cadillacs ou onde quer que ela quisesse se acomodar.

Neste caso, o que Obey estaria ganhando com a transação? A participação dos Cossack como refinanciadores se ajustava perfeitamente. Eles deviam muito a Broussard pelo encobrimento do caso Ingalls e aceitariam as coisas do jeito como eram. Será que Alex estaria certo a respeito de Obey estar precisando de reforço de caixa e, portanto, que os irmãos Cossack o salvassem? 361 De qualquer modo que examinasse, Milo sabia que incomodava. Que diabos, segurança e garantia eram para os fracos.

Entrou no saguão. O espaço, com seu teto abobadado, fora convertido em um salão de TV, onde mais ou menos uma dúzia de vagabundos estavam afundados em cadeiras de dobrar assistindo a um filme na tela grande. A cena mostrava atores e atrizes de cabelos compridos e barbas, com mantos cor de camelo, andando em um deserto que parecia Palm Springs, a despeito dos camelos. Um desses épicos bíblicos que querem fazer com que você acredite na existência de hebreus louros e de olhos azuis.

Milo desviou o olhar para a mesa da recepção — talvez ainda a mesma onde Vance Coury pegara a chave do seu cantinho destinado a estupro. A mesa tinha diversos jarros plásticos de biscoitos e a estante atrás estava cheia de biblias encadernadas de vermelho. Mais para a esquerda ficavam as duas portas de elevador pintadas de marrom com cruzeiros nos dorsos. Uma escadaria em que o corrimão era de metal tinha início no fundo e virava abruptamente para a direita. Todo o lugar cheirava a sopa. Por que tantos lugares destinados à salvação cheiram a sopa? Um preto velho, mais limpo que os demais, levantou-se de sua cadeira e aproximou-se

coxeando.

— Meu nome é Edgar. Posso ajudá-lo, senhor?

Vozeirão de baixo, mas um sujeitinho de pernas cambaias usando calças de brim caqui vincadas, camisa xadrez azul abotoada até o pescoço e tênis. Calvo a não ser por tufo da carapinha brancos como algodão acima das orelhas. Dentaduras alvíssimas feitas para sorrir. O efeito total era meio cômico, mas benigno.

— Os reverendos Fred ou Glenda estão? — perguntou Milo.

— O reverendo Fred está na cidade de Orange Mission, mas a reverenda Glenda está lá em cima. A quem devo anunciar?

Ele tinha um modo refinado de articular as palavras e os olhos eram claros e inteligentes. Milo podia imaginá-lo como mordomo de algum country club refinado, servindo gente rica com uma gramática perfeita. Fosse outra sua cor de pele, e talvez fosse ele a pessoa a ser servida. — Milo Sturgis.

— E de que se trata, senhor Sturgis?

— Assunto pessoal.

O velho lançou um olhar compadecido para ele.

— Um momento, senhor Sturgis. — Ele subiu lentamente a escada e voltou poucos minutos depois. — A reverenda Glenda o espera, senhor Sturgis. O próximo andar, segunda porta à direita.

Sentada atrás de uma mesinha de carvalho em um escritório pequeno e quase vazio, com um aquecedor antiquíssimo e protegido por venezianas amareladas, Glenda Stephenson tinha a aparência exata de dez anos atrás. Vinte e cinco quilos de sobrepeso, maquilagem em excesso, as ondas do cabelo escuro lembrando uma cobertura de bolo em cima de um rosto largo e sorridente. Mesmo tipo de roupa também, um vestido de musselina suíça cor-de-rosa com uma gola enfeitada. Toda vez em que Milo a vira ela estava usando algo decorado com babados e inadequado naquele mesmo tom de rosa de sabonete. Não esperava que ela fosse se lembrar dele, mas assim que o viu Glenda foi dizendo: — Detetive S.! Há tanto tempo! Por que não me traz ninguém há tanto tempo?

— Não trabalho com os vivos atualmente, Reverenda — disse Milo. — Estou trabalhando em Homicídios há muito tempo.

— Que pena — disse Glenda Stephenson. — Bem, como tem se saído?

— Tem seus momentos.

— Aposto que sim.

— Como vai o negócio de salvação de almas, Reverenda? Glenda sorriu.

— Nunca falta trabalho.

— Sou capaz de garantir.

— Sente-se. Quer um café?

Milo não viu cafeteira ou bule. Só uma caixa de donativos em cima da mesa, perto de uma pilha bem organizada do que pareciam ser formulários do governo. Impulsivamente ele enfiou a mão no bolso, encontrou uma nota e colocou na caixa. — Oh, não precisa — disse Glenda.

— Eu sou católico — disse Milo. — Não posso entrar em um ambiente religioso que me dá vontade de fazer uma doação.

Glenda riu. Uma risadinha de garota. Por alguma razão não parecia tão tola vindo daquele rosto redondo como se poderia pensar.

— Bem, então apareça sempre. Nunca temos falta de carências, tampouco. Assim... Edgar disse que sua visita era pessoal?

— De certo modo — concordou Milo. — Trabalho e pessoal ao mesmo tempo... O que quero dizer é que isto tem que ficar entre nós.

Glenda sentou-se mais para a frente e seus seios raspavam no tampo da mesa.

— Claro. O que é que há, querido?

— Não é a meu respeito — disse Milo.

— Não diretamente. Mas estou envolvido em um caso que é... sensível, requer cuidados especiais. Surgiu um nome, e eu levantei uma ligação com a missão. Vance Coury.

Glenda recuou e sua cadeira rangeu.

— Pai ou filho?

— O filho.

— O que foi que ele fez?

— Você não parece espantada.

Em repouso, o rosto de Glenda era liso — nada enche as rugas tão bem quanto gordura. Mas agora rugas de preocupação apareceram — marcando os cantos da boca, os olhos, a testa.

— Meu Deus, será que isso pode repercutir de algum modo em nós aqui na missão?

— Não, no meu entendimento. Eu certamente não faria nada que a pusesse em uma posição desconfortável, reverenda.

— Oh, eu sei disso, Milo. Você sempre foi muito bom. Tirando tempo do turno de patrulha para entregar almas tristes. O modo como você segurava o braço deles, o modo como... os atendia.

— Eu estava tentando limpar as ruas, e vocês estavam lá. Lamento, mas não há nada de pastoral em mim.

— Oh, pois eu penso que você está enganado — disse Glenda. Acredito que você daria um excelente sacerdote.

Milo sentiu o rosto afogueado. Ruborizando-se, pelo amor de Deus.

Glenda Stephenson: — Coury, o filho... Quando Fred e eu aceitamos o prédio, tínhamos nossas reservas. Porque, como você tem conhecimento, somos veteranos encanecidos neste bairro e sabíamos muito bem como o pai dele tinha sido... todo mundo aqui sabia a respeito do velho Coury.

— O explorador da favela.

— Além de ser o dono e explorador dos pobres, era um homem mau... nunca nos deu um centavo, e, Milo, nós pedíamos. Por isso ficamos surpresos quando poucos meses depois que ele morreu recebemos uma carta do advogado do filho nos comunicando que ele estava doando o hotel para a missão. Lamento dizer que nossa reação imediata foi acolher em nossos corações pensamentos nada caridosos.

— Tipo, querendo saber onde é que estava a pegadinha.

— Exatamente. O pai... não, não vou falar mal dos mortos, mas basta afirmar que a caridade não parecia ser seu ponto forte. E ainda havia as pessoas que empregava.

Sempre tornavam a vida do nosso pessoal difíceis. E o filho os manteve na folha de pagamento.

— Que gente era essa?

— Rapazes brigões de East L. A. — disse Glenda.

— Que gangue? — quis saber Milo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Você ouviu boatos. Eighteenth Street, a Máfia Mexicana, Nuestra Família, não sei exatamente. Mas quem quer que fossem, quando apareciam na rua intimidavam os nossos homens. Bancando os valentões, passando de carro. Às vezes saltavam e exigiam dinheiro, tornando-se ameaçadores.

— Fisicamente?

— De vez em quando alguém levava um soco ou um empurrão. A maior parte era intimidação psicológica. Suponho que eles se sentissem em seu direito... territorial. O senhor Coury — o pai — os usava como coletores dos alugueis. Quando o filho nos ofereceu o edifício, o primeiro pedido que fizemos foi para que seu pessoal ficasse longe de nossos homens. Porque pensávamos que eles fossem permanecer com os outros hotéis e não queríamos ficar geograficamente perto desse ambiente. O advogado disse que não haveria problema. Coury ia pôr abaixo os prédios, transformar os terrenos em áreas de estacionamento. Nosso advogado falou com o advogado dele, papéis foram assinados e pronto. Fred e eu continuamos esperando o aparecimento do verdadeiro motivo atrás de tudo isso, mas, como o nosso advogado explicou, o filho estava enrolado com o imposto sobre a herança recebida do pai e o Grand Royale podia ser avaliado de modo que servisse aos seus interesses.

— Supervalorização?

— Não — respondeu Glenda. — Fred e eu jamais iríamos aceitar isso. Na verdade, exigimos examinar os mais recentes registros do condado, e tudo estava nos conformes.

O Grand Royale valia aproximadamente duas vezes os outros hotéis, de modo que se ajustava às necessidades do filho. Não foi a única coisa que ele vendeu. Sr. Coury, o pai, fora dono de muitas propriedades. Mas os três hotéis tinham sido adquiridos num pacote dentro de um tipo qualquer de projeto habitacional do governo, de modo que, ao doar o Royale, tudo se acertou.

— Coury ajudando a obra do Senhor — disse Milo.

— Engraçado, não? O pai lucrou oprimindo os pobres, e agora parte dos seus lucros serviu para ajudá-los.

— Final feliz, Reverenda. Não acontece com frequência.

— Acontece sim, Milo. Você só tem que saber onde procurar. Ele conversou mais um pouco, colocou mais dinheiro na caixa de esmolas sob protestos dela e foi embora.

Vance Coury tinha cumprido a promessa de manter sua quadrilha distante da Missão e, agora que os outros dois hotéis tinham sido transformados em áreas de estacionamento, a necessidade de coletores de alugueis desaparecera.

Mas essa coisa de gangue intrigou Milo e quando ele passou pelos estacionamentos e deu uma olhada nos atendentes, viu crânios raspados à navalha e atitudes esquivas.

Tatuagens exageradas o bastante para serem vistas do meio-fio.

Capítulo 31

O que eu vira do comportamento de Vance Coury se ajustava ao perfil do estuprador:

grosseiro, machão, fazendo questão de não agradar. O ambiente supercarregado em que ele operava também combinava: motores poderosos, pinturas espalhafatosas, fotos presas nas paredes da garagem de mulheres submissas fazendo sexo oral. O Porsche mutilado.

Um pai corrupto completava o quadro. Coury tinha sido criado podendo pegar o que quisesse. Acrescentem-se amigos parecidos, e Janie Ingalls tinha sido um coelho em uma toca de cachorros.

Ele não tinha se interessado em me atender. Será que realmente considerava o Seville um monte de lixo? Ou os estacionamentos pagavam a conta e o negócio de customizar automóveis era recreacional? Podia ser também uma fachada... todos aqueles integrantes de gangues.

Dirigi-me para a cidade e pensei no Porsche cortado ao meio. Um show de evisceração. A alegria da destruição. Talvez eu estivesse interpretando demais, mas os poucos minutos que passara com Coury me deixaram alerta e apreensivo, e o fato foi que continuei a checar o espelho retrovisor muito tempo depois de ter passado da Mulholland.

Outra vez em casa, imaginei a cena da festa vinte anos atrás: o encontro de Janie com Coury em meio à barulheira e às drogas, o lampejo de reconhecimento — prazer para Coury, horror para Janie.

Ele se aproxima e assume o controle. O resto do King's Men se junta a Coury e Janie.

Inclusive um membro do King's Men que parecia diferente dos demais? As imagens que a galeria de Nicholas Hansen colocara na Internet eram naturezas-mortas. Luminosas composições de frutos e flores pintadas meticulosamente. As obras de Hansen pareciam a galáxias de distância do quadro deixado na rampa de Beaudry — na verdade, de qualquer ato brutal. Mas a arte não imuniza contra o mal. Caravaggio matara um homem por causa de uma partida de tênis e Gauguin dormia com jovens taitianas sabendo que as estava infeccionando com sífilis. Ainda assim, Nick Hansen parecia ter escolhido um caminho diferente, e qualquer desvio sempre me fascinou.

Eram quase três horas e talvez já tivesse passado a hora de fechamento da galeria em Nova York, mas eu e telefonei assim mesmo e fui atendido por uma voz jovem de mulher. Da primeira vez em que eu entrara em contato com a galeria, havia falado com uma mulher de mais idade, de modo que agora tinha uma chance para nova dissimulação.

Engrenei um papo de arte e me apresentei como um colecionador de desenhos de velhos mestres que ficara sem o espaço livre de luz natural que tais tesouros demandavam e estava considerando passar para óleos.

— Óleos dos velhos mestres? — perguntou a jovem.

— Um pouco além do meu orçamento — respondi. — Mas fiquei impressionado por alguns representantes do realismo contemporâneo que vêm se destacando. Nicholas Hansen, por exemplo.

— Oh, Nicholas é maravilhoso.

— Ele certamente não é intimidado pela tradição — falei. — Você poderia me dizer mais alguma coisa a respeito do seu background... é rigidamente acadêmico? — Bem — disse ela. — Ele realmente estudou em Yale, Mas nós sempre sentimos que Nicholas transcende a pintura acadêmica. Há 368 qualquer coisa de diferente em sua sensibilidade. E no modo como usa a luz.

— Sim. Muito importante. Gosto do seu senso de composição.

— Ah, isso também. Ele é simplesmente de primeira classe. Lamentavelmente não temos

pinturas de Hansen em estoque. Mas se o senhor puder me dar seu nome...

— Eu sempre pesquiso um artista antes de me decidir. A senhora por acaso não tem uma informação biográfica dele que possa me enviar por fax? — Sim, claro — respondeu ela. — Vou lhe mandar agora mesmo. E acerca do aspecto acadêmico... Nicholas tem muitos estudos, mas, por favor, não use isto contra ele.

A despeito de sua meticulosidade e do seu modo de tratar a tinta, há uma energia primal na sua consciência. E preciso ver pessoalmente seus quadros para valorizar isso.

— Sem dúvida — concordei. — Nada como ver pessoalmente. Cinco minutos mais tarde meu fax tocou e pôs-se a expelir o curriculum vitae de Nicholas Hansen. Estudos, prêmios, mostras individuais e coletivas, coleções em empresas, exposições em museus.

O homem tinha realizado muita coisa em duas décadas e, ao contrário do seu velho amigo Garvey Cossack, não contava nada do que fizera em uma biografia exagerada.

Nenhuma menção ao ensino médio; a narrativa que Nicholas Hansen fazia de seus estudos começava com a faculdade: Universidade de Columbia, onde se graduou bacharel em antropologia, os verões cheios de bolsas de estudo de pintura, mestrado em Belas Artes por Yale e dois anos de trabalhos de pós-graduação em um ateliê situado em Florença, Itália, aprendendo técnicas de pintura clássica. Entre suas exposições feitas em museus havia participação em grupos no Instituto de Arte de Chicago e no Museu de Belas Artes de Boston. Nomes proeminentes figuravam entre as pessoas que colecionavam seu trabalho.

Um homem realizado. Polido. Difícil de combinar com o Vance Coury da garagem ou o estilo de vida vulgar dos Cossack. Integrante de uma quadrilha de estupradores.

Examinei as datas do resumo de Hansen. Vi algo mais que não se ajustava. Milo ainda não estava respondendo em nenhum dos seus telefones, de modo que tentei acalmar minha inquietude com uma cerveja, depois uma outra. Levei a garrafa para o lago, depois pensei em relaxar, mas acabei por me decidir a colher folhas. Nas horas seguintes, pudei, trabalhei com o ancinho e me ocupei com tarefas que não me obrigavam a pensar. Eu estava prestes a me permitir um momento de repouso quando o telefone tocou dentro de casa. Robin? Subi correndo a escada, peguei a extensão da cozinha e ouvi a voz do Dr. Bert Harris.

— Alex?

— Bert. O que é que há?

— Foi bom ver você — disse ele. — Depois de tanto tempo. Só estou querendo saber como você vai indo.

— Eu estava assim tão mal?

— Oh, não, Alex. Talvez só um pouco preocupado. Assim...

— Vou tocando o barco.

— Tocando o barco.

— Não, é mentira, Bert. Estraguei tudo com a Robin. Silêncio. Falei: — Eu devia ter seguido o seu conselho. Em vez disso, voltei ao passado. Mais silêncio. Depois: — Entendo...

— Ela reagiu exatamente como você deve imaginar. Talvez eu quisesse que ela reagisse mesmo.

— Você está dizendo...

— Eu realmente não sei o que estou dizendo, Bert. Olha só, eu agradeço por você ter ligado, mas as coisas estão meio... Não me sinto disposto a falar a esse respeito.

— Desculpe-me — disse ele. Desculpando-se de novo.

— Nada a desculpar. Você me deu um bom conselho, e eu ferrei tudo. — Você cometeu um erro, filho. E os erros podem ser remediados.

— Alguns.

— Robin é uma mulher flexível. Ele a vira duas vezes.

— É o seu otimismo inato falando? — perguntei.

— Não, é a intuição de um velho, Alex. Cometi minha cota de erros, mas após alguns anos a gente ganha um sentido apurado em relação às pessoas. Odeio ver você se enganar.

— Sobre Robin? — A respeito de qualquer coisa — disse ele. — Outra razão pela qual estou telefonando é que estou planejando viajar. Talvez uma boa temporada. Camboja, Vietnã, alguns lugares em que estive, e outros que não conheço.

— Parece ótimo, Bert.

— Não quis que você tentasse falar comigo e não me encontrasse.

— Agradeço seu interesse. — Teria eu parecido tão carente?

— Parece presunçoso, não é? — disse ele. — Achar que você telefonaria. Mas... por via das dúvidas...

— Achei muita gentileza da sua parte me avisar, Bert.

— Sim, bem... então, boa sorte.

— Quando você vai viajar? — Logo. Assim que terminar de tomar as últimas providências.

— Bon voyage — falei. — Quando voltar, me dê um telefonema. Vou adorar saber como foi a viagem.

— Sim... posso lhe dar um conselho, filho? Por favor, não.

— Claro.

— Tente temperar cada dia com uma nova perspectiva. — OK.

— Então, adeus, Alex.

Coloquei o aparelho de volta no descanso. De que tinha se tratado aquilo? Quanto mais pensava na conversa, mais ela me parecia uma despedida definitiva.

Bert indo viajar... ele me parecera triste. Aqueles comentários que ele havia feito no outro dia sobre senilidade. Todos aqueles pedidos de desculpa. Bert era um ótimo terapeuta, competente o bastante para saber que eu não tinha querido conselho. De qualquer modo, me oferecera um conselho de despedida.

Procure temperar cada dia com uma nova perspectiva. As últimas palavras de um velho amigo defrontando a deterioração? Fazendo uma viagem... uma última jornada? Lá estava eu de novo, seguindo pelo caminho da pior hipótese.

Procurando não complicar: O velho sempre tinha viajado, amava viajar. Não havia razão para pensar que seu destino fosse qualquer lugar que não o Sudeste da Ásia...

O telefone tocou de novo. Liguei o viva-voz e a cozinha se encheu de estática e da voz de Milo.

— Algum insight novo?

— Que tal um fato concreto? Nicholas Hansen não pode ter estado envolvido no assassinato de Janie. No início de junho ele estava completando o último ano em Columbia.

Depois que se graduou, foi para Amsterdã e passou o verão em um curso de pintura com modelo vivo no Rijksmuseum.

— Essa tese presume que ele não ia em casa nos fins de semana.
— Nova York L.A. para um fim de semana? — Eram garotos ricos — disse ele.
— Tudo é possível, mas não é como vejo. Hansen não é como os outros companheiros do King's Men. Sua vida tomou um rumo completamente diferente e, a menos que você descubra que ele mantém atualmente um relacionamento com Coury, os Cossack e Brad Lamer, minha aposta é que ele se afastou do grupo e manteve distância.

— Então ele não é útil para nós.
— Pelo contrário. Pode ser que ele nos forneça bons insights.
— A gente bate na porta dele, cumprimenta e diz que quer bater Papo sobre seus antigos companheiros criminosos sexuais?
— Alguma outra pista promissora por ora? — perguntei.
Ele não respondeu.
— E então — falei —, o que é que você fez hoje?
— Bisbilhotei a vida de Coury Júnior. O pai dele era mesmo o canalha que os jornais descreviam. Usava membros de gangues para receber os alugueis. E parece que Júnior continuou com o antigo relacionamento. Os duvidosos cidadãos que operam seus estacionamentos têm aquele ar inequívoco de quem pertence a gangues. Neste ponto contei a ele minha visita à garagem.

— Customizar o Seville como disfarce? Não lhe passou pela cabeça que Coury não aceitou a encomenda por não ter acreditado na sua história? Meu Deus do céu, Alex...

— Por que ele não iria acreditar? — perguntei.
— Porque alguém no campo do inimigo sabe que estamos metendo o nariz no caso Ingalls. Para começar, você recebeu o Livro do Assassino porque alguém sabia que trabalhávamos juntos. Alex, isso foi uma estupidez tremenda.

— Coury não se mostrou desconfiado, simplesmente apático. Minha visão é que ele não precisa do dinheiro.

— Ele estava fazendo outros trabalhos? — Estava — admiti.
— O que significa que ele trabalha, mas que não queria trabalhar para você. Alex, nada mais de improvisações.

— Ótimo — falei. — As conexões com as gangues teriam dado a Coury a mão-de-obra necessária para serviços ocasionais. Como se livrar de Luke Chapman e, possivelmente, de Willie Burns e Caroline Cossack. Talvez do detetive Lester Poulsehn também. Eu o localizei... com toda a segurança, tudo via computador... e adivinha só, ele morreu menos que duas semanas depois que Caroline deixou a Achievement House. Alvejado por uma bala na cabeça em Watts, dentro de uma casa que foi incendiada. Acabara de ser transferido dos Assuntos Internos para a Divisão Metropolitana, o que significa que talvez estivesse trabalhando no caso de Janie, certo? — Morreu queimado — disse ele, com a voz tensa. — O que estava fazendo em Watts? — O jornal não dizia. Jornal de Sacramento, a propósito.

— O artigo diz onde no Watts? Li o endereço. \ Sem resposta.

— Alô? Milo?

— Tudo bem... OK, encontre-se comigo em Beverly Hills dentro de uma hora. Precisamos fazer uma avaliação.

Capítulo 32

O BMW verde de Nicholas Hansen estava parado no caminho de pedras da casa na North Roxbury Drive. A rua era arborizada com olmos que lutavam para sobreviver. Algumas árvores tinham desistido, e seus galhos nus projetavam sombras irregulares nas calçadas. A rua era silenciosa, exceto por uma sinfonia típica de Beverly Hills; equipes tratando carinhosamente dos jardins das mansões daquela quadra.

Milo estacionou o novo carro que alugara — um sedã Oldsmobile cinzento — seis casas ao norte da hacienda bege cor de baunilha de Hansen. Quando desliguei o motor, ele estava na minha janela.

— Carro novo — comentei.

— A variedade dá sabor à vida. — Seu rosto estava pálido e suarento.

— Algo mais para justificar a troca?

— Entrar em contato com Hansen é um risco e talvez não seja um risco inteligente. Se ele ainda estiver em contato com os outros, vai tudo bater no ventilador. Caso contrário, talvez não haja uma verdadeira recompensa.

— Mas você vai em frente de qualquer maneira. Ele puxou um lenço e secou o suor da testa.

— A alternativa é não fazer nada. E quem disse que sou inteligente? Quando atingimos a propriedade de Hansen, ele franziu a testa e deu uma espiada pela janela do BMW. — Limpo. Metuculoso.

Quando Milo subiu os degraus e apertou o botão da campainha parecia pronto a rasgar o que aparecesse na sua frente.

Nicholas Hansen atendeu usando um abrigo esportivo preto desbotado, tênis Nike brancos e ar distraído. Manchas marrons e vermelhas nos seus dedos eram os únicos indícios de sua ocupação. Era alto e magro, com o rosto estranhamente cheio, e parecia mais perto dos 50 que dos 40. Pescoço macio, olhos castanho-claros, boca contornada por rugas, com veias azuis na calva cercada por uma orla de cabelo grisalho cortado curto. A crise da meia-idade recurvava seus ombros. Eu teria dito que era um advogado exausto tirando um dia de folga.

Milo exibiu sua identificação, e os olhos turvos de Hansen voltaram à vida. Mas sua voz era baixa e indistinta.

— Polícia? A respeito de quê? Eu estava atrás de Milo, mas não tão longe que não pudesse sentir o bafo de álcool de Hansen.

— Escola — respondeu Milo. Sua voz saiu áspera, e ele não usou o nome de Hansen nem sequer o condescendente "senhor" típico dos policiais.

— Escola? — Hansen piscou, e os dedos manchados de tinta de uma das mãos cobriu a calva, como se tivesse sido afligido por uma súbita enxaqueca.

— The King's Men — disse Milo.

Hansen deixou cair a mão e esfregou os dedos uns nos outros, soltando um floco de tinta e inspecionando as unhas.

— Sinceramente eu não entendo... estou trabalhando.

— É importante — disse Milo, que sustentou o crachá na altura do rosto de Hansen, fazendo o artista dar um passo para trás.

— King's Men? — repetiu ele. — Isso foi há muito tempo. Milo preencheu o espaço que Hansen deixara vago.

— Aqueles que esquecem o passado estão condenados a repeti-lo, e tudo mais.

A mão de Hansen agitou-se um pouco mais e terminou na ombreira da porta. Ele sacudiu a cabeça. — Vocês me deixaram atônito, cavalheiros. — Seu hálito era puro álcool e seu nariz, um mapa em relevo de capilares desenhados pela bebida.

— Terei prazer em esclarecer — disse Milo. Ele moveu o pulso e a luz do sol refletiu no seu crachá. — Presumo que você não vá querer falar aqui fora na frente de todo mundo.

Hansen recuou mais um pouco. Milo era somente alguns centímetros mais alto que ele, mas assumia uma postura que aumentava a diferença.

— Eu sou pintor, estou no meio de uma pintura — insistiu Hansen.

— E eu estou no meio de uma investigação de homicídio.

A boca de Hansen abriu-se, revelando dentes desiguais e amarelados. Ele a fechou rapidamente, olhou para o relógio e depois por cima do ombro.

— Sou um grande fã de arte — disse Milo. — Especialmente do expressionismo alemão... toda aquela ansiedade.

Hansen encarou-o com os olhos fixos e recuou ainda mais. Milo continuou na dança e posicionou-se a centímetros dos olhos cansados de Hansen.

Hansen disse: — Espero que isto não demore muito.

A casa era fresca e sombria, saturada do cheiro geriátrico da cânfora. Os cacos de cerâmica vermelho-escuros do piso do hall de entrada continuavam nos degraus da escada estreita e com corrimão de metal. Vigas de carvalho sustentavam o teto com um pé-direito de quatro metros de altura. A madeira envelhecida era quase preta.

As paredes eram pintadas de um tom mais carregado que o bege-claro externo e apresentavam inúmeros nichos vazios. Janelas pequenas, algumas com vitrais coloridos representando cenas do Novo Testamento, reduziam a luminosidade. As vidraças coloridas projetavam raios das cores do arco-íris. A mobília pesada era escura e volumosa.

Não havia quadros nas paredes. O efeito do conjunto era de uma igreja pouco frequentada.

Nicholas Hansen nos indicou um sofá afundado no meio e decorado com franjas, estofado com tecido de decoração meio puido, 376 sentou-se de frente para nós em uma poltrona de couro toda arranhada e dobrou as mãos no colo.

— Eu realmente não consigo imaginar qual possa ser o motivo de sua visita.

— Começemos com os membros do King's Men — disse Milo. Você se lembra deles.

Hansen deu outra olhada no relógio. Um troço digital barato, com pulseira de plástico.

— Muito trabalho? — perguntou Milo. Hansen: — Pode ser que eu tenha que interromper, se minha mãe acordar. Ela está morrendo de câncer do cólon, e a enfermeira do dia tirou a tarde de folga.

— Sinto muito — disse Milo, na verdade sem demonstrar a menor compaixão.

— Ela tem 87 anos — disse Hansen. — Nasci quando tinha 45. Sempre me perguntei por quanto tempo a teria comigo. — Ele arrancou um fio da blusa. — Sim, eu me lembro dos King's Men. Por que vocês iriam me ligar a eles depois de todos esses anos?

— Seu nome surgiu no curso de uma investigação.

Hansen mostrou de novo os dentes amarelados. Seus olhos estreitaram-se, com o esforço

da concentração.

— Meu nome surgiu na investigação de um homicídio?

— Um crime repugnante.

— Recente? Milo cruzou as pernas.

— Isto andar­á mais rapidamente se eu fizer as perguntas. Outro homem podia ter se irritado. Hansen ficou sentado, como uma criança obediente.

— Sim, claro. Eu só... o King's Men não passou de uma idiotice do tempo de escola. — Ele não conseguia articular direito as palavras. Seus olhos desviaram-se para as vigas do teto. Um homem maleável. O vício em álcool tornou mais fácil o trabalho de Milo.

Milo puxou o bloco de anotações. Quando clicou a caneta para abri-la, Hansen se assustou, mas permaneceu quieto onde estava.

— Vamos começar com o básico. Você foi membro do King's.

— Eu realmente gostaria de saber como você... deixa pra lá, vamos acabar logo com isso — disse Hansen. — Sim, fui membro. Nos meus dois últimos anos na escola. Cheguei lá na penúltima série, jv meu pai era executivo da Standard Oil, de modo que viajávamos muito, tínhamos morado no Extremo Oriente. Quando eu fazia a terceira série, o Pai foi transferido para L.A. e terminamos alugando uma casa em Westwood. Eu me sentia bastante desorientado. De qualquer modo, é uma época difícil, certo? Acho que fiquei irritado com meus pais por me cortarem as raízes. Eu sempre tinha sido obediente... filho único, demasiadamente adulto. Acho que quando cheguei à University High resolvi me rebelar, e o King's Men me pareceu uma boa maneira.

— Por quê?

— Porque eles eram um bando de malandros — respondeu Hansen. — Garotos ricos que não faziam nada, exceto beber e usar droga. Conseguiram que a escola os reconhecesse como um legítimo clube de serviço porque um dos pais deles era proprietário de imóveis e deixou que a escola usasse seus lotes vazios nas campanhas de levantamento de fundos... lava-carros, venda de bolinhos feitos em casa, esse tipo de coisa. Mas o Clube não tinha nada a ver com prestação de serviços, era só festa.

— Um pai dono de imóveis — disse Milo. — Vance Coury.

— Sim, o pai de Vance.

Milo teve a impressão de que Hansen ia dizer mais alguma coisa e esperou. Quando Hansen permaneceu em silêncio, ele Perguntou: — Quando foi a última vez que você viu Vance Coury?

— Na festa de formatura — respondeu Hansen. — Não mantive contato com nenhum deles. É este o motivo pelo qual estou estranhando tudo isso.

Outro olhar para cima. Hansen nunca estudara em detalhes a linguagem corporal da mentira.

— Você não viu nenhum deles desde a formatura? — insistiu Milo. — Nem uma só vez?

— Na época em que nós nos formamos, eu estava seguindo para outra direção. Todos eles ficariam aqui, e eu tinha sido aceito em Columbia. Meu pai queria que eu fosse para uma escola de comércio mas eu finalmente consegui me rebelar de verdade e fiz o college com especialização em antropologia. O que realmente me interessava era arte, mas isso teria causado tumulto demais. Do jeito como foi, meu pai esteve longe de achar graça, mas minha mãe me

apoiou.

Um terceiro olhar para o relógio e outra espiada na direção da escada. Filho único esperando que a mãe o salvasse.

— Você não chegou a responder a pergunta — disse Milo. — Viu algum dos elementos do King's Club depois de se formar?

Os olhos baços de Hansen fizeram outra viagem para cima e sua boca começou a tremer. Ele tentou disfarçar com um sorriso. Cruzou as pernas, como que imitando Milo.

O resultado foi uma contorção forçada.

— Nunca vi Vance, nem os Cossack ou Brad Larner. Mas havia outro menino, Luke Chapman... embora estejamos falando de vinte anos atrás, pelo amor de Deus. Luke era... o que é exatamente que você quer saber?

Milo cerrou o queixo. Sua voz tornou-se gentil e sinistra.

— Luke era o quê?

Hansen não respondeu.

— Você sabe que ele está morto — disse Milo.

Hansen assentiu.

— Muito triste.

— O que é que você ia dizer a respeito dele?

— Que ele não era muito inteligente.

— Quando, depois da formatura, você o viu?

— Olha — disse Hansen. — Você precisa compreender o contexto. Ele... Luke... não era nenhum gênio. Para falar a verdade, era obtuso. A despeito disso, sempre o considerei o melhor deles. Esta é a razão por que... isso tem a ver com o afogamento de Luke?

— Quando você viu Chapman?

— Só uma vez — disse Hansen.

— Quando?

— Meu primeiro ano na faculdade.

— Que mês?

— Feriados de inverno. Dezembro.

— Algumas semanas antes de Chapman se afogar.

Hansen empalideceu e dirigiu o olhar de novo para as vigas do teto. Arriou na cadeira e deu a impressão de ser menor do que era. Mentiroso incompetente. Pintar tinha sido uma escolha melhor do que o mundo corporativo. Milo fechou o bloco ruidosamente, levantou-se de um pulo, dirigiu-se para a cadeira de Hansen. Este parecia pronto a desmaiar.

— Conte-nos tudo o que houve — disse Milo.

— Você está querendo dizer que Luke foi assassinado? Tanto tempo atrás... De quem suspeita?

— Conte-nos sobre seu encontro com Chapman.

— Eu... isto é... — Hansen sacudiu a cabeça. — Preciso de um drinque... posso pegar também qualquer coisa para vocês?

— Não, mas fique à vontade para fortificar-se.

Hansen apoiou-se nos braços da cadeira e levantou-se. Milo foi atrás dele e juntos eles atravessaram a entrada de piso de cerâmica, a sala de jantar adjacente e uma porta dupla.

Quando os dois voltaram. Hansen trazia em ambas as mãos um copinho bojudo de cristal trabalhado meio cheio de uísque. Quando se sentou, Milo assumiu de novo sua posição atrás da cadeira. Hansen virou-se, levantou os olhos para ele, enxugou quase todo o uísque e esfregou o canto dos olhos.

— Comece com o local.

— Aqui mesmo. Nesta casa — Hansen esvaziou o copo. — Luke e eu não tínhamos mantido contato. Há muito tempo que eu tinha apagado os tempos de ginásio da minha memória.

Eles eram garotos estúpidos, ricos e estúpidos, e só de pensar que eu os achara legais dava vontade de rir. Eu era um ce-de-efe da Costa Leste com medo de mudar novamente de estilo de vida, jogado em um mundo inteiramente novo. Corpos bronzeados, riso alto, castas sociais... era uma overdose repentina de Califórnia. Luke e eu tínhamos estudado História Mundial juntos. Ele estava se dando mal. Luke era aquele louro burrão típico que mal sabe ler e escrever. Sentia pena dele, e por isso resolvi ajudá-lo com aulas particulares gratuitas. Luke era burro, mas não era mau garoto. Era do tamanho de uma geladeira, mas nunca fez esportes porque preferia beber e usar drogas. Esta era a essência dos Kingers. Faziam questão absoluta de não se engajarem em nada exceto farras e naquela época específica de minha vida esse tipo de despreocupação me parecia atraente. Assim, quando Luke me convidou para ingressar no grupo, dei pulos de alegria. Eu passaria a pertencer a um grupo, a ter o meu lugar na escola. Eu não tinha outra coisa.

— Você foi bem recebido pelos outros?

— Não de braços abertos, mas eles não foram ruins — respondeu Hansen. — Eles me testaram. Tive que demonstrar meu valor bebendo mais que eles sem ficar bêbado. Isso deu para fazer, mas na realidade nunca me senti completamente à vontade com eles, que talvez tenham percebido, porque no fim foram se distanciando. E também tinha o fator econômico. Eles imaginavam que eu fosse rico... tinha circulado um boato de que meu pai era o dono de uma companhia de petróleo. Quando contei a verdade, eles ficaram claramente desapontados.

Hansen passou o copinho de uma mão para outra, olhos fixos nos joelhos.

— Vejam só, eu falando sem parar a meu respeito. — Ele respirou fundo. — Resumindo: andei com eles na segunda metade do meu primeiro ano na University High e um pouco no ano seguinte, depois se acabou aos poucos. Minha ida para Columbia marcou o fim definitivo. Todos planejavam ficar vivendo à custa dos pais em L.A. e continuar com as farras. Milo: — Então você estava em casa aproveitando uma folga e Luke Chapman apareceu de repente.

— Sim, foi mesmo de repente — confirmou Hansen. — Eu passava o dia inteiro desenhando em meu quarto. Luke apareceu sem aviso, e minha mãe deixou que ele entrasse.

Hansen levantou o copinho vazio.

— O que ele queria? — indagou Milo.

Hansen olhou espantado para ele.

— De que se tratava, Nicholas?

— A aparência dele era horrível — disse Hansen. — Desgrenhado, sujo... fedia como um galinheiro. Eu não sabia como encarar aquilo. Ai ele disse: "Nick, cara, você foi o único que sempre me ajudou, e eu preciso que você me ajude agora." Minha primeira ideia foi de que ele engravidara alguma garota, precisava de orientação sobre como providenciar um aborto, algo desse tipo. Falei: "O que posso fazer por você?" E foi quando ele desmontou. Literalmente se desintegrou. Ficou se balançando, gemendo e dizendo que tudo estava fodido. Ele levantou o

copinho de bebida.

— Dá para encher de novo?

Milo virou-se para mim.

— A garrafa está em cima da bancada. Nicholas e eu esperamos aqui.

Entreí na cozinha e servi dois dedos da garrafa de Datwhinnie de malte puro que encontrei em cima da bancada. Ao voltar, prestei atenção nos detalhes: paredes amarelas, utensílios antigos brancos, bancadas das pias revestidas de aço inox, escorredores de pratos vazios. Abri a geladeira. Caixa de leite, pacote de bacon, algo dentro de uma terrina que parecia mingau petrificado. Nenhum aroma de comida, só o mesmo fedor de naftalina. A garrafa de uísque só tinha um quarto. Nicholas Hansen pouco ligava para alimentação era um bebedor solitário.

De volta à sala, Milo estava ignorando Hansen e folheava seu bloco. Hansen continuava imóvel, como um paraplégico. Passei-lhe o copo. Ele o segurou com as duas mãos e bebeu.

— Luke se desintegrou — disse Milo.

— Perguntei a ele o que havia de errado, mas, em vez de me responder, ele pegou um baseado e começou a acendê-lo. Arranquei-o de sua mão e disse: "O que é que você pensa que está fazendo?" Eu devia estar bem irritado, porque ele recuou e disse: "Oh, Nick, estamos realmente fodidos." E foi quando se abriu.

Hansen terminou o segundo uísque.

— Continue — disse Milo.

Hansen contemplou o copo vazio, pareceu considerar mais uma dose mas colocou o copo numa mesinha auxiliar.

— Ele me contou que tinha havido uma festa... uma festança, em algum lugar de Bel Air, numa casa vazia.

— Casa de quem?

— Ele não falou e eu não perguntei. Eu não queria saber.

— Por que não? — quis saber Milo.

— Porque eu tinha me mudado, eles não faziam mais parte de meu mundo...

— O que Chapman contou sobre a festa? — indagou Milo. Hansen ficou em silêncio. Olhou para toda parte menos para nós.

Esperamos que ele se abrisse. Ele disse: — Meu Deus.

— É meu Deus mesmo — disse Milo. Hansen meteu a mão no copinho de bebida.

— Eu podia beber...

Milo: — Não.

— Uma garota foi morta na festa. Eu realmente preciso de outro drinque.

— Qual era o nome da garota?

— Não sei! — Os olhos de Hansen estavam úmidos, baços.

— Você não sabe — disse Milo.

— Tudo o que Luke disse foi que houve uma festa e que as coisas saíram do controle e eles andaram transando com uma garota, o clima se agravou mais ainda e, de repente, ela morreu.

— Transando. Sem resposta.

— De repente — disse Milo.

— Foi como ele disse.

— Como esta morte súbita foi provocada, Nick?

Hansen mordeu o lábio. Milo berrou.

— Anda! Hansen deu um pulo na cadeira e manuseou desajeitadamente o copo.

— Por favor, não sei o que aconteceu. Luke não sabia o que tinha acontecido. Esse era o ponto. Ele estava confuso... desorientado.

— O que ele lhe contou sobre a garota?

— Ele disse que Vance a amarrou, eles estavam farreando com ela, e de repente ficou sangrento. Uma cena sangrenta, como daqueles filmes a que costumávamos assistir no ginásio. "Pior que isso, >Ick É muito pior quando é real." Fiquei nauseado e disse: "De que diabos você está falando?" Luke limitou-se a balbuciar e debulhar-se em lágrimas e ficar repetindo que eles tinham ferrado tudo.

— Quem?

— Todos eles. Os Kingers.

— Nenhum nome para a garota?

— Ele disse que nunca a vira antes. Era alguém que Vance conhecia e foi o Vance quem a encontrou e pegou. Literalmente. Pegou-a, jogou por cima do ombro e carregou-a para o porão. Ela estava chapada.

— No porão da casa onde transcorria a festa.

— Foi lá que eles... transaram com ela.

— Transaram com ela — repetiu Milo.

— Estou tentando ser preciso. Foi como o Luke falou.

— Chapman tomou parte no estupro? Hansen resmungou qualquer coisa.

— Como é? — exigiu Milo.

— Ele não tinha certeza, mas achava que sim. Também estava chapado. Todo mundo estava. Ele não se lembrava, ficava dizendo que a coisa toda parecia um pesadelo.

— Especialmente para a garota — disse Milo.

— Eu não quis acreditar nele — disse Hansen. — Eu tinha vindo de Yale passar dez dias em casa, e a última coisa que queria era uma coisa daquelas caindo no meu colo.

Imaginei que tinha sido um sonho, uma espécie de alucinação provocada pelas drogas. No tempo em que eu convivia com Luke ele estava sempre ligado.

— Você disse que ele queria ajuda sua. Que tipo de ajuda?

— Ele queria saber o que fazer. Eu era um garoto de 22 anos, pelo amor de Deus, em que posição eu estava para aconselhá-lo? Ele não poderia ter escolhido pior ocasião para aparecer. Começavam a dizer que eu tinha talento, eu finalmente conseguia tomar uma posição de enfrentamento com meu pai. A última coisa de que precisava era ser sugado para dentro de um... horror. Eu tinha o direito de não entrar naquela. E eu não sei por que você se sente no direito de...

— Então você largou de mão — disse Milo. — O que foi que disse a Chapman?

— Não — contrapôs Hansen. — Está errado. Eu não deixei de lado. Não completamente. Eu disse a Luke para ir para casa e não contar nada para ninguém, que quando eu conseguisse pensar em alguma coisa, iria procurá-lo.

— Ele atendeu? Hansen fez que sim.

— Aquilo era o que... ele queria ouvir. Agradeceu, e depois que saiu fiquei repetindo para mim mesmo que tudo não passava de papo de drogado. Eu queria deixar de lado a história. Mas

alguma coisa aconteceu comigo naquele ano... uma classe de pintura que eu frequentava. O professor era um expatriado austríaco sobrevivente do Holocausto. Ele me contara histórias de horror de todos os bons cidadãos que haviam alegado não saber o que estava acontecendo. Como eram mentirosos. Como Viena tinha se entusiasmado quando Hitler assumiu o poder e todos fecharam os olhos para as atrocidades. Lembrou-me de algo que ele disse: "Os austríacos se convenceram de que Hitler era alemão e Beethoven, austríaco." Aquilo não saiu da minha cabeça. Eu não queria ser daquele jeito. Assim, fui à biblioteca e pesquisei os jornais do período em que Luke disse que a morte tinha acontecido. Mas não havia nada. Nem um só artigo, nem uma única palavra a respeito de uma garota sendo assassinada em Bel Air. Assim, concluí que Luke tinha viajado mal.

Os ombros de Hansen arriaram. Ele se permitiu um sorriso débil. Tentando relaxar. Milo permaneceu em silêncio e Hansen ficou tenso de novo.

— Então você está querendo dizer que...?

— Você chegou a ligar para Chapman, como prometeu?

— Eu não tinha nada para dizer.

— Então o que foi que fez?

— Voltei para Yale.

— Chapman tentou entrar em contato lá?

— Não. Quando você esteve em L.A. depois disso? Não vim por anos a fio. O verão seguinte passei na França. Evitando L.A.?

— Não — respondeu Hansen. — Procurando outras coisas.

— Tais como?

— Oportunidades para pintar.

— Quando você se mudou de volta para L.A.?

— Três anos atrás, quando minha mãe adoeceu.

— Onde morou antes?

— Nova York, Connecticut, Europa. Tentei passar o máximo de tempo possível na Europa.

Na Úmbria, a luz...

— E a Áustria? — quis saber Milo.

O rosto de Hansen perdeu a cor.

— Então você está aqui para tomar conta de sua mãe.

— É a única razão. Quando ela morrer, vou vender a casa e procurar um lugar pacífico para mim.

— Até lá — disse Milo —, você e seus antigos amigos são vizinhos.

— Eles não são meus amigos.

— Isso não o deixa nervoso? Você sendo uma figura semipública com um bando de assassinos sabendo que está morando de novo na cidade?

— Eu não sou uma criatura semipública — protestou Hansen. Não sou nem um pouco público. Eu pinto. Termina uma tela e começa outra. Nunca acreditei de verdade que havia acontecido alguma coisa.

— O que pensou quando soube do afogamento de Chapman?

— Que foi acidente ou suicídio.

— Por que suicídio? — Porque ele parecia muito angustiado.

— Suicídio por causa de remorso? — quis saber Milo.

Hansen não respondeu.

— Você acreditou que Chapman tinha tido uma alucinação, mas saiu da cidade sem tentar convencê-lo de que não havia motivo pra se preocupar.

— Não era minha... o que é que você quer de mim?

— Detalhes.

— De quê?

— Do assassinato.

— Não tenho mais detalhes.

— Por que Chapman haveria de sentir remorsos de algo que nunca aconteceu?

— Não sei, não leio pensamentos! Esta coisa toda é insana. Me nhuma palavra nos jornais durante vinte anos, e de repente alguém se importa? Milo consultou o bloco.

— Como você soube da morte de Chapman?

— Minha mãe incluiu a notícia na sua carta semanal.

— E qual foi a sua reação?

— O que é que você acha? Eu me senti péssimo. De que outra forma poderia me sentir?

— Você se sentiu péssimo e depois simplesmente se esqueceu de tudo.

Hansen levantou-se da cadeira. A saliva branqueava o canto de seus lábios.

— O que eu deveria fazer? Ir à polícia e repetir uma história absurda, de um cara baratinado? Eu tinha 22 anos, pelo amor de Deus.

Milo fulminou-o com um olhar gélido, e Hansen desabou na cadeira.

— É fácil julgar.

— Vamos aos detalhes — disse Milo. — A garota foi estuprada no porão. Onde Chapman disse que a mataram?

Hansen lançou um olhar de sofrimento a Milo.

— Ele disse que havia uma grande propriedade do lado da casa onde a festa teve lugar, uma mansão, ninguém morava lá. Eles a transportaram para lá. Luke disse que ela estava inconsciente, eles a levaram para uma área arborizada e começaram a falar sobre como precisavam se assegurar de que ela não os entregaria. Foi aí que a coisa ficou...

— Sangrenta.

Hansen cobriu o rosto com as mãos e exalou ruidosamente.

— Quem eram "eles"? — perguntou Milo.

— Todos eles — disse Hansen por entre os dedos. — Os Kingers.

— Quem eram exatamente? Nomes.

— Vance e Luke, Harvey e Bob Cossack, Brad Lerner. Todos.

— Os Kingers — disse Milo. — Caras que você não vê mais. Caras que não o preocupam por serem seus vizinhos. Hansen deixou cair as mãos. — Eu deveria me preocupar? — Parece estranho — disse Milo. — Você mora há três anos em L.A., mas nunca se encontra com eles.

— É uma cidade grande. Tão grande quanto você queira que ela seja.

— Vocês não frequentam os mesmos círculos sociais?

— Não tenho nenhum círculo social. Raramente saio daqui. Tudo vem em casa... comida, mantimentos, lavanderia. Pintar e levar minha mãe ao médico, este é o meu mundo.

Eu pensei: prisão.

Milo: — Você seguiu a vida dos outros?

— Sei que os Cossack são construtores... a gente vê os nomes deles nas placas das obras. Só isso.

— Nenhuma ideia sobre Vance Coury?

— Não.

— Brad Larner?

— Não.

Milo escreveu qualquer coisa.

— Quer dizer então que seus amigos levaram a garota sem nome para a casa vazia do lado e aí as coisas simplesmente ficaram meio sangrentas.

— Eles não eram meus amigos.

— Quem realmente a matou?

— Luke não falou.

— E o estupro? Quem foi que iniciou?

— Ele... minha impressão foi que todos eles participaram.

— Mas Chapman não tinha certeza se havia participado ou não.

— Talvez ele estivesse mentindo. Ou usando o mecanismo de defesa da negação, não sei — disse Hansen. — Luke não era cruel... posso vê-lo indo na onda dos demais. Sem os outros, ele nunca teria feito algo assim. Ele me disse que se sentiu... imobilizado... como se seus pés tivessem ficado presos. Foi como ele falou. "Meus pés ficaram presos, Nick

Como na areia movediça." — Você consegue imaginar os outros fazendo uma coisa dessas por conta própria?

— Não sei... Eu costumava vê-los como palhaços... talvez. Tudo que estou dizendo é que Luke era um molengão. Um cara tipo Baby Huey.

— E os outros?

— Os outros não eram frouxos.

— Quer dizer então que o assassinato começou como um meio de silenciar a garota — disse Milo.

Hansen aquiesceu.

— Mas veio a se transformar em algo diferente, Nicholas. Se você tivesse visto o corpo, saberia disso.

— Meu Deus!

— Luke Chapman fez alguma menção sobre quem começou o assassinato?

Hansen sacudiu a cabeça.

— Que tal dar um palpite? — sugeriu Milo. — Pelo que você se lembra das personalidades dos Kingers.

— Vance — disse Hansen, sem hesitar. — Ele era o líder. O mais agressivo. Foi Vance quem a pegou na festa. Se eu tivesse que adivinhar, diria que Vance foi o primeiro a cortá-la.

Milo fechou o bloco com força e lançou a cabeça para frente.

— Quem falou alguma coisa a respeito de cortes, Nicholas?

Hansen ficou branco.

— Você disse... você disse que foi feio.

— Chapman lhe contou que a tinham cortado, não foi?

— Talvez. Pode ser que sim.

Milo levantou-se e caminhou vagarosamente na direção de Hansen, seus passos ecoando na cerâmica, e foi parar a centímetros do rosto horrorizado de Hansen. As mãos dele se levantaram protetoramente.

— O que mais você está escondendo, Nicholas?

— Nada! Estou fazendo o melhor que posso.

— Faça melhor — disse Milo.

— Estou tentando. — A voz de Hansen transformou-se num queixume. — Já se passaram vinte anos. Você está me fazendo lembrar de coisas que eu tinha reprimido porque me enojavam. Eu não queria ouvir os detalhes naquele tempo e continuo não querendo agora.

— Porque você gosta de coisas bonitas — disse Milo. — O maravilhoso mundo da arte.

Hansen bateu as mãos nas têmporas e desviou os olhos de Milo, que se abaixou, apoiou-se em um joelho e falou dentro da orelha direita de Hansen.

— Conte-me sobre os cortes.

— É só isso. Ele disse que começaram a cortá-la. — Os ombros de Hansen subiram e desceram, e ele começou a chorar.

Milo deu-lhe um momento de paz. Depois disse: — Depois que a cortaram, o quê?

— Eles a queimaram. Queimaram com cigarros. Luke disse que podia ouvir a pele chiar... oh, meu Deus... eu realmente pensei que ele estava...

— Inventando.

Hansen fungou, esfregou o nariz na manga e deixou a cabeça cair. Sua nuca era lustrosa e enrugada, como sebo enlatado.

— Eles a queimaram, e depois o quê? — perguntou Milo.

— Só. Realmente é só isso. Luke disse que foi como se tivesse se tornado um jogo... ele tinha que pensar naquilo como um jogo para não pirar completamente. Disse que ficou olhando e tentou fingir que se tratava de uma dessas bonecas infláveis e que eles estavam brincando com ela. Disse também que a coisa parecia não acabar nunca até que alguém... acho que foi Vance, não posso jurar, mas provavelmente foi ele... disse que ela estava morta e que eles precisavam dar o fora dali. Embrulharam-na em qualquer coisa, puseram-na na mala do Jaguar de Vance e largaram-na perto do centro da cidade.

— Muito detalhado para uma alucinação — comentou Milo. Hansen não respondeu.

— Especialmente para um cara obtuso como Chapman. Você achou que ele era capaz de ser tão imaginativo?

Hansen permaneceu mudo.

— Para onde eles a levaram, Nicholas?

— Não sei... por que diabos a notícia não saiu nos jornais? — Hansen cerrou uma das mãos e levantou-a à altura do peito. Milo permaneceu encolhido, mas deu um jeito de aumentar sua dominação. Hansen sacudiu a cabeça, desviou os olhos e chorou mais um pouco.

— O que fizeram depois?

— Tomaram café — respondeu Hansen. — Em um lugar qualquer de Hollywood. Café e torta. Luke disse que tentou comer, mas que foi vomitar no banheiro.

— Que tipo de torta?

— Não perguntei. Por que não saiu nada no jornal?

— Qual é a sua teoria para explicar isso, Nicholas?

— Como assim?

— Tendo em vista o que você sabe sobre seus amigos, como você explicaria essa falta de notícias?

— Não estou percebendo aonde você quer chegar.

Milo levantou-se, fez um alongamento, uma rotação de pescoço, caminhou lentamente até uma janela e virou as costas para Hansen.

— Pense no mundo que você habita, Nicholas. Você é um artista de sucesso. Recebe 30, 40 mil dólares por quadro. Quem compra suas coisas?

— Trinta mil não é nada no mundo da arte — disse Hansen. — Nada comparados com...

— É muito dinheiro por uma pintura — interrompeu Milo. — Quem compra seus trabalhos?

— Colecionadores, mas não vejo o que isso tem a ver...

— Sim, sim, gente de bom gosto e tudo mais. Mas por 40 mil o quadro, não são meramente colecionadores.

— Pessoas de recursos — disse Hansen.

Milo virou-se de repente, sorrindo.

— Pessoas com dinheiro, Nicholas. — Ele pigarreou.

Os olhos turvos de Hansen arregalaram-se.

— Você está querendo dizer que alguém foi comprado para ficar quieto? Uma coisa tão horrível... então por que, pelo amor de Deus, o assunto não permaneceu sigiloso? Por que está vindo à luz agora?

— Dê-me uma teoria a esse respeito também.

— Não tenho nenhuma teoria.

— Pense.

— É do interesse de alguém que se torne público? — disse Hansen. — Dinheiro grande entrando no jogo? E isso que você está querendo dizer? Milo voltou para o sofá, recostou-se confortavelmente e abriu o bloco.

— Mais dinheiro — disse Hansen — Quer dizer então que sou um asno completo por falar com você. Você me pegou desprevenido e me usou. — De repente, ele se alegrou.

— Mas você estragou tudo. Era obrigado a me oferecer a presença de um advogado, de modo que qualquer coisa que eu tenha lhe dito é inadmissível.

— Você assiste a muita televisão, Nicholas. Nós somos obrigados a oferecer um advogado quando prendemos a pessoa. Alguma razão pela qual eu devesse prendê-lo, Nicholas? — Não, claro que não. Milo olhou para mim.

— Suponho que poderíamos exercitar nosso direito de escolha. Obstrução da justiça é crime. — Outra vez falando com Hansen: Acusado de obstruir a justiça, quer ou não fosse condenado, sua vida mudaria muito. Mas tendo em vista que colaborou...

Os olhos de Hansen faiscaram. Ele acariciou o pouco cabelo que tinha acima das orelhas.

— Preciso me preocupar não é?

— Com quê?

— Eles. Jesus, o que foi que eu fiz. Estou preso aqui, não posso sair, não com minha mãe.

— Com ou sem sua mãe, fugir seria má ideia, Nicholas. Se você foi legal... se realmente nos contou tudo, faremos o que estiver ao nosso alcance para mantê-lo a salvo.

— Como se vocês se incomodassem. — Hansen levantou-se. — Fora daqui... deixem-me em paz.

Milo permaneceu sentado.

— Que tal darmos uma olhada na sua pintura?

— O quê?

— Falei a sério — disse Milo. — Eu realmente gosto de pintura.

— Meu estúdio é um espaço particular — disse Hansen. — Fora!

— Nunca mostrou uma obra inacabada a um imbecil?

Hansen cambaleou. E riu uma risada oca.

— Você não tem nada de imbecil. E um manipulador. Como consegue conviver consigo próprio?

Milo deu de ombros, e nós nos dirigimos para a porta. Ele parou a trinta centímetros da maçaneta.

— A propósito, as pinturas do site de sua galeria são maravilhosas. Como é mesmo o nome delas em francês? Nature morte?. Natureza-morta?

— Agora você está tentando fazer pouco de mim.

Milo estendeu a mão para a porta, e Hansen interveio.

— Tudo bem, dê uma olhada. Mas só tenho um quadro em progresso, e ele precisa de muito trabalho.

Subimos atrás dele a escada de corrimão de metal até um patamar comprido forrado por um tapete verde em mau estado. Três quartos de um lado, uma única porta fechada na ala norte. Uma bandeja de café-da-manhã no chão, sobre o tapete. Um bule e três tigelas plásticas: gelatina cor de sangue, ovos cozidos e uma coisa granulada e com uma crosta.

— Esperem aqui — disse Hansen. — Preciso dar uma olhada nela. Foi na ponta dos pés até a porta, abriu uma fresta, deu uma olhada do lado de dentro e voltou. — Ainda dorme. OK, vamos.

O estúdio ficava no quarto mais ao sul, um espaço pequeno ampliado pelo teto erguido até as vigas do telhado e uma claraboia que deixava entrar o sol do sul. O piso de madeira era pintado de branco, assim como o cavalete. Uma caixa para tintas e pincéis laqueada de branco, jarras de vidro cheias de aguarrás e solvente.

Pontinhos de cor espremidos sobre a palheta branca de porcelana adejavam na atmosfera leitosa como exóticas borboletas.

No cavalete havia uma lona de três metros por quatro. Hansen tinha dito que o quadro que estava pintando ainda demandava muito trabalho, mas para mim parecia terminado. No centro da composição havia um vaso Ming refinadamente bojudo, azul e branco representado tão meticulosamente que me deu vontade de tocar na superfície lustrosa. Uma rachadura tortuosa corria pela parte bojuda do vaso e, derramando-se por cima da sua boca, massas de flores tinham seu brilho acentuado pelo fundo marrom-escuro que se transformava em preto nas bordas.

Orquídeas e peônias e tulipas e íris e flores que não fui capaz de identificar. Cores quentes, sombras luminosas, pétalas voluptuosas, folhas vaginais, rebentos longos e cilíndricos, tudo entremeado com agourentos grumos de musgo. A fenda sugeria uma explosão incipiente. Flores, o que poderia ser mais bonito? As flores de Hansen, deslumbrantes e orgulhosas e resplandecentes como eram, diziam outra coisa.

Brilho mais fraco, esmaecimento das cores e definhamento nas extremidades. A partir das sombras o negro, o inexorável progresso da deterioração.

O ar-condicionado soprava através de uma saída no teto, constante, artificial, filtrado e limpo, mas um mau cheiro atingiu minhas narinas: a pintura exalava o cheiro de umidade, a sedução da decadência. Milo esfregou a testa e disse: — Você não usa modelo. Hansen: — Está tudo na minha cabeça. Milo aproximou-se do cavalete.

— Você alterna tinta e verniz? — perguntou. Hansen o encarou.

— Não me diga que você pinta.

— Não sei traçar uma linha reta. — Milo aproximou-se ainda mais da tela. — Tem um toque flamengo no conjunto... ou talvez Uma referência da admiração que o pintor sente pelos flamengos, como Severin Roesen. Mas você é melhor do que Roesen.

— Dificilmente — respondeu Hansen, imune ao cumprimento, ou muito menos do que era antes de você irromper na minha vida, me diminuiu. Eu me diminuí. Você vai realmente me proteger? 394 — Farei o melhor que puder se você cooperar. — Milo endireitou-se. — Luke Chapman mencionou alguém mais presente ao assa sinato? Algum dos outros festeiros? O rosto cheio de Hansen tremeu.

— Aqui não. Por favor.

— Última pergunta — disse Milo.

— Não, ele não mencionou mais ninguém. — Hansen sentou-se diante do cavalete e enrolou as mangas. — Você vai me proteger disse, num fio de voz. Selecionou um pincel e amaciou suas cerdas. Vou voltar ao trabalho. Há alguns problemas de verdade para resolver.

Capítulo 33

De novo na Roxbury Drive, Milo perguntou: — Acredita na história dele?

— Acredito.

— Eu também — disse ele, enquanto nos dirigíamos para os nossos carros. — Acredito também que sou um hipócrita.

— Como assim?

— Bancando o Grande Inquisidor com Hansen. Fazendo com que ele se sentisse um merda por ter reprimido lembranças de vinte anos. Fiz a mesma coisa, com menos desculpa.

— Qual é a desculpa dele?

— Ele é fraco. Abra-o ao meio e você encontrará uma espinha vertebral de geleia.

— Você sentiu a fraqueza de imediato — falei.

— Você notou, hem? E, e ataquei logo o velho Nicky. Tenho olfato para fraqueza. Isto não faz de mim uma companhia agradável, faz? Quando chegamos ao Olds cinza, eu disse: — Sei que você vai me dizer que estou jogando mais papo de analista nos seus ombros, mas não acredito que sua situação seja comparável com a de Hansen. Ele teve acesso à informação de primeira mão a respeito de um crime e guardou-a consigo por vinte anos. Para conseguir fazer isso, convenceu-se de que Chapman sofrera uma alucinação, mas aqueles detalhes... as queimaduras de cigarro o modo como moveram Janie... dizem que ele sabia o que acontecera. Hansen engajou-se em duas décadas de autoilusão, e Deus sabe o mal que isso causou à sua alma. Quanto a você, é completamente diferente... você tentou cumprir sua obrigação e mandaram que se afastasse do caso.

— "Eu só estava cumprindo ordens" — citou ele, lançando um olhar vago para o quarteirão.

— Ótimo, atormente-se bem.

— Hansen pinta, eu não. Todos nós precisamos ter um hobby... escuta, obrigado pelo seu tempo, mas preciso pôr as coisas em ordem. Pensar em que caminho seguir.

— O que me diz do ponto principal da história de Hansen? perguntei.

— Que é...

— O ponto em que você estava chegando com aquela última pergunta a respeito de quem mais estava presente ao assassinato. Chapman vomitou as tripas para Hansen, mas não mencionou Caroline Cossack ou Willie Burns. O que provavelmente quer dizer que não estavam lá. A despeito disso, os Cossack sumiram com Caroline na Achievement House por seis meses e fizeram com que fosse classificada com uma advertência comportamental. Burns retornou às ruas, foi preso por traficar droga e correu um risco imenso indo trabalhar na Achievement House. Talvez tenha fugido de Boris Nemerov por causa do que vira na festa. Se fosse para a cadeia por causa da acusação de tráfico, passaria a ser um alvo fácil.

— Burns como testemunha.

— Talvez tenha seguido os King's Men na esperança de vender mais drogas. Caroline pode ter ido com ele. Ou pode ser que quisesse ficar com os irmãos... a irmãzinha esquisita que sempre fora empurrada para o fundo da cena. O motivo inicial da morte de Janie foi silenciosa. Luke Chapman pode ter morrido pela mesma razão. Caroline e Burns teriam representado uma

imensa desvantagem.

— Vítimas, não assassinos — disse ele. — Aquelas duas fotos precedendo o retrato de Janie morta. Um preto morto e uma paciente mental mutilada. Talvez quem enviou o livro estivesse querendo lhe falar sobre outros dois mortos.

— Exceto, como você mesmo lembrou, que o preto tinha seus quarenta anos, que seria a idade de Burns agora, e não vinte anos atrás. — Ele segurou a maçaneta da porta do Olds. — Preciso desenvolver algumas enxaquecas a respeito disso. Tchau.

— É só?

— O quê?

— Você vai para o seu lado e eu para o meu? — perguntei. — Existe alguma coisa que não está me contando? O meio segundo que ele hesitou desmentiu sua resposta.

— Quisera eu ter alguma coisa para não lhe dizer, Alex. Olhe, eu agradeço seu esforço, mas podemos seguir desenvolvendo teorias até o Segundo Advento que não me ajudaria em nada a resolver o assassinato de Janie.

— O que ajudar? — Como falei, preciso pensar um pouco.

— Sozinho.

— Às vezes sozinho ajuda.

Afastei-me imaginando o que ele estaria escondendo de mim, irritado por ter sido posto de lado. Pensar no que não estaria me esperando em casa transformou a irritação em temor, e antes que eu me desse conta estava inclinado sobre o volante dirigindo depressa demais — indo velozmente a lugar nenhum. Nada pior que uma casa grande quando se está sozinho. E eu não tinha ninguém a culpar senão a mim mesmo.

Eu estragara tudo em grande estilo, a despeito do sábio conselho de Bert Harrison. Como a maior parte dos melhores terapeutas, o velho não era do tipo que dá conselhos que não foram pedidos, mas durante minha visita fizera questão de me alertar quanto à tendência à paranoia no que dizia respeito a Robin.

"Parece que pequenas coisas foram exageradas... esta é a garota Para você." 398 Teria ele sentido algo — sentido o cheiro da minha burrice iminente? Por que diabos eu não o ouvira? De repente um par de buzinas quase me matou de susto. Fiquei parado no sinal verde da esquina de Walden com Sunset sabe Deus por quanto tempo, e a jovem e bela mulher do Golf atrás de mim achou que justificava um xingamento e um dedo médio esticado.

Acenei para ela e acelerei. Ela me ultrapassou, parou de falar ao telefone celular o tempo suficiente para esticar de novo o dedo e quase bateu no meio-fio da rua sinuosa.

Cumprimentei-a gentilmente e voltei a pensar em Bert Harrison. Nas outras opiniões que o velho emitira naquele dia — observações aparentemente casuais feitas no final da minha visita.

Coincidência ou o truque do experiente terapeuta que conhecia a força das últimas palavras? Eu mesmo usara esse truque centenas de vezes. A última coisa que Bert falara tinha sido trazer à baila o nome de Caroline Cossack Fora de contexto — muito tempo depois de termos parado de conversar sobre o caso Ingalls. "Aquela garota. Tão monstruoso, Alex. Se for verdade." "Você parece cético." "Realmente, acho difícil acreditar que uma jovem mulher seja capaz de tanta selvageria." Depois ele expressara suas dúvidas a respeito de Willie Burns ser um assassino sexual. "Viciado no sentido estrito do termo? Heroína?" "Os opiáceos são grandes calmantes ...Eu certamente nunca ouvi falar de um viciado em heroína que agisse de modo

sexualmente violento." Agora parecia que Bert estava com a razão.

Seria tudo fruto da intuição de um homem excepcionalmente talentoso? Ou Bert sabia? Será que Schwinn tinha continuado a trabalhar no caso Ingalls anos a fio depois de deixar a polícia? Teria ele contado a Bert o que descobrira? Bert admitira conhecer Schwinn, mas afirmara que o relacionamento era casual. Encontros por acaso em saguões de cinema. Teria havido algo que não fosse por acaso? Schwinn lutara para se livrar do vício das drogas e podia ser que tivesse conseguido ter êxito sozinho. Mas esse tipo de progresso era bastante acelerado pelo tratamento, e Bert Harrison se especializara em tratamento de viciados no Hospital Federal de Lexington. Schwinn como paciente de Bert.

Psicoterapia. Todos os tipos de segredos tornados públicos.

Se isso fosse verdade, Bert mentira para mim. E isto poderia justificar tantas desculpas formuladas por ele. Sua contrição fora tão intrigante para mim na hora que eu chegara a desconfiar do seu estado mental.

Bert encorajara minhas suspeitas. "A pessoa regride. Perde o senso do que é adequado. Desculpe." "Não há o que desculpar." Eu me lembrei de como ele enxugara as lágrimas. "Está tudo bem, Bert?" "Tudo está nos conformes." Desculpando-se porque sabia que tinha mentido para mim? Protegendo Schwinn por causa do relacionamento privilegiado terapeuta-cliente? Mas Schwinn fora enterrado sete meses atrás e qualquer privilégio morrera junto com seu corpo. A não ser que Bert seguisse padrões mais elevados.

Ou, quem sabe, estaria protegendo um paciente vivo.

No tratamento intensivo que Bert teria prescrito para um viciado antigo como o Schwinn, os membros da família seriam incluídos. E Marge era o que restara da família Schwinn.

Bert protegendo Marge. Fazia sentido. Esforcei-me para lembrar de alguma coisa em nossa conversa que apontasse para isso e rapidamente me veio à cabeça que Bert recusara qualquer sugestão de que Marge tivesse enviado o Livro do Assassino.

Protegendo-a, ou tinha sido ele, Bert, o mensageiro? Um médico honrando os últimos desejos do seu paciente.

E se o assassinato de Janie tivesse feito Schwinn sofrer a tal ponto que corroera a serenidade dos seus últimos dias e o fizera querer revolver as cinzas? Porque, não obstante o departamento o tivesse posto para fora e, aparentemente, ele tivesse feito grandes mudanças em sua vida, Pierce Schwinn não perdera sua sensibilidade de detetive.

Janie não era apenas um caso arquivado, fora o último caso de Schwinn. Uma overdose maciça de trabalho inacabado. Talvez Schwinn tivesse relacionado o assassinato não resolvido com seu colapso. Bert ia querer ajudá-lo com isso.

Quanto mais eu pensava, mais a coisa se ajustava. Schwinn veio a confiar em Bert, mostrara a este o Livro do Assassino, acabara por entregá-lo ao seu psiquiatra.

Sabendo que Bert faria a coisa certa.

O envolvimento de Bert explicaria também o motivo pelo qual aquele livro dos horrores tinha sido enviado para mim. Ele estivera com Milo algumas vezes, mas me conhecia muito mais e estava ciente do meu relacionamento com Milo. Para Bert, eu entregar o livro a Milo era uma certeza. Impressões digitais limpas. Eu conseguia imaginar o velho limpando as digitais existentes no livro.

O que eu não era capaz de imaginar era Bert dirigindo até L.A., roubando o Porsche de

Rick e devolvendo depois o prontuário original do caso Ingalls em cima do banco da frente. No mesmo caso do roubo do carro estavam o boato do detetive soropositivo e o estranho encontro com o homem que dizia se chamar Paris Bartlett.

Alguém do departamento. Ou que já tivesse sido associado ao departamento. Talvez mesmo o outro tira da minha hipótese, aparecendo assim que as rodas da engrenagem começaram a rodar. Teorias...

Bert acabara de ligar para me dizer que estava saindo da cidade. Poucos dias atrás ele nada mencionara sobre planos de viagem.

Fugindo por causa de minha visita? Bert e eu não nos comunicávamos diariamente; não havia motivo para ele me informar sobre seu itinerário. A menos que estivesse tentando se distanciar das sobras. Ou quisesse me pôr de lado.

Quando cheguei, minha cabeça doía de tantas conjeturas. Estacionei em frente da minha casa... nossa casa. A droga da casa parecia gelada, branca e... diferente. Continuei sentado no Seville com o motor funcionando. Fiz a volta e segui na direção do Glen. Eu podia voltar para casa, mas de que adiantava? Meus nervos eram fios expostos fervilhando de eletricidade. Talvez um longo e belo passeio de carro ajudasse a esfriá-los. Sozinho.

Milo tinha razão a este respeito.

Capítulo 34

Milo saiu de Beverly Hills remoendo o interrogatório de Nicholas Hansen.

O cara era patético, um filhinho de mamãe bêbado, nenhum desafio o assustava o bastante para que se abrisse e contasse tudo. Será que mudaria sua história depois que tivesse a chance de se acalmar, talvez chamar um advogado? Mesmo que agisse depressa, sua história não passava de algo do qual ele tomara conhecimento por meio de uma terceira pessoa.

Ainda assim, sabia o que tinha de fazer: ir para casa, transcrever as anotações que fizera, assegurar-se de que registrara todos os detalhes e depois guardar tudo junto com os outros bons documentos que preservava reservadamente — o cofre do armário do seu quarto.

Pegou a Palm Drive para Santa Mônica, depois o atalho em diagonal para Beverly, dirigindo como um motorista de gângster mais lento que o usual, verificando tudo à sua volta, examinando os motoristas dos automóveis um, dois, três atrás do seu. Escolhendo um itinerário diferente — passando pela La Cienega e dobrando na Rosewood.

Tanto quanto podia dizer, tudo limpo.

Uma coisa o interrogatório de Hansen conseguira: sabia agora que não podia mais abandonar o caso Janie Ingalls.

Todos aqueles anos ele enfrentara a conversa mole do departamento e apoiara sua autoimagem com discursos estimulantes secretos, o psicoblablablá que jamais compartilhava com ninguém. Você é diferente. Nobre. Heroico, combatente gay nada estereotipado cruzem! do um maldito universo heterossexual.

Rebelde com uma causa perdida.

Talvez todo aquele refugio enganoso o tivesse ajudado convenientemente a esquecer Janie. Mas no momento em que Alex tinha lhe aberto os olhos, seus batimentos cardíacos e suas glândulas sudoríparas lhe disseram que ele tinha vivido quase metade de sua vida como a pior

espécie de ser humano. Iludindo a si próprio.

Seria um insight? Se fosse, era péssimo.

Ele viu alto da sua falta de imaginação em praguejar. Ele e Hansen eram duas ervilhas da mesma vagem covarde, sempre a tirar o seu da reta. Alex, sempre o psicólogo — sempre o amigo —, tentara dar outra interpretação. Muito obrigado, Doutor, mas isso não muda os fatos.

Sim, o velho Nicholas era um molusco moral, mas conhecê-lo tinha solidificado as coisas.

Enquanto cruzava as ruas tranquilas de West Hollywood, ele se decidiu sobre o próximo e arriscado passo: aproximar-se do assassino procurando alguém que tivesse realmente estado lá. A escolha foi Brad Larner. Porque vinte anos depois da escola, ele permanecia no escalão inferior dos membros King's Men, um perdedor que trabalhara para o pai e depois voltara para bancar o lacaio dos colegas. Um daqueles tipos à-toa. Um panaca.

Um maria-vai-com-as-outras. Se Vance Coury e os Cossack eram tubarões, Larner era a rêmora, sempre pronto para se aproveitar.

Milo ansiava por pegar o filho-da-mãe num quartinho silencioso. Mas Larner não estava morando em sua própria casa, era bem capaz de estar encostado nos Cossack.

O desafio era arrancá-lo de lá, pra longe dos outros. E vamos à caçada. Normalmente, mesmo com sua sensibilidade de tira, ele não teria notado o Saab azul-marinho virado em sua direção na própria quadra em que morava. As regras de estacionamento em West Hollywood conservavam as ruas razoavelmente limpas, mas o estacionamento controlado era permitido, e os proprietários tinham direito a passes para seus convidados, de modo que não havia nada de estranho em identificar um veículo esquisito estacionado ali.

Mas hoje ele injetara adrenalina na veia em vez de vodca e estava notando tudo. Assim, quando o Saab azul passou velozmente por ele, Milo soube que teria que confirmar o que o seu cérebro estava lhe dizendo.

Reduzia a velocidade e viu pelo retrovisor que o Saab virou na Rosewood e desapareceu de vista. Aí então Milo fez uma curva em U fechada e foi atrás.

Graças a Deus pelo carro de aluguel novo em folha que pegara no caminho de casa. O Dodge Polaris tinha para-choques cheios de mossas e arranhões mal disfarçados em toda sua carroceria. Mas tinha força de sobra no motor, e a película aplicada nos vidros das janelas era muito mais escura que o limite legal, exatamente o que ele precisava. Para consegui-lo, deixou de lado Hertz, Aviz e Budget e dera preferência a um conhecido seu que tinha um pátio cheio de carros feios na esquina de Sawtelle com Olympic, depois da 405 South. Carros baratos para tipos que andavam de cabelo espetado e temos pretos de lapelas finas — artistas de teatro, arrivistas, roteiristas de cinema e futuros "gigalionários" à custa da Internet, gente que pensava que era legal andar por L.A. num troço fora de moda e feio.

Milo enfiou o pé no acelerador e o Polaris respondeu, acelerando um bom trecho a ponto de sacudir as vértebras de Milo, que seguiu a trajetória do Saab, assegurando-se de não se aproximar demais quando viu sua presa virar para o norte na San Vicente. O tráfego medianamente congestionado permitiu que ficasse cinco carros atrás do Saab, dirigisse criativamente para se desviar dos demais e ainda ficasse de olho no outro carro.

Pelo que podia afirmar, era só um homem na direção, e estava na hora de confirmar sua primeira impressão. O Saab continuou pela Metrose e Santa Mônica, virou à esquerda na Sunset e se meteu num sério engarrafamento provocado pelos cones cor de laranja da CalTrans

bloqueando a pista da direita.

Apenas os cones, nada de trabalho ou trabalhadores à vista. O órgão que cuidava das vias urbanas era administrado por sádicos e imbecis, mas desta vez Milo os abençoou porque permitiram que passasse para a direita, visse a placa do Saab e anotasse. Os carros avançaram quinze metros. Milo ligou pelo celular para a divisão de emplacamento, mentiu — céus, ele estava ficando bom nisso — adorava.

As placas eram de um Saab do ano anterior de propriedade de Craig Eiffel Bosc, endereço na Huston Street, em North Hollywood, sem "pendências legais ou fiscais".

A procissão cromada escoou-se lentamente mais uns poucos metros, e Milo, graças a umas manobras um tanto agressivas, conseguiu reduzir a diferença entre o Dodge e o Saab para três carros. Outra sequência de três para-e-anda, e o fluxo voltou a fluir, firme, mas vagarosamente, e ele se viu ao lado do Saab, passando pela direita, esperando que sua presa não tivesse registrado na memória o Dodge e que, se tivesse, o vidro muito escuro o protegesse. Mais um segundo era tudo de que precisava — missão cumprida.

Ele já vira aquele rosto antes. Senhor Sorriso. O panaca que o abordara no quiosque de cachorro-quente alegando ser Paris Bartlett. Craig Eiffel Bosc. Eiffel, Paris. Legalzinho.

A dupla de palavras Bosc/Bartlett o frustrou por um momento, mas depois ele descobriu a chave: duas variedades de peras. Quanta imaginação. Devia vender a ideia para as redes de televisão.

Bosc/Bartlett balançava a cabeça no ritmo da música, esquecido de tudo, e Milo acelerou, conseguiu ficar dois carros na frente do Sahab, usou o primeiro sinal vermelho para espiar através do Toyota que os separava com duas garotas também se balançando ao som do ritmo pesado de um hip-hop. Tentou dar outra olhada em Craig Eiffel Bosc, mas teve que se contentar com a hiperatividade das garotas e o clarão do para-brisa do Toyota.

A pista da direita abriu 406 e ele voltou para ela, deixando que o Toyota e o Saab o ultrapapassem.

Olhou para a esquerda sem mover a cabeça quando Sorriso Pêra passou chispando. Depois acelerou e manteve o mesmo ritmo do Saab pelo tempo suficiente para tirar um instantâneo mentalmente.

Sorriso estava de mangas de camisa — azul-marinho bem escuro, gravata frouxa azul cor do céu, uma das mãos no volante e a outra em torno de um charuto enorme. Os vidros do Saab não eram escurecidos e seu interior estava enfumaçado. A fumaça não era densa o bastante para obscurecer o sorriso típico do sindicato de artistas de cinema do belo semblante de Craig Eiffel Bosc.

Ali estava um sujeito feliz, tragando seu tabaco e cruzando as ruas no seu esperto carrinho sueco em um dia típico da ensolarada Califórnia. No topo do mundo.

Vamos cuidar disto.

Craig Bosc pegou a Coldwater Canyon para chegar ao Valley. O trânsito médio facilitou a tarefa de segui-lo. Não que Bosc estivesse preocupado com ele. O cara não era nenhum profissional da direção — era, isto sim, um parvo por se mostrar sem nenhum disfarce no quarteirão de Milo. O charuto e seu sorriso diziam que ele nem podia imaginar que o jogo fosse virar.

Na Ventura, o Saab virou à direita e entrou em Studio City, onde parou no estacionamento

de uma academia de ginástica para yuppies que funcionava as 24 horas por dia e ficava do lado sul do bulevar. Craig Bosc saltou com uma bolsa azul e foi a meio trote até a frente da academia. Um bom empurrão na porta, e logo ele desaparecia lá dentro.

Milo procurou um ponto de observação que fosse bom. Um restaurante especializado em frutos do mar oferecia uma visão perfeita da academia e do Saab.

O especial, um prato que misturava carne com fruto do mar parecia tentador — e ele estava faminto. Famélico. Milo concedeu-se uma melhoria no especial: acrescentou uma lagosta extragrande, pernas de siri do Alasca, um bife de quinhentas gramas, batata assada com creme de leite azedo e cebolinha e uma montanha de abobrinha frita. Tudo isso engolido com a ajuda de refrigerantes e não de cerveja, porque precisava de sua perspicácia.

Comeu devagar, imaginando que Bosc ficaria uma hora trabalhando no embelezamento do corpo. Tinha pedido a conta e já estava no terceiro café, e o Saab continuava à vista. Pôs o dinheiro em cima da mesa, arriscou uma ida ao banheiro e sentou-se no Dodge por mais meia hora antes que Bosc reaparecesse com o cabelo molhado. Vestira de novo a camisa azul e a calça preta; só desistira da gravata.

Bosc dirigiu-se em passos enérgicos ao Saab, desarmou o alarme, mas, em vez de entrar, parou para checar seu reflexo no espelho lateral. Afofou o cabelo. Desabotoou o segundo botão da camisa, Milo viu o panaca exibir aquele seu sorriso exagerado para o espelho — Bosc na verdade virou a cabeça de um lado para o outro. Apreciando o maldito rosto de vários ângulos.

Em seguida entrou no Saab e fez uma coisa típica de L.A. Andou menos de um quarteirão até entrar em outro estacionamento.

Um bar. Um cubo pequeno de paredes de cedro espremido entre um sushi bar e uma loja de bicicletas. Um cartaz pintado acima da porta também de cedro rotulava o lugar como EXTRAS. Uma faixa do lado direito apregoava os benefícios psicológicos da happy hour. Meia dúzia de carros no estacionamento. Pouca gente "happy"? Craig Bosc, contudo, era um dos felizes. Sorrindo ao estacionar ao lado de um Datsun Z de dez anos, saltou, examinou os dentes no espelho lateral, esfregou-os com o dedo indicador e entrou. EXTRAS. Milo jamais gostara do ambiente daquele bar, mas o conhecia pela reputação. Local de fofocas para atorezinhos sem importância — gente bonita que chegava a L.A. com dois anos de Stanislavski, teatro de verão ou na faculdade, impulsionada por fantasias de Oscar, mas que se acomodava mais de mil telefonemas depois para ocasionais figurações e comerciais não-sindicalizados que compreendiam 99% do trabalho na indústria do cinema. Craig Eiffel Bosc, o Ator.

Hora de uma crítica desfavorável.

Bosc permaneceu no bar por outra hora e meia e saiu de lá sozinho, caminhando um pouco mais vagarosamente e tropeçando uma vez. Quando retomou seu trajeto para oeste pela Ventura, reduziu a marcha para uns quinze quilômetros abaixo do limite de velocidade e de vez em quando passava por cima da linha divisória central, o que deixava bem claro que ele estava alto.

Uma parada por dirigir embriagado ofereceria a oportunidade de um encontro cara a cara com Bosc, mas isso era a última coisa que Milo desejava. Estando de férias, se detivesse Bosc teria que chamar uma patrulha e depois deixar tudo por conta dos uniformes azuis, perdendo assim qualquer esperança de um tempinho a sós com o sorridente Craig Bosc.

Deste modo, ele continuou seguindo o Saab, torcendo para que Bosc não atraísse a atenção

de nenhum guarda de trânsito nem atropelasse alguém.

Mais um trajeto curto — duas quadras até uma série de lojas perto de Coldwater, onde Bosc saltou para comprar mantimentos em um Ralphs, depositou dois sacos de papel na mala do Saab e depois fez uma parada de cinco minutos numa loja de aluguel de caixas-postais e voltou ao carro com uma pilha de envelopes debaixo do braço.

Caixa postal, o mesmo sistema em que ele registrara Playa del Sol em West Hollywood. A perseguição foi retomada, com Milo dois carros atrás quando Bosc virou à direita na Coldwater, seguiu para o norte pela Moorparke a Riverside e depois para leste na Huston.

Rua tranquila, apartamentos e casas pequenas, o que dificultava o trabalho de Milo, mesmo que sua caça estivesse distraída e ligeiramente embriagada. O carro azul avançou uma quadra, depois outra e virou à esquerda.

Na esperança de que Bosc não morasse em um edifício que contasse com a segurança de uma garagem subterrânea, Milo aguardou meio minuto, seguiu quase dois quarteirões, estacionou, saltou e prosseguiu a pé na direção do ponto onde estimara que o Saab devia ter parado.

A sorte estava do seu lado. O carro azul ficara ao ar livre, na entrada de automóveis de um bangalô branco de um andar.

A frente da casa era cimentada e não tinha cerca. Duas palmeiras finas junto da fachada eram as únicas concessões ao verde. A entrada de carros tinha uns seis metros de cacos de lajotas, mal tinha espaço suficiente para um carro e terminava no lado esquerdo da casa. Não havia terreno nos fundos. O bangalô ficava em uma fração de lote — uma fatia que escapara de um processo de derrubada e desenvolvimento — e atrás, no terreno dos fundos, subia um complexo de apartamentos de quatro andares.

O glamour de Hollywood.

Milo retornou ao Dodge e avançou uns seis metros depois do bangalô. Havia um monte de carros estacionados ali, mas ele conseguiu encontrar uma vaga entre uma van e uma picape, o que lhe proporcionava uma visão clara em diagonal. A excursão de Bosc — academia, bar e compras — tomara a maior parte da tarde, e o sol começava a se pôr. Milo ficou ali sentado, a 9mm no quadril, grande, fria e reconfortante, e se deu conta de que fazia muito tempo que não se sentia tão bem.

Talvez Bosc fosse ficar em casa, porque às cinco horas ainda não tinha aparecido e as luzes tinham sido acesas nos aposentos da frente. Cortinas rendadas obscureciam os detalhes, mas o tecido era fino o bastante para Milo distinguir flashes do movimento.

Bosc passando de quarto em quarto. Depois, às nove horas, a janela mais à direita ficou azulada. Televisão. Noite calma para o Grande Ator.

Milo saltou do Polaris, esticou as pernas e atravessou a rua.

Tocou a campainha e Bosc nem se deu o trabalho de gritar um "quem é?" antes de escancarar a porta.

O ator vestira uma bermuda caqui e uma camiseta preta que destacava seu físico. Tinha em uma das mãos uma garrafa de Coors ght. A outra segurava um cigarro. Despreocupado, olhos injetados, ombros recurvados. Até que a ficha caiu e ele se lembrou do rosto de Milo.

O ator não reagiu como um ator teria reagido — como qualquer tipo de cidadão comum. Abriu ligeiramente as pernas, plantou-se nos pés e com a garrafa de cerveja golpeou o queixo de

Milo ao mesmo tempo em que com a ponta acesa do cigarro procurava atingir seus olhos. Reação em uma fração de segundo. Firme, lembrando um pouco o balé das artes marciais.

Milo ficou um pouco surpreso, mas viera preparado para tudo e recuou a cabeça. O pontapé que deu na genitália de Bosc pegou em cheio, da mesma forma que a cutelada com que atingiu sua nuca, e o cara desabou, pondo fim a qualquer controvérsia.

Quando o ator parou de se contorcer no chão e o verde da pele tinha desaparecido por completo, suas mãos estavam algemadas nas costas, ele ofegava e se engasgava na tentativa de falar, enquanto Milo fechava a porta com um pontapé. Milo levantou Bosc pela nuca e largou-o em cima do sofá de couro preto que ocupava a maior parte da sala de estar. O resto da decoração era uma poltrona mole branca, uma imensa TV digital, equipamento de som caríssimo e um pôster com moldura cromada de um Lamborghini Countach vermelho-sangue.

Bosc esparramou-se no sofá, gemendo. Seus olhos rolaram para trás, ele teve uma ânsia de vômito e Milo recuou com medo de se sujar. Mas Bosc só teve um espasmo em seco algumas vezes e recuperou o domínio dos olhos, que levantou para Milo. E sorriu.

E riu.

— Alguma coisa engraçada, Craig? — indagou Milo.

Os lábios de Bosc se moveram um pouco e ele lutou para falar por entre o riso forçado. Gotas de suor enormes como contas surgiram-lhe na testa e rolaram pelo seu nariz perfeito. Ele afastou uma delas com a ponta da língua. Riu de novo. Cuspiu aos pés de Milo. Tossiu e disse: — Oh, sim. Você está metido em uma tremenda de uma enrascada.

Capítulo 35

Subi velozmente a Highway 33, inalando o cheiro doce da relva de Ojai. Pensando em Bert Harrison morando ali por décadas, a anos-luz de L.A. Apesar disso, o velho não fora capaz de evitar o pior que a cidade grande tinha a oferecer.

Quando me aproximei da fileira de lojas onde ficava a O'Neill & Chapin, tirei o pé do acelerador. A papelaria ainda estava com as portas cerradas e havia um cartaz com a palavra FECHADO na vitrina do Celestial Café. A meio caminho da cidade, virei na estrada que ia dar na propriedade de Bert, avancei até trezentos metros da sua entrada de carros e estacionei atrás de um bosque de eucaliptos.

A velha camionete de Bert estava parada na frente, o que não queria dizer nada. Ele podia tê-la deixado ali e arranjado um transporte qualquer para o aeroporto.

Ou então sua partida era iminente e se eu entrasse o encontraria fazendo as malas.

Terceira possibilidade: ele mentira a respeito da viagem, querendo me fazer desistir de retornar.

Eu admirava Bert e não estava ansioso por examinar o caso. Retornando ao Seville, peguei de novo a estrada. Pronto para beber na fonte, diretamente.

A entrada do Mecca Ranch estava aferrolhada, mas destrancada. Abri, passei, fechei o portão atrás de mim e subi sob o olhar dos falcões que circulavam no alto — talvez as mesmas aves que eu vira da primeira vez.

O cercado surgiu diante de mim, banhado pelo sol da tarde Marge Schwinn estava no meio do círculo, usando uma camisa de brim desbotado, calças jeans justas e botas de montar, de costas para mim. Falava com um garanhão cor de chocolate amargo. Fazendo festas no animal, acariciando-lhe a crina. O barulho dos pneus esmagando o cascalho fez com que se voltasse. Na hora em que saí do Seville ela havia deixado o cercado e andava na minha direção.

— Olá, como vai, doutor Delaware?

Retribuí o cumprimento sorrindo e conservando minha voz alegre. Na primeira vez em que eu a vira, Milo não me apresentara pelo nome ou pela profissão. De repente, gostei de ter feito aquela viagem.

Ela puxou um lenço azul do bolso, enxugou as mãos e me ofereceu a direita para um aperto de mão firme e forte.

— O que o traz aqui?

— Uma visita de acompanhamento. Ela guardou o lenço e sorriu.

— Alguém pensa que sou louca?

— Não, apenas umas perguntas.

Eu estava de frente para o sol e virei a cabeça. O rosto de Marge estava bem protegido, mas ela franziu os olhos, que se esconderam no meio de uma rede de rugas.

A camisa de brim era justa. Os seios, pequenos e altos. A mesma combinação de corpo juvenil e rosto senil.

— Que tipo de perguntas, doutor?

— Para começar, pensou em alguma coisa nova desde que eu e o detetive Sturgis a visitamos?

— A respeito de...? — Qualquer coisa que seu marido possa ter dito a respeito do assassinato

não resolvido que discutimos.

— Nada — disse ela. — Nada a esse respeito. — Os olhos dela desviaram-se para o cercado.

— Eu adoro bater papo, mas estou meio ocupada.

— Só mais umas coisinhas. Inclusive um item delicado. Ela pôs ambas as mãos nos quadris esbeltos e musculosos.

— Que item?

— O vício de seu marido em drogas. Ele venceu esse vício sozinho?

Ela enterrou um salto na terra e apertou com força.

— Conforme já lhe contei, quando conheci Pierce, ele já tinha passado por isso.

— Ele teve alguma ajuda no processo? Uma pergunta simples, mas ela contrapôs: "Como assim?" Manteve os olhos franzidos, mas agora era possível perceber como se moviam por baixo das pálpebras. Primeiro um rápido desvio para baixo, depois para a direita.

Outra que não sabia mentir. Graças a Deus por existirem pessoas honestas.

— Pierce teve algum tratamento com a ajuda de remédios? — perguntei. — Esteve algum dia aos cuidados de um médico?

— Ele realmente não falava muito sobre os velhos tempos.

— Nem um pouco?

— Ele tinha ultrapassado tudo aquilo. E eu não queria revolver o passado.

— Não queria aborrecê-lo — falei.

Ela olhou na direção do cercado outra vez.

Perguntei: — Como Pierce dormia?

— Como?

— Pierce tinha um sono profundo ou tinha problemas para dormir?

— Na maior parte do tempo ele era... — ela se interrompeu, testa franzida, desconfiada. —

Essas perguntas são estranhas, doutor Delaware. Pierce já morreu, que diferença faz como ele dormia?

— Apenas um acompanhamento geral do assunto — expliquei. O que me interessa de modo específico é a semana anterior ao acidente. Ele dormiu bem ou estava irrequieto? Ela prendeu a respiração e as mãos que tinha nos quadris ficaram brancas.

— O que aconteceu, senhor, foi o que lhe contei: Pierce caiu. Agora ele se foi e sou eu que tenho que viver com a sua falta. Não me agrada nem um pouco que o senhor venha remexer nessas coisas.

— Sinto muito.

— O senhor fica pedindo desculpas, mas não para de me interrogar.

— Bem, eis a questão. Talvez tenha sido um acidente, mas você pediu um exame toxicológico no cavalo. E pagou um bocado de dinheiro por ele. Ela se afastou um passo e depois outro. Sacudiu a cabeça e tirou um pedaço de palha do cabelo.

— Isso é ridículo.

— Outra coisa — continuei. — O detetive Sturgis não me apresentou pelo nome, mas você sabe quem eu sou e o que faço. Acho isso um tanto curioso.

Seus olhos se dilataram e ela respirou fundo.

— Bem que ele disse que o senhor podia fazer isso.

— Quem disse?

Sem resposta.

— Dr. Harrison? — perguntei.

Ela virou as costas para mim.

— Sra. Schwinn, não acha que precisamos esclarecer tudo? Não era isso que Pierce teria desejado? Alguma coisa o estava deixando sem dormir, não é? Negócio inacabado. Não era isso de que se tratava o Livro do Assassino?

— Não sei de nenhum livro.

— Não sabe? Marge Schwinn apertou os lábios. Sacudiu a cabeça de novo, cerrou o queixo, girou e pegou o sol em cheio no rosto. Um tremor sacudiu a parte superior do seu corpo, mas as pernas estavam bem plantadas e absorveram bem. Ela fez me ia-volta e meio que correu na direção da casa. Mas eu a segui; a viúva de Pierce Schwinn não tentou me impedir de entrar.

Sentamos exatamente nos mesmos lugares que tínhamos ocupado poucos dias atrás: eu no sofá da sala de estar, ela na poltrona em frente. Na última vez, Milo se encarregara de falar, como geral' mente faz quando o acompanho, mas agora eu era o dono da bola 415 e, Deus me ajude, a despeito da angústia da mulher sentada diante de mim, eu me sentia cruelmente jubiloso. Marge Schwinn disse: — Vocês são assustadores. Capazes de ler pensamentos.

— Nós quem?

— Médicos da cabeça.

— Dr. Harrison e eu — falei.

Ela não respondeu, e eu prossegui: — O doutor Harrison a advertiu de que eu poderia voltar.

— Ele só faz o bem. Não discuti. Ela me mostrou seu perfil.

— Sim, foi ele quem me disse quem você era... depois que eu o descrevi e aquele detetive grandalhão, Sturgis. Ele disse que o fato de vocês estarem aqui podia querer dizer como as coisas seriam diferentes.

— Diferentes? — Ele disse que vocês eram persistentes. Um bom adivinho.

— A senhora conhece o doutor Harrison há algum tempo? — Conheço. — As janelas da sala estavam abertas, e um relincho vindo do cercado foi ouvido nitidamente. Ela resmungou: — Calma, Baby.

— Seu relacionamento com o doutor Harrison foi profissional? — perguntei.

— Se está me perguntando se me tratei com ele, a resposta é sim. Ele tratou a nós dois: Pierce e eu. Separadamente, nenhum de nós sabia, na ocasião. Com Pierce foram as drogas. Comigo... eu passava por uma depressão. Uma reação situacional, como definiu o doutor Harrison. Depois que minha mãe faleceu. Tinha 93 anos, e eu tomava conta dela havia tanto tempo que ao ficar sozinha... a solidão começou a pesar muito sobre mim. Tentei aguentar, depois vi que era demais. Sabia quem era o doutor Harrison e sempre gostei do seu sorriso. Um dia arranjei coragem para falar com ele. A admissão — a confissão de sua fraqueza — fez com que cerrasse o queixo.

— Foi o doutor Harrison quem lhe apresentou o Pierce?

— Conheci Pierce no fim... quando já me sentia melhor, capaz de cuidar das coisas de novo. Ainda conversava com o doutor de tempos em tempos, mas já tinha me livrado dos antidepressivos exatamente como ele afirmara que aconteceria. De repente ela se inclinou para a frente.

— O senhor realmente conhece o doutor H? O suficiente para entender o tipo de homem

que ele é? Quando demos início às sessões, ele costumava vir me ver todos os dias para saber como eu estava passando. Todos os dias. Uma vez me encontrou de cama com um resfriado, sem poder fazer as tarefas domésticas, e fez tudo para mim. Tudo! Passou aspirador, lavou e enxugou os pratos e limpou os estábulos. Fez isso por quatro dias seguidos e inclusive foi à cidade fazer compras. Se eu tivesse pago por hora, teria ido à falência.

Eu sabia que Bert era um bom homem e um terapeuta brilhante, mas a narrativa dela me assombrou. Imaginei-o pequenino, velho, vestido de púrpura, varrendo e lavando baias de cavalos e perguntei-me o que eu teria feito na mesma situação. Claro que eu jamais teria chegado àquele ponto de dedicação. O que eu estava fazendo agora nada tinha a ver com me importar com alguém. Vivos ou mortos. Quanto se deve aos mortos?

Eu disse: — Quer dizer então que você conheceu Pierce quando as coisas já tinham se acalmado.

— O doutor H me disse — continuou ela, depois de assentir com um gesto de cabeça — que eu deveria voltar à minha antiga rotina... que os meus antigos hábitos eram bons. Antes de mamãe piorar, eu costumava ir de carro a Oxnard e fazer as compras no Randall's. A velha senhora Randall trabalhava no balcão e ela e mamãe eram amigas de muito tempo; eu gostava de ir lá e conversar com ela, ouvir as histórias de como as coisas eram antigamente. Ai então ela ficou doente, seus filhos começaram a atender no balcão, e eu não tinha assunto com eles. Além disso, fui ficando tão sem energia, que acabei por descobrir uma firma que vendia rações por ordem postal e entregava em casa. Quando o doutor Harrison disse que era bom que eu sáisse, passei a ir de novo ao Randall's. Foi lá que conheci Pierce. Ela sorriu.

— Talvez tudo tenha sido parte de um plano dele... do doutor Harrison. Ele conhecia igualmente nós dois, eu e Pierce, e talvez tenha imaginado que poderia surgir alguma química entre nós. Deve ter havido, porque a primeira vez em que vi Pierce ele não passava a meus olhos, de um velho hippie de meia-idade, sendo eu uma fazendeira, republicana de nascimento, uma pessoa que apertou a mão de Ronald Reagan e que assim não se sentiria normalmente atraída por aquele tipo... Mas havia alguma coisa em Pierce... uma certa grandeza.

Sei que seu amigo detetive provavelmente lhe contou histórias de como Pierce era antigamente, mas ele se transformara em um homem diferente.

— As pessoas mudam.

— É verdade. Mas só vim a aprender isso tarde na vida. Quando Pierce conseguiu criar coragem para me convidar para um café, foi tão tímido que... quase foi bonitinho.

— Ela encolheu os ombros. Talvez tenhamos nos conhecido exatamente no momento certo... os planetas na exata conjunção astral ou algo assim — um sorrisinho. — Ou pode ser que o doutor Harrison tenha sido um homem cheio de truques.

— Quando contou ao doutor Harrison que estava vendo Pierce? — Logo no começo. Ele me disse que sabia, que Pierce tinha lhe contado. E que se sentia do mesmo modo a meu respeito. Foi só então que me contou que já conhecia Pierce há algum tempo. Trabalhava como psiquiatra voluntário no Oxnard Doctor's Hospital, tratando de enfermos, feridos e queimados, gente que sofrera o incêndio de Montecito e que estava em uma unidade de queimados e tinha o doutor H como seu psiquiatra. Pierce não estava em nenhum desses casos, mas entrara na sala de emergência com terríveis ataques em consequência do vício. O doutor Harrison o desintoxicou e depois o tomou como paciente. Ele me contou tudo isso Porque Pierce pediu que o fizesse. Pierce

tinha fortes sentimentos a meu respeito, mas se sentia profundamente envergonhado do seu Passado, precisava do doutor Harrison. Ainda me lembro das palavras do doutor H: "Ele é um bom homem, Margie, mas saberá compreender se isso for uma bagagem demasiado pesada para você carregar." Falei para ele que minhas mãos vinham manejando feno há quarenta anos e que eu podia carregar bastante peso. Após isso, a timidez de Pierce praticamente o abandonou, e nós nos aproximamos.

Seus olhos ficaram marejados.

— Nunca pensei que encontraria alguém. E agora o perdi. Ela pegou o lenço e deu uma risada.

— Olhe só para mim, que mulherzinha. E olhe só você... pensei que sua profissão se destinasse a fazer as outras pessoas se sentirem melhor. Fiquei ali sentado enquanto ela chorava em silêncio, enxugava os olhos e depois chorava mais um pouco. Uma sombra cortou subitamente a parede à minha frente e desapareceu.

Virei-me para ver um falcão subir no céu e sumir. Do curral veio o barulho das patas dos cavalos, inquietos, e de relinchos.

— Uma espécie de falcão que se chama búteo da cauda vermelha — explicou ela. — São bons para os insetos daninhos, mas os cavalos nunca se acostumam com eles.

— Senhora Schwinn, o que foi que Pierce lhe disse sobre o caso não resolvido?

— Que era um caso não resolvido.

— O que mais? — Nada. Nem sequer me contou o nome da garota. Só que era uma garota que foi toda cortada, que o caso era dele e que ele tinha falhado ao investigá-lo. Tentei fazer com que se abrisse, mas Pierce não aceitou. Como falei, Pierce sempre quis me proteger de sua antiga profissão.

— Mas ele falou com o doutor Harrison sobre o caso.

— Você tem que perguntar ao doutor.

— O doutor Harrison nunca lhe falou a esse respeito? — Ele só disse... — Ela se calou e virou o rosto de tal modo que só pude ver o perfil do seu queixo.

— Sra. Schwinn?

— A única razão pela qual esse assunto saiu foi o sono de Pierce. Ele começou a sonhar. Pesadelos. — Ela se virou subitamente e me encarou. — Como você poderia saber disso? Ou terá sido realmente uma boa aposta?

— Pierce era um bom homem, e os homens bons não aceitam bem a corrupção.

— Não sei nada disso. — Sua voz carecia de convicção.

— Quando começaram os pesadelos? — perguntei.

— Poucos meses antes de ele morrer. Dois, três meses.

— Aconteceu alguma coisa que causasse o aparecimento deles?

— Não que eu visse. Eu achava que éramos felizes. O doutor Harrison também achava, mas acontece que Pierce nunca deixou de ser atormentado... foi a palavra que ele usou.

Atormentado.

— Pelo caso.

— Pelo fracasso. O doutor Harrison disse que Pierce tinha sido forçado a abandonar o caso quando o puseram para fora. Segundo ele, Pierce fixara em sua mente que desistir fora o mesmo que cometer um pecado mortal. Ele vinha se punindo havia anos... usando drogas, maltratando o

próprio corpo, vivendo como um vagabundo. O doutor H achava que tinha ajudado Pierce a se livrar dos pesadelos, mas se enganou, eles voltaram. Pierce simplesmente não podia fingir que não havia nada.

Ela me encarou por longo tempo.

— Pierce violou as regras anos a fio e sempre se perguntou se um dia teria que pagar pelo que fez. Ele gostava de ser detetive, mas odiava o Departamento de Polícia.

Não confiava em ninguém, inclusive em seu amigo Milo Sturgis. Quando foi chutado, tinha certeza de que Sturgis tinha algo a ver com o que houve.

— Quando estive aqui com o detetive Sturgis, a senhora disse que Pierce tinha falado bondosamente a respeito dele. Verdade?

— Não falou comigo, propriamente — respondeu ela. — Pierce nunca me disse uma palavra sobre Sturgis ou qualquer outra pessoa de sua vida de policial. São coisas que ele contou ao doutor Harrison, e eu estava tentando manter o doutor fora disso tudo. Mas sim, Pierce mudara de opinião sobre Sturgis. Seguiu a carreira dele e viu que era um bom detetive. Descobriu que Sturgis era homossexual e imaginou que ele deve ter precisado de uma coragem imensa para permanecer no departamento.

— O que mais o doutor Harrison lhe disse sobre o caso?

— Que o efeito da saída forçada atingira Pierce no cérebro com um câncer. Era disso que se tratavam os pesadelos.

— Pesadelos crônicos? — perguntei.

— Crônicos o bastante. Às vezes se repetiam três, quatro vezes por semana, outras vezes davam uma folga. Aí, bum! Tudo de novo Nada de previsível, o que era pior, porque eu nunca sabia o que ia acontecer com ele uma vez que encostasse a cabeça no travesseiro. As coisas chegaram a um ponto que eu tinha medo de ir para cama.

Eu própria comecei a acordar de noite. — Ela deu um sorriso torto.

— Engraçado, eu lá, toda encolhida, sem poder cair no sono, Pierce roncando, e eu dizendo a mim mesma que finalmente tinha acabado. Aí, na noite seguinte...

— Pierce dizia alguma coisa durante os pesadelos?

— Nem uma palavra, ele só se movimentava... ele se batia, para ser mais precisa. Era como eu sabia que um ataque estava por ocorrer. A cama começava a se mexer, a bater, como em um terremoto; eram os pés de Pierce chutando o colchão. Deitado de costas, batendo com os calcanhares, como se estivesse marchando! De repente suas mãos se levantavam — ela estendeu os braços para o teto para mostrar como era — como se ele estivesse sendo preso. Depois suas mãos desciam com toda força e começavam a bater na cama, e ele a se virar como louco e logo em seguida estava grunhindo, socando e chutando o colchão... seus pés não paravam nunca. De repente, ele arqueava as costas e ficava imóvel, como se estivesse paralisado, como se acumulasse vapor para explodir, e era possível ver seus dentes rangendo e os olhos se arregalarem muito! Mas não olhavam para lugar algum, Pierce estava em outro lugar... um inferno qualquer que só ele era capaz de ver. Mantinha aquela pose imobilizada por talvez uns dez segundos e aí começava a se socar... no peito, barriga e até no rosto. Às vezes, na manhã seguinte, ele estava todo machucado. Tentava fazer com que não se machucasse, mas era impossível, seus braços eram como vergalhões de ferro, e tudo o que eu podia fazer era saltar da cama para evitar me envolver. E ficava por ali esperando que terminasse. Pouco antes do fim

ele soltava um uivo... tão alto que acordava os cavalos. Aí os cavalos começavam a fazer barulho e às vezes os coiotes entravam no coro. Uma coisa, os coiotes ganindo a quilômetros de distância. Já ouviu? Quando toda uma matilha desanda a uivar? Não é como um cachorro latindo, são mil criaturas enlouquecidas, soltando a voz como um lamento. Normalmente eles só fazem isso quando estão matando ou se acasalando, mas o uivo de Pierce desencadeava todo o processo.

Ela espremeu o lenço, transformando-o em uma bola azul, e estudou os dedos ao esticá-los.

— Os coiotes ficavam apavorados com o som do medo de Pierce.

Marge me ofereceu uma bebida, que declinei, levantou-se e encheu para si um copo com a água da torneira da cozinha. Quando se sentou de novo, perguntei: — Pierce tinha alguma lembrança dos pesadelos?

— Nada, nada. Quando o ataque terminava, ele simplesmente voltava a dormir. Na primeira vez que aconteceu, deixei passar. Na segunda, eu o sacudi, mas também não falei nada. Na terceira vez, fui ver o doutor Harrison. Ele ouviu praticamente em silêncio, e naquela noite apareceu pra visitar Pierce... sozinho, no quarto escuro dele. Depois disso, Pierce começou a vê-lo em sessões regulares novamente. Dentro de mais ou menos uma semana, o Dr. H. me fez ir até sua casa e foi então que me falou sobre Pierce lutando para conviver com o fracasso.

— Quer dizer que você e Pierce nunca conversaram diretamente sobre o caso?

— Exatamente. Não falei nada.

— Sei que é difícil de entender, mas éramos assim. Mesmo sendo muito ligados, cada um de nós tinha facetas vedadas ao outro. Sei que não está na moda preservar a própria privacidade. Todo mundo fala sobre tudo com qualquer pessoa. Mas é um embuste, não é? Todo mundo tem partes secretas na sua mente. Pierce e eu éramos simplesmente sinceros ao admitir isso. E o doutor Harrison disse que se era o que realmente desejávamos, fora uma escolha nossa.

Ou seja, Bert tentara orientar marido e mulher para mais fraqueza, e eles haviam resistido.

— Foi a mesma coisa com o problema de Pierce com as drogas. Ele era orgulhoso demais para se expor a mim, e por isso usou o doutor Harrison como mensageiro. Ficamos contentes desse modo. Manteve as coisas agradáveis e positivas entre nós.

— Algum dia perguntou ao doutor Harrison a respeito do crime não resolvido? Ela sacudiu a cabeça com força.

— Eu não queria saber. Entendi que para perturbar Pierce daquele modo tinha que ser algo realmente sério.

— Os pesadelos desapareceram?

— Depois que Pierce voltou a ver o doutor Harrison regularmente, foram reduzidos a umas duas, três vezes por mês. E o hobby da fotografia também ajudou, fazendo com que ele saísse de casa, tomasse um pouco de ar fresco.

— A ideia foi do doutor Harrison?

Ela sorriu.

— Foi. Ele comprou a câmera para Pierce e insistiu em pagar. Ele faz esse tipo de coisa. Dá coisas para as pessoas. Havia uma garota que morava na cidade, Marian Purveyance, que tomava conta do Celestial Café antes de Aimée Baker. Marian teve uma doença muscular que a matou aos poucos, e o doutor Harrison foi seu consolo maior. Visitei-a nos seus últimos dias, e ela me disse que o doutor H lhe receitara a companhia de um cachorro. Só que ela não tinha condições físicas para tratar de um cachorro. Pois o doutor escolheu um labrador velho, meio

manco, do abrigo que tinha em casa, e levava para ela, alimentado e de banho tomado, algumas horas por dia. O animal era um doce e se acostumou a deitar na cama de Marian, que ficava acariciando-o. Mais para o fim, os dedos de Marian não podiam mais se movimentar, e ele deve ter percebido, porque rolava mais para perto dela e colocava a pata em cima de sua mão, para que assim ela tivesse alguma coisa em que tocar. Marian morreu com aquele velho cão ao seu lado, e poucas semanas depois foi a vez dele falecer também.

"Entende o que estou querendo dizer, jovem? — perguntou ela com um olhar ardente. — O doutor Harrison dá coisas às pessoas. Deu a Pierce aquela máquina de retrato e me deu um pouco de paz fazendo com que eu soubesse que os pesadelos não tinham nada a ver comigo. Porque eu desconfiava que tivessem, que talvez Pierce estivesse se sentindo engaiolado aqui com uma velha solteirona, depois de tantos anos sozinho. E, Deus me perdoe, quando eu o via tendo aqueles ataques, não podia deixar de imaginar que talvez tivesse recaído.

— Tivesse voltado a usar drogas.

— Tenho vergonha de admitir, mas sim, era exatamente isso o que eu me perguntava.

Porque foram os ataques causados pela abstenção de drogas que o levaram ao hospital e, aos meus olhos ignorantes, aqueles eram iguais. Mas o doutor Harrison me assegurou que não. Afirmou que não passavam de pesadelos. Aquilo era a vida antiga de Pierce fazendo reviver sua velha cabeça. Que eu representava apenas o bem para ele e não devia pensar de outra forma. Foi um grande alívio para mim.

— Assim os pesadelos se espaçaram e passaram a acontecer só duas ou três vezes por mês.

— Dose com a qual eu podia conviver. Quando começava a tempestade, eu me limitava a sair da cama, ia tomar um copo de água na cozinha, saía para acalmar os cavalos e quando voltava, Pierce estava ressonando. Eu segurava sua mão e a esquentava... os pesadelos sempre congelavam suas mãos. Ficávamos deitados um ao lado do outro, eu percebia sua respiração retomar o ritmo normal, ele deixava que eu o abraçasse para esquentá-lo e a noite se passava. Outro mergulho de falcão foi projetado na parede.

— Essas aves — disse ela. — Devem sentir o cheiro de algo.

— Os pesadelos rarearam — falei —, mas voltaram nos últimos dias antes da morte de Pierce.

— Exatamente — disse ela, comovida. — E desta vez eu fiquei preocupada porque Pierce não acordava bem. Ele se levantava cansado, meio desajeitado, pronunciando as palavras inarticuladamente. É por isso que me culpo por tê-lo deixado sair com Akhbar. Ele não estava em boas condições para montar, eu não devia ter permitido que ele saísse sozinho. Pode ser que desta vez ele tenha tido uma espécie de ataque em cima do cavalo.

— Por que mandou procurar drogas em Akhbar?

— Não passou de uma burrice da minha parte. O que eu realmente queria era mandar examinar Pierce. Porque, a despeito do que o doutor Harrison dissera quando os pesadelos voltaram, perdi a fé em Pierce de novo. E depois que ele morreu, não tive coragem de admitir minhas suspeitas em público. Nem para o doutor Harrison, nem para o legista. E aí mandei examinar o pobre Akhbar. Imaginando que uma vez que o assunto das drogas surgisse, alguém resolvesse examinar Pierce também, e aí eu saberia com certeza, de uma vez por todas.

— Examinaram Pierce — falei. — E obrigatório nesses casos de acidente. E o resultado foi negativo.

— Sei disso, agora. O doutor Harrison me disse. Foi um acidente, pura e simplesmente. Embora às vezes eu não possa deixar de pensar que Pierce não deveria ter ido montar sozinho. Porque ele não estava mesmo com boa aparência.

— Alguma ideia de por que a última semana foi difícil para Pierce?

— Não... e não quero saber. Preciso esquecer disso tudo, e esta nossa conversa não está ajudando. Podemos parar, por favor? Agradei e me levantei.

— A que distância daqui ocorreu o acidente?

— Perto da estrada.

— Eu gostaria de ver o local.

— Para quê?

— Para ter uma ideia melhor.

O olhar dela foi franco e aberto.

— Você sabe alguma coisa que não me contou?

— Não. Muito obrigado pelo seu tempo.

— Não me agradeça, não foi um favor. — Ela se levantou de um salto e passou por mim, na direção da porta.

— O local...

— Pegue a 33 oeste e entre na segunda à esquerda. É uma trilha de terra que sobe uma elevação e depois começa a descer. Foi onde aconteceu. Pierce e Akhbar rolaram das rochas até lá embaixo, no arroio. É um lugar onde Pierce e eu passeávamos juntos de vez em quando.

Nessas ocasiões eu ia na frente.

— A respeito das fotografias de Pierce.

— Não — disse ela. — Por favor, nada mais de perguntas. Mostrei a câmara escura dele, suas fotos e tudo mais na primeira vez em que vieram aqui.

— Eu ia dizer que ele era talentoso, mas uma coisa chamou minha atenção. Não havia pessoas ou animais em suas fotos.

— Isso tem algum grande significado psicológico?

— Não, só achei curioso.

— É mesmo? Pois bem, eu não achei. Eram belas fotos — ela se desviou de mim e abriu a porta. — E quando perguntei sobre a ausência de seres vivos, ele teve uma excelente resposta. Disse: "Margie, estou tentando retratar um mundo perfeito."

Capítulo 36

Ela ficou perto do Seville, esperando que eu fosse embora. Girei a chave na ignição e perguntei: — O doutor Harrison falou alguma coisa sobre tirar férias? — Ele, férias? O doutor Harrison nunca sai. Por quê? — Ele me disse que talvez fosse fazer uma viagem.

— Bem, certamente que ele tem direito a viajar, se quiser. Por que não lhe pergunta? Você está indo lá agora, não é? A fim de verificar a veracidade da minha história? — Vou falar com ele sobre o caso não resolvido.

— Seja o que for. Não me aborrece que o que falei seja verificado, porque não estou escondendo nada. Prefiro sempre não me envolver em coisas sem esperança. Menos preocupações. Pena que o meu Pierce nunca conseguiu aprender isso.

Seguindo a descrição dela, dei numa trilha sombreada por frondosos carvalhos e tão estreita que mal daria para um carrinho de golfe passar. Galhos arranhavam as laterais do Seville. Recuei, deixei o carro ao lado da estrada e segui a pé.

O ponto onde Pierce Schwinn morrera ficava a quinhentos metros de distância, uma ravina seca que parecia ter sido escavada sob um rebordo de granito. Um corredor ressequido que se enche de água na estação das chuvas e se transforma numa torrente impetuosa. Agora era atapetado de alvos ossos velhos, limo, rochas, matacões, folhas enrugadas, galhos de árvore arrancados pelo vento. As pedras maiores eram quase todas irregulares e com finas arestas que brilhavam ao sol. Batendo nelas, a cabeça de um homem não se daria bem.

Caminhei até a beirada, contemplei o arroio e escutei o silêncio, perguntando a mim mesmo o que faria um cavalo bem treinado errar o passo ali.

A longa contemplação e o calor do dia me induziram a um quase torpor. Aí algo deslizou atrás de mim, meu coração deu um pulo, a ponta do meu sapato escorregou para o espaço vazio e tive que pular para trás a fim de evitar o tombo.

Ainda tive tempo de ver um lagarto cor de areia apressar-se para dentro da vegetação seca. Tranquilei-me antes de me virar e ir embora. Quando cheguei no carro, minha respiração já havia voltado ao normal.

Retornei ao centro de Ojai, tomei a Signal Street, passei pela vala de drenagem e parei o carro na mesma fileira de eucaliptos através dos quais havia espiado a casa de Bert. Pensando no que lhe diria se ele aparecesse. Pensando nos pesadelos de Pierce Schwinn, nos demônios que tinham voltado para assombrá-lo nos dias que antecederam sua morte.

Bert sabia a razão. Bert soubera o tempo todo.

Nenhum movimento na casa. A camionete estava parada no lugar de sempre. Depois de esperar quinze minutos, decidi que era hora de me dirigir até a porta da frente e lidar com o que encontrasse, fosse o que fosse. Ou que não encontrasse.

No momento em que saltei do Seville, a porta abriu-se com um rangido e Bert apareceu na varanda com sua costureira roupa púrpura, carregando um saco de compras de papel pardo aninhado em um dos braços. Segurei a porta do Seville antes que fechasse, corri de volta para trás das árvores e o acompanhei descendo os degraus de madeira.

Bert largou o saco no banco do carona, instalou-se atrás do volante, tentou duas ou três vezes e finalmente conseguiu fazer o motor pegar. Recuando para longe da casa, levou um tempo enorme com penosa lentidão, para fazer a manobra, obrigado a batalhar contra o volante de um carro com direção manual. Lá estava ele, pequeno, concentrado, mãos plantadas na posição de "dez para as duas" tão recomendada pelas escolas de motoristas. Tão baixo que eu mal conseguia ver sua cabeça.

Abaxe-me e esperei que ele passasse. A suspensão cansada da velha camionete Chevy não estava à altura da estrada semipavimentada e rangeu e estrondou quando o carro passou aos pulos. Bert seguiu sempre olhando em frente e não me viu nem tampouco o Seville. Esperei um pouco até que ele desaparecesse e pulei no meu carro.

A direção hidráulica me assegurou uma vantagem na hora da manobra e ainda consegui ver o Chevy dando uma guinada para pegar a 33 na direção leste.

Fiquei parado na interseção até que o carro de Bert se transformasse em um grão de poeira no horizonte. A estrada vazia tornava muito arriscada a tarefa de segui-lo.

Eu ainda me debatia sem saber o que fazer, quando uma picape carregada com sacos de fertilizante parou atrás de mim. Dentro dela, dois hispânicos de chapéu de caubói, agricultores. Fiz um gesto para que me ultrapassassem e assim eles fizeram, interpondo-se entre Bert e eu. Segui atrás da picape, deixando um bom espaço entre nós.

Poucos quilômetros depois, na interseção da 33 com a 150, a picape continuou na direção sul, e com enorme dificuldade Bert conseguiu fazer uma curva supercautelosa à direita na 150. Fiquei com ele, mas aumentei a distância, quase perdendo a velha camionete de vista.

Ele dirigiu mais uns três quilômetros, passou por locais de acampamento e um parque de trailers, e então apareceram cartazes avisando a proximidade de Lake Casitas.

O reservatório público de água servia também como centro recreacional. Por tudo quanto eu sabia, o saco de papel estava cheio de migalhas de pão, e Bert planejava alimentar os patos.

Mas ele se desviou da estrada bem antes do reservatório, virando numa esquina que tinha um posto de gasolina com uma única bomba e uma loja que vendia simultaneamente artigos de pesca e mercearia. Outra estrada não-demarcada, mais uma trilha, com algumas cabanas esparsas e bem recuadas. Em uma das primeiras, um cartaz pintado à mão anunciava bolo de frutas feito em casa em fogão a lenha. Depois dessa, nenhuma outra mensagem. A vegetação rasteira ali era densa, estimulada pelas copas de velhos carvalhos e pitósporos e sicômoros tão entortados que pareciam se contorcer. Bert seguiu fazendo o carro pular por mais três quilômetros, ignorando a minha presença até que reduziu a marcha e virou à esquerda.

De olho no ponto onde ele desaparecera, encostei o Seville, esperei dois minutos e prossegui.

Bert subiu uma pista de cascalho que teria uns sessenta metros, virou à esquerda e desapareceu atrás de um renque anárquico dos mesmos arbustos de folhas cortantes plantados na frente da casa dele. Nenhuma construção à vista. Mais uma vez estacionei e prossegui a pé, na esperança de que tivesse que andar apenas uns poucos metros.

Saí de cima do cascalho, para não fazer barulho, e fui pela margem coberta de mato ralo.

Localizei o carro de Bert a uns trinta metros, estacionado de qualquer maneira no pátio não pavimentado de uma casa de tábuas verdes e teto de zinco. Maior que uma cabana, a casa tinha, talvez, uns três cômodos com uma varanda vergada na frente e uma chaminé de metal de fogão. Aproximei-me mais e achei um bom posto de observação atrás dos tais arbustos de folhas cortantes. A casa ficava entre as árvores, mas bem no meio de uma clareira, provavelmente resultante de um incêndio. O sol de fim de tarde salpicava o telhado de zinco. Um pé de damasco crescia meio torto perto da Porta da frente, deselegante e irregular, mas seus galhos estavam Pejados de frutos.

Fiquei ali por quase meia hora até que Bert reapareceu.

Empurrando um homem em uma cadeira de rodas. Lembrei da cadeira na sua sala de estar. Guardando para um amigo, ele tinha dito. O Doutor Harrison dá.

A despeito da temperatura amena, o homem da cadeira de rodas estava abrigado por uma manta e usava um chapéu de palha de aba larga. Bert o empurrava bem devagar e a cabeça dele balançava um pouco. Bert parou e lhe disse algo. Se o homem ouviu, não deu indicação. Ele trancou as rodas da cadeira, foi até a árvore e colheu dois damascos. Deu um para o homem da cadeira, que o pegou lentamente. Os dois comeram as frutas. No fim, Bert levou a mão até a boca do outro, que cuspiu a semente na sua palma. Ele examinou a semente e colocou-a no

bolso. Quando terminou seu damasco, fez a mesma coisa.

Ficou ali parado, olhando para o céu. O homem na cadeira de rodas não se mexeu. Depois Bert destrancou a cadeira e empurrou-a mais alguns metros. A cadeira ficou num ângulo tal que me permitiu vislumbrar o rosto do passageiro.

Os óculos de sol espelhados embaixo do chapéu de palha, muito grandes, dominavam a metade superior do rosto. A parte de baixo era uma barba cinzenta que lembrava uma nuvem. A pele que aparecia entre uma e outra era da cor de berinjelel grelhada.

Sai de trás das árvores e não tentei disfarçar o barulho dos meus sapatos esmagando o cascalho. Bert virou-se abruptamente. Nossos olhares se fixaram um no outro. Ele acenou com a cabeça. Resignado.

Cheguei mais perto.

O homem na cadeira de rodas perguntou, em uma voz baixa e rascante: — Quem é?

— O sujeito de quem lhe falei — respondeu Bert.

Capítulo 37

Craig Bosc estava deitado de barriga para baixo em cima do tapete da sua sala. Uma presilha de plástico do kit de policial de Milo tinha sido passada em volta de seus tornozelos, enquanto outra ligada a um par de algemas de metal o prendia ao pé de um sofá sólido.

Não era como amarrar os quatro pés de um animal, Milo esclarecera, só uma bela posição submissa. Fazendo com que a pessoa soubesse que qualquer resistência resultaria em algo mais doloroso.

Bosc nada comentou. Não pronunciara uma só palavra desde que disserra a Milo que ele estava metido numa grande encrenca.

Agora tinha os olhos fechados e mantinha o sorriso fixo no rosto. Podia estar representando, mas o fato é que não havia uma gota de suor no seu rosto de artista de cinema. Um daqueles psicopatas com baixo nível de sensibilidade? A despeito de Milo estar com a vantagem, Bosc parecia demasiadamente convencido, enquanto Milo sentia o suor escorrendo das axilas.

Começou a revistar a casa. Bosc abriu os olhos e riu enquanto Milo caminhava pela cozinha abrindo armários e gavetas, verificando a geladeira de solteiro — cerveja, vinho, pina colada, três frascos de molho de pimenta, uma lata aberta de chili com qualquer coisa. Na hora do exame da geladeira, Bosc deu outra risadinha, mas quando Milo se virou, o cara estava com os olhos bem fechados e o corpo relaxado. Poderia estar dormindo. Nada escondido atrás das bandejas de gelo. Milo passou para o quarto de dormir, encontrou um armário cheio de roupas, coisa demais para o espaço, tudo atulhado de qualquer maneira, pendurado em cabides baratos de arame, alguns troços jogados pelo chão no meio de uns dez pares de sapatos. Na prateleira de cima havia três raquetes de tênis, um bastão de hóquei, uma velha bola de basquete esvaziada e um troço escurecido de couro que um dia fora uma bola oval de futebol americano. Lembranças sentimentais do Zé Atleta.

Um par de halteres de quinze quilos fora largado num canto, perto de um conjunto TV-VCR-DVD. Um estojó de imitação de nogueira continha vídeos de filmes de ação e umas fitas pornô em caixas sensacionalistas: louras peitudas brincando de "bingo de orifício".

A cômoda nada tinha nas gavetas de cima além de meias, roupas de baixo amassadas e

amontoadas de qualquer maneira. Não foi senão quando Milo chegou à gaveta de baixo que as coisas se tornaram interessantes.

Metidas embaixo de uma coleção de blusas de manga comprida da GAP, ele encontrou três armas: uma 9mm idêntica à arma de serviço de Milo, uma Glock preta lustrosa completa com instruções em alemão e uma de cano curto e grosso calibre prateada e guardada dentro de um colдре de couro preto. Todas três carregadas. No fundo da gaveta havia munição adicional.

Ao lado das armas havia um pequeno esconderijo que ampliava a história pessoal de Craig Bosc.

Um anuário da escola North Holly wood High, de 15 anos atrás, revelava que Craig Eiffel Bosc tinha jogado como atacante no time de futebol americano, fora lançador substituto na equipe de beisebol e servira como primeiro armador num time de basquete. A foto no dia da graduação mostrava-o como um rapaz bem-proporcionado e muito bonito, exibindo aquele mesmo sorriso arrogante de hoje.

A seguir veio um álbum preto de recortes, encadernado em imitação de couro com letras adesivas compondo as palavras SIR CRAIG na capa.

Dentro havia páginas protegidas por envelopes plásticos que fizeram Milo se lembrar do Livro do Assassino. Mas nada de sangue aqui. A primeira página tinha um certificado do Valley College atestando que Bosc ganhara uma licenciatura — curta, de dois anos — em comunicações.

De North Holly wood Valley a Valley. Dava para ir de bicicleta de ambas até a casa dele. O garoto do Valley não andara muito.

A seguir vinha o licenciamento com honras do serviço militar que ele fez na Guarda Costeira, baseado em Avalon, na Ilha Catalina. Provavelmente foi lá que conseguiu seu bronzeado dourado mergulhando nas horas de folga.

Na parte de trás do álbum havia cinco páginas de fotografias tiradas com polaroide que mostravam Bosc transando com uma variedade de mulheres, todas jovens, louras e de seios grandes, com ênfase em. Close-ups de penetrações e no rosto sorridente de Bosc enquanto massageava seios, beliscava mamilos e penetrava nos traseiros de suas companheiras. Todas as garotas pareciam sonolentas. Nenhuma parecia estar posando.

Belezas provavelmente chapadas pela ingestão de drogas sendo fotografadas inadvertidamente. Todas pareciam ter entre 25 e 30 anos com cabelos compridos oxigenados e penteados fora de moda que fizeram Milo pensar em garçonetes de cidades pequenas. Feias algumas, uma ou duas bem bonitas, quase todas de aparência mediana. Não chegavam a ser do nível das garotas de vídeos pornô mas eram do mesmo tipo. Outra indicação das limitações de Bosc.

Milo procurou a câmera escondida, imaginando que deveria estar focalizada na cama, e achou rapidamente. Um dispositivo dotado de uma lente em miniatura escondido no aparelho de vídeo. Um detalhe sofisticado que sobressaía no meio da baixa qualidade geral do apartamento e fez Milo pensar. Escondidos junto da câmera havia diversos baseados fortemente comprimidos e meia dúzia de comprimidos de Ecstasy.

Beije as garotas e deixe-as chapadonas. Garoto malvado... Ele voltou ao álbum de recortes e passou para a página seguinte. Não ficou realmente surpreso com o que encontrou, mas, ainda assim, a constatação deixou-o perturbado e suando por todos os poros. Diploma de graduação na Academia de Polícia de Los Angeles dez atrás.

Depois uma foto em grupo e outra individual de Bosc no seu uniforme de estagiário. Elegante, bonito, um policial sob medida para a televisão. Aquele mesmo sorriso detestável. Os papéis seguintes contavam o progresso dele na polícia. Dos anos no serviço de patrulha da delegacia de North Hollywood antes da promoção a Detetive I e transferência para a divisão de roubos de automóveis, a Valley Auto Theft, onde passou três anos como investigador e saiu como Detetive II.

Carros. Promoção rápida para um caubói de ligações diretas. O filho-da-mãe provavelmente tinha, escondida em algum lugar, uma coleção de chaves mestras que serviam para todas as marcas e modelos. Com esse tipo de know-how e equipamento, roubar o Porsche de Rick e devolvê-lo lavado, aspirado e sem uma impressão digital teria sido extremamente fácil para o detetive Bosc.

Depois da temporada com os carros, o cara tinha sido transferido para o centro da cidade, no Parker Center, a sede da polícia, primeiro trabalhando nos arquivos e depois na Administração.

Em seguida, um ano em Assuntos Internos.

Finalmente, uma promoção para Detetive III e sua atual classificação. Oficial de Gabinete do Chefe de Polícia, O filho-da-mãe era auxiliar administrativo de John G. Broussard.

Milo desconectou a minicâmera e levou-a, juntamente com os filmes pornô feitos em casa e a droga, para a sala. Bosc ainda se esforçava para manter a tranquilidade, mas ao ouvir os passos de Milo abriu os olhos. Ao ver o que Milo estava lhe mostrando, vacilou. Mas logo se recuperou e sorriu.

— Puxa vida, você deve ser detetive — debochou.

Milo segurou uma pílula de Ecstasy debaixo do nariz de Bosc.

— Menino mau, Craig.

— Devo me preocupar?

— Um balde de crimes, seu sacana. Ele sorriu.

— Você acha que John G. vai protegê-lo? Algo me diz que o chefe não tem conhecimento de sua carreira de cineasta.

Os olhos de Bosc ficaram duros e frios, oferecendo um vislumbre da maldade que se escondia por baixo daquela fachada de menino bonito. Ele disse: — O que penso é que você está fodido. — Risada. — E no rabo. Por outro lado... Milo levantou a câmera e as drogas. Bosc disse: — Você pensa que está vendo alguma coisa, mas não está. Nada disso aí existe. — Ele sacudiu a cabeça e deu uma risada. — Você está completamente fodido! Milo riu junto com Bosc e adiantou-se. Colocou o pé em cima de uma das canelas dele e amou o peso do corpo. Bosc berrou de dor. Lágrimas encheram seus olhos enquanto ele lutava para se livrar.

Milo levantou o sapato.

— Seu panaca de merda — lamentou-se Bosc. — Veado filho da puta.

— Desculpe, Craig.

— Vá em frente — disse Bosc, tomando fôlego. — Você está apenas cavando sua sepultura.

Isto aqui é a porra da cidade de Los Angeles. O que importa não é o que você faz, e sim o que você sabe.

— Ligações — disse Milo. — Já contratou um agente para você?

— Se você tivesse um cérebro, seria um macaco — disse Bosc. Arromba minha casa como

um ladrão e depois me agride. Estamos falando aqui de um crime importante, de prisão até o próximo milênio. Está pensando que essa merda aí vai servir de prova contra mim? Vou declarar que você plantou tudo na minha casa.

Milo abanou-se com as fotos.

— Não é o meu pau que está aqui.

— Quanto a isto não há dúvida. O seu seria da metade do tamanho e coberto de merda.

Milo sorriu.

— Você está por fora, cara — disse Bosc. — Sempre estive, desde o princípio, e sempre estará. Não interessa quantos casos de homicídio você resolveu. Quanto mais tempo me mantiver aqui, mais ferrado estará, assim como também seu amigo médico de cabeças.

— O que ele tem a ver com isto?

Bosc sorriu e fechou os olhos de novo, fazendo com que por um momento Milo pensasse que fosse reverter ao silêncio do início. Mas uns poucos segundos mais tarde, Bosc disse: — É um jogo. Você e o psi são peões.

— De quem é o jogo?

— Reis e bispos.

— John G., Walter Obey e os irmãos Cossack?

Os olhos de Bosc se abriram. Frios de novo. Mais frios.

— Enfie sua cabeça no rabo e consiga uma pista. Agora me solte e eu talvez o ajude. — O tom dele não podia ser mais autoritário.

Milo colocou o que encontrara em cima da mesa. Caminhou de um lado para o outro, como se considerasse a possibilidade de atender a Bosc. De repente, voltou para o lado de Bosc, ajoelhou-se e colocou a ponta do dedo em cima da canela dele. Precisamente no ponto onde seu sapato pressionara.

Bosc começou a suar.

— Analogia com o xadrez — disse Milo. — Que coisa mais erudita, Bobby Fisher. Agora me diga por que você roubou meu carro e encenou aquele espetáculo no quiosque de cachorros-quentes e alugou uma caixa postal no nome da Playa del Sol e andou espionando minha casa hoje.

— Tudo em um dia de trabalho — disse Bosc.

— Atendendo a um pedido de John G.?

Bosc não respondeu.

Milo sacou da arma e pressionou o cano na pele macia e bronzada sob o queixo de Bosc.

— Detalhes — exigiu. Bosc cerrou os lábios.

Milo recuou a arma. Quando Bosc riu, Milo disse: — Seu problema, Craig, é que você pensa que é um cavaleiro, mas, na verdade, não passa de um peão comedor de bosta. Ele raspou a coronha da arma de encontro à cabeça de Bosc, com força suficiente para produzir um estalo audível. Esperou que Bosc parasse de chorar e levantou a arma de novo. O olhar apavorado de Bosc seguiu a subida da arma, e ele fechou os olhos com força e soluçou alto.

— Craig, Craig — disse Milo, e começou a abaixar a pistola. Bosc gritou: — Por favor, por favor! — e começou a falar incoerentemente. Em questão de minutos, Milo tinha o que queria.

Bom e velho condicionamento pavloviano. Alex se orgulharia?

Capítulo 38

Bert Harrison colocou a mão sobre o ombro do homem na cadeira de rodas. Ele girou a cabeça e hesitou. Vi minha imagem duplicada em suas lentes espelhadas.

— Meu nome é Alex Delaware, senhor Burns — apresentei-me.

Willie Burns sorriu, girou a cabeça de novo e cantarolou qualquer coisa com os lábios fechados. Orientando-se pela minha voz do jeito como fazem os cegos. A pele entre a barba branca e as lentes imensas era rachada e cheia de marcas, estirada por cima dos ossos angulosos. As mãos compridas e finas, o marrom da pele meio arroxeadado.

As juntas dos dedos, inchadas, denotavam os estragos da artrite, e as unhas eram compridas, amareladas e cheias de sulcos. Por cima das pernas tinha uma manta branca, macia. Não era grande o volume por baixo da manta.

— Prazer em conhecê-lo — disse ele. E para Bert: — Sinto mesmo prazer, doutor?

— Ele não vai machucá-lo, Bill. Só vai querer saber de umas coisas.

— Coisas — repetiu Burns. — Era uma vez — ele cantarolou mais um pouco. Voz aguda, desafinada, mas, de algum modo, doce.

— Bert — falei —, desculpe, mas tive que seguir você.

— Como você disse, você teve que me seguir.

— É.

— Alex — disse ele, me acalmando com a macia palma de sua mão no meu rosto. —

Quando descobri que você estava envolvido, achei que isso podia acontecer.

— Descobriu? Mas se foi você quem me mandou o Livro do Assassino!

Bert sacudiu a cabeça.

— Não foi você? Então quem foi?

— Não sei, filho. Pierce enviou-o a alguém, mas nunca me disse quem. E também nunca me falou sobre o livro, até a semana anterior à sua morte. Um dia, ele me levou até em casa e me mostrou o livro. Eu não tinha ideia de que ele fora tão longe.

— Colecionando lembranças.

— Colecionando pesadelos — disse Bert. — Enquanto ele virava as páginas, ele chorava.

Willie Burns fixou os olhos cegos no topo das árvores, cantarolando.

— Onde o Schwinn conseguiu as fotos, Bert?

— Algumas eram de seus próprios casos, outras foram roubadas dos arquivos da polícia.

Schwinn foi um ladrão durante bastante tempo. Definição dele, não minha. Ele habitualmente furtava em lojas e levava dinheiro, joias e drogas das cenas de crime, associado a criminosos e prostitutas.

— Ele lhe contou tudo isso.

— Durante um longo período.

— Confessando-se — falei.

— Não sou padre, mas ele queria a salvação.

— Conseguiu? Bert deu de ombros.

— A última vez que verifiquei, não existiam ave-marias no repertório psiquiátrico. Fiz o melhor que pude. Ele se interrompeu e deu uma olhada em Willie Burns.

— Como está se sentindo hoje, Bill?

— Muito bem — respondeu Burns. — Considerando-se... Ele virou o rosto para a esquerda.

— Uma brisa gostosa vindo das montanhas, consegue ouvir? Os acordes das folhas, como um belo bandolim. Que nem os das gôndolas em Veneza.

Fiquei atento. Não vi movimento na copa das árvores e também não ouvi nada.

— Sim, é lindo — confirmou Bert.

— Sabe de uma coisa — disse Willie Burns —, aqui fora está dando sede. Talvez pudessemos beber qualquer coisa, por favor.

— Claro — concordou Bert.

Empurrei Burns em sua cadeira para dentro da casa de tábuas verdes. O aposento da frente quase não tinha mobília — um sofá ao longo da janela e duas cadeiras verdes de dobrar.

Abajures de pé guarneciam dois cantos. Estampas emolduradas tiradas de revistas cenas de jardins pintadas em cores de Giverny —, penduradas nas paredes de placas de gesso, estavam compreensivelmente tortas. Fora deixada uma trilha larga entre as cadeiras para a passagem da cadeira, cujas rodas haviam feito marcas cinzentas na direção de uma porta nos fundos. Sem maçaneta, só uma placa de metal destinada a ser empurrada. Porta de empurrar. Boa para quem se locomove em cadeira de rodas.

A cozinha era um espaço arbitrário do lado direito: armários de pinho, bancadas de metal, fogão de duas bocas sobre o qual havia uma panela de fundo de cobre. Bert pegou um refrigerante Snapple dietético de limão na geladeira branca, lutou com a tampa até finalmente conseguir abri-la e passou a garrafa para Willie Burns, que a agarrou com ambas as mãos e bebeu metade, o pomo-de-adão subindo e descendo a cada gole. Depois encostou o vidro no rosto, rolou-o para trás e para frente e deixou escapar um longo suspiro.

— Obrigado, doutor H.

— Não foi nada, Bill. — Bert olhou para mim. — Por que não se senta?

Peguei uma das cadeiras de dobrar. A casa cheirava a chips e alho frito. Em cima do fogão havia umas folhas secas de cravo, juntamente com um colar de pimentas também ressecadas. Reconheci outras delicadezas: potes de feijões, lentilhas, massa. Uma caixa de madeira para guardar pães, pintada à mão. Toques de gourmet na cozinha infima.

— Quer dizer então que você não tem ideia de como o Livro do Assassino foi parar em minhas mãos? Bert sacudiu a cabeça.

— Nunca soube que você tinha algo a ver com ele até que Marge me disse que você e Milo tinham aparecido e conversado com ela sobre um assassinato não resolvido.

Ele começou a se abaixar para sentar na segunda cadeira de dobrar, mas mudou de ideia e permaneceu de pé.

— Vamos tomar um pouco de ar puro. Você ficará bem por uns minutos, Bill?

— Muito bem — respondeu Burns.

— Estaremos logo aí do lado de fora.

— Aproveitem a vista.

Dirigimo-nos para a sombra das árvores em torno da casa.

— Você precisa saber do seguinte — disse Bert. — Bill não tem muito tempo mais de vida.

Sistema nervoso prejudicado, diabete instável, sérios problemas de circulação, pressão alta. Há um limite para o tratamento que posso lhe proporcionar, e ele não quer ir para um hospital. A verdade é que ninguém pode ajudá-lo realmente. Número demasiadamente grande de sistemas

prejudicados. Bert parou e alisou a lapela.

— Ele é um homem muito velho aos 43 anos.

— Há quanto tempo você trata dele? — Há muito tempo.

— Quase vinte anos, seria o meu palpite — sugeri.

Ele não respondeu. Caminhamos mais um pouco, em lentos círculos, sem destino. Não vinha nenhum som da floresta. Nem traço da música ouvida por Willie Burns.

— Como você o conheceu? — indaguei. — Em um hospital em Oxnard.

— O mesmo lugar em que conheceu Schwinn.

Ele se espantou. — Acabei de passar na casa de Marge — expliquei.

— Ah. Uma vez analista... Bem, é verdade — disse ele. — Mas o fato de Pierce se encontrar lá não foi realmente uma coincidência. Ele rastreava Bill havia algum tempo.

Sem muito sucesso, claro. E também sem muita consistência, porque a anfetamina o deixara bastante incapacitado. De vez em quando ele ficava lúcido. Convencia-se de que ainda era um detetive e voltava a investigar, tinha uma recaída e saía de cena. De algum modo, com o passar dos anos, veio a descobrir que Bill se deslocara para a Costa. Sabia que ele precisava de cuidados médicos e por fim chegou o dia em que conseguiu localizar o hospital, embora tenha chegado lá depois que Bill teve alta. Mas passou a frequentar o hospital, consultando-se por razões falsas. Rotularam-no como viciado hipocondríaco.

— O que ele queria mesmo era acessar os arquivos de Burns. Bert concordou.

— Mas o pessoal do hospital pensou que fosse apenas mais um viciado louco por uma chance para roubar drogas. Acontece que estava doente mesmo. Um neurologista de plantão que não o conhecia mandou que fizesse alguns exames e descobriu epilepsia, o que chamamos de peútl mal, basicamente caracterizada por ataques convulsivos brandos e perda momentânea de consciência, tudo devido à toxicidade da droga. Receitaram anticonvulsivos com resultados variados, internaram-no para tratamentos de curto prazo, mas eu nunca estive de plantão nessas oportunidades. Um dia ele sofreu um ataque terrível no estacionamento, levaram-no para a sala de emergência, e era eu quem estava de serviço. Uma coisa leva à outra.

— Willie Burns precisava de cuidados médicos porque foi queimado em um incêndio. Bert suspirou.

— Você continua esperto como sempre, Alex.

— Uma casa na rua 156 em Watts. Um bairro onde um negro se esconderia com tranquilidade. E onde um rosto branco se desta'caria. Um detetive branco chamado Lester Poulsen foi designado para proteger Burns e Caroline Cossack e uma noite ele foi baleado e a casa foi incendiada para disfarçar. Um policial de alto nível assassinado, mas o LAPD ficou quieto. Interessante, não acha Bert? Ele permaneceu em silêncio, e eu continuei.

— Dá para apostar que Poulseenn foi emboscado pelas pessoas mandadas para liquidar Caroline e Willie. Gente que já tinha preparado uma cilada antes para assassinar um fiador profissional chamado Boris Nemerov, o homem que havia pago a fiança de Burns. Ele lhe falou a este respeito? Bert fez que sim.

— Surgiu durante a terapia. Bill sentia-se culpado por ter causado a morte de Nemerov. Ele gostaria de abrir o jogo... contar o que tinha visto, mas isto o teria colocado em perigo mortal.

— Qual é a versão dele da emboscada? — Ele telefonou para Nemerov pedindo ajuda porque Nemerov sempre o tratara bem. Eles combinaram um encontro, mas Nemerov foi

seguido, assassinado e metido na mala do próprio carro. Bill estava escondido por perto e viu tudo. Como sabia que o crime seria atribuído a ele, ficou quieto.

— Antes de mais nada, por que a polícia protegeu Burns? — Ele tinha contatos no Departamento de Polícia. Havia trabalhado como informante.

— Mas depois da morte de Poulsehn e Nemerov o departamento o abandonou.

— Ele tinha contatos lá, Alex. Não amigos.

— A casa foi incendiada, mas Burns e Caroline conseguiram se safar. Qual foi a intensidade das queimaduras deles? — Ela nada sofreu, mas ele ficou mal. E o pior foi que não tratou dos ferimentos e só foi procurar cuidados médicos meses depois. Seus pés tinham sido queimados quase até os tendões, infecções múltiplas se instalaram, e à época da baixa hospitalar os ferimentos estavam supurando, gangrenados, a carne se separando do osso.

Os dois pés foram amputados imediatamente, mas a septicemia tinha se espalhado para os ossos longos e foram necessárias amputações adicionais. Era possível sentir o cheiro, Alex. Como em um churrasco, a medula óssea tinha sido cozinhada. Tinhamos cirurgões maravilhosos, e eles conseguiram preservar metade de um fêmur, um terço do outro, criaram abas de pele e as enxertaram. Mas os pulmões de Bill também tinham sido queimados, da mesma forma que a traqueia e o esôfago. Ele formou cicatrizes fibrosadas internamente e a remoção do tecido danificado exigiu muitas outras cirurgias. Estamos falando de anos, Alex. Ele tolerou a agonia em silêncio. Eu costumava me sentar do lado da banheira de turbilhonamento enquanto a pele ia saindo. Nem um gemido. Como tolerou a dor jamais saberei.

— Foi o incêndio que o cegou? — Não, foi a diabetes. A doença não foi diagnosticada no início, e as coisas se agravaram com a gula por coisas doces costumeira entre os viciados.

— E a lesão nervosa? Heroína? — Uma dose de heroína de má qualidade. Ele a tomou no dia do incêndio. Fugiu de Poulsehn e desceu o quarteirão para se encontrar com seu fornecedor. Foi como o rastreamento... mais uma coisa da qual se sente culpado.

— Como foi que ele fugiu com os pés queimados? — Eles roubaram um carro. A garota dirigiu. Conseguiram sair da cidade, chegaram à Highway 1, se esconderam em um canyon remoto nas colinas que dominam Malibu. À noite, ela se esgueirava pelos bairros residenciais das proximidades e vasculhava as latas de lixo. Tentou cuidar dele, mas os pés queimados foram piorando e a dor que causava fez com que ele tomasse o resto da dose de heroína. Bill perdeu a consciência e ficou fora do ar por dois dias. Não sei como, ela tratou dele. No final, tentava alimentá-lo com grama e folhas. Dava-lhe água de um riacho próximo... o que acrescentou um parasito intestinal aos seus sofrimentos. Quando o vi na enfermaria dos queimados, ele pesava 44 quilos. Acima de tudo isso, passava por uma terrível crise de abstinência da droga. Sua sobrevivência foi praticamente um milagre.

— E aí você passou a ser o médico dele — falei. — E o de Schwinn. Um dia os dois se conectaram. Foi por querer? — Ouvi a história de Bill e depois a de Pierce, e um dia montei o quebra-cabeça com as duas. Claro que nunca falei a qualquer um deles sobre o outro. Pierce ainda se via como um detetive. Querendo 445 encontrar Bill. Até que por fim... após muito trabalho... consegui a permissão de Bill e coloquei-os cara a cara. Não foi fácil, mas... após algum tempo vieram a compreender que suas vidas eram entrelaçadas.

O "casamenteiro". Exatamente como fizera com Schwinn e Marge. O grande médico. O homem generoso.

— Você esperou até que ficasse evidente que Burns nada tinha a temer de Schwinn — falei.
— Ou seja, você soube dos detalhes do assassinato de Janie Ingalls. Mas todos vocês concordaram em não ir em frente. Foi por isso que você me pediu tantas desculpas.

— Alex — disse ele. — Algumas decisões são... Estamos falando de vidas fragmentadas. Eu não podia ver qualquer outra maneira...

— Ai Schwinn mudou o rumo das coisas — falei. — Mudou de ideia a respeito de guardar seu segredo. Alguma ideia sobre o motivo pelo qual ele foi ficando cada vez mais agitado a respeito do crime durante as semanas que antecederam sua morte? Por que enviou o Livro do Assassino?

— Fiz essa mesma pergunta a mim mesmo muitas e muitas vezes, e a melhor resposta que consegui foi de que o pobre homem sentiu que ia morrer e quis fazer as pazes antes.

— Ele estava doente?

— Nada que eu pudesse diagnosticar, mas me procurou dizendo sentir-se fraco. Trêmulo, fora de foco. Um mês antes da morte começou a sentir dores de cabeça lancinantes.

A possibilidade óbvia era um tumor no cérebro e por isso mandei-o fazer uma ressonância magnética na Samsun Clinic. O resultado foi negativo, mas o neurologista que o atendeu encontrou alguns padrões anormais no eletroencefalograma. Mas você sabe como são os ... tão imperfeitos, tão difíceis de interpretar. E os outros pesadelos foram normais. Cheguei a pensar em alguma sequela tardia das anfetaminas. Pierce estava livre de drogas havia muitos anos, mas talvez o abuso antigo estivesse cobrando seu preço agora— Ai então, uma semana antes de as noites de terror começarem, ele apagou. — Marge soube? — Pierce insistia em conservar tudo escondido dela. Mantinha inclusive, o remédio contra dor de cabeça trancado numa gaveta da sua câmara escura. Tentei convencê-lo a se comunicar com ela mais abertamente, mas ele foi inabalável. O relacionamento dos dois sempre foi assim, Alex. Um falava comigo, eu traduzia para o outro. Neste sentido, ela foi a mulher perfeita para ele... teimosa, independente, encarniçadamente reservada. E ele podia ser um homem inabalável. O que talvez seja responsável por ele ter sido um bom detetive.

— Os terrores noturnos eram de origem neurológica ou eram os negócios inacabados que voltavam para assombrá-lo?

— As duas coisas, talvez — respondeu Bert. — Nada de incomum foi encontrado em sua autópsia, o que não quer dizer nada. Já vi, em exame post-mortem, um tecido cerebral mais furado que queijo suíço pertencente a uma pessoa que tinha sido perfeitamente normal. O inverso também acontece: pessoas em péssimo estado neurológico podem ter um córtex cerebral absolutamente saudável. Em essência, nós, humanos, desafiamos a lógica. Não foi por isso que nós dois nos tornamos médicos da alma?

— É isso que nós somos?

— É, Alex, é o que somos. Sinto muito por ter escondido coisas de você. À época, eu acreditava que fosse a coisa certa a fazer. Mas aquela garota... Seu assassino ainda está à solta. — Os olhos dele encheram-se de lágrimas. — A pessoa se dispõe a curar e termina sendo cúmplice.

Pus a mão em cima do seu ombro estreito e macio. Ele sorriu.

— Toque terapêutico?

— Amizade — falei.

— A aquisição da amizade — disse ele. — Os cínicos cunharam o termo para aviltar o que

fazemos. Às vezes eu penso sobre a direção que minha vida tomou...

— Caminhamos na direção da pista de cascalho.

— Que tipo de relacionamento Schwinn e Burns desenvolveram? — perguntei.

— Assim que eu soube que podia confiar em Pierce, trouxe-o aqui. Eles começaram a conversar. Relacionando-se. Pierce acabou ajudando Bill. Vinha de tempos em tempos, limpava a casa, passeava um pouco com Bill.

— E agora que Pierce morreu, Burns é a última testemunha viva do assassinato de Janie Ingalls.

Bert fixou os olhos na terra e continuou andando.

— Você o chama de Bill — falei. — Qual é o sobrenome dele agora?

— É importante?

— Vou acabar sabendo, Bert.

— É mesmo? — Ele cruzou as mãos nas costas e me conduziu para o espaço aberto na frente da casa. — Sim, suponho que você tenha razão. Alex, sei que você precisa falar com ele, mas, como lhe disse, resta-lhe muito pouco tempo de vida, e como acontece com a maioria dos ex-viciados, a avaliação que ele faz de si próprio é brutal.

— Vou me preocupar com isso.

— Sei que vai.

— Quando conversamos antes — falei —, você fez questão de frisar que viciados em heroína normalmente não são violentos. Você estava tentando me desviar da trilha de Burns. Fez o mesmo com Caroline Cossack, ressaltando que não é provável que mulheres se envolvam naquele tipo de homicídio sexual. Tudo isso é verdade. Mas como eles terminaram testemunhando o assassinato? — Bill deparou-se por acaso com a cena depois que a pobre garota estava morta. Viu o que tinham feito com ela.

— Caroline estava com ele? Bert Harrison hesitou.

— Sim. Eles estavam juntos na festa. — Ela foi autorizada a estar na festa porque ele a supervisionava.

— Supervisionava?

— Ficava de olho em Caroline. Os Cossack lhe pagavam para tomar conta da irmã.

— Vendedor de drogas bancando a ama-seca da irmãzinha estranha?

Bert assentiu.

— Quer dizer então que ela colou em Burns, seguiu os irmãos e os amigos até a mansão vizinha e foi ao local onde ocorreu o crime. Os assassinos os viram e não havia como não ficarem com medo de descobrirem o que havia acontecido. Caroline, porque sua história psiquiátrica a tornava não confiável; Burns, por ser um drogado. Mas em vez de eliminarem Caroline, eles a hospitalizaram. Provavelmente porque mesmo que os Cossack tivessem participado do assassinato, não foram capazes de matar a irmã. Eles teriam matado Burns, mas ele desapareceu no gueto, e, sendo garotos brancos e ricos, eles não sabiam como encontrá-lo. Burns ficou apavorado, tentou se dar bem, mas arriscou-se demais, foi preso. Consegui pagar a fiança graças às suas conexões com o LAPD e à boa vontade de Boris Nemerov e desapareceu de novo. Só que, uns poucos meses mais tarde, reapareceu... arranhou um emprego na Achievement House para que pudesse ver Caroline. Os rapazes descobriram e decidiram que o grande passo tinha que ser dado. No entanto, antes que pudessem providenciar tudo, Burns sumiu

de novo. Ele e Caroline conseguiram manter contato. Ao cabo de algum tempo, conseguiu tirá-la de lá, da Achievement House, e os dois se esconderam em Watts. Como estou me saindo até este ponto?

— Nota dez com louvor, Alex. Como sempre.

— Mas tem uma coisa que não faz sentido, Bert. Por que Burns iria correr um risco terrível indo trabalhar na Achievement House? Por que cargas d'água iria arriscar tanto a própria vida?

Bert sorriu.

— Irrracional, não é mesmo? E por isso que digo que os seres humanos não podem ser classificados.

— Por que ele faria uma coisa dessas, Bert?

— Muito simples, Alex. Ele a amava. Ainda a ama.

— Presente do indicativo? Eles ainda estão juntos? Onde ela se encontra?

— Eles estão muito juntos. E você a conheceu.

Ele me levou de volta para a casa. A sala da frente estava vazia e a porta de empurrar permanecia fechada. Bert a manteve aberta, e eu entrei em um quarto amarelo cor de milho não muito maior que um closet.

De um lado, um banheiro minúsculo. Na área de dormir, duas camas de solteiro colocadas lado a lado, ambas cobertas por colchas brancas e finas. Um urso de pelúcia em cima de uma cômoda baixa verde-hospital. A cadeira de rodas estava posicionada ao lado da cama mais próxima e nela o homem que se dizia chamar Bill permanecia sentado, a garrafa de Snapple quase vazia em uma das mãos, a outra mão entre os dedos gordos e brancos de uma mulher corpulenta vestindo uma camiseta extragrande azul-real e calças de moletom cinzentas.

Os olhos dela estavam voltados para baixo, na colcha, e meu aparecimento não fez com que se mexessem. O rosto dela era pálido e severamente marcado pela acne, o nariz chato por pouco não tocava no lábio superior. O cabelo castanho descolorado e entremeado de fios brancos era amarrado atrás, num rabo de cavalo curtíssimo.

Aimée, a cozinheira do Celestial Café. Tinha preparado meus crepes, dobrado minha porção sem cobrar e permanecido praticamente muda o tempo todo.

No momento exato em que eu terminava minha refeição, Bert tinha entrado. Bela coincidência; agora eu sabia que fora tudo, menos uma coincidência.

Marian Purveyance era a antiga dona do café. Ai Aimée Baker assumira.

O grande médico. O homem que era generoso.

— Eu não sabia que você era um restaurateur, Dr. Harrison.

Bert corou tanto que quase ficou da cor do macacão. — Teve uma época em que cismeiei de bancar o investidor e comprei umas propriedades locais.

— Inclusive o terreno em que esta casa foi construída. Chegou a transplantar uns arbustos de sua casa para cá.

Ele chutou um pé com o outro. — Isso foi anos atrás. Você não acredita em como isto valorizou.

— Se algum dia você vender.

— Bem... tem que ser na época certa.

— Sem dúvida — falei, e me descobri abraçando o velho. Aimée virou-se e disse: — Você é legal.

Bill perguntou: — De quem você está falando, baby?

— De ambos — respondeu ela. — Todas as pessoas são legais. O mundo é legal.

Capítulo 39

O detetive III Craig Bosc choramingou. O vômito manchava seus lábios bem desenhados.

— Volto logo — disse Milo. — Nem pense em sair, meu rapaz.

Bosc observou em pânico Milo recolher os vídeos e a droga e sair. Milo levou tudo para o Polaris alugado, trancou dentro da mala e deslocou o carro para a frente da casa. Quando regressou, Bosc não tinha se mexido.

Milo soltou as pernas dele e puxou-o para que ficasse de pé. Comprimiu o cano da pistola na sua nuca, preocupando-se em não se sentir demasiadamente confiante. Bosc era um idiota e tinha perdido grande parte de sua autoconfiança, mas era também um atleta, jovem, forte e desesperado. Ao segurar-lhe o braço, sentira uma musculatura de ferro.

— E agora? — quis saber Bosc.

— Agora vamos dar uma volta.

Bosc soltou o corpo e Milo teve que lutar para não largá-lo. Talvez estivesse tentando uma manobra... não, ele estava realmente assustado. Soltara um pum e o fedor encheu o aposento. Milo deixou que se sentasse no sofá. Ele tentou disfarçar, mas era visível seu embaraço. Até onde caíra?

— Sem essa — suplicou Bosc. — Eu lhe disse tudo. Deixa pra lá.

— Quem você pensa que sou, Craig?

— Sei que você é inteligente. Espera-se que você seja inteligente.

— Exatamente.

— Você não pode estar falando sério, isto é loucura. — O terror que Bosc sentia inflamou seu olhar. Imaginando o pior, pois era carente em altíssimo grau no departamento da consciência, e como agora a situação tinha virado dramaticamente...

A verdade era que Milo não chegara a uma clara decisão do que fazer com o idiota. Mas não havia razão para aliviar os medos de Bosc.

Numa voz de causar medo e pesarosa, ele disse: — Não há realmente uma escolha, Craig.

— Jesus! Nós dois somos do mesmo time... olha só: nós dois somos... intrusos.

— É mesmo? — Você sabe o que quero dizer, cara. Você é intruso por ser... bem, você sabe. E eu não o julgo por isso, viva e deixe viver. Mesmo quando outros caras punham você para baixo, eu estava do seu lado. Dizia, olha só para a estatística dele, que se foda o que faz quando não está de serviço, eu vivia repetindo que é o trabalho que interessa. E você trabalha, cara, eu respeito isso. Estão falando em promovê-lo, você tem um futuro, cara, não vá foder tudo, não tem como você escapar com isto.

Por que você haveria de se envolver com uma merda destas? — Você me envolveu — contrapôs Milo.

— Deixa disso, o que foi realmente que eu fiz? Obedeci meia dúzia de ordens e joguei o joguinho que me mandaram jogar? Tudo bem, foi errado, foi nojento, confesso, desculpe, mas não foi nada demais... até mesmo toda aquela história do boato do HIV. Que não foi ideia minha. Fui contra. Mas tudo se destinava apenas a — você sabe.

— A me manter no foco.

— Exato.

— Pois bem, estou legal e no foco agora, Craig. Levante-se.

Milo reforçou a ordem com um aceno feito com a 9mm. Sem saber bem o que faria se Bosc obedecesse, porque levar o cara em plena luz do sol até o carro, por menor que fosse a distância, seria arriscado. Mesmo em L.A., onde os quarteirões normalmente eram tão carentes de pessoas quanto as fotos de Schwinn.

— Por favor — disse Bosc. — Não faça isso, nós dois somos...

— Intrusos, eu sei, eu sei. Como você é um intruso, Craig?

— Gosto de arte. Gosto de coisas muito diferentes das preferidas por aqueles débeis mentais do departamento.

— Cinema?

— Teatro... drama. Trabalhei em um vídeo de rock há alguns anos. As babás zumbis. Fiz um patrulheiro rodoviário. Antes fiz um comercial não sindicalizado para o departamento de trânsito. E arte... pinturas. Eu gosto de arte, cara. O policial típico é um retardado que anda de Harley, puxa ferro e bebe cerveja. Enquanto isso, eu visito museus. Curto música clássica... fui à Áustria uns dois verões atrás para o festival de Salzburg. Mozart, Beethoven, toda essa música boa. Entende o que estou tentando dizer? É porque compreendo a comunidade artística que entendo de onde você vem.

— Quer dizer então que sou um artista.

— Em um certo sentido, é. Sem as pessoas da sua comunidade, a arte já teria acabado. Este seria um mundo de merda, cara... vamos lá, não faça isso. É uma estupidez, nós dois temos valor, nós dois temos muitas coisas pelas quais vale a pena viver.

— Temos?

— Claro — respondeu Bosc, a voz mais suave ante a maior calma evidenciada na resposta de Milo. — Pense só no seguinte: há muita coisa boa esperando por nós dois.

— Por que — perguntou Milo — você está seguindo a linha de negociação por reféns?

Bosc sorriu, sem graça.

— Você está me desrespeitando, mas estou sendo honesto com você. Tudo bem, posso entender isso. Desrespeitei você, brinquei com a sua cabeça, você tem direito. Mas preste bem atenção: neste instante, estou sendo mais sincero com você do que qualquer pessoa que você conheça.

Milo aproximou-se do sofá e agarrou a camiseta de Bosc. — Levante-se ou dou um tiro no seu joelho.

O sorriso de Bosc sumiu como uma pedra atirada em um buraco feito no gelo.

— Você me leva lá para fora que eu grito.

— E morre gritando.

Ele puxou, fazendo com que Bosc tropeçasse, mas obrigou-o a ficar de pé e a caminhar na direção da porta.

— Eu lhe dou crédito, cara — disse Bosc — por ter mudado de carro como você mudou.

Pensei que conhecia todos os truques, mas você foi muito rápido para mim. Eu dou crédito por isso a você, todo o crédito. Só que tem uma coisa que você não sabe.

— Tem muita coisa que não sei, Craig — disse Milo.

Imaginava que o cara estivesse querendo ganhar tempo; outro truque das negociações. Se soubesse, veria que estava gastando energia desnecessariamente. Porque acabaria sendo

libertado. Que outra escolha tinha? A questão era onde e quando. E Bosc recompensaria o presente com ódio e uma sede irresistível de vingança. Tendo em vista a posição dele no departamento, era bem provável que lhe causasse sérios prejuízos, e Milo sabia que estava ferrado. Exatamente como Bosc dissera, ele estava ferrado. Mas que outra escolha havia tido? Continuar fracassando por aí enquanto os outros manobravam os cordéis, Sr. Marionete de Carne? Empurrou Bosc na direção da porta.

— Não — disse Bosc —, estou me referindo a uma coisa que você deve saber agora. Especificamente. Para o seu próprio bem.

— De que se trata?

— Você tem que me soltar primeiro.

— Certo.

— Estou falando sério, cara. A esta altura, não tenho nada a perder, de modo que você pode fazer o que lhe der na porra da telha que não vou contar. Por que iria desperdiçar minha última ficha? Deixa disso, facilite para nós dois que eu lhe conto e tiro o rabo do seu amigo da reta e nós dois esquecemos numa boa que isto aconteceu.

— Meu amigo — disse Milo. Pensando: Rick? Nossa, fora Rick que Bosc seguira inicialmente, o carro de Rick que Bosc roubara. Todos aqueles anos ele conseguira manter Rick fora do seu mundo, e agora... Empurrou com força a arma na nuca de Bosc. Ele gemeu, mas manteve a voz fria.

— Seu amigo analista, Alex Delaware. Você trocou de carro, mas ele não. Ele ainda está rodando por aí naquele Cadillac Seville verde. Pus um rastreador via satélite nele alguns dias atrás, sei exatamente onde ele vai. O rastreador alimenta um computador e eu obtenho os dados, sei exatamente onde eles são captados. E deixe eu lhe dizer uma coisa, o homem anda sem parar. Ele lhe falou que ia improvisar?

— Aonde ele foi?

Longo silêncio.

Milo aumentou a pressão da arma e usou a outra mão para firmar a nuca de Bosc.

— De jeito nenhum — disse Bosc, ofegante. — Você pode estourar minha espinha, fazer qualquer maldade que queira, mas não vou desistir do meu trunfo. E tem mais uma coisa. O principal é que não sou o único que tem conhecimento do paradeiro do cara. A esta altura, outras pessoas já estão sabendo... ou logo virão a saber. Os bandidos. Porque o plano era contar a eles, deixar-lhes um telefonema anônimo. A ideia é ferrar seu amiguinho, cara. Não para feri-lo, somente para usá-lo, reunir todos.

Convergência, sabe como é? Devia ser perfeitamente cronometrado, você devia estar junto dele. Era o que eu estava tentando fazer hoje, colocar um rastreador no seu carro. Aí você receberia uma ligação também. Para motivá-lo. Mas você não estava em casa. De modo que decidi tentar mais tarde.

— Papo-furado — disse Milo. — Você estava pronto para dormir; trabalho era a última coisa na sua cabeça.

— Papo-furado coisa nenhuma, sou uma coruja, um Batman ou Drácula, vivo depois que o sol se põe. O plano era perfeito, só que você fodeu tudo sendo esperto e trocando de carro, e agora é o Delaware quem está na chuva, cara. Se quer ajudá-lo, só há uma coisa que pode fazer, e é melhor que faça rápido. Milo girou Bosc, agarrou a garganta dele a distância de um braço e

apontou a arma para sua virilha. — Vá em frente — disse Bosc. — Faça o que tem de fazer. Vou conservar minha dignidade.

Fitando Milo desafiadoramente. Sincero.

Como se a palavra pudesse ser aplicada ao filho da mãe.

Capítulo 40

Bert concordou.

— Sim, Aimée, o mundo é legal. Agora, que tal você e eu irmos até o café, ver se podemos assar alguma coisa. Aimée sorriu, beijou Bill na testa e saiu do quarto silenciosamente e sem olhar para mim. Bert disse: — Voltamos daqui a pouco. Vou lhe trazer um brioche sem açúcar, Bill. Alex, o que posso trazer para você? — Estou bem.

— Vou lhe trazer algo. Você pode sentir fome mais tarde. Sentei-me na cama, defronte da cadeira de rodas.

— Prazer em conhecê-lo, senhor...

— Nós agora somos os Baker — disse Bill. — É um nome tão bom quanto qualquer outro e fez Aimée sorrir. Porque uma coisa que ela sempre soube fazer foi cozinhar e assar.

— Bill Baker.

Ele sorriu e girou a cabeça.

— Até parece um branco rico, hem? Bill Baker, advogado. Bill, empresário.

— Parece, sim — concordei.

— É verdade. — Ele ficou sério. — Antes de começarmos, preciso que saiba de uma coisa.

A minha Aimée é como uma criança. Sempre foi diferente, sempre foi desprezada. Eu também a desprezava como todo mundo. No tempo em que eu usava drogas e seus irmãos eram meus fregueses. Eu gostava de vender para eles porque era uma boa mudança para um viciado de South Central. Eu os encontrava nas colinas acima de Bel Air, e aquilo era lindo, nada parecido com meus costumeiros pontos de venda. Eu chamava de rota panorâmica. Ganhava uma grana rápida e tinha uma ideia do modo como o outro lado vive.

As mesmas colinas onde Bowie Ingalls morrera jogando o carro contra uma árvore. Os garotos concordando em encontrá-lo em local familiar.

— Você tinha muitos clientes no Westside?

— Bastante. De qualquer modo, foi assim que conheci Aimée. De vez em quando os rapazes a traziam com eles. Quando os pais estavam na Europa ou em algum outro lugar, o que acontecia grande parte do tempo, eles a deixavam no carro e faziam comentários cruéis. Envergonhados de serem vistos com ela. De serem irmãos dela. Eu acompanhava os dois. Naquele tempo, eu não tinha um átomo de compaixão em minha alma. Era vazio, manipulador, frio, só pensava em mim, mim, mim, mas não pensava muito a meu respeito; caso contrário, não teria feito as coisas que fiz.

Ele levantou os braços com esforço, comprimiu o rosto e as palmas das mãos.

— Eu era uma pessoa muito ruim, senhor. Não posso dizer que eu seja uma boa pessoa agora e não dou nenhum crédito a mim mesmo por ter mudado, porque foi a vida que me mudou — um sorriso vagaroso dividiu seu rosto. — Quantos pecados pode cometer um cego sem pés? Eu gostaria de pensar que não seria mal mesmo que tivesse olhos para ver e pés para andar. Mas é impossível ter certeza. Na verdade, não me sinto seguro de mim mesmo aqui — ele abaixou uma das mãos com extrema dificuldade e indicou seu coração.

Pausa, e uma risada.

— Olho por olho, perna por perna — continuou. — Arruinei muitas vidas e agora estou pagando pelo que fiz. Quase arruinei a vida de Aimée, também. Dei droga a ela... uma dose

grande de LSD. Ideia de seus irmãos, mas eu não tinha que me deixar convencer. Nós a 459 obrigamos a engolir, grande piada, hahaha. Ela gritou, criou confusão e chorou, e eu fiquei olhando, rindo com eles. Com uma das mãos ele tapou os olhos que não viam.

— Pobrezinha, ficou alucinada por quatro dias seguidos. Acho que talvez tenha alterado seu sistema nervoso. Deixou-a mais lerda do que era, tornou sua vida ainda mais difícil, e, pode acreditar, a vida nunca foi fácil para aquela garota. Quando a vi de novo, estava no seu quarto dia de viagem ruim. Garvey e Bobo queriam mescalina e eu era seu fornecedor, o baleiro, como a gente dizia. Fui encontrar com eles nas colinas, como sempre, e ela foi também, sentada no banco de trás do carro, só que não estava quietinha como o normal. Balançava o corpo para frente e para trás, chorando sem parar. Garvey e Bobo riram e disseram que ela estava viajando mal desde que a tínhamos apagado, tentara mergulhar a mão em água fervente, quase saltara de uma janela do segundo andar e aí finalmente eles a amarraram na cama e desde então não tinha tomado um banho ou comido. Os dois riam muito contando essas coisas, mas na verdade estavam preocupados porque os pais estavam voltando e mesmo que não gostassem da filha, não aprovariam o que eles tinham feito. Assim, eu a acalmei com sedativos.

— Os pais não gostavam dela? — perguntei.

— Nem um pouco. Ela era diferente, parecia diferente, agia diferente, e a família, como bons novos-ricos, fazia questão de manter as aparências o tempo todo. Country Club e tudo mais. Os meninos eram essencialmente perversos, mas se vestiam bem, penteavam o cabelo e usavam a loção após barba correta, e isso deixava todos felizes.

Aimée não sabia fazer nenhuma dessas coisas e tampouco era capaz de aprender a simular. Ela valia menos que um cachorro naquela família, senhor, e Garvey e Bobo se aproveitavam disso. Faziam os troços e punham a culpa nela.

— Que tipo de coisas eles faziam? — Tudo que pudesse encrencá-los... roubar dinheiro, revender drogas no mercado secundário para outros garotos ricos, incendiar os troços para se divertir. Uma vez eles mataram um cachorro. Bobo matou. Era o cachorro da vizinha. Bobo disse que o bicho latia demais, o aborrecia e jogou um pedaço de carne envenenada para ele. Depois que o cachorro morreu, ele e Garvey fizeram Caroline passar diante do portão da vizinha uma porção de vezes, em horas que certamente seria vista, para que a senhora pensasse que tinha sido ela. Coisas assim. Eles me contavam, orgulhosos, achavam engraçado. Falavam a respeito da irmã como se fosse suja. Não sei o motivo pelo qual comecei a ter pena dela, porque, na verdade, eu não era melhor que eles, mas de um jeito ou de outro, foi o que aconteceu. Alguma coisa nela... eu sentia pena, não sei explicar.

— Obviamente você não era como eles.

— Bondade sua, mas eu sei que era igual a eles. — Ele removeu os óculos espelhados, revelando discos negros encovados divididos por fendas em forma de vírgula, coçou a ponte do nariz e recolocou-os.

— Você teve pena e começou a cuidar dela — sugeri.

— Não, fiz isso por dinheiro. Disse aos garotos que eu ficaria com ela quando os pais estivessem fora se eles me pagassem. Os dois riram e disseram que eu estava querendo me aproveitar e que desse jeito ia ter que pagar para sair com ela. Na verdade, achavam que eu estava a fim de me aproveitar sexualmente da irmã e que talvez fosse explorá-la. O que lhes agradava. Comecei a passar na casa deles dirigindo o meu velho Mercury Cougar e levá-la aqui

e ali.

— Ela ia assim, sem mais aquela?

— Ela ficava feliz por sair. E era uma pessoa calma. Acomodada.

— Não estudava?

— Parou no último ano do ensino fundamental. Com severos problemas de aprendizagem, deveria ter sido acompanhada de perto por um tutor, mas nunca foi. Ainda não consegue ler direito nem fazer contas. Tudo o que sabe é cozinhar e assar, mas cara, isso ela faz bem demais, é um talento que Deus lhe deu.

— Aonde você a levava?

— Toda parte. Zoológico, praia, parques, ela me fazia companhia enquanto eu negociava.

Às vezes a gente só passeava e ouvia música. Eu ficava alto, mas nunca mais lhe dei nada... não depois que vi o que o LSD lhe fez. A maior parte do tempo era eu que falava, tentando ensinar-lhe as coisas. Sinais de trânsito, condições do tempo, animais, Vida. Ela não sabia nada, nunca conheci alguém que tivesse menos conhecimento do mundo. Eu não era nenhum intelectual, era apenas um traficante idiota e viciado, mas tinha muito que ensinar a ela, o que dá uma ideia de como era patética sua situação. Ele esticou o pescoço.

— Eu posso lhe dar o trabalho de pegar outra Diet Snapple, senhor? Estou sempre com sede. É o diabetes. Eu lhe trouxe outra garrafa aberta, ele a esvaziou em segundos e me devolveu.

— Muito obrigado. O que o senhor deve saber é que nunca tive nada de sexual com ela.

Nem uma só vez. Nunca. Não que eu mereça algum crédito por isso. Eu era um viciado e o senhor, sendo médico, sabe o que a droga faz ao impulso sexual. Depois veio o diabetes, e o encanamento arriou de vez, de modo que estou sem sexo há muito tempo.

Ainda assim, gosto de pensar que não fez diferença. Respeitando-a, sabe como é? Sem me aproveitar dela.

— Parece que você a respeitou desde o princípio.

— Gosto de pensar que sim. O senhor parece o doutor H tentando dizer alguma coisa boa a meu respeito... seja como for, essa é a história com a minha Aimée. Gosto desse nome, fui eu que escolhi para ela. Foi a família dela quem lhe deu o nome antigo e a tratou como lixo. Por isso achei que merecia um novo começo. Aimée significa amada em francês, e eu sempre sonhei em ir à França. Ela tem sido para mim isso mesmo, meu único e verdadeiro amor. Assim como o doutor H tem sido meu único amigo.

Ele conseguiu colocar as mãos nas rodas da cadeira, rolou para trás um centímetro e sorriu. Como se aquele movimento tão pequeno fosse extremamente prazeroso.

— Vou morrer em breve e é bom saber que o doutor Harrison estará aqui para tomar conta da minha Aimée.

— Ele cuidará dela, claro.

O sorriso dissipou-se.

— É verdade que ele é velho...

— Vocês planejaram alguma coisa?

— Ainda não — disse Bill. — É melhor cuidarmos disso logo... mas, aluguei seus ouvidos tempo demais e o senhor não quer saber de meus problemas pessoais. Veio aqui para descobrir o que aconteceu à garota Ingalls. — Sim — confirmei.

— Pobre Janie — disse ele. — Ainda posso ver o rosto dela com a nitidez de um dia claro,

bem aqui — ele bateu com o dedo nos óculos de lentes espelhadas. — Não a conhecia, mas já a tinha visto circulando nas proximidades, pedindo carona no Sunset Boulevard. Ela e uma amiga que estava sempre com ela, uma loura bonita. Imaginei que as duas fossem piranhas atrás de fregueses porque naquele tempo as únicas garotas que pegavam carona eram piranhas ou garotas que tinham fugido de casa e queriam ser piranhas. Acaba que eram só duas garotas sem juízo. A noite que as encontrei, eu estava indo para a festa, pronto para fazer muitos negócios, e lá estavam as duas numa esquina, meio perdidas. O local da festa ficava a cinco minutos a pé, mas elas não tinham ideia. O fato é que dei a carona que pediam. E ainda penso nisso. E se não tivesse dado?

— Você as levou para a festa, e depois?

Ele sorriu.

— A ideia não é perder tempo, certo? Pois é, eu as levei para lá, tentei fazer com que ficassem altas. Jane fumou um pouco de maconha, engoliu umas pílulas e bebeu, enquanto a loura só bebeu. Ficamos todos juntos por algum tempo, aquilo era uma coisa de louco, garotos ricos e penetras, todo mundo alto e excitado, fazendo de tudo naquele velho casarão vazio. Aí então Aimée apareceu. Agarrou-se a mim como sempre fazia. Na verdade, estava ali porque eu prometera tomar conta dela. Os pais tinham viajado para a Índia ou sei lá onde. Tinham acabado de comprar uma casa maior e os garotos decidiram homenagear a si próprios com uma festinha animada. De qualquer modo, Janie e a amiga... acho que o nome era Melissa, algo assim... estavam entrando em cena.

— Melinda Waters — falei.

Ele levantou a cabeça, como um cachorro em alerta. — Você sabe tudo.

— Não sei como foi que aconteceu.

— Como aconteceu é que Janie foi notada. Por um dos amigos dos irmãos, um garoto mau. Sabe o nome dele também?

— Vance Coury.

— Esse mesmo. Um sujeito inacreditável. Sem ser mais velho que os outros, era dono de uma maldade curtiada. Ele reparou em Janie e foi este o motivo pelo qual ela morreu. Porque já transara com ela antes, quis transar de novo.

— Transara antes como?

— Ele lhe deu carona um dia, levou-a para um hotel que seu velho tinha no centro da cidade, amarrou-a e fez o que bem entendeu. Contava isso cheio de orgulho.

— Para você?

— Para todos nós. Os irmãos estavam com ele, alguns outros companheiros também. Eles tinham ido me procurar para comprar drogas, quando Coury reconheceu Janie. Ela estava dançando sozinha, o tope arriado pela metade, perdida na terra dos sonhos. Coury a localizou, abriu aquele sorriso grande de lobo e disse: "Olha só ela, a puta." E os outros garotos olharam e balançaram a cabeça, porque sabiam quem ela era, já tinham ouvido a história antes, mas Coury contou de novo, assim mesmo. Contou como fora fácil, como se ele tivesse abatido uma caça de grande porte. Contou depois que não havia sido só ele quem comera a puta, que seu velho também havia participado. Os outros caras resolveram se abrir também e me contaram que seus pais também tinham transado com ela. Parece que o pai de Janie era um crápula absolutamente desprezível que vendia a filha desde que ela tinha 12 anos.

Lutando contra a náusea, perguntei: — Os pais dos outros caras? Lembra quais eram?

— Os irmãos, sem dúvida, o velho de Garvey e Bobo, e o outro canalha, um imbecil asqueroso chamado Brad qualquer coisa. Levantou a voz para dizer que seu pai também tinha faturado a garota. Rindo. Orgulhoso.

— Brad Larner.

— Nunca soube o sobrenome dele. Magrelo, muito branco. Boca suja.

— Outros companheiros no grupo, naquela noite?

— Um outro, um grandalhão, tipo surfista... Luke. Luke the Nuke, era como eu o chamava, porque parecia sempre bombado, de cara cheia... engolia qualquer coisa que eu lhe vendesse.

— Luke Chapman — falei. — O pai de Luke também fez sexo com Janie?

Ele fez uma pausa.

— Não me lembro... Não, acho que não, porque quando os outros estavam zoando, ele me deu a impressão de estar meio sem graça.

Estupro multigeracional. O fato de Michael Larner ter molestado Allison Gwynn tinha sido mais que uma fantasia passageira. Garvey Cossack pai nutrirá gostos similares, e eu estava disposto a crer que o velho Coury jogava nessa mesma liga também.

— Tal pai, tal...

Bowie Ingalls iniciara a única filha abusando dela e depois vendendo seu corpo. Lembrei da descrição que Milo fizera do quarto quase vazio de Janie. Uma coisa que ela não poderia considerar como seu lar. Ele era um homem mau e calculista, mas burrão. Aparecendo no encontro com seus alvos de chantagem bêbado e demasiadamente confiante.

— O que aconteceu quando eles terminaram de se gabar?

— Coury fez uma piada a respeito de honrarás teu pai, foi atrás de Janie, simplesmente a agarrou e jogou-a por cima do ombro. Os outros seguiram.

— Ela resistiu?

— Não muito. Como falei, ela já estava mais pra lá que pra cá. Peguei Aimée e saí dali. Não porque eu fosse um homem bom. Mas toda aquela conversa sobre estuprar uma garota, aproveitando alguns segundos dos pais, fez com que eu me sentisse... sem graça. Ademais, Aimée tinha que ir ao banheiro e já havia algum tempo me puxava pelo braço, reclamando que estava apertada. Só que encontrar uma toalette não era tão fácil assim naquela casa, onde ela era usada para se drogar, fazer sexo, vomitar ou fazer aquilo a que se destinam as toaletes. Por isso eu a tirei de dentro de casa e a levei para o quintal, lá no fundo, no meio das árvores. Disse que urinasse ali mesmo que eu tomava conta.

Ele encolheu os ombros O movimento causou-lhe dor e ele estremeceu. — Sei que parece grosseiro, mas já tínhamos feito isso antes, Aimée e eu. A gente saía de carro para longe da cidade... costumávamos subir até as montanhas, ir a San Gabriel ou até West Valley perto de Thousand Oaks, quando não era na Mulholland Highway ou na Rambla Pacífica, acima de Malibu. Qualquer lugar onde pudéssemos encontrar espaços vazios e desfrutar o silêncio. E não importa quantas vezes eu recomendasse para que ela fosse ao banheiro antes de sairmos, sempre queria fazer onde não havia instalações. Acredita numa coisa dessas? Sorriso grande.

— Como uma menina. O fato é que eu estava acostumado a levá-la a um bosque próximo e ficar tomando conta, e foi isso que fiz no quintal naquela noite. Quando voltávamos para casa, ouvimos vozes por cima do muro... a voz do irmão dela, Garvey, gritando e rindo. Depois os

outros. Eles também estavam do lado de fora, indo para a casa ao lado. Eu sabia porque eles já tinham me levado lá, era uma mansão enorme, devia ser de algum europeu rico que nunca ia lá, já que a maior parte do tempo a casa estava vazia. Eles costumavam promover suas festas ali porque ninguém iria aborrecê-los. Tinham um truque para entrar pelo portão lateral, um parafuso fácil de soltar, e uma vez lá estavam tão longe da casa que ninguém os localizaria.

— Casa de festas.

— Estive lá nas festas deles. Como expliquei, eu era o "baleiro". Bem, de qualquer modo Aimée quis ir junto com eles, como sempre acontecia... ela achava muito legal tudo o que os irmãos faziam. Independente de como a tratassem, ela queria estar com eles. Tentei convencê-la a voltar comigo para a casa da festa, sentar e tentar curtir uma música qualquer; porque enquanto Aimée estava se aliviando, eu tomara uma dose e estava me sentindo meio alto. Mas quando abri os olhos ela havia sumido.

Como eu sabia aonde tinha ido e era eu o responsável por ela, saí no seu encaixo. E a encontrei. Espiando. Metida atrás de umas árvores, de olho numa clareira. Tremia sem parar, os dentes batiam, e quando vi o que ela estava espiando, soube logo por quê.

— Quanto tempo tinha se passado desde que Coury pegara Janie?

— Difícil dizer. Minha impressão é de que se passara muito tempo, mas eu apagava toda hora, sabe como é? Já tomou um narcótico?

— Quando eu era garoto me feri e tive que tomar Demerol para me costurarem.

— Gostou?

— Achei legal — respondi. — Tudo ficou mais lento e a dor se transformou num brilho tépido.

— Então você sabe como é — ele girou a cabeça. — É como o melhor beijo. O mais doce dos beijos, vindo direto dos lábios de Deus. Todos esses anos, mesmo sabendo o que a droga fez com a minha vida, eu ainda penso nessas coisas... na ideia de sentir de novo aquela coisa maravilhosa. E, Deus me perdoe, às vezes rezo para que quando eu morrer, se, por algum milagre, eu terminar lá em cima, que haja uma seringa à minha espera.

— O que Aimée estava vendo?

— Janie. — A voz dele falhou ao pronunciar o nome, e ele balançou o corpo delicadamente em sua cadeira de rodas. — Meu Deus do céu, que coisa horrível. Alguém segurava uma lanterna para iluminá-la... Luke the Nuke... enquanto os outros estavam de pé em torno, olhando. Ela estava deitada no chão com as pernas abertas e tinha a cabeça coberta de sangue. Estava toda cortada e queimada, e no chão à sua volta espalhavam-se pontas de cigarro, tudo empapado de sangue.

— Você viu alguma arma?

— Coury e Bobo Cossack empunhavam facas. Facas grandes de caça, dessas que a gente encontra em lojas de artigos excedentes do exército. Garvey tinha um maço de cigarros... Kools. Tentando ser durão.

— E Brad Larner?

— Só olhava, de pé. E o outro... o sujeito com cara de idiota, estava atrás dele, apavorado. Era possível ver no seu rosto que morria de medo. Os outros se mantinham... imóveis. Como se tivessem feito algo e só agora a ficha estivesse caindo. Aí então Coury disse: "Precisamos tirar essa puta daí" e mandou que Brad fosse até seu carro e apanhasse os cobertores que guardava lá.

Foi nesta hora que Aimée começou a vomitar ruidosamente, todos se viraram para nós, e Garvey disse: "Que merda, sua débil mental filha da puta!" Agarrei Aimée e tentei dar o fora dali. Mas Garvey tinha segurado o braço dela e não deixava soltar. Como eu queria me ver longe dali o mais depressa possível, corri, entrei no carro e saí voando. Dirigi como um louco e foi um milagre que nenhum policial me parasse. Fui até a Marina, depois rumo leste na Washington, acelerei tudo que dava para La Brea e depois rumo sul, para o gueto. Ele sorriu.

— No bairro do crime, Watts. Foi quando finalmente me senti seguro.

— E depois? — Depois nada. Fiquei na encolha, acabou meu dinheiro e minha heroína, fiz o que sabia fazer e fui preso.

— Nunca pensou em denunciar o assassinato? — Claro. Garotões ricos de Bel Air e um viciado e delinquente preto diz aos tiras que por acaso viu uma garota branca ser dilacerada a faca? A policia costumava me parar quando eu passava de carro só por ser preto; conferia o número da placa no banco de dados e me revistava sem o menor motivo. Isso no meu Mercury Cougar, uma lata velha apropriada a um delinquente preto como eu.

— Mas naquela noite você estava com um carro muito melhor. Um Cadillac branco último modelo.

— Você sabe disso? Sabe desse detalhe? — Surgiu algo de novo em sua voz... um subtom de ameaça. Um vislumbre do homem que ele tinha sido. — Ou está conversando comigo só para cumprir as formalidades?

— Você é a primeira testemunha ocular que encontramos. Sei do Cadillac porque localizamos Melinda Waters e ela mencionou isso. Mas ela saiu da festa antes do crime.

Ele girou a cabeça lentamente e ficou virado para longe de mim.

— O Caddy era emprestado. Eu mantinha o Mercury do jeito como se espera que um drogado mantenha seu carro, e finalmente ele quebrou de vez e eu o vendi a fim de ter dinheiro para drogas. No dia seguinte, me dei conta de que sem carro eu não era ninguém... o velho e bom planejamento de um viciado. Pensei em roubar um, mas não consegui nem chegar perto, chapado demais. Por isso naquela noite pedi emprestado a um amigo.

— Um carro bom desses — falei —, deve ter sido um ótimo amigo.

— Eu tinha uns poucos bons amigos. E não me pergunte quem foi.

— Foi o mesmo amigo que o ajudou a fugir?

As lentes espelhadas se inclinaram na minha direção.

— Tem coisas que não posso contar.

— Tudo será esclarecido — falei.

— Talvez — retrucou ele. — Se acontecer, que não seja minha responsabilidade. Mas algumas coisas eu não posso dizer. — Ele virou a cabeça abruptamente na direção da frente da casa.

— Alguma coisa está errada — disse ele. — Aimée vem aí, mas este não é seu passo normal.

Eu não ouvira nada. Depois: um triturar quase inaudível — passos em cima do cascalho. Passos que paravam e recomeçavam, como se uma pessoa estivesse tropeçando.

Se não fosse pelo pânico no rosto dele, teria passado despercebido por mim.

Deixei-o, fui até a sala da frente, abri a cortina de uma janelinha fosca e dei uma olhada. Lá fora, a luz âmbar do crepúsculo iminente. Subindo a entrada de carros, talvez a uns trinta

metros de distância, dois homens conduziam Aimée e Bert na nossa direção. As mãos dele estavam levantadas e ele caminhava relutantemente. Bert parecia aterrorizado. O rosto redondo de Aimée não traduzia qualquer expressão. Ela parou de repente e seu acompanhante espetou-a com alguma coisa, ela estremeceu e continuou andando. Trituração.

Um dos homens era grande e corpulento; o outro, uma cabeça mais baixo e magro. Ambos eram hispânicos e usavam chapéus de caubói. Eu os vi meia hora atrás — na picape carregada de fertilizante que se interpusera entre o carro de Bert e o meu e depois na saída da interseção da 33 com a 150. Na hora pensei que tinha sido uma sorte, permitindo que eu usasse a picape para disfarçar o fato de eu estar seguindo Bert.

— O que está acontecendo? — perguntou Bill.

Voltei correndo para perto dele.

— Debaixo da cama — disse ele, gesticulando indefeso. — Anda. Agora!

Dando a ordem rispidamente. Parecendo qualquer coisa menos um drogado.

Capítulo 41

A engenhoca que lia o rastreador colocado no carro de Alex estava presa no painel do Saab de Craig Bosc, uma coisinha linda com uma tela azul luminosa e uma impressora, e voltou à vida depois que Bosc digitou algumas teclas. Cara da década de 1990, tudo que precisava bem à mão.

Milo não encontrara nenhum documento impresso na casa de Bosc, o que significava que os deixara no escritório. Ou na casa de uma outra pessoa.

Enquanto ele continuava a digitar, a tela ia se enchendo com a leitura do aparelho — coluna de números em um código que Bosc explicou sem precisar ser estimulado.

Depois ele pressionou outra tecla e as colunas foram substituídas pelo que parecia ser uma cópia heliográfica. Vetores e definição de locais, linhas de mapas, tudo carregando numa velocidade espantosa.

Bosc estava sentado no banco do carona do Saab. Tinha as mãos livres para trabalhar, mas Milo havia reforçado a amarração dos tornozelos e continuava com a boca da arma na nuca de Bosc.

Prometendo libertá-lo depois que tivesse dado sua contribuição para o bem da humanidade.

Bosc agradeceu como se ele fosse Papai Noel com um saco cheio de brinquedos. O cara fedia a medo, mas não se poderia saber só de 471 olhar para ele. Sorrindo, sorrindo, sorrindo. Papagueando tecnicismos o tempo todo enquanto trabalhava. Matar tempo e preencher espaço; apelar sempre para estas táticas psicológicas.

Os dedos dele descansaram.

— Ai está, compañero. Procure o X maiúsculo e lá estará ele. Milo estudou o mapa.

— Isto é o melhor que você pode fazer? — Isto é excelente — retrucou Bosc, ofendido. —

Dentro de um raio de cem metros.

— Imprima.

O bolso cheio de papel, Milo arrancou Bosc de dentro do Saab e levou-o para a traseira do carro.

— OK, Milo, então vamos esquecer o que aconteceu.

— Certo.

— Pode fazer o favor de devolver minhas pernas, Milo? A constante repetição do seu nome enfureceu Milo. Olhou para os dois lados da rua, agora começando a escurecer. Durante o tempo em que Bosc brincara com o computador, só um carro passara. Uma jovem em um Pontiac Fiero amarelo, loura e com uma cabeleira grande o suficiente para ser uma das involuntárias estrelas do cineminha de Bosc. Mas ela passou velozmente, seguiu mais dois quarteirões, desapareceu e não voltou mais.

A rua estava vazia de novo. Graças a Deus pela alienação de L.A.

Milo deu um chute rápido e forte atrás de um joelho de Bosc, abriu a mala do Saab, e jogou-o lá dentro depois que o outro, previsivelmente, arriou no chão. Bateu a tampa e afastou-se dos socos e gritos abafados. Com todo aquele barulho alguém o encontraria logo.

Correu até o Polaris, verificou a quantidade de combustível, ligou o motor e saiu voando na direção da rodovia 101, dirigindo como um típico idiota do sul da Califórnia — rápido demais, com somente uma das mãos no volante e a outra segurando o celular como se fosse um salva-vidas.

Capítulo 42

Uma voz rouca do lado de fora da casa berrou: — Todo mundo para fora, mãos para cima. Um segundo depois: — Sem gracinhas, senão matamos a retardada e o velho. Eu me agachei mais perto da janela.

— Vamos sair. Vou ter que empurrar a cadeira dele.

— Saia.

Retornei ao quarto de dormir e agarrei os punhos da cadeira de rodas de Bill. Eu pusera um gorro branco protegendo sua careca e o cobrira com duas mantas macias, a despeito do calor.

Ou talvez não estivesse tão quente assim. Eu estava encharcado de suor, mas ele, o diabético, permanecia misteriosamente seco. Um momento antes ele rezara em silêncio, os lábios trêmulos, mãos enganchadas nas mantas.

— Ai, meu Deus! — exclamou ele quando o empurrei. Ao atingirmos a porta, os descansos de pé da cadeira se esbarraram, abrindo, e saímos para um crepúsculo cor de ametista.

O par de caubóis que segurava Aimée e Bert estava mais ou menos a vinte metros de distância no caminho de cascalho, não no centro dele, mas sim mais perto da margem oeste, onde a floresta começava. O céu era cor de ardósia e a folhagem escurecera para um tom de oliva. A cor das pessoas permanecia viva; vi o medo no rosto de Bert. O caubói maior posicionou-se quase na frente do parceiro. O motorista da picape. Uns 45 anos, um metro e oitenta de altura, uma barriga grande que repuxava a camisa azul-clara, coxas grossas que transformavam a calça jeans em revestimento de salsicha, a cor da pele de cobre sujo e um bigode eriçado que começava a branquear.

O chapéu era de aba larga, de feltro marrom.

Atitude entediada, mas mesmo a distância pude ver a irritação e o nervosismo no seu olhar. Muito mais alto que Bert, segurava o velho pela nuca.

Logo atrás dele, um pouco mais à direita, o intruso mais baixo segurava Aimée, agarrando seu suéter pela parte de trás, esticando a fazenda. Mais jovem, um pouco mais baixo, vinte e poucos anos, usava uma camiseta preta folgada e calças jeans também largas e pretas, urbanas

demaís para seu chapéu de palha. O chapéu devia ser barato e aparentava ser uma compra de última hora. Destacava-se na cara redonda o cavanhaque fino. Olhos enfatiados e desatentos. Várias tatuagens subiam pelos seus braços.

Um dos restauradores de carro da oficina de Vance Coury.

O sol não se moveu, mas a tez de Bert Harrison ficou acinzentada.

— Billy, o que está acontecendo? — perguntou Aimée. Ela fez um movimento na direção da cadeira, mas o caubói menor deu um tapa na sua cabeça. Ela sacudiu os braços desajeitadamente. — Calma aí, retardada — disse ele.

— Bill...

— Está tudo bem, baby, nós vamos resolver isso.

— Claro que vamos — disse o bandido maior, com a voz rouca com que nos ameaçara ao chegar. Um maço de cigarros enchia um dos bolsos da sua camisa. Uma camisa de caubói, com a pala branca contrastante, botões perolados e ainda com as marcas das dobras da caixa. Ele e o amigo tinham se vestido especialmente para a ocasião.

— Anda logo, Willy! — disse ele.

— Andar para onde? — perguntou Bill.

— Para cá, Stevie Wonder. — Olhando para mim: — Você aí, seu panaca, empurra ele para cá bem devagar. Se tirar as mãos dessa Porra dessa cadeira, eu arranco sua cabeça com um tiro. — E depois? — quis saber Bill.

— Depois vamos levar vocês todos para passear.

— Passear onde? — Cala a porra da boca. — E para o outro bandido: — Vamos jogar todos atrás, com a merda. Debaixo dos oleados, como falei com você.

— Por que não acabamos logo com eles aqui? O homem grande encheu o peito. Respirando fundo.

— Este é o plano. Grandão riu.

— Pode ficar com a cadeira, certo? Dê para o seu garoto brincar com ela. — E para mim: — Empurra ele.

— Onde está o carro? — perguntei.

— Cala boca e empurra ele.

— Existe mesmo uma picape? — indaguei. — Ou só vamos dar um passeio? — Ganhando tempo, porque é isso que se faz em uma situação dessas. Afinal, não há nada a perder.

O grandalhão puxou o cabelo de Bert, cujo rosto franziu de dor.

— Vou matar este velho palhaço aqui mesmo se você continuar falando. Arranco os olhos dele e faço você foder os buracos.

Empurrei a cadeira. As rodas mastigaram o cascalho e algumas pedras subiram e bateram nos aros. Fingi ter ficado preso. Em nenhum momento minhas mãos largaram os punhos da cadeira.

O grandão continuou segurando Bert e me observando detidamente. A atenção do seu companheiro não era tão boa, e eu o vi desviar os olhos para as árvores.

— Bill? — disse Aimée.

— Bill? — imitou o grandalhão. — E assim que você se chama agora, Willie?

— Ele é Bill Baker — falei. — Quem você pensa que ele é?

Os olhos do grandalhão se estreitaram.

— Eu estava falando com você, panaca? Cala a porra da boca e avança até aqui.

— Ei — disse Bill, animadamente. — Adivinha só? Acho que reconheci essa voz. Ignácio Vargas. Faz muito tempo, Nacho. Oi, cara.

O reconhecimento não perturbou o grandalhão, que exibiu um sorriso forçado. — Muito tempo sem ver você, crioulo.

— Muito tempo mesmo, Nacho. Doutor, antigamente eu vendia meu produto a esse cujuero. Ele era esperto, nunca provou, só distribuía a seus compatriotas. Ei, Nacho, você não foi passar uma temporada de férias fora... Lompoc? Ou foi em Quentin?

— Crioulo — disse Vargas —, antes de sair tentei organizar uma festa com você e a retardada no bairro dos negros, mas você fugiu. Agora, aqui estamos nós, depois de tantos anos. Uma daquelas... reuniões. Quem disse que não existem as segundas chances?

Ele abriu a boca, exibindo duas fileiras de dentes quebrados e escuros.

Dois décadas escondidos e eu trouxera o inimigo para dentro de casa.

— Você sabe o que dizem por aí, compañero — interveio Bill. Se você não consegue êxito na primeira vez... mas, ei, solta o velho. E só um médico que por acaso trata de mim; tem problema de coração e de qualquer maneira vai empacotar em breve. Por que se dar o trabalho?

Bert até então fitava o cascalho. Seus olhos agora foram subindo gradualmente. Vieram pousar em mim. Desanimado.

— Deixa ela ir também — continuou Bill. — Ela é incapaz de fazer mal a alguém.

Bert mudou o peso do corpo de uma perna para outra e Nacho Vargas deu-lhe outro tapa.

— Nada de se mexer, Vovô. É, acho que já ouvi isso antes. Se não tiver êxito da primeira vez, assegure-se de matar o filho da puta na segunda e depois vá comer um bom bife. Vamos lá, Branca de Neve, continue se movendo, depois se abaixe, ponha as mãos atrás da cabeça e coma terra. Empurrei a cadeira mais um palmo. Ela ficou presa de novo nas pedras. Soltei as rodas.

Bill: — Nacho era inteligente, vendendo e nunca usando. Eu podia ter aprendido com você, Nacho.

— Não podia ter aprendido nada. Você era muito burro. Reduzi o espaço entre Vargas e nós a dez metros.

— Não vejo nenhuma picape — falei. — Existe uma porra de uma picape — rosnou Pequeno.

Vargas fez uma cara de desgosto para seu parceiro, mas continuou com os olhos fixos em mim. Começou a bater com a ponta da bota no chão impacientemente. Botas negras reluzentes, de ponta agulha, botas que nunca tinham sido apresentadas a estribos; a calça jeans parecia nova também. Grande farra em algum shopping.

Traje para um único dia, porque não é possível lavar realmente o sangue. Bill disse: — Nacho, meu amigo, seja esperto: não tenho nada a perder, salve-me do meu sofrimento, mas deixe de lado o velho, Aimée e todos. Leve-me na sua picape e faça o que quiser comigo.

— Como se eu precisasse da porra da sua permissão. A cabeça de Bill girou.

— Não, você não precisa, ninguém está dizendo isso. Mas por que não ser esperto? Como já falei, ele é doente do coração.

— Talvez eu deva fazer com que ele corra em círculos até cair morto. Economizo as balas. — Vargas deu uma risada, conservou a mão da arma atrás de Bert, levantou o outro braço e ergueu Bert sem o menor esforço. A ponta dos pés do pobre velho mal raspavam no cascalho.

Ele ficou pálido de morte. Uma boneca de trapo.

— Ei, isso é como brincar de marionetes — disse Vargas. A mão da arma subiu também. Uns dois centímetros, se tanto.

— Nacho, cara.

— Sim, claro, vamos soltar todo mundo. Talvez soltemos você, também. Ei, é uma boa ideia... soltamos todo mundo e depois a gente vai tomar uma cerveja. — Ele rosnou.

— Ela não é a única retardada. — A bota passou a se mover mais depressa. — Vamos, vamos, ande com isso. Reduzi a distância para seis metros, quatro, forcei um pouco a cadeira para baixo, e ela parou de novo.

— Que porra é essa, branquelo?

— Desculpe — falei, com a voz trêmula. — Você disse para eu manter minhas mãos... só um segundo.

Antes que Vargas pudesse responder, Bert amou um pouco o corpo, gritou de dor e agarrou o peito. Vargas riu, esperto demais para se deixar levar por um ardil evidente, mas Bert continuou a se agitar, sacudiu a cabeça com força, e o movimento súbito puxou o braço de Vargas para baixo e Bert lutou para se livrar. Quando Vargas brigou para contê-lo, a arma que empunhava subiu e ficou visível. Uma automática lustrosa, preta. Apontada para o céu. Atrás dele, Pequeno praguejava, sua atenção voltada para a luta. Aimée olhava também, sem resistir.

No momento em que Bert aparentemente passara mal, empurrei a cadeira mais depressa e cheguei a menos de dois metros de Vargas. Parei. Ele continuou às voltas com Bert. Dei um gemido baixo.

Bill levantou a manta de cima e pegou a escopeta.

A velha mas limpa Mossberger Mariner de oito tiros Mini Combo tinha empunhadura de pistola e era de alimentação rápida. Praticamente não tinha cano, serrado no ponto extremo. Achei-a debaixo da cama, onde ele disse que estaria, guardada em um estojo preto de lona coberto de bolas de poeira. Tinha ao lado dois rifles em estojos semelhantes e meia dúzia de caixas de munição.

— Use os estojos grandes — disse ele, quando carreguei a arma. Passei-a agora às mãos de dedos rígidos do cego.

Vargas segurara Bert com força, mas o velho viu a escopeta, virou-se e mordeu o braço de Vargas. Quando Vargas berrou e o largou, ele caiu no chão e rolou o corpo para longe.

Murmurei "agora" e Bill puxou o gatilho.

A explosão me ensurdeceu e o recuo jogou a cadeira de rodas bem na minha virilha ao mesmo tempo em que a cabeça de Bill era jogada para trás e batia no meu diafragma.

Nacho foi atirado longe, como se tivesse sido apanhado por um tornado só dele. A parte de baixo do seu rosto ficou escura e coberta de sangue e uma orquídea gigantesca cor de rubi desabrochou onde antes eram seu esôfago e o seu peito. Quando caiu, jorrou sangue de suas costas, salpicando Aimée e o caubói pequeno, que Parecia atônito.

Atirei-me em cima dele, tendo preparado antes o soco que atingiu seu nariz, agarrei sua genitália com a outra mão e torci com toda força. Tudo não levou mais que cinco segundos. O outro caubói caiu de costas e gritou de dor. Sua camiseta preta estava emporcalhada pelo que parecia steak tartar, pedaços de ossos e carne de qualquer coisa esponjosa rosa com cinza que eu sabia ser tecido do pulmão. A pistola — prateada e brilhante — permanecia presa em seus dedos.

Pisei na sua mão, chutei a arma para longe e mergulhei para apanhá-la. Escorreguei no sangue e dei de cara no cascalho, sentindo a força do impacto e a dor ardente em metade do meu rosto e nos dois cotovelos e joelhos.

Eu caíra em cima da arma e podia senti-la furando meu peito. Agora só faltava a maldita droga disparar e abrir um buraco em mim; que morte cheia de dignidade.

Rolerei de lado, peguei a arma, pus-me de pé rapidamente e voltei a tratar do caubói mais baixo. Ele estava deitado imóvel. Senti-lhe o pulso embaixo do queixo imundo e vi que estava batendo devagar e firmemente. A mão que eu pisoteara parecia um caranguejo morto, e quando levantei suas pálpebras, só vi o branco do olho.

A poucos metros de distância, o que tinha sido Nacho Vargas era uma boa amostra para textos de patologia forense.

— Cuidado — disse Aimée. Falando com Bill, não comigo. Ela agora estava atrás da cadeira, tinha removido o gorro dele e acariciava sua cabeça. Bert estava de pé, cambaleando, segurando com ambas as mãos a arma de Vargas. Olhando para ela nauseado. Muito pálido, sua cor fez com que eu duvidasse de que a dor no peito de há pouco fora um ardil.

Mantive a arma apontada para o homem inconsciente, sentindo a pulsação acelerada muito além do ritmo normal, os músculos latejando, a cabeça fervendo.

De perto, ele parecia mal ter chegado aos vinte anos. Dê para o seu garoto brincar com ela.

Um rapaz com um filho, talvez um pai recente. Teria ele ajudado Vargas a despachar nós todos e depois ido para casa a fim de brincar com Júnior? Ele gemeu, e meu dedo ficou tenso em cima do gatilho. Outro gemido, mas ele não se mexeu. Apontei-lhe a arma e tive que me esforçar para reduzir a pressão do meu dedo. Respirei mais devagar lutando para pensar com mais clareza, ordenar minhas ideias. A clareira em torno da casa foi ficando cada vez mais escura e chegou a um cinza enjoativo e viscoso. Bill permanecia sentado em sua cadeira, com a escopeta atravessada no colo. Aimée e Bert ao lado, em silêncio. O caubói não gemeu mais e tampouco se moveu. O silêncio caiu sobre nós. Em algum ponto da floresta, um passarinho pipilou.

Um plano: eu amarraria o homem inconsciente, o colocaria junto com a cadeira de rodas na mala do Seville e levaria todos para um lugar seguro — eu imaginaria qual no caminho — não, primeiro eu tinha que telefonar para Milo da casa — tinha que levar todos eles para dentro de casa — o cascalho ensanguentado e o corpo estraçalhado eram problemas a serem resolvidos mais tarde.

— Você tem corda aí? — perguntei a Bill.

Os óculos espelhados de Bill tinham sido retirados, e Aimée secava as cavidades cinzentas com uma ponta da manta, indiferente à papa de sangue que salpicara seu rosto e seu vestido. Ele disse: — Não, sinto muito.

— Nada com que amarrar o cara?

— Desculpe... o outro está vivo?

— Apagado, mas vivo. Pensei que com aquele arsenal...

— O arsenal era... minha bagagem... nunca pensei realmente que seria usado...

A escopeta tinha sido limpa e lubrificada recentemente. Ele deve ter lido meu pensamento, porque disse: — Eu ensinei a Aimée como tratar das armas. Ela recitou: — Escovar o cano, esfregar com um pano, lubrificar.

— Mas não tenho corda — disse Bill. — Que lástima. Talvez possamos rasgar um lençol. — Cansado. Com uma das mãos acariciou a escopeta de cano serrado.

Aimée resmungou.

— Que é querida?

— Tem corda. Uma espécie de corda.

— É mesmo? — insistiu ele.

— Barbante. Uso para amarrar a minha carne assada.

— Não é forte o suficiente, amor.

— Oh. Mas segura a carne.

— Bert, venha cá e fique apontando para ele — falei, guardando no bolso a pistola cromada e pondo o vaqueiro desmaiado de pé. Ele não pesaria mais que uns sessenta quilos, mas por estar inconsciente e porque a minha descarga de adrenalina já ia passando, foi um sacrifício arrastá-lo até a casa. Levei-o até a porta, olhei para trás. Ninguém tinha seguido. A noite transformara os outros em estátuas.

— Lá dentro — falei. — Vamos dar uma olhada no tal barbante.

Capítulo 43

Bill tinha razão acerca do barbante de cozinha. Fino demais. Mas resolvi usá-lo, de qualquer maneira, sentando o homenzinho em uma cadeira na sala da frente e usando os dois rolos que encontrei para criar uma múmia de macramé. Ele olhou para fora por algum tempo, esperançoso. Meu coração começou a disparar de novo.

Revistei a pequena cozinha, encontrei um rolo amarrotado e quase vazio de fita adesiva industrial debaixo da pia, desenrolei o suficiente para dar duas voltas apertadas em torno do seu corpo e da cadeira na altura do peito e da cintura. Com o que restou, prendi os tornozelos. Ele não ofereceu resistência... Que idade teria seu filho?

— Onde fica o telefone? — perguntei.

Bert arrastou os pés até um canto, inclinou-se atrás de uma cadeira e pegou um telefone preto antigo, daqueles modelos de disco, e me passou. Ele não havia pronunciado uma única palavra desde o tiroteio. Ergui o receptor. Mudo.

— Não funciona — falei.

Bert pegou o telefone, bateu no descanso, discou 0. Sacudiu a cabeça.

— Vocês costumam ter problemas com o telefone?

— Não, senhor — disse Bill. — Não que o usemos muito, talvez. — Ele franziu a testa. — Eu conheço esse cheiro.

— Que cheiro? — perguntei.

O choque veio de trás, da parte dos fundos da casa. Primeiro alguma coisa batendo em madeira, seguido por um barulho alto de sucção e por fim o som de um xilofone típico de vidro quebrado.

Bill virou para a direção do barulho. Bert e eu arregalamos os olhos. Só Aimée pareceu des preocupada.

De repente, a luz do dia — uma falsa luz alaranjada — clareou o quarto, seguida por um rush de calor e pelo estrépito das labaredas.

O fogo lambeu as cortinas, subiu ao teto e desceu ao chão.

Corri para a porta do quarto e fechei-a com uma batida para prender lá dentro o incêndio. A fumaça escapava por baixo, e o cheiro era bem desagradável: metálico, pungente, com aquele travo amargo de uma poderosa tempestade de raios rasgando um céu poluído.

A fumaça que passava por baixo da porta engrossou de um fiapo para rolos e para nuvens, incessantes e oleosas, de brancas para cinzentas e negras. Em questão de segundos, eu mal era capaz de distinguir o contorno das outras pessoas. A sala ficou quente como uma fornalha.

E aí foi a vez da segunda bomba incendiária. Novamente vinda de trás. Alguém estacionado nos fundos, no meio da floresta, por onde corriam os fios telefônicos.

Agarrei com força a cadeira de Bill e acenei desesperado para as silhuetas obscurecidas pela fumaça de Bert e Aimée.

— Fora! — Sabia que eu os estava mandando para o que dificilmente seria seguro, mas a alternativa era sermos assados vivos.

Não tive resposta, e agora não podia mais vê-los. Empurrei Bill para a porta da frente. A

porta ruiu e as chamas se lançaram para frente quando empurrei a cadeira.

Procurando ar para Aimée e Bert. Gritando com os pulmões obstruídos: — Tem alguém lá fora! Abaixem-se.

Minhas palavras foram interrompidas por um acesso de tosse convulsiva. Estendi o braço para pegar a maçaneta da porta e o metal quente tocou minha mão.

Porta de empurrar feita especialmente para deficientes, idiota. Empurrei com força a cadeira de Bill e fui parar do lado de fora, olhos ardidos, nauseado, tossindo. Corri o que pude na escuridão e virei a cadeira para a esquerda quando senti que uma bala havia acertado uma das janelas da frente.

A fumaça saía da casa em grandes ondas, uma cortina que a ocultava. Boa cobertura, mas venenosa. Corri para o mais longe possível da trilha de cascalho, para dentro do mato rasteiro que se formava no limite leste da casa. Correndo com a cadeira, lutando para controlar a geringonça por cima de pedras e raízes, ficando preso no mato, incapaz de libertar a cadeira.

Bloqueada. Levantei Bill no colo, passei-o por cima do meu ombro e corri, cheio de adrenalina de novo, mas o peso dele era maior do que parecia. Eu mal podia respirar, e após uns dez passos estava à beira de um colapso.

Minhas pernas se dobraram. Eu as via como hastes de ferro, forcei-as a se endireitarem, perdi completamente o fôlego, parei, mudei a carga de ombro, ofeguei e tossi.

Sentia o balançar das pernas arruinadas de Bill batendo nas minhas coxas e a pele seca da palma de uma de suas mãos na minha nuca, onde ele se segurava com força.

Bill disse qualquer coisa — que eu mais senti que ouvi — e continuei a carregá-lo para a floresta. Prossegui mais dez passos, contei até trinta e parei de novo para forçar o ar para dentro dos meus pulmões.

Olhei para a casa. Nada mais de fogo, nenhum clarão de chamas, só fumaça, muita fumaça, tão escura que se mesclava facilmente com o céu da noite.

Aí, então, o lugar onde a casa verde estava foi de repente tomado por uma bola escarlate rodeada por um halo verde.

O cheiro do que osesena dominava tudo. Alguma coisa se incendiando na cozinha — o fogão. A explosão me derrubou. Bill caiu em cima de mim. Nem sinal de Aimée e Bert.

Olhei mais uma vez para a casa, perguntando-me se o fogo se espalharia para a floresta. Não era bom para a floresta, mas talvez fosse bom para nós se atraísse atenção.

Nada, senão o silêncio. O fogo não se espalhou; a lareira corta-fogo cumpria seu propósito.

Rolei Bill para fora do meu ombro e me apoiei nos cotovelos. Seus óculos se soltaram. A boca se movia sem produzir sons.

— Você está OK? — perguntei.

— Eu... estou. Onde está...

— Vamos em frente.

— Onde está ela?

— Está bem, Bill, vamos.

— Eu preciso...

Peguei-o pelo ombro.

— Deixe-me aqui — disse ele. — Deixe-me aqui. Não aguento mais.

Comecei a levá-lo.

— Por favor — pediu ele de novo.

Minha mão queimada começou a latejar. Tudo em mim latejava. Uma voz áspera atrás de mim: — Beco sem saída, Sr. Cadillac.

Capítulo 44

O cabelo branco de Vance Coury, preso por uma tira de couro preto, refletia o luar. O almíscar de sua loção de barba conseguia se fazer sentir na atmosfera calcinada.

Ele me iluminou o rosto com a lanterna, desviou o foco para Bill e manteve-o em um ângulo que iluminava o solo da floresta. Quando meus olhos se adaptaram, percebi que ele tinha uma submetralhadora na mão direita.

— De pé — disse ele, como se estivesse tratando de negócios. Coury vestia um macacão claro cheio de manchas de graxa — viera preparado para o trabalho sujo. Alguma coisa rebrilhou em torno do seu pescoço — provavelmente a mesma corrente de ouro que eu vira na oficina.

Levantei-me. A explosão ainda retumbava na minha cabeça.

— Ande. — Ele indicou sua direita, de volta à clareira.

— E ele? — perguntei.

— Ah, sim, ele. — Coury apontou para Bill e disparou uma rajada que quase cortou o corpo do cego em dois. Os fragmentos do corpo de Bill pularam, caíram e ficaram imóveis.

— Alguma pergunta mais? — disse Coury.

Ele me conduziu para fora da floresta. Uma pilha de brasas, um emaranhado de conduites, pilhas aleatórias de tijolos e cadeiras de 486 metal retorcidas eram os remanescentes da casinha verde. Além de uma coisa contorcida e parcialmente carbonizada, amarrada e presa por uma fita adesiva industrial a uma cadeira.

— Brincando com fósforos — falei. — Aposto como você gostava de brincar com fósforos quando criança.

Comecei a pisar na trilha de cascalho. Mantinha a cabeça reta, mas virava os olhos de um lado para o outro. O corpo de Nacho Vargas permanecia onde tombara. Nenhum sinal de Aimée ou Bert.

— Aonde estamos indo? — perguntei.

— Andar.

— Andar para onde?

— Cala a boca. Silêncio.

Dez passos mais tarde tentei novamente.

— Aonde estamos indo?

— Você é realmente idiota — desabafou ele.

— Você acha? — perguntei, enfiando a mão no bolso e puxando a pistola cromada do caubói mais baixo.

A parada brusca fez com que Coury se projetasse para a frente, e nós quase colidimos. Ele tentou recuar e empunhar a submetralhadora, mas não teve espaço suficiente.

Tropecei.

Ele não se dera o trabalho de me revistar. Garoto rico presunçoso que nunca crescera. Tempo demais escapando de todas as coisas ruins que fazia.

A pistola projetou-se como se tivesse vontade própria. O cavanhaque de Coury expandiu-se quando o espanto o deixou boquiaberto. Apontei nas suas amídalas e dei três tiros, acertando cada um deles.

Peguei a submetralhadora e guardei a pistola, tratei de sair da trilha de cascalho às pressas e encontrei refúgio atrás de um sicômoro. Esperei. Nada.

Pisando no mato para abafar minhas pegadas, adiantei-me um pouco, na direção da estrada. Imaginando quem e o quê me aguardaria lá. Eu também fora confiante em excesso, pensando que Vargas e o baixinho compunham todo o exército inimigo. A missão era por demais importante para um par de brutamontes.

Coury era um homem detalhista, especializado em desmontar automóveis caríssimos e reconstituí-los como obras de arte. Um bom planejador.

Acionar o time B enquanto o A aguarda. Sacrificar o B e atacar pela retaguarda. Outra emboscada.

Coury fora em pessoa acabar com Bill. Ele era uma testemunha ocular viva, e eliminá-lo era a missão principal. O mesmo valia para Aimée. Será que ele a havia liquidado — e a Bert — antes de pegar Bill? Eu não ouvira tiros enquanto carregava Bill, mas as bombas incendiadas e a explosão de querosene podiam ter abafado.

Caminei cinco passos, parei e repeti o esquema. A entrada do caminho de cascalho surgiu diante de meus olhos. Posto de observação de primeira, mas nenhuma das opções válidas.

Não encontrei nada.

Só o Seville, os quatro pneus furados, capô aberto, tampa do distribuidor desaparecida. Rastros de pneus — dois conjuntos, ambos fundos, sulcos por todo o terreno.

Denunciando a presença da picape e outra viatura de trabalho.

A casa mais próxima ficava a uns quinhentos metros estrada acima. Eu mal conseguia distinguir as janelas amarelas.

Eu estava ensanguentado e com manchas de sangue na roupa, um lado do meu rosto estava em carne viva e, como se não bastasse, minha mão queimada doía como o diabo.

Um olhar, e os moradores trancariam as portas e chamariam a polícia. O que para mim seria ótimo.

Quase consegui chegar lá antes de ouvir um barulho de motor.

Motor grande, vindo na minha direção da Rodovia 150. Alto o bastante — e perto o bastante — para ser visto —, mas sem faróis.

Corri para me esconder no meio da vegetação, me agachei atrás de umas samambaias e fiquei olhando uma Suburban preta passar 488 velozmente e reduzir a marcha a uns 15 metros da propriedade de Bill e Aimée. A Suburban parou. Andou de novo uns seis metros... e parou outra vez.

Um homem saltou. Grande, muito grande.

Depois outro homem. Ligeiramente menor, mas não muito. Fez um sinal com a mão, e os dois sacaram as armas e correram para a entrada. Alguém ao volante? Os vidros escuros da Suburban ficavam ainda mais escuros com a noite e era impossível dizer. Vi que correr para a casa vizinha seria um erro e um risco: a rajada disparada por Coury em Bill ainda ressoava na minha cabeça. Coury puxara o gatilho, mas fora eu o anjo da morte, e não tinha justificativa para estender o combate a mais inocentes.

Continuei agachado, esperando. Tentei consultar o relógio, mas o vidro fora espatifado e não havia mais ponteiros. Contei os segundos. Tinha atingido três mil e duzentos quando o par de grandalhões retornou.

— Merda — disse o mais baixo. — Que merda, cara!

Eu me levantei e disse: — Não atire em mim, Milo.

Capítulo 45

Aimée e Bert se sentaram na terceira fila de bancos da Suburban. Aimée segurava a manga de Bert. Os olhos dele não tinham foco. Entrei ao lado de Milo, na segunda fileira.

Ao volante estava Stevie, o Samoano, o caçador de recompensas que Georgie Nemerov chamava de Yokuzuna. Ao seu lado sentou-se Red Yaakov, o cabelo cortado à escovinha quase raspando no teto.

- Como você nos encontrou? — perguntei.
- O Seville foi seguido, e eu peguei o responsável.
- Seguido como?
- Um dispositivo de localização via satélite.
- Uma das engenhocas para carros do Coury?

A mão dele no meu ombro foi eloquente: A gente conversa mais tarde.

Stevie seguiu até a Rodovia 150 e parou pouco antes da interseção com a 33, entrando num retorno arborizado onde havia três veículos. Mais para o fim, meio escondida pela noite, estava a picape, a frente virada para a estrada, ainda carregada de fertilizantes. A poucos metros de distância, um Lexus sedan escuro. O terceiro, um outro utilitário esportivo — um Chevy Tahoe —, bloqueava os dois primeiros veículos. Stevie reduziu as luzes e dois homens saíram de trás do Tahoe. Um hispânico musculoso de cabeça raspada à navalha, usando uma camiseta preta justa, calça preta cargo e um enorme coldre de couro no peito, e Georgie Nemerov, de casaco esporte, camisa branca aberta na gola, calça amassada.

A camiseta do cara musculoso tinha uma inscrição em letras grandes brancas: CAÇADOR DE RECOMPENSAS. Ele e Nemerov se aproximaram da Suburban. Milo abaixou seu vidro, Nemerov deu uma espiada, me viu e levantou as sobrancelhas.

— Onde está Coury?

Milo respondeu: — Com seus ancestrais.

Nemerov fez uma pausa.

— Não podia ter guardado o cara para mim?

— Já tinha terminado quando chegamos lá, Georgie.

As sobrancelhas de Nemerov desenharam um arco ainda mais amplo quando ele se virou para mim.

— Estou impressionado, doutor. Quer um emprego? Trabalha-se muito e ganha-se pouco.

— E as pessoas que se conhece são nojentas — acrescentou Yaakov, com seu forte sotaque. Stevie riu. O sorriso de Nemerov ampliou-se um pouco, relutantemente.

— Acho que o que importa são os resultados.

— Havia mais alguém? — perguntei. — Além de Coury?

— Claro — respondeu Nemerov. — Dois outros animais que estavam na festa.

— Brad Lerner — explicou Milo. — O Lexus é dele. Lerner e Coury chegaram juntos, Lerner dirigindo. Ele estacionou perto da casa, esperando Coury, quando o localizamos atrás da picape. O doutor Harrison e Caroline estavam amarrados na caçamba da picape. No volante era outro sujeito.

— Quem?

— Um paradigma de virtude chamado Emmet Cortez. Paguei algumas fianças para ele

antes de ser preso por homicídio e sumir. Trabalhava na indústria automobilística.

— Pintando carros velhos envenenados — sugeri. — Cremando rodas. — O sorriso de Nemerov foi repentino, melancólico, glacial. — Agora está na grande oficina do céu.

— Massa inorgânica — disse Stevie.

— Ainda orgânica — contrapôs Yaakov. — Enquanto restar alguma coisa dele, continua sendo orgânica, certo, Georgie?

— Você está sendo técnico — disse Stevie.

— Vamos mudar de assunto — finalizou Nemerov.

Capítulo 46

— Panquecas — disse Milo.

Eram dez horas da manhã do dia seguinte, e nós estávamos em um café na Wilshire, perto de Crescent Heights, um lugar onde gente velha e rapazes esqueléticos que fingiam escrever roteiros se reuniam. Ficava uns quinhentos metros a oeste dos escritórios dos irmãos Cossack, mas não era este o motivo pelo qual estávamos ali.

Nós dois ficáramos acordados a noite toda, retornáramos a L. A. às seis da manhã e paráramos na minha casa para tomar banho e fazer a barba.

— Não quero acordar Rick — explicara ele.

— Ele já não está acordado a esta hora?

— Por que complicar as coisas? Ele saía do banheiro de hóspedes secando o cabelo, os olhos semicerrados. Vestia as roupas da noite anterior, mas parecia assustadoramente mais animado.

— Café da manhã — proclamara. — Conheço um lugar onde fazem panquecas enormes, monstruosas, com manteiga de amendoim crocante e chips de chocolate.

— Isso é comida de criança — reclamei.

— A maturidade é superestimada em excesso. Eu ia lá sempre, Alex, pode acreditar em mim, é disso que você precisa.

— Ia lá?

— Nos tempos em que não me preocupava com meu peso. Verdade, nós precisamos de açúcar. Meu avô materno comia panquecas todos os dias e as engolia com a ajuda de três canecas de café mais doce que refrigerante e viveu até os 98 anos. Teria durado rrrais alguns anos, mas rolou de uma escada quando estava paquerando uma mulher.

Ele afastou uma mecha de cabelos pretos do rosto.

— Não é provável que venha a ser esse o meu destino, mas sempre há variantes.

— Você às vezes é inusitadamente otimista — falei.

— Panquecas — insistiu ele. — Depressa, vamos andando. Vesti uma roupa limpa, pensando em Aimée e Bert e em todas as perguntas não-respondidas.

Pensando em Robin. Ela ligara na noite anterior, de Denver, e deixara uma mensagem às onze da noite. Telefonei de volta às seis e meia da manhã, imaginando deixar gravado um recado, mas a companhia se deslocara para Albuquerque.

Agora, ali estávamos nós, diante de duas pilhas de panquecas de manteiga de amendoim do tamanho de frigideiras. Um café da manhã que cheirava misteriosamente a comida tailandesa.

Corroí meu sistema digestivo com café e fiquei olhando Milo embeber sua pilha com calda e começar a cortá-la. Depois peguei o frasco da calda com a mão sadia. O médico da emergência do hospital de uxrard tinha classificado minha queimadura como de primeiro grau. Fosse um pouco mais funda, e seria de segundo grau.

Ele me deu a impressão de que eu tinha falhado numa prova esportiva. Fez o curativo na mão, passou neosporin no meu rosto com um cotonete e disse para que eu não me sujasse.

Todo mundo no hospital conhecia Bert Harrison. Mandaram que ele e Aimée ficassem em um quarto privado perto da recepção, onde permaneceram por duas horas. Milo e eu esperamos. Por fim, Bert saiu e disse: — Vamos ficar aqui por algum tempo. Vão para casa.

— Tem certeza? — perguntei.

— Absoluta. — Ele comprimiu minha mão entre as suas, apertou com força e voltou para o quarto. Georgie Nemerov e seus capangas nos levaram até a entrada para Ojai, onde Milo deixara o Dodge alugado, e desapareceram. Milo tinha se juntado aos caçadores de recompensa e formulado um plano.

Muitas perguntas...

Inclinei o frasco, acompanhei a descida da calda, a formação de uma poça no prato e apanhei o garfo. O celular de Milo tocou. Ele atendeu: — Oi? — Ficou em silêncio por algum tempo, desligou e enfiou na boca um chumaço de panquecas. Resíduos de chocolate derretido ficaram presos nos seus lábios.

— Quem era? — perguntei.

— Georgie.

— O que houve? Ele cortou outro triângulo de panqueca, mastigou, engoliu e tomou café.

— Parece que houve um acidente ontem, tarde da noite. Oitenta e três com Sepúlveda, um Buick de aluguel bateu num poste em alta velocidade. Motorista e ocupante transformados em massa inorgânica.

— Motorista e ocupante.

— Dois óbitos — disse ele. — Você sabe o que o impacto em alta velocidade faz ao corpo humano.

— Garvey e Bobo? — perguntei.

— É a hipótese de trabalho. Depende da verificação dos registros dentais.

— Oitenta e três com Sepúlveda. Caminho do aeroporto?

— Interessante você mencionar isso. Encontraram passagens aéreas nos destroços. Duas passagens de primeira classe para Zurique e reservas de hotel em um lugar chamado Bal du Lac. Deve ser bonito, não acha?

— Lindo — respondi. — Talvez umas férias para esquiar.

— Não sei. Tem neve lá, agora?

— Não sei. Provavelmente está chovendo em Paris.

Ele fez um gesto pedindo mais café, conseguiu um novo bule, serviu-se e bebeu vagarosamente. — Só eles dois? — perguntei.

— É o que parece.

— Estranho, você não acha? Eles têm um motorista em tempo integral e preferem ir sozinhos para o aeroporto? Têm uma frota de carros e usam um alugado.

Ele deu de ombros.

— Ademais — continuei —, o que estariam fazendo em uma rua secundária de Inglewood? Naquela região, se você está indo para o aeroporto, você fica na Sepúlveda.

Ele bocejou, espreguiçou-se e tomou o resto do café.

— Já está no noticiário?

— Não.

— Mas Georgie sabe.

Sem resposta.

— Georgie tem um contato na polícia — falei. — Sendo caçador de recompensas e tudo.

— Deve ter — disse ele, limpando com a mão as migalhas que tinham ficado presas na frente da camisa.

— Tem calda no seu queixo — falei.

— Obrigado, Mamãe. — Ele jogou dinheiro em cima da mesa e se levantou. — Que tal uma caminhada para fazer a digestão?

— Como em Wilshire — falei. — Suba até o Museum Row, a quadra dos museus.

— Você está acertando em cheio. Hora de fazer seu jogo em Vegas.

Caminhamos até o edifício de granito rosa onde um dia os irmãos Cossack haviam brincado de executivos. Milo examinou a fachada por longo tempo e finalmente entrou no saguão, intimidou o guarda com um olhar autoritário, saiu e voltou aos degraus onde eu ficara esperando, fingindo sentir-me civilizado.

— Feliz? — perguntei, enquanto voltávamos para o café.

— Extasiado.

Refizemos nosso caminho de ida, pegamos o carro alugado de Milo naquele dia — um Mustang preto conversível —, seguimos pelo Wilshire Boulevard, na região conhecida como Miracle Mile, entre as avenidas Fairfax e La Brea, e entramos na área aberta do Wilshire que demarcava o limite norte do Hancock Park. Milo dirigia com um dedo, sem dormir há dois dias, mas absolutamente alerta. Enquanto isso, eu tinha que lutar para manter os olhos abertos. O Seville fora rebocado para uma oficina em Carpenteria. Fiquei de telefonar mais tarde para obter um relatório. Enquanto isso, ia dirigir a picape de Robin — se pudesse aguentar o doce perfume dela na cabina.

Ele virou na Rossmore, seguiu para o sul até a Fifth Street, fez um balão para pegar a Irving e encostou no meio-fio, seis casas ao norte da Sixth. Do outro lado ficava a mansão do chefe Broussard, financiada pela cidade de Los Angeles. Parado na entrada, um imaculado Cadillac branco. De guarda, um único policial em trajes civis, com cara de entediado.

Milo fitou a casa com a mesma hostilidade com que ele desarmara sem uma palavra o guarda do saguão do prédio dos Cossack. Antes que eu pudesse perguntar o que estava acontecendo, ele arrancou, fez uma curva de cento e oitenta graus, seguiu adiante e depois virou para oeste até a Muirfield, onde seguiu lentamente até o fim da quadra, e parou diante de uma propriedade escondida atrás de um alto muro de pedra.

— Casa de Walt Obey — explicou, antes que eu perguntasse.

Muro de pedra. Exatamente como a mansão Loetz vizinha da casa da festa. O lugar da morte. Construa muralhas e você consegue escapar impune.

Jane Ingalls, violada por duas gerações de homens. Uma câmera de circuito fechado rodava em cima de um dos pilares do portão. Milo falou: "Diga xis". Acenou. Engrenou o

Mustang e afastou-se velozmente.

Ele me deixou em casa e eu acordei a tempo de ver o noticiário das cinco da tarde. A morte dos irmãos Cossack, Garvey e Bobo, não apareceu na afiliada da rede, mas foi noticiada às seis horas em uma estação local.

Os fatos eram como Georgie Nemerov narrara. O carro batera sozinho, provavelmente devido a excesso de velocidade. Trinta segundos de biografia definiram Garvey e Bobo como "ricos empresários de Westside", "responsáveis por alguns projetos controversos". Sem fotos que os identificassem. Sem suspeita de crime. Outra morte ocorreu naquela noite, mas nunca chegou ao noticiário de L.A. por ter ocorrido 150 quilômetros ao norte.

A nota publicada pelo Santa Barbara News-Press me foi enviada por e-mail, sem ser acompanhada por uma mensagem. Só tinha o remetente: sloppy slooth@sturgis.com. Um endereço novo.

Os fatos eram simples e diretos. O corpo de um empresário do setor imobiliário de 68 anos de idade, chamado Michael Larner, tinha sido encontrado duas horas antes, arriado no banco da frente do seu BMW. O carro tinha sido levado para uma área densamente arborizada imediatamente ao norte da saída de Cabrillo da 101, na periferia de Santa Bárbara. No colo de Larner, havia uma pistola que tinha sido disparada recentemente. Ele tinha morrido "de um único ferimento de bala na cabeça, compatível com um disparo feito por si próprio".

Larner fora a Santa Bárbara identificar o corpo do filho, Bradley Larner, 42 anos, vítima recente de um ataque do coração e que também — ironia das ironias — morrera dentro de um carro. O automóvel de Bradley, um Lexus, tinha sido descoberto a poucos quilômetros de distância, em uma rua tranquila na zona oeste de Montecito. O pai enlutado deixara o necrotério logo após o meio-dia, e os investigadores não haviam conseguido estabelecer o paradeiro dele durante as três horas que decorreram até o seu suicídio.

Um sem-teto achara o corpo.

— Eu ia pra lá tirar uma soneca — relatou o sem-teto, identificado como Langdon Bottinger, 52 anos. — Vi logo que havia algo de errado. Um carro bacana daqueles enfiado numa árvore. Olhei lá dentro e bati nos vidros. Mas o cara tinha morrido. Estive no Vietnã, conheço um cadáver quando vejo.

Capítulo 47

Depois de deixar Alex, Milo ligou o rádio do Mustang e sintonizou na KLOS. Rock clássico. Van Halen em "Jump". Legal, o Mustang. Divertido.

— Era do jardineiro do Tom Cruise — informara a recepcionista da locadora alternativa do alto dos seus muitos piercings. Notívaga, ela. Trabalhava no turno da meia-noite às oito.

— Ótimo — disse Milo, embolsando as chaves. — Talvez ajude nos testes. A garota balançou a cabeça, com ar de conhecedora.

— Você está a fim de papéis característicos? — Nada disso — respondeu Milo, dirigindo-se para o carro. — Não tenho caráter suficiente para papéis característicos.

Ele retornou à casa de John G. Broussard na Irving, parou e ficou observando durante horas. A mulher do chefe de polícia saiu às 13h03, acompanhada até a entrada da garagem por uma policial que manteve aberta a porta do Cadillac branco. Saiu na direção da Wilshire e sumiu.

Deixando John G. sozinho em casa? Milo estava razoavelmente seguro de que Broussard não se encontrava no gabinete; telefonara para lá, imitando a voz de um tipo importante que trabalhava para Walt Obey, e fora informado, muito gentilmente, de que o chefe estaria ausente o dia todo. Nenhuma surpresa aí. Mais um artigo contra Broussard tinha saído na edição daquele dia do Times. Cidadãos de uma tal Liga Protetora da Polícia se queixando do baixo moral dos policiais e jogando toda a culpa nas costas de John G. Havia também o comentário de um professor de direito, psicanalizando Broussard. A ilação evidente era de que o temperamento do chefe não se adequava ao policiamento moderno. Seja o que for que isso significasse.

Acrescente-se a isso os eventos da noite anterior — e o relatório de Craig Bosc —, e Broussard tinha que ter percebido que o cerco estava se fechando à sua volta.

John G. sempre tinha sido o mais cauteloso dos homens. Assim sendo, o que estaria fazendo agora? No andar de cima, dentro do seu closet, escolhendo um terno elegante entre dúzias de ternos elegantes? Era quase como se ele não se importasse. Talvez não se importasse mesmo.

Milo continuou de olho na construção estilo Tudor, esticou as pernas e preparou-se para a longa espera. Mas cinco minutos depois um seda verde-escuro — um Ford descaracterizado, pneus comuns, puro LAPD — saiu de marcha à ré.

Motorista solitário. Um homem alto, rígido ao volante. O inconfundível e nobre perfil do chefe de polícia de Los Angeles.

Ele virou para o sul, exatamente como sua mulher acabara de fazer. Parou no cruzamento e ficou ali parado por muito tempo, a seta indicando que ia virar à esquerda — que bom exemplo —, esperando que o tráfego diminuísse o bastante para que pudesse entrar cuidadosamente no Boulevard Wilshire. Rumou para leste. Então talvez estivesse indo trabalhar. Endurecer o jogo, mostrar àqueles filhos da mãe.

Um jeito para descobrir.

Broussard obedeceu precisamente ao limite de velocidade, mantendo-se na pista central e sinalizando que ia virar na Western com a antecedência determinada pelo departamento de trânsito. Seguiu rumo ao sul, passou o Boulevard Washington, pegou a 10 na direção leste e executou uma entrada de manual no trânsito da tarde. Na rodovia o tráfego era moderadamente pesado mas constante perfeito para uma situação de rastreamento, e Milo não teve problema em ficar de olho no Ford quando ele atravessou o trevo do centro da cidade, permaneceu na 10 e saiu em Soto, East L.A. O gabinete do chefe do serviço médico forense? Broussard realmente se dirigiu para o prédio pintado de creme situado na extremidade oeste do complexo do hospital do Condado onde funcionava o necrotério, mas em vez de estacionar entre as vans e os carros de policiais, seguiu em frente e continuou por mais dois quilômetros. Fez uma parada perfeita em uma rua estreita chamada San Elias, virou à direita e atravessou a 20 quilômetros por hora uma zona residencial de pequenos bangalôs. Três quadras acima da San Elias, a rua acabou, e o Ford verde encostou no meio-fio.

A rua terminava em um portão de ferro duplo de seis metros de altura, ricamente ornamentado e encimado por um arco gótico com qualquer coisa escrita no topo. Milo, a uma quadra de distância, não conseguia ler o que era.

John G. Broussard estacionou o Ford, saltou, trancou o carro e ajeitou o paletó do terno.

Não estava vestido para trabalhar — o chefe de polícia jamais aparecia em Parker Center em traje civil. Sempre de uniforme, impecavelmente passado, com vinhos perfeitos, o peito

enfeitado de passadeiras coloridas. Em ocasiões cerimoniais usava o boné. Pensando que fosse a porra de um general ou algo assim, escarneciam os maledicentes.

Ele vestia hoje um terno azul-marinho confortavelmente ajustado ao seu físico elegante, camisa azul-clara e uma gravata dourada tão brilhante que cintilava como uma joia a um quarteirão de distância. A postura perfeita ressaltava sua altura quando ele caminhou para o portão em passo marcial. Como se estivesse presidindo uma cerimônia. Parou, girou a maçaneta e entrou.

Milo aguardou cinco minutos para sair e olhou por cima do ombro diversas vezes enquanto percorria o quarteirão a pé. Sentia-se inquieto, contra sua própria vontade.

Alguma coisa em Broussard...

A meio do caminho do portão conseguiu ler o letreiro. Parque Memorial Paz Sagrada O cemitério era cortado ao meio por uma rua comprida de pedra rosada ladeada por arbustos de espécies variadas. Juníperos formavam altas e luminosas paredes verdes em três lados, sob o céu cinza. Não havia laranjeiras a vista, mas Milo era capaz de jurar que sentia o cheiro de suas flores.

Cinco metros depois do portão ele deu com uma estátua de Jesus, bondoso e sorridente, e logo depois viu um prédio pequeno com a palavra ADMINISTRAÇÃO, cercado por canteiros de amoresperfeitos multicoloridos. Um carrinho de mão bloqueava metade da largura do caminho. Um velho mexicano de macacão caqui e capacete para se proteger do sol curvava-se diante das flores. Ele se virou brevemente para Milo, levou a mão à aba do capacete e retomou seu trabalho de arrancar ervas daninhas.

Milo desviou-se do carrinho de mão, distinguiu a primeira fileira de lápides e seguiu em frente.

Lápides de estilo antigo, eretas, esculpidas na pedra, umas poucas meio tortas, um punhado delas decoradas por ramos de flores desidratadas. Os pais de Milo tinham sido enterrados em um local muito diferente, amplo, não muito longe de Indianópolis, entre parques industriais e shopping centers, um gramado interminável, em terreno ondulado, que poderia servir para um campeonato de golfe. Os túmulos eram marcados por placas de metal escondidas no meio da grama, invisíveis até que se chegasse perto. Mesmo na morte Bernard e Martha Sturgis não queriam ofender...

Aquele cemitério, ao contrário, era plano, pequeno e não tinha árvores, a não ser pelos juníperos que o cercavam. Dois acres, se tanto. E cheio de lápides, também — o que comprovava ser um cemitério antigo. Nenhum lugar para se esconder, e achar Broussard foi bastante fácil.

O chefe de polícia estava de pé a um canto na parte mais baixa, quadrante esquerdo. Uma fileira antes da última; era um lugar sombreado e agradável. Estava de costas para Milo, olhos fixos numa lápide, as mãos grandes e escuras cruzadas atrás das costas empertigadas. Milo andou na direção dele, sem se esforçar para abafar o barulho de seus passos. Broussard não se voltou. Quando Milo chegou junto do túmulo, o chefe perguntou: — Por que demorou tanto?

A pedra que atraía a atenção de Broussard era de granito escuro com acabamento rosa-salmão, decorada lindamente por um contorno de margaridas.

Jane Marie Ingalls

QUE POSSA ENCONTRAR A PAZ NA ETERNIDADE

As datas de nascimento e morte definiam uma vida de dezesseis anos e três meses. Um

ursinho sorridente bem pequeno fora gravado acima do nome de Janie.

Uma frutinha de junípero se alojara no corte na pedra aberto para criar o olho esquerdo do urso. John G. Broussard abaixou-se e retirou-o, guardando-o num bolso do jaquetão com duas fileiras de botões, sem cintura demarcada, aberturas laterais altas e casas de botão verdadeiras nas mangas. Olha só, manhê, meu terno é sob medida! Milo relembrou as roupas excelentes e a pele perfeita de Broussard durante o interrogatório vinte anos atrás. A milésima vez que recordava aquele dia.

De perto, o chefe de polícia não mudara muito. O cabelo começava a branquear, haviam surgido rugas em torno de seus olhos, mas a pele reluzia de saúde e as mãos enormes pareciam fortes o bastante para quebrar nozes.

— Você vem muito aqui? — perguntou Milo.

— Quando faço um investimento em alguma coisa, gosto de ficar de olho.

— Investimento?

— Comprei a lápide, detetive. O pai dela não se importou. Ia terminar na vala comum.

— Oferta de um coração culpado — disse Milo. Broussard permaneceu quieto e por fim disse: — Detetive Sturgis, vou ter que revistá-lo para ver se não está carregando algum aparelho de escuta; portanto, acalme-se.

— Claro — disse Milo, calando o "sim, senhor" a tempo. Por mais que se esforçasse, Broussard ainda fazia com que se sentisse pequeno. Endireitou-se quando o chefe se virou, encarou-o e realizou uma revista de perito.

Tinha tudo a ver. Um ex-integrante da corregedoria tinha que ter experiência com grampos. Terminada a revista, Broussard abaixou as mãos e manteve contato visual.

— Então, o que você quer me dizer?

— Eu esperava que você tivesse coisas para me contar.

Os lábios de Broussard não se moveram. Mas um brilho de diversão surgiu nos seus olhos.

— Gostaria de um tipo de confissão?

— Se é isso que tem em mente — respondeu Milo.

— O que é que você tem em mente, detetive?

— Sei a respeito de Willie Burns.

— Sabe?

— Os impostos urbanos dizem que o lugar onde ele se escondeu na... onde seu parceiro Poulsehn foi liquidado... era de propriedade da mãe de sua mulher. Na noite em que Willie levou Janie Ingalls para a festa, ele dirigia um carro emprestado. Um Cadillac branco novo em folha, cuidadíssimo. Sua mulher gosta de Cadillacs, teve seis deles nos últimos vinte anos, todos brancos. Inclusive o atual.

Broussard abaixou-se e limpou uma poeira da lápide de Janie Ingalls.

— Burns era da família — disse Milo.

— Era?

— Sem dúvida nenhuma. Foi abatido ontem à noite. Exatamente como foi coreografado por você. Broussard endireitou-se.

— A proteção tem limites. Até mesmo para a família.

— O que ele era? Um primo?

— Sobrinho — respondeu o chefe. — Filho do irmão mais velho da minha mulher. Seus

irmãos eram todos respeitáveis. Todos na família fizeram faculdade ou aprenderam uma profissão. Willie era o mais jovem. Alguma coisa saiu errada. — Às vezes acontece — disse Milo.

— Está falando como aquele seu amigo analista.

— Pega.

— É mesmo?

— Claro. Andar ao lado das pessoas certas faz bem à alma. E o contrário também é verdadeiro. Deve ter sido um fardo terrível para você, um cara que sempre agiu de acordo com as regras, que aguentou toda essa porcaria racista para subir na carreira, enquanto Willie andava por aí alegremente, se picando e vendendo merda. Um enorme potencial para um terrível prejuízo à sua imagem. Mas de qualquer forma você fez o melhor que pôde para ajudá-lo. Foi por isso que ele nunca ficou na cadeia muito tempo. Você o conectou a Boris Nemerov, provavelmente garantiu as fianças dele. E no princípio tudo deu certo, deixando você bem. Broussard permaneceu impassível. Milo: — Deve ser difícil ter ligação com um criminoso conhecido.

— Nunca violei a lei.

Foi a vez de Milo ficar quieto.

— Há sempre flexibilidade na lei — disse Broussard. — Sim, eu o apoiei. Minha mulher o adorava... lembrava-se dele como um garotinho lindo. Para a família, ele ainda era um garotinho lindo. Eu era o único que percebia que ele tinha se transformado num drogado depravado. Talvez eu devesse ter enxergado isso mais cedo. Ou talvez devesse ter deixado que ele arcasse com as consequências de seus atos mais rápido.

A postura do chefe de polícia relaxou um pouco. Na verdade, o filho-da-mãe estava desmoronando.

— Ai então Willie meteu-se em um novo nível de encrenca. Testemunhou um homicídio pavoroso, ficou paranoico e disse a você que iam pôr a culpa nele.

— Não foi paranoia — contestou Broussard. — Apreensão razoável. — Ele deu um sorriso frio. — Viciado preto com prontuário criminal versus garotos brancos e ricos? Ninguém tencionava levar Willie a julgamento. O plano era soltar boatos, plantar evidências, fazer com que ele tomasse uma overdose em algum lugar, dar uma dica anônima e fechar o caso.

— Assim Willie fugiu de Boris, mas você resolveu. Depois designou Poulsenn para o caso, a fim de encobrir o que fosse preciso e controlar seu andamento, ao mesmo tempo em que podia tomar conta de Willie e sua namorada.

— Medida temporária. Estávamos nos reagrupando e avaliando as possibilidades.

— Nenhuma das quais incluía ir atrás dos verdadeiros criminosos — disse Milo, surpreso com a fúria de sua voz. — Talvez Schwinn e eu não conseguíssemos resolver o caso, mas, por outro lado, era possível que tivéssemos êxito. Nunca saberemos, não é mesmo? Porque você se intrometeu e sabotou tudo. E não me diga que foi só por causa de Willie. Alguém interveio em benefício dos garotos ricos. Alguém a quem você tinha que escutar. Broussard girou o corpo e o encarou.

— Você já calculou tudo.

— Não. É por isso que estou aqui. Quem foi o padrinho dos garotos? Walt Obey? Janie foi vendida por aquele merda que se intitulava pai dela e usada por duas gerações de escrotos ricos e quem é mais rico que Walt? Foi o que condenou a investigação, John? O bondoso e religioso

praticante tio Walt com medo de ter seus hábitos sujos divulgados? O rosto de ébano de Broussard permaneceu imóvel. Ele encarou Milo e deu uma risada grave, quase um rosnado.

— É um prazer diverti-lo, John — disse Milo.

Ele cerrou as mãos para que parassem de tremer. — Vou dar-lhe uma aula, detetive, a respeito de assuntos que você não entende. Passei muito tempo na companhia dos ricos, e é verdade o que dizem. Os ricos são diferentes. Os pequenos obstáculos da vida são alisados para eles, ninguém tem a temeridade de lhes negar coisa alguma. Com mais frequência do que não, seus filhos se transformam em monstros. Mas há exceções, e o senhor Obey é uma delas.

Ele é exatamente o que parece ser: religioso, honesto, ético, bom pai, marido fiel. O senhor Obey ficou rico graças a trabalho duro, visão e sorte... ele é o primeiro a enfatizar o fator sorte, porque também é um homem humilde. Então, compreenda isto: ele não teve nada a ver com qualquer encobrimento da verdade. Se ouvir o nome Janie Ingalls, vai olhar para você sem saber do que se trata. — Talvez eu tente isso.

— Mantenha-se longe daquele cavalheiro — disse Broussard, tenso.

— É uma ordem oficial, chefe?

— E um conselho sensato.

— Então quem foi? Quem diabos interferiu?

Broussard passou o dedo pelo colarinho. O sol pleno fizera o suor brotar na sua testa e a pele brilhava.

— Não foi assim — disse ele, finalmente. — Ninguém ordenou que a investigação do caso Ingalls fosse interrompida, especificamente. A diretriz... e foi uma diretriz departamental, que veio direto lá de cima, do mais alto possível... foi efetivar o controle dos danos causados por muitos anos de comportamento criminoso de Pierce Schwinn. Porque Schwinn estava saindo do controle, pesadamente viciado em anfetaminas, correndo riscos extremos. Ele era uma bomba—relógio ambulante, e o departamento decidiu desarmar aquela bomba. Você por acaso recebeu o parecer errado. Poderia ter sido pior para o seu lado, mas o poupamos porque era recruta e nunca fora visto participando das transgressões de Schwinn. Exceto em um caso, quando os dois pegaram uma prostituta na radiopatrulha e você foi o motorista dela e de Schwinn. Mas eu preferi não tomar conhecimento deste fato, detetive. Preferi transferi-lo para pastagens mais verdes do que pô-lo para fora a toque de caixa.

— Este é o momento dramático em que devo agradecer? — Milo levou a mão em concha ao ouvido. — Onde está a droga do rufar dos tambores? Os cantos da boca de Broussard recurvaram-se em sinal de repugnância.

— Faça como quiser.

— Não preciso de sua generosidade, John. Quando peguei aquela piranha, não tinha a menor ideia do que ia acontecer. Achei que fosse uma informante.

Broussard sorriu.

— Acredito em você, detetive. Eu tinha uma boa noção de que você não participaria de qualquer ginástica calistênica de banco de trás com uma mulher. O rosto de Milo ficou quente.

— Não fique indignado comigo — disse Broussard. — Não vou fingir compreender o que você é, mas não me incomoda. A vida é curta demais para intolerância. Sei o que é ser excluído e já desisti da ideia de mudar o modo como as pessoas sentem. Que os intolerantes se sintam do modo como quiserem, desde que não se comportem mal.

- Você é um paradigma de tolerância.
- Não de tolerância, de apatia construtiva. Não me importo com o que diverte você. Não me importo com você, ponto, desde que cumpra seu dever.
- Quando isso se adequar aos seus interesses — ressaltou Milo. Broussard não replicou.
- Você é um intruso, hem? Para um intruso, você subiu muito depressa.
- Trabalho duro e persistência — disse Broussard, dando a impressão de já ter repetido aquela explicação milhões de vezes. — E sorte. Além de uma boa quantidade de "sim-senhor" e puxação de saco.

Ele desabotoou o colarinho e afrouxou a gravata. Querendo ser informal, um cara igual aos outros. Sua atitude dizia o contrário.

— No tempo em que eu era patrulheiro, costumava colar fotos no meu armário. Fotos de homens a quem eu admirava. Frederick Douglass, George Washington Carver, Ralph Bunche. Um dia abri o armário e as fotografias tinham sido arrancadas e rasgadas e a decoração se transformara em palavras como "Morra Negro!" e outras mensagens geniais. Colei cada uma das fotos, e se você for à minha sala hoje, as verá atrás da minha mesa.

— Vou ter que acreditar nas suas palavras — disse Milo. — Não espero ser convidado para a sua sala tão cedo. Ao contrário daquela outra nobre alma, Craig Bosc. Estou desapontado com você, John. Escolher um canalha como ele para executar seus mandados. Broussard umedeceu os lábios.

— Craig tem seus talentos. Foi longe demais desta vez.

— Qual era a missão do idiota? Assustar-me para que eu me concentrasse no caso Ingalls, a velha psicologia reversa? Para o caso de 508 ter mandado o Livro do Assassino para Delaware não ter sido suficiente? — A ordem dada ao idiota era fazer com que você visasse o caso e continuasse concentrado nele. Achei que você se interessaria, mas por algum tempo a impressão que deu foi que não acontecia nada. Afinal, se passaram vinte anos.

— E por isso você rouba o carro do meu companheiro, solta o boato do HIV e da aposentadoria, faz com que Bosc me aborde e se assegura de que eu me interesse por uma caixa postal que me dirige aos Lerner. Em seguida você segue o doutor Delaware e põe Coury na trilha dele. Ele poderia ter morrido ontem à noite, seu filho da mãe manipulador.

— Mas não morreu — retrucou Broussard. — E eu não lido com hipóteses a posteriori. Como já falei, Bosc exagerou. Fim da história.

Milo praguejou, respirou fundo, inclinou-se e acariciou o topo da lápide de Janie. Os ombros de Broussard se retesaram, como se o gesto fosse insultuoso.

— Você compra uma lápide e pensa que está absolvido, John. Esta pobre garota apodrece por duas décadas e você resolve se tornar virtuoso. Schwinn lhe manda o livro e você me põe no jogo via doutor Delaware. Por quê? Certamente não foi por sede de justiça.

O rosto do chefe de polícia de Los Angeles voltou a ficar impassível. Milo visualizou-o limpando as digitais do livro, avaliando as "possibilidades" e finalmente se decidindo por enviá-lo a alguém que com certeza o passaria adiante. Usando Alex para fazer com que esse alguém se convencesse de que era uma nobre tarefa. E se Milo não tivesse mordido a isca, Broussard encontraria outro modo. Nunca houvera outra escolha real.

— Você tem uma reputação — disse Broussard. — Como oponente, pensei que seria sábio utilizar isso.

Ele deu de ombros, e o gesto fácil fez o sangue de Milo ferver. Ele cruzou as mãos, lutou para não dar um soco em Broussard e finalmente reencontrou a voz.

— Por que você quis o caso resolvido agora?

— Os tempos mudam.

— Foram as suas circunstâncias pessoais que mudaram. — Milo indicou o túmulo com um dedo. — Você nunca deu a mínima para Janie Ingalls ou a verdade. Acabar com Coury e os outros tornou-se importante porque favorecia seus melhores interesses, e puxa, você teve um baita sucesso. Um monte de caras mortos em Ojai, rmais dois em Santa Bárbara, os Cossack tombaram em Inglewood e não há razão para ligar nenhum desses casos. Agora você está livre para seguir seu alegre caminho com Walt Obey, para jogarem juntos o joguinho de construir-uma-cidade. É disso que se trata, não é mesmo, John? O dinheiro do velho. Que se foda o projeto Esperanza.

Broussard retesou os músculos.

— Esperanza, que papo-furado — continuou Milo. — A esperança que você tem é que isso o faça podre de rico, porque sabe que é um fracasso como chefe de polícia e que vai ter que sair do departamento em breve em circunstâncias menos do que agradáveis, e tio Walt por acaso acaba de surgir com uma proposta que fará com que sua pensão pareça esmola de igreja. Qual é o negócio, John? Chefe de segurança para toda a cidade de Esperanza, talvez com uma vice-presidência fajuta para ganhar mais um pouco? O fato é que as ações preferenciais do projeto poderão lançar você em uma nova galáxia fiscal. Aumentando o que ele já deu para a sua mulher e a sua filha.

Um homem de cor como co-proprietário de uma cidade... nossa, o velho Obey não é um liberal! Tudo estava indo bem, até que surgiu uma competição feia. Porque o grande esquema de Obey inclui instalações recreacionais amplas, o que pode ser traduzido como o retorno do basquete da NFL para Los Angeles. A manobra do velho é boa, o valor das terras de Esperanza dispara e você passa a almoçar no Country Club, fazendo de conta que os sócios presunçosos gostam da sua companhia. Os Cossack, contudo, têm outras ideias. Querem reformar o Coliseum ou algum outro local no centro da cidade. Os irmãos Cossack têm Germe Bacilla e Diamond Jim Horne ao lado deles, levam os dois palhaços para jantar naquele restaurante idiota que é deles e montam o esquema todo na sala privada com tio Walt. Tentando convencer tio Walt a aplicar dinheiro na sua aventura. Pode ser que antes tio Walt detonasse de pronto uma palhaçada daquelas, mas talvez agora ele esteja disposto a ouvir. O fato dele ter aparecido no Sangre de Leon sem convidar você diz que ele estava de mente aberta, algo que tinha que assustar você, John. Porque muito embora os Cossack nunca tivessem chegado nem perto de algo de tamanho valor, desta vez eles tinham conseguido um financiamento decente e o apoio da Câmara dos Vereadores. E, o mais importante, o resto das forças de Obey. Porque ele está ficando velho e sua mulher está doente... muito doente mesmo. Não é engraçado, John? Você chegar tão longe e tudo desabar?

Os olhos de Broussard fixaram-se em rachaduras no asfalto. Ele projetou o queixo para frente, e Milo soube que o chefe lutava para não lhe dar um soco.

— Você não sabe o que está falando, detetive.

— John — disse ele —, vi uma van para diálise parar hoje cedo na Muirfield. A senhora Obey está gravemente enferma. A velha Barbara precisa da máquina para sobreviver. O que, é

evidente, prejudica o poder de iniciativa do marido.

A mão de Broussard voou para o nó da sua gravata e ele o puxou mais para baixo, com o olhar perdido na distância. Milo continuou: — Obey é proprietário da terra há muito tempo, de modo que mesmo com as hipotecas pode vender com imenso lucro. Ele poderia lhe dar um prêmio de consolação, mas basicamente você teria sido um polêmico ex-chefe de polícia forçado a sair e procurando um serviço. Talvez alguma cadeia de drogarias o contratasse para supervisionar a segurança.

Broussard não respondeu.

— Todos esses anos de bajulação — insistiu Milo. — Todo esse comportamento correto.

— O que — disse Broussard, falando muito baixo — você quer?

Milo ignorou a pergunta.

— É papo-furado afirmar que aquela diretriz de vinte anos atrás para ferrar Schwinn foi a razão para o caso ter sido posto de lado. Entregar o caso de Janie para Lester Poulsehn foi um ardil. Espiões da corregedoria, como vocês, o que diabos Poulsehn poderia saber a respeito de um homicídio sexual?

Les Poulsehn trabalhou em homicídios. Delegacia de Wilshire.

— Por quanto tempo?

— Dois anos.

Milo aplaudiu silenciosamente.

— Vinte e quatro meses às voltas com brigas e tiros em festas, e de repente ele passa a ser uma esquadra de um único homem em um caso de homicídio sórdido como o de Janie. Sua missão principal era cuidar de Willie e Caroline em Watts porque a sua família amava Willie.

Broussard quebrou o silêncio.

— Pisei em ovos com aquilo... com Willie. A família sempre pressionou em favor dele. Comprei para a minha mulher um Cadillac Sedan de Ville zero quilômetro e ela o emprestou a Willie. O carro de um homem da corregedoria na cena de um crime.

Um traço de queixume apareceu na voz do chefe. O suspeito caindo na defensiva. O desconforto do filho da mãe encheu Milo de alegria.

— O que você disse à sua família quando Willie desapareceu?

— Que ele tinha morrido queimado na casa. Eu quis pôr um ponto final em tudo aquilo. —

Broussard indicou um lugar à sua direita com a cabeça. — No que diz respeito a eles, Willie está aqui. Tivemos uma cerimônia familiar discreta.

— Quem está no caixão?

— Queimei papéis no meu escritório, pus as cinzas dentro de uma urna e enterramos.

— Acredito em você — disse Milo. — Acredito que você faria uma coisa dessas.

— Tanto quanto eu soubesse, Willie realmente tinha morrido. Lester morreu naquele incêndio, o russo foi emboscado e eu sabia que tinha a ver com Willie; por que então Willie não estaria morto? Então ele me telefonou uma semana mais tarde, parecendo semimorto, e disse que estava queimado e doente. Desliguei o telefone. Não aguentava mais. Imaginei que ele duraria, o quê? Alguns meses? Ele tinha um sério problema de droga.

— Então você o fez morrer.

— Foi ele quem fez isso a si próprio.

— Não, John, foi Vance Coury quem o matou ontem à noite. Cortou Willie ao meio com

uma rajada de MAC 10. Eu o enterrei com minhas próprias mãos... ei, se quiser, eu recupero o que restou dele, você desenterra a urna, e a gente acerta tudo.

Broussard sacudiu a cabeça, vagarosamente.

— Pensei que você fosse inteligente, mas é burro.

— Compomos uma boa equipe, você e eu, John. Gostamos de tudo amarradinho, limpo e organizado. Quem foi então que empurrou Schwinn daquele cavalo? Foi você pessoalmente ou mandou alguém, tipo Craig Bosc? Meu palpite é que foi um mensageiro seu, porque um rosto negro em Ojai chamaria atenção.

— Ninguém o empurrou. Ele teve um ataque epilético e caiu numa ravina seca. Levou o cavalo junto.

— Você estava lá?

— Craig estava.

— Ah — disse Milo, pensando que Alex daria uma risada se o ouvisse dizendo "Ah", como um "maldito dentista".

— Acredite no que quiser — disse Broussard. — Foi o que aconteceu.

— O que acredito é que Schwinn o deixou apavorado quando lhe mandou o livro. Todos esses anos você pensava que o sujeito não passava de um viciado inútil, e acaba que ele tem uma memória muito comprida. E fotos. O sorriso de Broussard foi condescendente.

— Pense com lógica: poucos momentos atrás você construiu uma teoria complicada sobre o meu desejo de eliminar a competição. Se isso fosse verdade, por que o fato de Schwinn reativar o caso Ingalls ia me incomodar? Ao contrário, se os irmãos Cossack pudessem ser implicados...

— Exceto que Schwinn sabia que você era o responsável pelo "jeitinho" original. Com ele fora do caminho, você imaginava um modo de fazer tudo funcionar em seu proveito.

Acima de tudo você é adaptável, John. Broussard suspirou.

— Agora você está sendo teimoso. Como já falei, a diretriz era relacionada com Schwinn... — E daí, John? Se Walt Obey for cinquenta por cento do que você afirma, ele gosta de você porque está convencido de que você é um coroinha. Schwinn aparece, faz barulho, macula sua reputação, é uma ameaça para o seu sonho de ser um executivo importante. Assim, ele também tem que ir. Como boliche, não é? Pinos humanos a serem derrubados.

— Nada disse — retrucou Broussard. — Mandei Craig falar com Schwinn. Descobrir exatamente o que ele sabia. Por que eu iria matá-lo? Schwinn podia ser útil para mim. Sem ele, voltei-me para você.

— Um ataque epilético.

Broussard fez que sim.

— Craig estava se dirigindo ao rancho de Schwinn, quando o viu fora dos portões, a cavalo, e o seguiu. Houve um... contato entre eles. Craig apresentou-se e Schwinn mostrou-se hostil. Queria que eu respondesse pessoalmente e não mandasse uma pessoa. O homem era presunçoso. Craig tentou ponderar com ele. Obter os fatos do caso. Schwinn negou que tivesse algo a ver com o livro, depois começou a divagar sobre DNA... tendo-se amostras de sêmen, tudo seria resolvido do dia para a noite.

— Só que não havia amostras — interveio Milo. — Tudo tinha sido destruído. Schwinn deve ter adorado saber disso.

— Ele era irracional; montado mesmo tentou avançar contra Craig, só que o cavalo não quis

colaborar. Craig fez todo o possível para acalmar Schwinn, mas ele começou a desmontar e de repente seus olhos rolaram para cima e ele começou a salivar e a ter convulsões. O cavalo deve ter entrado em pânico e escorregou. Caiu dentro da vala. Schwinn ainda tinha um pé preso no estribo, foi arrastado e bateu com a cabeça em uma pedra. Craig correu para ajudar, mas já era tarde.

— Ai Craig deixou a cena.

Broussard não respondeu.

— Fantástica a sua história, John — disse Milo. — Esqueça a construção de cidades. Melhor escrever um roteiro.

— Talvez eu escreva. Um dia, quando não estiver mais tão aguda.

— O quê?

— A dor. Nada disso tem sido fácil para mim.

A bochecha esquerda de Broussard tremeu. Ele suspirou. Nobreza ofendida. Milo deu-lhe um soco.

Capítulo 48

O soco pegou em cheio no nariz do chefe e jogou-o de costas para trás.

Broussard sentou na terra na frente do túmulo de Janie, o sangue escorrendo de suas narinas, manchando a camisa italiana e a bela gravata dourada, o escarlate tornando-se cor de ferrugem ao cair no tecido listrado de sua lapela.

— A vantagem que eu tenho é que o meu nariz já é largo — disse ele. Sorrindo. Pegou o lenço de seda no bolso do paletó e limpou o sangue. Sem tentar se levantar.

— Você é imaturo, detetive. Este é o seu problema, sempre foi. Reduz tudo a preto-e-branco, como as crianças fazem. Talvez tenha ligação com seu outro problema.

Desenvolvimento atrasado de uma forma geral.

— A maturidade é enormemente supervalorizada — disse Milo. — Gente amadurecida age como você.

— Eu sobrevivo. Meu avô nunca aprendeu a ler. Meu pai fez o terceiro grau, aprendeu trombone clássico na faculdade de música, mas não conseguia arranjar um emprego e por isso passou toda a sua vida como carregador do hotel Embaixador. O seu problema, detetive, pode ser escondido. Você nasceu com oportunidades ilimitadas, e por isso me poupe dos seus sermões sobre moralidade. E nem pense em me agredir de novo. Se levantar a mão contra mim, eu lhe dou um tiro e invento uma história plausível para justificar. Ele bateu no quadril esquerdo, revelando o volume por baixo do tecido. Apenas uns poucos centímetros possibilitados por um alfaiate excepcional.

— Você pode atirar em mim de qualquer modo, afinal. Em algum momento em que eu não esteja esperando.

— Posso, mas não vou — disse Broussard. — A menos que você torne necessário. — Ele comprimiu o nariz com o lenço de seda. O sangue continuava a correr. — Se você se comportar razoavelmente, não vou sequer lhe mandar a conta da lavanderia.

— O que significa...?

— O que significa que você tirou tudo do seu sistema e está preparado para trabalhar em

novas circunstâncias.

— Tais como?

— Esquecemos isso, você é promovido a tenente. É transferido para uma divisão de sua escolha.

— Por que eu ia querer uma função burocrática?

— Nada de burocracia, você será um tenente-detetive. Continuará a resolver casos... desafiadores, claro, mas recebendo um salário de tenente e desfrutando o prestígio de um tenente.

— Não é assim que o departamento funciona.

— Ainda sou o chefe. — Broussard levantou-se e fingiu deixar que um lado do jaquetão se abrisse acidentalmente, oferecendo a visão total de uma 9mm dentro de um coldre da cor de um belo conhaque.

— Você me joga um osso, e eu vou embora — disse Milo.

— Por que não? — perguntou Broussard. — Foi feito tudo que precisava ser feito. Você resolveu o caso, o bandido saiu de cena, nós todos seguimos adiante. Qual é a alternativa? Arruinar a nossa vida, a minha e a sua? Porque quanto mais você me fere, mais dor para si próprio você traz. Não interessa quão certinho você pensa que é, é assim que o mundo funciona. Pense em Nixon e Clinton e em todos os outros paradigmas de virtude como eles. Eles hoje têm bibliotecas suntuosas com seus nomes, e todas as pessoas que os rodeavam levaram um tombo feio.

Broussard aproximou-se mais um pouco. Milo podia sentir o cheiro de sua água de barba, do suor e do sangue, que finalmente começara a secar em torno de sua boca.

— Mantenho registros — disse Milo. — Um rastro de papel escondido em um lugar onde nem mesmo você será capaz de encontrar. Se alguma coisa me acontecer...

— Deixa disso, olha só quem está falando de roteiros cinematográficos — disse Broussard.

— Quer fazer ameaças? Parece nos doutores Silverman, Delaware e Harrison.

Broussard deu uma risada. — Parece até uma convenção médica. Você pode ter perdas além dos seus sonhos mais loucos. E com que finalidade? De que adiantaria?

Ele exibiu um sorriso. Sorriso de vencedor. Uma onda fria e úmida de fracasso varreu Milo. Enfraquecido; o soco que dera no nariz de Broussard tirara mais dele que do agredido.

Vencedores e perdedores, os padrões provavelmente se instalaram nos tempos da creche.

— E Bosc? — perguntou.

— Craig demitiu-se do departamento com uma compensação substancial, a contar de uma semana atrás. Nunca chegará de novo perto de você... isso posso lhe garantir.

— Se chegar, será um homem morto.

— Ele sabe disso. Está se transferindo para outra cidade. Outro estado.

Broussard limpou o sangue, examinou o lenço, encontrou um canto limpo e assegurou-se de que ficava de fora quando o recolocou no bolso do jaquetão. Abotoando a camisa e consertando a gravata, ele chegou ainda mais perto de Milo.

Respirando devagar, em ritmo constante. O filho da mãe tinha um hálito saudável, que cheirava a menta. Não havia mais suor no seu rosto de ébano. O nariz começara a inchar, mas não chamaria a atenção depois de lavado.

— Então — disse ele.

— Tenente — disse Milo.

— Promoção rápida, detetive Sturgis, assim que escolher a divisão para onde irá. Pode tirar férias antes ou mergulhar logo no trabalho. Pense nisso como sendo uma adaptação mutuamente construtiva.

Milo fitou seus olhos negros sem vida. Odiando Broussard e ao mesmo tempo admirando-o. Oh, grande guru da autoilusão, ensine-me a viver como você vive...

Ele disse: — Foda-se a sua promoção. Largo tudo, mas não quero nada de você.

— Quanta nobreza — disse Broussard. — Como se você tivesse escolha.

Ele virou-se e foi embora.

Milo permaneceu ao lado do túmulo, o olhar vagando pela lápide de Janie. Maldito ursinho.

Sabia que não havia nada que pudesse fazer, que se quisesse permanecer no departamento teria que aceitar a oferta, e por que diabos não aceitaria, já que todo mundo que importava tinha morrido e ele estava cansado, muito cansado, e não tinha alternativa? Tomando uma decisão. Sem saber ao certo o que faria com ele, com sua alma.

Uma outra pessoa poderia ter se convencido de que aquilo era coragem. Uma outra pessoa não se sentiria daquele modo.

Capítulo 49

O telefonema de Bert Harrison foi às nove da manhã. Eu estava dormindo e tentei expulsar a fadiga da minha voz, mas Bert viu que tinha me acordado.

— Desculpe, Alex, eu telefono depois.

— Não. Como é que você vai?

— Eu estou bem — disse ele. — Aimée... com o tempo ela aprenderá a lidar com a dor. Já tínhamos começado a trabalhar isso, porque Bill não tinha muito tempo mais, e eu queria ver se a preparava. Mesmo assim, o choque foi traumático. Pelo bem dela, estou ressaltando a rapidez com que tudo aconteceu. O fato de ele não ter sentido dor.

— Posso reforçar suas palavras. Foi instantâneo.

— Você viu... você deve estar...

— Estou bem, Bert.

— Alex, eu devia ter sido sincero com você desde o início. Você merecia coisa melhor de minha parte.

— Você tinha suas obrigações, Bert — desculpei-o. — A confidencialidade do relacionamento com seus pacientes.

— Não, eu...

— Está tudo bem, Bert.

Ele riu. — Olha só nós dois, Alex. Cheios de rapapés um com o outro. Parecemos aquele cartum antigo do Alphonse e Gaston... você está realmente bem?

— Estou.

— Porque você arcou com a parte mais difícil enquanto eu fiquei de lado como...

— Já acabou — interrompi, falando com firmeza.

— Sim, acabou — diversos segundos se passaram. — Preciso lhe dizer o seguinte, Alex: você é um jovem muito bom. De vez em quando eu o chamo de filho porque se eu... oh, que

bobagem, só telefonei para saber de você e para lhe dizer que estamos resistindo. O espírito humano e tudo mais.

— Indomável — falei.

— Qual é a alternativa?

Milo aparecera na véspera e tínhamos conversado até o sol raiar. Eu pensara muito a respeito de alternativas.

— Obrigado por telefonar, Bert. Vamos nos ver. Quando as coisas assentarem.

— Sim, claro. É preciso.

Ele me pareceu velho e cansado, e eu quis ajudar.

— Em breve você voltará para os seus instrumentos.

— Como... ah, sim, definitivamente. A propósito, entrei na Internet hoje cedo e dei com uma guitarra portuguesa no e-Bay que parece interessante, se puder ser restaurada. A guitarra portuguesa tem uma afinação diferente, mas é possível que eu consiga tirar alguns sons dela. Se conseguir um preço justo, eu aviso, você aparece e a gente faz música.

— Parece um plano — falei, feliz por existir um plano. Qualquer um.

Capítulo 50

Os dias que se seguiram reduziram-se a uma mistura indistinta de solidão e oportunidades perdidas. Precisei de muito tempo para reunir energias a fim de ligar para Robin, mas não a encontrei em nenhuma de minhas tentativas.

Ela não ligou de volta, nem uma só vez, e eu me perguntei se não teria descido a um novo patamar ainda mais baixo.

Tentei não pensar em Janie Ingalls ou em qualquer dos outros, mas sabia que era improvável que Allison Gwynn tivesse lido a respeito da morte de Michael Larner no Santa Barbara News-Press, e achei que eu devia contar-lhe. Mas também não consegui tomar esta iniciativa.

Mergulhei na limpeza da casa, jardinagem, corridas, a hipnose da televisão, refeições obrigatórias e sem gosto e o exame do jornal que chegava todas as manhãs. Nenhuma palavra a respeito da noite sangrenta em Ojai, os Larner ou os irmãos Cossack. Os contínuos ataques a John G. Broussard por políticos e intelectuais eram os únicos vínculos com o que tinha sido minha realidade depois de receber o Livro do Assassino.

Em uma terça-feira de temperatura incomumente amena, fui correr de tarde e voltei para encontrar Robin sentada na sala.

Ela usava uma camiseta preta, jeans de couro preto e o par de botas de couro de lagarto que eu lhe dera dois aniversários atrás. Tinha o cabelo comprido solto, estava maquiada, inclusive de batom e parecia uma linda estranha.

Quando me adiantei para beijá-la, mantive fora de sua vista o lado machucado do meu rosto. Ela me ofereceu a boca, mas manteve os lábios fechados. Por um instante descansou a mão na minha nuca. Sentei-me ao seu lado.

— A excursão acabou mais cedo? — Tirei um dia de folga. Peguei um avião em Omaha.

— Como vai indo? Ela não respondeu. Peguei-lhe a mão. Os dedos que roçaram a palma queimada da minha mão eram frios e hesitantes.

— Antes de qualquer coisa — disse ela —, vou falar com você a respeito de Sheridan. Ele trouxe um biscoito para Spike porque o vira antes e porque ele também tem cachorros.

— Robin, eu...

— Por favor, Alex, só escute.

Larguei a mão dela e me recostei na cadeira.

— Sheridan é uma pessoa cheia de força e energia — disse ela —, e seu trabalho o coloca muito próximo de mim, de modo que suponho que sou capaz de entender suas suspeitas. Mas só para seu conhecimento, ele é um cristão renascido, casado e tem quatro filhos com menos de seis anos de idade. Ele leva a família inteira na excursão, o que é motivo de piadas para todo o pessoal. O nome da mulher dele é Bonnie, e ela fazia vocais de fundo antes de ter encontrado, juntamente com Sheridan, a religião.

Ambos são o que se espera de recém-convertidos: excessivamente joviais, entusiasmados, certinhos, sempre citando as escrituras. E chato, mas todo mundo tolera porque Sheridan é uma boa pessoa e é um dos melhores coordenadores de excursões artísticas do país. Quando ele tenta me influenciar, é na forma de indiretas... não tão indiretas assim... a respeito de aceitar Cristo em minha vida, e não de ir para minha cama. Sim, sei que a religiosidade não evita necessariamente

o mau comportamento, mas ele leva a coisa a sério mesmo. Jamais chegou perto de mim com qualquer coisa remotamente sexual. A maior parte do tempo em que está no meu quarto, Bonnie está bem ao seu lado. — Sinto muito.

— Não vim aqui atrás de um pedido de desculpas, Alex. Só queria lhe dizer isso pessoalmente. Para que você não se torture mais.

— Muito obrigado.

— O que aconteceu com a sua mão e o seu rosto? — É uma longa história.

— A mesma de sempre — disse ela.

— Acho que sim.

— Esta é outra razão pela qual eu vim aqui. A nossa situação. Não é simples, é? — Senti falta sua — falei.

— Eu também. E ainda sinto. Mas...

— Sempre há um "mas".

— Não fique com raiva.

— Não é raiva. É tristeza.

— Eu também. Se eu não me importasse com você, não teria vindo. Ainda assim, não vou ficar. Um carro vai me lavar de volta para o aeroporto e ficarei com a excursão até o fim. Que pode inclusive se estender mais. Fala-se em uma extensão europeia.

— Paris?

Ela começou a chorar.

Eu gostaria de ter chorado também, mas meus olhos estavam secos.

Ficamos de mãos dadas o resto do tempo, sem sair do sofá a não ser quando fui apanhar uma caixa de lenços de papel para ela secar os olhos.

Quando o táxi chegou, cerca de uma hora depois, ela disse: — Não é o fim. Vamos ver o que acontece.

— Certo.

Caminhei com ela até a porta, parei no terraço e acenei.

Três dias depois liguei para o consultório de Allison Gwynn e contei-lhe o que acontecera a Larner.

— Nossa, vou precisar de algum tempo para absorver isso... Fico satisfeita por você ter me contado. Foi gentil de sua parte. — Achei que tinha a obrigação.

— Você está bem? — Estou ótimo.

— Se algum dia precisar de alguém para conversar...

— Vou me lembrar.

— Faça isso — disse ela. — Estou falando sério.

FIM

Este livro foi composto na tipologia Goudy,
em corpo 11/14, e impresso em papel
off-white SOg/m2,
no Sistema Cameron da
Divisão Gráfica da Distribuidora Record.